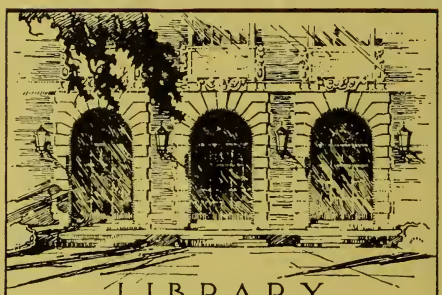

LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF ILLINOIS

056.9
REVBR
v.6

REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

SEGUNDO ANNO

TOMO SEXTO

RIO DE JANEIRO
Sociedade — Revista Brazileira
31, TRAVESSA DO OUVIDOR, 31

1896

056.9
REVBR
v. 6

GIOVANNINA

QUADRO PRIMEIRO

Humilde aposento de habitação campestre na Italia alpina. Denotam os objectos apertada pobreza; mas fluctuam no aspecto das coisas revelações instinctivas de arte. Em um nicho, meiga e risonhamente ornamentado, sobresai mimosa Madona, a cujos pés véla a estrellinha de uma lamparina. Instrumentos aratorios quedam abandonados nos cantos. Junto ao fogão mal acceso, eil-a reunida, sentada em toscas cadeiras, a familia de Benedetto. Este, torvo o semblante, tira longas e lentas baforadas de escuro cachimbo. Sua esposa, Isabella, auxiliada de Giovannina, remenda, a despeito da tibia luz, velhas roupas, quasi imprestaveis. Dormita encolhido o pequeno Luigi, o corpo sobre o sólo de terra batida, a cabeça apoiada nos joelhos da mãi. O filho mais velho, Gualtiero, immovel, as mãos nas algibeiras, enlaça ás brazas indecisas da lareira a chamma turbida de seu olhar. Fóra, adensa-se o crepusculo. O vento, a revezes subitos, insurge-se em desesperos, seguidos de comatosa inercia. Jaz tudo exanime; emquanto o firmamento, phleugmaticamente hostil, vai crivando a terra da metralha livida, silenciosa e implacavel da neve. Almas e natureza embebe-as, até ao mais intimo, o frio, a tréva, a melancolia, o desconforto...

Benedetto

Horrivel tempo, horrivel terra, horrivel vida!

Isabella

Cada vez mais cruel se torna o inverno! Quanta miseria, quanta desgraça por ahi além!

Benedetto

Por ahi além, dizes mal. Aqui mesmo já soou a hora da irremediavel penuria.

Luigi (*extremunhando ao som das vozes*)

Tenho fome... sinto frio... tenho fome... sinto frio...

Isabella

Dorme... dorme, meu filho.

Benedetto

E nem só o inverno nos faz padecer. Rudes tambem as provanças do verão! Certas criaturas o destino mau flagella-as sempre, como um carrasco permanente a um condemnado perpetuo.

Isabella

Causa-me arrepios a lembrança das mulheres que trabalham nos arrozaes, mettidas dias inteiros na agua aquecida e putrefacta pelo sol de fogo. Abaixam-se de momento a momento para arrancar as sanguesugas que lhes mordem e esburacam as pernas e os pés...

Benedetto

E as febres malignas que se respiram no ar semeiado de morte... E a pellagra incuravel, ateiada nas carnes, similhante a uma flamma invisivel e surda, pela alta temperatura, e proveniente do uso das castanhas e da *polenta*, unica alimentação... Ditosos, todavia, os que ainda possuem castanhas e *polenta*!...

Isabella

Prefiro, entretanto, o calor que mata em excessos de vida ao frio que afugenta a seiva da natureza para mysteriosos esconderijos. O inverno amortalha os campos, encurta os dias, produz as innundações... As innundações, as insidiosas e terriveis innundações, arremedos immerecidos do diluvio... Timidos e amigos regatos transformam-se de chofre em furiosas torrentes; saltam allucinados de seus leitos; devastam num minuto o fruto do trabalho de longos annos,—canaes, diques, estradas, plantações; snbmergem aldeias inteiras; invadem o misero lar dos camponezes; expellem do derradeiro refugio, quando desde logo não os afogam, velhos, mulheres, crianças tiritantes; inutilisam ou destróem tudo quanto os desgraçados ajuntaram; não poupam as mais sagradas reliquias; deixam, por fim, como vestigio da sua passagem, um estendal de lama donde brotam os miasmas do typho. Tens razão, Benedetto, horrivel terra, horrivel vida!

Giovannina

Oh! nossa terra é bella! A gente agradece a Deus a existencia como um beneficio e um gozo, quando, em manhan clara, contempla da torre de uma cathedral antiga a infinita planura, fecundada por incessante labor, e pontilhada de cidades e cidades, cheias de tantas e tão gloriosas recordações. Dize tu, Gualtiero, tu que és sabio, tu que lês tudo, dize quão formosa é a nossa patria...

Gualtiero

A Italia é formosa, em verdade. Outorgou-lhe a sorte, na frase do poeta, o dom infeliz da belleza. Cada uma das suas cidades representou outr'ora um estado soberbo; cada uma representa ainda agora um escrinio de maravilhas.

Para possuil-as, tremendas batalhas feriram os povos, através as idades. As nossas planicies têm bebido o sangue misturado das mais desencontradas raças. Durante seculos, fixou-se aqui o centro do mundo, onde imperadores e reis recebiam a indispensavel investidura de seu poderio. Subsiste em Roma o mais absoluto soberano do globo, o que reina sobre maior numero de consciencias,—encarnação da divindade, proclamado infallivel. Na arte, na sciencia, na politica, na religião, na guerra, gerou a Italia phalanges de genios, de heróes, de santos. Falassem as coisas e cada recanto da paizagem pittoresca, cada grão de poeira do sólo legendario poderia evocar um monumento, celebrar um grande nome, rememorar um nobre feito. De que servem, porém, tamanhas tradições?! Presentemente, a Italia, como aliás a Europa inteira, debate-se no infortunio e na iniquidade. Mas a nossa desgraça avulta exactamente por estarmos rodeados de primores e luminosas recordações. Somos todos uns infelizes, ou antes uns espoliados, umas victimas. Enormes entre nós, só comparaveis ás da India, as agglomerações de proletarios. O privilegio e o monopolio extorquiram o espaço habitavel á gente necessitada e aos proprios animaes. Ah! si conscientes de seu direito e de sua força, as multidões despojadas quizessem reagir...

Giovannina

Ouvi contar que, em certas regiões, ante a procura implacavel da população faminta, desappareceram os passaros. Que maior miseria do que um bosque ermo de ninhos, orphão de andorinhas e rouxinóes!...

Benedetto

Todos os campos productivos pertencem a ricos proprietarios que vivem ociosos nas metropoles, emquanto para lhes sustentar as festas, os cultivadores se exaurem em infernal afan! Sempre em territorio alheio: labutando annos e annos, do alvorecer ao sol posto, da infancia á decrepidez, jámais alcançam os miseros um palmo de terra de que digam: é meu! Tristes servos perpetuos, só por escarneo se ousa affirmar que somos livres. Quão mesquinhos e incertos os salarios! Sommai o que pai, mãi, filhos diligentes e economicos consigam accumular durante as estações propicias. Mal chegará para o sordido pão, feito de massas avariadas. Nada restará para roupa, mobilia, remedios. E não falemos no fisco inflexivel, nem nas penhoras, nem nas prisões, nem no serviço militar obrigatorio!.. Bemaventuradas as crianças que por ahi expiram á mingua, centenas e centenas... Horrivel terra, horrivel vida!

Gualtiero

Com um pouco de afouteza, taes males se esvairiam. Remedio, conheço-o eu...

Benedetto

Alludes ás tuas idéas de renovação social. O meu bom senso, a minha religião, os meus precedentes repellem taes idéas. Não passam de perigoso engodo, de que resultará aggravação da nossa desventura. O remedio é diverso, e, depois de muitas cogitações, decidi-me a experimental-o.

Gualtiero

Qual é?

Benedetto

Emigrar; deixar a patria ingrata, em busca de outra mais benigna; imitar o exemplo de milhares de patricios nossos, toda uma aldeia ás vezes, que mudam de sorte e vão plantar além do oceano os seus lares. A Suissa, Londres, a Algeria, a Turquia, o Egypto offerecem taboas de salvação a multidões de naufragos da miseria. Lá, elles renascem á vida, levantando, por meio de auxilios que remettem, as forças e a esperança dos que não se atreveram a partir tambem.

Gualtiero

Illusão! Nos paizes apontados grassa igualmente a iniquidade publica. A enfermidade é geral e profunda. Nada importa ao enfermo trocar de leito, se persistem as dores.

Benedetto

Escuta. Ha, segundo informações seguras, na banda opposta do oceano, na America, um paiz tão extenso como a Europa e onde tudo parece regido por leis differentes das d'aqui. Chama-se Brazil. Divide-se em provincias mais vastas do que a Austria, abrigando menos moradores que Napoles ou Milão. Emquanto trememos friorentos, explende lá o estio. Regressa para nós o verão; pensais que o inverno assoberba então esse paiz?! Engano. Lá não se conhecem rigores de inverno. Reina perpetua a primavera. O clima trata sempre os habitantes com caricias de amigo. Faz o mesmo a terra abençoada; milho, cereaes, frutas de qualquer especie, batatas, tudo se desenvolve ali prodigiosamente. Póde-se comer pão alvo duas vezes ao dia. A lenha nada custa. Tão abundante, que para tel-a á vontade, basta apenas o trabalho de apanhal-a...

Isabella

E' então o paraizo?!

Luigi (*despertando de novo*)

Tenho fome... sinto frio...

Isabella

Dorme, meu filho.

Benedetto

Queres partir, Luigi, para uma terra onde não haja fome, onde nunca se sinta frio?!

Luigi

Partamos depressa, partamos...

Benedetto

Eis pela bocca da innocencia a voz da razão. Naquella zona, valles immensos, suaves montanhas, de facil accesso, povoadas de matas virgens, aguardam a mão do cultivador. Rios magnificos rolam magestosos e serenos, sem jámais se enfurecerem, através planicies de inaudita fartura. O trabalho solicita o homem, em vez de andar o homem á cata do trabalho. Minas de ouro, jazidas de diamantes opulentam o sólo. Novas industrias em cada canto se organizam. O fisco é benigno. A lingua falada parece irman da italiana. Religião, modo de trajar, costumes, similhantes aos nossos. O arroz é silvestre em alguns lugares. O milho produz na razão de 200 por 1. Não ha outro esforço sinão o de plantar e colher toda a sorte de legumes. Quem não esbanjar o que adquirir, contará infalliveis com a abundancia a influencia, a riqueza. Em pouco tempo, tornar-se-á dono de leguas e leguas de terrenos fecundos.

Isabella

E' maravilhoso!

Benedetto

Maravilhoso, sim. Acrescentai: gente de extraordinaria bondade, ordem inalteravel, paz absoluta. Existem sociedades encarregadas de proteger especialmente os emigrantes.

Isabella

Mas como realizar a viagem, se nos fallecem recursos e grandes dividas nos acabrunham?

Benedetto

De tudo me inteirei. O emigrante encontra em qualquer porto passagem gratuita. Chegando a seu destino, nenhuma obrigação o constrange. E' livre de escolher a seu talante meio de vida. Artistas, como tu, Gualtiero, acham mil fórmas de applicar a actividade. O governo vende a credito ao recem-chegado, a preços infimos, lotes demarcados de excellentes terras. Aloja-o, fornece-lhe alimentação, até que elle se empregue. Proporciona-lhe transito nas estradas de ferro. Não raro lhe concede auxilio pecuniario. As leis conferem favores especiaes a quem leve familia, como eu. Lá, Isabella, realizaremos o sonho antigo de habitarmos em casa nossa, no meio de um campo nosso, onde pastem rebanhos nossos. Partamos...

Isabella

Seria a felicidade. Mas acho o quadro bello de mais.

Benedetto

Partamos... Quando menos contemplaremos espectaculos novos e lindos. Nossa situação melhorará, porque não lhe é possivel peiorar. De lá nos chamam de braços abertos, aqui nos expellem e maltratam. Que futuro terás aqui Giovannina, boa e pobre como és; e tu Gualtiero, cuja intelligencia radiante de sonhos, mandei educar, á custa de tamanhos sacrificios; e tu, Luigi, que tão pequeno, já padeces fome e frio, qual se houveras praticado algum crime?! Levareis todos a mesma vida de desgraças que eu tenho arrastado, marcando monotonos passos num carcere sem ar e sem luz. Partamos. Que de radiantes promessas no horizonte!

Isabella

Si é tua vontade, partamos... Como sabes, sempre me resigno.

Benedetto

Que dizes, Giovannina, tu que és a moderação, a calma, a lucidez?

Giovannina

Partamos. Uma voz secreta me aconselha a partir.

Gualtiero

Mas celebravas, ha pouco, a bel'eza da Italia, Giovannina.

Giovannina

Amas tua mãi e amarás tua esposa. Não deixarei de amar a terra do meu berço, embora outra me attraia.

Benedetto

Partamos. Reduzamos a dinheiro o que nos não fôr indispensavel. Liquidemos a vida antiga e encetemos nova. Mas porque tão sombrio aspecto, Gualtiero? Que pensas tu?

Gualtiero

Parti vós, si o desejais. Eu ficarei.

Benedetto

Porque não nos acompanharás? Olha que breve te empolgará o serviço militar, que tanto repugna aos teus principios. Lá poderás alargar os estudos em que consomes as noites e ver talvez effectuados os projectos de reforma que te escaldam o cerebro.

Gualtiero

Não, meu dever é ficar.

Isabella

Pois deixarás partir toda a tua familia e permanecerás numa região, cujas vexações te causam indignação e revolta constantes?!

Gualtiero

Parti, vós outros; a mim cumpre-me ficar. Não vos desaconselho, nem condemno. Só pedras brutas quedam fixas no sólo. Os irracionaes emprehendem excursões remotas; as aves emigram. Ao homem impellem-n'o por incognitas veredas influxos poderosos e diversos: curiosidade, espirito de aventura, sede de ouro, ambição fallaz de conhecer e dominar amplas estensões do planeta. Em todas as phases da historia, a corrente humana se desloca de um ponto para outro, a procura de um bem nunca attingido. Modernamente, os males se avolumaram, as facilidades de communicação se multiplicaram; o movimento migratorio se accelerou e cresceu. Demais, o preconceito de patria vai se evaporando. Não existe patria, não ha fronteiras entre os povos sinão as instituidas pelos exploradores para mais a seu geito violentarem a plebe ignara.

Benedetto

Partamos, então.

Gualtiero

Não. Parti, si o quereis. Eu devo ficar.

Benedetto

Não te comprehendo. Ficar porque?

Gualtiero

Porque si entre nós o povo suffoca sob os gravames, si não dispõe de garantias de vida, si escasseia trabalho para lhe prover as necessidades, si a miseria o tortura, si o Estado lhe suga as forças, provém tudo da tyrannica organização actual. Contra essa organização repugnante urge protestar e reagir. Tenho lido os prospectos capciosos em que as nações do novo mundo, precisadas de braços, aguilhoam a cubiça das classes inferiores da Europa, agitando miragens seductoras diante de olhos molestados pela natureza e pelos governos, aliciando os desherdados com esperanças de vantagens que elles nunca ousariam sonhar. Perfidas armadilhas! Illusão! Mentira! Os males hão de resurgir em taes nações, como epidemias de que para ellas se transportassem os microbios. Basta lembrar que o principal chamariz consiste nas facilidades da acquisição da propriedade, da vil propriedade, fonte das desigualdades, roubo organizado, germen universal dos vicios. O captiveiro, a iniquidade hão de recomeçar lá, sob outras formas, porventura mais duras. Não! Meu dever é ficar.

Benedetto

Ficar porque, para que?

Gualtiero

Partir importará covardia para quem póde lutar, como eu. Aqui é o sitio por emquanto mais arriscado. Parti vós, os carecedores de estimulos

para o santo combate. Quanto a mim, imitar-vos significaria ignobil deserção. Permanecerei contente no meu posto de honra e de glorioso sacrificio talvez.

Isabella

Luta... combate... sacrificio... que terriveis palavras, meu filho!

Gualtiero

A sociedade está infamemente organizada. Cumpre reconstruil-a a ferro e fogo. Trata-se de uma operação cirurgica. E' preciso levar pelo terror, anniquillar sem dó, os dominadores, directores, tutores, pseudo-bemfeitores, todos os privilegiados, associações ou individuos, officiaes ou officiosos que impedem a milhões de seres humanos de respirar em liberdade... Morte... morte...

Isabella

Detestaveis idéas! Ouviste-as, sem duvida, de algum doido miseravel.

Gualtiero

São o evangelho de um fidalgo e de um santo: Bakounine. Prega-as um principe e um sabio: Kropotkine.

Isabella

E foi para que as adquirisses que te fizemos educar na cidade, com tamanho custo, procurando dar-te instrucção superior á nossa?!

Gualtiero

Maldita sciencia, maldita instrucção toda aquella que não ministrar meios de destruir. Antes a rude e salutar ignorancia.

Isabella

De tão bom e tão meigo que eras, tornaste-te um descontente, um exaltado...

Gualtiero

Iniciei-me na verdade. Sou partidario da anarchia, da sublime anarchia.

Benedetto

Que vem a ser a anarchia?

Gualtiero

E' um estado em que não haverá nem governo, nem dominio, nem posse, nem fortes nem fracos, nem pobres, nem anormalidades, nem espoliações. E' o nivelamento absoluto. O torpe capital será eliminado. Supprimir-se-ão todas as leis, todos os preconceitos, todas as normas religiosas, economicas, administrativas, politicas, todos os velhos apparelhos de compressão. O contracto social não passa actualmente de uma fraude

ignominiosa, malha ferrenha de clausulas absurdas e despoticas, em proveito de um grupo e detrimento da maioria. A anarchia rasgal-o-á; não deixará pedra sobre pedra na Bastilha de usurpações erigida, ha seculos, com sangue e lagrimas de gerações e gerações de victimas. A terra voltará a ser raza e virgem.

Benedetto

Como alcançal-o?!

Gualtiero

Por todos os meios de represalia, pela reacção assidua, pelo protesto permanente, pela propaganda por meio do facto, que enrija os musculos da destruição e intimida os nervos da resistencia. Hão de baqueiar, sem excepção, os despotismos: o da riqueza, o dos exercitos, o da autoridade, o de Deus.

Isabella

Deus! És inimigo de Deus! Oh! Gualtiero! Blasphemas, meu filho!

Gualtiero

Deus é o mal, como a propriedade é o roubo. Deus, si existe, é o maior dos tyrannos, que persegue e deixa perseguir, parecendo aprazer-se com o padecimento dos perseguidos. Nobre e legitima a revolta contra esse autocrata supremo, omnipotente e mysterioso! Tanto mais nobre quanto elle é o maior.

Isabella

Basta... basta... Tremo toda. Divina Madona, perdoai-lhe!

Gualtiero

Vergais ao jugo de uma moral estreita e estupida. Guerra implacavel contra ella. Eis o unico criterio: tudo quanto favorece a revolução, é moral;—immoral tudo quanto a embarga. Não se conheça outro fim, outra sciencia, outro ideal, outro interesse, outra actividade sinão a revolução demolidora. O punhal, o veneno, o incendio, a dynamite constituem preciosos utensilios. A revolução justifica e sanctifica os mais vehementes excessos.

Benedetto

Preconisas o assassinato, toda a casta de crimes... Não falas sério, de certo. Invejarás a sina do salteador?!

Gualtiero

Bakounine o ensina: o crime é um meio de restauração social. No salteador ha um vingador popular, inimigo irreconciliavel da propriedade, genuino revolucionario activo; um consagrado, portanto, á grande obra.

Benedetto

Não falas sério, repito. E' mais do que indigno e cobarde o que apregoas.

Gualtiero

Indigno, cobarde, porque?! Desprezamos e odiamos a sociedade. Declaramos-lhe guerra sem tregoas, duello de morte a cada instante. Na guerra todos os ardis, todas as surpresas, todos os golpes são licitos. Não legitimais a gloria militar, as batalhas contra estrangeiros e mesmo as travadas em dissenções civis, não divinizais os homens que, á frente de exercitos, invadem e destroçam paizes inimigos, sob futeis pretextos, questiunculas politicas insignificantes?! O nosso inimigo é a sociedade. Usamos do mesmo direito de que usaram os heróes da historia, com a differença de que a nossa causa é mais justa, mais profundas as nossas razões de combater, e somos um punhado de guerreiros, isolados, a peito nú, atacando fortificações formidaveis, — os immensos recursos de defesa e aggressão accumulados pela prepotencia de infinitas idades. Não obstante, havemos de vencer... havemos de vencer... Primeiro na Europa; depois no mundo.

Benedetto

Sereis vencidos. Colligar-se-ão contra vós governos, interesses, instinctos de conservação...

Gualtiero

Venceremos, porque somos a abnegação, a ousadia, a fé. Constituiremos igualmente allianças internacionaes, empregaremos meios secretos. A sciencia nos auxilia. Observai os recentes inventos e descobertas: predominam os elementos de destruição. Sim! A destruição universal, a pandestruição, o amorphismo completo. Cortemos cerce a estructura presente. Si poupassemos uma só instituição, germinaria della, como de semente maldita, a floresta inteira das iniquidades vigentes.

Isabella

Fazes-me medo. As tuas idéas corroboram a nossa resolução de partir.

Gualtiero

Parti; ninguem vos obriga a tomar parte na acção.

Benedetto

E, depois de tudo derrubar, que praticareis vós, que collocareis no espaço coberto de ruinas?!

Gualtiero

O futuro?! Insensato quem perde tempo a cogitar do futuro incerto. Raciocinios sobre o porvir são criminosos, porque amollentam e retardam a destruição pura e simples. Ao verdadeiro revolucionario não o detêm reflexões, conjecturas, negocios, sentimentos, familia.

Isabella

Nem a familia ?

Gualtiero

Nem a familia. A revolução absorve exclusivamente o revolucionario. E' um sacerdocio intransigente. Nada de laços de parentesco, de amizade, de amor, germens de fraqueza e hesitação. Devemos andar sempre preparados para arrostar o martyrio, para matar e morrer.

Giovannina

Não amas então a tua mãi e a tua irman ?!

Gualtiero

Mais vos amaria si commungasseis commigo! Quando iniciadas, as mulheres cooperam preciosamente na sagrada tarefa, pois se dissimulam melhor, desvendam segredos, aprestam, como ninguem, o geral arrazamento. Já que não quereis ou não podeis trabalhar a meu lado, parti depressa. Aqui me estorvareis.

Benedetto

Partamos, sim. Isto acabará mal... acabará mal.

Luigi

Tenho fome... tenho frio... Partamos... partamos.

Giovannina

No fundo do que sustentas, Gualtiero, ha talvez coisas justas e verdadeiras. Segundo asseveram, o temporal que no mar causa os naufragios e em terra afoga o dia em turbilhões de poeira, purifica o ambiente e excita o desenvolvimento das plantas. Após elle, as flores ostentam mais viço e perfume. Mas eu sou como a avezinha imbelle que abre as azas e foge, mal presente a colera dos ventos. Quem me dera ter essas azas tão largas e fortes que te abrigassem e carregassem para bem longe do temporal!

Gualtiero

Boa e doce irman! Segue o teu destino ; deixa que eu siga o meu. Os antigos consideravam o destino a divindade superna, cega e insuperavel. Homens e deuses não podiam esquivar-se á sua lei.

Isabella

Mas, si partirmos sem ti, Gualtiero, não te esquecerás de nós. Escreverás de vez em quando. Não é assim meu filho ?

Gualtiero

Oh! tereis noticias minhas... tereis noticias minhas.

AFFONSO CELSO

(*Continúa*)

INDUSTRIAS EXTRACTIVAS[1]

III. INDUSTRIA EXTRACTIVA EM PARTICULAR

Como disse, esta é o tronco de que se originam as outras industrias. Ella se occupa de extrair dos diversos seres da natureza, independentemente do emprego de processos chimicos, ou de outros, os productos ou materias primas, para uso e gozo do homem, e uteis aos seres de que este se serve (gado e animaes domesticos, etc).

Os elementos que elle explora contam-se por milhares, cada qual mais util; havendo ainda por explorar talvez o décuplo, pelo menos entre nós, onde mal se esboçou este ramo de conhecimentos, apesar da grandissima riqueza que possuimos! Por toda parte onde o naturalista, inclusive o chimico e o physico, ou mesmo o curioso intelligente e de algum preparo technico, é levado, seja com a idéa de explorar, seja pela casualidade, encontra novos materiaes para opulentar a industria extractiva, e com esta as demais. Ella se divide em *mineral*, *vegetal* e *animal*, conforme sua origem.

A industria extractiva mineral explora as rochas (granito, gneiss, calcareo e marmores grosseiros, etc.,) usados para construcções civis e para monumentos, etc., os marmores finos chamados de estatuaria, entre os quaes os de Páros e Carrara, que serviram para os geniaes trabalhos dos Praxiteles, Phidias, Miguel Angelo e outros, os alabastros, jaspes, etc., para os ricos objectos de arte; os metaes usuaes (ferro, cobre, chumbo, zinco, estanho, nickel e outros), todos bastante conhecidos; o latão, o bronze, tanto de estatuaria, como de sinos e outros, a folha de Flandres,

[1] Veja a *Revista* de 15 de março.

o metal de typos de typographia, etc., resultantes de ligas de uns com outros metaes, e bem assim do aluminio, que entra em abundancia na composição das argillas ou barros, e veiu nestes ultimos tempos fazer uma verdadeira revolução na metallurgia, dando com o cobre uma liga, que imita perfeitamente o ouro, sobre o qual tem a tripla vantagem — de ser muito mais barato, mais leve, e de ter o mesmo brilho, côr, e aspecto; pelo que delle fazem lunetas, capas artisticas de albuns e livros de luxo, cadeias e capas de relogio e joias baratas, á que os francezes denominam —*petite-bijouterie*. Pela dureza e resistencia que apresentam algumas de suas outras ligas baratas, foram lembradas para costado de navios e para outros usos, em substituição do ferro e mesmo do aço.

Quem não conhece os innumeros usos do ferro, do cobre e do nickel extraidos das respectivas jazidas? Ocioso é tambem lembrar os usos dos metaes preciosos, de que se fazem baixellas, joias e moedas. O mesmo digo do emprego das pedras preciosas, na joalheria, das aguas mineraes, frias, ou thermaes, com que curamos centenares de nossas molestias, e que engarrafamos para exportação, e de muitas das quaes extraimos principios uteis. São tambem exploradas industrialmente as lavas dos volcões, das quaes fazem-se camaphêos e varios outros objectos de arte, etc.

Como já vímos, das areias finas das praias faz-se o cristal e os espelhos finos, bem como o vidro ordinario de vidraças e outros objectos uteis. Do kaolin ou barro fino e branco (que possuimos em abundancia em S. Christovão e na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, como no Paraná e noutros estados do Brazil) faz-se a porcellana. Da propria argilla plastica ou barro de olaria, de apparencia desprezivel, fazem-se, além do tijolo e da telha para nossas habitações, preciosos objectos de arte, como alguns que estiveram expostos pelos Srs. Cresta, Esberard e outros na respectiva secção da exposição industrial que acabamos de ter nesta capital, sem falar nos dos grandes mestres. Possuimos tambem no estado do Rio e noutros a argilla para cimento. Com a areia de moldar conseguimos objectos excellentes de ferro fundido, de cobre, de bronze, etc.

O sal-gemma, que é o sal commum dos antigos mares que pela evaporação lenta, apresenta-se em grandes e bellos crystaes, é tambem extraido para varios usos.

Emfim, a cal, o gesso, a tabatinga e tantos outros mineraes tem usos diversos na Industria, e são muito conhecidos, para que seja preciso sobre elles dizer alguma coisa.

O enxofre das sulphureiras ou solfataras proximas dos volcões, é outro precioso producto da industria extractiva mineral, bem como o borax.

Os combustiveis mineraes, sobretudo os carburetos de hydrogeneo liquidos e gazosos, e o carvão de pedra tambem pertencem á industria dos mineraes; entretanto, em rigor, o carvão é de origem vegetal, pois provém das florestas fossilificadas dos terrenos carboniferos; porém, como os fósseis são estudados na paleontologia, ramo da geologia, citei aqui. E' dispensavel repetir que o carvão de pedra é importantissimo agente do progresso de grande numero de industrias, como gerador ou productor de calor e de força, além de fornecer á industria chimica innumeros productos uteis, como sejam as preciosas côres da anilina tão usadas na tinturaria e na histochimica, a parafina ou espermacete-mineral, de que fabricam tão lindas velas, e serve para usos de laboratorio, para dar brilho á roupa engommada, além de outros usos, o alcatrão e seus numerosos derivados e compostos (acido phenico, phenóes, o creosoto) e tantos outros de que a medicina se serve para destruir certos agentes morbigenos (bacterios e outros micro-organismos) e suas respectivas toxinas.

No Brazil possuimos varias riquissimas minas de carvão de pedra, das quaes em exploração ou em começo de exploração as do Ipanema, em S. Paulo, da Candióta, no Rio Grande do Sul, e do Tubarão, em Santa Catharina, etc. No sul da Bahia existe em abundancia este producto, bem como o petroleo no Ceará e noutros estados.

A' industria extractiva vegetal pertencem os frutos, sementes, folhas e outras partes, seja comestiveis (pela fécula, assucar, oleos e outras substancias que contém), seja medicinaes (pelos alcaloides, glycosides e outros principios activos encerrados nas diversas partes do vegetal), seja, emfim, as industrias no sentido rigoroso da expressão (*fibras, borracha, gutta-percha, materias corantes, etc.*) D'ahi a necessidade da divisão industrial dos vegetaes em diversas classes, como fazemos adiante.

E' verdade que nem sempre um vegetal contém um só e principal elemento : por exemplo, o coqueiro (*Côcos nucifera*) impropriamente

chamado da Bahia, pois é da India, e outras palmeiras, têm multiplos usos ; assim, além do *palmito* excellente, produz o fruto, que contém saborosa *agua*, oleo delicado na amendoa : a parte pétrea do endocarpo serve para fazerem-se objectos de coquilho, cuias, etc. ; as fibras do pericarpo servem para escovas, capachos, cabos para navios, etc ; além disto fornece tannino. Das folhas, que contém cêra em sua lamina inferior, fazem-se chapéus e esteiras, e cobrem-se as choupanas e galpões ; das grossas nervuras fazem-se palitos e pequenos *ponteiros* para almofadas de rendas, usadas pela gente pobre ; das fibras que partem da base dos peciolos e formam a chamada *camisa*, extrae-se a piassava, que tantos usos tem para vassouras, etc. ; da seiva obtida por incisões do *regime* ou pedunculo (do cacho) faz-se uma bebida fermentada (o arrack dos indianos) ; os grossos peciolos das folhas servem para lenha. O coqueiro, portanto, é um vegetal alimentar, industrial, medicinal e economico.

Salvas estas e outras excepções, póde em geral ser aceita a indicada divisão, do modo seguinte:

1.º Os vegetaes *alimentares* e *forrageiros* (industria alimentar), comprehendendo parte dos chamados *economicos*, usados para condimento ;

2.º Os que fornecem *medicamentos* (industria pharmaceutica ou medicinal) ;

3.º Os que fornecem *principios chimicos* para diversos misteres (industria chimica) ;

4.º Os que dão *cellulóse* (industria do papel, ou da cellulóse) ;

5.º Os que dão *fibra textil* (industria textil ou de tecidos, e de cordoaria) ;

6.º Os que dão *borracha* ou *gutta-percha* e outras gommas, ou *gommoresinas* (industria da borracha, da gutta-percha, etc.);

7.º Os que dão *madeiras* para diversos usos (industria das madeiras);

8.º Os que dão *oleos fixos* e *oleos essenciaes* (industrias dos oleos, e perfumarias) ;

9.º Os que dão *materias corantes*, sem processos chimicos especiaes (industria da tinturaria) ;

10.º Os que dão *tannino* (industria de pelles ou de cortume).

Apreciarei apenas as mais importantes, e de preferencia as que não são exploradas no Brazil.

A industria extractiva vegetal alimentar — é das mais uteis e lucrativas; ella tem merecido, nestes ultimos tempos principalmente, grande attenção dos hygienistas.

Com effeito, a alimentação do homem exclusiva, ou quasi exclusiva, de vegetaes, á que em bromatologia se tem denominado *vegetarismo*, é assumpto de grande actualidade, porque passa com razão, por impedir a transmissão de certas molestias dos animaes, de cuja carne elle se nutre, bem como o apparecimento de varias enfermidades graves, como a albuminuria, a arterio-scleróse, o rheumatismo, e alimentos attribuiveis ao excesso de alimentos animaes. Essa industria extractiva consiste na colheita de vegetaes (hortaliças, legumes, renovos, tuberculos, raizes tuberosas, frutos e sementes, etc.), e constitue o que alguns denominam — *pequena agricultura*, e cujo rendimento é animador, e entre nós é enorme, por causa da excessiva ganancia do productor ou melhor do vendedor e das condições anormaes e anomalas em que nos achamos.

Por meio de plantas que tenham certa composição chimica pode-se facilmente substituir os elementos animaes, porque ha productos vegetaes tão ricos em azoto como a carne. O feijão e outros legumes são deste numero; segundo Payen, Boussingault, Stephanelli (de Florença) e outros, aquelles contém de legumina 21,86 °/₀; o feijão branco 26,90 °/₀; a fava cultivada 24,40 °/₀; a ervilha cerca de 24 °/₀, e o guando ou andú (*Cajanus flavus*) 15,25 °/₀: o trigo branco contém de gluten, cerealina e albumina de 21 a 23 °/₀; o milho apenas 12 °/₀ e o arroz 7,5 °/₀. A bertalha (*Basella cordifolia* Lam.) passa como tendo as mesmas proporções de materia azotada que a carne de carneiro, e bem assim muitas outras plantas. Aos vegetaristas permitte-se usar tambem de ovos e leite fervido ou esterilizado, temperados ou não, para variarem um pouco. Limito-me áquelles exemplos, que são sufficientes para justificar o vegetarismo.

Além disso, os frutos frescos e os passados são grandissima fonte de riqueza em França, Hespanha, Italia, Portugal, Estados-Unidos e outros muitos paizes; este ramo de industria extractiva alimentar é já explorado, comparativamente em pequena escala, no Brazil.

Outra industria extractiva vegetal interessante é a dos cogumelos comestiveis. E' coisa nova aqui; embora velha seja nos paizes menos

ricos, mais populosos e praticos, e sobretudo mais adiantados na sciencia, como a França, Allemanha, Italia e Russia, etc.

Si o ponto sobre que disserto fosse de biologia geral, eu trataria do papel notabilissimo que certos vegetaes desta classe exercem até na harmonia da creação. Assim, elles nutrem-se das materias organicas, de preferencia as alteradas, decompondo-as em gaz carbonico e agua, e impedindo o desprendimento de toxinas volateis e de outros principios nocivos : os penicilios, ascophoros e tantos outros chamados vulgarmente *bolôr*, que cobrem as materias organicas em começo de putrefacção, pertencem a esse numero. O mesmo diria das mucedineas e mucorineas, que, com muita propriedade podem ser chamadas *os pequenos corvos vegetaes* — pelo serviço que prestam, comparavel ao daquellas aves de carniça. Como, porém, o meu fim, repito, é o estudo geral exclusivamente industrial, direi que possuimos neste particular, como em grande numero de outros, riquezas immensas por explorar.

As analyses rigorosas feitas na França, Allemanha, e na Russia principalmente, demonstram que os cogumelos comestiveis contêm principios azotados, que os tornam alimentos de grande utilidade para o homem. Para o conselheiro Andreieff,na Russia, seu paiz, os cogumélos substituem a carne para alimentação dos pobres, e são um acepipe dos ricos. Em França, e só no mercado de Pariz, já em 1856 vendia-se diariamente 6000 francos (ao cambio actual, 6 contos de réis, mais ou menos !) de cogumelos, sem falar em 2000 kilos, que eram tambem vendidos diariamente em Mery-sur-Oise, e além dos conservados em salmoura, dos salgados e dos seccos. O professor Nicoláo Socoloff, de São Petersburgo, á quem tanto devem a sciencia e a industria, em relação a este assumpto, assim se exprime a respeito : «Entre os productos vegetaes que servem de alimento ao homem, os cogumelos comestiveis occupam um lugar importante, no que se refere ás condições exigidas em geral para toda substancia nutritiva, como no tocante ás proporções em que entram na alimentação dos povos nas differentes regiões... «Na Russia, prosegue elle, os cogumelos são elementos principaes e constantes da nutrição commummente designada sob o nome de magra.»

Naquelle paiz, como noutros, onde a fungicultura é uma grande industria alimentar, prepara-se para o commercio os cogumelos de tres modos : seccos, de escabéche e salgados, além dos frescos.

Quem ignora o valor que dão os apreciadores da mesa ás tubaras (*truffes* dos francezes), *Tuber cibarium* ou *T. melanosporum* e outras especies de cogumelos de carne solida, parasitas das raizes dos carvalhos e de algumas outras arvores dos bosques da Europa, do norte da Africa? Nós provavelmente possuimos no Brazil alguma ou algumas especies deste genero. Ha muitos outros preciosos, posto que menos que o presente, como sejam certas especies dos generos Agaricus, Cantarellus, Morchella, Boletus, Clavaria, Polyphorus, Hydnum, etc., dos quaes o Brazil possue varias especies, além de outras novas, que provavelmente serão descobertas.

A botanica medica, e particularmente a mycologia, trata dos innumeros cogumelos medicinaes e dos pathogenos, que são em geral tambem da classe dos fermentos figurados; estes, porém, pertencem á industria chimica (os Mycordermas, as Torulaceas e outros) que determinam em particular as fermentações de que resultam o vinho, o vinagre, a cerveja e o alcool; são portanto industriaes tambem.

Basta o exposto, para comprehender-se o altissimo interesse desta parte da *industria extractiva.*

A industria vegetal extractiva pharmaceutica ou medica, é das mais interessantes e rendosas; consiste em colher nos campos, quintaes e matas, etc., plantas de uso therapeutico, em geral. Algumas folhas ou fragmentos de raizes ou de quaesquer outros orgãos vegetaes em infusão, ou em tintura, ou extracto, principalmente na quadra actual, deixam de 50 a 150 °/₀ de lucro ás pharmacias e drogarias, O infeliz enfermo para obter melhoras a seus males, tudo paga por medicamentos, inclusive os de formulas secretas, quando mesmo seja preciso que suas familias pouco favorecidas da fortuna e seus filhos se privem até do alimento! Não ha herbanario que não diga conhecer certo remedio que lhe ensinou algum caboclo, ou que elle poude surprehender quando este o preparava; e quando se reclama contra este abuso, a resposta é que a Constituição brazileira garante a liberdade de profissão. Si entre nós se organizasse uma associação ou companhia séria e que se contentasse com lucro mais que razoavel de 20 a 25 °/₀, para explorar nossas drogas naturaes, prestaria grande serviço a si, á sciencia e á humanidade. Causa horror ver o mesmo medicamento ser vendido em uma pharmacia por um preço, em outra pelo dobro, em outra pelo decuplo!

A industria vegetal extractiva chimica é a que destina as materias primas colhidas para usos dos laboratorios chimicos e usinas ou fabricas; por exemplo, a canna de assucar, ou a beterraba para fabricar assucar, ou alcool, as cascas da quina para preparar a quinina e os outros alcaloides nellas existentes; as folhas e outras partes do cafeeiro, para preparar-se a cafeina, a caféona e outros principios activos da referida planta, a vinha para o fabrico do vinho, do vinagre, alcool e tartaro, o carvão de pedra para preparar o gaz na illuminação ou as côres da anilina, etc., ás sementes oleoginosas para dellas se tirarem o oleo, para fabricar sabão, e assim por diante.

Limito-me a isto, para poder deter-me um pouco nos assumptos referentes ás industrias ainda não exploradas entre nós, em cujo numero cito a extracção da cellulóse da gutta-percha, da madreperola e da perola, da esponja, etc.

A cellulóse é o principio fundamental da parede ou membrana das cellulas vegetaes, tanto das communs ou arredondadas, como das longas ou fibras (no linho, algodão, canhamo etc.), como das fusiformes e lenhosas que constituem as madeiras. Cellula, como é sabido, é o elemento histologico, isto é, a ultima e minima divisão anatomica que entra na formação de todos os orgãos e tecidos vivos ou organizados: em muitos vegetaes acha-se em estado de pureza (algodão, medulla do sabugueiro, etc). Do exposto, vê-se que a cellulóse é abundantissima na natureza. Ella é inatacavel pelos corpos nesta existentes em condições normaes; d'ahi sua durabilidade, a ponto de serem encontrados nos sarcóphagos egypcios fragmentos de papyros e algodão perfeitos, depois de centenas de seculos! Raros agentes chimicos dissolvem a cellulóse (o liquido cupro-potassico, a solução de potassa ou de soda caustica, por exemplo); alguns, porém, a desaggregam (como os acidos sulphurico e phosphorico em forte grau de concentração); podendo no fim de certo tempo transformal-a em dextrina, e depois em glycóse.

Nos vegetaes vivos a cellulóse se transforma ás vezes em fécula, ou em gomma, outras vezes em suberina, principio essencial da cortiça ou *suber*, e em xylogeno ou principio gerador e constituinte da madeira ou lenho, etc. A's vezes se condensa, e constitue o producto natural chamado marfim vegetal; como nas palmeiras do genero *Plyteléphas*. Outras vezes condensa-se ainda mais,

tomando a consistencia pétrea como no endocarpo ou porção dura e escura do côco e de outras palmaceas, parte á que o vulgo denomina *coquilho* em alguns lugares do Norte do Brazil; este nome, porém, convém mais particularmente aos artefactos desta substancia (botões, brincos, alfinetes, etc.) O bom papel de filtro é a cellulóse pura, ou quasi pura: todos os outros papeis são preparados com a massa de cellulóse ordinaria, depois da acção desagregante de algum agente chimico.

A cellulóse é um dos productos mais importantes da industria vegetal extractiva conhecida: sua procura nos paizes civilizados é incalculavel! Basta, para se avaliar, lembrar o que a respeito do papel disse o sabio Michel Chevalier — O grau de civilização de um povo póde ser avaliado pela quantidade de papel que este consome, porque isto indica os livros e outros objectos de artes graphicas destinados á instrucção, e á correspondencia entre os povos. E', portanto, a cellulóse o instrumento da propagação da instrucção das nações, como dos individuos. Além disto, ella serve para a preparação do papel de desenho, de cartas e seus respectivos envoltorios, para os livros em branco e pautados destinados á escripturação de todas as casas, do grande, como do pequeno commercio, para cartões de visitas, tiras destinadas á telegraphia, cartazes e annuncios, albuns, etc. E' della tambem que a industria faz os papeis pintados para forrar paredes, para embrulhos e tantos outros mistéres, em centenas de quintaes metricos por dia. Além do papel, a cellulóse bruta fornece o *papelão* destinado ás caixas para guardar mercadorias, bem como ás capas de livros, de albuns e de pastas, etc. O papelão espesso e comprimido, embebido em cêra bruta, diluida ou não em alcatrão, é empregado para fazer-se paredes inalteraveis de estações de estrada de ferro, telegraphicas, telephonicas, ou de tramways, etc. O chamado *papelão-artistico* ou *papelão-pedra* (*carton pierre*, dos francezes) nada mais é, do que a massa de cellulóse misturada com colla quente e diluida, derramada em moldes de gesso ou de argilla untados préviamente com sabão ou com parafina, para impedir a adherencia dessa massa aos moldes. Por este modo, obtem-se ornatos de bellissima apparencia, de preço modico, destinados a altos relevos para tectos e paredes em vestibulos de theatros, salões de concertos e de hoteis, e mesmo de casas particulares, etc. Os productos desta industria

decorativa na Europa são muito procurados, e têm sido tambem aqui já empregados, em vez do estuque; tendo sobre este a vantagem de ser seu emprego mais rapido, economico e de não quebrar-se.

O papelão é ainda empregado para sóla de calçado de uso domestico, e bem assim para obras de pasta, á que os francezes denominam *papier maché*, de que a casa Ausoux fazia tão bellos modelos para estudos de anatomia e sciencias naturaes.

A celluloide é ainda um producto da cellulóse chimicamente modificada e tendo consistencia e dureza taes que possa servir para paredes divisorias de luxo nas casas e navios, e bem assim para pentes, fivelas, charuteiras, estatuetas e muitos outros objectos, inclusive trilhos de certas locomotivas. O *algodão-polvora* ou *pyroxylina*, substancia explosiva, usada na arte de guerra, por proposta do prof. Schoenbein, de Basiléa, para substituir a polvora e para outros fins, é tambem um producto da cellulóse, depois de estar por algum tempo em contacto com acido azotico, e lavada depois. O *collódio*, tão empregado em certos trabalhos, é outro producto da mesma cellulóse: é um soluto do *algodão polvora* no ether com algumas gottas de alcool. O chamado *collodio elastico*, tambem de usos industriaes e cirurgicos, é o mesmo que o precedente, á que se addiciona uma certa proporção de oleo de ricino.

A' vista de tão vasto emprego, a cellulóse escasseou, a ponto de ser preciso obtel-a da madeira, que não serve porém para o papel de escripta de boa qualidade, e sim para o de embrulho e papelão: por isto, para animar a descoberta de novas fontes deste producto economico e abundante, foram estatuidos grandes premios em alguns paizes.

Nós possuimos em todos os estados do Brazil numerosos vegetaes que poderiam abarrotar os porões de centenares de navios de grande calado com a vantagem de poder esta industria extractiva, não explorada entre nós ser exercida por crianças, mulheres e velhos; além disto, innumeros exoticos são facilmente acclimaveis em nosso paiz.

Estatisticas preciosas do Dr. Albino Rudal, de Vienna, publicadas e reproduzidas em alguns tratados de technologia, mostram que o consumo annual da cellulóse em papel é de mais de 1 milhão de

tonneladas metricas; sendo já em 1871 de 900 mil, distribuidas pelo modo seguinte:

Para impressão.....	450,000	ton.	met.
» papel de embrulho.....	200,000	»	»
» » » escripta.....	150,000	»	»
» papelão.....	100,000	»	»

Naquella época, o Brazil importava apenas 4 milhões de kilogrammas.

Os seguintes exemplos dão idéa da estatistica da producção e consumo de papel nos principaes paizes da Europa e dos Estados Unidos da America:

PAIZES	PRODUCÇÃO POR KILOGRAMMA	CONSUMO POR KILOGRAMMA
Estados-Unidos.....	374.000,000	777.000,000
Allemanha.....	350.000,000	320.000,000
Inglaterra.....	340.000,000	360.000,000
França.....	280.000,000	269.000,000
Austria.....	104.000,000	126.000,000
Italia.....	96.000,000	94.000,000

Dr. J. M. Caminhoá

(*Continúa*)

ESTHETICA DE POË[1]

ESCHYLO. — A TRAGEDIA GREGA. — O MUNDO SHAKESPEARIANO. — O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX. — IBSEN. — BJORNSON. — MAETERLINCK.

VI

Dante fôra o poeta da parte nocturna das coisas humanas. Shakespeare, ariano puro, apezar de viver dentro de uma atmosphera profundamente saturada de uncção evangelica, caracterizou a projecção esthetica do genio por uma luz verdadeiramente astral. A sua arte penetrou até ao ponto em que começa a incondicionalidade do pensamento.

O genio semita, que empolgara o vate de Ravena, punha no lugar dessa incondicionalidade o inferno e todas as luridas creações que apavoravam os povos, dia e noite. O poeta inglez collocou ahi a monstruosidade e a loucura, antecipando o que de mais extraordinario existe sobre o assumpto nas concepções modernas. Da nitida divisão que se fez em seu espirito relativamente aos factos claramente attingidos pela observação e os que mergulham nas regiões, ás quaes Hamlet se referia falando a Horacio, proveiu ás obras do grande Will uma singular partilha da vida entre dois mundos. O mundo, pois, creado por Shakespeare é duplo, e as suas composições em conjunto obedecem a um systema perfeitamente equilibrado entre dois polos, a que se poderia dar o nome de positivo e negativo. Em uma extremidade encontramos descriptos os caracteres mais

[1] Veja a *Revista* de 15 de fevereiro, 15 de maio e 15 de abril de 1895 e 15 de fevereiro.

nitidos e realisticos que a literatura já exhibiu; noutra vemos o espirito universal atufar-se entre as nebulosidades da razão, até perder-se na floresta desse incognoscivel para o qual Spencer apontou ao entrar no portico da sua philosophia. E' nessa região, obscura para a intelligencia, incolor para o poeta, incommensuravel para o artista plastico, que Shakespeare se deteve, deixando em divagação, em delirio ou em idiotice, a turba dos personagens dos seus dramas e das suas fantasias que ultrapassavam a linha da luz meridiana. No bosque mysterioso da incondicionalidade, e á luz ecliptica da imaginação tragica, tripudiam clowns, philosopham doidos, e desarrazoam philosophos. A besta fala e a natureza transcendental manifesta-se em relampagos de lucidez. Hamlet, que na obra do tragico inglez representa a culminancia da intensidade psychica, compativel com a natureza normal, chegou tambem á orla dessa região terrivel. Esse typo, em que Shakespeare pretendeu representar toda a invalidez da razão humana e a debilidade da logica, quando o homem procura desdobrar a alma em estados de consciencia capazes de traduzir claramente o enigma da vida e os mysterios ultratumulares; esse typo não pertence á classe dos loucos, em que tão abundante se mostra o theatro shakespeareano; Hamlet assignala exactamente o limite que o mestre houvera posto ás suas proprias cogitações. De parte a vida domestica desse personagem, a segurança do seu scepticismo é a de todos os grandes e imperturbaveis espiritos; o poeta, porém, não quiz dispensal-o das crises agudas de pessimismo, que assaltam as mais tranquillas philosophias, e para esse effeito, e tambem para mostrar em como, embora accidentalmente, é facil confundir-se a mais alta concepção do mundo com a mais rematada loucura, escolheu para porta-voz das suas creações ethicas um temperamento de intellectual. Shakespeare, portanto, não trepidou em consentir que o typo fundamental da psychologia reinante em seu espirito de poeta, extravagasse e até penetrasse um pouco naquella região de onde ninguem voltou ainda sem a razão desfeita.

Quando Shakespeare queria blasphemar contra a ordem do mundo, conhecida, appellava para um doido ou para um clown, imbuia-o de uma grande dose da propria ironia, e na innocencia da natureza, fazia-o traduzir o que era intraduzivel. Esta fusão do scepticismo do philosopho, que sabe até que ponto podem ser levadas as

cogitações humanas, sem desequilibrio do *homo adictus natura*, com a parva fraseologia do mentecapto e com as insensatas alegrias do truão e do ebrio, forma um dos traços mais salientes do estylo shakespeareano, e talvez seja o que mais o distingue dos outros escriptores.

Hamlet, todavia, não attinge á loucura, nem muito menos á truanice. Representação fiel, meditada, do soffrimento philosophico, elle symboliza simplesmente a *crise* do espirito humano. Ali está a humanidade toda no rapto genial que o vulgo confunde com a loucura, e que psychiatras exagerados como Lombroso quasi identificam com a degenerescencia. E' daquelle estado que, si o physico não succumbe, por intercurrencia de alguma enfermidade, começa a funcção dos Buddhas, dos Christos, dos Socrates, dos Platões, dos Dantes, dos Bacons, dos Descartes, dos Comtes e dos proprios Shakespeares.

Hamlet duvida e desarrazoa; mas a sua duvida e o seu desarrazoamento mantem-se austero, sobrio, e naquelle pé de solemnidade requerido pelo que ha de grave nos momentos em que a natureza moral ruge como a physica, por influencia de forças subterraneas plutonicas, desconhecidas. O infeliz principe da Jutlandia, pois, não succumbe a uma psychose; debate-se, na sociedade em que vive, e morre victima de um conflicto, aliás commum nas côrtes dos soberanos medievaes. O que, porém, ha de tetrico no ultimo curso dos seus dias é a influencia, exercida pela sua pseudo-enfermidade ou scepticismo lethal no ambiente das suas relações affectivas. A sua presença é fatal, a sua palavra envenena, o seu amor faz delirar, a sua piedade filial ensanguenta, o seu odio anarchiza tudo. Elle não enlouquece, chega mesmo a resistir ás allucinações produzidas pela superstição e pela sobreexcitação; entretanto, por irrisão dos fados, ou pelo que hoje os scientistas chamam transplantação de estados morbidos, quem enlouquece é a pobre Ophelia, quem se converte em truão é o tolo do Polonio.

Shakespeare, antes de tudo tinha um objectivo publico—communicar-se com o mundo por meio da tragedia. A these do *Hamlet* não devia proseguir. O sublime da meditação tragica não podia naquella mesma obra converter-se no sublime da acção, no drama das energias. Isso já existia e se reproduziria na composição dos caracteres de Henrique V, de Ricardo III, de Brutus, de Coriolano.

Assim pois, parece que o poeta de Stratford-on-Avon, começando a descripção da vida humana pela incondicionalidade do pensamento, no que toca as origens animaes do homem, onde se encontra Caliban e a Mob, o bruto inconsciente e a multidão amorpha, acompanhou o gradual alevantamento da raça, através dos grandes typos historicos, das grandes energias sociologicas, analysando a politica em Roma, no seu periodo mais agudo e interessante, e depois, na propria patria, na época de maior incandescencia, e sem esquecer a comedia da vida commum, onde os caracteres baixos e ridiculos sociaes mais avultam, transportou a sua imaginação para os typos puramente humanos, dos apaixonados transcendentaes, para os typos culminantes do aperfeiçoamento ethico, e por ultimo para as manifestações da intelligencia no seu derradeiro estagio, além do qual, como no inicio da sua revista, foi encontrar outra vez a incondicionalidade do pensamento, a impotencia da razão e a loucura. De sorte que essa potente faculdade de ver, que se descortina no tragico inglez, para definil-a bem no seu modo de manifestar-se ou melhor de envolver e trazer á luz da percepção vulgar os objectos por elle observados, póde comparar-se ao foco intensissimo de uma lanterna magica trabalhada á luz electrica. Como toda imaginação de artista, esse foco projecta-se na tela mais ou menos intensamente, de conformidade com a potencia geral da luz originaria, graduando-se ou soffrendo intercadencias segundo os movimentos que se imprime no registro. Convém notar, entretanto, que nesse foco, ainda mesmo depois de fixada a luz, ha grandes differenças de intensidade. O centro da projecção de ordinario é claro; as figuras ahi apparecem nitidas, em um desenho firme e vigoroso. A' proporção, porém, que a vista se vai afastando do eixo do projector, a analyse tambem vai se tornando mais difficil; os objectos gradualmente se fazem opacos, as linhas indecisas, os caracteres vagos; uma nevoa como a catarata na vista dos velhos começa a sobrepor-se á expressão do que era vivo e claro, e por fim, no rebordo da tela, já incompletamente illuminada, no ponto em que a treva disputa a luz quasi extincta a posse das figuras, o olho do espectador apenas póde distinguir alguma sombra deformada por essa mesma indecisão na luz distribuida ao longe.

Pois bem em nenhum outro autor a visão da vida humana surge com estes caracteres de verdadeira illusão optica, de miragem

artistica, como no divino Shakespeare. Miragem é o termo; porque em tudo quanto elle consegue projectar no espirito do espectador ou do leitor das suas obras, ha grandeza, ha soberania artistica, e ha principalmente uma luz singular, que se não confunde com a clarividencia de nenhum outro poeta. Essa luz é a luz dos seus olhos, é a luz do seu genio, e ella nunca se ausenta das suas tragedias, dos seus dialogos, dos monologos, das mais insignificantes comedias.

De posse desse segredo, pois, o grande Will, que tudo viu, desde o mais claro até o mais obscuro da natureza humana e do que é estranho ao homem, sinão longinquamente perceptivel ao proprio genio, poude assim crear-nos esse theatro maravilhoso, aonde o drama da existencia apparece como a reproducção possivel da realidade surprehendida nas suas machinas, nos seus moveis, nos seus effeitos mais secretos.

E' assim que nesses tão conhecidos dramas psychicos, tragedias historicas e sociaes, comedias satyricas e magicas cheias de fulgor fantastico, vemos o artista distribuir a actividade descriptiva e evocatoria, sem perder um só dos elementos que se combinam para produzir a variedade das acções humanas. Na galeria shakespeareana illuminada por uma claridade consoante á natureza do assumpto e do personagem, descobrimos o homem quasi bruto na imbecilidade das massas de movimento automatico, o homem na vida quotidiana do interesse mundano, o homem na historia das grandes nações, dos grandes povos, o homem nas linhas geraes da humanidade, o homem na loucura e na vida ultra-tumular. As acções oriundas da estupidez, a luta cruel pela existencia, os actos sublimes e heroicos, os sentimentos transcendentaes que redimem o mal, a enfermidade indecifravel e o mysterio da morte ; animaes ferozes com forma humana, monstros, burguezes indifferentes, lutadores, ambiciosos de genio e heroes, typos ideaes, loucos e anjos : tudo Shakespeare exhibe triumphalmente nessa galeria, da qual é raro apartar-se alguem despreoccupado e sem murmurar comsigo que só então tivera uma visão aproximada do conjunto da natureza humana, um sentimento agudo e interpretativo do universo psychico.

E' verdade que nem sempre se nos deparam ali figuras como as de Othelo e Yago, Brutus e Coriolano, Ricardo III e Schylock, nas quaes não se sabe o que mais admirar, si a correcção do

desenho, a limpidez do colorido, si a illusão de vida que envolve taes personagens e que denuncia ao mesmo tempo uma longa existencia intra-craneana em Shakespeare. Ha outros que não se nos podem mostrar sinão nessa penumbra do foco da lanterna magica do genio, deformados pela duvida da luz; outros ainda apparecem em condições tão mysteriosas que o poeta vê-se forçado, para não trair o seu espirito philosophico, nem os seus processos de realismo, a transportar para a tela fielmente os seus estados de consciencia. O quadro então cobre-se de nimbus, a natureza do personagem envolve-se numa obscuridade relativa. Hamlet, si por um lado é visivel, tanto no que respeita a sua philosophia, como no que se reporta aos motivos de acção, ao sentimento de vingança, por exemplo, por outro lado tem a sua alma completamente mergulhada na treva, e por certo não seria o proprio tragico quem podesse explicar o que esse typo apparenta de enigmatico.

Podemos acaso commentar, elucidando, o azul do céu ou o verde dos mares? E no emtanto os pintamos e os descrevemos.

ARARIPE JUNIOR

(Continúa)

O ADULTERIO[1]

E O PROJECTO DO CODIGO PENAL

III

Despojada das immunidades e privilegios, oriundos da antiga estructura feudal, a mulher deixa de ser o que das suas compatriotas affirmam os irmãos Goncourts: «a alma desse tempo... o ponto d'onde tudo irradia, a imagem sobre que tudo modela-se... o principio que governa, a razão que dirige, a voz que ordena... a causa universal e fatal, a origem dos acontecimentos, a fonte das coisas.»

Com a predominancia da industria e do commercio a riqueza movel não sómente supplanta a propriedade territorial mas toma uma feição nova, revestindo a fórma capitalista. «O que é relativamente novo e constitue um dos traços de nossas sociedades modernas, é a predominancia, entre os povos contemporaneos, da riqueza movel, ou como dizem alguns, do capitalismo.» [2]

A propriedade territorial é firme, fixa, uniforme; a movel é variavel, cambiante, proteiforme. A primeira é o que poder-se-ia chamar uma propriedade estavel, disposta ao repouso e á inercia; a segunda uma propriedade instavel, levada ao movimento e á acção. Isto não quer dizer que a propriedade movel não esteja sujeita a equilibrio, mas este equilibrio é passageiro, transitorio,

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de março.

[2] Anatole Leroy Beaulieu, *Revue des Deux Mondes, Le règne de l'argent*, tomo 123, pag. 513.

instavel, emquanto que o da propridade territorial é duravel, permanente, estavel. A propriedade territorial acha em si mesma garantias de duração, emquanto que a propriedade movel para perdurar precisa ser refeita pelo trabalho. O equilibrio da propriedade territorial se mantém sómente por effeito da posse, como o equilibrio estavel pela acção preponderante da gravidade; o equilibrio da propriedade movel, porém, se mantém por outras circumstancias que não exclusivamente a posse, da mesma sorte que o equilibrio instavel se conserva por outras causas que não sómente a gravidade. O equilibrio da propriedade territorial tende a persistir como o da propriedade movel a acabar.

Em dynamica desde que uma causa extranha faz oscillar o centro de gravidade, não sómente a massa não volta á sua posição anterior, mas ainda se desvia cada vez mais. E' o mesmo que se dá com a propriedade movel que, dada uma modificação em seu centro de gravidade—na posse— tende a voltar ao seu estado anterior e a se affastar delle cada vez mais. O valor da propriedade territorial persiste pelo facto da posse, ao passo que o valor da propriedade movel diminue pela acção do tempo. Rigorosamente o tempo não faz nem desfaz coisa alguma: já tivemos occasião de escrever que assim como não se póde dizer que elle seja bom ou mau, bello ou feio, longo ou curto, rapido ou lento, tambem não se póde affirmar que elle construa ou destrua coisa alguma; mas a verdade é que com os annos a propriedade movel diminue de valor, si ella não se refaz pela acção do trabalho e pelo espirito de empreza. Esta verdade é posta em toda a evidencia por Anatole Leroy Beaulieu em seu magistral trabalho sobre o capitalismo e o feudalismo industrial e financeiro.

« Si não têm o cuidado de renovar sua fortuna pela economia e pela intelligencia, isto é, pelo esforço pessoal, os netos dos reis do ouro são condemnados a ver a sua situação diminuir em cada geração. Neste sentido, por mais que a lei garanta aos filhos a herança paterna, a riqueza não se transmitte por longo tempo. A nova aristocracia do dinheiro, o que chamais o novo feudalismo, é votada a uma decadencia rapida, a menos que ella tenha a energia de elevar incessantemente o nivel sempre decrescente de sua fortuna. O capitalista, ao inverso do que se attribuia outr'ora ao proprietario territorial, não possue monopolio, que lhe garanta

para sempre os gozos da riqueza. O capital, o odioso capital, longe de engordar naturalmente sem fazer coisa alguma, ou de guardar a sua nediez no repouso, o capital emmagrece com a idade, perdendo pouco a pouco o seu peso, de anno em anno, por toda parte, em que vive sobre si mesmo, sem se refazer pelo trabalho ou pelo espirito de empreza.» [1]

A fórma, porém, mais precaria, mais dilatavel, mais fluida, e por isto mesmo mais perfeita e acabada, da propriedade movel, é a moeda, a mercadoria por excellencia, a mercadoria que, no dizer de Lafargue, «encerra em estado latente todas as outras, e tem o poder magico de se transformar á vontade em todas as coisas desejaveis e desejadas.» Com um tão poderoso instrumento economico inaugura-se uma nova éra financeira: concentram-se nas mãos dos capitalistas e emprezarios as economias individuaes, e realizam-se obras gigantescas, como só se encontram iguaes nos monumentos das épocas em que o povo era obrigado a trabalhar em massa. E' a época do feudalismo industrial e financeiro, do capitalismo, época em que pela transformação da propriedade, pela predominancia da riqueza movel, a mulher perdeu a supremacia, que teve no seculo XVIII.

A mulher solteira herda igualmente com os seus irmãos; mas nas suas mãos a riqueza vai constantemente diminuindo por falta de movimento. Precisando ser refeita pelo trabalho, a fortuna movel perde de valor, sempre que é conservada inactiva. Por inercia a mulher vê diminuir a sua riqueza, á medida que augmenta o nivel commum da propriedade nas mãos do homem. Em relação á mulher casada, a incapacidade feminina foi decretada por lei. Si a revolução franceza proclamou a igualdade civil dos esposos, as leis posteriores, submettendo a mulher casada ao poder marital, a declararam incapaz quanto á sua pessoa e bens. Ninguem ignora que a mulher a principio foi incapaz quanto á sua pessoa e bens, qualquer que fosse o seu estado ou idade, e que nesta condição se manteve até bem pouco tempo em muitos paizes da Europa: na Dinamarca até 1857, na Suecia até 1863, na Noruega até 1869, em varios cantões da Suissa até 1881. A tutela feminina, porém, continuou a persistir em relação á mulher casada. Gozando

---

[1] Leroy Beaulieu, *Obr. cit.*, pag. 518.

em solteira dos mesmos direitos civis que o homem, salvo um pequeno numero de casos excepcionaes, a mulher se torna incapaz desde o dia do casamento. Todavia, mesmo fóra do casamento, a sua capacidade não é completa, está sujeita a restricções. E' assim que em face de um grande numero de legislações não póde ser tutora nem servir de testemunha nos testamentos e outros actos da vida civil. Pelo art. 37 do codigo Napoleão a mulher não póde figurar como testemunha nos actos de estado civil. Entretanto nem sempre foi assim na França : no acto de nascimento de Victor Hugo vemos Mme. Dessirier, esposa do coronel Jacques Delelée, ajudante de campo do general Moreau, assignar como testemunha ao lado do seu marido.

Não vem fóra de proposito lembrar uma curiosa disposição do codigo do processo do cantão de Vaud antes de 1825, em virtude da qual o testemunho de duas mulheres equivale ao de um homem, o de quatro mulheres ao de dois homens, e assim por diante. Hoje a incapacidade da mulher no referido cantão não subsiste sinão como testemunha instrumentaria , sendo plenamente aceito o seu depoimento nos tribunaes civis e criminaes ; mas d'ahi a incoherencia de ser nullo o testemunho de uma mulher para constatar o nascimento de um individuo, e valido para acarretar a pena de morte nos paizes onde se mantém o cadafalso. [1] O Codigo civil francez não é menos incoherente: pelo art. 71 o acto de notoriedade que, dadas certas ciscumstancias, é destinado á reconstituição do estado civil, vale ainda mesmo que todas as sete testemunhas sejam mulheres. Neste ponto a lei franceza não está mais adiantada do que a velha lei do cantão de Vaud, pois que, para a reconstituição do estado civil, o testemunho de sete mulheres tem tanto valor quanto o de dois homens. Já é tempo de eliminar a injusta e odiosa excepção de a mulher não poder figurar como testemunha nos testamentos e outros actos da vida civil, excepção injustificavel e chocante, que tem produzido consequencias desastrosas e irreparaveis. E' bem instructivo o caso contado por Leon Richer em seu excellente livro — *O Codigo das mulheres.* Em 1873 o cocheiro de Mme. X... viuva de um antigo conselheiro de Estado, sentindo que estava para morrer, fez chamar o tabellião do lugar. Sua intenção era deixar a sua fortuna, doze a

---

[1] Louis Bridel, *Le droit des femmes*, pag. 44.

treze mil francos, a uma digna rapariga de dezenove annos de idade, orphan de pai e mãi, e por cujo futuro muito se interessava. Chega o tabellião, e o doente manifesta sua ultima vontade. São precisas quatro testemunhas e Mme. X... manda chamar o porteiro e o jardineiro. A respeitavel senhora não póde ser testemunha e emquanto o jardineiro corre a chamar o primeiro homem que apparecesse morre o cocheiro. Na Italia a desigualdade feminina subsistiu até 1878, anno em que foi adoptado como lei o projecto de Salvatore Morelli, sendo abolidas todas as disposições legaes, que excluiam as mulheres do direito de servir de testemunha nos actos publicos ou privados.

Segundo o Codigo civil francez, salvo a excepção geralmente admittida em favor da mãi, e algumas vezes em favor das avós, a mulher é excluida da tutela. Basta comparar os arts. 442, 443 e 444 do citado codigo para ver que neste ponto a mulher é equiparada aos menores, aos interdictos, aos individuos de notoria má conducta e aos condemnados. Entretanto nota Louis Bridel, não vale grande coisa a razão que se invoca para justificar a exclusão da mulher em materia do tutela. [1] Si a mulher não tem bastante experiencia para poder se encarregar de uma tutela, não devia ser aberta excepção em favor da mãi, porque a ternura materna não supre a intelligencia nem a actividade. Si prevalecesse o argumento da ternura, neste caso não haveria razão para excluir a mulher, quando esta fosse protectora real do menor, quando por exemplo, no caso citado por Leon Richer, tivesse tido sempre a seu cargo o sustento e a educação do orphão.

Afóra as excepções relativas á tutela e ao testemunho, a mulher solteira, viuva ou divorciada, acha-se no mesmo pé de igualdade que o homem; mas entrando para o casamento, perde nome, condição, domicilio, grande somma de sua capacidade, sendo que em alguns paizes a sua personalidade é eliminada de modo absoluto em favor do marido. « Solteira, diz Thulié [2] é senhora de si mesma e de seus bens; viuva reconquista a autonomia de sua pessoa; casada é menor. E é no momento, em que ella deveria entrar em seu apogeu de grandeza e dignidade, é quando ella desempenha o

---

[1] Louis Bridel, *Le droit des femmes et le mariage*, pag. 42.

[2] Thulié, *La femme, essai de sociologie physiologique*, pag. 381.

maior dos deveres humanos, vai ser mãi, e consagrada a sua vida a perpetuar a especie, que então é amesquinhada. » Em relação ao domicilio a mulher casada é tratada como o menor ou o interdicto: segue o domicilio do marido como o orphão o do tutor, e o interdicto o do curador.[1] Ha quem pense que a mulher, que desposa um estrangeiro, segue a nacionalidade do marido, o que traria como resultado ter muitas vezes a mulher de renegar a sua patria para não divorciar-se do marido. Felizmente o art. 69 n. 5 da Constituição Federal com a expressão—*estrangeiros casados com brazileiras* exclue tão iniquo modo de desnacionalização.

Não é tudo: insultada, injuriada, vilipendiada, a mulher casada não póde defender o seu caracter, honra ou dignidade sem consentimento do marido. Quanto aos bens, ninguem ignora que em regra a incapacidade da mulher casada é completa. O art. 217 do Codigo civil francez diz claramente: «A mulher, mesmo não commum ou separada de bens, não póde dar, alienar, hypothecar, adquirir, a titulo gratuito ou oneroso, sem o concurso do marido no acto ou seu consentimento por escripto. »

Entre nós o marido póde dissipar livremente a riqueza da familia em tolas especulações ou loucas fantasias; a mulher, porém, não póde dar, alienar, hypothecar os seus proprios bens sem autorização do marido. Até mesmo para receber a titulo gratuito precisa de permissão marital. Não têm faltado apologias ao regimen da communhão como a forma patrimonial, que melhor se harmoniza com a fusão de vidas e de interesses, que se opera no casamento. A verdade, porém, é que, sendo a mulher excluida da administração da propriedade commum, o marido se póde dizer o senhor unico dos bens do casal. Nós já vimos o que é a propriedade moderna, e como o seu prodigioso desenvolvimento ou rapida depressão depende do modo de administral-a. «Nada é commum no regimen da communhão, diz Thulié, salvo o titulo. A fortuna commum, o fundo commum composto de todos os moveis presentes e futuros, e de todos os immoveis adquiridos a titulo oneroso depois do casamento, de qualquer lado que venham, este fundo commum está á disposição, á discrição de um só dos esposos, do marido, bem entendido. Tudo entra neste fundo; para receber é, com effeito, commum, tudo cai

[1] Codigo civil francez, art. 108.

nelle, rendimentos e salario da mulher, bem como os ganhos do marido. Mas é sómente o marido que dispõe delles, negocia com elles e disfructa-os; ambos o alimentam, um só gasta-o.» [1] No caso de simples fusão de acquestos, conservando cada um dos esposos os bens que possuia no momento da celebração do casamento, e não recaindo a communhão sinão sobre os ganhos provenientes do trabalho commum ou individual dos conjuges, e sobre os frutos e rendimentos dos bens proprios de cada um delles e as acquisições a titulo oneroso na constancia do matrimonio, é certo que o marido não póde delapidar a fortuna, com que a mulher entrou para o casamento; mas como lhe compete a administração de todos os bens na familia, e como a mulher não póde dispor dos seus proprios bens sem autorização marital, segue-se que é o marido quem realmente goza de toda a propriedade commum ou não, cabendo sómente á mulher a satisfação de contemplar a sua riqueza. Sob o regimen dotal ainda ao marido compete exclusivamente a administração do dóte, do qual percebe os frutos e rendimentos, delles dispondo a seu talante.

Todas as variedades de regimen legal podem reduzir-se a tres categorias; 1ª regimen da communhão, figurando como principaes formas a communhão universal, a de moveis e acquestos, e a de simples acquestos; 2ª regimen sem communhão, cujas principaes especies são o regimen dotal, e o que os allemães chamam *Güterverbindung* (união de bens); *Gutereinheit* (unidade de bens); 3ª regimen de separação.

Pela communhão universal, a partir da consummação do matrimonio, dá-se a fusão de todos os bens—moveis e immoveis, presentes e futuros—dos esposos; mas esta fusão se opera exclusivamente em favor do marido, conforme já mostrámos. E' o regimen legal dos Paizes Baixos, dos cantões de Bailéa e da Thurgovia, de Portugal e do Brazil.

Pela communhão de moveis e de acquestos ficam pertencendo exclusivamente a cada um dos esposos os immoveis, que elles possuem por occasião do casamento, e os que adquirem depois por successão ou doação, caindo em communhão, além dos moveis existentes antes do casamento, todos os mais moveis ou immoveis

---

[1] Thulié, *Obr. cit.*, pag. 139.

posteriormente adquiridos a titulo oneroso, e bem assim os frutos e rendimentos dos bens exclusivos de cada um dos esposos. E' o regimen legal da França, da Belgica, de Genova e da Jura Bernense. Pela communhão de acquestos não se communicam os bens que os esposos possuem por occasião do casamento, bem como os que adquirem depois, por successão ou doação. A communhão recai sómente sobre os ganhos do trabalho commum ou particular dos esposos, sobre os frutos e rendimentos dos bens proprios de cada um delles, e sobre os moveis ou immoveis adquiridos a titulo oneroso durante o casamento. E' o regimen legal da Hespanha e dos cantões de Neuchâtel, Valais, Schaffhousa e Grisões.

No regimen dotal a mulher conserva a propriedade e administração dos bens paraphernaes, [1] ao marido, porém, pertence a exclusiva administração do dote, além da propriedade e administração dos bens, que permanecem incommunicaveis em si e nos seus rendimentos. Na união dos bens (*Güterverbindung*) não se dá a fusão das fortunas: os bens adquiridos pelo marido ou pela mulher, antes ou depois do casamento, ficam pertencendo a cada um dos esposos, o marido, porém,tem a administração e o gozo dos bens da mulher. Ao marido, na qualidade de usofrutuario dos bens da mulher, competem os respectivos frutos e rendimentos, os quaes deste modo são incorporados ao seu patrimonio. A mulher continúa proprietaria, mas sem administração e o gozo de sua propriedade. [2] Na unidade de bens (*Gutereinheit*) os bens da mulher passam para o dominio do marido, conservando, porém, aquella um direito de credito relativo ao valor dos seus bens.

Sob uma ou sob outra das formas apontadas é este o regimen legal na Austria, nas Provincias Balticas e na maioria dos cantões suissos: Berne, Zurich, Vaud, Saint-Gall e Lucerna.

A separação de bens, como o proprio nome está indicando, é o regimen em que cada um dos esposos mantém a propriedade gozo e administração de seus proprios bens. Tal é o regimen legal da Italia, da Russia, da Inglaterra, de muitos Estados da União Americana e do Canadá.

---

[1] Codigo civil francez, art. 1576, Codigo civil italiano, art. 1427, Clovis Bevilaqua, *Direito da Familia*, pag. 291, contra a opinião de Lafayette.

[2] Emile Acollas, *Manuel de droit civil*, tomo III, pag. 177.

Com estas noções, que não procuramos dar sinão para determinar os paizes, em que as categorias definidas predominam como regimen legal, já se torna facil apreciar a capacidade feminina em cada um delles, e, portanto, sua influencia na familia, o que quer dizer na civilização, porque a familia é orgão de conservação e educação da especie.

Nos cantões da Suissa alleman a mulher casada é completamente incapaz. « O marido diz o art. 589 do Codigo de Zurich, é de direito *tutor marital* de sua mulher ». A mulher casada é equiparada ao menor ou ao interdicto. Submettida ao poder marital, que é uma especie de tutela ou curatela, não tem o livre exercicio dos seus direitos. O marido é encarregado de agir por ella, como o é o tutor pelo menor, o curador pelo interdicto. Na França a mulher casada para agir precisa de autorização do marido ; mas é ella quem age, e não o marido, como se dá na Suissa alleman. Esta autorização é sempre necessaria, e não póde ser supprida pelos tribunaes sinão em casos especiaes : minoridade, interdicção, condemnação, ausencia ou recusa injustificavel do marido. Sómente para os actos de administração relativos aos proprios bens no regimen da separação é que a mulher casada prescinde da autorização marital ; em todos os demais actos da vida civil, quer judiciaes, quer extrajudiciaes, ella não póde agir sem permissão do marido. Deste modo, salvo um pequeno numero de excepções, a mulher casada tem necessidade do consentimento marital para estar em juizo, dar, receber, alienar, adquirir, contratar, aceitar ou repudiar uma successão. A falta de autorização importa nullidade do acto, a qual póde ser pedida pela propria mulher, por seu marido ou por seus herdeiros. Mais ou menos modificado, seguem o mesmo systema a Belgica, os Paizes Baixos, a Hespanha e diversos cantões da Suissa como Genebra, Vaud, Friburgo, Tessino e Valais. Na Italia, por occasião de elaborar-se o Codigo civil, se cogitou da suppressão de qualquer consentimento do marido; mas afinal prevaleceu o systema de exigir-se a permissão marital para certos e determinados actos.

Louis Bridel, a cujo excellente livro *Le droit des femmes et le mariage,* devemos estas informações sobre regimens legaes de bens no casamento e seus effeitos sobre a personalidade da mulher casada [1] nota as seguintes differenças entre o direito francez e o

---

[1] Louis Bridel, *Obr. cit.* caps. III e IV.

italiano: 1ª O Codigo italiano exige autorização para um pequeno numero de actos, emquanto que o francez não a dispensa á quasi totalidade delles; pela lei franceza a autorização deve ser especial, pela italiana póde ser generica; 2ª a mulher italiana não tem necessidade de supprimento de autorização nos casos em que o marido é menor ou acha-se interdicto, ausente ou condemnado a mais de um anno de prisão, casos a que é preciso acrescentar a separação de corpo por falta do marido e a condemnação por motivo de adulterio; 3ª o Codigo italiano exige autorização judiciaria nos casos de separação de corpo occasionada por falta da mulher ou por mutuo consentimento, ao passo que na França, pela lei de 6 de fevereiro de 1893, a mulher separada de corpo readquire a sua plena capacidade civil.

O projecto do Codigo civil allemão adoptou como regimen legal a *união dos bens;* mas a incapacidade feminina não sendo uma consequencia necessaria do casamento, a mulher casada póde adoptar o regimen da separação e deste modo fazer desapparecer toda especie de restricção quanto aos seus bens. Da mesma sorte pelo Codigo civil do cantão de Neuchâtel, desde que os esposo adoptam outro regimen que não o legal da communhão, a mulher adquire uma completa capacidade quanto aos seus bens.

Na Inglaterra, depois da lei de 18 de agosto de 1882, a mulher casada adquire a plena propriedade, gozo e administração de sua fortuna. A sua capacidade juridica é completa, podendo praticar qualquer acto judicial ou extrajudicial independente de autorização do marido. Nenhum dos seus bens responde pelas dividas do marido. O mesmo se dá nos Estados Unidos, onde a mulher casada não tem necessidade de autorização marital para exercer qualquer direito civil. Póde figurar em juizo, demandar contra os damnos causados á sua propriedade, á sua pessoa, ao seu caracter, á sua honra, á sua dignidade, dispor a vontade de todos os seus bens moveis ou immoveis, dando, vendendo, hypothecando, legando sem a menor restricção. « A esposa nos Estados Unidos, diz Leon Donnat [1] é mais favorecida pela lei do que o marido. As disposições novas, que estenderam os direitos da mulher, não diminuiram obrigação alguma do esposo. Emquanto aquella tem a livre

[1] Leon Donnat, *Lois et mœurs republicaines*, pag. 186.

disposição de sua fortuna, este tem o dever de nutril-a, de lhe fornecer um domicilio, de prover as suas necessidades segundo a posição que elle occupa, e a mulher póde obter o que lhe é necessario á custa de seu marido. No ponto de vista estricto da lei a esposa não é forçada a cohabitar com o seu esposo nem a prestar seus cuidados á casa. E' sem duvida uma obrigação moral, admittida por toda parte, mas que repousa unicamente sobre as conveniencias sociaes e não póde ser executoria pelo constrangimento. A mulher que abandona o domicilio conjugal, sómente perde todo direito a ser mantida por seu marido.

Conhecidos os effeitos dos regimens legaes sobre a capacidade da mulher casada, é fóra de duvida a influencia da organização da propriedade sobre a instituição da familia. Passando de commum a collectiva, de collectiva a individual, a principio sob a forma territorial e depois sob a forma movel, a propriedade tem influido sempre sobre a familia, e a razão é, conforme affirma G. de Greef, que o grito do estomago domina o do amor. « Está demonstrado hoje, lê-se na *Introducção á Sociologia*, que a necessidade genesica, fonte de todas as grandes e nobres instituições familiaes, é no ponto de vista tanto individual como social, posterior á necessidade de nutrição. » [1] Tornando-se flexivel, fluida, expansiva sob a forma do capitalismo, a propriedade predomina hoje mais do que nunca sobre todos os phenomenos sociaes, e principalmente sobre a familia. Temos a prova diante dos olhos. A revolução franceza proclamou a igualdade civil do homem e da mulher; mas a organização da propriedade falseou, burlou esta igualdade. A mulher herda, com effeito, igualmente com o homem, mas a preponderancia da fortuna movel tornou de facto a condição feminina inferior á do homem. Portanto, não é rigorosamente exacto affirmar-se que emquanto não é casada e desde que não o é mais, a mulher é civilmente igual ao homem. A lei póde proclamar que a sua capacidade juridica é igual á do homem, e nem por isso ella deixa de ser-lhe inferior. Não é o facto do casamento que inferioriza a mulher na familia e na sociedade, é a influencia da riqueza sobre outro qualquer phenomeno social. Precisando ser refeita pelo trabalho, a

---

[1] G. de Greef, *Introduction à la sociologie*, pag. 162.

riqueza movel diminue de valor, sempre que é conservada inactiva. D'ahi a necessidade de trazel-a constantemente em movimento. A lei póde garantir a igualdade de herança a todos os filhos; mas esta igualdade não se manterá, si todos elles não tiverem igual poder mental para imprimirem o mesmo gyro economico. Por falta de movimento, causada por inactividade mental, a riqueza movel nas mãos da mulher tende a baixar de nivel, a diminuir de valor. Ora, é esta incapacidade mental que torna a mulher inferior ao homem, independentemente do casamento. O casamento não faz sinão aggravar esta inferioridade, concorrendo pela organização das relações patrimoniaes para fomentar a incapacidade feminina.

Em uma civilização em que sobre os destroços de todas as supremacias impera a supremacia da riqueza, se póde avaliar dos effeitos de uma organização de propriedade, em que não se procura sinão amesquinhar a capacidade feminina. Entretanto, a educação que os pais se esforçam para dar aos filhos, não é feita sinão no sentido da luta pela fortuna. Medicos, advogados, artistas, politicos, todos distendem os musculos para a riqueza. Não ha maior hypocrisia do que proclamar a igualdade civil do homem e da mulher, e tirar a esta a administração da sua fortuna ou collocal-a em uma posição — por sua educação ou outro qualquer motivo — que não lhe permitta enriquecer, enriquecer cada vez mais, conforme o voto das sociedades modernas.

A pobreza póde servir de assumpto á poesia, como succedeu a Pierre Loti, que soube dizer tão bellas coisas a respeito das privações por que passou depois de sua infancia; mas a mola real da civilização moderna é a riqueza, o que Balzac com o seu admiravel talento de observação comprehendeu bem, quando fez do ouro, do vil metal, da *obscœna pecunia*, como chamava o ironico Juvenal, o *pivot* da *Comedia Humana*. Para Balzac o motivo principal, determinante das acções humanas, é o dinheiro, do qual « foi elle a presa e o escravo por necessidade, por honra, por imaginação, por esperança. » « Elle contou a fortuna de seus personagens, explicou a sua origem, os acrescimos e o emprego, balanceou suas receitas e despezas, e trouxe para o romance as praticas do orçamento. Expoz as especulações, a economia, as compras, as vendas, os contractos, as aventuras do commercio, as invenções da industria, as combinações da agiotagem. Pintou os advogados, os beleguins, os

banqueiros; fez entrar em toda parte o Codigo civil e a letra de cambio. D'ahi uma parte de sua gloria.» [1]

Perdendo a fé na vida futura, o homem voltou as vistas para o el-dorado. Com uma semelhante concepção da vida é facil de comprehender o papel puramente esthetico, que o amor passou a representar no casamento. Si não se tratasse sinão de amar, affirma Marie Anne de Bovet [2], não haveria necessidade de todo este apparelho. A propria fidelidade não encontra no amor garantias. A fidelidade suppõe a persistencia, a coerção, a disciplina, e nada de mais insubmisso, caprichoso, indomavel do que «a bella flor, que vive de febre e fantasia.» O amor não é o terreno mais proprio para a cultura da fidelidade. O amor não reconhece outra força nem obedece a outro principio sinão a belleza. E' por isso que todos os D. Juans, seja o de Molière, o de Mozart, o de Byron ou o de Lenau, são sempre os mais bellos homens. No poema de Lenau, Constancia, revendo aquelle que tanto tinha amado e que depois tanto odiou, diz: «é a mais bella recordação da mais bella hora da minha vida.» Si o casamento fosse o amor legalizado, como pretendem alguns espiritos galantes, teria razão Henry Maret, quando sustenta que a prostituição não é o amor livre, e sim toda união, que não é determinada pelo amor. A grande falta seria então não entregar-se a mulher áquelle que deseja com ternura, e sim deixar-se possuir por aquelle que tolera com aversão. Deste modo, a falta no casamento viria a ser a venalidade, e não a infidelidade, e se rehabilitaria a mulher que, tendo-se casado por interesse, se prostituisse por affeição. O amor servindo de garantia á fidelidade conjugal tem contra si o testemunho dos factos. O que nos ensina a ethnographia, é que nas hordas, em que o amor é muito fraco entre os esposos, impera a ferocidade do ciume. Que amor póde ter o marido á mulher capturada ou comprada? Que amor póde existir entre marido e mulher, quando estes se viram pela primeira vez na noite do casamento? Entretanto já vimos que onde existem taes costumes, a infidelidade é cruelmente punida.

Sabe-se que os Fuegianos são muito ciumentos de suas mulheres. O mesmo se dá com os Australianos, a respeito dos quaes escreve

---

[1] Taine, *Nouveaux essais de critique et d'histoire*, pag. 66.

[2] Marie Anne de Bovet, *Nouvelle Revue*, *L'amour dans le mariage*, pag. 788.

George Grey que um ciume severo e vigilante existe em todo homem casado e assevéra Curr que na maior parte das tribus não se permitte a uma mulher falar com um homem ou ter alguma relação com elle, si não é o marido. Westermarck nos informa ainda que são muito ciumentos os Aleoutas de Atkha, segundo Yakof; os Kutchins, segundo Richardson e Hardisty; os Haidahs, segundo Dixon; os Tucullias, segundo Harmon; os Crees, segundo Richardson; os habitantes das ilhas Hawaii, segundo Lisiansky; os Samoiedas, segundo Arnesen; os Tartaros, segundo Heikel, os Coroados do Brazil, segundo Martius e Spix, os Veddahs de Ceylão segundo Bailey. De tal sorte predomina o ciume entre os selvagens que não é raro vêr as mulheres afeiarem-se, e até deformarem-se para não despertarem suspeitas nos maridos. E' costúme em certas tribus as mulheres casadas desfazerem-se dos adornos para não attrairem admiradores.

Como, porém, explicar o curioso phenemeno do excesso ou cumulo de ciume com a parcimonia ou falta de amor? E' que só em apparencia estes sentimentos se relacionam. No amor ha attracção, no ciume repulsão. O ciume é um sentimento todo egoista, ao passo que o amor vai até ao devotamento, até á abnegação, até ao sacrificio. O ciume funda-se sobre a pósse da mulher casada. E' a vontade firme de deter a mulher capturada ou comprada, que gera na alma do selvagem o ciume. «Aonde as uniões se realizam sem methodo, aonde a mulher é considerada propriedade de todos, não ha ciume... Entre os povos polygamos sómente o homem póde ser ciumento; entre os povos polyandricos sómente a mulher tem o direito de se mostrar ciumenta». [1] Mas emquanto o ciume é um sentimento todo egoistico, tendendo sempre para a exclusão, o ideal do amor é «encontrar a mulher que encarne todas as outras», o que vale dizer — « amar todas as bellas.»

O casamento é uma instituição destinada a regular não o amor—o que seria um contrasenso, porque elle é tão perfidamente inconstante quanto diabolicamente bello — mas a familia, que comprehende tres ordens de relações—patrimoniaes, pessoaes e sociaes. As primeiras têm por objecto os bens do casal, as segundas os direitos e deveres dos esposos entre si, as terceiras a conservação material

---

[1] Mantegazza, *Physiologie de l'amour*, pag. 159.

e a educação moral da especie. Estas relações nem sempre se distinguiram, ellas não se differenciaram sinão com o tempo. Não foi sinão quando deu-se a especialização entre as funcções patrimoniaes e as pessoaes, que o adulterio deixou de ser punido como um roubo á propriedade conjugal para ser considerado uma infracção do dever conjugal de fidelidade.

Tambem emquanto as relações individuaes se confundiram com as sociaes propriamente ditas, o adulterio passou como um odioso crime contra a communhão, punindo a lei com degradação civica o marido complacente, que procurava occultar o adulterio da mulher; hoje, dada a especialização das relações, é uma falta, cuja punição depende exclusivamente da vontade do conjuge offendido. Aqui se applica o principio, que Taine estendeu a todos os instrumentos, orgãos e associações: mais suas funcções se distinguem e se especializam, mais se circumscrevem e se oppõem.[1]

Aceita a distincção das relações, patrimoniaes, pessoaes e sociaes, que o casamento regula, comprehende-se o valor da argumentação de Chauveau e Helie: « A lei, está escripto na *Theoria do Codigo Penal*, não estabelece penas em favor do marido, mas em favor da sociedade. Não é porque o adulterio ultraje o esposo em suas affeições e sua honra que o erige em delito, é porque o adulterio é um mal moral, a violação de um dever; é porque fere direitos que ella consagrou, que são uma das bases da ordem social, e que ella deve proteger; é, sobretudo, porque á immoralidade e a desordem, que lança no seio da sociedade, quando torna-se publico, exigem uma repressão, que não é então sinão a justa sancção da moral publica. »[2]

Si não estivessemos no firme proposito de evitar o processo de oppor argumento a argumento, poderiamos responder que a tentativa de suicidio tambem é um mal moral, tambem fere direitos, que a sociedade consagrou, e que ella deve proteger; mas a lei não pune aquelle que tenta suicidar-se. Entre o terrivel dilemma— matar ou suicidar-se, o marido traido, que mata o amante da mulher,

---

[1] Taine, *Les origines de la France contemporaine, Le regime moderne*, tomo I, pag. 142.

[2] Chauveau et Helie, *Theorie du Code Penale*, n. 2863.

é punido, si suicida-se a sociedade lastima simplesmente a sua sorte. O negociante falido, que foge para salvar a sua liberdade, é perseguido pela justiça; o que suicida-se para não sobreviver á sua deshonra, fica rehabilitado em sua memoria. Só por ironia se poderia punir o adulterio em nome de uma sociedade, que só tem escarneo e ridiculo para as victimas da infidelidade conjugal.

Mas si a observação dos factos e a lição dos acontecimentos valem alguma coisa em *logica social*, então imitemos o exemplo da Hollanda, de Genebra, de Hamburgo, da Inglaterra e dos Estados-Unidos, onde o divorcio foi aceito como a unica sancção contra a infidelidade conjugal. [1]

ARTHUR ORLANDO

---

[1] *Completo trattato teorico e practico de Diritto Penale*, vol. II parte I A.

A SUPPOSTA GLACIAÇÃO DO BRAZIL

E' bastante singular que os erros de Agassiz, Hartt e Belt a respeito da glaciação no Brazil, tenham sido aproveitados não só por aquelles cujas theorias carecem do apoio que julgam encontrar nella, como tambem pelos que procuram por meio destes erros desacreditar o assumpto da geologia glacial. Creio que a materia tem sido geralmente abandonada pelos geologos por não ser caso provado, mas acredito que ninguem deseja ignorar a verdade « simplesmente por ella ser contraria ás suas idéas preconcebidas», como diz Wallace.

Na sua viagem para o Brazil em 1865, o professor Luiz Agassiz fez a bordo do vapor uma serie de prelecções, em que suggeriu aos seus ajudantes a possibilidade do continente Sul-Americano ter sido glaciado, e lembrou-lhes que era este um dos assumptos mais importantes para as suas investigações. Posteriormente eu soube pelo professor Hartt, que era um dos ajudantes, que estas prelecções os prepararam para se convencerem que tinha havido glaciação no Brazil, bem que elle proprio estivesse inclinado a pensar de modo contrario.

O livro de Mme. Agassiz mostra como o professor Agassiz, desde que desembarcou no Brazil até retirar-se, achou por toda a parte o que elle considerava evidencias da acção glacial. Nas montanhas dos arredores do Rio de Janeiro descobriu blocos erraticos, no Ererê, no valle do Amazonas, encontrou «os unicos blocos erraticos genuinos que viu em toda a estensão do valle do Amazonas» declarou que « não ha traço de terrenos terciarios» naquella região,

ao passo que explicou os sedimentos horizontaes daquelle valle como vasa depositada em aguas frias glaciaes, por traz de um enorme moraine terminal que se estendia através a embocadura do valle e do qual foi considerada um remanescente a ilha de Marajó; explicou os taboleiros como restos de sedimentos deixados quando as aguas, pela ruptura desta grande repreza, arrastaram para o mar a maior parte das camadas.

Elle contava achar no interior do Ceará o moraine lateral do lado meridional desta grande geleira, indo ao Ceará, descobriu em Pacatuba, perto da costa, o que considerava serem phenomenos glaciaes «tão legiveis como quaesquer dos existentes nos valles do Maine ou nos valles de Cumberland na Inglaterra».

Naturalmente estas opiniões foram recebidas no mundo scientifico com incredulidade. Conforme observa o Sr. Wallace «o professor Agassiz era tido como um maniaco da glaciação», mas as suas primeiras observações sobre as geleiras foram recebidas com igual incredulidade, de modo que as duvidas não depõem nem contra nem a favor.

O professor Carlos Frederico Hartt diz no seu livro que a principio duvidou muito da glaciação do Brazil, mas que afinal forçoso lhe foi ceder á evidencia descoberta por elle proprio, e confessar que Agassiz tinha razão. Deve-se notar que a impressão geral é que quando Hartt escreveu o seu livro sobre a geologia do Brazil, tinha estado muitos annos e viajado estensamente neste paiz, e que as suas conclusões são os resultados de todo o seu trabalho no Brazil. Isto está longe de ser exacto. Quando elle escreveu a *Geologia e Geographia Physica do Brazil*, tinha estado apenas anno e meio neste paiz; na sua primeira viagem chegou ao Rio de Janeiro a 23 de abril de 1865, e retirou-se em julho do anno seguinte; na segunda viagem foi até ao Pará, onde chegou a 11 de julho de 1867, e voltou do Rio em setembro do mesmo anno, não tendo gasto ao todo mais de dezoito mezes neste paiz até a época em que o seu livro foi para o prélo. A crença na glaciação do Brazil, expressa nesse livro, é portanto baseada sobre seus primeiros trabalhos aqui, os menos dignos de confiança. Mais tarde Hartt reconheceu isto inteiramente, e muitas vezes o ouvi dizer. «Quizera saber tanto geologia quando escrevi aquelle livro como sei agora».

Posteriormente fez varias viagens ao Brazil; em uma ao valle do Amazonas, examinou os taboleiros que Agassiz referiu á acção glacial, e os blocos que este chamou « os unicos blocos erraticos genuinos » que viu no valle do Amazonas. Já em 1867 o professor James Orton, que repelle a idéa da glaciação do Amazonas, descobrira em Pebas, nos suppostos sedimentos glaciaes, fosseis terciarios « marinhos ou antes de aguas um tanto salobras ». Em 1871 Hartt descobriu que os suppostos erraticos do valle do Amazonas eram blocos de decomposição oriundos de diques de trap á mão, e declarou que « nada viu, nem no Ererê, nem em qualquer outra parte do Amazonas, que suggerisse a glaciação». Elle ainda persistiu, comtudo, na idéa de que o planalto do Brazil ao sul tinha sido glaciado, Infelizmente Hartt não deixou outros testemunhos de suas vistas ulteriores sobre este assumpto; mas que ellas soffreram uma mudança radical, sei tão positivamente quanto se póde saber das opiniões alheias. Acompanhei-o ao Brazil em 1874, aqui trabalhei com elle até o seu fallecimento em 1878, e demorei-me ainda mais cinco annos, tendo permanecido ao todo oito annos neste paiz. Sob a sua direcção trabalhei mais ou menos nas montanhas do Rio de Janeiro afim de averiguar a evidencia da glaciação nessa região, e apraz-me dizer, em justiça á memoria e ao espirito scientifico do meu antigo chefe e amigo, que muito antes da sua morte abandonara elle inteiramente a theoria da glaciação do Brazil, quer geral, quer local, e que o assumpto deixara de merecer a sua attenção, até mesmo como uma hypothese para estudo. E' quanto basta dizer sobre as opiniões de Hartt.

Thomaz Belt, autor do *Naturalista em Nicaragua*, diz nesse volume que, apezar de não ser visivel nenhum signal de gêlo, elle observou « perto de Pernambuco, e na provincia do Maranhão, no Brazil, um grande deposito de *drift* que acredita ser de origem glacial». Vi e estudei os depositos a que Belt se refere, e a minha opinião é que, não obstante apresentarem certa similhança com o *drift* glacial, são inteiramente despidos de evidencia positiva de origem glacial. O methodo da sua formação é explicado noutra parte deste artigo.

Quanto á mudança de opinião do proprio Agassiz, julgo a proposito citar aqui o professor N. S. Shaler, seu antigo discipulo: « Tem havido grande discussão a respeito da antiga existencia de

geleiras no valle do Amazonas. Agassiz, a quem devemos a primeira suggestão do valor da glaciação como um grande agente geologico, pensava outr'ora que o valle deste grande rio tinha sido provavelmente a séde de uma geleira que se estendia desde os Andes até o mar. Esta idéa, que em rigor não era mais do que uma suggestão apresentada á discussão dos geologos, foi, creio eu, praticamente abandonada por este illustre naturalista antes da sua morte. (Nesta asserção inclui os resultados de varias observações feitas sobre este assumpto pelo meu fallecido mestre nos dois ultimos annos da sua vida. E' satisfactorio saber que o unico engano consideravel commettido por elle na materia da glaciação foi corrigido por suas proprias reflexões sobre o assumpto e reconheceu-se que era um modo de ver essencialmente erroneo. Houve tempo em que o fallecido professor Hartt, geologo do Brazil, pensava que alguns dos blocos existentes nos districtos montanhosos das vizinhanças do Rio de Janeiro eram de origem glacial, mas esta suggestão nunca foi submettida á discussão, e não póde ter peso contra a outra evidencia de valor negativo que mostra que a glaciação, salvo nos paizes montanhosos mais elevados nunca se estendeu ás regiões intertropicaes».

Em 1872 Agassiz atravessou o estreito de Magalhães como chefe dos trabalhos de historia natural da expedição Hassler. Nessa viagem tocou em Montevidéo e em muitos pontos ao sul daquelle lugar, através o estreito, e ao longo da costa occidental. As cartas que escreveu sobre esta viagem, suggerem fortemente, si não mostram concludentemente, que então elle tinha abandonado a idéa da glaciação do Brazil. Referindo-se a certos blocos que viu no Cerro em Montevidéo, Madame Agassiz observa que « eram estes os blocos erraticos e superficies glaciadas mais septentrionaes mencionados no hemispherio meridional », etc. D'ahi parece que elle já não considerava os blocos do Brazil como erraticos.

Agassiz, depois de ter examinado os phenomenos glaciaes do estreito de Magalhães e da parte meridional do continente, mandou um relatorio ao superintendente da *U. S. Coast Survey*, datado da bahia da Conceição em 1 de junho de 1872. Este relatorio mostra tambem que elle já não considerava o Brazil como tendo sido glaciado. Em um lugar diz : « Estou preparado para sustentar que *toda a extremidade meridional do continente Americano* foi uniformemente

modelado por um lençol de gêlo continuo». Os italicos são meus. No paragrapho seguinte diz: « As primeiras rochas *moutonnées* incontestaveis observei-as na costa mais proxima defronte do Cabo Froward.» Diz ainda : « O limite equatorial deste lençol de gelo, tanto no hemispherio septentrional como no meridional, faz parte do problema que menos conhecemos até hoje. Na America do Sul conheço agora os factos *desde o ponto mais meridional do continente sem interrupção até 37° de latitude S. na costa do Atlantico* tanto como na costa do Pacifico». Declara ainda ter descoberto a evidencia palpavel da glaciação « desde Montevidéo na costa do Atlantico até Talcahuano na costa do Pacifico». Falando da bahia da Conceição diz tambem : «Coisa estranha! Uma superficie caracteristica indicando acção glacial na latitude 37° S. ao nivel do mar !»

Estas citações mostram, tão claramente quanto póde mostrar uma declaração não absolutamente positiva, que Agassiz em 1872 já não considerava digno de confiança o que em tempo tinha como evidencias da glaciação no Brazil. Si elle ainda acreditava numa geleira no proprio equador, porque motivo nos falaria com pontos de exclamação ao cogitar numa geleira a 37.° mais proximos do pólo ?

Dar-me-ia por satisfeito deixando a materia com estas declarações das mudanças de vistas de ambos os partidarios da glaciação do Brazil, mas os que têm theorias mais ou menos baseadas na glaciação dos tropicos apresentam muita reluctancia em acreditar, á vista das muitas declarações positivas tanto de Agassiz como de Hartt, e da evidencia apparentemente fidedigna adduzida por elles, que as primeiras impressões daquelles excellentes observadores, ambos profundamente familiares com os phenomenos glaciaes do norte, fossem inteiramente erroneas.

Não é possivel, nem é necessario, enumerar aqui os casos individuaes citados por Agassiz e Hartt como evidencia da acção glacial. Quasi todos os materiaes referidos por elles ao *drift* estão incluidos em duas divisões principaes: Primeira, os chamados blocos erraticos, muitas vezes enterrados, no que se considerou como *boulder-clay*. Segunda, materiaes gastos pelas aguas transportados.

Os blocos julgados erraticos não são erraticos no sentido restricto da palavra, posto que não estejam sempre *in situ*. Os primeiros e os mais communs são blocos de decomposição, arredondados ou sub-angulares, provenientes da deterioração do granito ou

do gneiss. A's vezes estão enterrados em argillas de residuos e conseguintemente não estratificadas, formadas pela decomposição *in situ* da rocha circumdante. E todos têm ouvido falar da grande profundidade em que as rochas se decompõem no Brazil. A verdadeira origem destes blocos e das argillas associadas é muitas vezes mais ou menos obscurecida pelo deslizamento dos materiaes, ou, nos districtos montanhosos, pelos escorregamentos das terras, grandes ou pequenos, que põem toda a massa numa confusão exactamente similhante a que é tão commum nos verdadeiros *boulder-clays* glaciaes.

Nesta conformidade não será demasiada toda a importancia que se der aos escorregamentos das terras; elles são muito communs nos lugares montanhosos do Brazil, e, além das estriações profundas e do faceamento, produzem phenomenos que, em pequena escala, assemelham-se muito notavelmente ao *till* glacial.

A circumstancia de serem os blocos de varios tamanhos, ás vezes de dez a vinte pés de diametro, e estarem misturados com fragmentos de quartzo derivados dos veios que atravessam as rochas cristallinas de que são oriundos, augmenta a similhança destes materiaes com certos productos glaciaes. Estes blocos, comtudo, não se limitam de modo algum ás vizinhanças do Rio de Janeiro, mas são communs por toda a parte do Brazil onde ha granitos ou gneisses. Foram vistos por mim no valle do Amazonas (rio Araguary) no interior de Pernambuco, Parahyba do Norte, Alagôas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo, Paraná e Mato Grosso.

As posições em que muitas vezes se acham estes blocos são dignas de nota, posto que quem se dispuzer a olhal-os como blocos transportados não queira provavelmente considerar as suas posições como incompativeis com a theoria glacial da sua origem. Elles abundam perto das bases das colinas e montanhas de granito, onde se formaram pela exfoliação das grandes lages e blocos produzidos pela destruição secular das collinas e montanhas. Ha centenas de blocos brutos na base sudéste do Pão d'Assucar, na entrada do porto do Rio, na base léste do Corcovado, e perto de todas as montanhas similhantes das vizinhanças do Rio de Janeiro. Repousam sobre os cumes e margens dos altos e pontudos picos montanhosos. No cimo do Pão d'Assucar, na entrada do porto do Rio, por exemplo, ha varios destes blocos, um dos quaes tem trinta pés de diametro;

o pico da Gavea, montanha cujo cimo é plano, ao sudoéste do Rio, tem centenas de blocos no seu cume. Agassiz menciona estes blocos nas margens de bacias rochosas (Viagem, 493). Elle viu-se embaraçado para explicar como massas de rocha soltas, descendo de taes alturas caíam nas margens destas bacias, em vez de rolarem até o fundo. O facto é que os blocos referidos originaram-se, não naquellas alturas, mas justamente aonde jazem hoje, como bem mostram os veios de quartzo que ás vezes passam dos blocos ás rochas sobre que assentam.

Em algumas partes baixas da bahia do Rio de Janeiro, pequenas ilhas de outr'ora cujo sólo de residuos foi removido projectam-se hoje fóra d'agua em forma de aggregados de taes blocos. Na ilha de Paquetá existem alguns bellos exemplos desses blocos jazendo á tona d'agua.

JOHN C. BRANNER.

(*Continúa*)

BIBLIOGRAPHIA

61.—**Chorographia do Brazil**, Atlas texto para uso dos Gymnasios e Escolas Normaes por Alfredo Moreira Pinto, 5ª edição, illustrada com 23 cartas, Curso superior, Alves & C. Rio de Janeiro e S. Paulo, 1895, 272 pags.

Como todas as obras do mesmo A. se resente esta de falta absoluta de methodo e de qualidades didacticas. Em obra destinada ao ensino normal primario, que é o nosso, e ao nosso elementar ensino secundario, são inteiramente impertinentes as descripções geologicas, (17—19) integralmente transcriptas da edição brazileira de Wappeus, descripções que mesmo muitos dos nossos professores e autores de compendios de geographia não comprehenderão. O mesmo reparo cabe á parte botanica e zoologica (21—25), tambem integralmente transcripta de Wappeus. Do mesmo Wappeus—aliás o A., salvo um ou outro esquecimento, o cita—são os longos §§ relativos a area e limites, aspecto physico e montanhas, estructura geologica, hydrographia. Das 66 columnas de texto desta parte geral (o livro é em 3 columnas por pagina) mais de metade pelo menos pertencem a Wappeus e aos seus corretores ou ampliadores brazileiros. A descripção dos rios do Amazonas é por igual feita com transcripções, assim a do aspecto do estado do Pará, clima, rios, ilhas, agricultura do mesmo estado. Todo o livro aliás é assim feito de transcripções ou de simples *démarquaje* dos textos primitivos, transcripções as mais das vezes descabidas e impertinentes em obra didactica e frequentemente mal cosidas entre si. As discussões de limites, a citação de documentos diplomaticos, trechos de relatorios administrativos, são incongruentes em um compendio escolar, como descabidas são as citações em lingua estrangeira e mesmo as estensas notas eruditas em baixo de cada pagina. O A. devia dar-se ao menos o trabalho de traduzir. Aliás o trabalho proprio do A. neste compendio é insignificante, quasi nenhum mesmo, ou apenas material, de pura transcripção. Tres quartos sinão mais do livro são seguramente de longas citações, muitas inteiramente desapropositadas, como as já referidas e as dos relatorios ou quer que é do Dr. Martins Costa com os quaes o A. fez quasi invariavelmente a parte do livro relativa ao clima, mostrando assim que confunde geographia medica com clima geographico e pondo os alumnos em difficuldades diante dos termos technicos de que estão inçados os estudos daquelle medico. Certo ninguem exigia que o A. fizesse obra nova; os accidentes e phenomenos geographicos sendo os mesmos, não podia elle sinão repetir os que os estudaram antes delle. Um livro didactico, porém, não póde ser uma simples compilação de textos não

destinados primitivamente ás aulas, alguns mesmo de sciencia fóra do alcance não só dos alumnos, como até dos professores. Uma obra didactica do genero desta, um livro destinado ao ensino secundario, deve ser antes de tudo uma obra de assimilação perfeita e capaz por sua vez de ser assimilavel. O A. desta infelizmente não o entendeu assim e ao trabalho de assimilação preferiu o da cópia, infinitamente mais facil, mas que tornou o seu livro, bom e util a muitos respeitos, indigesto e ruim como compendio.

Além do grave defeito apontado, outros existem nelle que merecem notados. Não ha, por exemplo, nenhuma proporção entre as differentes partes não só do compendio como dos respectivos artigos, nem na sua redacção é, como se exige em livros taes, seguido o mesmo systema, a mesma ordem, o mesmo methodo de exposição. O livro dá em geral a idéa de uma collecção de artigos, de um diccionario ou antes de notas, preciosas muitas, porém mal dispostas, arrumadas para servirem de compendio. O A. tem o systema de enumerar as cidades e villas por ordem alphabetica o que, apezar de algum exemplo francez que me pudesse citar, constitue um erro de methodo em geographia. Os centros de povoação e civilização devem ser correlacionados com os accidentes ou aspectos geographicos, bacias fluviaes, zonas caracteristicas, regiões geographicas determinadas. Outro é o uso pedantesco de denominações como potamographia, nesographia, plutonographia, vulcanographia etc., com que a nossa sciencia de decima mão (note-se esta tendencia nos nossos estudos grammaticaes) alardêa uma erudição inutil, van e, por via de regra, falsa.

A impressão excellente deste livro, as cartas, aliás defeituosas e pouco prestadias que o acompanham, as constituições federal e estaduaes transcriptas nelle por extenso, ajudam muito a valorizal-o. Em summa, como compilação ou repositorio de noticias geographicas sobre o Brazil é, sinão bem feito, muito util; como compendio, porém, parece-me defeituosissimo. Mas, tal é a nossa pobreza no que respeita a literatura escolar que este, nada obstante os defeitos apontados e outros que fôra facil apontar, é o melhor que temos, corrigidos que lhe sejam os senões por um mestre sabedor e criterioso.—J. V.

LIVROS E FOLHETOS

* A Intervenção Estrangeira Durante a Revolta, A intervenção das potencias, O controle naval na bahia do Rio, A acção do almirante Benham, O asylo a bordo das corvetas portuguezas, por Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro. Typ. Leuzinger, 1896, in-8º gr. XI—144 pags.

* Nullidades dos Actos Juridicos, por Martinho Garcez, Obra premiada pelo Instituto da ordem dos advogados brazileiros, Rio de Janeiro, nas livrarias de Cunha & Irmãos, 1896, in-8° gr. XII—278—6 pags.

Geographia Elementar adaptada ás escolas publicas primarias, 4ª edição revista e ampliada com 28 mappas, por Tancredo do Amaral, Alves & C., Rio de Janeiro e S. Paulo, 1896, in-12, XX—213 pags.—Este livro, cheio de dedicatorias como uma these de doutorando de medicina, continúa a tradição dos nossos maus compendios de geographia, a arida nomenclatura, sem nenhuma intelligencia do novo espirito da sciencia. O livro está muito bem impresso e pelo aspecto material ao menos é superior aos seus congeneres.

Os livros precedidos de * asterisco serão objecto de noticias ou artigos especiaes.

* Os Brilhantes, psychologia de um criminoso, de Rodolpho Theophilo, Ceará, Cunha, Ferro & C., 1895, 2 vols. 246—241 pags.

* Ensaios de Philosophia do Direito por Sylvio Roméro, com um appendice (Que é Direito ?) por Gumercindo Bessa. Cunha & Irmão, editores, 1895, XVI—307 pags.

A Exposição Artistica e Industrial do Lyceu Benjamin Constant e os expositores de 1895, por Ignacio Moura, Belém (Estado do Pará) 1895, 202 pags. retratos e vistas lithographicas.

Almanach Paranaense para 1896, por José Gonçalves de Moraes, 1º anno, Curityba, Jesuino Lopes & C., 162 pags.

Perfil Biographico do Dr. Bernardino de Campos, por um contemporaneo, S. Paulo, Oscar Monteiro, editor, 1895, 118 pags.

Annuario Medico Brazileiro, pelo Dr. Carlos Costa, novo anno, 1894, Rio de Janeiro, 1895, VII—157 pags. Desta util publicação occupou-se o fasc. desta *Revista* de 1 de agosto de 1895.

Insulares (1885—1895), poesias por Xavier Marques, Bahia, 1896, 101—II pags.

Quadros Patrios, por Henrique Lisboa, Rio de Janeiro, 1896.

Amor, por Figueiredo Pimentel, Rio de Janeiro, Fauchon & C., 1896 in-16. 59—II. pags.

São 53 sonetos, geralmente bem feitos, dando uma e outra vez a impressão do «sentido», mais faceis que distinctos, sem nenhuma qualidade especial notavel nem no fundo, nem na fórma. Eis um delles :

Viéste. Ao mesmo tempo o sol, de rosa,
ouro e prata tingiu o firmamento,
com tal fulgor e tal deslumbramento,
que a manhan se tornou mais radiosa.

Emquanto foste junto a mim, o vento,
por entre a ramaria rumorosa,
cantava uma canção mysteriosa,
as folhas verdes agitando, lento.

Cantavam rindo as coisas mais suaves ;
as aguas mansas, o arvoredo, as aves,
o céu, o bosque, o mar, a flôr, o fructo,

Mas assim que te foste, a natureza,
cheia de sombras, cheia de tristeza,
vestiu de novo o negro véu de lucto.

* Direito das Obrigações, por Clovis Bevilaqua, Bahia, Luiz da Fonseca Magalhães, editor, 1895, in-8º, 478 pags.

* Direito da Familia, por Clovis Bevilaqua, Recife, Ramiro C. da Costa & C., editores, 1896, in-8º, 605 pags.

A POLITICA

A vida de uma nação é exactamente similhante á vida do homem, neste sentido que só póde manter-se quando cada orgão exerce a sua funcção, e quando todos os orgãos funccionam harmonicamente. E' sabido o caso dos surdos que têm a vista muito aguda, e dos cegos que têm o ouvido e o tacto muito apurados; mas a agudeza da vista não suppre o ouvido, como a extrema sensibilidade do tacto e do ouvido não torna menos lamentavel a falta da vista.

Os povos ainda estão longe do grau de civilização em que dispensam governos e tão longe estão desse ideal que os individuos que os constituem não só precisam de quem os governe, como de quem os puna quando commettem delictos; mas assim como a vingança não é punição de crime, assim como o lynchamento é mais barbaro muitas vezes do que o criminoso que delle é victima, e só póde ser considerado punição aquillo que é previsto em lei, e applicado por meios que a lei indica, assim tambem os povos só se podem considerar bem governados quando o governo é exercido por quem de direito.

Quando uma funcção politica se desloca, quando é exercida por outro orgão que não aquelle a quem de direito incumbe, o primeiro effeito dessa deslocação é o desprestigio do orgão de que outro usurpou a funcção, porque se presume que esta absorpção significa da parte de quem a exerce a declaração de que o outro se revela incompetente para desempenhar-se do seu encargo.

E si a absorpção produz os seus effeitos sem que o orgão virtualmente deposto lute para fazer valer os seus direitos, não ha mais equilibrio possivel, não ha mais meio de restabelecer a saude no organismo politico, fatalmente condemnado pela perda de um orgão, porque é regra que o orgão que não funcciona atrophia-se. Por sua vez, o orgão que usurpou a funcção alheia não tem os elementos constitutivos necessarios para exercel-a cabalmente, e tem de fazel-o sempre deixando perceber a predominancia da sua funcção natural.

E' que ao braço esquerdo incumbe funcção muito diversa da do direito. Si por effeito de um exercicio methodico e continuado, elle chega a adquirir mais vigor que o habitual, tanto melhor se esse vigor só é empregado como tal, quando as occasiões o exigem; mas si o vigor adquirido se illude sobre a orbita em que deve exercer-se, e julga que é a elle que compete ditar todas as leis, e se arroga as funcções do braço direito, estas têm inevitavelmente de ser exercidas sem o caracter que lhes é proprio. E' que uma coisa é o vigor, e coisa bem diversa a destreza; a força não substitue o tacto, a violencia não equivale á habilidade. O natural é que o braço direito recorra ao auxilio do esquerdo quando se torne precisa a força; mas si esta pretende ser a *suprema ratio*, o braço direito decai da realeza de suas funcções, e passa a ser o instrumento daquelle que deveria servil-o.

Infelizmente um povo é um organismo muito mais complicado que o complicadissimo organismo humano.

As influencias de classe, de educação, de temperamento individual, as ambições confessaveis ou não, as rivalidades, os despeitos, a exaltação patriotica, e outros tantos elementos, uns bons, outros maus, concorrem para formar diversas correntes que se cruzam, que se combatem, e que bem raro concorrem para um fim unico, salvo nos casos de aggressão estrangeira.

O meio unico de manter o equilibrio é o cumprimento da lei, mas esta deve ser feita e executada por aquelles a quem cada funcção compete.

Em tempos anormaes, quando a lei é ferida de frente por um grupo mais ou menos numeroso, de que se não sabe si tem cumplices mais ou menos disfarçados, seria inepcia combatel-o só pelos meios legaes, e então, por consenso prévio, todos os poderes se concentram em um só, e esse, cujo principal elemento é então a força,

faz a lei, executa-a, julga, condemna. Ainda assim, nos paizes constituidos, é de uso exigir de quem teve de assumir tão graves encargos contas exactas do modo porque se houve, e si fez mais do que a rigor era necessario fazer.

Em tempos normaes, porém, é indispensavel que cada coisa esteja no seu lugar, que cada orgão exerça a sua funcção, que cada cidadão cumpra o seu dever. E para a ordem politica é tão pernicioso o desconhecimento do dever por parte daquelle que o não cumpre, como por parte daquelle que se illude e considera seu dever o exercicio de funcção alheia.

Em qualquer destas duas hypotheses, ha um processo revolucionario e a lei soffre tanto em um caso como no outro. Acresce que a revolta é um processo que se revela francamente tal qual é, e contra o qual todos os meios de repressão são licitos e sympathicos aos amigos da lei; ao passo que, quando ha o que se poderia chamar a usurpação do dever, parte do espirito publico póde ver só as boas intenções em que assenta a illusão que move o usurpador, e por sua vez transviar-se e enveredar pelo mau caminho. E o perigo está em que, dado o primeiro passo, aquelle que absorveu funcções alheias e viu que contra o seu proceder não reclamava o prejudicado, tem ensejo de julgar da capacidade de resistencia deste ultimo, comparal-a com a força de absorpção que foi posta em jogo, e ter tentações de applical-a de novo em outras situações, levado sempre pela convicção de que está fazendo o bem. E' innegavel, porém, que por este meio póde-se chegar á anarchia.

Não é necessario dizer aos leitores da *Revista Brazileira* que estas considerações nos acodem á penna a proposito da moção do Club Militar que, a uma parte do espirito publico, se afigurou um acto de significação perigosa. Uma carta do Sr. Dr. Thomaz Cavalcanti explica as intenções dos promotores da reunião. Tratava-se, diz S. Ex., de rebater os boatos que insinuavam que os propagandistas da restauração andavam tentando subornar o exercito, e de fazer saber ao mesmo tempo aos restauradores que o exercito é inteiramente dedicado á causa republicana.

De perfeito accôrdo quanto ás intenções; mas no que não ha duvida é que as deliberações collectivas das classes armadas em materia politica, em tempos normaes, saem absolutamente das regras pelas quaes se governam os paizes constituidos.

Quem primeiro deu importancia aos boatos que precederam á reunião do Club Militar foram os promotores dessa reunião; dir-se-á que eram elles os mais directamente interessados, por isso que esses boatos eram desairosos para uma parte da classe; mas o facto é que ninguem lhes ligou valor, a tal ponto que nem a imprensa os registrou, antes da reunião, nem mesmo a titulo de simples boato. Si alguem tivesse cogitado que nos boatos havia algum fundo de verdade, para quem se voltariam as vistas dos amigos da ordem? a quem se pediria que tranquillisasse o espirito publico, dizendo se tinham sido tomadas as medidas necessarias para frustrar as intenções dos perturbadores da ordem?

Naturalmente ao governo, porque esse é que é o primeiro responsavel pela ordem e pela estabilidade das instituições.

No emtanto, o que aconteceu?

Não se acreditava nos boatos, e veiu por elles responder o Club Militar. Ora em épocas normaes, o Club não tem autoridade para falar directamente á Nação, não é um poder, nem um dos orgãos da opinião, e si a moção tranquilliza alguns espiritos quanto á possibilidade de haver no exercito duas opiniões respeito á fórma de governo, inquieta entretanto outros por esta idéa de que uma parte do exercito pretende exercer ainda sobre a governação do paiz uma influencia que não está de perfeito accôrdo com o regimen democratico que a Nação adoptou.

O que essa parte da opinião receia é que a moção firme precedente, é que o governo tendo feito a ella referencia lisonjeira em circular que dirigiu pelo telegrapho aos chefes dos estados, fique desarmado para reprovar em principio, em outras occasiões, qualquer intervenção directa e collectiva das classes armadas nos negocios politicos.

Ora, diante da campanha que fazem os adversarios das instituições, do que se precisa justamente é que todos os republicanos se unam, mas mantendo-se cada um rigorosamente em seu posto; no emtanto, a moção militar faz recear uma deslocação de força, uma substituição de autoridade que redundam em desprestigio da autoridade suprema e unica, a quem cabem todas as iniciativas, e sobre quem recaem em definitiva todas as responsabilidades.

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

Março **15**. Tremor de terra em Valparaiso (Chile).—**16**. O governo inglez resolve uma expedição militar a Dongola para evitar a incursão dos Derviches no Alto Egypto. — O governo chinez franqueou ao commercio e a navegação universaes o porto de Cantão no Tchu-Kiang. — Tremor de terra em Mendoza (Argentina).—**21**. A camara italiana approva o credito de 140 milhões de libras pedido pelo governo. — O Club Militar desta cidade em sessão numerosa especialmente convocada vota a seguinte moção: «Os officiaes de terra e mar, reformados e honorarios profundamente sensibilisados com os perigos e ameaças de que é objecto a propria existencia da Republica, cujas instituições pretendem mais uma vez grupos facciosos subverter, resolveram em sessão do Club Militar afirmar o presente pacto de solidariedade para a resistencia a todo o transe contra qualquer tentativa de mudança do regimen de governo, que tem creado a prosperidade e a grandeza dos estados da Confederação Brazileira. Declaram que essa resistencia é sem limites, conscios de que é preciso livrar de uma vez a nossa Patria de tão audazes perturbações, como as que têm provocado contra a sua paz e socego os trefegos ambiciosos, que teimam em felicitar-nos novamente com uma fórma de governo cujo passado foi apenas causa da pobreza e retrogradação do Brazil. Como ultima expressão de seus sentimentos, as corporações armadas declaram que os destinos da Republica acham-se identificados com a propria honra militar. Esta attitude das classes armadas será levada ao conhecimento de todos os camaradas das differentes guarnições e districtos, afim de chamal-os a cooperarem na obra da salvação das instituições, lembrando-lhes apenas que a orientação de conducta dos militares é:— Tudo pela Patria contra seus inimigos externos e tudo pela Republica contra os máus cidadãos que procuram cevar suas torpes ambições na ruina da liberdade e da fortuna nacional». — **24**. O senado americano resolveu submetter de novo a exame de uma commissão a questão da belligerancia dos cubanos.—**25**. Morte do general Hippolito, presidente do

Haiti.—**26**. Morte nesta cidade do Dr. Americo Braziliense de Almeida e Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal. Nasceu em S. Paulo a 8 de agosto de 1833, formou-se em direito naquella cidade em 1855, doutorando-se em 1860. Foi deputado provincial e geral, presidente das provincias da Parahyba e Rio de Janeiro. Em 1870 assignou o manifesto republicano, sendo em S. Paulo um dos principaes chefes da propaganda no jornalismo e pela imprensa. Feita a Republica foi governador do Estado de S. Paulo e ministro do Supremo Tribunal Federal. Escreveu *Lições de historia do Brazil* e *Os programmas dos partidos*. Era lente jubilado da faculdade de direito daquelle estado.—A commissão da caixa da divida publica do Egypto, contra a opposição e protestos dos representantes da Russia e da França, votou um credito de 500 mil libras esterlinas para a expedição de Dongola.—A commissão mixta adoptou a resolução do senado americano sobre a belligerancia de Cuba.—Fallecimento em Cachoeira do Dr. Aristides Lobo, senador pelo Districto Federal, propagandista da Republica e membro do Governo provisorio.—**27**. Tomou posse o novo governador do estado do Rio Grande do Norte, Dr. Chaves Filho.—E' creado e organizado pelo governo chinez o serviço postal.—**28**. Demissão do Sr. Berthelot de ministro de estrangeiros em França. E' substituido pelo Sr. Bourgeois.

GIOVANNINA [1]

QUADRO SEGUNDO

O grande navio debate-se nas ondas, parecendo que nunca ultrapassa o centro do circulo formado pelo céu e o mar. O firmamento cobre o oceano como campanula immensa. Dentro dessa campanula, dir-se-ia que, similhante a um insecto prisioneiro, o paquete doudeja, unico ponto fixo do movediço pavimento verde, tentando em vão se aproximar das curvas paredes azues.

Centenas de emigrantes se agglomeram na prôa : — jovens, velhos, mulheres, crianças promiscuamente, sentados no convez, encostados á amurada ou ao mastro, debruçados sobre as aguas, estendidos resupinos sobre rolos de cordas. Descascam estes batatas e frutas ; jogam aquelles dados ou cartas, acocorados ou de bruços, um dos cotovellos fincado no chão ; conversam terceiros, fumando ; mulheres cozem, a cantarolar ; lavam outras em pequenas bacias peças de roupa que seccam expondo-as ao vento ; outras dão de mamar a recem-nascidos ; meninos brincam ás soltas, tropeçando nos corpos que atulham o ambito escasso ; anciãos dormitam ou scismam, immoveis, ao sol. Ali um marcineiro acepilha com um canivete tóros de madeira ; acolá, em meio de um grupo, um adolescente toca uma sanfona. Alguns enjoam ainda, a face livida e decomposta. E, dissimulando-se a um canto, enxuga lagrimas uma rapariga a ler e reler amarrotada carta.

Indescriptivel variedades de typos, de trajos, de dialectos ! Ao lado de individuos altos, membrudos, aloirados, feições germanicas, notam-se descendentes de etruscos, curtos e grossos, espadoas vigorosas, craneo deprimido, coberto de negro cabello ondeado. Physionomias angelicas a par de caras patibulares : rostos de Madona, de Minerva, de apostolo, de nazareno, de salteador ; a nobre serenidade da figura grega, o apaixonado aspecto da arabica, — traços irregulares e cheios de expressão, infantes de boca fina, olhos amplissimos de extraordinario brilho. Com representantes da Emilia, de semblante energico, revelando paixões vehementes e força para servil-as, perfis de heróes e de criminosos, emparelham toscanos graciosos e amaveis, maneiras mansas, denotando amor á arte e á vida, ou napolitanos que pulam e gritam numa desencontrada série de espectaculosas impressões. Filhas de Basilicata, airosas, soberbas de esbelteza e agilidade, ou delicadas e esquivas naturaes de Bagnara, contrapõem-se ás pesadas e desenvoltas mulheres de Cardeto, munidas de tetas abundantes de amas de leite. Os que nasceram em portos olham familiarmente as ondas ; os oriundos das montanhas ou da beira dos lagos não cessam de admirar, entre medrosos e encantados, a agitação perpetua da immensidade liquida. Ha singulares roupas de velludo, orelhas masculinas com brincos chapéos desabados providos de plumas, polainas de couro pregadas ás calças, enorme

[1] Veja a *Revista* de 1 de abril.

cordões de ouro segurando veronicas, barbas intonsas, cabelleiras femininas opulentas, dispostas numa infinidade de trancinhas. Trouxas e bahús escancarados exhibem um mundo de objectos e utensilios domesticos.

Pelos orificios das escotilhas, donde pendem ingremes escadas e saem emanações acres, lôbrigam-se na penumbra da coberta, como num subterraneo, vultos de gente prostrada em redes ou nas apertadas gavetas dos beliches.

Longe, para a popa, divísa-se um official trepado no passadiço, a passeiar, empunhando o binoculo com que de minuto a minuto consulta o horizonte ; e, em baixo, damas e cavalheiros de primeira classe reclinados preguiçosamente em cadeiras de lona.

Rumores trepidantes se emmaranham no ar. Prevalece a palpitação marulhosa da helice. Aragéns assobiam de vez em vez nas cordagens. E o navio caminha sempre, carregando aquelle desordenado exercito de profugos da miseria, levados da esperança, o guia temerario e fallaz. Lá se vão á conquista do futuro duvidoso. Serve-lhes de flammula a fita de crepe que a fumaça desenrola no espaço e da qual se esgarçam e pairam flocos esparsos, lembrando plumas caidas de gigantesco passaro preto.

Isabella, a costura no regaço, boceja de tedio. Benedetto, ao lado della, folheia um guia de emigrantes. Giovannina penteia carinhosa o cabello a Luigi.

Isabella

Faz vinte longos dias que partimos. Sempre mar e sempre céu. Nunca imaginei que houvesse tanto céu e tanto mar.

Benedetto

Não tarda o fim. Hoje mesmo talvez avistaremos terra. Felizmente o tempo abonançou.

Isabella

Si continuasse como em começo, eu morreria ; morreriamos todos. O terrivel enjôo, esta vasta reunião de desgraçados, a falta de commodos, a mudança de habitos, a dôr d'alma por haver abandonado tudo quanto até agora nos fôra caro... Oh ! Como soffri ! Quantas vezes amaldiçoei a hora em que deliberamos partir e roguei á Immaculada Madona, cuja imagem não me deixa, que acabasse de uma feita com a nossa existencia de supplicios !

Benedetto

O peior está passado. E, graças a ti Giovannina, não fomos dos que mais padeceram. Que energia, que calma, que bondade a tua ! Pareces um marinheiro velho, tu que jámais sairas do lar ! Sem ti, não sei o que seria de nós,acabrunhados como ficamos nos primeiros dias. E não foste util sómente a nós. A todos os emigrantes tens prestado serviço, auxiliando a uns, consolando a outros, distraindo as crianças, até interpretando queixas perante o commissario, tão brutal por indole, e que apenas a ti escuta a sorrir. Não ha quem te não adore. E' um milagre o como entendes os varios dialectos que aqui se falam.

Denominam-te a providencia de bórdo, e, com effeito, possues o condão, que ninguem suspeitava, de dominar num relance vontades e corações.

Giovannina

Como é exagerado o amor paternal! Nada fiz que mereça louvores, pois satisfiz apenas, sem reflectir, os meus instinctos, melhorados pela educação que me déstes.

Benedetto

Encheste-me de alegria e orgulho. Pudesse eu dizer o mesmo de teu louco irmão que ficou e a quem facultei educação superior á tua!

Isabella

Pobre Gualtiero! Apezar da frieza com que se separou de nós e da teimosia de querer ficar, não me esqueço delle um segundo. Enchem-se-me os olhos d'agua ao recordal-o tão intelligente, tão bravo... Que estará elle fazendo? Que estará elle fazendo? Tremo, ao pensar em suas idéas revolucionarias. Aquillo passará. No fundo, elle é meigo, justo, puro! Meu querido filho!

Benedetto

Cumpra-se o seu destino, como elle proprio disse. E' homem e tem instrucção, abrirá caminho por si só. E tu, Luigi, tens gostado do nosso passeio?

Luigi

Tenho gostado muito, muito. O navio é como um palacio que se mexe. E' pena só que nesse palacio não haja arvores e flôres.

Giovannina

E' mais do que um palacio, é uma cidade que anda. Encontram-se aqui os successos, as paixões, as desigualdades, os recursos que presumo existirem numa vasta capital. Nascimentos, obitos tem occorrido. Uma cidade suspensa sobre um abysmo! Nas noites sem somno, ponho-me a meditar no como somos pequenos, miseraveis e, todavia, ditosos! Abrisse um pouco as fauces, num espasmo raivoso, o monstro que nos carrega em seu dorso, e nos tragaria a todos, cidade e habitantes, mais facilmente do que tu, meu guloso Luigi, costumas engolir uma cereja.

Isabella

Nada menos de nove pessoas têm aqui expirado, depois que partimos. Como é lugubre vêr os cadaveres, amortalhados de saccos, pesos enormes nos pés, arrojados ás profundezas incognitas! Nos cemiterios pullulam os vermes, mas as ossadas repousam ao lado umas das outras. Junta-se aqui ao horror da morte o horror da solidão. Que coisas tenebrosas occultará o seio do mar?

Benedetto

Em compensação, uma meia duzia de creaturinhas despontou aqui á luz do dia. Curiosas essas! Nunca lhes será dado assignalar o ponto exacto

onde tiveram o berço. Assistiria razão á Gualtiero no affirmar que a idéa de patria não passa de uma ficção?!

Giovannina

Mas quanto espetaculo novo, quantas scenas maravilhosas nos têm tornado a vida mais digna de viver! Um prodigio a cruz de estrellas que contemplamos, ha algumas noites, no firmamento! Olhando para ella, parece á gente que a natureza inteira offerece as consolações divinas de um templo.

Isabella

Feliz genio o teu, minha filha! Não desanimas nunca. Tu'alma é um setim brando e forte, com uma orladura de ouro:—a fé.

Giovannina

Confio em Deus, confio no porvir. A nova terra nos será propicia.

Isabella

E já pensaste, Benedetto, no que faremos ao desembarcar?

Benedetto

Estava exactamente estudando isso neste livro. Ao desembarcar, disporemos de hospedaria gratuita por alguns dias. Partiremos depois para o interior, onde o clima é mais benigno e mais generosa a remuneração. Na propria hospedaria, ha grande procura de serviços. Iremos empregar-nos em alguma vasta propriedade agricola, chamada fazenda. Na fazenda, o dono dar-nos-á casa de morada e adiantamento de dinheiro para comprar um cavallo, uma vacca e os generos de primeira necessidade. Ao cabo de curto prazo, não precisaremos sinão de assucar e sal, pois produziremos tudo o mais.

Isabella

Mas qual a nossa occupação?

Benedetto

Trataremos da cultura do café, tarefa suave e facil comparada com as da Europa. Só se trabalha para o patrão durante certos mezes. Sobeja tempo para cada um cuidar de si. Vive-se em perfeita independencia. Possuirás uma criação de aves domesticas de que tanto gostas, Isabella; um pomar, tu, Luigi; um jardim, tu, Giovannina. Na colheita, trabalharemos em commum e ganhará toda a familia. Até o pequeno Luigi ajuntará o seu peculio. Ha outras collocações para o emigrante. Prefiro, porém, a da fazenda porque, sem nada despender, auferiremos lucro desde logo, adquiriremos conhecimento do paiz, nos habituaremos aos usos e ao clima. Ao fim de um anno, seremos tambem proprietarios ou procuraremos, á vontade, posição melhor. Que achas Isabella?

Isabella

Repito o que constantemente digo: acho bello de mais. Receio o despertar amargo de um sonho insidioso. Sempre peccaste por credulo e confiante em extremo, Benedetto.

Benedetto

E tu por demasiado desconforto. Para que palavras de desalento quando mal encetamos vida nova? Empresta á tua mãi um pouco de tua coragem e de teu bom humor, Giovannina.

Isabella

A tua vontade, Benedetto, sempre dominou a minha. Deliberaste partir: accedi, deixando o meu prezado Gualtiero. Nunca pensei que abandonaria o canto onde nasci, casei-me, morreram meus avós e pais, vieram ao mundo meus filhos. Eis-me agora á mercê do mar. Ousada aventura! Permitta Deus que não nos arrependamos. Santa Madoña, amercia-te de nós.

Benedetto

E' tarde para reflexões. Não fizemos mais do que imitar o exemplo geral. Hoje na Italia todos os pobres emigram. Vai aqui a bordo uma aldeia inteira com as autoridades e o padre.

Isabella

Sim, é tarde para reflexões. Mas, não sei porque, com a aproximação da chegada apertam-se-me as recordações do nosso lar repudiado, dos objectos que nos haviam acompanhado desde a infancia. Pobres objectos! Haverá uma alma nelles? Não lhes notaste um ar reprehensivo e melancolico quando os alienamos? Não os verei mais. Sinto-me triste... sinto-me triste. Meu coração parece uma casa onde se vão fechando as portas, cerrando as janellas, apagando as luzes.

Giovannina

No meu, ao contrario, raia uma alvorada: ha sol, rumor, agitação, tudo se abre ante horizontes sem fim.

Um emigrante (*aproximando-se, no meio de outros*)

Como vais, Benedetto? Como vais, bella Giovannina? Parece que emfim estamos prestes a chegar?

Benedetto

Conversavamos sobre isto. Aqui a minha velha está com medo. A' ultima hora brotaram-lhe apprehensões.

O emigrante

Medo? Apprehensões? Eu tambem acredito em maus olhados e azares. Mas para combatel-os trouxe infallivel remedio.

Benedetto

Qual é?

O emigrante

Um chifre alentado de quasi um metro de estensão, tirado de um daquelles bois pardos, semi-selvagens, os quaes, ao que se affirma, descendem dos que seguiram o velho povo dos Hunnos em antigas invasões da Italia.

Outro emigrante

Para conjurar os taes perversos de olhos redondos e nariz recurvo, cujo nome pronuncio tremendo — *os jettatores*, não ha nada como figas de coral. Olhem: tenho ao pescoço uma farta provisão.

Outro emigrante

Qual! E' muito mais efficaz collocar a imagem de um santo, a do patrono da gente, como um escudo sobre o peito.

Outro emigrante

E' exacto. A mim não me larga o registro de S. Januario, o mais poderoso morador da côrte do céu. Imaginem que foi decapitado, depois que animaes ferozes se recusaram a devoral-o. Na sua capella famosa de Napoles, conserva-se em um vaso um pouco de seu sacrosanto sangue. Todos os annos, por occasião da festa, esse sangue secco torna-se liquido e entra a ferver!

Outro emigrante

Não duvido de S. Januario, porém contra influencias funestas vale mais plantar perto da porta de casa uma arvore virtuosa denominada *albero del malo occhio*. Levo raizes e folhas dessa arvore e meu primeiro cuidado será confial-as á terra em que se fixar a minha nova residencia.

Isabella

Eu tenho a minha pequena Madona, que conta mais de cem annos, pois já era a devoção de minha avó. Foi esta bemdita velhinha quem m'a deu, como preciosa reliquia, no instante de expirar. Legal-a-ei de identica fórma a Giovannina, quando soar a minha vez.

Uma velha octogenaria

Para que falar em morte e em agouros no dia da chegada! Varramos as idéas negras. Varramos as idéas negras. Havemos de viver felizes por longos annos na patria nova e voltar talvez, cheios de riqueza, á antiga.

Falemos das coisas bellas e boas que nos aguardam.

Um toscano

Sim, não falemos de morte. A lembrança de um cadaver me repugna. Gosto do mar, porque nelle não ha tumulos. A morte aqui se dissolve e se perde como um gemido no vento.

Um moço artista

Não ha tumulos! Mas si o mar é o tumulo dos mundos! As ondas, eternas carpideiras, levantando-se e se desfazendo a cada instante, symbolizam mais fielmente a morte do que cyprestes e salgueiros.

Um menino, correndo e gritando

Terra... terra... avista-se terra.

Reboliço intenso entre os emigrantes. Arremessam-se todos ás amuradas e á proa, esquadrinhando os planos longinquos da perspectiva, as mãos abobadadas sobre a vista. Muitos trepam nos bancos e nos bahús; rapazes buscam içar-se ás vergas do mastro. Pais suspendem pequeninos impacientes aos hombros. Velhos tropegos, arrimados a bengalas ou muletas, limpam os vidros dos oculos de aro enferrujado.

A voz do menino

Terra... Terra...

Dos orificios das escotilhas emergem, como resuscitados, rostos lividos, galvanizados de subito alento. Milhares de olhos avidos varrem em todos os sentidos o horizonte.

Uma voz

Não é terra; é uma nuvem.

Outra voz

Não é terra, nem nuvem; é um navio que se afasta.

Outra voz

Nada disso. Simples effeito da luz nas aguas.

Outra voz

E' terra, é terra; diviso uma cadeia de montanhas.

Varias vozes

Aonde? Aonde?!

A primeira voz

Ali... á esquerda... ali... ali... Distingo as montanhas. Reparem. Uma dellas lembra o meu querido e terrivel Vesuvio, cuja proximidade pelo perigo constante, dá saboroso encanto ao viver.

Outra voz

Não ha vulcões na terra nova. Mas, na realidade, parece que se ergue ao longe uma cordilheira.

Outra voz

E' terra... é terra. Vêde o movimento que vai na primeira classe. O commandante subiu ao passadiço.

Varias vozes

Vamos chegar... vamos chegar...

Accusa-se e se accentúa, a pouco e pouco, o contorno da serrania remota. Alegria febril alvoroça os passageiros. Tratam de apromptar a bagagem, de mudar de roupa, de lavar as

crianças. Raparigas consultam o espelho, enfeitando os cabellos. Um grande grupo não sai da amurada, pregoando alviçareiro a mais ligeira modificação dos aspectos. E as horas passam. Gaivotas se alçam de repente das ondas e fendem o espaço, arregimentadas, num vôo calmo e symetrico.

Uma voz

Passaros... passaros... mensageiros ao nosso encontro...

Outra voz

Azas brancas... azas brancas... Excellente presagio...

Outra voz

Portentosa vista!... Panorama explendido! Magnifica linha de montes resguardando a costa!

Outra voz

Que côres fulgurantes! O céu é feito de ouro, azul ferrete e carmim.

Outra voz

E as montanhas... e as montanhas. Estas, polidas e lisas, como bronze. Hirsutas aquellas, como ursos. E as grenhas são florestas colossaes.

Outra voz

Semelham fortalezas, torres, trincheiras...

Outra voz

Mais adiante sentinellas destacadas.

Outra voz

Um mundo de enormes estatuas, entre pyramides.

Outra voz

Que será aquillo na encosta de algumas colinas?! Arvores, ou columnas de fina architectura, coroadas de leques?

Outra voz (*gritando*)

Vinde ver todos... vinde ver... Um vulto immenso de homem, ali, deitado de costas. Olhem o nariz curvo, o tronco, as pernas, o pé...

Outra voz

E' o *Gigante de Pedra* de que me falaram. Tomei por invenção e é verdade!

Varias vozes

Que coisa assombrosa! Que prodigio! que prodigio!...

Os emigrantes quedam largo tempo a contemplar a extraordinaria miragem de repouso e paz. O navio prosegue mais rapido, como se o impellisse tambem a ancia de chegar.

Uma voz

O interessante é que não descubro passagem. Caminhamos para escarpas que formam alta muralha, fechada de todos os lados.

Outra voz

E' uma cortina de pedra.

Outra voz

Não; nessa cortina ha uma fenda.

Outra voz

Agora vejo melhor. Essa fenda é um portico. Servem de humbreiras dois estranhos alcantis, postados em face um do outro, como atalaias.

Outra voz

São leões de granito no limiar de um palacio.

Varias vozes

Vamos chegar... Vamos chegar...

O navío se insinúa na entrada da barra. Transposto o corredor entre as fortalezas, de subito se lhe desdobra o panorama da bahia do Rio de Janeiro. Cruzam-se exclamações de surpresa enthusiasmo, admiração.

Uma voz

Entramos num rio... num amplo e extraordinario rio.

Outra voz

E' um lago immenso. Mais lindo que o Lago Maior e com centenas de *Isolas Bellas*.

Outra voz

E' uma irmã da bahia de Napoles, porém mais rica de quadros, com bacia mais vasta.

Outra voz

Observai no fundo aquellas cristas, aquelles picos, aquellas agulhas. São rochas e dir-se-iam gigantescos recórtes de caprichosa renda em cambraia azul.

Maravilhoso espectaculo! E' um Colyseu colossal. As galerias, de inaudita variedade de grandiosas structuras architectonicas, são montanhas; a arena é o mar. Das montanhas se dependuram risonhas vivendas. Dissemina-se na arena, em phantasioso desalinho, uma multidão de ilhas similhantes a canteiros de enorme jardim: — umas isoladas, agrupadas outras; aqui branqueadas de edificios, aridas alli; empenachadas mais adiante de luxuriosa vegetação; —ilhas ovulares, alongadas, esphericas ou simples pedras ermas, superpostas em posições acrobaticas e parecendo boiar; Bandeiras se desfraldam em algumas, sobre baterías ouriçadas de canhões. Esquadrilhas de vapores e barcos a vela estacionam a esmo; emquanto outros se arrastam lentos, peregrinando a scismar.

Traços pittorescos, accidentes curiosos, pontos apraziveis abundam em todos os lados. Ora extensas praias, lísas, franjadas de espuma; ora promontorios affoitos; ora aberturas de valles; ora verdejantes taboleiros; ora angras reconditas, como alcovas; ora protuberancias graciosas, como seios. Brancas capellas dão a espaços a nota da religiosidade. Botafogo semelha um tanque entre vergeis. Combinam-se em estupendo e harmonioso conjunto todas as expressões felizes, todas as fórmas do bello, do grande, do magestoso, do delicado, do subtil. Apraz-se a natureza em pompeiar reunida a infinidade de suas galas. A casaria da cidade trepa nas collinas adensa-se nas planicies, debruça-se sobre as aguas, á feição de uma turba que procurasse os sitios mais propicios para contemplar a festa perenne da bahia. E a pureza do firmamento, o esplendor da luz, a imponencia do espinhaço circumjacente, a opulencia das paizagens, a profusão

dos matizes, os aromas fortes que pejam as brizas embebem as almas em extase, suscitando a impressão da formosura suprema, o encanto profundo, mysterioso e intraduzivel do sublime.

O navio vai fundear. Rodeia-o uma chusma de pequenas embarcações, onde agitam lenços, acenam, gritam. Embevecidos, os emigrantes derramam, em torno de si, olhares tontos, trocam breves frases confusas. Um padre se destaca dentre elles, levanta os braços ao céu.

O Padre *(solemnemente, em voz alta)*

Agradeçamos á Providencia, meus filhos, o immerecido favor de nos haver trazido a salvamento em tão longa e arriscada viagem.

Muitos emigrantes ajoelham e se persignam.

O Padre

Ave, Maria, cheia de graça... (*O resto da oração se perde em borborinho*).

Côro dos emigrantes

Santa Maria, mãi de Deus...

O Padre

Protegei-nos, Senhor, em nossa nova patria!

Côro dos emigrantes

Protegei-nos, Senhor; protegei-nos, Senhor!...

AFFONSO CELSO

(*Continúa*)

O ANIMISMO FETICHISTA

DOS NEGROS BAHIANOS

Só a sciencia official, na superficialidade e dogmatismo do ensino, poderia persistir em affirmar ainda hoje que a população bahiana é na sua totalidade uma população monotheista christan. Esta affirmação havia de implicar ou o desprezo systematico no calculo dos dois terços de negros africanos e seus mestiços que são a grande maioria da população, ou a ingenuidade da nesciencia vulgar que se submette cegamente ás exterioridades de uma apparencia que o exame mais superficial mostra illusoria e enganadora.

A previsão de que não devia ser assim decorre do conhecimento das condições mentaes que exige a adopção de cada crença religiosa, junto a incapacidade psychica das raças inferiores para as elevadas abstracções do monotheismo. Mas, no caso vertente invocar esta illação como prova seria incidir fatalmente em grosseira petição de principio, pois a affirmação em contrario pretende nada menos do que ter aqui fóros de uma derrogação tacita e formal áquella conclusão inductiva dos estudos ethnographicos. E só a observação documentada, tão minuciosa e severa como pede a natureza delicada do assumpto, deverá falar, em ultima instancia, pró ou contra a procedencia e applicação do principio, pró ou contra a sua impugnação.

Por mais de uma vez, no exercicio do magisterio, as exigencias da analyse psychologica, em materia de phreniatria medico-legal, me tem levado a experimentar as difficuldades que esta controversia

crêa na pratica, onde sempre os factos se revelam em contradicta formal ás affirmações infundadas da sciencia official. E, empenhado assim em bem precisar a natureza e fórma do sentimento religioso dos negros bahianos, procurei estudar os factos com a maxima isenção e imparcialidade, consumindo tempo e esforço em uma observação que já vai proseguida attentamente para quasi cinco annos. O animo estrictamente scientifico em que tinham sido concebidas estas perquirições em busca de uma solução a serio problema de ethologia pratica, mal comporta a declaração prévia de que nada tiveram ou têm de commum com as controversias em que se debatem « os metaphysicos da materia e os do espirito.»

Nos dominios do cognoscivel, o sentimento religioso é um dado psychologico positivo, que em nada presuppõe as animosidades que se dispensam deistas e atheistas.

A persistencia do fetichismo africano como expressão do sentimento religioso dos negros bahianos e seus mestiços, é facto que as exterioridades do culto catholico apparentemente adoptado por elles, não conseguiram disfarçar nem nas associações hybridas que com esse culto largamente estabeleceu o fetichismo, nem ainda nas praticas genuinas da feitiçaria africana, que ao lado do culto christão por ahi vegeta exuberante e valida. A existencia na Bahia de crenças fetichistas tão profundas, de praticas tão regularmente constituidas como as da Africa; não occultas e disfarçadas, mas vivendo á plena luz do dia, de uma vida que tem arrhas de legalidade nas licenças policiaes para as grandes festas annuas ou *candomblés*; que conta com a tolerancia da opinião publica manifestada na naturalidade com que a imprensa diaria dá conta dessas reuniões como si se tratasse de qualquer facto da nossa vida normal; a existencia de praticas que estendem a sua acção a espheras muito mais amplas do que aquellas em que se geraram; de crenças que são adoptadas e seguidas pelas *soi-disant* classes civilizadas, mercê já das allianças contraidas com o culto catholico, já do consorcio firmado com as praticas espiritas; esta existencia, assim vivida e multiforme, é coisa que está no animo publico e no pleno conhecimento de todos.

Mas o rigor e a precisão de observações que pretendem cunho e valor scientificos não podem tolerar que se constituam de simples referencias informações em que na melhor hypothese, mesmo

inconscientemente, ou muito se póde adulterar, ou muito se póde acrescentar de emprestimo. A materia não pede só authenticidade e precisão, requer ainda referencias positivas a factos individuados por fórma a se tornarem susceptiveis, em qualquer momento, de verificação e exame por parte dos interessados em contestal-os. Sem duvida, obstaculos e embaraços de toda a sorte se levantam em opposição a uma interpretação justa e recta de factos desta natureza, aqui mais do que em toda a parte. « Mesmo consagrando a isso muito tempo e cuidados, diz Tylor, [1] não é sempre facil obter dos selvagens informações sobre a sua theologia. De ordinario, elles se esforçam para subtrair ao estrangeiro indiscreto e desdenhoso os detalhes do seu culto, todo o conhecimento dos seus deuses, que parecem, como seus adoradores, temer perante o homem branco e ante o seu deus mais poderoso ». Sobre não conhecermos a sua lingua, a escravidão devia exagerar no negro africano essa tendencia natural dos selvagens a occultar as suas crenças.

A convicção de que a conversão religiosa é uma simples questão de boa vontade, e de que nada seria mais facil do que cancellar as crenças do negro á força de castigos para substituil-as pelas crenças do branco, vinha talhada de molde a satisfazer os interesses do senhor, justificando como verdadeira acção meritoria todas as violencias empregadas para convertel-os á fé christan. Bem differente do ardor da cathechese eram, todavia, as causas que instigavam mais de perto as violencias dos senhores ou seus prepostos contra as praticas fetichistas do negro escravo.

O medo do feitiço como represalia pelos maus tratos e castigos que lhe eram inflingidos, em primetro lugar ; o temor supersticioso de praticas cabalisticas de caracter mysterioso e desconhecido ; em segundo o receio, aliás bem fundado, de que as praticas e festas religiosas viessem obstar a regularidade do trabalho e justificassem a vadiagem ; em terceiro a cohibição prepotente do poder do senhor que não admittia no negro outra vontade que não fosse a sua, taes foram os verdadeiros motivos por que, mesmo quando se concedeu licença aos negros para se divertirem ao som monotono do batuque, os *candomblés* eram, de continuo, dissolvidos pela violencia, os santuarios violados e os fetiches destruidos. Mesmo liberto, o negro

---

[1] E. B. Tylor, *La civilisation primitive*. Paris, 1876. 1° vol. pag. 489.

não podia encontrar na lei protecção e amparo para a livre manifestação das suas crenças, durante o regimen da escravidão, porque a lei tinha então a missão de manter esse regimen. A pretexto de que os *candomblés* eram um motivo constante de conflictos e vias de facto, que se convertiam em fóco de desenfreiada devassidão e licença, a policia prohibia severamente, e de vez em quando dava-lhe cassa, os *candomblés* das cidades, que pela sua natureza e séde deviam estar mais a coberto do que os dos engenhos, da acção directa dos senhores de escravos.

De tudo isto resultou que, obrigados á vida inteira, a dissimular e a occultar a sua fé e as suas praticas religiosas, subsiste ainda hoje na memoria do negro e subsistirá por largo tempo a lembrança das perseguições de que foram victimas nas suas crenças, intimamente associada no seu espirito ao temor de confessal-as e dar explicações a respeito. Muito recente ainda, como é, a extincção da escravidão, os pontifices fetichistas são ainda pela maior parte velhos africanos que todos foram escravos. Como causa não menos poderosa da reserva e do mysterio dos negros concorre com estas o interesse dos feiticeiros no acrescimo de prestigio que lhes vem desse segredo. A fé dos crentes e a credulidade dos supersticiosos são rude e proveitosamente exploradas pelos feiticeiros: divulgar as suas praticas seria destituil-os do prestigio do desconhecido com grave detrimento da influencia que exercem.

Com estas causas multiplas que entendem com a difficuldade de conhecer, collidem outras que se referem á difficuldade de interpretar o sentido e a fórma das praticas fetichistas, grandemente modificadas pelo meio. Transportadas ao sólo americano, sottopostas pela violencia da escravidão ao catholicismo, imposto e ensinado officialmente, diluido o elemento africano num grande meio social de composição heterogenea, forçosa e infallivelmente a pureza das praticas e rituaes africanos terá desapparecido, substituida por praticas e crenças mestiçadas. Inteiro e puro só devemos encontrar o sentimento que anima as suas crenças, tão fetichista quando dellas são objecto as pedras, as arvores, os buzios da Costa, como quando se dirigem aos muitos santos do catholicismo.

No exame e na analyse deste sentimento, tal como elle se revela e sobrevive nos negros que se incorporaram á população brazileira, tal como elle está actuando grandemente em todas as manifestações

da nossa vida particular e publica, puzemos a mira deste estudo que pretende deduzir delles leis e principios sociologicos, geralmente despercebidas ou ignoradas. Para leval-o a cabo me auxiliaram com igual efficacia a lingua portugueza que hoje todos falam e a profissão medica que exerço. Duplamente me serviu esta, inspirando e estreitando a confiança mais intima do clinico, multiplicando as observações e creando opportunidade de examinal-as á vontade.

Menos do que buscar a phylogenese africana do nosso fetichismo negro e indagar até onde se mantiveram puras as praticas e crenças religiosas importadas, é aquelle o meu intento.

Mas a obrigação de demonstrar que o fetichismo africano domina na Bahia, que é aqui a expressão genuina do sentimento religioso do negro e da grande maioria dos seus mestiços, e que não é um simples accidente occasional desta ou daquella aggremiação esporadica de negros supersticiosos ou impostores, obriga-me, nas descripções que se seguem — premissas das conclusões terminaes —, a descer a detalhes e minudencias que em outras circumstancias bem poderiam ser omittidas em beneficio da clareza e concisão.

I PARTE

Ethnographia

CAPITULO I

ZOOLOGIA FETICHISTA DOS AFRICO-BAHIANOS

Não era licito esperar que os negros podessem ter na America grande uniformidade nas suas crenças religiosas. O trafico negreiro transportava indistinctamente para o Brazil filhos de grande numero de tribus ou nações africanas. E como todos esses grupos, nas fórmas variadissimas das suas idéas religiosas, iam desde o fetichismo mais estreito e grosseiro até os limites das generalizações polytheistas, segue-se naturalmente que assim multiplas e diversificadas deviam vir com elles as crenças dos seus maiores.

No emtanto, causas pouco estudadas, mas por vezes facilmente presumiveis, fizeram com que em certas regiões do novo mundo como que predominasse sobre todos uma modalidade fetichista especial. Assim nos Estados-Unidos e nas Antilhas com o culto das serpentes dos Dahomanos, assim na Bahia com a mythologia de Jorubá.

A esta mythologia predominante adherem por ventura praticas e crenças de outras nações africanas menos importantes, como no pantheon romano ou no dos turcos se abrigavam sob o mesmo tecto os deuses nacionaes e os das nações vencidas.

Este ou aquelle africano isolado, trabalhando de feiticeiro por conta propria, sem aspiração de proselytismo, existe certamente por ahi como representante esporadico de uma tribu que não lhe mandou nem companheiros para os infortunios da escravidão, nem ainda sectarios das crenças em que juntamente commungavam na patria primitiva.

Dentre as causas que mais devem ter contribuido para essa preferencia, sobresaem com certeza a predominancia em numero e a precedencia na acquisição de riquezas ou da liberdade, deste ou daquelle grupo africano especial. Assim, ou porque o numero de escravos importados de Jorubá para a Bahia fosse maior, ou porque os filhos desta nação mais cedo se libertassem e tivessem adquirido recursos pecuniarios, ou porque mais estreitas se tivessem mantido as relações commerciaes directas da antiga provincia com a cidade africana de Lagos, como ainda hoje existem, ou por todas estas causas reunidas, o que é exacto é que o fetichismo africano na Bahia tem por fórma principal a desta nação e é a servida pela sua lingua. [1]

Uma vez organizado o culto, facilmente se comprehende que, de preferencia ao culto catholico de que nada ou pouco podiam

---

[1] Ha aqui na Bahia diversos negros que aprenderam em Lagos a ler e a escrever a lingua Jorubá. Não me tendo vindo até agora a grammatica e o diccionario jorubano inglez, que de Lagos mandei buscar, a traducção e a orthographia das palavras jorubanas empregadas neste trabalho, vão como me foram ensinadas por um moço negro, de pais africanos, que por muitos annos residiu em Lagos. O accento tonico das palavras em rigor póde ser figurado com os accentos da lingua portugueza. Convém saber apenas para a pronuncia que o accento inferior ou cedilha do *S* dá-lhe o som de *ch* ou *x*. Assim, *Orisá, Sangô, Èsú, Osumanrê, Oso-osi, Saponan*, etc., pronunciam-se *ourixá, xangô, êxú, ouxumanrê, oxoce, xaponan*. Nas obras francezas, a palavra *Sangô* vem escripta como se pronuncia : *Shango* em umas, *Chango* em outras.

comprehender, houvessem os negros de outras nações e procedencias adoptado como sua essa religião africana, que estava mais ao alcance da sua intelligencia rudimentar, e mais de accôrdo com o seu modo de sentir.

Lamento não ter podido consultar a obra do missionario Bowen sobre a religião de Jorubá, afim de verificar até onde as crenças, praticas e rituaes seguidos na Bahia se conformam com as daquella nação e por onde nessas crenças e ritos se revelam as idéas religiosas de outras tribus, quiçá mais atrazadas ainda, que aqui na Bahia a ellas se converteram.

Curtas como são as citações desse trabalho na obra de Tylor, de onde o conheço, apenas puderam me confirmar a informação de negros viajados em Africa, de que a concepção theologica que predomina na Bahia é a dos Jorubanos. Affirmar dessa concepção que é fetichista é dizer pouco, porque o termo fetichismo, como qualificativo geral das crenças africanas, tem hoje uma accepção por demais comprehensiva que mal se presta a qualificar as nuanças existentes nas modalidades pouco descriminadas do animismo primitivo.

A distincção de A. Lefévre [1] em anthropismo, animismo diffuso e animismo condensado me parece susceptivel de uma applicação mais precisa. Póde-se affirmar assim que o anthropismo, isto é, « a repercussão instinctiva da sensação que leva o homem a dotar os objectos ambientes duma vontade analoga á sua », si existe, como é provavel, nos negros bahianos, deve ser a excepção. Apenas como uma sobrevivencia encontrei-o talvez associado ás concepções de um fetichismo mais elevado. A fórma por excellencia do fetichismo do africo-bahiano é o animismo diffuso, isto é, « a attribuição a cada ser e a cada coisa, de um *double*, fantasma, espirito, alma, independente do corpo onde faz sua resistencia momentanea». Mas é ainda incontestavel que para os mais intelligentes, para esses mestiços do espirito sinão do corpo d'aqui ou já vindos de Africa, a religiosidade attinge ás raias do polytheismo.

Com fórma de culto organizado, acredito que só existem na Bahia a religião dos Jorubanos e Jebús, a que chamam vulgarmente religião dos negros de *santo* ou de *candomblé*, e a religião dos negros convertidos ao islamismo que se chamam entre si de *musulmis*,

---

[1] André Lefèvre, *La Religion*, Paris, 1892, pag. 99.

mas a quem os outros chamam, por menospreso, parece, de *malês*.

Os *malês* ou *musulmis* bahianos que professam um islamismo mais ou menos impregnado de praticas fetichistas, constituem hoje uma pequena minoria dos Africanos do estado e não têm conseguido transmittir as suas crenças aos creoulos seus descendentes. Um velho africano, pequeno negociante e sacerdote da sua confissão religiosa, me explicava que a religião dos negros de *santo* e mesmo a dos catholicos são muito mais faceis, divertidas e attraentes do que a dos *musulmis*, que se impõem uma vida severa, adistricta á observancia de principios religiosos que não toleram festas e bebedeiras. Por isso, dizia-me elle, mesmo os filhos dos *malês* têm pouca tendencia a seguir as crenças dos seus maiores e uma vez emancipados abraçam facilmente ou a religião jorubana ou o catholicismo.

Os *malês* constituem uma sociedade africana inteiramente á parte, que se faz salientar pela reserva da sua vida intima, pela observancia mais ou menos fiel dos seus preceitos de fé, pela crença num deus superior e pela inadmissão de imagens ou idolos no seu culto. Passam, porém, por crentes fervorosos de talismans, *gri-gris* etc., e por consummados feiticeiros, Talvez o seu modo de vida não contribua pouco para o temor que em geral as suas sociedades inspiram aos outros negros, que os têm por conhecedores de altos processos magicos e feiticeiros. Por acaso os objectos e apparelhos de precisão dos europeus não constituem em Africa outras tantas provas da superioridade dos feiticeiros brancos ? Um negro creoulo, servente da Faculdade de Medicina, me declarou que, apezar de catholico convencido e de não crer em santos africanos, nem em *candomblés*, respeitava muito as feitiçarias dos *malês*, de que sempre pedia a Deus que o livrasse.

O qualificativo *malê* lembra talvez o de *malinkés* empregado pelos Mandingas que são tambem musulmanos. E o velho sacerdote *musulmi* me confirma que a maior parte dos *malés* bahianos são de Haussá. Esta nação africana foi outr'ora muito poderosa neste estado e constituiu uma sociedade tão fortemente arregimentada sobre a base religiosa que poude por diversas vezes promover graves e extensas sedições de escravos. E' muito instructiva a este respeito a parte do chefe de policia de então, Dr. Francisco

Gonçalves Martins, depois Visconde de S. Lourenço, ao presidente da provincia, sobre a ultima insurreição dos *malês* na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835. O seguinte extracto dessa peça official dá uma idéa precisa da organização religiosa dos *musulmis*. «... a insurreição estava tramada de muito tempo, com um segredo inviolavel e debaixo de um plano superior ao que deviamos esperar de sua brutalidade e ignorancia. Em geral vão quasi todos sabendo ler e escrever em caracteres desconhecidos, que se assemelham ao arabe, usado entre os Ussás (Haussás), que figuram terem hoje combinado com os Nagôs. Esta nação (Haussás) em outro tempo foi a que se insurgiu nesta provincia por varias vezes, sendo depois substituida pelos Nogôs. Existem mestres que dão lições e tratavam de organizar a insurreição, na qual entravam muitos fôrros africanos e até ricos. Tem sido encontrados muitos livros, alguns dos quaes dizem ser preceitos religiosos tirados de misturas de seitas principalmente do Alcorão. O certo é que a religião tinha sua parte na sublevação e os chefes faziam persuadir aos miseraveis que certos papeis (evidentemente talismans, *gri-gris*) os livrariam da morte, d'onde vem encontrar-se nos corpos mortos grande porção dos ditos, e nas vestimentas ricas e exquisitas que figuram pertencer aos chefes e que foram achadas em algumas buscas.»

Ainda hoje existem no Archivo Publico os documentos apprehendidos a que se referia o chefe de policia. Não é improvavel que estejam escriptos em arabe, pois o velho sacerdote *musulmi* confessou-me que a religião foi propagada principalmente por negros sacerdotes musulmanos vindos da Africa ou por libertos que lá voltaram a passeio e dos quaes muitos tinham ido a Mecca em perigrinação religiosa. Referiram-me no Archivo Publico que negros *malês*, convidados para decifrar os documentos, declararam que a maior parte delles apenas dizem respeito a preceitos religiosos. E isso é mais que provavel porque se sabe que versetos do Corão, escriptos em pedacinhos de papel e trazidos em amuletos ao pescoço, constituem um *gri-gri* muito estimado entre os negros musulmanos. Um delles recusou-se, porém, a traduzir um dos documentos, allegando que o não poderia fazer sem prévia autorização do chefe da seita.

As medidas severas tomadas pelo governo, entre as quaes figura a deportação para a Africa de todos os *malês* libertos, a repressão,

muitas vezes cruel e deshumana, das autoridades provinciaes, não só reduziram a um minimo insignificante o numero dos negros mahometanos, como tornaram ainda mais reservadas as suas praticas religiosas. Deixaram apenas, me dizia um velho *malê*, aquillo em que ninguem póde tocar, a fé que está no coração.

Reservadas como são ainda hoje as suas praticas religiosas, não tenho conseguido verificar até onde está conservada a religião mahometana. O velho sacerdote *musulmi* se limitou a mostrar-me um volume do antigo testamento e a me indicar o Corão traduzido em portuguez e existente nas nossas livrarias, que, me affirmou elle, tem aqui grande extracção. Observam, disse-me elle, os preceitos ali indicados até onde o consentem as autoridades civis e ecclesiasticas, e as leis do paiz. No emtanto, apezar da condição de escravos, dos privilegios da antiga religião do Estado, das perseguições que se seguiram aos movimentos sediciosos dos Africanos, o islamismo, no dizer de diversos *malês*, conta grande numero de conversões, até mesmo de escravos de sacerdotes catholicos, que nem sempre davam o exemplo da cordura e de pureza de costumes, que delles se devia esperar.

NINA RODRIGUES

(*Continúa*)

OS EXAMES DE MADUREZA

NA ALLEMANHA

Para se comprehender o que seja o exame de madureza na Allemanha é necessario, antes de tudo, conhecer-se a organização do ensino secundario nesse paiz modelo. A instrucção secundaria não é ministrada ahi para tornar encyclopedicos os estudantes e muito menos ainda com o intuito de dar um preparo de accôrdo com tal ou tal escola philosophica. Força é dizer que não é só á Allemanha que falta similhante orientação exclusivista: debalde a procurareis em qualquer outro paiz europeu. O que hoje em dia se considera por toda a parte como o ideal da instrucção secundaria é que os estudantes adquiram um preparo de tal natureza, que, terminado o curso, estejam *maduros*, isto é, aptos a ouvir com aproveitamento cursos superiores, ou, no caso de abraçarem logo uma carreira mais pratica, habilitados a aprender mais, a desenvolver-se, a caminhar por si, sem o auxilio perenne de inseparavel mentor. Si o ensino foi pelo estudante assimilado em ordem a satisfazer a esse desideratum é o que se vai verificar pela prova de madureza nas materias isoladas. Excluidos ficam *ipso facto* do exame, assim como do estudo, todas as doutrinas puramente theoricas e de nenhuma utilidade pratica, ou que só tenham importancia para os especialistas.

Não existe na Allemanha um typo unico para os estabelecimentos de instrucção secundaria. O espirito de tradição conservou até os nossos dias o gymnasio humanista, o qual talvez ainda viva por muitos e muitos annos, emquanto existirem propugnadores do

ensino de linguas classicas. Mas ao lado dessa instituição desenvolveram-se, pela força das circumstancias, varios outros estabelecimentos, em cuja organização se póde verificar que, de accôrdo com a evolução das idéas e das necessidades da vida no seculo presente, num paiz eminentemente culto se faz tambem a transformação do ensino.

O gymnasio humanista requeria como materias principaes do estudo as linguas latina e grega, com grande prejuizo das linguas vivas, da mathematica e das sciencias naturaes. Este preconceito, mantido por uma tradição de varios seculos, teve de encontrar fatalmente o seu primeiro protesto no *Realgymnasium* (gymnasio real; *real* quer dizer que satisfaz mais á *realidade* da vida). Neste instituto desapparece o grego; e o ensino da mathematica e da historia natural é mais desenvolvido, e a cadeira de sciencias physico-chimicas desdobra-se em duas com quasi o dobro do tempo de estudo. O inglez, que era facultativo no gymnasio antigo, tornou-se já agora obrigatorio.

A phase seguinte da evolução do ensino teve a sua expressão na organização da *Oberrealschule* (escola real superior), instituto de instrucção moderna, onde não ha nenhuma das linguas mortas. Em compensação toma um desenvolvimento muito grande o estudo dos idiomas vivos, da mathematica, das sciencias naturaes, requerendo-se para a cadeira de chimica e mineralogia quasi o dobro do tempo exigido para a mesma materia no *Realgymnasium*.

Em qualquer dos mencionados estabelecimentos dura o curso secundario 9 annos (ou classes); as necessidades da vida real exigem, porém, em muitos casos que os jovens alcancem o necessario preparo em prazo menos longo. Foi resolvido este problema com a creação da *Realschule* (escola real propriamente dita), estabelecimento moderno de 6 classes (ou annos), sem latim nem grego, como a *Oberrealschule*, da qual tem a orientação geral, porém em curso muito simplificado.

Tudo leva a acreditar que o futuro pertença á *Realschule*, tanto mais quanto já foram supprimidas em 1892, no gymnasio humanista 15 horas de latim e 4 de grego, em beneficio do estudo da lingua materna. No gymnasio real eliminaram-se 11 horas de latim. Para a prova de madureza já não se exige dissertação em lingua morta; o respectivo exame consiste hoje em traducção de autores não

demasiado difficeis, além de uma versão para o latim. Esta ultima parte só vigora para o gymnasio humanista.

No estado actual das coisas os diversos estabelecimentos de ensino secundario preparam os estudantes para carreiras differentes. O attestado de madureza obtido pelo curso gymnasial dá por exemplo direito ao estudo da medicina, da theologia, da philosophia, das sciencias juridicas.

O attestado de madureza de uma escola real superior permitte, entre outras coisas, o estudo da mathematica e das sciencias naturaes na universidade ; faculta tambem a admissão aos exames de engenharia. Com o documento de madureza alcançado em uma escola real propriamente dita tem o joven o preparo moderno, de caracter utilitario, necessario a todas as demais carreiras onde se julga dispensavel o conhecimento dos idiomas classicos.

Como se vê, a prova de madureza corôa todo o ensino secundario, ou se trate do curso puramente humanista, ou se trate do extremo opposto, o curso moderno sem latim nem grego.

E' ao mesmo tempo o exame final unico a que se submette o estudante. Elle entra ainda menino para um dos mencionados institutos, e ao cabo de uma frequencia de 9 ou de 6 annos, póde, se tiver sido applicado e bem comportado, inscrever-se para prestar a prova de madureza. Não é a *Maturitätsprüfung* antecedida de exames finaes, nem mesmo de annuaes exames de sufficiencia. O estudante passou de uma classe (ou anno) para a outra por simples promoção, a qual foi decidida pela opinião dos professores baseada nas notas de anno. Apenas para os estabelecimentos de 9 classes exige a lei, no intuito de facilitar a prova de madureza e com o fim de satisfazer a outras conveniencias de ordem pratica, um exame (*Abschlussprüfung*) dentro do curso. Nessas casas de educação acha-se o ensino dividido em duas secções : o grau inferior, constituido pelos seis primeiros annos, e o grau superior, que abrange as tres classes mais adiantadas. E' na passagem do grau inferior para o superior que os estudantes prestam a *Abschlussprüfung*, exame muito facil, mas de alto valor pedagogico. Durante todo o grau inferior os meninos não se preoccupam com a prova de madureza, habituam-se a ser applicados e a ter methodo de estudo ; realizado aquelle exame, toda a attenção converge para a prova de madureza, para cujo preparo estão lançadas as mais solidas bases. Assim como o

exame terminal da primeira secção absolveu o estudante do material de estudos do grau inferior, assim tambem o exame de madureza não póde estar abaixo da altura do programma das classes mais adiantadas. A lei é explicita neste ponto : « o fim do exame de madureza é verificar si o estudante assimilou o que lhe foi ensinado na classe mais adiantada ». A prova de lingua materna, por exemplo, será uma dissertação sobre assumpto historico, literario ou scientifico ; nunca poderá ser uma analyse lexica ou syntactica, porque isso pertence ao campo de estudo das classes inferiores.

Mas não foi só a necessidade de alliviar a phase adiantada dos cursos de 9 annos, que determinou a instituição do exame terminal da primeira secção ; o governo allemão creou esta prova em grande parte tambem para não prejudicar o desenvolvimento das *Realschulen.* Estas satisfazem mais ás necessidades praticas do seculo e tendem a tomar uma grande expansão. O governo allemão sabiamente favorece o seu desenvolvimento, e só a cidade de Berlim conta já 12 escolas reaes.

Qual seja o objecto do exame de madureza, já o vimos anteriormente. O estudante deu sempre boa conta de si, teve bom comportamento e foi bem applicado, segundo o attestam as notas, que alcançou nas diversas aulas. Falta porém verificar si o seu espirito está maduro. Ora, para que se possa demonstrar que o joven que deixa o instituto de instrucção está apto a caminhar por si, si sabe na vida pratica, onde não terá o professor para o auxiliar, utilizar-se dos conhecimentos adquiridos, é indispensavel que o processo do exame seja muito especial. Menos theorico, muito mais pratico e, ao mesmo tempo, muito mais difficil para o estudante do que a pratica dos nossos exames de preparatorios ou dos exames finaes do nosso Gymnasio. Tambem, por outro lado, attendendo a certas circumstancias naturaes, como por exemplo o embaraço proprio da occasião, o examinando na Allemanha não é prejudicado si de uma ou outra materia exhibir prova insufficiente, desde que compense tal resultado com provas boas ou optimas em outras materias.

Ao encetar este artigo indiquei muito propositalmente que o exame de madureza na Allemanha versava sobre as *materias isoladas*. Cumpre, de facto, accentuar bem esta verdade, porquanto existem entre nós muitas pessoas, aliás conspicuas, que identificam — não sei porque — o exame de madureza com exames por secções.

Lá, este ultimo genero de exame é desconhecido; cá, é o agouro de estudantes que aprendem sem bons methodos, e talvez por methodo pessimo sejam examinados. Isto é ao mesmo tempo a prova evidente de que aqui se pretende introduzir coisa absolutamente diversa do verdadeiro exame de madureza, abstracção feita da commodidade do nome. Na secção de linguas constituirá por exemplo a prova — e infelizmente o ensaio já foi feito no Collegio Militar — um estudo comparado de uma questão grammatical ou philologica; quer dizer, o exame de madureza na secção de linguas não verifica si o estudante está apto a aproveitar-se na pratica dos idiomas aprendidos. Não, isto não é racional. O que o examinador sonda no verde espirito do menino é si depois de estudar francez, inglez ou allemão, lhe cresceram bastante as azas para deixar este mundo real onde se falam, se escrevem e se lêem as linguas vivas, para voar ás nebulosas regiões do grammatico ou do philologo em nada aproveitavel neste mundo sub-lunar, mórmente neste seculo pratico de puro utilitarismo. A nossa orientação é tão profundamente diversa da orientação alleman que deve causar surpresa a muito professor o facto seguinte: para a propria lingua materna exige a lei alleman que nos institutos de instrucção secundaria se ensine da grammatica *unicamente o indispensavel* para que o estudante saiba distinguir o certo do errado. Para nós isto é muito pratico, muito racional: não presta.

Ora, é exactamente a lingua materna a materia cuja prova é a mais notavel e a mais difficil de todas por occasião do exame de madureza na culta Allemanha; tão importante é ella, que si fôr classificada com a nota insufficiente, o examinando está inhabilitado; diversamente do que succede com outras materias, não póde a nota ser compensada com outras provas boas ou mesmo optimas. A lingua materna é o centro de todo o ensino e por isso tambem os respectivos trabalhos exhibidos pelos estudantes são decisivos para o exame de madureza. O criterio para o julgamento do exame nessa materia é o seguinte: O estudante deve estar habilitado a comprehender acertadamente um thema que esteja dentro da esphera dos seus conhecimentos, desenvolvel-o com juizo proprio na devida ordem e isento de erros no modo de escrever. No emprego oral do idioma patrio deve mostrar desembaraço em fazer uma exposição correcta, clara, com os pensamentos bem concatenados. Além disso, deve mostrar

que conhece os capitulos mais importantes da historia literaria nacional, bem como algumas das obras primas da literatura alleman.

Consta o exame de lingua materna de uma dissertação escripta, para a qual se concede ao examinando o prazo de cinco horas. Prova oral especial não existe; considera-se como tal o emprego oral do allemão por occasião do exame nas outras materias. A prova escripta não póde versar sobre um thema demasiado facil; elle deve estar á altura do desenvolvimento intellectual dos estudantes da classe mais adiantada. Quer dizer, não póde ser uma dessas composições simples que se fazem nas aulas atrazadas, como a descripção da casa, do cavallo, do boi, etc. O thema da dissertação deve ser um assumpto historico, scientifico, ou literario, que não exceda em difficuldade os trabalhos feitos nas diversas aulas da classe mais adiantada, nem tão pouco fique abaixo do desenvolvimento dessa phase do estudo. Ao mesmo tempo que o assumpto da dissertação tem que satisfazer a estas duas condições, exige a lei que não se aproxime tanto dos trabalhos anteriormente feitos, que a sua elaboração cesse de ter o valor de um trabalho *independente e original.* E' ahi que se vai verificar a madureza do espirito do estudante, quanto á materia — lingua materna. Themas possiveis para a dissertação alleman de madureza são, por exemplo os seguintes, desde que não tenham sido especialmente já preparados nas aulas: o que ha de verdade e de falso nos proverbios; a educação dos cavalleiros na idade média; uma historia para o thema — o homem põe, Deus dispõe; caracteristicas do Wallenstein de Schiller; caracteristicas do Fausto de Goethe; causas que determinaram a unificação da Allemanha; parallelo entre a ode de Klopstock « Vinho do Rheno » e a ode I, 19 de Horacio; a influencia da imprensa e do vapor na civilização moderna, etc., etc.

O mesmo que se exige para prova de lingua materna quanto á difficuldade, dentro dos respectivos limites, e á *originalidade* do trabalho, exige-se tambem para as demais provas escriptas do exame de madureza. Tambem para qualquer das linguas estrangeiras (de que ha prova escripta e oral) não entram, pela natureza do exame, as analyses lexica e syntactica por ficarem muito aquem da madureza, nem tão pouco a analyse philologica ou conhecimentos linguisticos, por estarem fóra dos limites da instrucção secundaria. Em compensação requer-se traducção desembaraçada e comprehensão de

autores modernos, dissertação escripta em idioma estrangeiro, pratica e facilidade no emprego oral e escripto do idioma em questão.

Da historia (e geographia) ha só prova oral; todavia os conhecimentos adquiridos nessa aula podem ser, segundo vimos, incorporados na prova escripta de lingua materna. Para a mathematica ha prova escripta e oral. Para a primeira (5 horas) o examinando tem a resolver no *gymnasium*, uma questão de planimetria, uma de stereometria, outra de trigonometria e outra de algebra; no *Realgymnasium* e na *Oberrealschule* exigem-se uma questão de algebra, uma de geometria plana e no espaço, uma de trigonometria e outra de geometria analytica. Na *Realschule* a prova escripta (4 horas) abrange duas questões de mathematica e uma da geometria no espaço. Para a historia natural e sciencias naturaes ha exames escriptos e oraes; apenas no gymnasio humanista, onde o estudo principal é o latim e o grego, de que existem provas escriptas e oraes, não se presta exame de sciencias naturaes; mas prendem-se, tanto quanto possivel, questões de physica ás questões de mathetica, e valem como exame especial de physica as notas de anno.

Cada uma das provas escriptas é julgada primeiro pelo *professor da materia*, que marca os erros e formúla, de accôrdo com as exigencias do regulamento, um juizo que deve resumir-se em uma das notas: optima, boa, soffrivel e insufficiente. Depois passa a prova para as mãos dos demais membros da commissão examinadora. Julgadas todas as provas escriptas, delibera-se si alguns examinandos devem ser dispensados de toda a prova oral ou de parte della, e si alguns devem ser excluidos (*inhabilitados*). Para este effeito remettem-se em tempo ao commissario do governo as provas com os textos completos, á margem das quaes se assignalam os subsidios ministrados aos examinandos. O commissario do governo póde exigir modificações nas notas. A dispensa de toda a prova oral, dá-se quando o examinando. além de ter tido procedimento exemplar em todas as materias obrigatorias antes de começar o exame de madureza, teve tambem em todas as provas escriptas pelo menos a nota «soffrivel» sem restricções. A dispensa de partes da prova oral dá-se: 1° para as materias que não fazem parte da prova escripta, si o estudante ao inscrever-se para o exame de madureza apresentou attestado de aproveitamento pelo menos com a nota «soffrivel» sem restricções; 2°, nas materias que tambem são objecto da prova escripta si, além

disso, os trabalhos escriptos tiverem tido pelo menos a nota «soffrivel» sem restricções.

Terminada a prova oral, reune-se a commissão examinadora. Para o julgamento do exame, consideram-se então não só as provas escriptas e oraes mas tambem as notas de aulas. Tira-se a média e considera-se approvado o estudante que não tiver o resultado «insufficiente» em nenhuma das materias scientificas obrigatorias. Admitte-se porém a compensação, isto é, um resultado «deficiente» em uma materia deve ser compensado por um resultado «bom» ou «optimo» em outra materia. Todavia essa compensação não existe para um resultado «deficiente» na lingua materna, em qualquer estabelecimento, em *ambas* as linguas mortas (no *Gymnasium*) em *ambos* os idiomas vivos (no *Realgymnasium*, na *Oberrealschule* e na *Realschule*).

Eis ahi em largos traços o que é o exame de madureza na Allemanha. Podemos ainda acrescentar que o programma do exame nunca póde abranger todo o campo de uma disciplina ; isto decorre da propria organização do ensino secundario, porquanto nesta phase a instrucção não deve ter a pretenção de esgotar as materias. O que se estuda é só aquillo que possa educar o espirito e ao mesmo ser util para a vida pratica. O estudo exhaustivo é trabalho para especialistas. Para os estabelecimentos allemães de instrucção secundaria o programma minucioso, dictado pelo governo, accentúa bem o facto e exige a cada passo só *o mais importante*. A França tem hoje a mesma comprehensão da instrucção secundaria.

Para concluir, seja-me permittido fazer ainda algumas considerações. O exame de madureza na Allemanha é o corôamento de uma obra modelo: a organização do ensino secundario.

No Brazil, onde breve vai ser generalizado, não sei o que será, si a orientação não fôr mudada, si não fôrem reformados os methodos de ensino, si toda a instrucção secundaria, em summa, não soffrer até lá completa reorganização, tomando tambem por modelo a culta Germania. Da interpretação do termo «madureza» depende, a meu ver, o levantamento do ensino, mas tambem a sua decadencia. Já pedimos á Allemanha o vocabulo «gymnasio», agora supplicamos-lhe o vocabulo «madureza» ; falta-nos pedir que nos permitta imital-a, como já faz a França, no que ella tem de melhor : a orientação pratica do ensino. Só então teremos feito um progresso real, e a prova de madureza será a chave de ouro com que encerraremos a

obra gigantesca, eminentemente civilizadora, que contribuirá mais que muito para o engrandecimento da nossa patria.

Vai desapparecer dentro em breve a formalidade dos exames de preparatorios, mero salvo-conducto daquelles que aspiram transpôr os umbraes de uma escola superior. Fica-nos em substituição o curso gymnasial, que pela lei de novembro de 1890, deve torturar os estudantes com os exames annuaes de sufficiencia, e, no fim, do curso, com os exames finaes, aos quaes serão sobrepostos os exames de madureza. Isto parece uma excrescencia, e não admira que, nestas condições, muita gente sensata seja infensa á prova de madureza. Essa superposição é um erro pedagogico, ella requer que as mesmas materias sejam estudadas ao mesmo tempo com duas orientações diversas: uma para satisfazer ao exame final, a outra para fazer o exame de madureza. Do ponto de vista psychologico é difficilima a solução do problema. Quantos estudantes haverá que sejam capazes de dar simultaneamente ao seu proprio cerebro as duas orientações distinctas para um mesmo estudo? Resultado pratico: ou todo o mundo é inhabilitado, ou o extremo opposto—todo o mundo passa. Por outro lado, si o exame final e a prova de madureza não são coisas essencialmente distinctas (e isto será o mais certo), um dos exames é superfluo, e conservar os dois é collocar perennemente diante do espirito do estudante dois espectros, quando se devia trabalhar por desenvolver a sua intelligencia com a necessaria calma. Não se póde esperar muito progresso de um espirito sempre agitado.

Em ultima analyse, si fizermos abstracção do exame por secções —processo cujas vantagens são muito duvidosas—o regulamento vigente exige para as diversas materias dois exames finaes: o primeiro sem objectivo, o segundo com o intuito de verificar si o estudante tem a cultura intellectual necessaria. Um chamar-se-á exame final, o outro prova de madureza. Ora o bom senso está a indicar a suppressão da prova sem fim notavel, desde que se institue um novo genero de exame que pela sua natureza requer o conhecimento da materia mais uma intelligencia madura. Por outras palavras: para que o curso gymnasial dê fructos sazonados, é indispensavel, além de uma boa organização do ensino, mais pratica do que theorica, além de bons methodos, que o chamado exame final se *transforme* no verdadeiro exame de madureza. E si o tal exame final serve apenas para ver si o estudante foi applicado, o que é que significam

então as notas de cada lição, as médias trimensaes e finaes? Um exame nessas condições ou é uma formalidade dispensavel, ou um rigor injusto. De facto, o professor examinador tem diante de si as notas do seu discipulo; deve pois, possuir opinião firmada quanto á sua applicação; apezar disso elle vai examinal-o sem outro intuito mais que o de cumprir a lei, que o manda... examinar. O estudante submette-se, porque quer a carta de bacharel, dependente, si tanto, da caprichosa sorte. No caso de catonismo, a justiça será céga, e o labor de sete longos annos de estudo póde ser destruido por um só momento de perplexidade, ou o estudante mais vadio receber um diploma honroso das mãos da fortuna um só instante propicia. E que bella perspectiva temos diante de nós si a similhante processo sobrepuzermos ou enxertarmos uma prova differente um pouco na parte technica ou no nome, mas identica na sua essencia! Uma prova a demandar a mesma orientação theorica, os mesmos conhecimentos illimitados, mas superficiaes, ministrados pelos methodos mais atrazados!

A lei de ensino secundario brazileiro de novembro de 1890 estatue que os exames de madureza sejam feitos por secções. Nesta disposição muitos cuidaram ter descoberto a definição da prova de madureza. Já mostrei quanto é erronea essa interpretação; mostrei tambem que na Allemanha se fazia o exame por materias isoladas Nem póde deixar de ser assim; do contrario, versará apenas sobre generalidades de pouca importancia pratica, e aquelles que, animados das mais louvaveis intenções de melhorar a nossa instrucção secundaria, fundavam as suas esperanças só nos exames por secções, dentro de pouco tempo talvez hajam de desilludir-se. A Fata Morgana que os attraía irá desvanecendo-se ao aproximarem-se della.

M. Said Ali

A PHOTOGRAPHIA

ATRAVÉS DOS CORPOS OPACOS

O titulo deste artigo representa o modo synthetico porque é geralmente designada a descoberta, feita em fins de dezembro do anno proximo passado pelo professor da Universidade de Würtzbourg, na Baviera, Wilhelm Conrad Röntgen, relativa ás propriedades da luz produzida por uma forte corrente de inducção através dos tubos que contêm gazes extremamente rarefeitos.

Apezar de não ser rigorosamente apropriada, essa denominação traduz o facto que mais commoveu o publico, de entre os factos novos que constituem a descoberta do sabio allemão : — o de atravessarem certos raios, provenientes daquella fonte luminosa, corpos opacos, de modo a impressionarem, através destes corpos, placas photographicas sensibilizadas.

I

A partir de 1875, W. Crookes, na Inglaterra, estudou as propriedades dos gazes extremamente rarefeitos, e os achou tão notaveis que suppoz-se autorizado a imaginar que elles constituiam um quarto estado da materia. Antes, com a construcção do seu *radiometro*, julgara ter descoberto o primeiro effeito conhecido na sciencia da acção mecanica da luz. [1] Mereceram especial attenção ao

[1] Na *Revista Brazileira* de 1879, T II, pag. 309-336, publicámos, sob o titulo « Radiometro », um artigo que contém a historia deste apparelho e das outras descobertas de W. Crookes sobre os gazes em extremo estado de rarefacção.

illustre physico inglez os phenomenos luminosos devidos á centelha de inducção naquelle estado *ultragazoso;* e os *raios cathodicos,*—expressão desde então empregada para designar as irradiações do electrodio negativo dos tubos, que continham os gazes rarefeitos, continuaram a merecer o estudo dos physicos, alargando-se assim os conhecimentos sobre tão intersssantes phenomenos. Apezar da minuciosidade das investigações de Crookes e de outros experimentadores, escapou-lhes observar o facto da penetração dos corpos opacos por certos raios da luz dimanada dos tubos nas condições de suas experiencias. Foi o que conseguiu Röntgen.

Envolvendo um tubo de Crookes em papel *negro,* isto é, que intercepte todos os raios luminosos, o tubo torna-se invisivel, como devia acontecer, apezar de illuminado interiormente pelas descargas do conductor secundario de uma forte bobina de Ruhmkorff. Mas si se aproxima um anteparo de papel negro revestido de ligeira camada de cyanureto duplo de platina e baryo, esta substancia torna-se fluorescente, isto é, adquire um brilho particular mais ou menos vivo; e o mesmo phenomeno produz-se quando o anteparo está voltado para o tubo pela face não revestida da materia fluorescente, a alguns centimetros, ou mesmo a um ou dois metros de distancia do tubo.

Logo, de entre os raios que partem do tubo, ha alguns, invisiveis, que atravessam um corpo opaco e vêm produzir o phenomeno da fluorescencia em substancias determinadas. Ora, os raios do espectro solar e dos de todas as fontes luminosas conhecidas,—os que são visiveis e os da parte invisivel, chamados, uns, ultra-vermelhos, e os outros, ultra-violetas,—não têm essa propriedade. Os raios ultra-violetas, invisiveis, manifestam-se por effeitos chimicos e de fluorescencia, directamente ou através de lentes de vidro; mas Röntgen, não conhecia nenhum desses phenomenos produzidos por elles através de corpos opacos. Logo, concluiu o professor allemão, os novos raios não são analogos áquelles; e por isso os denominou *raios X,* raios desconhecidos, os quaes foram depois considerados por alguns physicos como raios cathodicos, e são hoje geralmente conhecidos pelo nome de *raios de Röntgen.*

A fluorescencia do cyanureto duplo de platina e baryo, e bem assim as do sulphureto de calcio, do spatho islandico, do vidro de uranio e de outras substancias, sob a acção dos novos raios, manifesta-se através, não só do papel negro, mas de outros corpos opacos,

como um livro encadernado de mil paginas, dois baralhos de 52 cartas cada um, laminas, mais ou menos espessas, de madeira, de diversos metaes, de vidro e através de certas partes do corpo humano, como a mão. Além de certos limites de espessura, todas as substancias deixam de ser permeaveis aos mesmos raios. No anteparo fluorescente, a que antes nos referimos, vêm-se sombras dos objectos por elles atravessados: na que produz a mão, distingue-se a sombra do seu esqueleto, destacando-se sobre a sombra menos intensa da propria mão.

Mas não é a fluorescencia o unico effeito perceptivel dos raios X: outro, igualmente importante, e que permitte estudar mais rigorosamente as sombras, de que acabamos de falar,—é o que produzem esses raios sobre placas photographicas, dando lugar a imagens dos corpos collocados sobre ellas, imagens essas que são reveladas pelos processos ordinarios da photographia. Collocando a mão sobre uma placa sensivel, directamente, no quarto escuro, onde funccione um tubo nas condições descriptas das experiencias de Röntgen; ou sobre a placa sensivel envolvida em papel negro ou dentro do seu caixilho ordinario, em plena luz do dia e sem estar o tubo coberto, os raios X, emittidos do tubo, irão impressionar a placa e permittirão obter, no fim de alguns minutos, uma imagem, revelada, como dissemos e reproduzida pelos processos conhecidos da photographia. Essa *imagem* não é propriamente a imagem photographica da mão: é antes sua a sombra (*silhouette*) como nós a obteriamos collocando a mão entre uma parede e uma fonte luminosa. Para fixar esta ultima sombra, nós acompanhariamos com um lapis seu contorno e lhe dariamos um escuro uniforme: no caso da sombra sobre a placa sensivel, a fixação faz-se pelos processos da revelação photographica. Ha, porém, nos dois casos uma differença essencial: a primeira sombra não é uniforme, ao passo que a segunda ou a *imagem radiographica* (é a expressão adoptada hoje) é mais escura nas partes correspondentes ao esqueleto do que nas que são formadas pelos tecidos molles: o que mostra que os ossos são menos permeaveis do que estes aos raios de Röntgen.

Outras propriedades foram estudadas pelo sabio allemão. E' assim que elle reconheceu que esses raios não se refractam, isto é, não soffrem desvio atravessando meios differentes. Não se contentando com os resultados negativos obtidos em experiencias com

prismas de mica contendo agua ou sulfureto de carbono, e com prismas de ebanito e de aluminio de angulo refringente igual a 30° e de metaes mais densos, recorreu a diversas substancias reduzidas a pó, como o sal de cozinha, a prata em estado de grande divisão, obtida pela electrolyse, e o pó de zinco, e observou que os raios atravessam essas substancias como si ellas estivessem em estado coherente: o que indica não haver absorpção dos mesmos raios em virtude de reflexões reiteradas nas superficies das particulas experimentadas. Assim, os raios de Röntgen não se refractam nem se reflectem. Ora, não sendo susceptiveis de concentração por uma lente, não poderá ser empregado o apparelho photographico para as imagens de objectos expostos aos mesmos raios.

As ultimas experiencias citadas e bem assim outras, feitas com corpos de superficie rugosa e de superficie polida, nas quaes os raios X se comportam exactamente do mesmo modo, mostram que esses raios tambem não soffrem a reflexão regular. Comparando, por meio de um photometro, as intensidades das fluorescencias do seu anteparo, a 100 e a 200 millimetros do apparelho de descarga, reconheceu Röntgen que essas intensidades variam na razão inversa dos quadrados das distancias. Ora, as intensidades da luz produzida pelos raios cathodicos variam, segundo as experiencias de Lénard, em uma progressão muito mais rapida; o que mostra que elles são mais absorvidos pelo ar do que os raios X.

Essa differença entre as duas especies de raios não é a unica que notou o illustre professor allemão: elle reconheceu que os seus raios não obedecem, ao passo que os cathodicos cedem facilmente, á acção do iman. Parece, entretanto, resultar de experiencias reiteradas, que os raios X emergem dos pontos, onde os raios cathodicos encontram as paredes do tubo illuminado; porquanto é ahi que a fluorescencia é maior, variando a séde dessa maxima fluorescencia quando os mesmos raios cathodicos, no interior do tubo, são afastados por um iman. Dessas experiencias concluiu Röntgen que os seus raios não são identicos aos raios cathodicos, mas são por elles produzidos na parede de vidro do apparelho de descarga.

Temos empregado, como de uso, a expressão *raios X*, *raios Röntgen* para designar o *agente* que emana das paredes de um tubo illuminado nas condições das experiencias citadas. O professor Röntgen justifica o emprego da palavra *raio*, pelo facto da formação

regular das sombras; e cita, como prova da propagação rectilinea desses raios a imagem photographica, que elle obteve, do apparelho de descarga, interpondo a este apparelho e á placa sensivel uma fenda estreita.

Na Memoria inicial em que deu conta ao Instituto de Physica da Universidade de Würtzbourg da sua descoberta,—Memoria de que acabamos de dar rapida idéa, resumindo os factos na mesma ordem em que elles são ali expostos,—Röntgen repelle a hypothese, que poderia ser feita, á vista das propriedades fluorescentes e chimicas dos raios X, de serem estes analogos aos raios ultra-violetas; e cita contra ella os factos de não soffrerem os raios X refracção nem reflexão regular,—não podendo por isso ser polarizados pelos processos ordinarios,—e de produzirem os seus effeitos através dos corpos opacos. E termina enunciando o que elle chama a *explicação* dos seus raios: estes são, não como os raios provenientes das fontes luminosas conhecidas, o resultado de vibrações transversaes do ether, mas sim de vibrações que se propagam longitudinalmente no mesmo ether.

Como era natural, a descoberta de Röntgen provocou, perante os sabios e o publico, o maior interesse que se traduziu em experiencias, da parte dos primeiros, para alargar as applicações dos factos novos e de outros que pudessem descobrir, ou para fazel-os entrar em systemas mais ou menos preconcebidos, e da parte do ultimo para reproduzir, variando os objectos, os curiosos resultados photographicos obtidos pelo sabio allemão. E' assim que não ha revista estrangeira que não illustre suas paginas com provas radiographicas de mãos, chaves, relogios, moedas, objectos dentro de caixas de madeira ou de papel, passaros e outros pequenos animaes, etc.; e não publique trabalhos a respeito das applicações do novo processo á medicina, á cirurgia, á chimica. Algumas dessas revistas descrevem aquellas provas em artigos que tem o titulo *Photographia do invizivel*.

Comprehende-se bem o serviço que póde prestar á arte medica o conhecimento, dado pelas provas radiographicas, do interior das diversas partes do corpo humano. Por isso não nos detemos em citar as experiencias tentadas nesse sentido.

Quanto ás applicações á chimica, ha fundadas esperanças de obter, pelas provas radiographicas dos diversos compostos, indicações

que concorrem para facilitar a sua classificação. Com effeito, tem-se reconhecido, pelas experiencias encetadas pelo Sr. Maurice Meslans (*Comptes rendus de l'Academie des Sciences*, de 10 de fevereiro de 1896), que a presença de elementos chimicos solidos, liquidos ou gazosos de facil liquefação, nas substancias organicas, diminue-lhes a permeabilidade aos raios Röntgen. E' assim que os compostos formados pelo carbono, que é consideravelmente mais permeavel aos mesmos raios, do que todos os outros metaloides solidos, e pelo hydrogenio, oxygenio e azoto, têm maior permeabilidade do que aquelles em que entram o iodo, o chloro, o fluor, o enxofre, o phosphoro e o calcio. Este resultado está de accôrdo com o que se observa na prova radiographica da mão: os tecidos molles desta parte do corpo humano, muito mais permeaveis do que os ossos, não contém, como estes, phosphoro e calcio. As diversas substancias mineraes poderão ser estudadas do mesmo ponto de vista. Já está reconhecido que a presença de metaes pesados em quaesquer compostos concorre para augmentar-lhes a *opacidade* aos raios X: o que está tambem de accordo com outra observação de Röntgen, de ser o *flint-glass*, vidro que contém chumbo, muito menos permeavel do que o vidro ordinario. E' possivel que se descubra assim uma relação entre a funcção chimica dos corpos e o seu grau de permeabilidade aos raios de Röntgen.

Antes de deixar este assumpto, das experiencas instituidas pelos physicos para estudarem os raios de Röntgen, devemos assignalar o effeito mecanico que estes produzem sobre o radiometro de Crookes, fazendo cessar o movimento anterior dos discos deste apparelho, ou conservando-os immoveis, apezar do aquecimento do tubo illuminado. Esses phenomenos que, evidentemente, ligam-se ás propriedades calorificas dos raios cathodicos e dos raios anodicos, foram descobertos por Gossart e Chevallier (*Comptes R. de l'Ac. des Sc.*, 10 de fevereiro 1896), que continuam a estudal-os.

II

Depois de termos exposto os factos que constituem a descoberta de Röntgen, é natural examinar si elles podem entrar em alguma theoria conhecida, ou si alguma theoria nova póde ser estabelecida

de modo a explical-os. O criterio dessa theoria, qualquer que ella seja, deve medir-se pelo modo como considere as irradiações invisiveis, provenientes de um fóco luminoso, produzindo através de corpos opacos, effeitos visiveis.

Vejamos, primeiro, si esses raios invisiveis podem fazer parte dos raios cathodicos ou dos raios ultra-violetas do espectro solar. Essas questões não parecem estar resolvidas, nem pelos trabalhos de Röntgen e dos physicos que têm repetido suas experiencias, no sentido em que elle as julga decididas.

Quanto aos raios cathodicos, as experiencias, que citámos, de Röntgen, não autorizam a conclusão que elle tirou de serem differentes dos raios X. Com effeito: 1º. A absorpção dos raios de Röntgen pelo ar, julgada pelas fluorescencias produzidas sobre o cyanureto duplo de platina e baryo, e a dos raios cathodicos, segundo experiencias de Lénard, pelas fluorescencias através de folhas delgadas de aluminio, de substancias não sensiveis aos raios X, não são susceptiveis de comparação: comparal-as, é admittir que os raios cathodicos não são acompanhados dos raios X; isto é, dar como provado o que se quer provar. Admitta-se, com effeito, por um momento, que estes raios co-existam com aquelles: as experiencias de Lénard só abrangeriam as propriedades de uma *parte* dos raios cathodicos. 2.º O facto de não cederem os raios X á acção do iman tambem não exprime que elles não fazem parte dos raios cathodicos, os quaes cedem facilmente a essa acção. Fôra necessario antes demonstrar que *todos* os raios cathodicos são influenciados pelo iman; e as experiencias, de que temos conhecimento, não cogitam dessa demonstração. 3.º Igualmente falha é a conclusão que tira Röntgen da fluorescencia maxima nos pontos das paredes do tubo, aonde são levados, pela acção de um iman, os raios cathodicos: esse facto apenas mostra que, si os raios X co-existem no interior do tubo com os cathodicos, não se separam destes quando sobre o systema actúa um iman. E' evidente que a inercia magnetica dos raios X, quando estão isolados, não autoriza a supposição de que elles continuem inertes, quando acompanham outros raios obedientes á acção do iman.

Assim, não está demonstrado que os raios de Röntgen sejam de natureza differente da dos raios cathodicos; sendo certo que estes têm tambem a propriedade, descoberta por Hertz em 1894, de

atravessarem folhas delgadas de aluminio e de excitarem a fluorescencia em certas substancias.

Relativamente aos raios ultra-violetas, com os quaes Röntgen acredita não terem analogias os seus raios X, é tambem certo, que desde 1882, é conhecida a propriedade, descoberta por Chardonnet, de atravessarem aquelles raios uma camada de prata, como a que reveste os corpos prateados e que permittiu ao mesmo physico obter a photographia do arco voltaico e de uma estatua de marmore, servindo-se de um obturador de vidro prateado em uma de suas faces.

Apezar desta analogia, já conhecida, entre os novos raios e raios ultra-violetas estudados, convém considerar a difficuldade, que existe para se completar o simile desses raios, em consequencia de se não refractarem nem reflectirem os de Röntgen. Ora, pensamos que essa difficuldade não é real; porquanto é possivel admittir que estes, pertencentes á serie dos raios ultra-violetas, correspondem ás partes do espectro mais distantes dos raios visiveis do que os raios daquella especie até hoje estudados; e por essa circumstancia deixam de obedecer ás leis da reflexão e da refracção da luz.

Para tornar esta explicação accessivel ás pessoas que não tenham preparo especial, cumpre fazel-a preceder de um rapido resumo das propriedades das diversas regiões do espectro solar.

Esse espectro compõe-se de uma zona visivel, desde o vermelho até ao violeta, e duas zonas invisiveis, uma além do vermelho, a outra além do violeta. Essas tres zonas compõem-se de irradiações calorificas, — são as ultra-vermelhas; de irradiações luminosas, as que constituem a parte visivel do espectro, e de irradiações chimicas, — as ultra-violetas.

Do vermelho ao violeta, a refrangibilidade dos raios, ou a propriedade que têm de se refractarem, vai em progressão crescente, isto é: os raios alaranjados refractam-se mais do que os vermelhos, os amarellos ainda mais, e assim por diante quanto aos verdes, azues, anilados e violetas. Admitte-se que esta ordem de refrangibilidade existe nas partes invisiveis do espectro: assim os raios ultra-violetas são cada vez mais refrangiveis, á medida que se afastam da região luminosa, e os raios ultra-vermelhos são successivamente menos refrangiveis a partir do vermelho. Admitte-se tambem que a visibilidade dos raios liga-se á velocidade das vibrações com que elles se propagam: os mais refrangiveis, que correspondem a maior

numero de vibrações por segundo, ou a ondas mais curtas, deixam de ser visiveis, quando esse numero de vibrações attinge um certo limite; do mesmo modo os menos refrangiveis perdem a propriedade de affectar o orgão da visão quando correspondem a um numero de vibrações abaixo de outro limite.

Vê-se assim que, do mesmo modo que os sons deixam de ser perceptiveis quando são demasiado graves ou demasiado agudos, o espectro póde ser considerado como uma escala de irradiações que só são visiveis quando correspondem a um numero de vibrações por segundo que não seja inferior ao das vibrações dos raios vermelhos, nem superior ao das correspondentes aos raios violetas: nos casos contrarios, as irradiações são invisiveis, só podendo denunciar-se, umas, pelos effeitos calorificos, as outras, ultra-violetas, pelas propriedades chimicas.

Estes raios ultra-violetas podem tornar-se visiveis pelo emprego de substancias fluorescentes: é assim que elles illuminam um papel coberto de ligeira camada de sulfato de quinino. Si substituirmos essa substancia pelo thalleno, a fluorescencia manifesta-se em uma porção mais estensa da zona ultra-violeta. Ora, as substancias fluorescentes, como o reconheceu Stokes desde 1853, abaixam a refrangibilidade dos raios do espectro, tornando visiveis aquelles que o não eram. Outras substancias mais activas podem existir, como o cyanureto duplo de platina e baryo, que tornem perceptiveis, pelos effeitos fluorescentes, raios ainda mais refrangiveis de que os que têm sido denunciados até agora.

Dados estes esclarecimentos, voltemos ao facto de não se refractarem nem se reflectirem os raios X: o que constitue uma difficuldade para admittir que elles pertencem aos raios ultra-violetas. Ora, dissemos, e repetimos: essa difficuldade não é real. Com effeito, nada impede admittir que a maior refrangibilidade ou maior velocidade vibratoria dos raios chimicos, do mesmo modo que a menor refrangibilidade ou menor numero de vibrações por segundo dos raios calorificos, impeça esses raios *invisiveis*, de um e de outro lado dos raios *luminosos*, de obedecerem ás leis da luz quando as vibrações respectivas excedem, ou não attingem, certos limites.

Nem um facto conhecido impede que se aceite essa hypothese; e ella é tão natural, que só poderia ser recusada si os factos a contrariassem.

O que dissemos do espectro solar applica-se aos do arco voltaico e aos das fontes luminosas conhecidas; as differenças que apresentam os diversos espectros sendo apenas de grau, não de natureza.

Portanto não é desarrazoado, nem contra os factos conhecidos, admittir que os raios de Röntgen são analogos aos raios ultra-violetas, aos mais distantes da região dos raios visiveis.

Vejamos agora, afinal, a que se reduz o facto de atravessarem elles corpos opacos. O falso presupposto de serem esses raios analogos aos raios luminosos tem perturbado a apreciação da descoberta de Röntgen quanto áquelle ponto.

Que é um corpo opaco? O que não deixa passar a luz. Mas aqui não se trata de *luz*, e sim de *raios invisiveis*, de raios chimicos. Os raios calorificos atravessam corpos opacos; o papel negro dos photographos, a fuligem, a tinta de impressão são conhecidos pelo seu grande poder absorvente do calor; o cristal de rocha coberto de fuligem, portanto opaco, irradia o calor tão perfeitamente como si estivesse limpido conservando-se transparente. Restava mostrar que os raios chimicos tambem produzem, através dos corpos opacos, phenomenos chimicos. Ora, já era conhecida essa propriedade de alguns em relação ao vidro revestido de tenue camada de prata, segundo as experiencias acima citadas, de Chardonnet. Röntgen veiu mostrar que os outros raios, invisiveis tambem,—que nós consideramos analogos a esses, apenas mais refrangiveis do que elles, atravessam o papel negro e outros corpos opacos de espessuras que não attinjam a certos limites, e vão, nessas circumstancias, produzir phenomenos de fluorescencia e phenomenos chimicos.

Corpos que não deixam passar os raios *luminosos* e por isso chamam-se *opacos*, podem ser atravessados pelos raios *invisiveis*, calorificos ou chimicos: *eis os factos que eram conhecidos e não foram invalidados.*

Portanto, a descoberta de Röntgen consistiu apenas em alargar o campo de experimentação nesse estudo dos raios chimicos, mostrando que elles existem nos gazes rarefeitos, quando expostos a forte corrente de inducção. Já um experimentador, o Sr. G. Moreau (*Compt. Rend. de l'Ac. des Sc.*, 3 de fevereiro de 1896), obteve imagens como os de Röntgen, sem se servir de tubos de Crookes, e sim pela simples exposição das placas sensiveis, collocadas, com o

objecto a photographar, dentro de uma caixa de cartão completamente fechada,—á acção do *pennacho* (effluvio) de uma forte bobina de Ruhmkorff,—pennacho esse produzido entre a extremidade do fio positivo e um pequeno disco ou uma ou diversas pontas negativas—e *parallelo* ás placas.

E' de esperar que, dentro de pouco tempo, outros processos experimentaes permittam mais facilmente aproveitar os curiosos effeitos dos raios X: ter-se-á então fixado o verdadeiro valor a essa *incognita*, que tanto abalou a imaginação publica.

ALVARO JOAQUIM DE OLIVEIRA

A SUPPOSTA GLACIAÇÃO DO BRAZIL[1]

O segundo methodo de formação dos blocos é inteiramente similhante ao primeiro, mas em vez de serem massas de granito ou gneiss, derivam-se, pelo mesmo processo de exfoliação e decomposição, dos blocos angulares em que se partem os diques de diorito, diabase, e outras rochas duras de coloração escura. A sua côr distingue-os perfeitamente dos granitos circumvizinhos, e os proprios diques estão quasi invariavelmente encobertos. Além disso, estes diques contêm muitas vezes inclusões de outras rochas differentes, e temos assim occasionalmente blocos de varias especies de rochas misturados entre si. As argillas derivadas da decomposição destes diques são de côr um tanto differente das provenientes dos granitos, de modo que quando o deslizamento ou os escorregamentos de terras levam a sua confusão ás relações originaes das rochas, a similhança com os verdadeiros *boulder-clays* glaciaes é um tanto forte. A probabilidade de descobrir a origem destes blocos é diminuida ainda pela profundidade em que as rochas são decompostas, e pela mata impenetravel que cobre toda a região e tão poderosamente limita as observações. Diques similhantes aos ultimos mencionados são frequentes nas montanhas do Rio de Janeiro. De facto esta divisão abrange o que geralmente se considerou como a melhor evidencia da glaciação do Brazil, certos blocos das vizinhanças do Hotel Inglez na Tijuca, ainda que alguns sejam de granito.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de abril.

A realidade é que os grandes massiços montanhosos das vizinhanças do Rio são de granito ou de gneiss, ao passo que alguns blocos provém de diques ou de outras rochas escuras que se erguem nas encostas e que não foram examinados por Agassiz nem por Hartt. Ha um bom exemplo de dique partindo-se em blocos na passagem do Jardim Botanico para a Gavea, perto da cidade do Rio. Neste lugar o terreno, até uma profundidade de quinze pés ou mais, está coberto com argillas contendo blocos de diorito e granito, e fragmentos de quartzo. Mais para léste, em nivel mais baixo, algumas destas argillas foram lavadas e contêm fragmentos de quartzo subangulares, alguns com dois pés de diametro, e muitos delles estando gastos pelas aguas. E' talvez digno de menção que estes fragmentos de quartzo gastos pelas aguas e incrustados nas argillas foram considerados por Hartt como a melhor evidencia da glaciação. Elles foram finalmente eliminados como tal no fim de uma estação chuvosa, por ter eu descoberto um desmoronamento enchendo um pequeno barranco em que o leito do regato estava alastrado de pequenos fragmentos de quartzo similhantes, e o todo coberto com um escorregamento de argillas comprimidas.

Uma lição altamente instructiva sobre o assumpto dos blocos e argillas, sua origem e relações com o chamado *drift* do Brazil, póde ser obtida no trabalho do professor Derby sobre as rochas nephelinas do Brazil. Lendo-se esse artigo póde-se facilmente imaginar como o professor Agassiz, em uma rapida viagem por S. Paulo e Minas, teria interpretado estas argillas e blocos de differentes especies e differentes côres.

Quanto aos chamados erraticos, mencionarei tambem a opinião de um outro observador e escriptor sobre a geologia do Brazil. Emmanuel Liais, antigo director do Observatorio do Rio de Janeiro, affirma positivamente que não ha evidencia alguma de glaciação no Brazil. A respeito dos suppostos blocos erraticos, diz elle « Estes blocos, comquanto numerosos, estão sempre nas immediações dos veios de que são derivados... Posto que apresentem ás vezes a apparencia de erraticos pela sua abundancia e arranjo rectilineo, elles não são blocos transportados, e nada têm de commum com os phenomenos erraticos... Não pude descobrir signal da existencia de nenhum bloco que pudesse ser considerado como erratico e procedente de uma região distante daquella onde se

achasse. Nas vizinhanças destes blocos isolados encontram-se sempre diques, veios ou simplesmente massas ou blocos do mesmo material intercalado com o terreno *in situ*». Elle fala da occurrencia de diques de diorito de que se derivaram muitos dos blocos referidos por Agassiz. Dezenas de affirmações desta natureza podem ser citadas do livro de Liais.

O Conde de la Hure mostrou tambem como o diorito parte-se em blocos, e cita como prova alguns des muitos córtes da Estrada de Ferro Central do Brazil, que Agassiz e Hartt referem ao *drift*. Saldanha da Gama tratando da exfoliação e decomposição das rochas graniticas descriptas pelo Conde de la Hure e Capanema diz: «Este e muitos outros factos accumulados pelo naturalista brazileiro em suas observações sobre o diorito e outras rochas da mesma classe levaram o eminente geologo suisso a dizer que o estudo do *drift* no Brazil não seria bem comprehendido emquanto não se tivesse perfeito conhecimento da decomposição das rochas». Refere-se tambem ao facto que estes phenomenos podem ser observados em varias provincias do Brazil. As duas especies de blocos supracitados são communs nas regiões de rochas cristallinas, uma terceira especie é encontrada nas partes orientaes do Brazil que estão cobertas, ou estiveram cobertas antigamente, com sedimentos terciarios, particularmente no estado da Bahia, e d'ahi para o norte até o valle do Amazonas. Estes depositos terciarios contêm camadas de grés que, pela exposição, passam ás vezes em certos lugares ao mais duro quartzito.

A maior parte das camadas associadas são friaveis e facilmente corroidas, de modo que quando os estratos circumvizinhos foram removidos deixaram atrás alguns blocos de quartzito, variando de tamanho entre um e quatro pés de diametro. Estes blocos são tão differentes das rochas circumdantes de que se derivam que, não se prestando attenção especial ao estudo dos sedimentos terciarios naquella região, pode-se ficar muito embaraçado e ser mesmo enganado por elles.

A segunda classe de evidencias que motivaram o engano de Agassiz e Hartt consta de materiaes gastos pelas aguas transportados. Estes materiaes consistem de blocos, calhaus e cascalhos, ás vezes isolados, outras vezes misturados com areia e argilla, e estão espalhados por toda a parte, posto que

irregularmente, sobre toda a área terciaria e cretacea que margina o oceano, e estende-se á grande distancia no interior, muito além das margens dos depositos terciarios. Foram considerados pelos escriptores em questão como analogos aos materiaes gastos pelas aguas tão communs no *drift* septentrional. Si estes materiaes fossem de origem glacial, não é desarrazoado acreditar que entre elles se encontrassem ás vezes seixos estriados, mas é certo que até hoje não foram vistos taes signaes, posto que eu os tivesse procurado cuidadosamente. Não se póde admittir que as estrias fossem obliteradas pelos agentes atmosphericos, porque a conservação das faces dos seixos esburacadas e gastas pelas aguas mostram sobejamente que faces estriadas teriam sido conservadas igualmente bem si tivessem existido.

A origem destes materiaes gastos pelas aguas já foi por mim explicada algures, e desse artigo citarei o seguinte: «Esta formação está espalhada sobre os morros e valles da bacia Sergipe-Alagôas e região adjacente sob a forma de uma delgada camada de calhaus, seixos e areia, ás vezes soltos, ás vezes cimentados em uma pedra de podim com dez pés de espessura, e, quando exposta, é ennegrecida pelo manganez. Ella reveste o cimo dos planaltos terciarios ou seus contornos, espalha-se para baixo ao longo dos lados dos morros, e accumula-se nos valles. Não fica encerrada nos limites geographicos do terciario ou cretaceo, sendo encontrada mais para o interior e muito além dos actuaes limites destas formações. A sua espessura é por toda a parte mais ou menos irregular, e em lugar nenhum póde-se dizer universal ou continua. O autor viu este material por todo Sergipe e Alagôas, na Parahyba, e penetrando até as cabeceiras do rio Ipanema, no interior da provincia de Pernambuco, onde não ha remanescentes de rochas estratificadas terciarias. Entre o baixo São Francisco e a fronteira da provincia de Alagôas, e sem duvida em muitas partes da provincia de Pernambuco, este material gasto pelas aguas acha-se misturado nos pantanos com restos de mammiferos gigantescos extinctos.

«Um dos caracteristicos notaveis desta formação post-terciaria é que ella é mais grosseira para o interior, tornando-se mais fina a medida que se aproxima da costa. A explicação deste material gasto pelas aguas parece ser que o periodo terciario terminou por uma depressão ao longo da costa actual, que impelliu muito para o

interior a linha da praia, ou que esta já era assim. Seguiu-se então uma emergencia gradual, durante a qual toda a área hoje coberta por este material gasto pelas aguas e extensamente distribuido passou á condição de praia, sobre a qual as rochas superficiaes da região, então soltas e angulares, foram arredondadas e transformadas nos blocos, calhaus e seixos que hoje encontramos disseminados nesta região. Emquanto as vagas bateram e usaram as rochas cristallinas e metamorphicas duras era impossivel produzirem effeito muito notavel, mas quando, no decurso da emergencia das terras, as camadas argillosas e arenosas molles do terciario chegaram ao seu alcance, a obra da esculptura das terras augmentou enormemente. Durante a sua emergencia estas camadas terciarias foram profundamente corroidas, e a vaza que a principio fez parte das mesmas foi levada para o mar, sendo os materiaes mais grossos concentrados sobre a praia que lentamente recuava. Em alguns lugares estas accumulações assumem proporções extraordinarias como si fossem produzidas pelo bater gradual ao longo da praia, ou fossem reconcentradas por correntes posteriores. »

Agassiz pensava que os contornos ondulosos da topographia das vizinhanças do Rio de Janeiro podiam ser attribuidos á acção glacial, comquanto reconheça que a sua apparencia nada mostra em relação á glaciação. Um estudo cuidadoso dessas feições, feito com esta suggestão em mente, mostra que as encostas arredondadas não têm uniformidade no seu arranjo, isto é, o que seria encostas de *stoss* (stoss sides), a julgar pelas fórmas topographicas, apresenta-se ora numa direcção, ora noutra, e que os contornos são simplesmente os produzidos pela erosão e decomposição ordinaria ainda que muito influenciados pelas feições estructuraes. A opinião de Hartt, conforme foi manifestada primitivamente no seu livro, era que as fórmas dos morros eram «devidas principalmente á denudação subaeria.»

Pequeno testemunho negativo de grande importancia contra a hypothese glacial é o facto de não se ter em parte alguma observado nenhuma estria, quer nas rochas *in situ*. quer em qualquer bloco, calhau, ou seixo, que possa, por um legitimo esforço de immigração, ser attribuido á acção glacial. E é justo recordar o facto que tanto Agassiz como Hartt reconheceram que era esta evidencia mais do que todas as outras, que faltava para a sua theoria glacial.

Quão diligentemente Agassiz procurou tal evidencia, pode-se julgar pela narração da sua viagem por Mme. Agassiz e por elle proprio, e sei que Hartt não deixou pedra por virar nem localidade por explorar que lhe pudessem fornecer as estrias ha tanto tempo procuradas. Ambos explicaram a ausencia de taes signaes suppondo que foram obliterados pela decomposição das rochas, e Agassiz acreditava que na região do Amazonas não existiam superficies rochosas expostas. Não é crivel que as estrias glaciaes tenham sido consideradas na Asia, Africa e Australia desde a idade carbonifera, e inteiramente obliteradas no Brazil, tanto as das camadas rochosas como as dos conglomerados depositados na idade post-terciaria, ou, como já foi mencionado, que as faces esburacadas e gastas pelas aguas fossem conservadas nestes materiaes ao passo que os signaes glaciaes foram obliterados.

James E. Mills, geologo profissional e antigo discipulo de Agassiz em Harvard, gastou quasi dois annos no Brazil, nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Geraes. Elle expôz as suas vistas sobre o assumpto da glaciação naquella região do seguinte modo: «Nas partes do Brazil por mim observadas não ha *drift* glacial, nem superficies rochosas glaciadas, nem topographia glacial, ou quaesquer outros signaes da existencia de geleiras ».

Agassiz indica muito claramente a fraqueza da sua propria theoria sobre a glaciação do Brazil numa carta ao professor Pierce, de Harvard, dizendo: «Ainda não vi nenhum vestigio de acção glacial propriamente dito, a menos que se deva considerar como taes as superficies polidas, estrias e sulcos».

Até aqui tenho-me limitado á exposição dos factos que se relacionam directamente com a glaciação. Além destes factos, é assumpto da maior importancia a continuidade da vida desde a idade terciaria até o presente, especialmente nas partes tropicaes e subtropicaes da terra. Si a glaciação tivesse sido cosmica, como Agassiz suggeriu — si ella tivesse tido lugar no proprio Equador — então os raciocinios dos biologos concernentes á origem e distribuição da vida actual do globo estariam totalmente errados. Um critico da *Geologia do Brazil* de Hartt ha muito tempo chamou a attenção para o facto que «a grande objecção á theoria da antiga existencia de uma geleira continental na America tropical, é a continuidade

ininterrupta da vida tropical desde a terminação do periodo terciario». O Sr. Wallace, numa critica anterior, já tinha chamado a attenção para o mesmo ponto, ao passo que ainda um outro deu valor ao importante facto que as plantas encontradas nos pantanos do Amazonas, consideradas por Agassiz como de origem glacial, são restos de plantas tropicaes, e não são portanto comparaveis ás plantas alpinas que crescem ao lado das geleiras existentes nas regiões montanhosas.

As seguintes são algumas das opiniões dos geologos referentes aos phenomenos considerados por Agassiz e Hartt como glaciaes. Estes autores são citados, não simplesmente com o intuito de accumular citações sobre o assumpto, mas porque elles viram muito da geologia do Brazil, e devem ter opiniões dignas de consideração. Darwin, que visitou o Brazil em 1832 e viu alguma coisa destes phenomenos, referiu que nenhum bloco glacial verdadeiro foi observado nas regiões intertropicaes. O botanico inglez George Gardner dá a explicação exacta da formação do solo das vizinhanças do Rio. Burmeister, que viajou extensamente no Brazil, é de opinião que os factos referidos por Agassiz em apoio da sua hypothese glacial no Brazil devem ser explicados doutro modo. A opinião contraria de Liais já foi citada. O Dr. Guilherme S. de Capanema, geologo brazileiro, é inteiramente contra a theoria da glaciação no Brazil. Os escriptos do professor James Orton, em que elle discute a hypothese glacial no que diz respeito ao valle do Amazonas, já foram citados, emquanto que o professor Hartt reconheceu o engano de Agassiz naquella região. O Sr. James E. Mills viu alguns dos melhores exemplos da supposta glaciação no Rio de Janeiro e gastou mais de um anno nos planaltos do Brazil, a sua opinião relativamente ao que observou já foi citada. O professor Derby tratando da possibilidade da glaciação omitte qualquer referencia aos phenomenos a que Agassiz e Hartt ligaram tanta importancia, isto é, os das montanhas das vizinhanças do Rio, si bem que eu saiba que elle está perfeitamente familiarizado com aquelles phenomenos.

Resumirei as minhas proprias opiniões declarando que não vi, durante oito annos de viagens e observações geologicas, que se estenderam desde o valle do Amazonas e a costa através os planaltos do Brazil até as cabeceiras do Paraguay e do Tapajós, um

unico phenomeno indicando blocos, cascalhos, argillas, solos, superficies ou topographia, que pudesse ser attribuido á glaciação. Uma origem glacial para certos cascalhos foi provavelmente suggerida por Derby, visto ser a sua origem um tanto obscura, mas sou de opinião que elles admittem a mesma explicação dos cascalhos das partes superiores dos rios do sudoeste dos Estados Unidos, e que a glaciação nada tem de commum com elles.

JOHN C. BRANNER

INDUSTRIAS EXTRACTIVAS[1]

Scientificamente *fibras vegetaes* são as cellulas delgadas e longas. A sua composição histologica e chimica é a mesma que a das precedentes cellulas. As de origem animal (sêda, lan, crina e pellos diversos) têm fórma similhante, porém a sua composição e estructura são differentes.

A utilidade das fibras vegetaes, extraidas das folhas, ou da parte do caule chamada *liber*, é tal, a sua colheita é tão facil e abundante, e ellas se prestam a tantas applicações para tecidos, desde os mais grosseiros, como capachos, etc., até a finissima cambraia, e bem assim para cordoaria, que desnecessario se torna encarecer a sua utilidade, e mostrar, portanto, as grandes vantagens de sua exploração na industria extractiva. Si assim não fosse, eu aconselharia a leitura dos relatorios do Sr. Chas Richards Dodge sobre o assumpto. O seu 5º relatorio (de 1893) por exemplo, que refere-se ás investigações relativas ás *piteiras* ou *ágaves* ali conhecidas pelos nomes vulgares de « Flórida-Sisal-Hemp, False-Sisal-Hemp (*Agave decipiens*, Grave), Bowstring-Hemp, bem como ao *ananaz* (Pine-apple) e ao Bear-Grass, etc., é dos mais interessantes. Diz elle que a importação de taes fibras foi ali (na Flórida) de 7 a 8 milhões de dollars ao anno, além de 50 milhões de dollars das do paiz, e além do chamado *Ixtle* ou *Tampico-Hemp* e outros do extremo meridional da União, e que em 1892 ascendeu a 600.000 dollars. Quanto ás fibras do *ananaz* nas plantações do lugar chamado (*Cocoa-Nutt* dos Coqueiros) o mesmo se dá ; pelo que, a industria daquellas fibras ali

[1] Veja a *Revista* de 15 de março e 1 de abril.

augmenta de dia para dia, bem como a das Sansevieras, vulgarmente chamadas nos Estados-Unidos *Bowstring-Hemp*, e do linho da Nova-Zelandia (*New Zealand Flax*).

A estensão das plantações de especies vegetaes que dão fibra textil no referido paiz era, ha 3 annos, de 200 milhas de costa só no Key-West e no New-River ; tendo sido montadas machinas e apparelhos no Cocoa-Nutt-Grave e na Biscaine-Bay para os trabalhos da extracção e aperfeiçoamento do preparo das fibras. Das piteiras, as que mais mereceram a sua attenção, pelos resultados que deram, foram : a *Agave rigida* Var. *Sisalana*, *Agave decipiens*, *Agave Americana* L. vulgo *Maguey*, de cujo hastil faz-se papel chamado tambem *Maguey*. A *Bans-keora*, do Indostão, que dizem alguns ser a mesma que a *Maguey* ali acclimada e outros uma variedade, fornece producto identico. Das experiencias feitas em Calcuttá pelo Dr. Forbes Royle, em relação a tenacidade das ditas fibras em cabos ou cordas (cujo diametro o relatorio não dá), resulta que a resistencia ao peso foi :

Com as da piteira de.....	2,519	lb.
» » do coqueiro »	2,175	»
» » da juta »	2,456	»

O Ixtley ou Tampico (*Agave heteracantha* Zucc, ? *Ag*, *Lechuguilla* ?), dá tambem fibras analogas. Todas estas plantas são acclimaveis no Brazil.

As seguintes especies estudadas industrialmente no Kew-Garden, em Londres, são uteis para o mesmo fim que as precedentes : *Agave xylacantha* Salm-Dict, *Ag. horrida* Lemaire, *Ag. Kerchovei* Ejusdem, *Ag. lophantha* Scheide, *Ag. uni-vitata* Haw, *Ag. multilineata* Baker. Das 20 especies e variedades sobre que o Sr. Dodge fez experiencias, todas dão tambem boa fibra textil, e são igualmente acclimaveis no Brazil : muitas dellas têm representantes no Jardim Botanico do Rio de Janeiro, e exigem poucos ou nenhuns cuidados na cultura.

Os ananazes e os gravatás (*Ananassa*, *Bromelia* e outros generos das Bromeliaceas), grande numero delles espontaneos ou sub-espontaneos no Brazil, dão fibras bellissimas, por seu brilho, lembrando o da sêda (côr alva, grande tenacidade e durabilidade muito

consideravel), pelo que, são chamadas *Pineapple-silk* (sêda de ananaz). Os troncos e galhos das arvores de nossas florestas estão cobertas de numerosas epiphytas daquella familia. Entre ellas, a *Macambira*, dos sertões do norte do Brazil (*Bromelia laciniosa* Arr.,) ; as Tillandsias, tão abundantes por toda parte ; principalmente as chamadas *barbas de páu* (*Tillandsia recurvata* L.,) e outros de que se fazem colchões e travesseiros. Os norte-americanos fizeram em Vienna com este vegetal uma linda exposição,e seu relatorio mostrou como elle era rendoso e procurado.

As chamadas *cambraias de sêda* e alguns dos *foulards* finos chinezes e japonezes, quando não são feitos com a borra de sêda, ou com as fibras de certas Musaceas, o são com as das Bromeliaceas. Estas não poucas vezes servem para falsificar certos tecidos da sêda animal.

Em Elliot's Key é onde talvez mais se cultiva na Flórida o ananaz, aproveitando-lhe as fibras, que o Dr. Harris considera superiores ás do linho, sendo de mais facil preparo que estas, além de não se alterarem n'agua. E' de notar que as folhas podem ir sendo colhidas pouco a pouco, sem haver inconveniente para a colheita do fruto. Na India dão mais resistencia a estas fibras, mergulhando-as em um soluto ou infuso de cascas contusas do mangue (*Rhizophora Mangle*) ou de outras ricas em tannino. Entre nós esta industria facil e abundantissima quasi que não existe. Um cabo de fibras de ananaz tendo 3 $^1/_4$ pollegadas de circumferencia, resiste ao peso de 7.700 libras, segundo as experiencias publicadas em varios jornaes da especialidade.

Das Liliaceas varias possuem tambem boa fibra textil principalmente para cordoaria; as Sanseviera, sobretudo as chamadas *murgas* ou *moorgas* e *moorgaves* pelos indianos, e das especies seguintes, além de outros, que todas se reproduzem facil e promptamente: *Sanseviera Guincensis* Willd., *S. Zeylanica* L., (*S. Æthiopica Thbg.*); *Roxburghiana; latifolia* etc. ; *lanuginosa* (talvez a mais preciosa dellas, que é chamada *Katu-Kapet* na costa do Malabar). No Brazil cultiva-se algumas especies como curiosidade. O *Phormium tenax* Forst., da Nova Zelandia, onde é conhecido pelo nome de *Harakeke*, e de *linho da Nova Zelandia* (*New-Zealand-Flax*, dos inglezes), tambem fornece fibra preciosa para a cordoaria e tecidos grosseiros. Ella dá perfeitamente no Brazil, onde ha exemplares cultivados por toda

parte. As *Yuccas* estão no mesmo caso, sendo mais procuradas as seguintes especies: *Yucca alloëfolia* L., (*Bearn-Grass*, dos inglezes) *Y. angustifolia* Walt., *baccata* Ejusd., *filamentosa* L., e *gloriosa* L. Na Bahia as Yuccas vulgarmente são chamadas *velas da Puresa.*

As Pandanaceas possuem, sem excepção, fibras foliaceas excellentes.

Das Musaceas todas dão fibras textis; principalmente as bananeiras da China ou da Reunião (*Musa Cavendishii* Paxt.) da Abyssinia (*Musa ensete* Bruce), de Manilha; (*Musa trogloditarum* Var., *Textoria Blanco*), cujas fibras são conhecidas por linho ou canhamo de Cantão; bananeira de corda (*Musa textilis* Nees) etc. A arvore do viajante (*Ravenala Madagascariensis* Juss.), como as bananeirinhas do mato (*Heliconias, Strelitzias*), e bem assim a maior parte de nossas Zingiberaceas e Marantaceas etc.

Das Anonaceas, as nossas embiras (*Funifera utilis* Leandro do Sacramento ou *Daphne Brasiliensis*, Raddi *Xylopia frutescens* Aubl; *X. sericea* St. Hil., e *Marginata* Mart.) a pindaiba (*Guateria vilosissima* St. Hil.) e outras dão bella e longa fibra tenaz para cordoaria e para varios tecidos. Das Araceas muitas as têm tambem : o cipó-imbê ou tracoá (*Philodendron Imbe* Schott.) fornece-as de grande resistencia e duração ao ar, como n'agua. O mesmo das Urticaceas, entre as quaes o nosso assa-peixe (*Bœhmeria caudata* Sw.) e de outras congeneres da celebre ramia (*Bœhmeria nivea* Hoock. e Arn.), e de varias outras.

As cucurbitaceas tambem são abundantes em especies textis; as fibras, como as das precedentes, são igualmente de origem liberiana. Dellas ha por exemplo entre nós as aboboreiras-do-mato (*Melothria Fluminensis* Gordon ou *Willbrandia hibiscoides*, Manso) e muitas outras.

Das Passifloraceas, citarei, entre outras o chamado maracujá de corda (*Passiflora filamentosa* Willden) e quasi todas as congeneres desta. Das Malvaceas e Sideas, os Hibiscus, e principalmente o *H. Abelmoschus* L. chamado entre nós quimgombô de cheiro ; as guaximas (*Urena sinuata* L. *U. lobata* Cav.) ; os malvaiscos (principalmente o *Sphœralcea Cisplatina* St. Hil.); as vassouras e vassourinhas (*Sida Carpinifolia* L. ; *S. rhombifolia* L. *S. multiflora* Cav., *S. Hilariana* Walp.) Das Dioscoreaceas, Tiliaceas, Sterculiaceas, Bombaceas, todas sylvestres, ha varias de que se póde tirar excellentes fibras.

Das Palmeiras ou Palmaceas, todas, sem excepção, as fornecem para diversos usos ; principalmente as piaçabas (*Leopoldinia*

Piaçaba Wall., *Attalea funifera* Mart.,*Orbignia Eichleri* Drud.; *Orbignia racemosa* Ejusd.); os tucuns (*Astrocarium vulgaris* Mart., *Astroc. sclerophyllum* Drud. *Astroc. Chonta* Mart. *Bactris setosa* Mart.), tucumá ou tucuman (*Astrocarium Tucuma*, Mart.) e muitissimas outras. O *Uaucu* (*Monopterix Uaucu* Spr.) Na monographia da Palmeiras do Sr. Barboza Rodrigues como na da Flóra Brazil, Mart., ha um sem numero de outros exemplos.

Plantas tannantes ou de curtume—, assim chamadas, porque contém tannino para curtir pelles, são fortemente adstringentes; quasi sempre aquelle principio acha-se na casca da arvore, outras vezes em pequenos tumores devidos a picada de certos insectos, como na chamada *nóz de galha*; outras em toda a planta.

No Brazil possuimos um numero extraordinario de especies adstringentes; daremos apenas alguns exemplos: barbatimão (*Stryphnodendron Barbatimão* Mart.); mangue-vermelho (*Rhizophora Mangle* L.); caparosa (*Ludwigia Caparosa* Baill.) buranhén ou monésia (*Lucuma glyciphlœa* Mart.) Varias especies de araçás (*Psidium*).

Embora sem as regras technicas, e destruindo as bellas florestas seculares, para plantar milho e feijão, a industria extractiva das madeiras já é exercida entre nós. A fama das numerosas essencias florestaes e sobre tudo das destinadas ás construcções naval e civil, ás vias ferreas e ás locomotivas, de que nesta exposição ha bellas amostras, e que nas officinas da Ponta do Cajú, do Sr. F. Casimiro Alberto da Costa e de outros fabrica-se admiravelmente bem; as destinadas á marcenaria, (que já têm attingido a um grau de perfeição admiravel) como tambem se vê dos objectos expostos, porém que na Exposição industrial do Rio, ao contrario do que succede nos paizes mais adiantados depois de fazer-se prodigios, logo que se ganha credito, começa-se a retroceder de modo que chega-se a duvidar que certos trabalhos tenham provindo das mesmas officinas!

Como não preciso demonstrar que possuimos madeiras de superior qualidade para tudo, desde a lenha até os mais delicados e primorosos artefactos da esculptura e marchetaria, passo a outro ponto; lastimando que depois de tantas exposições não tenhamos exemplares completos para estudo; excepto na Polytechnica e no Museu Nacional, onde creio que existirá ou deverá existir uma boa collecção mais ou menos bem classificada. Por intermedio dos

arsenaes e fabricas, pode-se obter collecções para cada especialidade.

Borracha, e gutta-percha. Desde março de 1876 que me occupo destas industrias, e particularmente da segunda, na *Revista da Sociedade brazileira de Acclimação*, e bem assim, depois, nos meus « *Elementos de Botanica geral e medica* », e em relatorios dirigidos aos Governos do Pará e Amazonas.

A borracha ou gomma elastica (*caoutchouc* dos francezes e *India rubber* dos inglezes), é substancia extractiva de certas plantas cujo *latex* se solidifica, tornando-se elastico e impermeavel, propriedades que a tornam muito procurada para diversos usos industriaes, medicinaes e economicos. Como se vê do relatorio da 1ª Exposição de Paris ao Governo francez, « não ha outro exemplo de um producto que se preste a tantos misteres e que dê tanto lucro aos agentes da producção e da fabricação com tantas vantagens para o consumidor », como a borracha. O sabio professor Decaisne, depois de fazer o confronto das differentes especies que dão borracha na India, em Madagascar, etc., termina dizendo, « que nenhuma industria extractrativa é comparavel á *Siphonia* do Brazil (Hevea), que abastece 4/5 partes da materia prima consumida nos mercados. »

Na India a arvore de que por excellencia se extrae a borracha é o *Ficus elastica*, de que ha, entre outros, no Rio de Janeiro, um velho exemplar em frente á porta do ministerio de estrangeiros, na Gloria, emquanto que a brazileira provém de algumas Hevea (*H. Guianensis discolor*, *globulifera* ou *anani* e outras), e bem assim das mangabeiras *Hancornea speciosa* Muell. Arg.) do macugê (*Couma Mocugê* Caminhoá) e da sôrva do Pará (*Couma utilis* Muell. Arg.), mangabeira brava (*Hancornia pubecens* Mart.); gamelleira branca (*Ficus doliaria* Mart.), e varias outras figueiras, por ora não exploradas; sendo as Hevea, vulgarmente denominadas *seringueiras*, as mais exploradas.

Quem não conhece a *borracha* e os innumeros artefactos que a industria com ella fabrica? Salva-vidas, capótes, chapéos, perneiras, sapatos e botas impermeaveis; tubos para bombas de incendio, irrigação das ruas, praças e jardins, e para communicação de gaz, bem como para usos medicinaes tubos de drainage, seringas de injecção e irrigação para ambos os sexos, etc., a chamada *tramauticina* é um solúto de borracha em chloroformio, empregado com

ou sem outros principios medicinaes contra certas affecções cutaneas e para proteger superficies desnudadas, ou suppurantes, e para evitar a acção dos micro-organismos do ar e para outros fins; as tiras de borracha e as meias elasticas para comprimir as pernas edemaciadas, e certos aneurismas. Os colchões e travesseiros elasticos que se enchem de ar ou de agua em differentes temperaturas, para evitar a gangrena aos doentes que necessitam estar de cama por muito tempo, sem mudar de posição e para outros muitos objectos, são exemplos communs das vantagens e usos do referido producto.

Misturando-se a borracha em certas proporções com o enxofre, prepara-se a chamada *borracha vulcanizada*, que adquire certa dureza, e não adhere tão facilmente aos corpos com que é posta em contacto, sobre tudo por occasião de calor. Della se fabricam tapetes para banheiro, corredores, escadas e muitos objectos de uso domestico.

Nos mercados ha 4 typos de borracha (a *fina*, *entrefina*, e *grossa* e *sernambi*) que têm applicações diversas na fabricação dos productos. O valor da borracha vendida no Pará é calculado em 58 mil contos de réis, e no Amazonas em 50 mil contos, segundo estatisticas publicadas em jornaes. Só este producto da industria extractiva bastaria para sustentar aquelles dois florescentes estados do Brazil, onde os *regatões* e os outros negociantes delle fazem-se millionarios em pouco tempo, si são economicos; e o operario que extrae o dito producto póde ganhar de 20 a 30 mil réis diarios, conforme a sua actividade e intelligencia.

Possuimos nos demais estados, sobretudo nos inter-tropicaes, muitas outras plantas que dão borracha, portanto preciosas fontes de renda, que sendo exploradas fariam dispensar os enormes tributos com que estamos sobrecarregados!

Como se vê, a *industria* extractiva é, si não o unico, o principal meio de augmentar a fortuna publica entre nós e a particular, sem haurir o sangue do contribuinte.

Sendo muito conhecida e já muito explorada a borracha passo a interessantissima industria para nós da *gutta-percha* que ainda não exploramos, apezar de equivaler si não exceder á precedente em importancia.

Como escrevi em meus «Elementos de Botanica Geral e Medica» o nome *gutta-percha*, que em rigor deve-se escrever *getah-pertsja*,

como na lingua malaia, na qual quer dizer, segundo Martius e Eichler, «o leite coagulado da *pertsja* (arvore indiana.) Outros dizem que *getah* significa a gutta, e *pertsja* ou *pertja* é o nome indigena da ilha de Sumatra, onde abunda a referida planta e seu producto.

E' immensa a importancia delle para a industria e artes e para o bem estar da humanidade; basta lembrar que só a Europa importa, aproximadamente, 9 milhões de kilogr., dos quaes 60,000 para a França e mais de 1 milhão para os Estados-Unidos.

Foi em 1842, que o Dr. Montgomery fez conhecida na Europa a gutta-percha, usada pelos habitantes daquella ilha e de varias outras da Oceania e da India, para sapatos impermeaveis e objectos de uso domestico. Hoje seus usos são mais numerosos que os da borracha; porque, além de servir como esta para fazer-se varios instrumentos de cirurgia (pessarios, sondas, speculums e stethoscopios, etc.) é empregada para moldes destinados á galvanoplastia; para cobrir os *estopins* destinados ás minas dos rochedos sub-marinhos, para as dentaduras artificiaes, etc. Tem sobre a borracha tambem vantagens como corpo isolador, para os cabos telegraphicos, principalmente os sub-marinhos, e para a fabricação de muitos objectos destinados aos climas quentes, pois que resiste ás mais altas temperaturas atmosphericas, sem se fundir nem adherir aos corpos com que se acha em contacto, o que não succede com a borracha.

Para alguns usos, addiciona-se-lhe uma certa proporção de borracha; com o que torna-se mais flexivel. Della, depois de endurecida, fazem-se bandejas, estatuetas, pentes, objectos para lucto, e para usos hydraulicos. Obtem-se fazer amollecer a *gutta-percha*, aquecendo-a (de 48° á 60° cent.), de modo a poder ser de novo moldada. A' quente, a *gutta-percha* vulcanizada é susceptivel de misturar-se com substancias pulverulentas e coradas, tomando lindo aspecto. Varias arvores da familia das Sopotaceas fornecem este producto; sendo a *Isonandra Gutta* Hook, originaria da Malasia, a mais rica e explorada; tendo o producto tambem os nomes vulgares de *Gomma de Sumatra*, ou de *Gettania*, etc. Depois da Isonandra, são mais procuradas ali as seguintes: Kakosmanthus macrophyllus Hassk. (ou *karet-mundieng*, dos Malaios), Keratephorus Leerii Hassak (é a *balamtamduk*, dos Malaios). Outras especies deste genero são citadas por Hasskarl com os nomes indianos *balam-tjabe*, *balam-trung*

e *balam-sonte,* como tambem ricas de gutta-percha. As Bassia são igualmente preciosas para tal fim.

Dez annos depois do nosso trabalho, o grande professor Baillon, referindo-se á *Diochopsi Gutta* Bth. (ou *Isonandra Gutta* Hook.), de que se obtém a gutta-percha, e da qual segundo refere o mesmo botanico, tinham sido derribadas 309.000 arvores em alguns annos, cita varias outras muitas dellas já por mim citadas ali, e que são expontaneas no norte e centro do Brazil, etc.

Os professores Dujardin-Beaumetz e Égasse, em sua obra monumental sobre *Plantas medicinaes indigenas* (1887), assim se exprimem a respeito daquella arvore indiana: « Esta encerra em todas as suas partes o succo leitoso que, por um tratamento apropriado, dá a *gutta-percha.* » Depois de mostrarem o modo barbaro usado pelos Malaios, para extrairem o producto, derribando as arvores, passam elles a descrever as propriedades e modos de purifical-o. Tratando dos usos, dizem, que a inalterabilidade da gutta-percha em presença da maior parte dos corpos,a torna propria para um grande numero de usos.

Em laminas delgadas é usada, como a borracha, para proteger a pelle em certas enfermidades e desnudamentos, etc., e para certos curativos cirurgicos, podendo-lhe ser incorporadas muitas substancias medicamentosas. Della fabricam lapis, fios e pez causticos, cimentos dentarios bem como varios utensilios e instrumentos leves (torneiras, funís) e de cirurgia: (sondas, pessarios, seringas e outros). Os vernizes hydrofugos, são feitos de um solúto de gutta-percha na benzina ou no chloroformio. Misturada ao enxofre ou vulcanizada, torna-se preta e dura, a ponto de poder ser trabalhada no tôrno e fica lisa, brilhante e córnea, neste caso prestando-se a um grande numero de usos.

Referindo-se tambem á destruição das arvores que dão este producto, aquelles autores mostram a grande necessidade de procurar-se outros. Ora, é justamente ao estudo de taes plantas que, ha cêrca de 21 annos me tenho applicado, e as encontrei, como outros botanicos, em nossas florestas, como fontes de riquezas incalculaveis, e estou prompto a auxiliar os que quizerem explorar esta nova industria extractiva das mais lucrativas entre as lucrativas, repito.

(*Continúa*)

Dr. J. M. Caminhoá

BIBLIOGRAPHIA

65.—**Leitura de pensamento e fascinação**, pelo Dr. Barreto Praguer, Bahia, 1895, II—31 pags.

O folheto do Dr. B. P. foi escripto a proposito das experiencias da chamada *leitura de pensamentos* realizadas pelo celebre Onofroff. E' uma collecção de artigos publicados na imprensa diaria e levemente modificados para a reunião em volume. Procurou o autor demonstrar que os trabalhos de Onofroff nada tinham que vêr com a suggestão mental; eram apenas um caso de *cumberlandismo*. Em vez de guiar-se, como nas experiencias vulgares, pelos movimentos musculares e até pelos vaso-motores (Lombroso), quando ha contacto ou directo com a mão do paciente, ou com qualquer objecto que ella sustente, Onofroff guia-se pelos passos da pessoa que o segue e cujas vacillações lhe indicam o bom caminho. A explicação é aceitavel.

O A. põe um grande cuidado em expôr o mecanismo do cumberlandismo. Até ahi tudo o que avança é razoavel. Serve-se para fazel-o especialmente do trabalho de Tarchanoff e citações de Bernheim. Podia servir-se do do proprio Cumberland (*Que és la adivinacion* ? Madrid, 1887. pag. 33). Não allude, porém, ás pesquizas de Lombroso, Grimaldi e Ardu (*Inchiesta sulla transmissione del pensiero*, Torino, 1891), que estudaram entre outras pessoas um dos emulos de Onofroff—o conhecido Pickmann. Talvez, si o Dr. B. P. tivesse conhecido esse trabalho, não houvesse chegado, excedendo os limites naturaes do seu estudo, á contestação formal da suggestão mental. Certo, póde-se quasi *a priori* garantir que não é disso que se trata em experiencias exhibidas no palco e mórmente nas que o autor analysou. Da suggestão mental não se conhecem as leis. Nenhum dos que a estudaram gabou-se de poder produzil-a á vontade. Ignorando-se ainda o seu *processo* é impossivel exhibil-a a tempo e hora marcadas. De mais, tudo parece indicar que uma sala de espectaculo não seria o lugar mais proprio para uma operação que demanda isolamento e concentração de espirito.

Que, porém, a suggestão mental exista, é difficil contestal-o. A obra de Ochorowicz sobre o assumpto, ninguem a refutou. Vagas palavras desdenhosas, mesmo de um Wundt, não bastam. Dos autores a que o Dr. B. P cita a outros propositos, Charles Richet, Pierre Janet, e o *proprio Lenys* admittem hoje o que algum tempo contestaram. De mais, é sempre necessario pôr muita cautela em escrever asseverações como esta: *similhante supposição está em inteiro desaccordo com os factos physiologicos os mais*

bem estabelecidos. Não parece. O professor Mancini da Conegliano (*Inchiesta*, pag. 10) deu um esboço de theoria perfeitamente aceitavel. Outros, a começar pelo proprio Ochorowicz, fizeram o mesmo, de modo brilhante. De mais, não se negam factos, *a priori*, em nome de theorias, ainda *as mais bem estabelecidas*... Mostrar que a corrente nervosa não passa de uma para outra secção do mesmo nervo: mostrar que dois cerebros, postos a nú, encostados um ao outro, não recebem reciprocamente nenhuma excitação feita em qualquer dos dois—nada disso prova que suggestão mental deixa de existir. A primeira regra em experimentação scientifica para verificar a verdade de uma affirmação é repetil-a tal qual, nas mesmas condições em que a primeira foi feita. Para saber si realmente os raios X de Röentgen passam através dos corpos opacos, si o Dr. Barreto Praguer collocar de um lado de qualquer corpo um tubo de Crookes e ficar do outro, a vista desarmada, olhando attentamente sairá declarando que a invenção é mentirosa. Ao tempo em que publicou o folheto, poderia mesmo ter escripto categoricamente, acerca de tal passagem de luz através de corpos opacos que *similhante supposição está em inteiro desaccordo com os factos da physica os mais bem estabelecidos*.

Concluindo, deve-se repetir que o folheto do Dr. Barreto Praguer é bem feito, bem escripto e na parte principal perfeitamente justo. Justas são igualmente as suas ponderações contra os espectaculos publicos de hypnotismo e fascinação. A contestação imprudente da suggestão mental é um incidente que o autor dentro de algum tempo, si continuar no estudo da questão, virá, estamos certos, a riscar.—M. A.

LIVROS E FOLHETOS

E'POCAS E INDIVIDUALIDADES, Estudos literarios, por Clovis Bevilaqua, Bahia, Livraria Magalhães, 1895, in-16, 212 pags.

* HISTORIA DO DIREITO NACIONAL, por J. Isidoro Martins Junior, Rio de Janeiro, 290 pags.

ESTRANGEIROS ILLUSTRES E PRESTIMOSOS NO BRAZIL desde os principios deste secu'o até 1892, relação organizada pelo Visconde de Taunay, Rio de Janeiro, 1896, in-8°, 26 pags.

NOÇÕES DE DIREITO PATRIO E ECONOMIA POLITICA para uso das escolas publicas do 2° grau, por Felisbello Freire, Rio de Janeiro, Cunha & Irmão, editores, 1896, 117 pags.

FESTAS DO NATAL costumes e tradições do Brazil, por Mello Moraes Filho. Rio de Janeiro, Jacintho Silva, editor, 149 pags.

* ESTUDOS DE HYGIENE. A cidade do Rio de Janeiro, 1ª parte, Terras, aguas e ares: idéas finaes, por Torquato Tapajós, Rio, Imprensa Nacional, in 8° gr. XV, 290 pags.

MICROBIOLOGIE DU CANCER son traitement bacterien par le Dr. Domingos Freire, Rio de Janeiro, rua Alfandega 124, 1896, 30 pags.

* MATHEMATICA SUPERIOR, GEOMETRIA ALGEBRICA redigida segundo o plano de ensino das Escolas Militares pelos 1os tenentes Samuel de Oliveira e Liberato Bittencourt, 2ª edição correcta, Rio de Janeiro, Cunha & Irmão editores, 1896, 2 vols. in 8° XI-374, VI-257 pags.

Os livros precedidos de * asteristico serão objecto de noticias ou artigos especiaes.

A POLITICA

O Sr. Joaquim Nabuco deu por finda no *Commercio de S. Paulo* a série de suas *Notas politicas*, e no artigo em que se despede, escreve que quem tiver lido com sympathia e interesse esses artigos terá talvez reconhecido que elle se vai retirando insensivelmente da vida politica, ou melhor que a vida politica se vai insensivelmente retirando delle.

O Sr. Joaquim Nabuco é hoje, como foi sempre, um caso á parte em politica. Diz-se que os seus correligionarios não andam contentes com o modo por que elle se refere á monarchia decaida, que entre elle e os restauradores ha divergencias capitaes, e é facil vel-o, reparando que esses fazem a sua propaganda endeosando o imperio tal qual foi, esquecidos do que elles mesmos diziam, ao passo que o outro opina que seria preciso fazer um imperio inteiramente novo, porque tem bastante o sentimento de sua coherencia para não dizer hoje o contrario do que tantas vezes disse.

Esse sentimento de coherencia é para o Sr. Joaquim Nabuco, como a sua cultura literaria, como as suas maneiras, como o seu procedimento, uma questão de esthetica, uma questão de arte, uma questão de pudor finamente aristocratico, que o tornam estranho hoje á politica restauradora, como o tornavam estranho á politica dos partidos, quando elle occupou tão brilhantemente uma cadeira no parlamento.

Essa cadeira não lh'a offereceram os seus amigos, orgulhoso da acquisição que faziam; nem sempre se empenharam para que elle a tivesse, porque o Sr. Joaquim Nabuco não era o que chamavam então um soldado de partido, preso á disciplina céga de obediencia passiva. Sabe-se que no tempo do imperio, as reformas liberaes eram sempre realizadas pelos conservadores, realizadas na lei, mas depois deturpadas de facto, e ainda mais deturpadas pelos liberaes que pelos seus adversarios.

O Sr. Joaquim Nabuco ligou o seu nome principalmente á propaganda abolicionista. Não ha na historia dessa campanha gloriosa outro nome de quem se possa dizer tanto, logo após o de José do Patrocinio. A vantagem em favor deste é ter lutado em todos os terrenos, por todos os meios, sem hesitação e até sem escrupulos. No parlamento, porém, a alma da abolição era Joaquim Nabuco, e não lhe foi preciso fazer violencia a convicções partidarias para collocar-se abertamente, elle liberal, ao lado de um ministerio conservador, porque esse ministerio ia fazer a abolição. A escravidão era para o tribuno correcto uma nodoa em nossa civilização, era uma vergonha nacional, convinha snpprimil-a por amor á limpeza, e elle não descansou emquanto a não viu extincta.

Elle bem se lembra do que foi a sua vida politica, que de certo lhe não deixou saudades, as lutas que teve de travar, os homens que teve de conhecer e com quem lidou para ver realizado o seu ideal. Com o seu fino tacto de observador, com a sua delicada sensibilidade de *gentleman*, devem-lhe ter causado frequentes nauseas homens e coisas do seu tempo. Monarchista de nascença, essencialmente aristocrata, ao Sr. Joaquim Nabuco afiguram-se actualmente mais graves do que realmente são os males que hoje affligem a nossa patria, e instinctivamente attribue ao regimen, o que não é mais que a consequencia de males originaes que vêm de longe e que foram aggravados pelos erros de homens inexperientes. No analysal-os, ainda ninguem feriu tão fundo, e si os seus correligionarios não estão de accordo com o seu modo de lutar, é que o espirito partidario é nelles uma coisa intolerante, que usa oculos de uma certa côr e vê dessa côr tudo o que vai pelo mundo. E a differença essencial que ha entre o Sr. Joaquim Nabuco e esses outros, é que estes têm por aspiração unica voltar para traz, para os mesmos erros que elles tantas vezes condemnaram, ao passo que o Sr. Joaquim Nabuco sonha com um imperio ainda mais irrealizavel que a republica que alguns republicanos sonharam, que é possivel, mas que ainda não viram praticada. A alguns tem mesmo o confronto entre o que sonharam e o que viram custado o socego de espirito, a saude e por fim a vida.

Comprehendemos bem o pessimismo em relação á situação actual desse homem que é um dos primeiros escriptores do nosso tempo, como foi um dos primeiros oradores da camara do imperio; o que não comprehendemos é que elle pense, como diz no artigo a que nos referimos, que no Brazil só se póde manter a republica com o governo militar. « Não ha outro meio, diz elle, de organizar a liberdade nem a ordem no Brazil sinão educar o exercito para a

funcção politica neutra, elevando-o acima da arena dos partidos habilitado a produzir como seu chefe, um homem de madureza de juizo, da elevação e nobreza de caracter, e até, da dignidade exterior de porte e de maneiras de um Duque de Caxias ».

Escripto por um dos homens politicos do imperio, nascidos e criados na politicagem do tempo, este trecho seria uma habil e astuta manobra de adversario; mas, taes recursos repugnam a naturezas rectas como a do Sr. Joaquim Nabuco, que o deve ter escripto sinceramente.

Ora, a vida nacional não tem realmente necessidade do tal eixo fixo, que foi a monarchia, e que o escriptor acha que só póde ser substituido pelo governo militar. Ou, si o precisa, basta para que produza seus effeitos, que a republica disponha de exercito e armada, bem disciplinados, e bem compenetrados da missão que lhes incumbe. Para isso não é indispensavel que do exercito saia um general para ser o chefe do Estado, basta que cada official como cada soldado tenha a noção de seu papel, e d'ahi sairão chefes os que mais se distinguirem pelos meritos proprios, o que não impede que um dia seja presidente da Republica um general ou um capitão, não por ser um homem eminente como militar, mas por ser um cidadão digno de occupar esse alto posto.

Que importa ao exercito disciplinado que o chefe do Estado pertença a uma familia por direito hereditario ou que seja um homem do povo, pelo povo escolhido para por um certo periodo exercer as supremas funcções ? O que importa é que esse chefe cumpra a lei, faça justiça a todos, porque assim o exercito obedecendo-lhe, não obedece a um homem, mas a um principio, e nisso está a nobresa, a altivez, a dignidade da obediencia que as leis exigem das forças armadas.

E tanto isto assim é, tanto está no fundo da consciencia do Sr. Joaquim Nabuco a fraqueza do seu *simile* que para contrapor a um chefe militar correcto como Caxias até nas maneiras e no porte, elle figurou o « governo do demagogo corrupto do sul da America, do *parvenu* avido de dinheiro, que trata todas as questões nacionaes e sociaes com a alma de Midas. »

Certamente que a isto, tudo é preferivel, mas a situação não é peior que a de um principe fraco, explorado por politiqueiros sem escrupulos. Tambem nas monarchias são possiveis os demagogos corruptos, como os que figurou o escriptor.

Mas, será esse o caso do Brazil ? O Sr. Joaquim Nabuco lembra-se bem de ter escripto, com a sinceridade que caracteriza todos os seus

actos, que a monarchia não foi derrotada pelo exercito, caiu por si, pela desagregação dos partidos, morreu gasta, não podia mais viver, não havia milagre que lhe prolongasse a existencia. Sendo assim, como exigir mais do regimen que de um momento para outro teve de substituir esses homens gastos por homens novos e inexperientes? Como pretender que um povo, de cuja educação politica nunca se cuidou, ponha em pratica um regimen novo, sem commetter erros? Quantas nações conhece o Sr. Joaquim Nabuco capazes de taes prodigios?

Nós temos ainda uma republica de um só partido, é certo; mas os outros hão de formar-se, e si alguma coisa o póde retardar é justamente a fundação do partido restaurador que, si conseguir ser forte, o que é licito duvidar á vista dos factos, obrigará a reunião de todos os republicanos cada vez mais á sombra de uma só bandeira.

Mas, ninguem precisa dizer, não o dirá principalmente o Sr. Joaquim Nabuco, que tem o respeito do que diz e do que escreve, que si temos tido governos fracos, si temos tido governos violentos, temos tido governos principalmente honestos, e que estamos longe pelo caracter desses demagogos corruptos do sul da America, que são possiveis aqui, mas não no governo, porque o bom senso popular os repelle.

O Brazil é e tem de ser republicano, e o dever de todo o brazileiro é cooperar para que dos erros commettidos se aproveitem lições, e para que a Republica seja a realidade brilhante que deve ser.

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

ABRIL **1**. Tremores de terra na Calabria e na Sicilia (Italia).—Tremor de terra em Santiago (Chile).—**2**. Adhesão da China á União Postal Universal.—Mensagem de Porfirio Diaz, Presidente do Mexico, na qual concita as republicas americanas a proclamarem como principio absoluto a doutrina de Monroe e a se protegerem mutuamente contra as expansões cubiçosas da Europa.—**6**. O Conselheiro Luiz Vianna é eleito governador do estado da Bahia.—Começam em Athenas os jogos olympicos.—Approvação pela Camara dos representantes dos Estados-Unidos da moção mixta do Congresso reconhecendo a belligerancia dos Cubanos.—**7**. Abertura do Congresso do estado de S. Paulo. — Inauguração da Bibliotheca do mesmo estado. — Assume o governo do estado de Pernambuco o governador eleito Dr. Joaquim Correia de Araujo.—**11**. Morte do Sr. Trecoupis, estadista grego. — Conferencia politica em Veneza entre o imperador Guilherme da Allemanha e o rei Humberto da Italia.—**13**. Declaração official do governo chileno de boas relações com a Republica Argentina.—**14**. Morte em Montevidéo do Dr. Anfriso Fialho, ex-major do exercito brazileiro e ex-deputado á Constituinte da Republica. Deixou varias obras de propaganda republicana e historia e polemica politica.

HOMENS E COISAS DO PARAGUAY

SOLANO LOPEZ E JOSÉ DIAZ

Um illustre literato e homem publico do Paraguay, que ultimamente esteve entre nós, o Sr. D. Juan Silvano Godoy, retirando-se para a sua terra, teve a gentileza de me offerecer o interessante livro das *Monographias Historicas* que publicou em 93 na cidade de Buenos Ayres. E' um farto volume bellamente impresso e intercalado de phototypias, em que o autor reuniu varios capitulos de historia escriptos em epocas diversas. E' escusado dizer que a maior parte das paginas do livro se occupa da grande campanha Sul-americana em que a pequena e valorosa republica se empenhou com heroismo impetuoso e fanatico. Não foi pois, sem receio que tomei do livro para o ler. Era natural que fosse pouco agradavel ao amor proprio brazileiro, a leitura de episodios de nossa guerra narrados por um patriota paraguayo. E' bem conhecida a *Historia* de Thompson que mereceu a valente e victoriosa contradicta do bravo e mallogrado Senna Madureira. Breve, porem, se me dissipou tal expectativa. O autor, dotado de notavel espirito de justiça, soube reconhecer a bravura dos nossos soldados e a tactica dos nossos capitães, como não deixou de assignalar os erros do seu general e mesmo as culpas de seus officiaes, aliás de não contestado valor.

E muitas coisas interessantes se respiga no livro de D. Silvano Godoy. Especialmente sobre as figuras proeminentes de Lopez e Diaz, encontrei pelas paginas das *Monographias Historicas* informações e notas que offerecem bastante curiosidade ao leitor brazileiro.

Essas notas e informações forneceram os elementos para o estudo que se vai ler.

I

Francisco Solano Lopez, marechal do exercito do Paraguay, foi investido do supremo e absoluto poder em sua terra natal por verba testamentaria manifestada em artigo de morte por seu pai, Carlos Antonio Lopez, que durante vinte annos exercera o poder descricionario, conquistado após as perturbações que se seguiram em 41 á morte do dictador José Gaspar Francia, cujo governo, singular, retrogrado e sanguinolento durára desde 1814...

A autoridade do Marechal-Presidente era constituida pela somma dos poderes publicos que elle enfeixava autoritariamente em sua vontade omnimoda, prestigiada pela submissão incondicional e unanime de subditos que cincoenta annos de tyrania haviam acostumado a obedecer. Nem o povo, nem a nação, nem Deus, nesse paiz de religião, estavam acima della. Lopez era o todo poderoso. Nos quarenta templos espalhados pelo territorio da republica o sacerdote catholico todos os dias pronunciava humilde, no momento santo do sacrificio da missa, o nome augusto do moderno Cesar, pedindo á providencia divina graças, honras e uma existencia venturosa e longa para o general e senhor. Assim, no espirito inculto, quasi selvagem do povo cuja educação primitiva foi obra exclusiva do jesuita, Lopez não era somente o chefe temporal, visivel, mas tambem elemento necessario do culto religioso. Não havia, pois, receio de que conjurações e shismas pudessem vir perturbar essa tranquillidade omnipotente contra a qual ninguem se atrevia a revoltar-se mesmo em pensamento. Elle era um autocrata que governava sem parlamento, nem tribunaes de justiça; por si só dictava as leis e decidia os pleitos judiciarios; era senhor da vida dos seus subditos e da fortuna publica e particular, e os seus patricios pagavam-lhe tudo isso com uma confiança absoluta, uma sujeição sem limites; tendo todos a vida e os bens pendentes dos labios do dictador, estavam dispostos entretanto a sacrificios sem nome, não desejando sinão penetrar em seu occulto pensamento, para correr á morte com a impavida e serena vontade do stoico se assim elle quizesse.

Lopez era a todos os respeitos a primeira figura de sua terra. Em illustração só lhe excedia D. José Berges, ministro das relações

exteriores no inicio da guerra e que havia sido plenipotenciario junto ao governo brasileiro. O Paraguay nesse tempo jazia no mais completo atrazo cultural; não tinha um só estabelecimento de ensino superior,apenas possuindo escolas de primeiras letras. Póde dar uma idéa do seu deploravel estado a circumstancia extraordinaria de não haver a esse tempo um só paraguayo advogado, medico ou engenheiro, nem um só homem de sciencia com titulo universitario

A Solano Lopez, entretanto, não haviam faltado os elementos precisos para a cultura da nativa e exuberante vivacidade intellectual. Desde a mais tenra idade, criado entre as adulaçõese as homenagens dos que formavam a côrte do severo pai, não lhe faltaram carinhos e cuidados de todo o genero. Aos 18 annos, em 46, era general de brigada e commandava um exercito de sete mil homens sob as ordens superiores do general Paz. Em 53, na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario acreditado junto ás côrtes europeas, percorreu, dispondo de recursos ilimitados, as principaes capitaes do velho mundo, acompanhado de numerosa comitiva. Em Pariz, sobretudo, achou-se bem em meio das sumptuosas festas da Côrte imperial que o acolhia festivamente nos esplendidos salões das Tulherias. Assim, em contacto com as summidades da politica europea, e viajando com o espirito instinctivamente observador, Lopez, sem dedicar-se com seriedade a estudos e praticas universitarias adquiriu boa copia de conhecimentos convenientes para o homem que se destina ao governo autoritario de uma nação.

No velho mundo,cercado da atmosphera official que lhe creava a sua posição singular, em meio dos cortejos e pompas das festas dos paços de reis e imperadores, avolumou-se nelle o desmarcado orgulho, a ambição desarazoada que constituiam os predicados principaes do seu espirito. Sobre todos os vultos da humanidade o vulto de Napoleão I impressionava-o principalmente. Perdia-se durante longas horas, esquecido sob o dourado zimborio dos Invalidos, na contemplação absorta do tumulo marmoreo do grande capitão. Era nessas contemplações mysticas que a imaginação doentia se desdobrava nas perspectivas incoherentes de grandezas e poderio que lhe atormentavam o espirito febril. Ora via-se elle o factor da homogeneidade republicana em todo o solo da livre America; ora não se contentava já com ser um Consul vitalicio,absoluto e todo poderoso;

ambicionava mais... Bonaparte, tambem Consul e poderoso, ambicionou mais e fez-se imperador; Luiz Napoleão, principe e presidente de um grande paiz, tambem ambicionou mais e fez-se imperador... Por que não faria elle outro tanto?...

II

Em 16 de outubro de 62 assumiu a presidencia da Republica.

Entrava nos planos da accentuação de sua autoridade ante o mundo civilizado uma grande guerra. O imperio do Brazil tinha a hegemonia da America do Sul. O Brazil era pois o inimigo natural.

Desde os primeiros dias do seu governo a preoccupação da guerra o dominou; mandou desde logo construir na Europa tres encouraçados e adquirir cincoenta canhões modernos. Tudo serviria de pretexto. O ultimatum do plenipotenciario brazileiro, Conselheiro Saraiva, ao governo da republica Oriental do Uruguay motivou do governo do Marechal Lopez o protesto de 30 de agosto de 64. Estava lançada a luva, e a 12 de novembro do mesmo anno, deu-se o apresamento, no porto de Assumpção, do *Marquez de Olinda* a cujo bordo seguia o Coronel Carneiro de Campos, novo presidente do Matto Grosso que morreu prisioneiro tendo soffrido as mais duras provações.

Apoz esse acto de hostilidade que nenhum principio autorisava, o Marechal rompeu as relações diplomaticas com o Imperio, com fundamento na occupação por forças imperiaes da cidade de Mello capital do Departamento Oriental de Cerro-Largo, conforme reza a nota do Ministro de estrangeiros D. José Bérges ao Sr. Vianna de Lima, plenipotenciario do Brazil. Dois dias antes, 10 de novembro de 64, Lopes havia reunido no acampamento de Cerro Leon os notaveis de Assumpção, entre os quaes figuravam os personagens mais importantes da hierarchia civil, militar e ecclesiastica, e submettera á consideração da assembléa, pela ultima vez, a grave questão do momento. Pela undecima vez a selecta reunião manifestára unanimemente a affirmação de que a guerra era necessaria e imprescindivel. De entre todos, um homem apenas conservára-se reservado e silencioso, sem proferir uma palavra, se bem que houvesse adherido á resolução final da assembléa. Esse homem era o ministro das relações exteriores, D. José Berges, illustrado cidadão

e o personagem de mais respeito e competencia nos negocios do Estado; era dotado de apreciaveis qualidades pessoaes que lhe haviam grangeado a maior consideração no conceito de todos. Esse homem illustre que não se deixára arrastar pela vertigem sanguinolenta que transviava todos os espiritos nessa epoca sombria de sua terra, calava, profundamente commovido, no fundo da alma desolada de patriota, a certeza do desastrado insuccesso da temeraria empreza em que a nação ia ser caprichosa e cegamente empenhada.

D. José Berges havia sido plenipotenciario no Rio de Janeiro e conhecia perfeitamente os extraordinarios recursos de que poderia dispôr o Imperio na eventualidade de um conflicto internacional, e não duvidava do resultado inevitavel da campanha. Calou, porém, dentro do peito tudo o que o conhecimento real das coisas lhe dictava; conhecia tão bem a tenebrosa situação historica da sua terra que comprehendia que a manifestação sincera do seu pensamento, a externação franca de seu conselho privaria por certo a nação de serviços que elle stoicamente considerava que lhe seriam muito precisos no periodo difficil em que ella ia entrar, para que os fosse comprometter sem proveito oppondo-se a uma resolução a que fatalmente arrastaria a desvairada exaltação dos animos. Lopez porém, conhecia o modo de pensar do seu illustre ministro.

E é curioso saber-se agora que no correr da campanha o dictador processou e fuzilou todos os principaes funccionarios que lhe aconselharam a declaração da guerra e cujos nomes guardava cuidadosamente em uma lista, não excluindo mesmo seus dois irmãos e cunhados e o que é mais, o proprio D. José Berges.

Dissolvida a reunião, Lopez até alta noite, indeciso e preoccupado passeiou, completamente só pelos sombrios corredores do Quartel general. Nessas longas horas de tenebrosa meditação a cabeça febril do Presidente deveria ter sido theatro de uma luta desesperadamente travada entre a razão serena, calma e vidente e a ambição impetuosa, soffrega e desvairada. Uma circumstancia occasional determinou talvez a resolução desastrada de Lopez.

A madrugada o veiu surprender na terrivel insomnia. O clarim da casa da ordem resoou estridente e musical, levando os accordes matutinos ao dormido acampamento. Logo outros clarins responderam, e outros e outros ainda, e os tambores vieram juntar ao concerto original o acompanhamento monotono dos seus rufos marciaes.

Em pouco, no meio dessa musica desencontrada, que succedeu ao longo silencio mortal daquella noite sem fim, o corpo de exercito formava-se em frente a casa em que, ignorado, velava o Presidente e as fanfarras marciaes estrugiram em meio dos vivas e acclamações enthusiasticas levantados ao general e que se foram repetindo, como o desdobramento de um echo fantastico, de divisão em divisão, de corpo em corpo, ás derradeiras linhas dos ultimos batalhões. Lopez, nesse momento, conteve com as mãos ambas no peito o coração palpitante.

O inesperado espectaculo acabava de lhe transviar a exaltação ambiciosa. A guerra estava resolvida.

III

Durante a longa campanha, Lopez teve occasião de desenvolver toda a energia e tenacidade de que era capaz uma tempera de ferro. Não foi propriamente um guerreiro; sempre se conservou fóra das linhas de combate e não dirigia pessoalmente a acção dos seus exercitos. E elle tinha razão para collocar a sua pessoa ao abrigo das contingencias da batalha. Realmente, concentrando em si todos os poderes da Nação, era o symbolo vivo do governo, encarnava todo o seu systema administrativo e uma vez supprimido o dictador ou desapparecido do theatro da guerra, estava tudo acabado.

Elle era sobretudo um audaz e um voluntarioso, de tal sorte que exercia entre seus subditos uma influencia dominadora e absoluta. Todos tremiam ao seu aspecto e ninguem ousava falar em sua presença sem ser interrogado. Cruel e sanguinario, era muito irregular nas suas affeições. Tão facilmente cumulava de honras e proventos a um obscuro soldado, como desautorava e rebaixava o mais prestimoso e reputado general. Desconfiava de todos, não acreditava na honra do cavalleiro, na lealdade militar. Tinha um numero muito pequeno de intimos; nunca fazia elogios aos soldados e officiaes e ostentava não ligar importancia alguma aos generaes. Nada communicava do que occorria de notavel nem permittia que qualquer pessoa, sem excepção, communicasse a outrem os successos de que tinha noticia ou fizesse a quem quer que fosse perguntas a respeito do que porventura soubesse.

No exercito apenas cumpriam-se, ás vezes mecanica e inconscientemente, as ordens do dictador e assim se explica como acontecimentos de grande importancia não se tornavam publicos e sobretudo não chegava noticia delles ao campo dos alliados sinão muito tempo depois de occorridos.

Mesmo sobre questões de detalhe,cujo conhecimento interessava á boa administração das forças, Lopez guardava a mais absoluta reserva. O chefe do estado maior não soube jamais a cifra exacta das forças effectivas do exercito. Desta e de outras circumstancias que Lopez queria conservar secretas apenas elle e mais um ou dois intimos tinham sciencia e se porventura qualquer de seus generaes houvesse commettido a indiscreção de pretender devassar qualquer destes segredos, teria sido immediatamente fuzilado.

A essa atmosphera pesada, a esse regimen de terror que o Marechal infundia em torno de sua autoridade, correspondia uma obediencia incondicional e tacita que não era a subserviencia podre dos timidos e covardes porque era o fruto de uma educação religiosa absolutamente passiva e de um exaltamento patriotico levado ao delirio que faziam da pessoa do dictador a simultanea encarnação de Deus e da Patria.

Alguns factos se deram que pintam caracteristicamente a intensidade da força autoritaria do dictador. Certo dia, em 20 de julho de 65, Lopez ordenou a um dos generaes que fosse prender o general Robles, chefe superior da divisão do Sul e o trouxesse com segurança á sua presença.

— Que forças levo, senhor? perguntou o emissario que era o general Barrios, cunhado do dictador.

— Um ajudante de ordens e esta nota escripta, respondeu o Marechal entregando-lhe um pedaço de papel dobrado e lacrado.

O emissario partiu, embarcou no vapor «Igurei» e saltando no porto do Empedrado dirigiu-se á tenda do general em chefe, que ao avistal-o veio ao seu encontro de mãos estendidas.

— Alto lá, disse Barrios, entregando-lhe o papel, não aperto a mão a quem venho prender por ordem superior.

O general Robles, quebrou o sello da carta e leu tranquillamente a ordem do dictador. Achava-se elle no meio de trinta mil homens a que disciplinára e que lhe votavam uma dedicação extrema. Era á unica autoridade a que obedeciam havia tres annos, desde a

formação do acampamento de Cerro Leon. Pois bem, terminada a leitura, o velho general, cheio de serviços e fadigas, tirou calmamente a espada do cinturão e a entregou ao companheiro. Ao outro dia, chegava á presença de Lopez e era fuzilado como réo de alta traição á patria.

Esse mesmo Barrios pouco tempo sobreviveu ao infeliz camarada. Era o cunhado de Lopez, então general de divisão e ministro da guerra e da marinha; na manhã de 12 de Agosto de 68, apresentou-se elle, em S. Fernando, ao Presidente que estava escrevendo; cortejou polidamente e esperou a dois passos de distancia. Decorridos quinze minutos, Lopez, que não lhe havia correspondido ao cumprimento, levantou a cabeça e, fulminando-o com o olhar formidavel dos maus momentos, rugiu: — «Fiz-lhe depositario de minha confiança, suppondo-o um leal servidor; estou persuadido de que você é indigno della. Retire-se de minha presença.»

Barrios, o homem então de mais importancia no exercito, tremeu dos pes á cabeça, difficilmente encontrou a porta e seguiu pela rua cambaleando como um ebrio. Em casa atirou-se como um louco á esposa, que era irmã de Lopez; segurando-a pelos cabellos, arrastou-a pelo chão, pisou-lhe o rosto com o tacão das botas até ensanguental-a toda e, deixando-a prostrada e desfallecida, degolou-se com uma navalha.

(*Continúa*)

RODRIGO OCTAVIO

FACTOS DA VIDA DOS INSECTOS[1]

A entomologia por si só constitue um ramo difficilimo da zoologia, proprio para occupar a vida inteira de um scientista. Réaumur, celebre physico e naturalista, encheu seis grossos volumes com a narrativa das admiraveis industrias devidas ao instincto que a prodiga natureza encarnou, como um dote, no organismo dos representantes da vasta classe dos insectos.

Não ha vegetal, não ha animal aério que não sirva de nutrimento a especies variadas de insectos. O numero destes é extraordinario. Elles habitam todos os meios. Uns vivem, quaes photophobas toupeiras, dentro de galerias amplamente edificadas debaixo da terra, a outros apraz qualquer pequena cavidade ou a simples poeira que fórma a camada movediça superficial do solo. Coube-lhes tambem em partilha o reino dos ares. Emquanto o homem, que se jacta de ser o rei da creação, não conseguiu ainda até hoje guiar-se no espaço atmospherico, dominando a gravidade, aquelles pequenos animaes articulados, rivaes das aves, possuem quasi todos a faculdade de voar e percorrem rapido a atmosphera em todas as direcções, subindo alguns até consideraveis alturas, ora balouçando-se silenciosamente como a borboleta, ora zunindo com estrepido monotono, como o bezouro, ou fazendo retinir todos os tons da escala,

[1] Para não desviar a attenção do leitor, os nomes scientificos dos insectos citados neste trabalho, vão nas notas, pela maior parte.

como o importuno mosquito. Grande numero de insectos vivem nas aguas, taes são os libellulos, que o povo chama lavadeiras, cujas larvas nascem e desenvolvem-se dentro d'agua.

Nas côres e fórmas dos insectos quanta variedade! quanta opulencia! Neste particular não ha animaes que lhes possam levar a primazia, nem mesmo, entre os vertebrados, a classe das aves tão rica de plumagens multicôres.

O nosso paiz é fertilissimo em preciosos specimens de insectos, cuja belleza de colorido não acha emulos em nenhuma outra região do globo. Na Europa, nas mais adiantadas capitaes, ostentam-se garbosos nos mostradores de lojas sumptuosas, transformados em elegantes adornos, os elytros de numerosos coleopteros do Brazil, cujos matizes cambiantes captivam o olhar dos curiosos. Uns, quasi microscopicos, convertidos em pequenos botões de camisa, simulam o brilho dos mais nobres metaes, outros formando bellos adereços de senhora, reflectem com resplendente volubilidade as cores variegadas do arco-iris. O gorgulho imperial,[1] originario do Brazil, que é de um verde dourado com pintas metallicas, méde apenas de seis a 12 linhas, presta-se á confecção de brincos e produz lindo effeito quando engastado em aneis de ouro.

E que de maravilhosas mutações chromaticas nas azas travessas dos lepidopteros! Fantasias aérias que marchetam as campinas, pousando como o colibri de flor em flor, eil-os borboleteando librados nas azas de um vermelho tão bello como a purpura de Chypre, de um azul cioso do nosso céu de anil, de um amarello côr de ouro, o mais fino, tingindo-se ás vezes as azas das mais exquisitas malhas como em mosaico, outras vezes cobrindo-se de crépe e indo estender na hora melancolica do poente, como um véu funebre, as negras azas sobre a flôr que pende as petalas, fanadas na viuvez de sua marcescencia.

As faculdades, (quasi que vou dizer intellectuaes e moraes) dos insectos, constituem uma historia cheia de factos legendarios surprehendentes. Não ha nesta historia notaveis mutações de scena, como na da humanidade. Qual num circulo que se fecha sempre o mesmo através dos seculos, os insectos vivem e trabalham hoje como viveram e trabalharam, desde que o primeiro dia de existencia lhes raiou na noite dos tempos; si bem que os evolucionistas procurem

---

[1] *Eutymos imperialis.* Coleoptero.

demonstrar, (o que é bem plausivel), que os habitos de muitos animaes de hoje apresentam differenças sensiveis comparadamente com as mesmas especies de outr'ora.

O seu commercio, as suas artes, as suas industrias, as suas leis sociaes, os seus costumes, as suas formas de governo não têm sido tão variaveis como as dos homens. Mas os costumes e as leis humanas não andam a delinear por seculos e seculos circulos viciosos ? A variabilidade é mais apparente do que real. Só as conquistas da sciencia é que traçam a mais distincta differencial, evolucionalmente falando, entre o homem e o irracional. Na industria e nas artes, direi mesmo nas leis, quantas vezes o delegado mais alto da Creação copía dos seus humildes subalternos, aves, mammiferos, reptis, vermes, insectos ? Estes pontos de contacto ou de communidade nos levam a pensar na unidade do principio gerador dos sêres vivos, quer seja cellular ou anatomico, quer seja physico, psychico ou physiologico. Esperemos que a chimica, que tantos arcanos tem revelado na cosmologia e na genesis dos sêres, venha mais uma vez accender o facho que nos guie na vereda das relações entre o pensamento humano, o instincto dos animaes e a essencia daquelle principio gerador commum, que parece ser a vertente da vida.

No meio da incalculavel diversidade de assumptos, que se nos deparam no estudo tão arduo da classe dos Insectos, fui tentado a consideral-os sob os pontos de vista que mais modernamente têm attraido a meditação de observadores eminentes, os quaes têm aberto novos horizontes de applicação á theoria e á pratica das sciencias. Serviram-me de incentivo algumas observações a que procedi no escôpo de descobrir certas relações physiologicas entre os insectos e as plantas, observações que descreverei com alguns pormenores na ultima parte deste trabalho. Antes disso occupar-me-ei das seguintes questões : 1º *Meios de defesa dos Insectos.* Este é um dos pontos mais interessantes da biologia, e que hoje, deixada de parte a contemplação esteril e quasi ascetica a que se entregaram muitos naturalistas antigos tem recebido notaveis desenvolvimentos scientificos, graças ás engenhosas theorias baseadas sobre experiencias physiologicas. 2.º *A fauna dos cadaveres*, applicação esta importante da zoologia á pratica medico-legal, e de uma novidade que tem com razão provocado a attenção da arte medico-legal, tão pobre nestes ultimos tempos de progresso realmente inventivo.

I. — MEIOS DE DEFESA DOS INSECTOS

A luta pela vida é uma condição geral da natureza organizada, aphorismo hoje banal em biologia. Assim como na especie humana, os irracionaes são votados a essa lei immutavel da victoria do mais forte, e em falta de força, da victoria do mais astucioso. Cada ser, para a adaptação ao meio em que vive, foi adquirindo através dos tempos disposições especiaes para essa luta suprema, cada uma das quaes tem a sua razão de ser e obedece a um fim necessario.

A experimentação physiologica neste sentido tem offerecido fundamentos para theorias engenhosas relativas a essa especie de paz armada em que convivem as sociedades animaes. Considerarei em particular a protecção dos insectos. Antes, porém, é mister definir o que se entende por—meios de defesa. Ha defesas francas e leaes. Como guerreiros temerarios, que não receiam a presença dos seus adversarios naturaes, armam-se cavalleiros, ora cingidos de couraça, ora munidos de orgãos pontagudos, como se nota em muitos coleopteros. Esses são os meios mecanicos. Animaes existem que têm a propriedade de segregar venenos, materias causticas, e odores penetrantes, que afugentam os inimigos ou os assassinam promptamente, tal como outr'ora, nos tempos primitivos da arte da guerra, projectavam-se á queima roupa materias inflammadas e toda a sorte de projectis mortiferos do alto das amuradas das fortalezas.

Quando a Natureza foi avara na distribuição de orgãos de defesa, os animaes, conscios da sua fraqueza, procedem do mesmo modo que as nações fracas, contraem allianças com outros animaes do que elles mais fortes. E' o que os naturalistas chamam *symbiose* ou *commensalismo*. Especies ha que, para se livrarem dos assaltos, recorrem ao estratagema de passarem a triste existencia occultos debaixo da terra ou no tronco carcomido das arvores. O ardil de outras consiste em se confundirem com o meio em que vivem, adquirindo mais ou menos exactamente a mesma côr das plantas, das pedras, etc., onde habitam. Esta propriedade tem o nome technico especial de *homochromia*. O chamado *mimetismo*— é uma propriedade ainda mais curiosa : o animal procura imitar outros animaes melhor defendidos

e por este artificio, verdadeira caracterização de actor habil, livra-se dos ataques dos seus ferozes perseguidores, que o tomam por esforçado athleta.

Vamos ver que grande numero de insectos são muito bem dotados de apparelhos defensivos. A armadura mais ou menos compacta dos coleopteros, reflectindo quasi sempre as mais vivas côres, lembra a couraça e o corpête dos antigos guerreiros, que copiaram talvez este seguro meio de defesa. As suas azas espessas que tem o nome de *elytros*, embainham-se na robusta carapaça, constituida pelo endurecimento da pelle. Este revestimento chitinoso tem uma solidez formidavel, sobretudo o dos *escaravelhos*, coisa que não impede que varias especies, como o *tenebrião dos moinhos*, sejam apreciadas pelos canóros rouxinoes como a sua mais saborosa ambrosia. Conjuntamente com esta armadura que lhes contorneia e protege os orgãos internos, possuem muitos coleopteros mandibulas desmesuradamente grandes, em fórma de longas tenazes espinhosas.

Não são os ophidios sómente que fabricam venenos deleterios, que inoculam no sangue dos imprudentes que ousam molestal-os; tambem muitos insectos gosam o privilegio de elaborarem no seu organismo substancias eminentemente toxicas. Quem não tem pelo menos ouvido falar nas vulgarmente denominadas—*moscas da Hespanha*? [1] Estes animaes possuem elytros moles ou muito curtos, mas dispõem de uma arma respeitavel; pois no seu sangue e até nos seus orgãos genitaes, conforme affirma Beauregard, forma-se um principio chimico acre e vesicante, chamado *cantharidina*. Por isso, este bello insecto, natural da Hespanha, França, Italia e de outros paizes do meio-dia da Europa, vê escoar-se tranquillamente a vida, sem receio algum de assalto; porquanto, ameaçado apenas, projecta o perigoso liquido caustico e corrosivo, cujo cheiro desagradavel se espalha ao longe.

O cheiro mais ou menos activo e fetido, eis ahi outro meio de defesa de que se servem muitos insectos, sobretudo no estado de larva ou lagarta; tal é o *hydrophilus piceus*, um dos maiores coleopteros (ou bichos cascudos vulgarmente). Elle lança, como se defecasse, um liquido preto, de odôr nauseante. Muitos coleopteros adultos offerecem

---

[1] São insectos dos generos *Meloe*, *Litta*, *Cantharis*, v. g. a *cantharis vesicatoria*.

o mesmo phenomeno. A's vezes são as glandulas salivares ou as do tegumento externo as que se incumbem dessa singular secreção. Os *Crabicos*, quando perseguidos, descarregam pela bocca um liquido escuro, irritante, que, segundo as analyses de Pelouze, encerra acido butyrico, o mesmo acido que communica o cheiro de ranço aos corpos gordurosos alterados. Eu poderia citar como estes uma infinidade de outros exemplos curiosos, em que nos productos das secreções defensivas têm-se achado substancias muito variadas, mineraes ou organicas, taes como iodo livre, [1] ammoniaco, [2] e até productos explosivos. [3]

Quem por divertimento tem colhido nos jardins e bosques coleopteros que entre nós abundam tanto, deve ter notado uma singular manha destes animaes; quando se lhes toca, se retraem, abaixam as antenas e as patas e fingem-se de mortos. [4] Outro coleoptero bastante astucioso, tanto no ataque como na defesa é a *Cincidela campestre*. [5] Seus instinctos são carniceiros, o que contrasta com a sua bella côr verde com manchas brancas. Elle vai fazer as suas depredações pelas estradas e como o salteador esperto, ao menor signal de ser agarrado, vôa rapido como si fosse uma mosca. Este insecto, quando no estado de larva, cava um buraco na terra, mette-se dentro, e fecha a abertura com a parte superior do corpo, protegida por uma placa córnea. Fica assim uma verdadeira ponte viva, como diz Perrier, ou um alçapão, como diria eu. Si uma formiga ou qualquer outro insectosinho passar sobre similhante armadilha, a larva deixa-se cair ligeira no fundo do buraco, levando comsigo a victima, que é logo devorada com a maior semcerimonia.

Parece-me que estou ouvindo algum leitor menos crente notar que taes observações são obra de pura imaginação e que é impossivel usarem os insectos de tanto talento no seu modo de viver. Não é de admirar que assim objectem alguns espiritos menos attentos ao plano da Natureza, quando até a circulação do sangue dos insectos foi negada, como negada fôra a do sangue do homem, apezar das

---

[1] Tem-se exemplos disto no genero *Paussus*.

[2] Exemplo, o genero *Silphus*.

[3] Os *Brachineos*, por exemplo.

[4] As *Coccinellas* estão neste caso.

[5] Sub-ordem dos *Pentomeros*, de Duponchel.

affirmações do Haller, o grande *circulator*. E o que é mais digno de reparo, é que um vulto notabillissimo da historia natural, o immortal Cuvier, foi um dos que mais contestaram a circulação do sangue dos insectos, hoje posta fóra de duvida, depois dos trabalhos de Carus e muitos outros observadores. Pois bem, o admiravel instincto dos insectos é tão verdadeiro como a circulação do seu sangue incolôr. Nós o contemplamos surpresos não só na ordem dos Coleopteros como nas demais ordens, o que continuamos a demonstrar.

Falemos da *homochromia*. E' outro meio de defesa, ora passivo, ora offensivo, que Lamarck e Darwin explicaram scientificamente. E' assim que certos insectos aqui no Brazil [1] mostram uma similhança frisante com os gômos das plantas de que se nutrem. Dois outros, [2] têm o corpo achatado, côr de folha secca, e rodeiado de expansões foliaceas, apresentando dest'arte muita parecença com as folhas murchas. Além desta *homochromia* fixa, existe outra movel ou transitoria, como a que se encontra em muitas larvas, cujos tegumentos têm a propriedade de cambiar as côres, como meio defensivo. Devemos tambem assignalar as *cores premonitoras*. Com effeito, os animaes de côres muito vistosas não são, em geral comestiveis. Revestindo-as as larvas ficam livres dos ataques dos insectos carniceiros e dos das aves insectivoras, seus inimigos naturaes.

A que é devida a homochronia anatonicamente? Segundo as pesquizas do professor Pouchet, ella é devida a pigmentos amarellos, vermelhos, negros e roxos, contidos em pequenas cellulas ramificadas, (chromoblastos) dotadas de movimentos independente entre si, muito contracteis debaixo de certas influencias (luz, eletricidade, oxygenio, curare, etc.)

Qual é a origem das côres homochromicas moveis ou fixas, que indentificam os insectos e outras classes de animaes com o meio em o qual convivem, e a das cores *premonitoras*, que servem para afugentar os inimigos? Para resolver esta questão achamo-nos em presença de duas escolas, ambas celebres: 1º, a dos neo-lamarckistas, que admittem a iufluencia quasi exclusiva do meio e dos seus factores, (luz, calorico, electricidade, alimentação, etc.); 2º, a dos darwinistas, os quaes pensam que as variações causadas por taes

---

[1] Estão neste caso certos *Cryptorhincos*.

[2] Os dos generos *Cossiphus* e o *Mormolyce phyllodes*.

factores são o producto da *selecção natural*, o que dá em resultado a conservação das variações uteis e a eliminação das prejudiciaes. Qual devemos adoptar? A de Darwin, o Newton da biologia, como lhe chamou Hœckel, «parece ser a mais aceitavel, pois explica satisfactoriamente todos os casos de coloração defensiva.» E' evidente, diz Cuénot, apoiado na doutrina de Darwin que «os individuos que apresentarem variações favoraveis, proprias para dissimulal-os aos olhos dos seus inimigos, serão constantemente preservados ao passo que a maior parte dos outros hão de perecer: os descendentes dos primeiros conservam por hereditariedade a variação favoravel que irá se accentuando sempre, até que o animal seja sufficientemente protegido. Então para elle não haverá mais utilidade, em mudar de fórma ou de côr. Então fixar-se-á a variação.» Enquadram-se nesta adaptação evolutiva os numerosos casos de *mimetismo*.

Os *Longicornes* [1] se parecem com as especies bem defendidas chimicamente de *Malacodermes* e *Cincidelos* [2] Muitos *Longicornes* imitam certos gorgulhos (*Curculionides*) munidos de couraça e até a vespas, formigas e aranhas.

Deixando de parte os coleopteros, as outras ordens de insectos offerecem meios de defesa mui variados e podem se escrever volumes inteiros sobre este vasto assumpto. Assim é que os orthopteros apresentam quasi todos colorações homochronicas, e citaremos como bello exemplo o typo do genero *Locusta* (gafanhoto verde) [3] No genero *Montis* temos o *Louva Deus*. [4] Estes insectos vivendo nas arvores, verdes como elles proprios, conseguem dest'arte illudir os seus aggressores naturaes. Aqui na America do Sul, existem insectos de longas azas ovaes, verdes ou amarellas, que simulam perfeitamente as folhas verdes ou murchas do arvoredo. [5] Outros ha verdes ou pardacentos, qualquer os tomaria como ramos verdes ou seccos. [6] Não ha quem não tenha achado sobre as arvores destes singulares animaes que excitam a surpresa dos menos

---

[1] Sub-ordem dos Tetrameros (Coleoptero).

[2] Sub-ordem dos Pentameros. (Coleopteros)

[3] *Locusta viridissima.*

[4] *Mantis religiosa.*

[5] Os *Pterocroza* e os *Phyloptera.*

[6] Os *Phibalosoma.*

curiosos. Ha mesmo certos Mantianos [1] que são parecidos com flores das Synanthereas e Orchidaceas.

Innumeros são os meios de defesa na ordem dos lepidopteros. Wallace,cita grande numero de casos de *hommocromia* em lagartas da Georgia, [2], que vivem em plantas alimentares; ellas chegam a munir-se de gavinhas correspondentes a esses orgãos com que as videiras se enroscam (willas), cujas folhas devoram. Existe uma borboleta crepuscular, [3] que é muito similhante á abelha mestra; com tal simulação, ella póde estar segura que poucos hão de aggredil-a, suppondo-a dotada de afiado aguilhão.

Outra observação curiosa foi feita por Bates, a de uma lagarta que se assemelha extraordinariamente a uma cobrinha venenosa. Com esta poucos tambem hão de querer engraçar-se, de receio que a sua falsa apparencia esconda a propinação da lethal peçonha. E muitas lagartas ha que têm como arma defensiva venenos chimicos comparaveis aos venenos dos ophidios e outros reptis, comquanto não possuam a mesma energia. São os vulgarmente chamados *bichos cabelludos*, tão temidos pelas crianças. [4] Tem-se extraido do corpo destes animaes [5] o acido formico, que é muito caustico, o mesmo acido das formigas. As lagartas do genero *Saturnia*, segregam um licôr tão fetido, que as aves que se nutrem de insectos e as atacam, são obrigadas a recuar e bater em retirada.

As chrysalidas ou nymphas, em linguagem vulgar casulos, que como se sabe constituem o periodo da vida que precede o estado de insecto perfeito, dissimulam-se muitas vezes, afim de lutarem pela existencia com vantagem. Com effeito, no estado de immobilidade em que se acha o animal, dentro do seu casulo, mais do que nunca corre imminente perigo a sua vida. E' por isso que as chrysalidas da *borboleta caveira*, [6] escondem-se debaixo da terra, para mais tarde d'ellas surgirem essas singulares borboletas, chamadas

---

[1] Genero *Gongilus* e outros.

[2] Genero *Sphyna*.

[3] *Sesia apiformis*.

[4] Tal é a lagarta processionaria de um Lepidoptero nocturno, (*Gastropacha Processionea*).

[5] Nos generos *Liparis*, *Cnethocampa*, etc. acham-se exemplos de larvas vesicantes.

[6] O nome scientifico é *Acherontia Atropos*.

caveiras, porque têm uma malha representando o esqueleto de uma cabeça humana. Quando vôam, produzem um som tetrico, què tambem não deve deixar de assustar os salteadores que as perseguem. A gente supersticiosa, quando á hora solemne do crepusculo vê penetrar em casa este feio insecto, o toma como de mau agouro, annuncio da morte de algum parente ou amigo.

Vamos examinar outro meio de defesa bem curioso. Quando se agarra bruscamente pelas patas de um gafanhôto ou de certas borboletas [1], fica-se surprehendido de ver o animal fugir, apesar da fractura espontanea das patas, que ficam entre as mãos do observadôr perplexo. E' um meio de defesa que tem o nome de *autotomia evasiva*. Imaginem si a humanidade gozasse deste singular privilegio, quanto não teria que lutar a policia para prender os criminosos! Principalmente si, como certas *Danaides*, fossem munidos de apparelhos secretores de liquidos toxicos ou repulsivos.

Si passarmos a considerar a ordem dos hymenopteros, ahi encontraremos as abelhas, as vespas, os maribondos, as formigas, animaes todos estes bem servidos de meios mecanicos e chimicos de propria defesa. As maxillas das abelhas mais organizadas para o papel poetico de sugar o nectar das flôres do que para atacar adversarios, não lhes são armas sufficientes para as cruentas lutas da vida, em que ellas precisam de empenhar-se ás vezes. Para este fim, dotou-as a Natureza de um aguilhão que tem a propriedade de ficar implantado nas carnes da victima, como si fosse uma flecha de selvagem, inoculando ao mesmo tempo o subtil veneno, elaborado por glandulas especiaes, veneno que se suppôe ser uma combinação de acido formico com um principio alcalino ainda mal definido. Quem, quando criança, não teve o ensejo, durante os folguedos proprios da idade através das matas e campinas, de experimentar os desagradaveis effeitos de uma picada de vespa ou maribondo? Infelizmente posso attestar por experiencia propria que ella é extremamente dolorosa e póde produzir febre. [2] Uma vez, durante as férias do collegio, em correrias pela roça de parceria com outros

---

[1] As dos generos *Macroglossa*, *Plusia*, etc.

[2] Releve-me o leitor a narração que vai seguir. Naturalistas eminentes descrevem episodios que tenham por fim esclarecer os pontos que discutem. Assim fizeram os Saint-Hilaire, Humboldt, Darwin, Linnêo, etc. Estou, pois, absolvido pela descripção de um facto, talvez muito infantil.

meninos, deparou-se-nos uma linda goiaba que se faceirava lá no alto do galho, tão alto que ninguem se atrevia a colhêl-a. Vendo que ia perder-se tão bello fruto, offereci-me affoutamente para tiral-o e trepei pelo tronco da arvore. A agitação da folhagem fez sair de uma colmêa discretamente occulta, um enxame de innumeraveis vespões, que se me emmaranharam pelo basto cabello, crivando-me literalmente de tremendas picadas. Mas eu tinha ganho a aposta; trazia a goiaba nas mãos, no meio das mais cruciantes dôres e da vozeria applaudidora dos companheiros!

Os lepidopteros do genero *Melipone*, si não possuem o temivel aguilhão, em compensação mordem furiosamente com as suas poderosas mandibulas, derramando na ferida uma baba caustica. Do mesmo meio se servem tambem certas formigas sem aguilhão, [1] circumstancia a que deveu a salvação a pomba da fabula tocante de gratidão do insigne La Fontaine. Ha formigas, [2] que para protegerem-se, revestem-se de couraças chitinosas, nas quaes se enrolam durante a ameaça dos inimigos. São tambem numerosos os casos de *mimetismo* entre os lepidopteros, sobretudo no estado de larva.

Chegámos agora á ordem dos insectos hemipteros, a que pertencem esses entes nojentos, que se chamam percevejos, esses entes atordoadôres pelo som monotono que produzem com os seus tymbales membranosos, como sejam as cigarras, ou então esses Attilas, flagello da agricultura, que tem o nome de *Phylloxera*.

Os hemipteros são sobretudo defendidos pela secrecção de liquidos, cujo odôr é nauseabundo, liquidos elaborados por glandulas especiaes, como acontece no percevejo das camas, [3] que além disto produz uma ferroada sobre a pelle, graças a um veneno contido na sua saliva. O mesmo fazem os *Reduvianos*, que as aranhas tanto temem. O *Arilus serratus* dá uma picada tão dolorosa que se a tem comparado á descarga electrica de uma botelha de Leyde.

Tambem os hemipteros se servem do *mimetismo* para se defenderem. Ha muitos que se assemelham a formigas com azas. [4] O *Phlœa* do Brazil tem um corpo chato que se parece exactamente com

---

[1] A *formiga rufa*, por exemplo.

[2] A *Myrmicina Latreilii*, por exemplo.

[3] *Cinex lectularios* L.

[4] Muitos do genero *Cynips*.

uma casca de arvore. E' igualmente curioso como certos hemipteros procuram garantir o porvir da prole, defendendo-a desde o estado de ovos. Assim, a cigarra confia os seus ovos aos ramos seccos das arvores, quaes futuras harpas eólias, que os ventos farão cair no sólo, onde as tenras larvas vão-se enterrar, cavando-o com os braços curtos e largos. E escapam assim á voracidade dos animaes insectivoras. Os hemipteros menos protegidos são os morilhões ou pulgões, [1] que vivem nas roseiras, nos pés de couve, etc. Emquanto quasi todos os companheiros da mesma ordem fabricam liquidos urentes e mesmo venenosos, elles pelo contrario fornecem um liquido assucarado de que muito gostam as formigas. Esta circumstancia me faz suggerir uma idéa, e é que talvez os proprios meios chimicos de defesa não sejam sinão casos de um *mimetismo* particular. Póde ser que muitos outros insectos, hoje protegidos por venenos, tivessem tido outr'ora a mesma sorte dos morilhões, e que vendo-se continuamente presa dos vorazes inimigos, houvessem aprendido com as então raras especies venenosas, que elles viam ser respeitadas pelos inimigos a elaborar venenos, sinão identicos, pelo menos similares.

Esta hypothese que faço, tem tal ou qual fundamento physiologico. E', na verdade, facto trivial, que em um momento de colera, a saliva, o leite e outros liquidos de secrecção, tornam-se virulentos, coisa que explica os accidentes inflammatorios, ás vezes acompanhados de phenomenos geraes graves, occasionados pelas dentadas humanas e de animaes não damnados. A repetição destes accessos de colera nos insectos innocentes, poderia com o correr de longos tempos ir modificando as secrecções glandulares, por meio de reacções chimicas lentas, de sorte que num momento dado, em lugar de uma substancia assucarada, por exemplo, o animal segregaria um acido caustico ou uma diastasis toxica.

Apezar dos energicos meios de defesa dos insectos, muitos delles não podem impedir que no seu corpo se implantem como parasitas especies pertencentes á sua mesma classe. Assim, as larvas dos rhipipteros, cujas patas são muito desenvolvidas, agarram-se como parasitas ao abdomen das vespas e de outros hymenopteros, zombando do seu aguilhão e do seu perigoso veneno.

---

[1] Genero *Aphis*.

Outros insectos têm nas azas o melhor meio de defesa. Taes são as moscas e outros dipteros, cujo vôo rapido os livra dos seus numerosos inimigos. Algumas produzem voando um zumbido que deve amedrontar os seus perseguidores. Entretanto, existem dipteros, possuidores de meios mecanicos e chimicos, por meio dos quaes offendem e defendem-se. Taes são muitas moscas e mosquitos. O *tavão* e o *œstrus*, muito parecidos com a mosca ordinaria, inflingem picadas dolorosas e são o tormento do gado vaccum e cavallar e do proprio homem.

Quereis saber, leitor, como é feita a horrenda tromba sugadora de um mosquito ? [1] Cinco cerdas dentro de uma bainha carnosa muito comprida e por cima dous longos palpos articulados, eis ahi a arma mecanica do pernilongo, com que cospe a saliva irritante no momento da picada.

A autonomia é outra arma de que se servem muitos nos seus apuros os *Tipulides* e *Muscideos*.

Não menos interessantes do que os mosquitos, (interessantes é um modo de dizer), são os insectos da ordem ou sub-ordem dos *Sugadores*, que todos nós conhecemos pelo nome de *pulgas*. [2] A pulga commum tem na bocca duas verdadeiras espadas denteadas, com que rasgam a pelle e irritam-na afim de fazer affluir o sangue. O bicho do pé [3] tem um bico tão comprido, que é igual ao comprimento do proprio corpo.

Na ordem dos *Anapluros*, estão os piolhos e carrapatos, [4] cujos meios de defesa e sobretudo de offensa, são orgãos sugadores armados de ganchos. Elles vivem como parasitas sobre o corpo de animaes de grande porte, como sejam os mammiferos e as aves.

Por entre toda esta multiplice variedade de meios de defesa e ataque, que perfunctoriamente descrevemos, descortina-se um grandioso principio e uma lei immutavel. Esse principio é a *selecção natural*; essa lei immutavel é o equilibrio daquelles meios, d'onde resulta a *caracterisação da fauna local*, emquanto um novo factor physico ou biologico não vier modificar as condições de

---

[1] Genero *Culex*.

[2] Genero *Pulex*. A pulga commum é a *Pulex irritans*.

[3] *Pulex penetrans*.

[4] Generos *Pediculus* e *Ricinus*.

existencia. Neste caso a fauna ir-se-á modificando tambem através dos tempos a começar novo cyclo de nova evolução de aperfeiçoamento.

Em geral se acredita que o mundo já está completamente feito e que a creação já deu a sua ultima palavra. Engano! As leis biologicas que esboçámos neste imperfeito estudo, mostram que, sem que nos apercebamos disto, a natureza prosegue na sua obra de creação e perfectibilidade, e só hade parar... quem sabe quando? na eternidade dos tempos!

Dr. Domingos Freire

(*Continúa*)

GIOVANNINA [1]

QUADRO TERCEIRO

Entre montanhas de variadas formas e alturas, assenta o casarão da fazenda no seio de um valle. Matas virgens, escuras e compactas, entufam o cabeço e o dorso das serras longinquas. A massa da folhagem entrelaçada lembra uma armadura colossal feita de rugosas escamas verdes. Sobresaem a espaços altas arvores recamadas de flores, similhantes a pagens gigantes que carregassem ramalhetes.

Grosseiro o casarão,—baixo, comprido, acaçapado, destituido de arte, mas com um aspecto de san franqueza e bonhomia nas numerosas portas e janellas escancaradas. Dão-lhe graça a horta e o pomar que se estendem no fundo, bem como as roseiras, jasmineiros e heras que lhe trepam pelas paredes, formando um jardim vertical.

Em frente e a um dos lados do edificio, alongam-se, lisos e planos como o pavimento de um salão descoberto, os quadrangulos dos terreiros de pedra, onde saltam crianças seminuas e dormem corpulentos cachorros, enroscados ao sol.

Mais adiante a casa das machinas, ladeada de tanques, o engenho dominando o corrego, as antigas senzalas, o armazem, as multiplas dependencias que tornam o estabelecimento agricola um escorço de cidade incrustado na solidão.

Mil scenas pitorescas da vida campestre occorrem aqui e ali.

Na encosta de uma colina, tapetada de vegetação rasteira, onde sobranceam isoladamente velhos troncos requeimados, pastam em liberdade vaccas, carneiros, cabras, emquanto mulas e cavallos ora se espojam escoiceando o espaço, ora se immobilizam encostados uns aos outros, ora disparam aos pinchos em subitaneos galopes.

Junto a uma das toscas construcções que o casarão avassala, grunhem num cercado, centenas de porcos. Repimpam alguns beatificamente na lama a desconforme obesidade. Outros, tardos e lassos, vagam fossando, fossando. Ninhadas de leitões, varios de pello amarellado, sugam vorazes, aos safanões, empurrando-se mutuamente, as tetas que as mãis lhes abandonam, resignadas e magras, deitadas de banda, duas patas no ar.

Em ingreme vertente, ziguezagueia delgado caminho. Vagaroso, vem descendo por elle massiço vehiculo, tirado por longas juntas de bois. Ouve-se o chiar dorido das rodas e o bater das porteiras, a par dos brados estimuladores dos carreiros.

Brancas faixas de outros caminhos entrecruzados vincam a face dos ondulados terrenos convizinhos.

Mas a nota sobrelevante da paisagem provém da formatura symetrica dos cafesaes acogulando todos os morros e quebradas accessiveis. E' um mundo de arbustos uniformes, gemeos no tamanho, na côr, na figura, alinhados em renques e renques que se

---

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de abril.

alastram sem termo. A um outeiro atulhado, segue-se outro identicamente coberto da mesma plantação regular; a este succede outro, e mais outro, e ainda outro,—éstes immoveis de enorme maré. Ha no todo a correcção de um exercito em revista. Sente-se o influxo acabrunhador, as energias irresistiveis e serenas das vastas forças disciplinadas. A um tempo soberana e escrava, a natureza ostenta as complacencias de uma grande mãi magnanima, omnipotente e, para com os filhos que lhe solicitam amparo, susceptivel das mais carinhosas effusões.

Nos cafesaes, procede-se á colheita. Luxuriantes, os cafeeiros estiram desde o chão em todas as direcções os profusos galhos contrapostos, cujo conjuncto imita uma pyramide e que vergam ao peso dos pequenos frutos vermelhos e luzentes. Colonos e camaradas, divididos em turmas, postam-se ao pé das arvores, agarram e curvam os ramos carregados, correndo os dedos por elles de modo a fazer cahir uma chuva de bagos sobre o solo, em torno das raizes. Ajuntam esses bagos; peneiram-n'os afim de limpal-os de cisco e de terra, e os amontoam em balaios que vão descarregar no receptaculo de um carro estacionado em proxima vereda. Desapparecem quasi os trabalhadores, atufados na folhagem.

Despojada uma arvore, passam a outra. Trazem largos chapéus de palha ou lenços de chita amarrados ás cabeças. Entregam-se alguns silenciosos ao afan do serviço; cantarolam outros; conversam frouxamente terceiros, pondo demoradas pausas entre as frases. Familias inteiras, incumbidas de tratar de certo numero de pés de café, executam em commum a sua tarefa.

Fendem o amplo silencio immanente estridulações de cigarras, vôos tontos de passaros, quedas remotas de cachoeiras, farfalhar de folhas seccas, os mil ruidos mysteriosos, como que de germinações subterraneas, do clima tropical, ao meio-dia. Pejam o morno ambiente somnolencias e deslumbramentos.

Em ponto afastado do cafesal, Benedetto, Isabella, Giovannina e Luigi labutam na colheita. Tostados do sol, apresentam semblantes sadios e resolutos. Luigi cresceu. Expandiu-se a belleza de Giovannina. Transborda graça, decisão, ternura de seus movimentos.

Benedetto

Cuidado... cuidado... E' preciso despir bem os galhos, sem lhes deixar pegado um unico bago maduro. Olhem que tomamos á nossa conta nada menos de 7.000 pés de café.

Isabella

Que calor! Que canceira! Tenho as mãos dormentes, os dedos inchados e feridos de apanhar café,—*deriçar*, como aqui dizem.

Benedetto

Has de te acostumar. E' assim mesmo. Em começo custa; depois a gente se habitua e gosta.

Isabella

Nunca me acostumarei. Até o rigor do inverno da nossa terra agora ás vezes se me afigura doce. Bem annunciava o meu Gualtiero que nos aguardavam fundas decepções.

Benedetto

Verdade, verdade, muitos dos nossos sonhos já se esvairam. A nova terra não offerece as vantagens que suppunhamos.

Isabella

Queres que fale com franqueza?! Tudo nella me desagrada. Vivo com o coração apertado. Assoberba-me infinita tristeza pensando na patria e em

Gualtiero ; devora-me ardente desejo de revel-os de prompto. O trabalho não nos proporciona remuneração que valha a pena. Pensei que tivessemos com o proprietario da fazenda parceria completa, dividindo-se pela metade entre elle e nós todo e qualquer rendimento da terra. Nada disso. Antes não partissemos ou houvessemos ficado na cidade do Rio de Janeiro, onde ha outros recursos, outras vantagens, outras distracções contra a nostalgia.

Benedetto

Aqui dão-nos casa de morada e serviço seguro. Mas é certo que, ao cabo de um anno, trabalhando todos, como presentemente, pouco teremos ajuntado. Longe está a riqueza immediata com que contavamos ! A mim igualmente não raro me parece que preferivel fôra termos ficado na cidade, onde tão seductoras propostas nos faziam. O que, principalmente, me retem na fazenda és tu, Giovannina.

Giovannina

Acho a vida de fazenda mais socegada, mais saudavel que a da cidade. E' verdade que não conheço a da cidade sinão pelo que contam. Mas sem perseverança ninguem triumpha. Estamos aqui ha poucos mezes. Devemos nos demorar. Os lucros hão de vir a pouco e pouco e não de repente.

Isabella

Aprecias a estupida e monotona existencia do lavrador brazileiro ?

Giovannina

Não a julgo nem monotona nem estupida. Ao contrario de ti, tudo na patria nova me satisfaz. Quando fecho os olhos, ainda me arrebata o maravilhoso espectaculo da bahia do Rio. Nnnca vi scena mais linda. Achei bem boa a hospedaria em que estivemos tres dias, no meio de abundancia e conforto que até então desconheciamos. E a viagem em estrada de ferro galgando montanhas, margeiando precipicios, atravessando compridos tunneis, contemplando soberbas cascatas, florestas magestosas, planicies infindas, caprichosos rios que ora se espalham em largos leitos, ora se concentram, fervendo, ora raivosos amortalham de espuma féros rochedos, ora, suaves, acariciam ilhotas viçosas, similhantes a cestas de flôres... Quanta coisa bonita ! Quanta festa para os olhos ! Gosto disto, confesso.

Luigi

Eu tambem gosto. Encanta-me a abundancia das borboletas e dos passaros. Rio-me a não poder mais observando as travessuras dos macacos. Muito interessante um tucano que cacei hontem : tinha um bico enorme, dentado e curvo, quatro vezes mais longo do que a cabeça.

Benedetto

E as cobras que assassinam á traição ! Já esqueceram Beniamino, nosso patricio, tão alegre, tão forte, picado por uma cascavel dessas que

não poupam bois nem cavallos e agitam um guizo sinistro como dobre de finados ? ! Desgraçado Beniamino ! Como padeceu ! Inchou de maneira monstruosa, estrebuchou em convulsões horriveis, perdeu a vista, desconhecia os parentes, não podia engulir os remedios e vertia sangue negro por todas as aberturas do corpo. Misero rapaz ! Em má hora acudiu-lhe a idéa de partir...

Isabella

E os mosquitos, pequeninos como grãos de areia e ferozes como lobos! E os carrapatos que se nos grudam á pelle, armados de chupadores similhantes aos das sanguesugas ! Anna Griti soffreu febre de erysipela e viu a perna numa chaga porque lhe arrancaram um dos taes miúdinhos, deixando na carne os ferrões. Oh ! a comichão que produzem incommoda mais do que uma forte dôr.

Benedetto

Considero peior e mais nojento o bicho de pé, que se mette debaixo das unhas e nos calcanhares... Que tormento a coceira ! Antes a da pelagra ! E são perigosos esses bichos. Anda por ahi muito sujeito com ulceras chronicas e mesmo aleijado, por via delles ! Sympathizas com todos estes primores, Giavannina ?

Giovannina

Males, adversidades, inimigos é sina do homem encontral-os em toda a parte. Felizes os lugares em que compensam taes males a grandeza, a belleza perpetua, a variedade e o encanto da vida, como aqui.

Isabella

Que belleza em descommunaes extensões ermas que esmagam a comprehensão ! Variedade e encanto da vida numa fazenda ! Engana-te a imaginação, minha filha.

Giovannina

Belleza, variedade, encanto, sim. A cultura do café offerece a quem a pratica intelligentemente as mutações encadeadas, o entrecho curioso de um romance.

Isabella

Vamos ver.

Giovannina

Inicia-se pelas scenas grandiosas e tragicas das derrubadas e queimadas : multidões de soberbos gigantes vegetaes sacrificados, como numa batalha, ao interesse do mais forte e do mais util : é a lei da vida ! Em seguida, a plantação com mil cautellas e carinhos identicos aos usados para com os frageis infantes. Após os cuidados continuos de asseio e hygiene das capinas, as precauções defensivas contra a perfidia das intemperies. Emfim, vencida a luta, eil-o o arbusto que cresce e se desenvolve, sempre rodeiado de attenções. Dir-se-ia que adquire razão: entra a

produzir. Vem então as colheitas, ricas de episodios apraziveis, em que se colligem os frutos á feição de quem munge as ovelhas. Depois, os complicados processos do preparo. Funccionam as machinas possantes ou subtis, umas que seccam, outras que sopram, outras que descascam, outras que escolhem. O mimoso bago, successivamente verde, vermelho, preto, transforma-se numa especie de conta, branca e brilhante, artisticamente cinzelada, tão preciosa quanto um pingo de ouro. E lá se vai correr mundo até dissolver-se no liquido perfumado e saboroso, servido em taças de porcelana nas mesas ricas.

Isabella

Estás instruida! Que ardor! Que enthusiasmo. Nem que o cafeeiro fosse o teu enamorado!

Giovannina

O cafeeiro é estrangeiro como nós. Veiu tambem de longes terras. Agradou-se da nova patria; nella permaneceu e medrou. A sua flor, branca e cheirosa como o jasmim, lembra uma estrellinha de neve. Trincado, o seu fruto adoça o paladar. A sua capsula imita uma camara onde em dois berços, separados por um biombo de seda, dormem dois gemeos. Demais, o cafeeiro é generoso e grato: recompensa magnificamente a quem o trata com affecto. Amo-o, sim, por que não? como amo o que é bom, productivo, util.

Benedetto

Em summa: amas tudo na fazenda, até os asquerosos pretos com quem somos obrigados a conviver.

Giovannina

E porque não estimarei tambem os pobres pretos tão meigos, tão affectuosos, tão resignados! Como são superiores em dedicação, doçura e liberalidade aos camponios da nossa terra! Acho-os interessantes! Diverte-me extremamente o seu *jongo*, o seu *batuque*, o seu *samba*. Assusta-me o seu *urucungo*. E a viola dos tropeiros? E as modinhas, ao som do cavaquinho? Nada conheço que mais impregne o coração de deliciosa tristeza.

Benedetto

Apezar de tantos attractivos que descreves, confesso que até certo ponto concordo com tua mãi. Renderei graças a Deus no dia em que sacudir o jugo da fazenda. Mas toca a trabalhar... toca a trabalhar... (*Afasta-se com Luigi.*)

Isabella

Esqueceu-te enumerar aquillo que talvez mais te aqui prenda e queira o céu não seja a causa da tua desgraça.

Giovannina

Que é?

Isabella

Não alludiste ao filho da dona da fazenda, ao sympathico João Carlos, ou nhô João Carlos, como o denominam.

Giovannina

Por que dizes isto? Não te comprehendo...

Isabella

Preciso falar-te com franqueza e aproveito a opportunidade. Já não és criança. Sempre te distinguiste pelo juizo. Devo aconselhar-te como mãi e como amiga.

Giovannina

De que é que se trata?! Estes modos graves me intimidam.

Isabella

Desde que aqui chegámos, o filho da viuva D. Clara, a quem esta fazenda pertence, o Sr. João Carlos, olha-te de certa maneira particular, procura-te constantemente, demora-se a conversar comtigo mais do que seria natural. E' um moço agradavel; tem instrucção; dizem que frequentou uma academia, abandonando em meio os estudos, quando o pai morreu, afim de auxiliar a mãi. Que te prefere a todos os mais não resta duvida. Ora, d'ahi póde nascer o teu infortunio. Calcula a immensa distancia que te aparta delle. Não se casará comtigo, minha filha. Corteja-te para máus fins; pretende perder-te. Já se murmura por ahi a proposito dessa preferencia muita historia desagradavel e é um dos motivos porque me aborrece a fazenda. Si não atalharmos as calumnias e intrigas, a tua reputação soffrerá para sempre. Attende ás minhas advertencias, Giovannina. Não escutes as vozes fallazes dos homens. Na tua pureza está o teu mais precioso bem. Que ganharias em ser a victima facil do filho da patrôa? Satisfeito o seu capricho, elle te abandonaria sem piedade e ninguem mostraria dó de ti. O que incommoda sobretudo a mim e a teu pai, que me ordenou conversasse comtigo sobre este assumpto, é que o teu coração não nos parece indifferente aos galanteios do Sr. João Carlos. Noto que os teus olhos se esquecem indulgentes nos delle. O teu enthusiasmo pela fazenda revela-se suspeito. Cuidado, minha filha. Estás á beira do despenhadeiro. Arreda-te emquanto é tempo. Não te precipites.

Giovannina

Ah! mamãi! Quanto me affligem essas supposições! O Sr. João Carlos gosta de conversar commigo e eu tambem gosto de conversar com elle, porque elle é meigo, é justo, sabe dizer coisas delicadas e curiosas. Todos na fazenda o estimam.

E' elle quem protege a todos, serve de medico, modera as severidades da mãi e do administrador. Recorda-te de como te tratou com carinho quando adoeceste? No tempo dos escravos, dizem que era o anjo bom desses infelizes. Libertou os seus antes da lei. Quão differente de sua mãi, D. Clara, tão orgulhosa e inimiga dos estrangeiros! Gosto delle, sim. Que mal ha nisso? Avalio a extensão que nos separa. Elle é rico, eu nada tenho. Elle é proprietario de vastas terras, eu sou misera operaria sem um palmo de chão para dormir. Elle se acha em sua patria, eu repudiei a minha. Comquanto um pouco mais educados do que o commum, nós não passamos de desgraçados emigrantes acossados de nossa terra pela fome. Nunca um pensamento inconfessavel me atravessou a mente sobre o Sr. João Carlos. Oh! nunca. Sei quem sou; reconheço o meu infimo lugar. Não ignoras que D. Clara, apezar de sua aversão para com os emigrantes, esforçou-se para que eu ficasse em casa della, a ajudal-a no serviço domestico. Recusei, preferindo apanhar café a teu lado. Que injustiça!... Que maldade! Prometto... juro... que deixarei de conversar com elle... Saberei repellil-o... Verás...

Isabella

Estás commovida, com os olhos humidos. Não te quiz offender, porém, como extremosa mãi, te elucidar. A intenção desses moços é simplesmente divertirem-se. Mal da mulher que lhes preste ouvidos! Caro custa um instante de complacencia.

Giovannina

A injustiça me revolta. Não me conheces. Sou irman de Gualtiero: tão altiva, corajosa e digna como elle. Fica tranquilla, mamãi. Não me rebaixarei... Não me rebaixarei... Elle não se divertirá commigo, asseguro. Isso, não. Antes morrer...

Isabella

Muito bem, Giovannina. E que a Virgem Santissima te ampare.

Faz-se carregado silencio. Giovannina colhe com ardor o café. Isabella se afasta. Passos surdos, ruidos indistinctos esboçam-se, diluem-se, morrem. De repente, rompe uma voz, cantando em melancolica toada.

A voz

Do pinheiro nasce a pinha
Da pinha nasce o pinhão,
Da mulher nasce a firmeza,
Do homem nasce a ingratidão.

Giovannina detem-se. Apoiada no cafeeiro, os olhos perdidos, bebe as notas dolentes que timidos ecos repetem em apagada surdina.

A voz

Hei de pegar em meus olhos
Hei de os furar com um pausinho,
Os meus olhos são a causa
De eu andar por mau caminho.

Meu amor fala baixinho
Que as paredes têm ouvido:
O segredo mais coberto
E' sempre o mais conhecido.

Giovannina suspira. Cruza as mãos sobre o peito que offega, inclinada para o lado donde vêm as trovas populares. Seus olhos se afogam em ternura e morbideza ineffaveis.

A voz

Já tive dias felizes
Zombando da sorte austera,
Perdi os sonhos de out'rora,
Já não sou quem d'antes era.

Tudo o que nasce no mundo
Tem seu fim particular:
Com destino todos nascem,
Eu nasci para te amar.

Si eu soubesse com certeza
Que tu me tinhas amor,
Ia cair nos teus braços
Como o sereno na flôr.

Uma lagrima desce lenta pela face de Giovannina, que tambem lenta a enxuga. Solta novo suspiro e recomeça a colher. Sôa o tropel de um cavallo. A voz emmudece. O tropel se aproxima.

Vozes dispersas

Sua benção, seu branco. Sua benção, seu moço. Sum Christo... Sum Christo... Bom dia... Bom dia.

Outra voz (*respondendo*)

Deus o abençôe... Para sempre... para sempre... Bom dia... Bom dia...

O tropel se avizinha. O cavallo pára no carreiro proximo ao lugar onde Giovannina colhe. Apeia-se o cavalleiro e dirige-se para ella. E' João Carlos. Physionomia a um tempo ingenua e energica. Sente-se que é um simples, um primitivo, um bom. A lealdade espiritualiza-lhe o semblante requeimado. Tem 26 annos. Traz botas amarellas com esporas de prata, chapéu de feltro desabado.

João Carlos

Bom dia, Giovannina.

Giovannina

Bom dia.

João Carlos

Como vamos de colheita?

Giovannina

Bem, como vê. Trabalha-se quanto se póde.

João Carlos

Este trabalho não é proprio de você.

Giovannina

Por que?

João Carlos

E' inferior ás suas qualidades, á sua educação. Você devia aceitar a proposta de ir para dentro de casa, servir minha mãi. Tenho insistido tanto! Dóe-me ver você em serviço tão duro...

Giovannina

Mas aqui me sinto bem. Estou perto de meus pais, que assim poderão me proteger.

João Carlos

Proteger por que? Receia alguma coisa?

Giovannina

Nada receio, e si houvesse perigo eu saberia defender-me.

João Carlos

E então?!

Giovannina

Digo proteger no sentido de aconselhar, de guiar com a sua experiencia e o seu affecto, o unico verdadeiro da vida.

João Carlos

No cafezal, a sua pelle tão fina se estragará; as suas mãos tão pequenas se cobrirão de callos.

Giovannina

Que importa?! Na minha posição, não sei, não posso, não devo cuidar disso. Só devo cuidar de trabalhar honestamente, auxiliando os meus.

Um silencio.

João Carlos

Vou ajudar você a colher.

Acerca-se de Giovannina e, durante alguns segundos, apanha café, ao pé della, ambos cabisbaixos e graves. Ella evita attentamente qualquer contacto com os dedos ou o corpo delle.

João Carlos

Vim ao cafezal, Giovannina, de proposito para ver a você e estar por momentos a seu lado. Muito esquiva você se mostra para commigo. Parece que não gosta de mim.

Giovannina

Gosto do senhor como gostam todos da fazenda, porque o senhor é bom para todos.

João Carlos

Mas eu queria que você gostasse um bocadinho mais do que os outros.

Giovannina

Por que?

João Carlos

Porque estimo a você mais do que aos outros.

Giovannina

Não ha razão para isso. Não desejo que seja assim, nem acredito.

João Carlos

Acredite, Giovannina. Você exerce sobre mim, desde que chegou, um extraordinario encanto. Você é intelligente, educada, sensata. Nem parece emigrante, de tão aceiada e bonita. Todos attendem e consideram a você. Afflige-me vêl-a entregue a tarefas abaixo do que você merece. Eu a estimo muitissimo. Deixe-se de apanhar café. Siga o que eu lhe indicar. Ganhará mais; ganhará quanto quizer. Fará a sua felicidade e a minha.

Giovannina

Ah! senhor João Carlos, nunca o julgaria capaz de vir perturbar-me e offender-me em meio do meu trabalho, o senhor tão poderoso, eu tão pequenina..

João Carlos

Perturbar e offender a você? eu? como?

Giovannina

Perturbar e offender, sim. Que significa a sua proposta? Qual o seu fim? Que relações, além das de serviço, póde haver entre o dono da fazenda e uma humilde operaria, como eu? Não me queira fazer mal... Não me queira fazer mal...

João Carlos

Fazer mal a você?! Mas, ao contrario, só desejo favorecel-a, melhorar-lhe a sorte.

Giovannina

O senhor bem me comprehende. Para que subterfugios?! Nada de commum póde existir entre nós. Desengane-se. Não lhe assenta, Sr. João Carlos, ao senhor tão generoso, tentar assim, por meio de palavras insidiosas, contra o que uma desgraçada dependente sua, possue de mais sagrado.

João Carlos

Você me repelle, Giovannina? Deixou algum promettido na Italia? Ama a alguem?

Giovannina

Por piedade, por Deus, não continue a magoar-me. Só prende meu coração á Italia um irmão que lá tenho. Não o repillo, Sr. João Carlos. Quem sou eu para o repellir? Colloque as coisas no seu lugar. Supplico apenas ao seu cavalheirismo que me deixe socegada, que não me inquiete, que tenha pena de mim.

Giovannina chora. João Carlos, commovido, dá um passo para ella e quer cingir-lhe a cintura. Ella o repulsa, soltando um grito. Sua physionomia reveste tal expressão de revoltada surpresa e altivez melindrada que o moço recúa.

João Carlos

Perdão... perdão...

Isabella (*accorrendo*)

Que tens, minha filha? Ouvi-te gritar.

Giovannina

Não foi nada. Um maribondo de que tive medo.

João Carlos permanece pensativo por instantes. Retira-se depois a passos vagarosos. Ouve-se afinal o estrupido do seu cavallo.

Isabella

Que te disse, que te fez João Carlos?

Giovannina

Insistiu para que eu abandonasse a lavoura e fosse servir D. Clara.

Isabella

Só?!

Giovannina

A sua insistencia tornou-se um tanto importuna. Respondi-lhe como devia.

Isabella

Não me enganavam as minhas suspeitas. Cuidado, Giovannina. Isto vai tomando mau caminho. Vai mal...

Benedetto (*chegando com Luigi*)

Vai mal, sim, vai muito mal. Está se tornando insuportavel. Acabo de ter com o administrador uma duvida séria a proposito da quantidade do café colhido. O bruto accusou-me de querer furtar; e, como eu replicasse indignado, bradou-me que todos os emigrantes eram bandidos, cobriu-nos de injurias. Disse-me umas frases que me magoaram profundamente.

Isabella

Que foi?

Benedetto

Disse o miseravel que eu abusava, fiado na belleza de minha filha; que viéramos para a fazenda com o plano de impingil-a ao patrão; que os manejos nesse sentido eram patentes e escandalosos; que eu vira passar o Sr. João Carlos e me retirara afim de deixal-o sosinho com Giovannina.

Giovannina

Ah! cobarde! Bem mostra que habituou-se a lidar com escravos.

Benedetto

Eu devia tel-o esbofeteado... devia tel-o esbofeteado...

Isabella

Conta ao Sr. João Carlos para que elle seja punido.

Giovannina

Não; não se queixem a ninguem. Declarastes ha pouco que só em attenção a mim permanecieis na fazenda. Agora, quem lhes supplica sou eu: partamos.

Isabella

Depois do que succedeu não podemos continuar.

Benedetto

Partamos e sem demora. Na cidade encontraremos prompta e vantajosa collocação.

Luigi

Pois eu sinto a partida... Gosto tanto d'aqui.

Benedetto

Está resolvido:—partamos.

Resôa de novo o tropel do cavallo.

Benedetto

Ahi volta o patrão de percorrer o cafezal. Vou participar-lhe já a nossa decisão. Oh! senhor João Carlos... oh! senhor João Carlos...

João Carlos (*achegando-se*)

Que é? que quer você?

Benedetto

Communico-lhe que eu e minha familia deixamos o seu serviço. Queira ter a bondade de mandar fazer as nossas contas. Amanhan de madrugada iremos tomar a estrada de ferro.

João Carlos

Por que? estão descontentes?!

Benedetto

Não nos convém. E' resolução inabalavel. Vamos agradecidos á sua bondade.

João Carlos

E para onde vão?

Benedetto

Para a capital.

João Carlos

Você, Giovannina, approva este projecto?

Giovannina

Suppliquei a meu pai que o adoptasse.

João Carlos

Nada os retem então neste lugar?

Giovannina (*surdamente*)

Nada.

João Carlos (*depois de uma pausa*)

Bem. E' melhor mesmo assim. A contragosto, ninguem trabalha em minha fazenda. Nem no tempo do captiveiro. As contas vão ser feitas. Saiam quando quizerem. Dar-lhes-ei conducção até á linha ferrea. (*Outra pausa*). Vão se arrepender... Vão se arrepender... Vão soffrer. Em summa, faça-se-lhes a vontade. (*Voltando-se para Giovannina*) Guardem estas palavras: Não costumo readmittir colono que uma vez saíu d'aqui. Para vocês, porém, abrirei excepção. Si se acharem em alguma difficuldade, lembrem-se de mim. Conhecem o caminho. Em toda a parte ser-lhes-á facil encontrar casa, alimentação e bom salario. Aqui, além de tudo isso, teriam coisa mais rara: um pouco de sincero affecto. Adeus. Sejam felizes.

Esporeia o animal que vai-se a galope.

Isabella

Que é isto, Giovannina. Tens de novo os olhos molhados. Não o escutes...

Giovannina

Eu?! E' illusão. Sinto-me até muito contente... muito contente... Vamos apromptar a bagagem. Gotas de suor confundem-se com lagrimas.

Isabella

Antes assim fosse, minha pobre filha!

(*Continúa*)

AFFONSO CELSO

O ANIMISMO FETICHISTA[1]

DOS NEGROS BAHIANOS

CAPITULO I

ZOOLOGIA FETICHISTA DOS AFRICO-BAHIANOS

(Continuação)

Na Bahia, a religião dos Jorubanos é sem duvida muito mais importante, já pela generalização a quasi todas os africanos, já pela adhesão dos negros creoulos e mestiços, já pela fórma ruidosa do seu culto externo. Bowen observa que a doutrina idolatra de Jurubá parece copiada da fórma e dos costumes do governo civil. Assim como só ha um rei na nação, só ha um Deus no universo, *Olorun* ou *Olorung*; e assim como para se aproximar do rei é indispensavel a intervenção dos cortezãos, assim tambem o homem para chegar a Deus deve recorrer a intenção dos *Orisás*, ou divindades inferiores. E, si Deus não precisa de sacrificios, porque não precisa de nada, os *Orisás*, como os homens, de bom grado aceitam carneiros, pombos, etc.

Posto que eu tenha encontrado Africanos que não conhecem *Olorun*, posto que a maior parte dos creoulos não pareçam conhecel-o, em regra os africanos e uma boa parte dos creoulos bahianos sabem perfeitamente que *Olorun* é o deus do céu. Acredito que dos poucos Africanos que desconhecem *Olorun*, uns devem ser apenas

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de abril.

Jorubanos ignorantes, outros serão negros de outras crenças fetichistas convertidas aqui á religião de Jorubá. Quanto aos creoulos o principal motivo porque em geral desconhecem *Olorun* é a identificação de um dos *Orisás* com Christo.

Assim tambem é indispensavel estabelecer distincção no conceito que se fazem de *Olorun* aquelles que reconhecem sua existencia. Os *mussulmis* o identificam com Allah. Os creoulos e em geral os negros educados no ensino catholico tendem a confundil-o com o Deus dos christãos.

Na rua ou largo da Baixa dos Sapateiros nesta cidade existe um açougue de um negro creoulo, onde se lê a seguinte inscripção Jorubá: *Ko si oba Kan afi Olorun*, que me foi assim traduzida á letra: *Não ha um rei como Deus*, ou *igual a Deus*. Mas como que para affirmar a influencia do islamismo e do christianismo no conceito que de *Olorun* se faz na Bahia a mesma inscripção está reproduzida em uma das paredes da sala do açougue, encimada por uma cruz e pelo titulo *O Alufá*. [1] O dono do açougue não é *malê*, ao contrario é influente em um dos mais importantes *terreiros* desta cidade.

Não sei até que ponto se terá verificado na Africa si nesta concepção de *Olorun*, Deus creador, sem representação em idolo ou imagem, sem culto ou adoração, entra ou não uma influencia qualquer do islamismo, nas relações já antigas da Africa Occidental com os mahometanos. No emtanto, a verdadeira origem de *Olorun* deve ter sido a divinisação fetichista da abobada celeste, do céu. Como fazia Riïs a respeito do *Nyankupam*, da nação Oji, se póde affirmar de *Olorun* que: «as idéas que se fazem (os negros) desse Deus como espirito supremo são obscuras e incertas; muitas vezes o confundem com a abobada celeste e com o mundo superior que fica além do alcance dos homens (Tylor).»

Tenho encontrado Africanos incapazes de fazer esta distincção e em todo o caso a idéa que todos têm de *Olorun* é sempre muito vaga e indistincta. Como em Jorubá, *Olorun* não tem na Bahia culto especial, nem imagem que o represente. E esta falta de representação material não deve influir pouco para que tanto o desconheçam mesmo os Africanos.

---

[1] Alufá chamam os mulsumis aos doutores da religião mahometana.

Abaixo de *Olorun* para os Jorubanos, independente de *Olorun* para muito dos Africanos convertidos e em geral para os creoulos, existe uma grande serie de deuses, os *Orisás*, pela maior parte talvez de constituição chimerica, formando uma mythologia complexa em que se sentem ainda bem discriminados a litholatria, a phytolatria, o animismo primitivo em todas as suas manifestações emfim.

A traducção da palavra *Orisá* por *Santo* devia concorrer poderosamente para facilitar a fusão das crenças fetichistas do negro com o catholicismo que lhe ensinaram no Brazil. Entre os *Santos* ou *Orisás* tem a primasia *Obatalá*, tambem chamado *Orisa-lá* (deus grande, superior ou primeiro); divindade que exerce um papel salientissimo na religião dos negros desta cidade. Para os Jorubanos, *Obatalá* é uma divindade hermaphrodita e representa a potencia reproductora de natureza. Entre nós, concebem-no com uma pessoa já muito velha, de pés quasi atrophiados de ter andado por todas as terras a presidir e distribuir a fecundidade. Figuram-no por meio de conchas ou *cauris* e terra ou limo verde, dentro da area circumscripta por um circulo de chumbo, no fundo de uma tigela de louça branca, de tampa. E' de crer que este conjunto represente ou symbolize a riqueza nos *cauris* que é a moeda dos africanos, a fertilidade da terra no limo, e as applicações industriaes do metal no aro de chumbo. Esta divindade, assim materializada na sua representação torna-se mais accessivel á comprehensão dos negros e d'ahi a sua tendencia a supplantar *Olorun*, que aliás constitue uma concepção mais elevada e abstracta.

Em ordem de importancia numa concepção mythologica, devemos mencionar em seguida o *Orisá Esú* divindade adversa ou pouco propicia aos homens. *Esú, Bará* ou *Elegbará*, é um santo ou *orisá* que os africo-bahianos têm grande tendencia a confundir com o diabo. Tenho ouvido mesmo de negros africanos que todos os santos podem se servir de *Esú* para mandar tentar ou perseguir a uma pessoa. Em uma altercação qualquer de negros em que quasi sempre levantam uma celeuma enorme pelo motivo mais futil, não é raro entre nós, ouvir-se gritar pelos mais prudentes: Fulano olha *Esú*! Precisamente como diriam velhas beatas: olha a tentação do demonio! No emtanto sou levado a crer que esta identificação é apenas o producto de uma influencia do ensino catholico. *Esú* é um *orisá* ou

santo como os outros, tem a sua confraria especial e seus adoradores. No templo ou terreiro do Gatais, o primeiro dia da grande festa é consagrado a *Esú*.

O dualismo dos negros é, pois, ainda o dualismo rudimentar dos selvagens, e *Esú* não passa de uma divindade má ou pouco benevola com os homens. *Esú* tem como idolo ou fetiche um bôlo de argilla amassada com sangue de ave, azeite de dendê e infusão de plantas sagradas. Tem a pretenção de representar uma cabeça, cujos olhos e bocca são figurados por tres buzios ou *cauris*, implantados na massa antes que ella se tenha solidificado. Sem o menor fundamento quanto a parecença, vi comparar um desses fetiches a uma caveira de cavallo.

Provavelmente pelas relações que guardava a principio com *Olorum*, o céu-deus, *Sangô*, o deus do trovão, salienta-se na religião jorubana como uma das figuras mythologicas mais proeminentes. *Sangô* seria tambem chamado *Dzakoutá*, isto é, o emissor das pedras de raio, que durante as tempestades elle arremessa sobre a terra.

A divinização do trovão é coisa tão frequente e natural em todas as mythologias, em mais de um paiz africano vêm-se referencias tão precisas a *Sangô*, deus do trovão, que não é das mais provaveis a origem chimerica que missionarios protestantes attribuem a *Sangô*. Não obstante, um moço creoulo que por longos annos residiu em Lagos, traduziu-me de um livro de ensino da lingua jorubá,[1] a historia do rei *Sangô*, tal como é ali narrada por um mestre-escola negro, já convertido ao protestantismo. *Sangô* teria sido o primeiro rei de Jorubá, de alta fama já na arte bellica, já na arte da grande magia. Taes progressos fizeram, porém, dois discipulos seus que, receioso de ser excedido, *Sangô* resolveu desfazer-se delles. Mas um dos seus discipulos percebeu os seus intentos e tendo vencido em artes magicas ao seu collega e ao proprio *Sangô*, intimou o rei a abandonar o throno no prazo de cinco dias, uma semana dos Jorubanos e Jebús. A conselho dos seus ministros, *Sangô* resolveu retirar-se para ver se ainda era possivel resistir. Mas traido e abandonado por todos, enforcou-se em caminho. O facto amotinou o povo e para justificar-se da traição commettida, os ministros fizeram-no passar

---

[1] *Iwe kika ekerin li éde Jorobá* (Quarto livro de leitura em lingua jorubana).

por se ter convertido em um deus. Então para dar ao povo uma prova positiva desta allegação, os ministros prepararam as coisas de modo que por algum tempo havia sempre coincidencia entre uma chuva qualquer e o incendio de uma casa em cuja proximidade haviam feito enterrar préviamente uma pedra de raio. Para logo corriam os ministros a explicar que o incendio, como provava a pedra de raio, tinha sido ateiado pelo deus *Sangô* como castigo de se andar dizendo que elle se tinha enforcado e não se havia convertido em deus.

O meteorito ou pedra de raio, segundo parece, é tido na Africa por objecto sagrado e como tal venerado. Entre nós, porém, o meteorito não é sómente um objecto sagrado, mas o idolo-fetiche do proprio *Sangô* e como tal adorado.

No culto de *Sangô* ha ainda um tosco idolo de madeira esculpido em uma especie de baculo mais ou menos enfeitado. Mas este idolo é tido apenas por um ornamento e ha mesmo templos ou *terreiros* em que não se encontra. Em todo o caso, a adoração é dirigida directamente ao meteorito. Neste ponto são categoricas as informações que colhi. O Santo ou *orisá* é a pedra de raio em que, como me explicava uma negra, o santo está encantado. *Sangô* é assim a manifestação mais clara da litholatria bahiana.

Não ha templo ou *terreiro*, não ha capella fetichista na Bahia, onde não se encontre este santo. De tamanho muito variavel, parece que os meteoristas maiores que eu vi, foram os do Gantais. Na casa de Livaldina, uma sacerdotisa ou mãi de terreiro, a pedra é um pouco menor que um punho e está collocada dentro de um prato de barro vidrado. Esta mãi de terreiro pediu-me que soprasse sobre o fetiche afim de não me succeder alguma desgraça. No *terreiro* do Garcia, Izabel tem diversos meteoritos ou *Sangôs* sobre a mesa de advinhação. *Yiansan* e *Osun* mulheres de *Sangô* tambem são divinizadas e adoradas sob a fórma de meteoritos.

Por *Oké*, mostrou-me Livaldina outra pedra da mesma natureza, que apenas se distinguia das precedentes por uma faixa branca devida a um veio mineral de côr differente.

Mas a litholatria africana não se limita a estas manifestações. Ha ainda pelos campos pedras sagradas que de ordinario tiram a sua procedencia divina das dimensões ou da irregularidade de fórmas. Tenho noticia precisa da existencia de muitas pedras desta

natureza, mas pessoalmenteconheço uma das mais curiosas. Esta pedra conhecida sobre o nome de *Pedra de Ogun*, e adorada como fetiche, fica a meio caminho entre os engenhos d'Agua e de Baixo, no municipio de S. Francisco De fórma de parallelipipedo irregular e collocada na encosta de um valle, á margem da estrada, a pedra tem a face voltada para o sul, enterrada no sólo até quasi o meio, mas a face do norte, com mais de dois metros de altura, está toda descoberta. A pedra tem mais de tres metros de comprimento e apresenta na face do norte uma escavação ou entalhe natural que se estende até á face superior. Sobre esta pedra encontram-se de continuo vestigios ou restos de sacrificios, sangue, pennas de aves, conchas marinhas, etc. A primeira vez que fui visital-a, fiquei surprehendido de encontrar sobre a pedra um bom punhal, dentro de uma bainha de couro com guarnição de metal, perfeitamente conservado. Os laivos de ferrugem que se começavam a formar indicavam bem que ali tinha sido deposto havia poucos dias ainda. A veneração supersticiosa de que é objecto a pedra tornava pouco provavel que tivesse ficado por esquecimento, pois ninguem se animaria a descansar ali o punhal. E, procurando a explicação do facto, pude apurar que se havia de tratar de um simples acto votivo. Alguns dias antes, em um engenho proximo, onde a mãi do terreiro é devotada a *Ogun* se tinha dado uma tentativa de homicidio, de que resultou um ferimento penetrante no thorax, feito a punhal. O estado do doente se tinha aggravado e a policia procurava ou fingia procurar capturar o criminoso que se havia occultado. A principio suppuz que estava ali a explicação do facto, que o punhal da *Pedra de Ogun* era provavelmente o punhal homicida e que a sua exposição ali importava o pedido da interseção do fetiche. Mas a supposição só em parte era verdadeira. O punhal pertencia a um negro casado que tentara assassinar com elle a propria esposa e fôra ali collocado por ordem de *Ogun*, que naquelles dias se tinha manifestado á mãi do terreiro.

Tempo depois, no dia seguinte ao de uma iniciação, fui encontrar a *Pedra de Ogun* toda enfeitada de ramos e cercada de postes engrinaldados de murta, com restos de lanternas que se tinham acendido durante a noite anterior. Sobre a pedra, ao longo de toda a sua face superior, tinham despejado em fio um acaçá batido.

Diversos negros e outras pessoas me garantiram com accento de profunda convicção que a *Pedra de Ogun* tem sido vista por varias vezes sob a fórma de um homem vestido de vermelho e empunhando uma grande espada. No emtanto, um pai de terreiro a quem ouvi aqui a respeito da *Pedra de Ogun* me observou que nessa denominação vai com certeza um engano manifesto, devido talvez ao pouco conhecimento que na localidade têm da mythologia jorubana. *Ogun*, deus da guerra, tem como attributo o ferro e não podia ter uma pedra. Qualquer objecto de ferro póde ser adorado como *Ogun*, comtanto que tenha sido consagrado pelo feiticeiro. Nos differentes terreiros tenho-os visto sob as fórmas mais variadas, mas sempre de ferro e tendo como ornatos e attributos objectos de ferro.

Parece no emtanto, que *Ogun* é ainda o deus das lutas e vias de facto, pois um velho africano me dizia, naturalmente em sentido figurado, que *Ogun* é quem abre o caminho para *Esú*.

Soponan, *Wari-warú*, *Afoman* ou *Omonolú*, deus ou santo da variola, é um outro exemplo da divinização de entidades abstractas. *Soponan* só attende ou respeita a sua mãi *Iyabayin* (a vaccina?). O idolo fetiche de *Soponan* é uma especie de vassoura de piassaba, cuja base se enfeita de diversos modos, especialmente com buzios ou *cauris*.

Os *cauris*, a moeda africana, tem saliente papel nas crenças e no culto fetichista. Não servem só para adivinhações e sorte; é ornamento de grande estima e entra na confecção dos fetiches. Já vimos *Orisa-lá* representado por conchas ou buzios dentro duma tigela de louça branca.

Dadá, tal como o vi no *Peji*, santuario de Isabel, é constituido por um tecido de buzios, revestindo completamente uma especie de funil que me pareceu constituido pela metade superior de uma cabeça cortada horizontalmente. Presas as conchas por uma das extremidades, a superficie do idolo fica toda eriçada de pequenas pontas, que são as extremidades livres dos buzios. De um e outro lado do gargallo da cabeça ou funil está embutido no tecido de buzios um pequeno fragmento de espelho ordinario. Perguntou-me Izabel si eu via bem a minha imagem no espelho e lhe respondendo affirmativamente, explicou-me que as pessoas que não conseguem ver a sua imagem no espelho estão prestes a morrer. Avalio os serviços relevantes que ha de ter prestado o idolo ás suas predições porque a

inclinação dos espelhos é tal que, conforme a posição dada ao idolo, torna-se muito facil ou muito difficil a uma pessoa de pé, ver nelles a sua imagem. Da circumferencia inferior do funil ou cabeça pendem longas fitas, a modo de pernas.

Oso-osi é tido por um deus caçador e notavel caminheiro. Representam-no por um arco a cuja parte média se prende por uma móla uma pequena flecha. Fica assim o deus symbolizado pela arma de que se servia.

Yê-man-já, ou a mãi d'agua, é uma creação mythologica que symboliza a hydrolatria primitiva. De uma pedra marinha ou fluvial preparam o fetiche, mas em geral a concepção de *Yê-man-já* confunde-se com o mytho da sereia de que se torna uma simples variante. No *Peji* de Izabel, que tem entre outros *Yê man-já* como seu santo, a pedra fetiche se acha sobre a mesa, mas na parede, em tosco desenho, *Yê-man-já* está representado sob a fórma classica de uma mulher com cauda de peixe. Numerosas fontes e regatos têm reputação de lugares sagrados e são como taes de grande veneração. Outra divinização de phenomenos aquosos ou meteoricos é a do arco-iris, *Osumaurê, orisá* ou santo muito popular tambem.

A phytolatria africana na Bahia parece ter ainda uma accepção dupla. A arvore póde ser um verdadeiro fetiche animado ou ao contrario representar apenas a moradia ou o altar de um santo. A gamelleira (*ficus religiosa*?), arvore abundante neste estado é o typo do planta-deus. Sob o nome de *Iróco* é ella objecto de um culto fervoroso.

Mais de uma mãi de terreiro me tem conjurado a não deixar nunca que seja abatida uma gamelleira em terreno que me pertença, pois esse sacrilegio tem sido occasião de grandes infortunios para muita gente. Na estrada que vai do engenho de Baixo ao Engenho Guahyba, propriedades da familia dos barões de S. Francisco, existe uma vetusta gamelleira que é o *Iróco* da população local e objecto de vivaz adoração feitichista. O viandante que por ali passa descobre-se respeitoso e faz signal de beijal-a de longe. Ninguem ousaria tocar-lhe. Contam em fórma de lenda que em épocas ídas um senhor de engenho daquellas mediações ordenara a escravo seu que fosse derribar a arvore. Replicou-lhe o escravo, humilde mas resoluto, que preferia o castigo de duzentos açoites de que estava ameaçado, a tocar siquer no *Iróco*. E outro escravo, de mais

coragem, que se animara a praticar aquelle sacrilegio caiu fulminado ao primeiro golpe de machado, correndo da incisão feita no tronco, sangue vivo em vez de latex. Sempre é verdade que tendo o actual proprietario do engenho ordenado, por experiencia, que a arvore fosse abatida, ninguem se quiz prestar a esse trabalho, allegando que o engenho desabaria desde que se consummasse o sacrilegio.

Em torno do tronco do soberbo vegetal, encontrei vestigios de sacrificios, conchas marinhas, quartinhas de barro com agua, etc. Ramos e galhos seccos, que ninguem se atreve a retirar para lenha, juncam em profusão a area que sombrêa magestosa coma. E a lenha não é ali de facil obtenção.

Nos arbustos que cercam o tronco muita gente tem visto alta noite bruxolear fraca luz que se extingue pela madrugada. E um mulato, que não tem santo e pretende ser bom christão, me confessa sem embargo que já um dia havia sido obrigado a retroceder de um caminho, por lhe ter tomado a frente, proximo de um *Iróco*, grande cão negro, de olhos vermelhos coruscantes. Aqui claramente a arvore animada é o proprio deus ou santo. E ainda agora um negro que voltou da Africa me confirma que lá foi testemunha desta emissão de sangue de um *Iróco*.

Mas, de ordinario, as arvores são antes altares ou residencias temporarias dos deuses. No Gantais, á direita do barracão, existem muitas arvores sagradas. Em uma area cercada de palmas de coqueiro, em dois planos distinctos, porque desse lado o terreno cai em brusca ladeira, encontram-se cinco arvores sagradas, duas no primeiro plano e tres no segundo. O *ougan* que ali me conduziu, mostrou-me o lugar onde se tinha feito o sacrificio de carneiro a *Oso-osi*, e bem assim ali estavam as quartinhas de agua de santo, meio enterradas no sólo. Durante a festa, de dias em dias, substitue-se a agua e a comida. No ultimo *candomblé* que ali houve tinha sido feito um sacrificio de aves a *Saponan*, junto de uma imbaubeira, proximo ao barracão. Pennas de gallinhas, azeite de dendê cobriam o tronco até certa altura, ao pé haviam quartinhas de agua e pratos de comidas.

Estas arvores com certeza não são consideradas deuses. Quando eu indagava si, durante o tempo que o *terreiro* não funcciona e fica quasi abandonado, não ha perigo de que ali entre alguem e derribe uma das arvores sagradas, elles explicavam-me que estando

o santo presente não ha receio de que possa quem quer que seja ter a idéa de abatel-as, e só se poderia fazel-o si o santo livremente o consentisse e para isso se retirasse da arvore.

Em um *terreiro* do interior do estado em que eu estranhava não encontrar vestigios do culto prestados aos vegetaes, disseram-me que esse culto tinha cessado porque havia fallecido no anno anterior o velho africano que sabia chamar os santos nas arvores e nunca tinha querido fazer discipulos.

Estes factos demonstram que bem podia ter razão Darwin e Lubbock, quando o primeiro, a proposito da arvore sagrada do *Wallitchu*, observava que era mais provavel que os Patagões vissem nella um altar do que o proprio deus como pensam os gauchos. Rialle pensa com Lubbock que os gauchos devem ter mais razão do que Darwin, visto que a distincção deve ser muito delicada para um Patagão. E' bem possivel todavia que a arvore seja a um tempo uma e outra coisa

No emtanto, em regra geral não se póde dizer que os africo-bahianos confundam os seus santos, quasi idolos e algumas vezes verdadeiros idolos, com o feitiço, *gri-gri* ou jujú. Já o presidente de Brosses estabelecia implicitamente esta distincção entre os povos fetichistas quando dizia que se devia estender o qualificativo de fetichistas « ainda aquelles povos para os quaes os objectos desta especie (*gri-gri*) são menos deuses propriamente ditos do que coisas dotadas de uma virtude divina, oraculos, amuletos, e talismans preservativos. »

No animismo diffuso dos nossos negros, em manifesta transição para o animismo condensado, os seus santos ou *orisás* menos se aproximam do *gri-gri* do que do idolo, pois, como observa Tylor, considerado do ponto de vista da incarnação dos espiritos, o idolo deve reunir em si os caracteres de um retrato e de um fetiche.

A concepção theologica dos africo-bahianos corresponde rigosamente á doutrina da idolatria da Africa Occidental, tal como a formulou Waitz. « O deus mesmo é invisivel; mas o negro, arrastado pelo seus sentimentos devotos e sobretudo pela sua imaginação viva, quer ter um objecto visivel que elle possa adorar. Deseja poder contemplar o deus que elle adora e por isso busca realizar em madeira ou em argilla a idéa que se faz delle. Ora, si o sacerdote que o deus inspira e de que se apodera muitas vezes, consagra esta imagem a esse deus, segue-se quasi naturalmente que o deus póde ir residir na

imagem em virtude da consagração especial que lhe foi feita e deste modo o culto das imagens torna-se bastante comprehensivel. Denham percebeu que elle excitava profundas desconfianças e se expunha a certos perigos quando tirava o retrato de um homem. O negro receia, com effeito, que, em virtude de certas artes magicas uma parte da alma do homem vivo seja absorvida pelo retrato. Os idolos não são, como pensa Bosman, imagens dos deuses, mas simplesmente objectos em que o Deus gosta de vir habitar e que ao mesmo tempo o mostram aos seus adoradores debaixo de uma fórma material. Aliás nada obriga o Deus a morar constantemente no idolo; entra e sai delle, ou antes acha-se ahi sempre presente mas com maior ou menor intensidade».

Tal é precisamente a idéa que os nossos negros fazem dos santos da Costa. A pedra, o ferro, os buzios etc, só se tornam santos por força de intervenção do sacerdote.

Um Africano a quem eu perguntava si *Ogun* não era um simples objecto de ferro, replica-me: sim, um simples pedaço daquelle trilho de bond, que ali está, é ou póde ser *Ogun*, mas sómente depois que o pai do *terreiro* o tiver preparado.

Assim, a sua crença inabalavel nos processos de encantação ou magia, o prestigio extraordinario do fetiço *coisa-feita* ou *gri-gri*, todas essas manifestaçõees de um animismo inferior, não excluem, ao contrario coexistem com adopção de uma mythologia já bem complexa.

Que o seu *Olorum* como todos os deuses que representam o céu, seja pura e simplesmente um fetiche, que elle se confunda com a abobada celeste e se explique a sua superioridade sobre os outros fetiches, apenas pelas dimensões e extensão do firmamento; ainda assim esta concepção mais elevada não deve ser confundida com o fetichismo inferior. Referindo-se ao culto do céu e da terra, Rialle [1] se pronuncia por esta fórma: « As manifestações religiosas que vamos estudar, bem que pertencendo ainda ao fetichismo nos aproximam muito sensivelmente do polytheismo, e servem, por assim dizer, de transição intellectual da humanidade. E' preciso um desenvolvimento mental assaz consideravel para conceber o conjunto da abobada celeste e para se fazer uma idéa da qualquer massa solida sobre que nos agitamos. »

(*Continúa*) NINA RODRIGUES

---

[1] Girard de Rialle, *La mythologie comparée*, tome 1er. Paris, 1878 pag. 178

UMA HISTORIA DO DIREITO NACIONAL

HISTORIA DO DIREITO NACIONAL, pelo Dr. J. Isidoro Martins Junior, professor da Faculdade do Recife. Empreza Democratica Editora. Rio, 1895

Si a reforma dos cursos juridicos de 1891 teve uma creação feliz, certamente que foi a cadeira de historia do direito nacional, disciplina ha muito instituida em todos os paizes cultos, e no velho Portugal desde 1772. No Brazil até então ninguem procurava os fundamentos da legislação patria na historia, tal cogitação não entrava na orbita dos estudos normaes e quando houve necessidade de preencher as cadeiras, grande foi a difficuldade de encontrar nos corpos docentes professores idoneos, ou pelo menos capazes de se prepararem n'aquillo que, para desdouro nosso, apparecia como uma novidade. No Recife a escolha recaiu em boa hora no Sr. Martins Junior. Não precisamos de traçar aqui a caracteristica deste joven professor, ardente politico, pamphletario e poeta inspirado. O seu nome não ficou circumscripto á terra pernambucana, derramou-se pelo paiz inteiro, e o Sr. Martins Junior é uma das personalidades mais conhecidas e applaudidas no Brazil. E por isso todos que sabemos de sua tormentosa existencia politica, possuimo-nos de verdadeira admiração vendo-o não sómente se interessar pelas coisas scientificas, mas ainda interessar-se a ponto de produzir no meio de tantas attribulações um livro, como esta *Historia do Direito Nacional*, ha pouco dada á lume. Infelizmente tudo deixa vestigio, e as condições em que seu espirito gerou e elaborou este trabalho, sentem-se através das paginas, como eterna mancha original. A primeira impressão que fica da leitura do livro, e em geral de tudo que faz o Sr. Martins Junior, é a pequena intensidade do esforço empregado, digamos, a superficialidade com que trata o assumpto, a confiança que deposita na autoridade alheia, a quem toma de emprestimo grande parte do escripto, a falta de assimilação individual das idéas e das generalizações. Seguramente ha um pouco de diletantismo em sua obra, e

isso póde vir a prejudical-o. Não si é impunemente jornalista, deputado, poeta, professor, chefe de partido, propagandista, publicista (e que mais?) quando qualquer destas funcções seria sufficiente para absorver a attenção inteira de um homem mesmo de muito talento, como o Sr. Martins Junior. E d'ahi este symptoma geral assignalado, essa intermittencia na acção, dirigida em certa corrente por intervallos e com desfallecimento caracteristico. Innegavelmente ha nisto prova de grande actividade e capacidade de espirito, mas não se contestará que haja uma prejudicial dispersão de trabalho. Pelas contingencias de sua vida, o Sr. Martins Junior fica sendo em tudo um amador, parecendo um homem que não sabe qual dos caminhos que se lhe abrem para o futuro, mais lhe convenha. E assim quando louvam a tenacidade e a firmeza de seu animo, eu o sinto um tanto irresoluto, um indeciso que não quiz ainda fechar o cyclo de sua carreira publica, e se entregar de corpo e alma aos assumptos difficeis e seductoramente novos de sua cadeira. E' para ahi que o chamam as inclinações de seu temperamento, as tendencias de sua educação. Pelo menos assim o penso e o digo rudemente, em nome de uma velha amizade, povoada de doces recordações de um passado commum, convencido de que dia a dia se cava mais fundo o abysmo entre os homens de cultura e a politica brazileira.

O livro do Sr. Martins Junior explora um assumpto virgem. Até agora é o primeiro no genero, e por isso se deve avaliar a difficuldade da tarefa, nada mais nada menos que tirar do cháos um mundo, o que o autor chama em seu estylo pessoal, a renovação do milagre biblico. A obra tem duas partes. A primeira comprehende uma só época, a dos antecedentes destinada a fazer conhecidos os elementos ancestraes do organismo juridico nacional. A segunda refere-se propriamente ao direito brazileiro e comprehende duas secções. Em uma destas que abrange tres grandes épocas (a embryogenica, a da individuação e a da renovação) tratamos, diz o autor, o direito como legislação em seu desdobramento objectivo, na outra tratamol-o como sciencia, como doutrina a evoluir e a influir em nossas leis positivas." Antes, porém, de travar o assumpto, o autor julgou conveniente abrir o livro com uma introducção sobre a philogenia juridica, em que firma as concepções primordiaes do direito e da sociedade. Os leitores da "Revista" conhecem esta bella pagina, aqui publicada. Recordar-se-ão naturalmente que para o autor a sociedade é um organismo, sustentando de accordo com Spencer e seus repetidores de que ha perfeita analogia entre ella e os seres organicos superiores. " O direito tambem é um organismo *sui generis*, um quasi ser structurado e vivo, nascendo, evoluindo, e finando-se em condições determinaveis." Como se vê, o autor soffre da illusão biologica, aliás partilhada pela generalidade dos pseudo-sociologos, e que não se limita ás idéas, vai ás expressões, verdadeiras logomachias, taes como philogenia, morphologia, embryologia, protoplasmia sociaes, e outras palavras tão impropriamente

transportadas. O phenomeno, como já foi notado, é devido ás condições actuaes da sciencia social, que sendo uma hypothese, desprovida de leis proprias, toma de emprestimo á sciencia dos Darwin, Lamarck e Haeckel suas formulas, suas leis, suas interpretações, constituindo deste modo um capitulo, um appendice da biologia. Outr'ora succedeu o mesmo com a mathematica, quando esta dominava com suas leis todas as cogitações do espirito humano, explicando-se por ella os phenomenos universaes. Não cabe nos limites desta simples noticia — que não é sinão isso — discutirmos a concepção do direito organico. Tudo que pudemos oppor a ella é o conceito do direito, como uma relação da co-existencia social, participando das mutações e transformações, por que passam as forças da sociedade, sendo estas os termos que se alteram, variando aquelle como relação. D'ahi uma distancia immensa para a evolução autonomica, indistincta do direito, que parece ser o conceito do Sr. Martins Junior. «O direito, diz o autor, a principio nos apparece visceralmente unido, ou antes confundido com a religião, a moral, e a arte pelo menos. Mas gradativamente elle vai se differenciando, especializando, individuando. Destaca-se pouco a pouco da placenta commum e arroja-se para a vida *como um ser independente, autonomo,* dispondo de propria vida. Dá-se o caso muito conhecido pelos naturalistas da reproducção por sisciparidade." Ficou o leitor inteirado deste capitulo de gynecologia juridica?

Vamos ao assumpto da obra e vejamos antes de tudo a parte geral, a época dos antecedentes do direito nacional. "Na *juriogenia* (neologismo biologico do autor) verifica-se que para produzir o ovo immenso do direito moderno foi necessaria a fusão não de dois, mas de tres organismos criadores, o direito romano, o direito germanico, e o direito canonico.» Passa então a estudar, segundo o methodo da filiação, as influencias destas correntes e a sua maior ou menor preponderancia e partilhando as contestaveis theorias dos que vêm nas raças um grande elemento na formação do direito, estabelece com o apoio de variadas citações as divergencias caracteristicas entre os dois povos, concluindo pela formula conhecida de que os romanos e os germanos realizaram differentemente o direito. "Os primeiros embora egoistas e comprehendendo o notavel papel do individuo, como sujeito do direito, fizeram deste um attributo da vida nacional; subordinaram-n'o á razão do Estado; os segundos viram o phenomeno juridico pelo verso da medalha, como emanação e prolação da actividade individual e da independencia pessoal não absorvida pela organização politico social." Quanto ao direito canonico, direito sem raça, o autor estuda-o rapidamente nos seus institutos e codificações, reconhece a sua influencia moral, e tendo de precisar "o sitio historico em que as tres correntes juridicas confluiram e se combinaram para formar o caudaloso rio de que emergiu mais tarde o direito das nações modernas, grandioso phenomeno,»

conclue que foi nos seculos 12 e 13, no periodo medieval "marcado primeiro pela phase brilhante das universidades echoantes á voz eloquente de Irnerius, de Gratianus e de seus continuadores, depois pela confecção dos costumeiros e das demais obras juridicas inspiradas pela necessidade do tempo." Em seguida passa o autor á historia do direito portuguez, e si bem reconheça a importancia do problema ethnographico, todavia circumscreve criteriosamente o espaço de suas investigações, declarando que não é seu intento "entrar franca e largamente pela prehistoria da peninsula iberica, resuscitando lendas e revolvendo empoeiradas tradições longinquas, relativas aos primeiros habitadores do solo hispanico." Isto com certeza não é uma allusão pessoal ao Sr. Sylvio Roméro, que começou a estudar a historia do direito nacional partindo dos indo-europeus, dos aryas, e que ainda a esta hora deve andar pelos iberos e celtas. E como o autor expõe a evolução do direito portuguez? De um modo bem simples. Percorrendo o curso das épocas sentado nos hombros de Alexandre Herculano, "o eminente solitario de Val Lobos," de Coelho da Rocha, "o illustre professor coimbrão," de Candido Mendes o "operoso e notavel jurista brazileiro," de Theophilo Braga "o eminente homem de letras que é uma das mais elevadas culminancias na cordilheira dos bons espiritos de Portugal contemporaneo," de Latino Coelho, "pensador profundo e estylista dos mais brilhantes da nossa lingua," de Oliveira Martins, "aquelle bellissimo talento ha pouco infelizmente apagado," tendo apenas o trabalho de escolher entre as opiniões differentes, refutando um escriptor com as proprias palavras do adversario. De resto, não ha que estranhar neste habito tão commum ás nossas obras de erudições, denotando o pouco preparo dos brazileiros para o genero.

Feitos assim os capitulos do direito portuguez, occupa-se o autor da parte especial de sua obra que denomina época embryogenica, começando por estudar o que chama protoplasmia ethnico-juridica nacional. O leitor acha complicado? Como é terrivel o exagero da technica, tornando-nos confusos absurdos, pretenciosos? Como é mais triste, quando arremedada de outras sciencias, da biologia, da medicina por exemplo? A' proposito convém assignalar certas tendencias á gynecologista, que notamos no autor. Assim é que depois de empregar uma linguagem da especialidade obstetrica, fala-nos no *utero fecundissimo da America*, e tambem, como orgão sympathico deste, no seio pujante e nubil da natureza virgem! Deixemos, porém, isto; vamos sempre para adiante. Entrando no dominio patrio o autor considera a formação da raça sustentando a idéa corrente de que o brazileiro é e será cada vez mais um typo cruzado, mestiço, produzido pelas tres raças, branca, negra e caboclo. Geralmente entre nós chama-se isto a *lei do Sr. Sylvio Roméro*. O autor, porém, erudito e justo mostra que, antes do illustre critico, Martius em 1845 tinha accentuado o facto e escripto "que do encontro, da mescla, das relações mutuas e

mudanças destas tres raças formou-se a actual população cuja historia por isso mesmo tem um cunho muito particular." Perdigão Malheiros tambem frizara o aspecto mestiço do typo brazileiro. Cremos que para chegar a esta conclusão não era preciso muita perspicacia de qualquer destes escriptores, que aliás exprimiram o seu pensamento sem a preoccupação de formular uma lei. A observação é simples, quasi trivial. Neste ponto do livro estuda o autor a influencia em nossa legislação do elemento negro e indigena, affirmando que nada trouxeram elles de importante, deixando como vestigio apenas as leis sobre a escravidão. O unico factor do direito nacional foi o europeu. D'ahi conclue que o direito que vigorou na colonia não nasceu do choque de interesses das populações postas em contacto; "era um direito que estava feito e que precisava simplesmente de ser applicado depois de importado." Ora, isso importa em negar o autor a repetição historica, que se deu no Brazil. Sem querer actualmente aprofundar este ponto, observaremos que o defeito da conclusão do Sr. Martins Junior está em comprehender o direito isoladamente como um individuo autonomo e distincto. Além disso é elle proprio que se contradiz, affirmando tambem que "o Brazil estava destinado a *reproduzir* em breve espaço todo o complicado e brilhante processo da evolução humana." (pg. 129) Que o direito portuguez não foi applicado no solo brazileiro, como em Portugal, o autor se encarrega de demonstrar, quando tratando das phases das instituições juridicas assignala de accordo com o Sr. Sylvio, a época das capitanias hereditarias como o seculo feudal da colonização, a nossa indecisa idade média. Portugal a esse tempo estava muito longe do feudalismo. Póde-se suppor um direito que não seja o determinado pelas contingencias sociaes, que o affeiçoam? E como os portuguezes no Brazil entraram, ou melhor voltaram á esta phase social sem ter havido um retrocesso nas suas relações juridicas de povo conquistador? E finalmente a repetição innegavel não foi marcada desde a época do contacto dos europeus com as outras populações em grau inferior de cultura? Nos trechos citados o autor já respondeu pela affirmativa.

D'ahi em diante a obra torna-se muito curiosa, revelando a difficuldade da elaboração. O escriptor passou em revista toda evolução colonial: as capitanias hereditarias, os governadores geraes, os capitães-móres, os donatarios, a organização judiciaria, a influencia ecclesiastica, a escravidão dos indios, e finalmente a physionomia juridica do Brazil-côrte, e do Brazil-reino. O volume acaba em 1822, com a independencia. Nesta ultima parte o arranjo das materias, a systematização é trabalho original, e póde se applaudir por ser completo e bom. Não teve aqui, como para a época portugueza, um roteiro como Coelho da Rocha, mas em ambas o recurso da exposição e dissertação é o mesmo. Trata o assumpto através das palavras de João Francisco Lisboa, de Varnaghen, Oliveira

Martins, Cayrú, etc. Nós já fizemos sentir este defeito, que converte o trabalho escripto em uma pittoresca e variada exhibição de figuras de lanterna magica, taes as citações que se succedem, a multiplicidade dos estylos das passagens escolhidas, que, afinal por muito repetidas, não deixam á memoria sinão a impressão de fadiga e enfaro. Demais, repetir o pensamento dos outros não é o melhor methodo de escrever a historia. Palavras não são documentos, opiniões não são factos. Fustel de Coulanges tinha pela opinião alheia, fosse de um genio, um horror, que diremos, sagrado. Para elle a melhor historia era a feita com os textos, calcada na verdade dos factos, em documentos originaes, de primeira mão. E' preciso recordar sempre que os escriptores, mesmo os simples narradores, nos contam os acontecimentos, conforme a sua impressão, e não como elles se passaram, o que já é uma grande differença. Ora que livro não escreveria o Sr. Martins Junior com a sua rara penetração, si tivesse feito melhores investigações, e mais escrupulosas, tivesse tido mais paciencia, tivesse estudado o assumpto nas suas fontes originaes, lido os documentos, aproveitado as lições directas dos factos, assimilado suas proprias generalizações, sem pressa de publicar? Que livro não seria?

Escrevendo a *Historia do Direito Nacional*, trabalho de erudição scientifica, o autor teve um inimigo, mas um imperceptivel inimigo, que o acompanhou sem o largar, como a sombra ao corpo. Esse adversario é o seu estylo pessoal. Quando o critico tem de notar a forma de um livro deve ter em vista tanto o estylo do assumpto, como o do escriptor. Aqui exactamente aquelle foi sacrificado por este. Uma obra que devia ser escripta de um modo simples, singelo mesmo, sobrio, preciso, claro, nos apparece num tom emphatico, technico, obscuro, declamatorio, imaginoso, vago. Serviu-se o autor impropriamente do seu estylo dos grandes momentos, de suas frases, na verdade vibrantes e bellas, que ficam tão bem nas celebres *Visões de Hoje* e que na *Historia do Direito Nacional* calham tão mal. E de certo admira como um escriptor feito, de gosto culto, não percebesse o desvio de seu estylo, o significativo *pathos* de sua fórma. Quem se deu ao trabalho de acompanhar esta noticia, deve ter percebido nos trechos transcriptos a exactidão de nossa observação, mas para corroboral-a, ainda apontamos frases, como estas: "Quem do pinaculo da civilização hodierna estende o olhar para o passado procurando ver os marcos da estrada do direito." Para o autor as codificações de Justiniano são: — "arcos de abobada de uma grande nave, sob a qual resam a missa eterna do direito as gentes da civilização occidental." Os corpos do direito germanico e canonico são "evangelhos da sciencia juridica." Como se vê, duas comparações muito ecclesiasticas. Na primeira pagina de sua parte especial ha um hymno á natureza brazileira: "Vamos caminhar debaixo do azul brunido e quente do céu americano, no meio da natureza virgem, do seio pujante e nubil,

por entre as matas hispidas, fecundas e verdes, desafiadoras do ferro da civilização européa e ensopadas do sol calcinante dos tropicos." Tambem notamos uma certa preoccupação geographico-juridica, como nos revela a pagina typica final: "Os pontos culminantes da estrada percorrida ahi estão. Do outro lado do Atlantico as eminencias iniciaes das *cordilheiras* romanas e visigothica, a *alterosa colina* dos foráes, a *cadeia* das ordenações; do lado do Brazil a *grimpa* selvagem do regimen das capitanias hereditarias, o *platô* (sic) extenso e inculto dos governos geraes, as *cumiadas* legislativas do Brazil reino."

Basta. Ahi ficam as nossas censuras. Muitos louvores calamos por serem indifferentes ao autor. Preferimos não occultar os reparos, que ao seu espirito superior podem ser livremente dirigidos. O seu reconhecido talento os recolherá como merecem, sciente de que foram feitos com respeito e justa admiração, e lavrados com as famosas armas da critica que, ferindo, curam. De mais, digam de seu livro todo o mal que queiram, não o destruirão, pois nas condições actuaes da historia do direito nacional é um livro feito, um livro indispensavel.

GRAÇA ARANHA

BIBLIOGRAPHIA

66.—**Os Genios**. por Manoel L. de Carvalho Ramos, Goyaz, 1895.

E' uma collecção de noventa retratos, ou que melhor nome tenham, de homens notaveis, por differentes titulos, traçados em verso alexandrino, variando apenas em que a rima ora corre emparelhada ora alternada. Muito bem, iamos nós pensando, ao cortarmos as folhas do livro, e, á proporção que passavam por diante de nós os nomes de Demosthenes, Eschylo, Juvenal, Dante, Shaskespeare, Racine, Diderot, Voltaire; si o autor conseguiu resumir em algumas estrophes as feições proeminentes destes grandes homens, terá feito uma obra de merito. Em uma quadra, póde revelar-se um caracter, além de que o verso terá a vantagem de ajudar a fixar na memoria os traços principaes das differentes physionomias. Aqui temos nós Victor Hugo; ninguem como elle para fazer resaltar do embate de duas idéas contrarias a scentelha que illumina ou o raio que mata. Foi sob a doce influencia de impressões como estas que começamos a leitura. Abre o livro por um prologo em que o autor affirma que elle "é um protesto contra o materialismo, que negando systematicamente a existencia de Deus conduz o homem ao egoismo, ao desalento, á mais acerba desesperança, não raras vezes ao suicidio", e que "os frutos do materialismo patenteiam-se no ultimo quartel deste grande seculo que Victor Hugo, Flammarion e Edison illustram pela irradiação admiravel de seus genios, com uma expressão por certo singular" e por ultimo que "a literatura conduzida pelo riso motejador dos incredulos fez de Anthero do Quental e de Camillo Castello Branco dois infelizes suicidas."

Não nos propomos analysar este prologo, nem é coisa facil, attendendo a que não se percebe bem si Victor Hugo, Flammarion e Edison entram ali como crentes a alumiarem as escurezas do seculo, si como materialistas contribuindo com a sua parte para os suicidios de Anthero e de Camillo. Para quem sabe que Victor Hugo tinha uma tal ou qual predilecção pelo espiritismo e que espirita é o autor da *Uranie*, não é impossivel adivinhar o pensamento do A. Em todo caso, comprehende-se bem que, depois de lermos um tal prologo, se nos fosse toda a alegria com que nos dispunhamos a ler o livro. Sabiamos já que todos aquelles homens seriam observados do ponto de vista estreito em que o A. se collocara, si é que aquillo queria dizer alguma coisa, e, como consequencia, que nenhum

retrato se pareceria com o retratado. De facto, poucos perfis haverá em todo o livro que se possam reconhecer antes de se lhes ler o nome no alto. Uma amostra:

Dize tu que és o rei dum pensamento novo:
Qual mais bello poder: a materia ou a cruz?
Olha *** que é pó o angustiado povo
Que a crença van na treva em cardo vil conduz.
O passado é passado. Onde é que esse renovo
De vida e crença e amor na geração transluz?
A idéa é tudo e brilha e forte além fulgura...
O' duvida fatal, és mãi da desventura.

Ah! não faças chorar assim tanta miseria!
Não perturbes a luz das almas sem sorrir!
E' preciso uma força, alguma coisa etherea,
Que dê luz ao presente e dê graça ao porvir.
E' preciso que a mó que opprime inda a materia,
Seja um hymno de amor suavemente a rir;
Não a dura expresão da negação terrivel
Não para quem gemer a palavra — impossivel!

Desafiamos que haja alguem, por mais versado na literatura e por mais habituado a decifrar enigmas, capaz de adivinhar que nome é aquelle que, para pôr em prova a perspicacia do leitor, tomamos a liberdade de substituir por tres estrellinhas. Já pensaram? Desistem, não é assim? Pois é Spencer.

E este verso a quem se póde dirigir?

A America si é grande a ti não deve tudo?

A Washington, com toda a certeza. Pois estão muito enganados; é a Victor Hugo.

E, como estes, todos os mais, salvando-se apenas aquelles que, como Gallileu ou Guttenberg, não pódem deixar de ser reconhecidos por factos muito positivos da sua vida. No retrato de Chateaubriand ha, no entretanto, alguma coisa que nos commoveu. O A. termina por estes versos:

A França te apunhala o coração que encerra
Um sol mais bello, um ceu suavissimo, jocundo;
Mas tens a minha penna em solo brazileiro,
Para honrar gloriosa o nome do estrangeiro.

Pensar a gente que, si não fosse a penna do autor dos *Genios* chamar a si a gloriosa tarefa de revocar o nome de Chateaubriand, estaria em breve esquecido na França e em todo o mundo o autor do *Genio do Christianismo*, dos *Martyres* e de tantas outras maravilhas, sensibiliza. A obra fecha com uma invocação a Allan-Kardec que o A. exorta nestes termos:

O' mestre por quem sois o nosso voto escuta.

por onde se vê que no trato com os espiritos não se estão lá a esmiuçar estas niquices de grammatica.

Isto pelo que toca á materia; vejamos a fórma. Já dissemos que o livro é todo em alexandrinos; ora, duzentas e quarenta paginas de alexandrinos só poderiam encantar, si a variedade e a scintillação das idéas fosse tal que o espirito, despertado pela vivacidade dos conceitos, se não deixasse adormentar pela monotonia do rhythmo, o que se não dá com a obra a que

nos vamos referindo, na qual as imagens nos não abalam nem pela novidade, nem pelo brilho, nem pela elegancia. Acresce que ha para cima de quarenta versos construidos pela feição destes dois a José de Alencar:

Talvez que se escutasses hoje entre esses grandes
Heroes que reivindicam louros tam famosos.

O A. não ignora que o alexandrino é obrigado á cesura na sexta syllaba; pois, si o ignorasse, seria muito maior o numero de versos errados; tambem pelo mesmo motivo, se não póde admittir que tenha desprezado propositalmente aquella lei, conformando-se com os ultimos modelos que em má hora nos chegam de além do Atlantico; portanto, vê-se que o que houve foi desleixo; ora, como desleixo, quarenta versos são mais que sufficientes para deslustrarem inteiramente uma obra. Além disto, o autor abusa muito dos ripios, valendo-se dos *já*, dos *tão*, dos *talvez*, dos *então* para darem a medida do verso. E' enorme a quantidade de palavras que deixam perceber claramente que não vieram ali para outra coisa sinão para completarem o numero de syllabas. As rimas são de uma pobreza franciscana. Sem falarmos já das consonancias *talvez* e *reis*, *luz* e *azues*, *após* e *heroes* de que o autor se póde justificar com os nossos melhores poetas, ha, por exemplo, nos versos a Cavour uma rima de *máo* com *Virchow* que só uma dureza de ouvido á prova de bomba póde explicar.

Em resumo, sentimos dizel-o, o livro do Sr. Carvalho Ramos dá-nos a impressão de uma enorme porção de massa fabricada de uma farinha só e estendida a rolos de alexandrinos, sobre a qual o A., fazendo rodar a carretilha dos seus preconceitos pessoaes, foi recortando aqui um poeta, além um philosopho, um historiador para cá, um mathematico para acolá. Ignoramos si o A. é um homem moço, a tempo ainda de lhe aproveitarem os rigores da critica, si já chegou á idade em que é difficil refazer a natureza. O que sabemos é que tem tido tempo de se illustrar, pois que, ainda que mal comprehendidos, vê-se que lhe são mais ou menos familiares os homens de quem se occupa. Si o autor quizer estudal-os a todos com um coração puro, quer dizer, sem odios contra aquelles que não lêm pela mesma cartilha, ha de sentir a sua alma elevar-se ás alturas a que sopram os ventos da verdadeira inspiração, a inspiração que vem do ceu, como o halito de Deus enviado outr'ora aos prophetas e, em todos os tempos, aos vates escolhidos. — Silva Ramos.

LIVROS E FOLHETOS

* Arte de Educar os Filhos por Americo Werneck, Rio de Janeiro, 1895, in 8°, 196 pags.

Elementos de Arithmetica com numerosos exercicios por F. I. C. para uso das escolas de instrucção secundaria. Rio de Janeiro, VI-296 paginas.

Elementos de Algebra pelo mesmo. Rio de Janeiro, VIII-415 pags.

Ambos estes livros são editados pelo Sr. H. Garnier. Os compendios conhecidos já entre mestres e estudantes como « de F. I. C. » não precisam mais de elogios, e fazendo-os trasladar para o vernaculo o editor prestou um bom serviço á nossa literatura didactica. Pena é, porém, que a traducção deixe a desejar, resentindo-se de defeitos que denotam no traductor escasso conhecimento da nossa lingua corrente e da linguagem especial da mathematica em portuguez. Este senão precisa ser corrigido em uma nova edição e evitado nos outros livros do curso de mathematicas elementares que devem seguir-se a estes.

PAGINAS AVULSAS por Alvares da Costa, primeira serie, Lisboa, 1895, in-16, 171 pags.

Faz parte da « Bibliotheca da Mina Literaria» do Pará. Contém artigos diversos sobre diversos assumptos, dos quaes o mais interessante se nos afigurou ser o sobre Macapá.

VERSOS DE HONTEM por Pedro Moniz, Ceará, 1896. LIX pags. Bibliotheca do Centro Literario.

O autor na dedicatoria affirma que amanhan será grande na sua arte, que adora. Esperemos por amanhan.

LE PROBLÉME MONETAIRE ET LA QUESTION SOCIALE par Ch. M. Limousin, Edition de la *Sociéte Nouvelle.*

Opusculo interessante que pelo menos encerra algumas idéas que não são banaes.

PETALAS, contos e phantasias por Arthur Goulart, S. Paulo, 1895, XI-201 pags.

* ONDAS, poesias, por Luiz Murat, Rio de Janeiro, in 3°, VIII-284-III, paginas.

* ENTRE AS NYMPHÉAS por J. Marques de Carvalho, Buenos Aires, Arnoldo Moeu, editor, 1896, 174 pags.

* CURSO DE LITERATURA BRAZILEIRA ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos por Mello Moraes Filho, 3ª edição consideravelmente melhorada, Rio de Janeiro, H. Garnier, editor, in 8°, 551 pags.

* CAMPOS SALLES, Perfil biographico, por Antonio Joaquim Ribas, Rio de Janeiro, 1896, in-16, VII-540-VIII pags.

* VINTE E UM MEZES AO REDOR DO PLANETA. Descripção da viagem de circumnavegação do cruzador *Almirante Barroso*, por Custodio de Mello, Rio de Janeiro, Cunha & Irmão, editores, 1896, in-8° gr., 412 pags.

ALMANAK LITERARIO E ESTATISTICO DO RIO GRANDE DO SUL para 1896, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues, oitavo anno, Rio Grande, Carlos Pinto & C., editores, in-16, 278 pags.

Bom.

TRINOS E CANTOS de Rodolpho Paixão, Rio de Janeiro, 1896, in-16, VI —198 pags.

OASIS por Alarico Ribeiro, Porto-Alegre, 1896, 137 pags.

*ARTIGOS E CHRONICAS de Raul de Azevedo, 1893-1894, Porto, Livraria Chardron editora, 1896, in-16, 232 pags.

*CARTAS DE INGLATERRA de Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, 1896, in-16, XX.—410 pags.

A POLITICA

O Congresso que por estes dias deve reunir-se vai ter occasião de verificar que nem sempre foi perfeito o que fez durante a longa sessão do anno passado. Os seus orçamentos, votados de afogadilho á ultima hora, têm posto em serios embaraços o poder executivo, e ha mesmo quem diga que opposicionistas intransigentes pensam em responsabilizar o Sr. Presidente da Republica pelo que S. Ex. foi obrigado a fazer para poder mover-se naquelle chaos. O Congresso terá occasião de ver que até a redacção dessa lei, lei que é o primeiro dever e o mais elevado direito da representação nacional, não está sempre de accordo com o que foi votado. Tambem as novas tarifas têm dado lugar a difficuldades serias, justamente porque o que se votou não corresponde *in totum* ao que tinham em vista os que as organizaram.

Mas, a obra do Congresso que vai talvez soffrer mais violento embate é a sua lei de amnistia. Convem dizer em abono dos membros da representação nacional que o abalo que causou ao paiz a revolta de 6 de setembro deixou em todos os espiritos fundados receios de enfrentar a campanha de esquecimento, e que só um homem politico com os antecedentes do Sr. Campos Salles poderia dar os primeiros passos em terreno tão escabroso. Insuspeito aos homens de todos os matizes da opinião republicana, rigorosamente legalista durante a revolta, o Sr. Campos Salles tinha autoridade para fazer ver em seu primeiro projecto, que aliás o senado rejeitou, o que se tinha então realmente em vista, preparar o caminho para a pacificação do Rio Grande do Sul, que era a sombra negra projectada sobre os nossos creditos, e até sobre a estabilidade das instituições. Verificado que esse meio só por si não bastava para se chegar ao

fim a que se visava, outros foram directamente á questão da guerra do Sul, e menos feliz que o Sr. Campos Salles, sob o ponto de vista partidario, o Sr. Dr. Manoel Victorino teve de affrontar a animosidade de seu partido tomando posição nesse problema magno, de cuja solução uma parte de gloria em boa justiça lhe cabe.

Feita a paz com os federalistas, não havia meio pratico de excluir os revoltosos de setembro, e foi ainda no senado que se iniciou a obra que essa casa do Congresso quiz fazer completa, e que a camara, vencida, se resignou a modificar.

Si o fez bem ou mal é o que o Congresso vai ver agora. Nós estamos em um regimen novo, e não ha muito que estranhar que o mecanismo delle não funccione ainda bem. Dos tres poderes soberanos só de um, o judiciario, é que se póde dizer que ainda não cogitou das attribuições dos outros; em compensação é talvez justamente esse que tem visto mais, si não invadidas, pelo menos desconhecidas aquellas attribuições que a nossa lei basica lhe confere. E', porém, evidente que delle é que ha de vir remedio para o mal, mesmo porque é esse o seu grande papel.

Não ha ainda perder esperanças do que o que se tem passado em alguns estados, onde o principio da autonomia tem sido interpretado um tanto ao arbitrio de regulos que dispõem de policia armada de metralhadoras, venha pelo menos *à la longue* a achar correctivo no Supremo Tribunal Federal.

O proprio poder legislativo, como o executivo em condições anormaes, tem de habituar-se a contar com aquelle interventor severo mas inflexivel, alheio tanto quanto possivel á paixão, que o forçará a girar na orbita aliás sufficientemente vasta que a Constituição lhe traçou.

E como em todos os tempos e em todos os paizes as circumstancias fazem surgir o homem providencial capaz de lutar com ellas e encaminhal-as, ahi está o Sr. Ruy Barbosa, com a sua assombrosa organização cerebral e uma erudição que chega a parecer inverosimil, para chamar ao terreno pratico as theorias de que tão facilmente nos gabamos de ter bebido na organização politica dos Estados Unidos da America do Norte.

Nestes ultimos dias appareceu publicada a sua *Amnistia inversa*, que S. Ex. qualifica de *caso de teratologia juridica*, e em que demonstra, de um modo que a eloquencia parlamentar ha de ter

difficuldade em refutar, que o Congresso, fazendo restricções á amnistia, creou penalidades imprevistas, e applicou-as indistinctamente a um certo grupo de cidadãos, que não foram julgados por tribunal algum. E não só isto, provou mais que em taes penalidades, além da invasão das attribuições do poder judiciario, houve attentado a direitos expressos em lei.

O poder judiciario vai ter de pesar as razões tão lucidamente expostas, tão eruditamente fundamentadas na historia de todas as amnistias e nos precedentes dos tribunaes da nação que nos serviu de modelo, e afigura-se-nos que a sua decisão não póde ser duvidosa. Não se trata mais de saber si aos homens que se revoltaram em setembro de 1893 era licito abrir todas as portas, e si actos dessa ordem devem ficar impunes. Resolvendo o caso, como o resolveu, o Congresso prejudicou essas hypotheses. Pareceu-lhe preferivel fazer um julgamento collectivo, envolver todos no mesmo delicto, militares e civis, chefes e subordinados, sem gradações, julgal-os todos pela mesma bitola, e usar assim de uns direitos soberanos que lhe não competiam.

Essa questão vai ser liquidada agora, não só em proveito dos amnistiados, mas principalmente em favor dos principios. O poder judiciario não vai só decidir si é ou não constitucional a deliberação do Congresso; não vai só decidir si este podia modificar a lei da contagem de antiguidade, e a de promoções, si podia supprimir aos officiaes a etapa; o que esse poder vai decidir é de seus proprios direitos, o que elle vai é firmar o seu poder soberano, invadido pelo legislativo, e mais vai dar ás instituições a unica base solida em que ellas se podem firmar pondo acima de tudo o absoluto respeito á lei escripta.

E' que este é o grande mal desta sociedade sem educação civica e politica, e que se evidencia ahi a cada momento nos grandes e nos pequenos casos. E' essa indisciplina endemica, que mina todas as classes sociaes ; que aniquila como um microbio voraz a noção do dever, disseminando pelos organismos, em vez della, a presumpção de uns direitos que cada um se arroga ao sabor de seus caprichos, de suas ambições e de seus interesses pessoaes ou partidarios.

E' desta presumpção do direito posta acima da noção do dever que resultam todos os actos que tantas vezes perturbam a tranquil-

lidade do espirito publico, e fomentam a desconfiança, o descredito que nos entorpece, impedindo-nos de trabalhar em tudo quanto ha a fazer neste paiz. E para destruir este mal o competente é o poder judiciario, e neste o Supremo Tribunal Federal deve dar o exemplo da energia calma que se funda justamente na consciencia do dever cumprido.

O Congresso vai vêr que andou menos acertadamente, embora, como já dissemos, se lhe deva levar em conta as difficuldades de occasião. A revolta de 6 de setembro deixou na alma popular odios que ainda estavam muitos recentes; a victoria, depois de tantos sacrificios feitos, inebria, e os males soffridos, em certas almas, pedem vingança.

Não se podia então contar muito com a repressão legal dos que se insurgiriam contra uma deliberação contraria ao seu modo de ver, porque entre esses figuravam justamente alguns dos que deveriam ser encarregados dessa repressão.

Dir-se-á que os homens a quem incumbe o governo das nações, devem guiar-se sómente pelos principios, olhar só a lei, sem se importar com as consequencias, e têm razão os que o disserem; mas entende-se que mais vale fazer politica pratica, embora esta pratica consista principalmente em dar maus exemplos. Desta vez afigura-se-nos que o Congresso ha de contentar-se de verificar que andou com menos acerto, e acatará como é de seu dever a decisão do poder judiciario. Aliás, acalmadas como estão relativamente as paixões, a pena inconstitucional já soffrida talvez pareça bastante aos que entendiam que era preciso punir, mesmo passando por cima ou ao lado da lei.

E como este anno ha eleições, e a politica teve a sua grande parte na revolta, as urnas dirão si dos que a fizeram alguns guardaram sympathias populares, dirão si os proceres revolucionarios ainda acham quem os defenda, dirão si ainda não chegou ao espirito de todos a convicção de que precisamos de tranquillidade e ordem, para não darmos azo aos adversarios de levarem á custa das instituições o que tem sido erro dos homens.

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

Abril.—**20**. Fallecimento em Barbacena do naturalista Carlos Schreiner, sub-director da secção de anatomia, zoologia e embryologia comparada do Museu Nacional. Era natural da Allemanha (Saxe-Weimar) tendo vindo para o Brazil com 18 annos. Falleceu com 55.—**21**. Morte em Pariz do economista e estadista francez Leão Say. Nasceu em 1817, foi successivamente deputado, senador e ministro. Pertencia á Academia de sciencias moraes e politica e á Academia franceza. Deixa numerosas obras de economia politica.—Inauguração em Vienna (Austria) do monumento de Mozart.—**23**. Demissão do ministerio francez presidido pelo Sr. Leão Bourgeois, em consequencia do voto contrario do senado ao imposto sobre a renda.—O Reichsrat austriaco rejeita o projecto estabelecendo o suffragio universal.— **27**. Assignatura das bases do protocollo chileno-argentino sobre a questão de limites entre os dois paizes, que ameaçava provocar uma guerra entre ambos.— **28**. Troca de telegrammas congratulatorios dos presidentes e homens politicos mais eminentes do Chile e da Argentina pela approvação das bases para o ajuste da questão de limites entre as duas republicas. — Constituição do novo gabinete francez, sob a presidencia do Sr. Méline.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

A ORTHOGRAPHIA DA REVISTA

Escreve-nos o nosso estimado collaborador, o Sr. Dr. Silva Ramos:

Comprehendo bem a necessidade, que tem a *Revista Brazileira*, de uniformar a orthographia dos artigos que lhe são confiados. Não sendo o nosso processo de graphar nem inteiramente etymologico nem inteiramente phonico trataram os grammaticos de encobrir sob o euphemismo de *orthographia usual*, esta anarchia no modo de graphar, com que todos nos vamos arranjando. Ora exactamente um dos grandes serviços que pode prestar uma revista, uma vez consagrada por letrados e não letrados, é fixar, sob a responsabilidade de um director illustrado e com o assentimento tacito dos collaboradores, um typo de orthographia racional e ao mesmo tempo simples.

E' claro que, assim pensando, nada teria que oppor á orthographia sensatamente seguida pela *Revista Brazileira* e que me parece alliar perfeitamente aquellas duas condições, si eu pudesse encontrar uma ligeira justificativa para a maneira de graphar a condicional *se* e o adverbio de exclusão *senão* pela fórma singular *si, sinão.*

Aqui o caso é mais sério, porque se trata nada menos do que de substituir uma syllaba atona por uma tonica, o que altera de alguma fórma o rhythmo no verso e o *numerus* na prosa.

Parece que isto não vale nada, não é assim ? pois sempre lhe direi que estou convencido de que uma das razões porque a maioria dos nossos escriptores tem tanta difficuldade em tornar effectiva a proclise dos pronomes obliquos subordinados á conjuncção e ao pronome relativo procede da tal ou qual tonicidade que dão ao connectivo, e que permitte a este sustentar-se sózinho ; o que se não dá com a conjuncção *portugueza,* pobre monosyllabo atono, que, sentindo-se desamparado, attraí inconscientemente para junto de si o outro monosyllabo, surdo tambem como elle.

Mas, suppondo que nesta minha opinião haja muito de hypothetico, nem por isso é menos verdade que a conjuncção portugueza *se* tem o valor phonico do pronome *se* e não o do pronome *si,* e, si o que se pretende evitar é a confusão com a primeira daquellas formas, não se póde fugir á identificação com a segunda.

Já se vê, pois, que phonicamente a fórma *si* não se justifica de maneira nenhuma. Etymologicamente não se abona com argumentos de mais alto valor.

Si é certo que em latim a condicional é *si*, logo na constituição da lingua portugueza aquella fórma entrou em luta pela existencia com a fórma *se*, como se vê no *Cancioneiro de D. Diniz* em que apparecem as duas, sendo aquella vencida afinal por esta ultima, que recebeu a sancção popular. D'onde se conclue que o processo de filiação historica tambem lhe não é favoravel.

O que resta, pois, em favor da graphia *si?* o uso do Brazil, que, a prevalecer como lei, justificaria todos os brazileirismos, contra os quaes o meu amigo se insurge, como se insurgem todos os nossos escriptores de primeira ordem: Machado de Assis, Ferreira de Araujo, Carlos de Laet, Arthur Azevedo e tantos outros.

Creio que não preciso dizer-lhe que o unico fim desta minha carta é tornar patente que, sempre que eu tiver a honra de ser acolhido nas paginas da brilhante *Revista*, só escreverei *si* e *sinão* para me conformar com a orthographia estabelecida pela illustre direcção. Sou, etc.

SILVA RAMOS

GIOVANNINA[1]

QUADRO QUARTO

Miseravel casinha de porta e janella num cortiço do Rio de Janeiro. Sobre as estropeadas cadeiras da sala da frente, ha peças de fato roto e servido, frascos de medicamentos, latas vasías. Em cima de uma commoda estragada, a pequena Madona tem diante de si uma lamparina accesa num pires. O tecto é baixo, e, como as paredes, manchado de signaes de humidade e desaceio. Teias de aranha bambinelam os angulos. No chão, largas nodoas de gordura e lama. Pela vidraça descida da janella, na qual um dos vidros partido foi substituido por um pedaço de jornal, avista-se o pateo do cortiço, cheio de tinas de lavadeiras e roupa branca estendida em cordas. Pesa na sala um silencio abafado. Zoam moscas importunas e marram tontas a vidraça. Paira um cheiro acre de suor e molestia. Do pateo vem um rumor grosso, zebrado de gritos, risadas, rodar de carros, tilintar de campainhas, cantorias, zum-zuns confusos. Na alcova escura, contigua á sala, dois leitos de ferro occupam quasi todo o espaço disponivel. Jazem enfermos nesses leitos Benedetto e Isabella. Na sala, Giovannina e Luigi conversam a meia voz. Descorados e tristes, revelam terem curtido privações. Vão, de quando em quando, em bicos de pés, entre-abrir a porta da alcova, espreitando o somno dos doentes.

Giovannina

Mas como começou isto?

Luigi

Nossos pais ha muitos dias sentem-se abatidos e indispostos. Tambem são tantas as contrariedades! Deixaram a casa onde estavam empregados, elle como jardineiro, ella como lavadeira. Por mais que annunciassem, não encontraram collocação conveniente. E' tão difficil para um casal! Hontem andaram todo o dia de um lado para outro. Voltaram á noite, sem jantar, queixando-se ambos de dôr de cabeça, abrindo muito a bocca, pallidos que pareciam defuntos. Deitaram-se. Tiveram mais tarde calefrios tão fortes que os dentes lhes batiam, a ponto de quasi se quebrarem. Em seguida, ficaram ardendo em febre. Suaram depois de fórma a ensopar os colchões. Cairam então nessa prostração em que os vês, mal respondendo ás perguntas, numa fraqueza e indifferença extraordinarias.

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de abril e de 1 de maio.

Giovannina

E que fizeste?

Luigi

Dei-lhes café e cachaça, como me aconselhou a crioula Candida, nossa vizinha, que é muito boa e serviçal. E' a unica pessoa que ainda nos attende. O dono da estalagem e da venda, o Sr. José Medeiros, não fia mais nem um vintem. Tem tido brigas com papai, porque elle não paga a conta antiga. Vendo nossos pais tão caidos, fui, Giovannina, conforme me havias recommendado, caso houvesse novidade, chamar-te á casa onde te empregaste. Eis o que ha. No mais devo prevenir-te de que não existe aqui um pedaço de pão. Desde hontem só comi uma laranja que me offereceu a Candida.

Giovannina

Andaste bem indo chamar-me. Lavra na cidade grande epidemia. Nós, os estrangeiros, somos tão sujeitos! Quem sabe si os nossos pobres pais não apanharam a terrivel febre amarella?! Não me disseste tambem que havias precurado um medico?

Luigi

Pedi a um doutor que dá consultas numa pharmacia aqui perto que chegasse até cá. Elle prometteu que viria quando tivesse tempo, declarando que não costuma curar em cortiços.

Giovannina

E papai e mamãi que não falam! Mal me reconheceram. Essa modorra me assusta, embora me tranquillise não vomitarem. Na febre amarella parece que ha vomitos constantes, vomitos pretos. Vê si elles ainda dormem, Luigi. Coitados! Valha-nos Deus.

Luigi (*indo até á alcova*)

Dormem ainda *(uma pausa)*. Que saudades eu sinto da fazenda, das borboletas, dos tucanos, do cafezal. Lá gozavamos saude; dispunhamos de amplo espaço; nada nos faltava. Quando alguem adoecia, o Sr. João Carlos, — lembras-te? — era de um carinho nunca visto. Como temos padecido depois que de lá partimos! Foi contra minha vontade. Mas tu o quizeste, Giovannina.

Giovannina

Obedeci a nossos pais. E era preciso.

Luigi

De certo te arrependes. Não encontramos na cidade as vantagens que suppunhamos. Fomos obrigados a nos separar, cada um para sua banda. Nossos pais têm vagado de casa em casa, despedidos aqui, não podendo ali aturar os patrões. Eu já vendi jornaes, já engraxei botas, já entrei como

aprendiz em varias officinas, sempre maltratado e descontente. Tu mesma, apezar de tua paciencia e coragem, deves ter soffrido bastante, alugando-te como criada ou para cuidar de crianças. Em todo o caso, és a mais feliz, porque todos te estimam e as familias a quem serves não mais te querem deixar. Porque saiste daquelle palacete de Botafogo? Pagavam-te tanto!...

Giovannina

Sim, tenho padecido bastante. O que me afflige principalmente não é o trabalho. Todo trabalho é nobre. E' a ausencia de respeito e escrupulos de certos patrões e da gente que os frequenta para com os criados. Reminiscencias da escravidão! Não consideram os empregados auxiliares do serviço domestico, mas entes inferiores, em relação aos quaes tudo é licito. Duvidam de que elles possam ter honra, altivez, dignidade. Quanta offensa a cada minuto! Foi por este motivo que saí do palacete de Botafogo. Oh! a vida de criada é bem dura! Todos os dias, porém, agradeço a Deus a energia e firmeza com que me dotou. Si não fosse isto, ai de mim! Seria uma desgraçada, como tantas outras! Tens razão, Luigi. A cidade é pouco agradavel. Quanta molestia, que calor, que costumes brutaes! Na fazenda, estavamos incomparavelmente melhor. Mas não podiamos ficar... não podiamos ficar ali, pelo menos. Em summa nada ha que se não vença com esforço e resignação. Havemos de vencer. Acabrunha-me agora a inesperada molestia de nossos pais. Confio em que a Providencia os restabelecerá. E a falta de recursos? Tenho-lhes entregue fielmente quanto ganho.

Luigi

E eu tambem. Mas não chega. Tudo está carissimo. Por economico que se seja, gasta-se mais do que se recebe. E o diabo é que a fome principia a apertar-me.

Giovannina

Na Italia, quando sentias fome, nossa mãi fazia-te dormir. Passaste a noite em claro. Vê si dormes. Eu velarei. O tal medico virá?!

Luigi deita-se sobre duas cadeiras e fecha os olhos. Giovannina, depois de ter ido, com mil precauções, examinar os pais, encosta-se pensativa á janella. Batem devagarinho á porta. Luigi levanta-se e vai abrir com um gesto de enfado. Entra a crioula Candida, alta, fula desdentada, trajando vistoso vestido de chita.

Candida

Bons dias, vizinhos. Como vão os doentes?! Vi-a chegar, D. Giovannina, e vim offerecer-lhe os meus prestimos.

Giovannina

Muito agradecida. A senhora é sempre bondosa. Os doentes continuam na mesma, quietos, dormindo... dormindo... Mas não têm febre... A pelle está muito fria.

Candida

Si quizer, eu vou buscar minha amiga a cabocla Libania, sem igual para benzer erysipelas e cortar sezões. Sabe umas rezas e usa uns raminhos milagrosos infalliveis...

Giovannina

Não, obrigada. O medico ficou de vir.

Candida

No seu caso, eu preferia a Libania. Perdõe-me que lhe diga, mas esta sua casinha a modo que botaram nella mau agouro. A todos que aqui moram succede algum desgosto. Permitta a Virgem Maria que a senhora seja mais feliz do que os outros. A Libania talvez esconjurasse o maldito...

Giovannina (*apontando para a Madona*)

Temos ali quem nos defenda.

Candida

Nossa Senhora vale muito, não ha duvida. Mas a Libania... Emfim meu desejo é-lhes ser util de alguma fórma. Si precisarem de mim, é avisarem com franqueza. Sou pobre, mas gosto de ajudar os outros. Adeus. Vim só por um instantinho para uma pequena visita. Estou muito occupada. Desejo que os doentes sarem. Vou prometter uma vela de cêra a Nossa Senhora dos Remedios para que não seja nada. Olhem, necessitando de mim é só fazerem : — pscio!

Giovannina

Como a senhora é amavel! Quando e como lhe pagarei tamanhos favores.

Candida

Deixe-se disso... E a proposito de pagar... *(Levando Giovannina para um canto e baixando a voz.)* Sei que os senhores estão sem dinheiro e o ladrão do gallego José Medeiros não lhes fia mais nada. Feijão ha sempre lá em casa e bastante. Sirvam-se delle, sem acanhamento. Precisam de certo, de alguns cobres para remedios. Tome lá... *(Entrega a Giovannina, que a principio se retrai, uma nota bancaria).* Tome lá... tome lá... E' um emprestimo. Não se finja de soberba. Tome lá, do contrario me zango... E até já... Adeus. (*Sai*).

Giovannina

Excellente creatura! Obsequiar aos outros é nella necessidade irresistivel! Sempre disposta á caridade seja para com quem fôr. Singular paiz onde em corpos tão negros e feios se abrigam almas tão bellas e puras. Que de superioridades nestes subalternos! Vem cá, Luigi. Olha... *(Passa-lhe a nota)* Corre e compra alguma coisa para comeres e para nossos pais quando despertarem. Mas antes volta ao medico. Insiste... Traze-o. Si elle se negar, dá-lhe o dinheiro. Porém traze-o... traze-o... A immobilidade de

nossos pais, o torpor e quebrantamento em que os vejo me apavoram. Ouviste a Candida? Nesta casa reina mau agouro. Tristes presentimentos me agitam. Conviria porventura consultar a Libania. Anda, Luigi.

Luigi parte. Giovannina vai contemplar longamente os pais. Volve; ajoelha-se perante a Madona na qual, as mãos cruzadas, crava olhos extaticos. Batem de novo á porta. Giovannina levanta-se alvoroçada suppondo que é o medico. Recúa, reconhecendo o dono da estalagem, o Sr. José Medeiros, atarracado, sujo, chinellos sem meias, em mangas de camisa, deixando á mostra o peito hirsuto, olhos insolentes na face cynica.

José Medeiros

Bom dia, menina. Soube que tinha chegado; vim vêl-a. Como vão os seus doentes?

Giovannina

Continuam na mesma, dormindo sempre.

José Medeiros

E seu mano?

Giovannina

Foi buscar o medico.

José Medeiros

Ah! a menina está só?! Pois estimo *(um silencio)* Preciso, de ha muito, dizer-lhe duas palavras. Não ignora que seus pais me devem bem regular quantia. Eu tenho tido contemplação com elles, simplesmente por amor á menina. Si não fosse isso, já os haveria obrigado a desatravancarem o commodo, que não faltam alugadores.

Giovannina

Obrigada! Hei de pagar... Havemos de pagar.

José Medeiros

Não tem que agradecer. Procedo assim porque a menina me enfeitiçou. Acho-a bonita, acho-a interessante. Sou capaz de loucuras por sua causa. Si precisar de alguma coisa, com que prazer eu a servirei...

Giovannina

De nada preciso... Adeus... *(Faz um gesto de despedida).*

José Medeiros

Escute. A menina de um momento para outro póde ficar só neste mundo, ou apenas com seu mano pequeno, o que importa o mesmo. Não dispensará uma protecção. E' melhor ser protegida por um homem serio e que possua alguns meios, como eu, do que ser seduzida ahi por algum pelintra, sem eira nem beira, que a abandonará ao cabo de algum tempo. Pense no futuro. Eu, em alguem me agradando, não poupo sacrificios. E ninguem me agrada mais do que a menina.

Giovannina

Bem... bem... Adeus *(Esforça-se por fechar a porta. José Medeiros não o permitte).*

José Medeiros

Eu cá não sou de meias medidas: pão pão, queijo queijo. Falemos franco: a menina tem de cair mais dias menos dias, como todas as outras. Porque não aceita desde logo a minha protecção?! Havia de ser feliz. Eu não só perdoaria a divida de seus pais, como daria de graça á menina o melhor quarto da estalagem, bons petiscos, bonitos vestidos, dinheiro para seus desperdiçosinhos... Reflicta, que o negocio é bom.

Giovannina

Oh! senhor! Queira retirar-se... Deixe-me... Deixe-me...

José Medeiros

A menina é quem deve deixar-se de orgulhos e luxos. Quem nada tem e ainda deve, não póde usar disso.

(Da alcova dos enfermos sai um gemido. Giovannina precipita-se para lá. José Medeiros a retem, segurando-a pela mão).

Giovannina (*debatendo-se*)

Deixe-me... deixe-me por piedade. Não me injurie, pelo amor de Deus.

José Medeiros

Não se faça de rogada.

Giovannina

Deixe-me... deixe-me... Eu grito por soccorro!

José Medeiros

Qual soccorro! Aqui quem manda sou eu. Falo-lhe como amigo: a menina tem em sua formosura uma grande riqueza desaproveitada. Dê-me preferencia. Lucrará, acredite...

A voz de Luigi (*no pateo*)

Ahi vem o doutor... ahi vem o doutor...

José Medeiros

Continuaremos a conversa em outra occasião...

Giovannina

Miseravel! Miseravel! *(Volvendo os olhos para a Madona)* Que horror, minha mãi do céu, que horror!

José Medeiros (*saindo*)

Ha de amansar... ha de amansar. Tenho pratica... As mais ariscas amansam... Sobretudo si os velhos esticarem a canella.

(Entra o medico. Grisalho, calvo, de oculos, physionomia dura).

O medico

Onde estão os doentes?! Não tenho tempo a perder, nem costumo tratar em cortiços, porque em geral dão muito trabalho e não pagam. *(Reparando em Giovannina, com voz mais branda)* A senhora é parenta? Como vão elles?

Giovannina

Sou filha. Meu irmão que foi chamar o doutor já lhe forneceu de certo, todas as informações. Persistem a modorra e a insensibilidade.

O medico

Febre?

Giovannina

Não, nem vomitos e é o que me tranquillisa. Não se trata, pois, de febre amarella.

O medico

Ha quanto tempo estão no Brazil.

Giovannina

Ha pouco mais de um anno.

O medico

Sempre no Rio?

Giovannina

Não; numa fazenda. Aqui, não fez ainda dois mezes.

O medico

Completamente desacclimados. Vamos ver os doentes.

Giovannina (*abrindo a porta da alcova*)

Papai... mamãi... o doutor.

A alcova é tão escura que o medico reclama uma vela. Isabella e Benedetto jazem estuporados nos leitos sem lençóes, rebuçados apenas de cobertores vermelhos. Têm os olhos abertos virados para cima, numa expressão de desvario. Fundamente decompostas as physionomias, a respiração fraca e embaraçada. Pelas boccas lassas avista-se-lhes a lingua secca e tremula, as gengivas e os dentes revestidos de uma camada denegrida. O medico examina-os largamente, abanando a cabeça. Giovannina segue-lhe anciosa os movimentos. Os enfermos parecem nada vêr, nem ouvir as interrogações que se lhes dirigem.

Giovannina

Então, doutor? Não é febre amarella?

O medico

Coisa equivalente, ou peior. Uma perniciosa grave.

Giovannina

Ambos?!

O medico

O caso é commum. O mesmo fóco de infecção actuando simultaneamente sobre varios pacientes.

Giovannina

Mas vão ficar bons; não é verdade? São tão fortes... E' a primeira vez que adoecem.

O medico (*saindo para a sala*)

Deviam ter atacado o mal em começo com energia e rapidez. Agora... não sei. Em todo o caso, podia-se tentar ainda injecções hypodermicas de quinina... Mas eu não trouxe o apparelho... Vou buscal-o e voltarei mais tarde *(comprimentando Giovannina)*. Passe bem, minha senhora.

Giovannina

Vai-se embora sem nada receitar?! Acha-os mal... Diga... Diga...

O medico

Estão mal, sim, muito mal.

Giovannina

Mas ha esperança... não é assim?! Ha esperança...

O medico (*apontando para a pequena Madona*)

Não é religiosa?! Pois apegue-se ás suas devoções, que muito servem nestes transes. Tenha calma, resigne-se... Adeus, minha senhora. E retire-se daqui, quanto antes, ouviu? Mesmo do Rio, si fôr possivel.

Saúda-a com a cabeça e sai. Na porta, encontra-se com Candida, que traz numa bandeja chicaras com café.

Candida

Não é servido, doutor? E' fresco... Fui preparal-o, quando o senhor entrou. Como achou os doentes?

O medico

Obrigado; não tenho tempo. Os doentes estão na agonia. Vá soccorrer aquella pobre moça. Ainda podem sobrevir convulsões e delirio. Poucas horas hão de durar.

Candida

Na agonia?! Santo Deus... Eu bem dizia que a casa tinha mau agouro. Não quizeram chamar a Libania para benzer... Na agonia?! Coitadinha da moça... Talvez a Libania... Vou buscar uma vela benta para lhes pôr nas mãos.

O medico

Sim; chamem a Libania. *(Afasta-se, sorrindo)*

Na sala, Giovannina permanece de pé, os braços pendentes, muito pallida, lançando lentos olhares da Madona á alcova dos enfermos. Luigi mastiga um pedaço de pão, tamborilando com os dedos na vidraça.

Candida (*entrando, com uma vela de cera e um crucifixo*)

Tenha fé em Deus, D. Giovannina, tenha fé em Deus. Si quer, eu mando buscar a Libania. Talvez seja tempo ainda.

Giovannina

Mande... mande... depressa...

A crioula dá a Luigi um longo recado para a feiticeira, com muitas recommendações a respeito do modo de encontral-a e da urgencia do chamado. Luigi parte correndo. Candida penetra na alcova, colloca o crucifixo sobre uma cadeira entre os dois leitos. Fixa a vela de cera num castiçal de latão e accende-a. Giovannina acompanha-a automatica, como uma somnambula. Estremece ao contemplar o semblante cadaverico dos pais, á luz funebre do cirio.

Giovannina

Não é possivel... não é possivel... Isto é um sonho horroroso! Ambos ao mesmo tempo... Não é possivel...

Candida

Tenha fé em Deus. Faça uma promessa a Nossa Senhora da Apparecida. A Libania não tarda.

Giovannina ajoelha junto aos moribundos. Toma-lhes as mãos; beija-os, ora um, ora outro; acaricia-lhes os cabellos; arranja-lhes os cobertores, com infinita meiguice.

Giovannina (*baixinho*)

Papai... mamãi... respondam. E' Giovannina... quem está aqui. E' Giovannina que estimais tanto... e a quem sempre attendeis... Papai... mamãi... ficai bons... Não me deixeis no mundo... Não me abandoneis... Sentis frio? Tendes sêde? Vossas mãos estão geladas e cobertas de suor... Papai... mamãi... E' Giovannina... Tende pena de mim...

Longo silencio.

Benedetto (*a voz sumida, tropega*)

Os trigaes estão maduros e o café tambem. A neve vai cair. O rio enche... O navio caminha... Terra nova... terra nova.

Giovannina

Papai fala... Papai está melhor... Sou eu, papai... Abençoa-me... abençoa-me.

Benedetto

Italia... Miseria... Outra patria...

Solta uma risada, e recai na modorra. A respiração vai-se-lhe amortecendo e o corpo inteiriçando.

Giovannina (*voltando-se para Isabella*)

Fala tu, mamãi; fala, por piedade... Não morre, não, mamãi. Ou leva-me comtigo... Mamãi... minha querida mamãi, mamãisinha, mamãisinha...

Isabella (*balbuciando*)

Gualtiero... Gualtiero... Vem cá...

Giovannina

Ah! meu irmão! Tinhas razão talvez... Porque partimos? Porque partimos?

Encosta o rosto na mão de Isabella. Soluça desesperada. Candida, de joelhos ao lado della, mexe os labios, rezando e desfia um rosario. Lagrimas longas lhe adamantinam a treva da face. Benedetto exhala um fundo gemido e expira.

Candida

D. Giovannina... D. Giovannina... Vá para fóra... Não remedeia nada estar aqui... Eu fico... Vá...

Giovannina (*arremessando-se sobre o corpo de Benedetto abraçando-o, beijando-o, como doida*)

Papai... Papai... Meu Deus... Virgem Santissima... Misericordia... Não respira mais... Morreu... morreu...

Isabella se contorce toda numa convulsão. Candida procura contel-a. Lutam. Num dos movimentos a vela de cera tomba e se apaga. Mergulha-se a alcova em penumbra sinistra.

Giovannina

Mamãi... Mamãi ... socega. Papai morreu, Mamãi, Papai morreu... Socega, Mamãi...

As convulsões de Isabella são horriveis. Arqueia-se com força irresistivel. Range os dentes. Espuma. Giovannina e Candida debatem-se com ella, offegantes. A custo a impedem de se despenhar do leito. Sacode-lhe, por fim, os membros violento tremor. Estende-se depois, inerte, passiva, morta.

Candida

Descançou. Vá accender a vela benta, D. Giovannina. Saia d'aqui...

Giovannina

Morreram ambos... morreram ambos... Mas não é possivel... Papai?! Mamãi?!

Candida arrasta-a para a sala. Rápida circula no cortiço a noticia da morte. Os moradores — lavadeiras (saias arregaçadas, braços nús, largos chapeus de palha) trabalhadores, moleques maltrapilhos, — invadem curiosos o aposento; fazem commentarios em voz baixa; vão na ponta dos pés espiar os cadaveres. Giovannina parece indifferente a tudo, sentada, o rosto occulto nas mãos. Candida, solicita, ora lhe dirige frases de animação, ora cuida dos finados. Cerra-lhes as palpebras, fecha-lhes a bocca, amarra-lhes os pulsos sobre o peito, entrelaçando-lhes os dedos, sob os quaes mette imagens de santos.

José Medeiros (*acercando-se de Giovannina*)

Sinto muito o desgosto da menina. E' como lhe disse, estou ás suas ordens para o que quizer. Agora, mais que nunca, precisa de protecção. E é necessario tratar do enterro, sem demora.

Giovannina não responde, immovel. José Modeiros repiza os offerecimentos. Retira-se, por fim, encolhendo os hombros.

Luigi *(entrando)*

Ahi vem a Libania... Ahi vem a Libania...

Candida

Veiu muito tarde...

Giovannina *(erguendo num impeto e abraçando-se com o irmão)*

Já não temos pais, Luigi, já não temos pais!...

Choram estreitamente enlaçados. Vão, em seguida, beijar os mortos, ao pé dos quaes ha nova crise de desespero. Candida arreda-os com difficuldade, chorando tambem.

Luigi

E que vamos fazer?

Giovannina

Não sei... não sei... o que Deus fôr servido.

Candida

Não podem de maneira alguma continuar aqui. Arriscam-se a apanhar igualmente alguma molestia. Estas febres malignas pegam muito nos estrangeiros. Vão para minha casa. Andem. E' pequena, mas chega. Sem cerimonia. Vão. Eu fico e me incumbo de tudo, como si fosse filha delles. Coitados!

Luigi

Oh! a fazenda!

Giovannina

Sim ... a fazenda...

Permanece meditativa alguns segundos. Murmura, depois, machinalmente:

— « Em toda a parte ser-lhes-ha facil encontrar casa, alimentação e bons salarios. Aqui, além de tudo isso, teriam coisa mais rara: um pouco de sincero affecto. »

AFFONSO CELSO

(*Continúa*)

O MAL FINANCEIRO

E O SEU REMEDIO

O relatorio com que o Sr. Presidente do Banco da Republica do Brazil apresentou-se á assembléa geral dos accionistas, em 31 de março ultimo, a moção apresentada, nessa reunião, pelo Sr. Dr. Paulo de Frontin, a approvação dada a essa moção e a corrente geral da opinião formada sobre o problema das emissões bancarias, em circulação no paiz, são provas irrefragaveis de nova orientação para a nunca assaz debatida *questão financeira* que, póde-se affirmar, voltará á discussão no Congresso nacional, nas suas sessões deste anno. Parece vencedora a opinião da chamada *encampação das emissões* de papel moeda pelo governo, de modo a serem todas as notas em circulação reduzidas a um só padrão, sob a responsabilidade do Thesouro nacional; as notas emittidas pelos bancos passarão a ser papel moeda nacional, com a responsabilidade effectiva do governo em vez dessa responsabilidade nominal do Banco da Republica do Brazil.

Quando, em 1892, a commissão do orçamento da Camara dos Deputados, de que tive a honra de ser o relator, apresentou o projecto de lei em que esta medida estava consignada—não me póde ter esquecido essa pagina da minha vida parlamentar,—a campanha que a condemnou, considerou-a um erro, um desastre financeiro, de consequencias funestissimas para a vida nacional, para os capitaes compromettidos nos bancos do Brazil e da Republica, a esse tempo ainda não fusionados, a morte desses dois bancos e, quiçá, um perigo

para a Republica. Em nome de tão sagrados interesses a campanha parlamentar foi empenhada com os maiores esforços e nós outros, partidarios da medida, fomos vencidos na votação da Camara, vendo posteriormente posto em execução pelo governo, por decreto dictatorial, o plano preconisado como de salvação para os bancos, para o thesouro, para a nação brazileira e para a Republica. São passados apenas tres annos da execução de tão preconisado decreto e estes bastaram para demonstrar que o plano adoptado era inviavel, nada remediava e apenas servia, como nós annunciavamos, para prolongar a crise financeira, augmentando as difficuldades e os compromissos do Thesouro nacional, aggravando as condições da vida para todas as classes da sociedade e que haveriamos, afinal, de chegar a essa providencia, fatalmente imposta pela força das circumstancias como o primeiro passo para a reorganização das finanças da Republica. Chegámos finalmente ao momento por nós annunciado como fatal; vemos a encampação das emissões proclamada como principio, como necessidade imprescindivel, ali, naquelle mesmo campo onde a nossa bandeira de combate foi arriada por perigosa e funesta; não sómente a proclamam vencedora, como pedem-na, incitam os poderes publicos a aceital-a, como de vantagem, grandemente favoravel á vida e ao futuro do proprio banco que foi causa do seu repudio ha tres annos. Infelizmente só depois desse tempo chegou a victoria da verdadeira doutrina: aquillo que podia ter sido feito em 1892, quando as circumstancias do Thesouro nacional eram prosperas, faceis as condições financeiras, mais reduzida a despeza e conhecidos os recursos certos que teriam sido aproveitados, é pedido e irá ser resolvido agora, após tantas providencias negativas, distraidos os bons elementos de então, soffridos desastres enormes, augmentadas as circumstancias contrarias ao bom resultado da operação, quasi chegados á calamidade de desconfiança na falta de recursos para enfrentar solução de tanta magnitude.

Não se trata de annunciar triumphos nem de entoar canticos funebres sobre as infelicidades do adversario, como elegia á previdencia dos que tinham razão a esse tempo; as desgraças tocam a todos e bem felizes são aquelles que podem encontrar a tabua de salvação, á vista da terra firme onde todos desejam chegar; procuremos desde logo estudar a nova face que o problema toma, conhecer os recursos com que podemos contar para a solução apontada, preparar

os elementos possiveis de ser postos em contribuição, para que o Congresso nacional tenha estudada essa questão que, me parece, vai occupar-lhe grandemente a attenção durante a sessão em começo. A boa vontade de todos é imprescindivel no momento actual; havendo sido o relator da commissão do orçamento da Camara dos deputados em 1892, quando a medida foi delineada pela primeira vez e em 1893, quando de novo a propuzemos em substituição ao decreto de 17 de dezembro de 1892, tendo pugnado por essa medida sempre, com a mesma opinião formada desde então, desejo estudal-a agora pela imprensa antes de fazel-o da tribuna do Senado, para adiantar esse estudo e offerecer ao Congresso nacional elementos que auxiliem o seu trabalho.

Posso ainda hoje affirmar, como o fiz em 1892, que a situação do Brazil, quanto ás suas finanças, é a mais facil, a de menos embaraços, a de solução mais vantajosa para a sua reorganização, de todas quantas se apresentaram aos paizes que chegaram á depreciação tão grande da sua moeda fiduciaria. Isto é devido aos grandes recursos de que o paiz dispõe e, mais ainda, á forma excepcional da crise financeira, ao modo pelo qual ella se effectuou : no agudo da crise, quando a moeda fiduciaria acha-se com a depreciação de 300 °/o do seu valor em comparação com a moeda de ouro, após um periodo tormentoso, de lutas, de desperdicios, de loucuras, quando tudo ameaça uma tremenda catastrophe, quasi invadidos todos pelo desanimo de corrigir a desalentadora situação do momento, o Thesouro nacional está em dia com os seus pagamentos, a receita geral da Republica basta para os seus compromissos, muito embora se accuse, de publico, um desfalque muito grande na sua arrecadação. O mal está justamente na depreciação do meio circulante que obriga o governo a despender quasi ou mais do terço da totalidade da sua receita em adquirir a moeda de ouro, fidalga para o paiz por causa do agio enorme que tem sobre a moeda fiduciaria. Valorizar esta moeda, inutilizar ou diminuir esse agio deve ser a preoccupação de todos os que se dedicam a este assumpto, não sómente pela diminuição da despeza a obter para o orçamento, como para attenuar a situação calamitosa em que se acham todas as classes da sociedade brazileira, obrigadas a despezas extraordinarias, acima dos recursos de cada um, pelo alto preço a que chegaram todos os generos, desde a sua importação pelo

commercio ; para chegar a este resultado, a encampação das emissões ainda o affirmo, é o primeiro passo. Hão de desculpar-me ir adiante da discussão proxima no Congresso nacional, estudando desde agora a situação do Thesouro em 1892, os recursos com que contavamos então, para comparal-os com a situação de agora, com os elementos de que podemos dispôr, expondo o plano que me parece mais conveniente para produzir o resultado desejado.

Dois elementos essenciaes, indispensaveis a qualquer plano de reorganização financeira, nós os temos felizmente, como a affirmar a facilidade da execução : a receita farta para todas as despezas do Thesouro, o que provarei talvez, no correr do presente estudo e a honorabilidade, o criterio e a decidida vontade do governo: dos Srs. Presidente da Republica e Ministro da Fazenda. A estabilidade do governo, como affirmação de que o plano será levado a effeito pelos mesmos homens que o iniciaram e os precedentes de SS. EExs. autorizam a propôr medidas radicaes, severas e decididas, certo como todos estamos de serem ellas executadas por elles mesmos, com inquebrantavel perseverança; e esta certeza é condição essencial de bom exito.

II

A necessidade de pôr em execução a medida, não sómente da encampação das emissões, como propõz o presidente e foi aceita pela assembléa geral dos accionistas do Banco da Republica do Brazil, com a moção approvada, mas de todo o plano da commissão do orçamento de 1892, isto é, o resgate do papel moeda bancario e mais substituição de toda a moeda fiduciaria em circulação, impõe-se por força das circumstancias em que o paiz se acha.

E' evidente que o Banco da Republica não está apparelhado para fazer essa substituição : na lei que approvou a sua organização está consignada a obrigação de fazer a substituição de todas as notas dos bancos de emissão e cuja responsabilidade elle aceitou, em seis mezes, com prorogação deste prazo a juizo do governo. Do balanço publicado em 5 de abril e datado de 31 de março passado, se verifica haver o banco substituido, nos tres annos e meio de sua vida, apenas a cifra de 82.901:550$, havendo

por substituir ainda a somma de 257.812:820$, mais do triplo da substituição feita. Entretanto a unificação da circulação foi um dos fins principaes do monopolio das emissões no novo instituto de credito ao ser cassado o direito e os privilegios dos outros bancos, todos, em favor do banco então organizado; a variedade de padrões das notas em circulação autoriza a difficuldade da fiscalização, permittindo a introducção de quantidade de notas falsas, sem a necessaria correcção do poder publico a esse crime que tanto prejudica todas as relações sociaes. Não é assumpto que menos attenção mereça a troca por notas de um só padrão de toda essa enorme massa de papel, representando moeda, no qual está consignada a responsabilidade de dez ou doze bancos de emissão, alguns dos quaes já desappareceram e outros não mais possuem o direito de emittir notas. A avaliar pela lentidão com que o banco vai fazendo o troco das notas póde-se calcular quantos annos lhe seriam precisos para a sonhada unificação da moeda fiduciaria, providencia considerada imprescindivel para evitar os grandes prejuizos que a diversidade accarreta. Só o Estado poderá fazer esse troco e cumpre que o faça quanto antes, abolindo de vez o pessimo, inqualificavel systema de moeda que possuimos, uma das causas da sua desvalorização a mais de 300 °/₀ do seu valor nominal.

E' facto que não póde mais soffrer contestação: a nossa moeda fiduciaria já não está sómente depreciada nem desvalorizada, ella está *desmoralizada*. Basta citar o facto acontecido ha poucos dias e noticiado por todos os jornaes de serem apprehendidas notas como falsas e, depois das necessarias investigações feitas pela policia, chegar-se ao resultado de reconhecer que as notas eram verdadeiras mas... estavam *erradas*, tendo escripto o nome—*Rio de Janiero*, em vez de Rio de Janeiro.

Entretanto a base do valor da moeda fiduciaria, o proprio nome o indica, é a confiança, o criterio, a garantia de quem a emitte; esta é nenhuma para a grande massa de papel em que se fazem, hoje, todas as transacções entre nós. Não póde inspirar confiança (*fiducia*) essa moeda bancaria, do valor superior a tresentos mil contos de réis, quando se sabe que ella não tem garantia alguma por parte do banco que representa de seu emissor, quando elle não tem absolutamente obrigação de resgatal-a, sendo ficticia a responsabilidade pelo pagamento em moeda, quando elle proprio confessa

a impossibilidade de attender aos encargos enormes a que as emissões obrigam, quando elle deixa escapar erro grosseiro, como esse, nas mesmas notas, substitutas das anteriores, quando, nos seus balanços, elle já considerou as emissões como secção á parte, distincta completamente da secção bancaria, excluindo-as do jogo geral dos seus haveres e das suas transacções, quando elle não zela, ao menos, a cifra das notas em circulação, apressando o troco de modo a evitar a falsificação para não avolumar a somma das suas responsabilidades.

O plano adoptado pelo Banco da Republica do Brazil nos seus balanços, de setembro para cá, deixa bem claro que elle não se preoccupa mais com a secção bancaria, com as notas em circulação; *figurou* a somma de apolices — que *hão de garantir as notas*, quando o governo resolver emittir as apolices de lastro, entendeu que aquillo se fará por jogo de contas, sem um real de despeza e separou a secção de emissão como assumpto de menor importancia, com que elle não se preoccupa. Em resultado: annuncia dez mil contos de lucros liquidos, distribue 7.469:000$ em dividendo aos seus accionistas, pouca attenção lhe merecendo que a circulação continue com as notas accusadas de falsidade do Banco Emissor de Pernambuco, com as do Thesouro e retrato do imperador circulado com o letreiro de Banco Credito Popular do Brazil e outras muitas de diversos typos e padrões, borradas de preto, sarapintadas de vermelho e algumas com a promessa do pagamento á vista e em moeda de ouro, como as do Banco Nacional. Nem mesmo quer saber quaes as estampas e o padrão das notas falsas apprehendidas em S. Paulo e no Rio Grande do Sul para retiral-as da circulação, como faria o proprio governo para não ser obrigado a pagar, mais tarde, somma de papel moeda que elle não emittiu. O banco sabe que o seu dever de resgate é puramente nominal e elle não será nunca obrigado a fazer esse troco, retirando dinheiro dos seus lucros semestraes. Por doutrina que já assumiu os fóros de caso julgado, elle é uma succursal do Thesouro, enfeudado nos privilegios de banco de Estado sómente para o effeito de ter o governo o dever de o auxiliar sempre, nas occasiões difficeis para elle banco. Foi o governo quem lhe creou esta situação excepcional e de vantagem; foi o Congresso nacional quem a confirmou e elle aproveita as circumstancias como instituição submissa, respeitadora e obediente ás leis do seu paiz.

Felizmente a situação, intoleravel para todas as classes da sociedade brazileira, ruinosa para o commercio, o mais prejudicado com esse prolongamento de uma crise que vai-se tornando perpetua, está sendo pesada demais para os proprios accionistas, negociantes, capitalistas, parte da sociedade como todos os outros, victimas da carestia dos generos, do alto preço da moeda de ouro, da desmoralização da moeda fiduciaria. Como elles proprios deram a nota para o procedimento a seguir com o fim de solver a crise na qual elles proprios estão envolvidos, parece que é tempo de aceitar o voto enunciado e enveredar pelo caminho direito, offerecido á cogitação dos poderes publicos desde 1892, sem os receios dos males figurados a esse tempo e unicos obstaculos á realização da medida.

Estudemos por isto com que elementos póde o governo contar para fazer o resgate de todo o papel-moeda, substituindo-o por outro em plano seguro, firme, para valorizar a moeda e tirar a nação brazileira da situação afflictiva e ruinosa em que se acha.

III

Em 1892, quando a commissão do orçamento da Camara dos Deputados propunha passar a responsabilidade de todas as notas em circulação á responsabilidade do Estado, a emissão de papel-moeda montava á cifra de 513.727:357$500, assim distribuida:

Notas do Thesouro Nacional.....		167.611:397$500
» do Banco da Republica dos E. U. do Brazil.....	198.542:230$000	
» por acquisição do Banco do Brazil.	75.000:000$000	
» do Banco Emissor do Sul.....	3.500:000$000	
» » » de Credito Popular.....	29.014:000$000	
» » » Emissor da Bahia.....	9.500:000$000	
» » » » de Pernambuco..	15.558:000$000	
» » » do Norte.....	1:000:000$000	
» » » da Bahia.....	4.000:008$000	
» » » União de S. Paulo.....	10.008:000$000	
Sommando as emissões dos bancos.....		346.115:960$000
e formando todo o papel-moeda a cifra de.....		513.727:357$500

A commissão propunha que o governo assumisse a responsabilidade das emissões dos bancos que em 6 mezes não entrassem

no regimen do projecto por ella apresentado e, como desconfiava que nenhum dos bancos então emissores poderia fazel-o, previa a hypothese de haver o governo de fazer o resgate de todas essas notas, na totalidade dos 346.115:352$500. Para isto calculava dar ao Thesouro nacional os seguintes recursos, constituindo um fundo de resgate das notas e de que o governo iria usando gradativamente, segundo a cotação do cambio, de accordo com o plano da lei de 1846:

Ouro existente no Thesouro (ao cambio do dia).....	46.000:000$000
Apolices (ouro ao cambio e cotação do momento).....	70.000:000$000
Apolices papel.....	81.000:000$000
Saldos nos Bancos Republica e Brazil.....	61.000:000$000
Divida dos bancos por cambiaes (ouro) differenças de emissão e outras.....	50.000:000$000
Sommando.....	308.000:000$000
o que deixava a descoberto para a responsabilidade do Thesouro sobre a cifra de.....	346.115:000$000
apenas a quantia de.....	38.115:000$000
que, reunidos ao total do papel-moeda emittido pelo Thesouro Nacional, na importancia de.....	167.611:397$500
daria a somma de papel-moeda de curso forçado na importancia de.....	205.726:397$500

evidentemente em pequena parcella para não desvalorizar o meio circulante.

A situação em 1896 já não é a mesma; nem a somma de papel moeda se limita em 513.727:000$, nem mais se podem contar com todos aquelles recursos para o resgate: fizeram-se novas emissões, gastou-se o ouro dos lastros bancarios, vendeu-se parte das apolices, os saldos existentes nos bancos foram convertidos em divida consolidada que não poderá ser paga sinão com prazos longos demais para autorizar leval-os a conta em plano de reorganisação das finanças.

Cumpre deixar clara a situação quanto ao papel-moeda, em 1896 e aos recursos possiveis de applicar ao resgate.

O papel-moeda circulante no paiz, monta á cifra de.....	678.073:022$000
assim descriminada:	
Do Thesouro Nacional.....	337.358:652$000
Bancario.....	340.714:370$000
Ha portanto differença a mais para resgatar, do que em 1892, quando a circulação era de.....	513.727:357$500
a somma de.....	164.345:664$500

Da confrontação das duas parcellas: papel do Thesouro e papel bancario se conhece que o excesso na emissão é daquella, havendo diminuido a somma do papel-moeda bancario:

de.....	346.115:966$000	em 1892
para.....	340.714:370$000	em 1896
ou menos.....	5.401:590$000	

ao passo que o papel do Thesouro nacional augmentou

de.....	167.611:397$500
para.....	337.358:652$000
ou mais.....	169.747:254$500

Sabe-se, ao certo, que desta somma o governo emittiu para as suas despezas durante a revolta, a quantia de 83.000:000$000; o mais foi emittido para emprestar aos dois bancos: da Republica e do Brazil resgatando o governo, com parte do emprestimo de 1895, a quantia de 30 mil contos.

Façamos uma demonstração destes algarismos para deixar evidente como, do augmento na circulação das notas, de 1889 a 96 apenas o Governo emittiu para as despezas publicas, somma abaixo da que *emprestou* aos bancos, além da enorme cifra de 340 mil contos com que estes inundaram a circulação.

o papel-moeda do thesouro era em 1889, da importancia de	167.611:397$500
Emittido em 1893 para a revolta.....	83.000:000$000
sommando.....	250.611:397$500
dos quaes o Governo resgatou em 1895.....	30.000:000$000
restando.....	230.611:397$500
sendo a somma total em 1896.....	337.358:652$000
foi a somma emprestada aos bancos.....	106.747:255$500
que, com a circulação bancaria de.....	340.714:370$000
deixam evidente que os bancos de emissão custaram á Republica a somma de.....	453.461:625$500

mais de quatrocentos e cincoenta e tres mil contos de réis, em papel de curso forçado.

Dir-me-ão que os bancos entraram com os lastros, de que o

governo se apropria e é justo fazer a conta destes para deduzil-a do total da cifra acima; esses lastros foram:

Em ouro	97.850:524$530
Em apolices	75.901:500$000
sommando	175.752:024$530
mas, como parte desses figuraram em compromissos que não foram cumpridos, no valor de £ 2.600.000. que autorizaram a emissão, no dobro, de 54.229:000$000, devem ser deduzidos, por metade, do ouro que não foi depositado	27.114:500$006
dando para a effectividade dos lastros depositados pelos bancos	148.637:524$500
que deduzidos da somma acima	453.461:625$500
dão para o papel bancario, a descoberto	304.824:101$000

Ainda ficam os bancos de emissão custando ao Thesouro nacional ou á nação brazileira que ha de pagal-o com o resgate, papel moeda de curso forçado, em importancia superior a trezentos mil contos de réis, de que sómente os bancos lucraram, que não aproveitaram sinão aos poucos emissores, causa do jogo desenfreiado da bolsa, das enormes especulações feitas, dos desastres da Republica em seu começo, da baixa aviltante do cambio, da cotação do ouro por mais de 300 % do seu valor como tivemos ha poucos dias e praza a Deus que não tenhamos ainda.

Em 1892 a commissão de orçamento offerecia como recurso para o resgate das emissões bancarias a somma de 308.000:000$ em valores realizaveis e com que o Thesouro nacional contava effectivamente; desses alguns não mais existem: o ouro foi gasto; das apolices foram vendidas 7.000 de conto de réis convertidas ao juro de 4 % ouro, produzindo, liquidos 7.503:198$754 e 1.200 das mesmas, a 1:100$000 cada uma, ou 8.200; os saldos depositados nos bancos e a sua divida então consolidados em divida nova, a prazo longo, de cujas condições pouco ou nenhum conhecimento temos. De certo, conhecido e sem controversias, o governo só poderá contar com:

93.399:728$392,	das apolices depositadas pelos bancos emissores, das quaes
8.200:000$000	se devem descontar as das que foram vendidas, ou
85.369:728$392	e
39.857:000$000	das apolices compradas com o ouro depositado pelos bancos, perfazendo o total de
125.026:728$392	ou mais um pouco elevada a cifra por força do agio das apolices ouro.

São os unicos recursos que de prompto podem ser offerecidos para fazer face á somma de 678.073:022$000 de papel moeda de curso forçado, com o cambio a pouco mais de 9 por 1$000.

Bem se vê que o plano de 1892 já não serve, não poderá dar os resultados esperados por se haverem perdido os elementos bons para a sua viabilidade; tão pouco poderá trazer consequencias apreciaveis a simples encampação das emissões, sómente com o facto de se dizer que o Banco da Republica deixará de ter nominalmente a responsabilidade das notas dos bancos, quando o facto real, positivo e certo é que elle nunca teve nem pretendeu ter tal responsabilidade.

Cumpre estudar e adoptar outro plano e é este que pretendo esboçar, justificando-o.

LEITE E OITICICA

(*Continúa*)

UM ESTADISTA DO IMPERIO[1]

J. Th. NABUCO DE ARAUJO

XIII.—A SESSÃO DE 1850

Nas eleições de 1849 Nabuco obteve o quarto lugar da lista. Antes delle vinham sómente o Barão da Boa Vista, chefe do partido, Maciel Monteiro e Sebastião do Rego, ministros do 19 de setembro. (1837) Nesse tempo a sua influencia no partido da Ordem era grande. Era a elle que se dirigia Paulino para que fizesse incluir o nome de Tosta na lista senatorial ; a elle tambem que este ultimo mandava a sua desistencia, ao verificar que a sua eleição desgostava Boa Vista e os outros candidatos pernambucanos.

A opposição ao nome de Tosta era geral ; além da competição dos personagens politicos da provincia, anciosos por entrar no Senado,[2] obstava a essa candidatura o muito que se havia escripto contra a apresentação de Chichorro e Ernesto França no tempo da Praia. Nabuco entendia que Tosta devia ser incluido na chapa por julgar que os seus serviços em 2 de fevereiro tinham sido incomparaveis. Escrevendo a Eusebio a proposito das graças pela defesa do Recife dizia elle : « O Tosta não devia ser equiparado a ninguem ». As difficuldades da candidatura eram, porém, invenciveis ; elle previa certa « *a scisão do partido pelas muitas ambições que estavam em campo,*

---

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de agosto, 15 de setembro, 15 de novembro de 1895 e 1 de fevereiro e 15 de março.

[2] Excepto Maciel Monteiro, cujo traço era o dandysmo e que renunciava a senatoria para o não suspeitarem de ter á idade legal. Elle nasceu em 1804 ; atrazava assim apenas seis annos.

e o risco de uma derrota que seria fatal ». « *Por outro lado*, escrevia elle a Paulino, *não me considero o mais proprio para fazer essa scisão e pôr-me á frente do negocio porque sou Bahiano* »—como Tosta,—« *por consequencia suspeito, e impotente contra o bairrismo que só poderia ser arrostado pelos filhos de Pernambuco.* »

Em dezembro de 1849 Nabuco parte do Recife para tomar assento na Camara.

A sessão abriu-se em 1 de janeiro de 1850. Era uma Camara conservadora, tendo apenas para quebrar a unanimidade a figura de Souza Franco. A Camara para Nabuco era muito differente já da de 1843. Tambem nesta ultima o partido liberal estava representado quasi sómente por uma individualidade, o velho Rebouças, mas naquelle tempo os liberaes sentiam-se fortes, tinham uma alliança poderosa na facção aulica, chefes prestigiosos no Senado: Alves Branco e Paula Souza, que agora se extinguiam. Por outro lado, o partido conservador tinha em 1843 na Camara alguns dos seus personagens consulares, Torres, Paulino e Eusebio. Agora era ahi Eusebio a personalidade unica; o manto de Vasconcellos, levado pela febre amarella em 1 de maio, ia cair-lhe sobre os hombros. Ouvia-se apenas de vez em quando alguma voz do puro timbre antigo, como a de Maciel Monteiro, que recordava os dias da Regencia; os sobreviventes do primeiro reinado, como Abrantes, Olinda, estavam no Senado; a Camara era toda segundo reinado, os moços que tinham começado depois da Maioridade representavam os primeiros papeis.

O gabinete era um dos mais fortes e mais homogeneos que o paiz teve; fazia lembrar o de 1837. Com a retirada de Olinda a cohesão se firmou ainda mais. Olinda não podia ser chefe de chefes, nem servir com o Imperador sinão pouco tempo; faltava-lhe a flexibilidade precisa para ceder. Elle tinha em tudo idéas proprias, sentimentos ou antes preconceitos que ninguem podia modificar. Da sua situação de Regente ficara-lhe um orgulho natural de ser o primeiro cidadão abaixo do Imperador, uma especie de Vice-Imperador permanente, e com a sua illustração, as tradições de governo que representava desde 1823, o repertorio administrativo que possuia, esse orgulho fazia com que elle não pudesse abdicar em homens que, quando elle já estava no fastigio, ainda não tinham entrado em politica.

Elle, todavia, não podia exercer o commando por se sentir, apezar de tudo, homem de outra época. Nesse como nos

outros gabinetes que desde então elle preside o seu poder é todo nominal; em 1848, em 1857, em 1862, em 1865, elle tem o primeiro lugar, nada mais; a politica faz-se em redor de outros, a quem elle a deixa. Até ao fim elle se mostra fiel ás boas tradições: é assim que os seus ministerios são todos compostos de homens feitos, de primeira ordem, independentes, influentes; não procura cercar-se de individuos secundarios que o não offusquem ou se mostrem obedientes por lhe deverem a promoção; governa com os chefes de partido, com todos os que querem servir; não é por culpa sua si algum dos mais notaveis fica de fóra, mal encobrindo o desejo de substituil-o mais tarde; todos os que estão na primeira linha, elle os convida.

Foi realmente um ministerio forte esse que supprimiu o trafico, dominou a revolução de Pernambuco, derrubou Rosas, e ao mesmo tempo lançou a base de grandes reformas e melhoramentos que mais tarde se realizaram. Politicamente o anno de 1850 é caracterizado por grandes contratempos. E' nesse anno que o cruzeiro inglez começa a fazer presas em nossos portos e aguas territoriaes em cumprimento do Acto Aberdeen, o que mostra que a legação ingleza estava convencida de que com o partido conservador tinham subido ao poder os protectores do trafico e que era preciso fazer maior pressão sobre elles do que sobre os liberaes, que tinham provocado no governo o odio dos grandes traficantes. O gabinete conservador, entretanto, respondeu a essa intervenção ingleza tomando as mais energicas medidas, fazendo votar a lei de 4 de setembro de 1850 e exterminando de um golpe o pujante commercio africano. A opposição, bem como o Foreign Office, attribuirá a attitude do gabinete á pressão do cruzeiro inglez; Eusebio, porém, affirma que essa pressão apenas tornou mais difficil a execução do pensamento assentado antes em conselho de ministros. A verdade é que sem o interesse tomado pela Inglaterra na questão do trafico este teria tido forças para inutilizar qualquer vigilancia do governo, e que depois de certa época a acção conjunta do cruzeiro inglez no Atlantico e da autoridade brasileira em terra concorreu,—em partes iguaes, póde-se talvez dizer,—para impedir o renascimento da escravidão no mar.

Ao mesmo tempo, no Rio da Prata surgia uma grave complicação. Rosas não se contentava de arcabusar em Palermo *los salvajes*

unitarios, tinha planos mais ambiciosos do que a suppressão dos seus inimigos, mesmo para fazel-a esquecer. Em geral essas crueldades monstruosas correspondem nos tyrannos modernos a sonhos nacionaes extravagantes. Rosas visava á reconstrucção do vice-reinado e Oribe no que tocava a Montevidéo era o instrumento dessa aspiração, que está no fundo do patriotismo argentino. Essa attitude de Rosas ameaçava o Rio Grande do Sul e tornava-se intoleravel para o Brazil; por isso, o governo resolveu assumir uma attitude energica, que podia chegar até á guerra. A resolução tomada pelo ministerio com o Imperador,[1] determinou a retirada do Visconde de Olinda, que não via com prazer uma intervenção de resultado incerto e que, si fosse infeliz, podia abalar o throno. Eram as recordações do primeiro reinado o que entibiava o velho estadista. Paulino de Souza, sectario da politica de intervenção e de influencia no Prata, entrou para a pasta de Estrangeiros, passando a presidencia do Conselho ao ministro do Imperio, o Visconde de Monte Alegre. (8 de outubro de 1849)

Monte Alegre era um homem muito differente de Olinda. Não tinha nem a mesma intelligencia nem a mesma instrucção que elle, tão pouco a sua autoridade e a sua posição; tinha, porém, um caracter muito mais agradavel e insinuante, uma calma desprevenida no julgar os factos e apreciar os homens, propria de um homem do mundo para quem a politica se figurasse um salão e não um campo de batalha ou uma casa de jogo. Cotegipe, que pertenceu á sua roda, costumava dizer que Monte Alegre foi *o melhor bom senso* que elle conhecera, pondo em segundo lugar a Caxias. Esse «bom senso» era a combinação do sangue-frio com a experiencia, uma disposição optimista, que lhe fazia tomar os homens pelo que cada um tinha de melhor e não pelo que elles procuravam disfarçar e esconder. Olinda

---

[1] O Imperador tinha manifestado antes a Eusebio estar satisfeito com o ministerio, mas não com o Presidente do Conselho. «Quer V. M. que eu communique isto aos meus collegas?» perguntou-lhe Eusebio. O Imperador disse-lhe que não. Dias depois, porém, fez-lhe a mesma declaração e dessa vez autorizou-o a falar aos collegas. Olinda declarou ao ministerio que confirmaria qualquer explicação que dessem da sua saida, menos a de doença. Concordou-se em allegar a divergencia, que era real, sobre a politica no Prata. O conselheiro João Alfredo teve esta revelação do proprio Eusebio.

era um solitario de gabinete, que a surdez ainda mais isolava e concentrava; Monte Alegre um homem de sociedade, cercado sempre de uma roda de amigos, na qual não havia attritos nem asperezas. Elle não tinha nenhuma dessa electricidade que os politicos doutrinarios descarregam sobre o infeliz a quem acontece atravessar os fios invisiveis da sua rede de idéas.

Nabuco apoiava o ministerio com interesse, sobretudo por causa de Eusebio que lhe mostrava a maior confiança. Entre os dois havia muito de commum: o mesmo espirito conservador sem *parti-pris*, a mesma especialidade administrativa, a mesma benignidade de caracter. As suas faculdades eram differentes. Nabuco em primeiro lugar lidava com idéas ou principios, em segundo lugar com factos, era assim um idealista, idealista positivo; Eusebio lidava exclusivamente com factos. Nabuco era um pensador, tinha uma imaginação creadora em constante actividade, o que o inhabilitava de alguma fórma para o lado pessoal da politica, para attender, o que é tudo em politica nos paizes pequenos, aos interesses, necessidades e exigencias locaes; Eusebio era um chefe de partido, um arregimentador paciente e systematico, um conhecedor de homens, feito para agradar a uma camara de politicos; tinha qualidades femininas de voz, de maneiras, de seducção e de caracter, alliadas a uma grande energia; era um homem de gabinete, de funda intuição politica,[1]

---

[1] O seguinte trecho de Eusebio em 1851 mostra bem a altura a que elle podia se elevar na tribuna. São palavras que fariam honra a qualquer grande estadista do mundo: « Pela minha parte declaro, Sr. Presidente, que o principio do *salus populis,* o principio da dictadura aconselhada pelas circumstancias extraordinarias, não é mais que o testemunho vivo da imperfeição das instituições humanas, sempre incompletas, sempre imprevidentes; elle revela a imperfeição das leis; por consequencia é tanto mais perfeita a legislação do paiz quanto menos numerosos são os casos em que os homens de poder se achem autorizados para recorrer ao *salus populis,* para soccorrer-se á dictadura das circumstancias extraordinarias. E' dever do corpo legislativo regular essas hypotheses sempre que é possivel prevêl-as, porque, Sr. Presidente, para os homens dispostos sempre a temer os abusos do poder é preciso confessar que muito mais perigoso é o governo desde o momento em que elle póde dizer ao paiz:—*As leis não são sufficientes, a Constituição não basta, trata-se da salvação publica, eu tomo sobre mim a responsabilidade,* do que quando, chegadas essas circumstancias extraordinarias, o governo, declarando o estado de guerra, vê ampliados os seus poderes pelas leis, mas encontra nellas tambem limites que não póde transpôr. »

que sabia superiormente fazer trabalhar, impulsar, tirar de cada um o que podia dar de melhor. A preponderancia das faculdades superficiaes exteriores fará com que elle se torne exclusivamente um chefe de partido, uma especie de administrador geral do partido saquarema, por isso a intelligencia se retrairá, perderá a elasticidade, o movimento, o poder de renovar-se, estagnará. A vida de Nabuco é toda interior, cerebral, e até o fim é a intelligencia que se desenvolve, que trabalha, que o faz viver, o que pela força das coisas o tornará improprio para tudo que em politica é competição pessoal, luta ephemera pelo poder, conflicto de interesses secundarios.

A evolução politica dos dois espiritos será tambem differente: Eusebio torna-se cada vez mais conservador, isto é, resume-se, aperta-se cada vez mais nas idéas familiares, nos principios professados na sua madureza, como um general que se concentra e se entrincheira a medida que perde terreno. Nabuco, pelo contrario, cada vez se expande mais, tendo como todos os que vivem sós um campo muito mais vasto para as suas combinações. Maiores do que as differenças eram, porém, as semelhanças. Um e outro são exclusivamente *ministros da justiça*, concentram a sua actividade no direito; um e outro são por natureza reformadores; ainda que preferindo processos differentes, Eusebio e Nabuco em seus dois longos ministerios tocam em tudo e Nabuco em muita coisa não faz sinão seguir as pisadas de Eusebio, realizar idéas que o outro apenas lançou; um e outro dão mais importancia aos factos sociaes de ordem e caracter fundamental, como a justiça, a organização do direito, a religião, a moral publica, do que aos accidentes da politica, — o que quer dizer que são ambos estructuras conservadoras solidas e largas, qualquer que fosse o grau do seu liberalismo, o liberalismo não sendo sinão o contraforte necessario das altas perpendiculares do edificio e tambem um espaço maior de arejamento, de desafogo para as massas accumuladas dentro.

Nessa camara de 1850 Nabuco mais do que na de 1843 visa a uma especialidade e se encerra nella. Alguma vez que trata de politica é desculpando-se de ter saido de seu terreno. O seu papel é sustentar as reformas de Eusebio, os pequenos projectos parciaes, chamados na época *carretilhas*, com que elle queria evitar, como acontece com as grandes reformas complexas, a colligação fortuita de interesses heterogeneos contra cada medida. Tambem nas

camaras unanimes os grandes estimulos desapparecem, deixa de haver luta, o que póde existir é sómente o desejo de sobresair. Ha no retraimento de Nabuco uma certa timidez moral, elle deseja não ser tido por ambicioso, mas ha tambem uma desconfiança invencivel do seu talento e dos seus recursos, que é o grande defeito da sua organização. Elle parece achar que não vale a pena dizer o que todos pensam, — o que é, entretanto, a grande opportunidade do orador, — e que é perigoso dizer aquillo em que ninguem pensou. Essa preoccupação é de tal ordem que para o fim da vida elle preferirá não dizer nada que não possa corroborar com uma citação. Qualquer receio que se insinua em um orador destróe a metade da sua acção. Apezar disso, porém, desde que o dever ou as circumstancias do momento o arrastam á tribuna, a originalidade do seu pensamento vence sempre as suas hesitações. A sua faculdade de iniciativa triumphará em todas as occasiões, mas fazendo-o soffrer.

O segredo dessa timidez é talvez, (com certeza o foi na ultima phase) que lhe faltava certa fórma «literaria», e elle que tinha, espontanea e perfeita, outra fórma muito superior de pensamento, a fórma juridica, que se exprimia naturalmente em linguagem de direito e improvizava em sentenças ou oraculos, hesitava em competir com a declamação ephemera de oradores de momento, curvava-se aos triumphos de occasião. A sua organização de juiz inhabilitava-o tambem para as tiradas eloquentes da paixão politica. A sua eloquencia era toda feita de pensamentos, de conceitos; para ser apreciada em seu valor na tribuna exigiria uma longa pausa entre os periodos, que o auditorio tivesse tempo de pensar o que ouviu, assim como o leitor pára em cada frase que lê; a eloquencia falada é, porém, por sua natureza uma torrente e quanto mais turva e barrenta mais forte.

Na sessão de 1850 como nas seguintes dessa legislatura os seus discursos versam todos sobre questões de direito ou de justiça. De um delles transparece a resolução, que já estava formando no seu espirito, de deixar a magistratura e fazer-se advogado. Elle sentia a anomalia de sua posição. « Não basta que o magistrado seja recto, justo, dizia elle na sessão de 10 de abril, é preciso que elle seja tido como tal aos olhos do povo para que a sua autoridade tenha o respeito de todos. O magistrado politico por mais esforços que faça para ser justo, para ser recto, paira sempre uma certa suspeita de parcialidade

sobre seus actos que destróe a força moral que lhe é mister.» Além da anomalia havia injustiça: «A magistratura vive desacoroçoada em sua vocação, em seu futuro, por causa dos magistrados politicos, porque são estes só que gozam das vantagens; mas desde que as honras e vantagens da magistratura forem exclusivamente da magistratura, a magistratura ha de ter uma vocação.»

Desde então elle torna-se o procurador da magistratura na Camara. Quando se discute o projecto para a classificação das comarcas, o qual deve garantir os magistrados contra remoções onerosas, occorre-lhe a sua propria experiencia, a remoção do Recife para o Assú: «A utilidade publica exige em certas circumstancias que o magistrado seja removido, mas não que seja incommodado, opprimido e desterrado.» « A Constituição admitte as remoções nos casos e na fórma por que uma lei regulamentar o determinar; por consequencia a Constituição não consagrou a inamovibilidade dos juizes. Si este principio da inamovibilidade fosse estabelecido em um paiz como o nosso, onde a responsabilidade é illusoria, onde a sancção moral é nulla, a magistratura assoberbaria todos os poderes do Estado, seria um poder terrivel e perigoso.» Partidario da independencia da magistratura, ninguem todavia conhecia melhor do que elle a resistencia que ella podia oppôr á autoridade, e nesse tempo, em que a reorganização da autoridade era a principal preoccupação, a escola conservadora julgava indispensavel acautelal-a contra todos os adversarios possiveis, mesmo contra o juiz.

«Supponde um magistrado que não conspira, é verdade, que não toma parte mesmo em uma rebellião, mas que dominado pelo espirito de facção nullifique a policia, impeça a acção da autoridade administrativa, etc., dizei-me: esse magistrado póde continuar a ser juiz no mesmo logar? Em um paiz como o nosso, onde a sancção moral está obliterada pelo espirito de partido, onde por essa razão não ha empregado algum prevaricador que não seja um anjo de pureza, dizei-me: num paiz como este deve-se tirar toda a acção do governo sobre a magistratura? Tirai ao governo o direito de remover os magistrados nestes casos e teremos um *status in statu*, uma magistratura terrivel, tanto mais terrivel quanto nós sabemos que a maior parte della está envolvida nas lutas dos partidos, extraviada por ambições politicas. Sabeis o que é um poder assim constituido, sem contrapeso, sem relação de dependencia, e subordinação e

harmonia com os outros poderes? E' uma provocação constante de desordens e revoluções, um germen de conflictos e reacções. » (Sessão de 17 de abril)

Da magistratura elle trazia assim a consciencia do vasto poder que ella tinha em suas mãos, do espirito partidario que a viciava e da necessidade de armar o governo contra os seus abusos ; mas elle queria tambem pôl-a a abrigo das reacções politicas, dos actos de perseguição, isolal-a da politica, tornal-a de facto independente para a administração da lei, superior aos poderes quaesquer que fossem.

Nabuco mostrava-se desde 1843 um legislador pratico, que procurava resultados positivos para a sociedade. Era com este intuito que elle invocava ora um, ora outro principio, conforme o perigo era o excesso de autoridade ou de anarchia ; conforme a prepotencia lhe parecia provir do governo, ou do magistrado ; o que elle não é, escravo de nenhuma theoria, de nenhum systema abstracto. A sua mobilidade é espantosa ; os que o vêm indicar o perigo de um lado e logo do lado opposto, julgam-n'o incoherente, mas é que a estrada corre entre precipicios e que elle olha á direita e á esquerda e não vê os abysmos sómente de uma margem. Os que vêm esse jurisconsulto pedir ora uma medida ora outra que lhes parece diametralmente contraria, esquecem que o direito, como todas as existencias humanas, sobretudo as creações de moral social, tem antes de tudo obrigação de viver. Mais longe teremos occasião de julgar detidamente essa dualidade de concepção que faz com que Nabuco, o defensor e patrono constante da independencia e predominio da magistratura, seja o maior dos interpretadores da lei por aviso, o subjugador á orthodoxia ministerial do livre-exame dos magistrados, por ultimo o aposentador e principal sustentador das aposentadorias forçadas de juizes vitalicios.

Em 1850 elle está nas mesmas idéas de 1843, idéas a que depois no ministerio devia dar grande proeminencia. De uma vez trata-se dos crimes de acção particular, a proposito do furto de gado que se havia tornado em algumas provincias um perigo constante para a ordem publica, e elle assignala o mesmo mal profundo, a indifferença, a apathia perante o crime, que caracterizara em 1843 :

« A minha opinião é que a accusação de todos os crimes, sem distincção de publicos, particulares ou policiaes, deve pertencer á justiça publica,—com excepção dos crimes contra a honra sem violencia,—porque a sociedade tem

tanto interesse na punição de um crime como na de outros. Si a punição não tem por fim, como todos sabem, a vingança, mas, sim, a segurança da sociedade, porque é que a accusação ha de ficar á mercê de considerações e especulações individuaes? O legislador do Codigo do Processo não contou com um vicio que está radicado na nossa sociedade: este vicio é a indifferença, é o temor de comprometimentos que domina em todos. Não ha quem queira accusar os criminosos; não ha quem queira jurar contra elles; não ha quem queira perseguil-os, e nestas circumstancias o resultado é que os crimes particulares ficam impunes e se pódem riscar do catalogo dos crimes». (Sessão de 18 de julho de 1850)

O jury não lhe inspirava confiança. Mais tarde, como ministro, elle porá bem em evidencia a fraqueza da instituição, sua impotencia para reprimir o crime, a impunidade que resultava della; mas desde então elle apoia com enthusiasmo a lei que tira ao jury e passa aos juizes de direito o julgamento de certos crimes de grande importancia social ou frequencia, como o da resistencia, a retirada de presos, a moeda falsa, lista a que propõe que se acrescente a bancarota. O seu modo de entender, o liberalismo a proposito do jury é positivo e não theorico:

« A maior parte dos crimes especiaes que estão referidos no projecto são crimes que ordinariamente são commettidos por uma certa classe da sociedade que exerce influencia sobre o jury, e contra a qual o jury é impotente; refiro-me particularmente aos crimes de resistencia, a tirada de presos, os quaes são pela maior parte perpetrados por certos potentados que tiram gloria de assoberbar e menoscabar a autoridade publica, de resistir-lhe, de soltar presos. Si o nobre deputado é liberal como se apregôa, devia dar o seu apoio a uma medida que tende a dar garantia á sociedade contra os poderosos. »

Nessas questões é genuina e sincera a repugnancia que elle tem de vêr envolver a politica.

« Não ha medida, dizia elle, por mais estranha que seja á politica, por mais permanente que seja, e na qual a sociedade tenha mais interesse, que os nobres deputados logo não attribuam a motivo sinistro, não a considerem como tendo uma *arrière pensée* » e acrescentava esta advertencia: « Si o systema representativo fosse este, certamente não haveria um systema mais prejudicial, não haveria um systema em que fossem menos possiveis as medidas de utilidade publica, porque todas ellas se supporiam

sempre ditadas por interesses mesquinhos e facciosos, e não teriam a força moral de que carecem. »

Desde então a sua esperança está na magistratura, nos juizes de direito « *que offerecem maior garantia em razão de serem magistrados perpetuos* » (sessão de 16 de julho). Por isso apresenta um projecto passando aos juizes de direito a attribuição, que tinham os juizes municipaes, de julgar afinal; por isso apoia e, como relator da commissão de Justiça Civil, amplia o projecto de Eusebio entregando-lhes, como se viu, os julgamentos de crimes especiaes, cuja impunidade alarmava o governo; por isso torna-se como que o procurador da classe que estava decidido a deixar, e da qual era o seu sonho por meio de uma reforma fazer o braço forte, intelligente e activo da sociedade.

JOAQUIM NABUCO

O PODER JUDICIARIO

NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL

E' geral reconhecer-se uma funcção judiciaria no governo do Estado e, tambem, reconhecer-se essa funcção como exigindo um orgão especial para exercel-a. [1] Entretanto, o que é certo é que raras vezes esse orgão tem sido constituido de modo a preencher a sua missão. A nossa Constituição de 1823, por exemplo, reconhecia o poder judiciario [2] como «um dos poderes politicos da Nação» (art.10°), porém, traçou-lhe uma esphera muito limitada como poder da nação e, ao mesmo tempo, dando-lhe uma organização toda dependente do poder executivo. A esphera de acção do poder judiciario foi bem exposta pelo Marquez de S. Vicente nas seguintes palavras: «O contencioso judiciario não inclue sinão as questões dos particulares entre si, por amor de seus interesses individuaes, e só póde subordinar a administração no unico caso em que ella figura como simples particular. Toda a reclamação contra um acto administrativo, que viola um direito individual garantido por lei, regulamentos ou

---

[1] Posada, *Dir. const. comp.*, livr. 6°, cap. 5°.

[2] O poder judiciario era formado por: 1 Supremo tribunal de justiça composto de 15 juizes e com jurisdicção em todo o Imperio; 11 tribunaes de relação com jurisdicção em seus districtos; por juizes de direito e municipaes, com jurisdicção nas respectivas comarcas e termos; e por juizes substitutos e juizes de paz.

contractos feitos com a administração, forma parte de todo dessas contestações, que tomam o nome de contencioso administrativo. »[1]

E' verdade que a Fazenda nacional tinha necessidade de recorrer ao poder judiciario para tornar effectiva a cobrança da divida activa, mas é tambem verdade que a esse poder era vedado «tomar conhecimento de qualquer allegação sobre a natureza da mesma divida. »[2]

Já se vê, pois, que o poder judiciario limitava a sua acção ao conhecimento das causas do dominio do direito propriamente privado. Ao Supremo tribunal de justiça cabia, é certo, «tomar assentos para a intelligencia das leis civis, commerciaes e criminaes, quando na execução dellas occorressem duvidas manifestadas por julgados divergentes»; assentos que teriam força das proprias leis e, como taes, incorporados á collecção destas.[3] Essa funcção era da maxima importancia e podia ter produzido excellentes resultados, evitando-se as funestas consequencias que provinham da discordancia entre os julgados; facto contra que reclamaram os que tinham interesses no fôro e que levara o conselheiro Lafayette a proclamar com a sua autoridade de jurisconsulto, que «a collecção dos julgados dos nossos tribunaes era um acervo informe de contradicções e incoherencias, muitas vezes a negação das doutrinas mais conhecidas e dos principios mais certos.»[4] Mas, o desprestigio do poder judiciario chegara a tal ponto que, em quasi 20 annos de gozo dessa funcção, nenhum assento foi tomado; entretanto, não era extraordinario vêr-se a mesma « questão de direito» continuar a ser resolvida diversamente, com o intervallo de duas sessões, e pelos proprios juizes do Supremo tribunal!

Quanto á organização, a Constituição declarou o poder judiciario «independente» (art. 151) e composto de «juizes perpetuos (art. 153) que só perderiam os seus lugares por sentença» (art. 155) porém, autorizava a « mudança dos juizes de uns para outros lugares» (art. 153). Essas mudanças dependiam do exclusivo arbitrio do poder executivo, o que importava para este a attribuição de

---

[1] *Dir. pub. braz.*—vol. 1°, pag. 298 e 299.

[2] Decr. 9.885 de 29 de fevereiro de 1888, art. 12°.

[3] Decrs. 2.684 de 23 de out. de 1875 e 6.142 de 10 de março de 1876.

[4] *Dir. das coisas*—Introd. pag X.

demittir os juizes que não podendo resistir ás constantes remoções, viam-se na contingencia de abandonar os seus cargos. Os abusos, que disso resultaram, foram de tal ordem, que houve necessidade de uma lei — dividindo as comarcas em entrancias e estabelecendo regras para as remoções. [1] Mas, ainda assim, pouco melhorou a independencia dos juizes, por isso que a classificação das comarcas ficava ao arbitrio do poder executivo, que exercia essa attribuição sempre de accordo com as conveniencias politicas do seu partido. [2] Acresce que os actos de violencias commettidos pelo poder executivo contra os proprios membros do poder judiciario, como as aposentadorias forçadas em 1868, ficaram sem correctivo e as victimas das violencias sem ter para quem recorrer.

II

A Constituição de 24 de fevereiro de 1891, adoptando a republica federativa como fórma de governo, teve necessidade de instituir o poder judiciario como um dos « orgãos da soberania nacional » (art. 15.); e, por isso, não se limitou a declaral-o independente, porém organizou-o de modo que pudesse preencher a sua missão (arts. 55 e 62).

Ao legislador constituinte não podia deixar de impressionar o poder judiciario dos Estados-Unidos da America do Norte, de cujo Supremo tribunal chegou a dizer Lord Salisbury: « Confesso que não invejo muito aos Estados-Unidos; porém ha em suas instituições uma que me parece digna da maior e mais justa inveja — é a sua magnifica instituição da côrte suprema... Ella dá ás instituições do paiz uma estabilidade que sob o systema de vagas e mysteriosas promessas, procuramos em vão » [3]

---

[1] Decr. n. 559 de 28 de junho de 1850.

[2] Os annaes da magistratura registram verdadeiros lugarejos (Rio Guamá —Pará, por exemplo) elevados á categoria de comarcas e classificadas de 3ª entrancia, para servirem de castigos aos juizes adversarios: a remoção, em taes condições, importava quasi sempre na declaração de avulso, o que queria dizer demittido.

[3] *Discurso* proferido na cidade de Edimburgo, em 23 de novembro de 1882.

Essa admiração pela côrte suprema [1] dos Estados-Unidos é geral em todos os escriptores, que têm estudado as instituições politicas da grande republica americana. Sumner Maine considera-a « uma creação original dos fundadores da Constituição e sem precedentes na historia »; [2] e, antes delle, Tocqueville já dizia, que era « uma das invenções mais originaes, mais imprevistas e mais admiraveis da historia do direito publico » [3] De facto: da disposição contida no art. III, secção 2ª da Constituição,[4] os Americanos têm concluido para o poder judiciario a attribuição de annullar os actos do poder legislativo, quando contrarios á Constituição e, tambem, os actos do poder executivo, quando contrarios á mesma Constituição ou ás leis. [5]

Tão importante funcção basta para tornar o poder judiciario o « interprete e guarda da Constituição e leis; » [6] e, como consequencia, para estabelecer o seu papel de orgão da soberania nacional com « faculdades coextensivas com os outros poderes da Nação. » [7] Entretanto, essa funcção é reconhecida como da essencia do regimen republicano-federativo: [8] e « bem alto reconhecem hoje os Americanos que, si não fosse essa situação inconcussa do poder judiciario, tratando como irritas e nullas as leis, locaes ou federaes, adversas á Constituição, a União estaria perdida ». [9] Não devia, pois, esquecel-a o nosso legislador constituinte; e, para que não se pudesse oppôr a falta de disposição expressa, não se limitou aos termos da Constituição, porém consagrou-a de uma maneira inconcussa.[10]

---

[1] Fala-se sempre da côrte suprema, por ser o tribunal da ultima instancia da União (Bryce, *A rep. am.* 1º, 222)

[2] *Ens. sobre o gov. pop.*— Cap. 4º.

[3] *A Dem. na America.*

[4] « O poder judiciario estende-se a todos as causas de direito e equidade, que nascem da Constituição ou das leis dos Estados-Unidos » etc...

[5] A attribuição de declarar nullas as leis insconstitucionaes parece fóra do dominio das discussões forenses, diz Story (*Comm. á Const.* § 1842).

[6] Story cit. liv. 3º cap. 4º.

[7] Barraquero, *Esp. e prat. do Const. arg,* secç. 4ª cap. 3.

[8] E, por isso tambem a incluiu a Const. argentina (art. 100).

[9] Hitchcok, *A côrt. supr. e a Const.*, cit. pelo Sr. Ruy Barbosa (*Os actos inconst.*, pag 63).

[10] A proposito da falta de declaração expressa da Const. americana, Bryce refere que « um Inglez gastou dois dias sem encontrar a disposição que autorizava a suprema côrte a annullar os actos inconstitucionaes dos outros poderes » Obra cit. — 1º, 246.

E' assim que, tratando das attribuições do poder judiciario da União,[1] a nossa Constituição deu-lhe a competencia para «processar e julgar as causas em que alguma das partes fundar a sua acção, ou a defesa, em disposição da Constituição Federal» e, tambem, «as propostas contra o governo da União ou Fazenda Nacional, fundadas em disposições da Constituição leis e regulamentos do poder executivo, ou em contractos celebrados com o mesmo governo» (art. 60, letras *a b*) e ao Supremo tribunal, especialmente, «o julgamento das questões decididas em ultima instancia pelas justiças dos Estados sobre a validade de tratados e leis federaes e a decisão do tribunal do Estado fôr contra ella» (art. 59 letra *a*).

Em vista do que fica exposto, se comprehende que tinha razão o ministro da justiça do governo provisorio quando na Exposição de motivos que precedeu ao Decr. 848 de 11 de outubro de 1890,[2] disse «que não se tratava de tribunaes ordinarios de justiça, com uma jurisdição pura e simplesmente restricta á applicação das leis nas multiplas relações do direito privado.»

A alguns publicistas europeus se tem afigurado a attribuição de annullar os actos inconstitucionaes dos poderes legislativo e executivo como importando uma violação do «principio sagrado da divisão dos poderes» e a possibilidade de conflictos entre os respectivos poderes [3]. Reflectindo-se, porém, sobre a natureza do regimen republicano federativo e sobre o modo porque o poder judiciario exerce tão elevada attribuição, ver-se-á, que são infundados os receios de similhantes conflictos. O poder judiciario não revoga, como á primeira vista póde parecer, os actos inconstitucionaes dos outros poderes: taes actos continuam a subsistir, emquanto o poder competente não os desfizer. A intervenção do poder judiciario consiste apenas em evitar, que se viole o direito garantido pela Constituição ou pelas leis, isso mesmo quando invocado o soccorro pela parte offendida e em fórma de acção judicial. Assim se expressa Cooley: «A questão que é hoje judiciaria, póde ser politica amanhan. As questões judiciarias são decididas pelos tribunaes, as politicas são

---

[1] Essas attribuições estão enumeradas nos arts. 59—61 da Const. e foram desenvolvidas na L. 221 de 20 de novembro de 1894.

[2] Decr. que organizou a justiça federal.

[3] Hedde, *O pap. pot. do pod. jud. na Cons. dos Estados Unidos.*

remettidas á sabedoria da legislatura. Hoje, a questão póde consistir na verificação de ser ou não constitucional um acto actual: *esta* é puramente judiciaria. Amanhan, o acto póde ter desapparecido e a questão consistirá em saber si deve elle de novo ser ordenado: *esta* questão é politica. »[1]

O modo porque o poder judiciario declara a nullidade dos actos contrarios á Constituição ou ás leis nos é exposto com muita clareza e precisão nas seguintes palavras de H. von Holst: « A contenda só é admittida nos tribunaes, quando reveste a fórma de litigio regular. Instaurado em taes condições, nem por isso cabe aos tribunaes sentenciarem *directamente* e sobre a constitucionalidade das leis ou de outros actos do governo. Si os tribunaes se occupam de questões constitucionaes, a proposito da especie que se offerece, é tão sómente no expender os fundamentos do julgado. Strictamente falando, apenas liquida-se o caso particular, de sorte que a decisão obriga a todos os individuos e a todos os poderes politicos, mas unicamente nos limites da hypothese ventilada. Entretanto, sendo para suppor-se —que identico será o julgamento em todos os casos analogos, o exame da constitucionalidade das leis, na motivação duma sentença, importa de ordinario em verdadeira sentença sobre a constitucionalidade dellas.»[2]

Tão elevada missão só podia ser desempenhada por juizes que, a par das condições de idoneidade, fossem revestidos de todas as garantias de independencia. E assim o comprehendeu o legislador constituinte; tornando expresso na Constituição que a nomeação dos juizes do Supremo tribunal[3] dependia da approvação do Senado (art. 48, n. 12) e a dos juizes de secção[4] da proposta desse Supremo tribunal (art. 48 n. 11) e assegurando a todos a vitalicidade (art. 57) e as outras garantias para a completa independencia.[5]

---

[1] *Ann. á Const.* de Story.

[2] O presidente da Republica, de accordo com essa doutrina, revogou os Decrs. de 12 de abril sobre demissões de funccionarios vitalicios e reforma de officiaes, que não as solicitaram.

[3] O supremo tribunal compõe-se de 15 juizes (art. 56 da Const).

[4] Ha 1 juiz de secção em cada Estado e 1 no Districto Federal (Decr. 848 de 1890, art. 8).

[5] Os seus vencimentos não podem ser diminuidos (Const., art. 57 § 1°.) Os juizes do supremo tribunal percebem rs. 21:000$000 annuaes: o presidente tem mais 2:000$000 e o procurador geral mais rs. 1:600$000 (Tabela annexa ao Decr. n. 848 de 1890 modificada pelo Decr. 363 de 1896, art. 1°. § un).

Em menos de 5 annos de existencia, o nosso Supremo tribunal já tem feito salientar a excellencia de sua instituição. Os taes « actos administrativos violadores dos direitos individuaes », a que se referia o Marquez de S. Vicente já têm um correctivo ; e de que têm lançado mão e com proveito todos os que têm sido victimas de actos contrarios á Constituição. [1]

III

Ao estabelecerem a sua Constituição, os 13 primitivos estados da União americana tinham um organismo de governo completo : legislações particulares e divergentes e nada de commum, além da mesma lingua e da analogia das dependencias, que as vinculavam á metropole. Era, pois, difficil a unidade do direito privado ; facto que muito concorreu para a instituição da justiça federal. Outras eram, porém, as nossas condições, ao ser proclamada a republica : formavamos, póde-se dizer, uma só familia e possuiamos o mesmo direito privado, o mesmo processo e a mesma organização judiciaria. Entretanto, o governo provisorio, desprezando o ideal dos povos volvidos para a unidade do direito privado, dissolveu a commissão, que se achava elaborando o projecto do codigo civil, a pretexto de que, pela proclamação da fórma republicana federativa, esse direito devia pertencer aos estados.

De modo diverso, tinha procedido a constituinte americana : « o pensamento dominante no Congresso de Philadelphia, diz Bryce, foi ter sempre em vista a adaptação das antigas instituições á nova ordem de coisas creada pela Constituição. » [2]

Os juizes de secção percebem, conforme a importancia das secções: rs. 14:000$000 no Districto Federal, rs. 10:000$000 nos Estados mais importantes e rs. 8:000$000 nos menos importantes (Tabella annexa ao Decr. 848 cit.)

Todos podem aposentar-se com os vencimentos integraes tendo 20 annos de serviço (Decr. n. 848 cit, art. 39).

[1] A revista o *Direito* já contém um grande numero de decisões do Supremo tribunal, não só relativas a actos do poder executivo, como a actos da legislatura dos Estados, contrarios a Constituição.

[2] *Obra cit.*

No nosso Congresso constituinte não prevaleceu a diversidade do direito privado, porém, prevaleceu a dualidade no processo e na organização judiciaria. [1] Essa dualidade de processo e de organização judiciaria podia ter sido evitada: bastava instituir o Supremo tribunal de modo a preencher a sua missão de interprete e guarda da Constituição e das leis. Mas, o legislador constituinte teve receios de ficar aquem de certos estadistas, que já no Imperio reconheciam a necessidade da diversidade das justicas de 1ª instancia.

Em luminoso parecer sobre a « Reforma administrativa » assim se expressara o Visconde de Ouro Preto : « Proporia, pois, que se restituisse ao poder provincial a faculdade das nomeações dos magistrados de 1ª instancia e a propria organização da respectiva justiça, conforme as circumstancias especiaes de cada provincia, pois sob esse ponto de vista, como relativamente a muitos outros, a uniformidade não póde funccionar bem por toda a parte.» [2]

A dualidade de organização judiciaria devia conduzir á dualidade de processo. A esse respeito já tinhamos a experiencia do occorrido com o Acto Addicional: esta lei concedera ás provincias a competencia para legislar sobre a justiça de 1ª instancia, [3] o que deu lugar á revogação implicita de algumas disposições do Codigo do processo criminal. Esse estado de coisas permaneceu até a lei da interpretação, que declarou, então, que o poder provincial só podia crear os lugares de justiça e não estabelecer as suas attribuições; [4] solução que foi impugnada pelo deputado Luiz Cavalcanti, depois Visconde de Albuquerque, que já, naquella época (1836), lembrava « dar-se ás provincias a competencia para organizar os seus codigos de processo, em vez de sujeital-as a um só decretado pela Assembléa Geral ». [5]

E, força é convir, a garantia dos direitos individuaes nada teria soffrido com essa dualidade de processo e de organização judiciaria, si houvesse sido mantida em sua integridade a disposição do art. 62 do projecto apresentado pelo governo provisorio.

---

[1] Const., art. 34, n. 23.

[2] Affonso Celso. *Reform. adm. e mun.* — Par. e proj., pag. 66. Imprensa Nacional, 1883.

[3] L. 12 de agosto de 1834, art. 10 n. 7.

[4] L. 12 de maio de 1840, art. 2°.

[5] *Ann. da Cam. dos Dep.*, sess. de 1836.

O projecto dispunha que os estados eram soberanos em votar as suas constituições, com a condição porém da « descriminação e independencia reciproca dos poderes executivo, legislativo e judiciario» (§ 1º) e, como si isso não bastasse, acrescentou que « a magistratura não seria electiva (§ 3º) e que os magistrados não seriam demissiveis senão por sentença» (§ 4º) Parece que o autor do projecto previa os actos de violencia, que o governadores teriam de commetter, de mãos dadas com as respectivas legislaturas.

Em ambas as casas do Congresso já se têm erguido vozes contra os attentados de que foram victimas os poderes judiciarios dos estados de Alagôas e de Sergipe, considerados pelas respectivas constituições como orgão de sua soberania, entretanto, os representantes desses poderes não puderam invocar a violação dos seus direitos, pois as garantias foram julgadas desnecessarias pelo legislador constituinte!

AFFONSO DE MIRANDA

TRES ESTANCIAS

I

Interrogaste o lyrio immaculado,
Na leda estancia, na vernal sazão ;
Interrogaste o lyrio immaculado
E respondeu-te o infante loiro irmão
Dos cherubins, no lumiar sentado
Da existencia, a sorrir—lyrio em botão.

II

Interrogaste a flor da laranjeira,
Entre corymbos, na sazão do amor ;
Interrogaste a flor da laranjeira,
E respondeu-te a virgem, sob o alvor
Da gaze, « eu amo » a segredar fagueira,
Noiva, a cingir da laranjeira a flor.

III

Hoje interrogas o cypreste esguio,
Hoje, que em torno tudo é morto já ;
Hoje interrogas o cypreste esguio,
Que, junto ás campas, de atalaia está :
As derradeiras folhas tombam, frio
Soluça o vento... quem responderá ?!

RAYMUNDO CORREA

HOMENS E COISAS DO PARAGUAY[1]

SOLANO LOPEZ E JOSÉ DIAZ

IV

Houve um official a quem o dictador sobre todos prezava e distinguia e que sempre se mostrou digno de tão grande confiança. Entretanto, si não houvesse morrido em 67, era pouco provavel que chegasse ao fim da campanha sem incorrer no desagrado de Lopez. Como quer que fosse, este teve especial estima por José Andrés Diaz, chefe de policia e capitão commandante do 40 batalhão de infantaria, quando a guerra foi declarada.

Diaz era um valente e destemido official, intelligente e perspicaz e talvez o unico auxiliar consciente do Marechal. Tinha 33 annos e levou para o campo de batalha todo seu enthusiasmo de moço e de patriota. Foi uma das figuras proeminentes da campanha e praticou actos de verdadeiro heroismo em todos os combates em que entrou. Verdadeiro typo do hespanhol, visionario e audaz, ha um pequeno episodio curiosissimo que dá a medida de seu caracter arrojado e fogoso. Em fevereiro de 65, o Presidente, apoz uma visita que fez ao 40 batalhão, ha pouco organizado e disciplinado pela pericia e energia de José Diaz, como signal de satisfação pelo que viu, convidou o commandante para jantar em sua mesa, onde tambem se sentaram, entre outros distinctos officiaes, o coronel Barrios que chegara da expedição de Mato-Grosso, Francisco Sanchez, presidente do Conselho de Ministros e o major Estigarribia. Em meio

[1] Veja a *Revista* de 1 de maio.

da conversa, que era toda sobre a proxima campanha, o Marechal perguntou ao capitão Diaz se já tinha meditado algum plano de guerra e que o expuzesse.

— Nenhum, senhor! respondeu o official, porque nada mais quero sinão conhecer o que V. Ex. tenha resolvido, para o executar.

Lopes, lisongeado com a resposta do seu subordinado, voltando-se para os officiaes, observou que eram elles os generaes de amanhan e os depositários de sua confiança; que apezar do alto apreço que lhe merecia a modestia de seus amigos e servidores, comtudo ouviria com prazer a opinião delles franca e sincera.

— Nesse caso, senhor! exclamou Diaz, erguendo-se, direi que o mais ardente anhelo de minha vida seria receber de V. Ex. ordem para escolher sete mil homens do exercito e, embarcando-os nos melhores vapores da nossa armada, tomar sem perda de tempo o rumo do Atlantico; passar pelo Rio da Prata, illudindo a vigilancia dos navios brazileiros surtos ahi; apresentar-me á vista do Rio de Janeiro, no nono dia; penetrar na bahia á meia noite por entre os fortes cujos canhões não me fariam damnos; desembarcar, em trinta minutos, debaixo das maiores precauções, atravessar a cidade rapidamente, cercar o palacio de S. Christovão e cair sobre elle, arrebatando a familia imperial inclusive D. Pedro II; voltar para bordo trazendo bem guardada a minha presa e vinte dias depois entregal-a a V. Ex., nesta capital, de onde imporiamos a paz!

O assombroso projecto do moço desvairado foi ouvido em meio do maior silencio. Lopez, visivelmente commovido, ao terminar o capitão Diaz a incisiva narração, levantou o copo de Champagne e saudando o sonhador mancebo brindou ao patriotismo paraguayo. [1]

---

[1] E' curioso saber-se que o A. apezar do senso critico que se lhe nota, tomou a serio o original projecto do capitão Diaz. Em seu livro o Sr. Godoi o commenta pela seguinte forma: — « Não podia ser mais transcendental o plano apresentado pelo commandante do 40, nem mais propriamente digno da sangrenta epopèa paraguaya. Com a metade de sua gente que conseguisse desembarcar, não havia obstaculo humano que o impedisse de levar a termo, até o ultimo detalhe, seu arriscado commettimento. A vontade, energia e enthusiasmo incontestaveis, ao lado da indiscutivel competencia — amplamente justificada na duração da guerra — auguravam presentimentos felizes quanto ao resultado do gigantesco pensamento. E si attendermos á qualidade da tropa encarregada de sua realização e que não existiam linhas telegraphicas,

De um relance Lopez devia ter visto a inexequibilidade do projecto allucinado do seu official; mas, certamente esse plano de se apoderar da pessoa do soberano brazileiro, cuja autoridade e prestigio o dictador tanto ambicionava ferir e abalar, deveria ter emocionado profundamente a vaidade do orgulhoso caudilho. D'ahi, desse simples facto, talvez proviesse a grande affeição que consagrou a Diaz, em quem aliás sempre encontrou a mais dedicada resolução para todas as emprezas que fantaziava a illusão em que entretinha o espirito do General a côrte aduladora e imprevidente que o cercava.

«Assim é que Diaz vai apparecendo sempre em todas as mais notaveis peripecias da guerra, successivamente promovido, até que apoz a sanguinolenta batalha de 24 de maio de 66, [1] *Tuyuty*, para os alliados, *Estero-Bellaco*, como a chamam os paraguayos, o vemos elevado ao alto posto de general de brigada.»

---

rêdes de torpedos, nem encouraçados e que as baterias do Rio estavam artilhadas com canhões de systema velho, ainda admittindo o caso de que elle preferisse forçar a barra ao desembarque facil e simples na Praia Vermelha, Copacabana ou Gavea, — o exito não podia ser duvidoso. A experiencia, todavia, encarregou-se de comprovar nossa affirmação em época recente, por occasião da sublevação do sargento Silvino de Macedo em 29 de janeiro do anno passado (1892). A fortaleza de Santa Cruz, considerada inexpugnavel, foi atacada, dominada e tomada á baioneta por quatro companhias do 7º e 10 batalhões ás ordens do tenente-coronel Carlos Olympio Ferraz, e a ilha da Lage levantou a bandeira de parlamentar, rendendo-se á descrição, ao primeiro tiro de canhão da esquadra.» (pag. 14.)

[1] A respeito dessa importantissima batalha, assim se exprime o A: «A batalha de 24 de maio foi das mais sangrentas de toda a guerra e seu resultado um completo desastre. Cinco horas consecutivas de furiosa e desgual peleja quasi exterminaram o exercito de Lopez, que teve cinco mil mortos e sete mil feridos, emquanto as perdas alliadas chegaram apenas á metade. Os chefes superiores das tres divisões paraguayas tinham commando independente, o unico porém, que cumpriu irreprehensivelmente o seu dever, porque esgotou os recursos desesperados de sua actividade e energia, foi o coronel Diaz que dirigiu pessoalmente os seus batalhões, combatendo ao lado do ultimo de seus soldados. O general Resquin, que commandava a ala esquerda, se portou covardemente, desapparecendo desde o primeiro momento da acção — sem dar uma só ordem — e sem que os ajudantes dos commandantes de brigada que solicitavam instrucções delle, conseguissem descobrir o seu paradeiro. Lopez rugiu de colera ao ter conhecimento disso, e o manifestou em termos duros, e si não fuzilou o general, foi unicamente porque seu cunhado, o general Barrios, merecia a mesma pena pela supina inepcia com que se havia portado na ala direita. Além disso, o feito de armas de Tuyuty foi o maior erro do Marechal Lopez.» — (pags. 32.)

A esse tempo já a fama levara aos quatro cantos do paiz o nome glorioso do valente soldado. Era o mais popular dos guerrilheiros de Lopez e a chronica dos seus feitos, engrandecidos pela ardente imaginação popular, era repetida com enthusiasmo de bocca em bocca. Entretanto, depois que José Diaz se viu general, foi que manifestou em sua plenitude as raras qualidades de homem de guerra. Posto que sempre gozasse da confiança absoluta do Marechal, a inferioridade da patente em relação a outros com quem servia, embaraçava-lhe a externação completa do seu pensamento, e tirava-lhe toda a iniciativa fóra daquillo que lhe era especialmente commettido. Só depois que entrou para o quadro dos officiaes generaes é que se sentiu com inteira liberdade e autoridade para intervir nas combinações de importancia e émittir franca e desassombradamente suas idéas. Breve seu conselho tornou-se necessario em todas as deliberações, e em Passo-Pocú houve momento em que exercia de facto a superintendencia geral dos exercitos em operações. Apenas elle e o coronel Aveiro eram os conhecedores dos mais pequenos detalhes da situação, guardados por Lopez no mais meticuloso sigillo. Encontrava-se quotidianamente com o Marechal, quasi sempre a horas tardias da noite. Era elle quem levava ao chefe a parte official das derradeiras noticias, omittidas nas communicações telegraphicas. Penetrava na tenda sem formalidade alguma, nem previo aviso, apenas apeava do cavallo com as armas na cintura e o chicote de prata pendente do pulso, chegando, si Lopez já estava recolhido, até a rede em que elle na campanha repousava sempre. Mas, era o unico que gozava de similhante liberdade, como tambem era o unico que conversava com o dictador sobre os acontecimentos da guerra e o unico que em algumas occasiões ousava emittir observações em sua presença.

Lopez por seu turno, confiava-lhe as suas mais intimas confidencias. Foi com Diaz que se entendeu apoz a memoravel conferencia que, em Yataity-Corá, teve com Bartholomeu Mitre, Presidente da Confederação Argentina e então Generalissimo dos exercitos alliados.

Pela meia noite de 12 de setembro de 66, fez Lopez chamar com urgencia o seu valido ao quartel general. O Presidente estava sentado em frente á mesa de trabalho, completamente só e absorvido na mais profunda meditação ; constantemente entregava-se a essas

longas concentrações, que duravam horas, ou sentado, immovel em uma cadeira, ou passeando automaticamente ao comprido de uma sala. Diaz penetrou no alojamento, fez ao Marechal a continencia devida e conservou-se a dois passos de distancia, o seu kepi na mão. Lopez, com a intimidade que só se permittia com o antigo commandante do 40, narrou ao general a entrevista com Mitre, os pensamentos que o tinham levado a solicital-a, e as disposições que trazia desse encontro original.

Num momento de reflexão previdente Lopez conseguira furtar-se á illusão enganadora em que fazia viver uma côrte viciada de aduladores sem coração. Poude bem avaliar a gravidade do momento pela rememoração de alguns dos desastres irremediaveis que já o tinham victimado. A perda dos doze mil veteranos nas mãos de Estigarribia e Duarte; a ruina da esquadra no combate naval do Riachuelo; o desbarato quasi total do exercito na batalha campal de 24 de maio e agora a tomada de Curuzú pelo valoroso barão de Porto Alegre . . .

A consciencia amortecida do dictador foi subitamente illuminada pela situação difficilima em que se achava. Bem via que real perigo correra apoz a acção de 3 de setembro. Si Porto Alegre, animado pela esplendida victoria, talvez o triumpho de maior transcendencia das nossas armas depois da passagem do Paraná, tivesse continuado a avançar com as forças que lhe restavam, teria surprehendido o dictador pela rectaguarda, dominado todas suas fortificações e abreviado consideravelmente a guerra, si porventura lhe não désse termo.

Ao espirito de Lopez apresentou-se nitidamente o aperto da situação; o dictador resolveu provocar uma conferencia com o general em chefe dos exercitos alliados e propor-lhe um accordo.

Alimentava intimamente a esperança de conseguir arredar do theatro da guerra Mitre e o exercito argentino, rompendo-se assim a triplice alliança e ficando apenas elle em luta contra o Imperio que lhe merecia um odio implacavel. Em todo o caso, si nada obtivesse na conferencia, teria sempre ganho algum tempo para completar as fortificações de Curupaity.

Aceitando o generalissimo a conferencia, a que aliás não quiz comparecer o general Polydoro, então chefe das forças brazileiras, foi designado para sua realização o dia 12 de setembro, ás onze

horas da manhan, no lugar denominado Yataity-Corá, entre as guardas avançadas dos dois exercitos. Nessa manhan, ás 7 horas, Lopez, tomou a sua carruagem e acompanhado de um piquete de vinte cinco homens da sua escolta e de um luzido e numeroso estado-maior de chefes e officiaes, dirigiu-se ao lugar da entrevista. Em Passo-Gomez tomou o seu fogoso cavallo branco e galopou só pela campina, mas não antes de haver com o binoculo percebido na orla de um capão, a dois kilometros afastados, a sombra de um contingente de homens.

Realmente, precaução machiavelica, mil soldados destacados do mais selecto das suas forças e municiados com cem tiros cada um, tinham sido collocados, a meia noite, sob o maior silencio, em ponto estrategico e promptos ao primeiro signal.

A conferencia foi extremamente amistosa. A principio o general oriental esteve tambem presente. Mas Flores não quiz ouvir as recriminações que Lopez lhe fazia de haver aceito o concurso estrangeiro para invadir o territorio de sua patria e depôr o governo legal, responsabilisando-o pela triplice alliança e pelo sangue que se estava derramando. O valente caudilho não levantou a discussão e, tomando o seu cavallo, seguiu em direcção ao acampamento de suas forças. Ao retirar-se D. Venancio Flores, Lopez, fixando a attenção, percebeu que um numeroso destacamento argentino fazia exercicios militares nas cercanias de Yataity-Corá e comprehendeu que o seu adversario tambem tomara as precauções de que elle não se havia esquecido.

O dictador se havia apresentado vestido na mais rigorosa etiqueta: casaca bordada de Marechal, botas de verniz, espada com os copos cinzelados de ouro, e um ponche de seda tricolor ricamente bordado. Mitre tinha apenas uma blusa militar sem galões, um chapeu desabado de feltro e uma espada commum.

A conferencia prolongou-se e aquelles dois homens, ambos na culminancia do poder, mas provindo de origens tão diversas, de caracter e tendencias tão desharmonicas, de sentimentos e costumes tão radicalmente oppostos, debateram por cinco horas a paz e a guerra, rememorando os incidentes que determinaram as hostilidades e o direito positivo de cada um dos estados belligerantes ; as offensas, os aggravos, as provocações que se trocaram de parte a parte ; os actos irregulares, violadores do direito das gentes e das

leis da guerra que levaram ao tratado da Triplice Alliança, pacto solemne garantido pela fé publica das nações contratantes e que de modo algum poderia ser quebrado sem previo e commum accordo. Em todo o caso Mitre chegou a apresentar a possibilidade da paz assentando na separação definitiva de Lopez do governo e da terra paraguaya.

—Isso só me imporão, atalhou com vivacidade o dictador, sobre a minha ultima trincheira, nos confins de minha terra!...

Finda a conferencia, consignaram a noticia della em um *memorandum*, escripto em tres vias pelo coronel Alem, antigo chefe da secretaria de Lopez; ao se separarem, depois de frases de amavel cortezia, Mitre aceitou um calice de rhum que o dictador lhe offereceu, e, saudando a proxima terminação da guerra, trocaram os rebenqnes de uso em lembrança do memoravel acontecimento.

V

Penetrando no alojamento do Marechal, Diaz veiu interromper uma profunda meditação que já durava horas. Depois da entrevista em que se mallograram todas as suas perspectivas, Lopez tinha inexoravelmente tomado a resolução desesperada de lutar até o ultimo instante e succumbir por fim, mas depois de aniquillados completamente os seus exercitos, morto o ultimo soldado, postas em ruina todas as cidades e aldeias de sua pobre terra, refugiado com todos os habitantes que lhe restassem, mulheres e crianças, nos mais longinquos páramos desertos onde não houvesse ainda pisado a planta humana. Com Diaz conversou por longo tempo e sobre tudo lastimava que Mitre houvesse entrado em accôrdo com o Imperador em relação á politica internacional. Nada mais pois, havia a se esperar delle, a cujo respeito, verificava agora, quanto se tinha illudido. Sentia profundamente que o general argentino o privasse da gloria de levar a termo o grande ideal do Libertador Simão Bolivar, expellindo para o outro lado do Atlantico a unica testa coroada que maculava a democracia americana e o que o general Alvear não tinha conseguido fazer na memoravel acção de Ituzaingo. Por fim, Lopez referiu a Diaz que Mitre lhe havia annunciado para

antes do fim da semana como elle já havia previsto,[1] um ataque decisivo por terra combinado com as forças navaes, e o encarregou de activar e dirigir pessoalmente as fortificações de Curupaity.

Não se havia enganado Lopez. As forças alliadas, a 22 de setembro, dez dias apoz a conferencia de Yataity-Corá, offereceram a formidavel batalha a que as fortificações de Diaz conseguiram oppôr uma resistencia invencivel. Foi uma acção sanguinolenta e desastrada em que o stoico heroismo das nossas forças valorosamente succumbiu nas muralhas de Curupaity que vomitavam fogo incessante. As valentes hostes alliadas chegavam por entre a metralha mortifera até os fossos principaes das fortificações para serem exterminadas pela intensa linha de fuzilaria das trincheiras, e era horrivel de se ver a loucura sagrada dos officiaes e simples soldados disputando á porfia os postos de maior perigo com ostentação sublime de valor inexcedivel e de desprezo pela vida.

Si no espirito do Marechal houvesse a comprehensão perfeita do patriotismo, apoz a victoria que suas forças tinham alcançado a 22 de setembro, elle por certo iria tentar a paz, talvez possivel dentro dos termos esboçados por Mitre. Mas Lopez preferia o exterminio da Patria, o sacrificio infecundo de todos os seus concidadãos, a despir-se do poder absoluto que usurpava á nação, abandonando o governo e retirando-se para o estrangeiro como um simples mortal.

Continuou a luta desesperada e sangrenta até que a morte o alcançou tambem nos areaes inhospitos de Aquidaban.

VI

Depois da funesta acção de Curupaity, quatro mezes decorreram sem que nenhum novo ataque fosse tentado de parte a parte. Apenas a esquadra brazileira não cessava os formidaveis bombardeios, tendo havido dias em que lançou mais de quatro mil projectis sobre as fortificações paraguayas. O general Diaz costumava galhofar desse fogo continuo, e, apregoando a inocuidade do divertimento

---

[1] Sabemos que o Sr. General Mitre contestou esse topico do livro do Sr. Dr. Godoi, pela imprensa platina.

dos brazileiros, affrontava, sentado nas muralhas das fortificações bombardeadas, a chuva das mortiferas granadas que caiam por toda a parte e que elle dizia inoffensivas e imprestaveis mesmo para dar lume ao seu cigarro.

Na manhan de 20 de janeiro de 67, em companhia de alguns ajudantes embarcou o arrogante official em uma pequena canôa e foi pescar no rio Paraguay nas proximidades de Curupaity que a esquadra bombardeava. Logo que a canôa foi vista, de bordo de um dos navios brazileiros rebentou a fumarada de tiro e um projectil enorme explodiu sobre a embarcação que espedaçou, ferindo gravemente a dois officiaes e arrojando Diaz no meio da corrente. Salvo pelo seu ordenança José Cuti, foi o general, tendo na perna direita grave ferimento, levado á sua barraca. Lopez, logo que teve sciencia do desastrado successo, fez cercar o amigo de todos os cuidados medicos, entregando-o ao Dr. Skiner, o melhor cirurgião do paiz, que procedeu á amputação da perna ferida. Logo que se tornou possivel foi Diaz trasladado em carruagem para o quartel general, em Passo-Pocú, onde foi tratado com especial attenção, aos olhos de Lopez que velava horas inteiras junto do seu leito. Duas semanas se passaram na alternativa da esperança e da duvida. Ao fim desse tempo porém, graves symptomas sobrevieram e a morte tornou-se inevitavel.

Aos 7 de fevereiro, pediu o moribundo que o deixassem só com o fiel Cuti, que ainda lhe não havia abandonado a cabeceira um só instante. Ao velho ordenança communicou suas disposições de ultima vontade, recommendando que no caixão funebre collocasse, no lugar proprio, a perna amputada que havia sido convenientemente embalsamada. Dadas todas as instrucções ao caboclo, pediu que o vestisse todo com a farda de general e logo que foi satisfeito esse desejo mandou chamar o Marechal. Lopez compareceu immediatamente e, alguns minutos depois, Diaz expirava, tendo communicado ao seu amigo e senhor que ordenára ao sargento Cuti que depois dos seus funeraes lhe fizesse entrega da espada que elle ainda trazia á cinta. Havia sido presente de Lopez, apoz a batalha de Corrales e elle a tinha desembainhado em 2 e 24 de maio, em Sauce, em Curupaity. Era tudo o que possuia.

Seu ultimo desejo foi despedir-se do exercito que devia desfilar ante seu córpo, logo em seguida á sua morte. Lopez porém, contrariou essa posthuma vontade, com o intuito, talvez, de occultar o

desapparecimento do prestimoso guerreiro, como systematicamente costumava fazer em relação aos mais notaveis successos da campanha.

A's duas horas da madrugada foi o corpo do general transportado a hombro até Humaytá, seguindo pelo rio para Assumpção, onde lhe foram feitos os mais solemnes e opulentos funeraes que jamais se realizaram naquella terra. Nem igual os haviam tido o dictador Francia e o presidente Carlos Antonio Lopes.

Conta-se que as forças alliadas quando entraram triumphantes em Assumpção, apoz cinco annos de um pelejar sem treguas, entregaram-se aos mais condemnaveis excessos, não respeitando mesmo o sagrado retiro em que repousam os mortos.

O mausoléo que recolhia o corpo do legendario caudilho foi porém, religiosamente respeitado. A soldadesca embriagada pela victoria, na sua infrene destruição, não ousou tocar no sarcophago do valente inimigo. Posteriormente porém, esse monumento funebre que havia merecido o respeito de adversarios triumphadores, foi profanado irreverentemente pelo proprio governo do Paraguay.

D. Candido Barreiro, quando Presidente, fez abrir o mausoléo sagrado e nelle collocou, junto ao corpo do morto batalhador, o cadaver de Francisco Lino Cabriza, um sicofanta...

RODRIGO OCTAVIO

BIBLIOGRAPHIA

66. — **Direito das Obrigações** por Clovis Bevilaqua, lente cathedratico de legislação comparada sobre o direito privado na Faculdade de direito do Recife, 1 v. 8º gr. 478 pag., Bahia, José Luiz da Fonseca Magalhães, editor, 1896.

Aos autores mais conspicuos da literatura juridica brazileira veiu reunir-se o Sr. Dr. Clovis Bevilaqua, publicando o *Direito das Obrigações*, rico fruto de aturados labores, que affirma uma individualidade poderosa e activa. Embora, com louvavel modestia que sobrepuja a verdade, diga no prologo o operoso lente da Faculdade de Direito do Recife não foi seu intuito esquadrinhar com arguta analyse todos os recantos do curioso departamento do direito privado, conhecido pela denominação de *Direito das Obrigações*, ou fazer descobrimentos em regiões a miude trilhadas pelos mais insignes mestres da jurisprudencia, certo é que pondo de lado o referente ao direito de familia, das coisas e das successões, objecto de trabalhos especiaes, tratou o autor, no *Direito das Obrigações*, do principal que ao assumpto cabe.

Divide-se a obra em duas partes: theoria das obrigações ; causas geradoras das obrigações. Na primeira versa o seguinte : o conceito philosophico, romano e moderno das obrigações, sua norma, seu sentido juridico lato e restricto, sua definição, objecto e causas ; os direitos obrigacionaes e as respectivas affinidades e differenças com os outros ramos de direito, com a moral, economia politica e psychologia ; a evolução e theoria dos direitos obrigacionaes ; as fórmas contractuaes ; a transição da obrigação collectiva para a individual ; a classificação e descripção das obrigações e seus effeitos no direito civil, commercial e internacional privado ; e finalmente como ellas se extinguem e quaes as consequencias de sua inexecução. Na segunda parte — causas geradoras das obrigações — o A. investiga 1º a theoria geral das obrigações descendo até a noção e funcção dos contractos ; a differença entre ellas e os actos juridicos, os requisitos que as formam, validam e tornam exequiveis ; os vicios que as attingem, provocam mera indemnisação ou as annullam ; a forma e prova dos contractos, sua classificação, interpretação e casos de subordinação á lei estrangeira ; 2º a promessa unilateral, como uma das causas geradoras dos contractos, expondo e justificando a theoria respectiva com a estipulação em favor de terceiro, com os titulos a ordem e ao portador e a promessa de recompensa ; 3º os actos illicitos e quasi contractos e outras fontes de obrigação : 4º os contractos em particular, descrevendo-os a traços largos, mas com proficiencia, taes como a doação, o emprestimo,

o deposito. o mandato, a gestão de negocios, a compra e venda, a troca, a locação, a edição, a sociedade, o seguro, a constituição de renda, o jogo e aposta, e finalmente a fiança.

Destes lineamentos resalta a vastidão e importancia da obra ; para aferir-lhe o exacto merecimento, convem lêl-a. Terá, entretanto, avantajada ideia do que vale, quanto é util e actual, quem souber que, filiando-se á san doutrina dos mestres, estudando as novas relações e formas juridicas creadas pelas necessidades e influxo da civilização, e usando dos processos da critica moderna, o A., sempre attento á historia, ao direito romano, ao patrio e ao estrangeiro, á lição dos jurisconsultos, á jurisprudencia dos tribunaes, á evolução da sciencia, quasi tudo perscruta, analysa e elucida, escolas, systemas, theorias, classificações, opiniões, leis, usos, e autores ; e no ponto das controversias, raro é não inclinar-se ás soluções mais consoantes aos principios, á razão e á equidade, circumstancia que acredita seu tino juridico, bem como ali ressumbra o largo e profundo estudo a que se consagrou. Assim, constitue o *Direito das Obrigações* um livro precioso de consulta e ensinamento, e na especie faz jus a ser considerado obra singular na lingua portugueza.

Porventura não ficou algumas vezes distribuida a materia como o exigia a filiação logica das ideias ; affluem repetições ; notam-se aqui e ali negligencias, equivocos, lacunas. São leves defeitos a corrigir na proxima edição que não tardará já pelo merito da obra, já pelo rapido consumo que a aguarda, destinada, como é principalmente aos estudantes de direito, já pelo natural investigador do Dr. Clovis Bevilaqua e seu indefesso amor ao trabalho, cuja fecundidade é anormal entre nós. Não me parece sem proveito accentuar alguns reparos.

A asserção do A. exarada a p. 174 e 175 provoca rectificação; pretende elle, que, embora ex-vi da Ord. L. 4 t. 50 § 3 possam os filho familias contrahir responsabilidades sobre seus bens proprios, nega-lhes o Cod. Comm. art. 133 a capacidade de contractar. Mas, no lugar indicado o Codigo se limita a permittir a profissão de commerciante ao filho familias, maior de dezoito annos, para isso autorizado pelo pai por meio de escriptura publica. D'aqui se vê que o Codigo não reputa incapaz de contractar ao filho familias maior de dezoito annos ; apenas o fere com a incapacidade peculiar de commerciar, salvo autorização paterna.

Como uma das causas da extincção da locação enumera o A. a fallencia do locador ou do locatario, apoiando-se em Teixeira de Freitas, *Consolidações das leis civis*, art. 653, nota 3.ª. Este eximio jurisconsulto não lhe suffraga a opinião, ao contrario ; depois de lembrar que nada mais falso do que o proverbio — *morte e casamento desfaz arrendamento*, em face da Ord. L. 4 t. 45, § 3, que impõe aos herdeiros a obrigação de cumprir os contractos daquelles a quem succedem, conclue que por identidade de razão tambem não se resolve o arrendamento pela fallencia do locador ou pela fallencia do locatario, salvo si a locação fôr feita com prohibição de ceder e sublocar. E Zachariæ, Troplong, Duvergier e outros jurisconsultos, bem como a jurisprudencia, firmaram o principio da não rescisão da locação, pela fallencia do locatario, excepto si ficar em risco o direito do locador. Censurando, com razão de sobra, a dureza da Ordenação que permitte despejar durante o arrendamento ao inquilino, si precisar da casa o locador para sua morada ou de seus filhos e irmãos, acrescenta o A. que *neste caso*, requintando de rigor, a lei denega ao inquilino a opposição suspensiva do despejo até a liquidação e pagamento do valor das bemfeitorias autorizadas pelo senhorio. Não é, porém, só *nesse* caso que a lei tira á opposição do inquilino o effeito suspensivo; é em todos os *quatro casos* da Ord. L. 4 t. 24, conforme se acha summariado na referida Consolidação art. 670 e expressamente disposto no final do Assento de 23 de Julho de 1811.

A solidariedade dos signatarios das letras de cambio não é effectiva sómente quando nellas ha mais de um saccador ou endossador, como sustenta o A. apoiando-se aliás no art. 422 do Codigo do Commercio, que estabelece expressamente doutrina diversa nestes termos «todos os que saccam ou dão ordem para o saque, endossam ou aceitam letras de cambio ou assignam como abonadores, ainda que não sejam commerciantes, são solidariamente garantes das mesmas letras e obrigados ao seu pagamento.» Nas letras de cambio ordinariamente ha um saccador, pessôa singular ou collectiva; póde não haver endossador, si o portador, ou a pessôa a favor de quem foi saccada a letra, não a endossou. Isto não obstante, apresentando-se o portador a cobral-a, depois de preenchidas as formalidades legaes, são solidariamente obrigados ao pagamento, tanto o saccador como o aceitante ou saccado, por força daquelle artigo 422 do Codigo Commercial e da nunca jamais interrompida jurisprudencia dos tribunaes.

Nas letras da terra, em tudo iguaes ás letras de cambio, com a unica differença de serem passadas e aceitas na mesma provincia (hoje estado) o (Cod. Com. art. 426), tambem se dá ampla e absoluta solidariedade de pagamento. E ordinariamente nas letras da terra, quando a obrigação de pagar é restricta á pessôa do aceitante para com a do saccador ou á sua ordem, só apparece o endosso deste a um terceiro depois de vencida e não paga a letra. Mas, este, si não passou a letra adiante, não é um endossador, é um simples portador della, tem o indisputavel direito de se pagar ou do saccador e simultaneamente endossador, ou do aceitante, ou de ambos, porque ambos, si bem que não haja no titulo sinão um só saccador ou endossador, são solidariamente responsaveis pelo pagamento.

Nem no deposito nem no mutuo occorreu ao A. uma especie, larga e longamente agitada em nosso fôro, sobre a qual felizmente parece firmada a jurisprudencia, applicando-lhe a bôa doutrina do artigo 875 do Codigo Commercial. Assim como não póde ser considerado deposito o de genero sem designação de especie, o dinheiro que vence juros e a somma entregue a banqueiros com a retirada livre, considera-se igualmente verdadeiro mutuo o deposito apparente de dinheiro com praso certo para a restituição ou pagamento da quantia entregue. A' commissão *del credere*, tão importante no tocante á responsabilidade do mandatario para com o committente pelos terceiros com quem por conta delle committente contractou, não dispensou o A. senão breves palavras, citando para corroboral-as Codigos estrangeiros e esquecendo o nosso Codigo Commercial que se occupa do assumpto nos artigos 175 e 179. Dissertando o A. sobre a fiança, não lhe addicionou as cartas de credito e abono que aquelle Codigo no art. 264 previu e regulou. Tambem, nem uma pa'avra escreveu sobre o *reporte*, figura de direito nova, conhecida e praticada entre nós e de que se occupam já os Codigos Commerciaes modernos, como o Italiano e o Portuguez. Mas, a omissão mais lamentavel do A., se me propõe o seu absoluto silencio sobre as obrigações ao portador (*debentures*) das sociedades anonymas e sobre as apolices do Estado ao portador. Savigny no *Tratado das obrigações* incluiu-as, assim como os bilhetes hypothecarios da Prussia, nos titulos ao portador, e as apreciou em sua natureza, variedades e effeitos. Quizera vêr materia tão grave tratada pelo talento do A. do mesmo modo por que discretamente se desempenhou do contracto da edição, sobre que aliás não ha lei nossa, como ha sobre as obrigações ao portador das sociedades anonymas, Lei de 4 de novembro de 1892, art. 32, Decr. de 17 de janeiro de 1890, art. 32 e Decreto de 15 de novembro de 1893. São taes titulos de tanta circulação entre nós e já tem suscitado tantas questões; revestiu-os a lei de tamanhas garantias e formam recursos tão fecundos ao desenvolvimento das sociedades anonymas de capital limitado ou cujos accionistas não querem ou não pódem amplial-o ou completal-o pelo pagamento do resto das entradas, que é estranho havel-os esquecido o A.

Não me acodem outras observações que se prendam á substancia do trabalho do Dr Clovis Bevilaqua, nem me permittem maior desenvolvimento as estreitas proporções da secção bibliographica da *Revista* e a simples leitura, si bem que assaz detida, que fiz da obra. Discutir theorias, escolas, systemas, divagar em abstrações, destrinçar definições e acarear apices scientificos, é tarefa avessa ao meu temperamento e opposta ao meu espirito que mais se apraz e alimenta do que é certo, positivo, pratico, aceito pelos mestres e sancciõnado pela ancianidade dos tempos. Agradou-me a obra; com o pouco que sinceramente me saíu da penna em ligeiras observações, rendo a homenagem devida aos talentos não communs do Dr. Clovis Bevilaqua e fervoroso applaudo o importante e util trabalho que em bôa hora deu á luz.

Todavia, com a franqueza que me é habitual, mórmente dirigindo-me a pessôas de verdadeira valia, consinta o illustrado Dr. Clovis Bevilaqua, dizer-lhe que o seu notavel trabalho seria credor de muito maior louvor si, mais subordinado á materia e expungidas certas divagações especulativas, outro fosse o seu estylo, outra a sua linguagem. O *Direito das Obrigações* é uma producção scientifica que o A. no prologo declara dirigir principalmente aos *catechumenos* do direito. Mais obrigatoria para o A. cumpria ser sua linguagem clara, precisa, concisa, corrente e singelo, são e vigoroso o estylo.

Apanho ao acaso alguns trechos dos mais dissonantes e abstrusos. Logo á primeira pagina do livro, escreve o A.: «na ideia de obrigação facilmente descobre a analyse dois elementos essenciaes: a limitação, o *encadeiamento* da liberdade *psychica*, refreiando a expansão da personalidade, e concomittantemente um *estimulo* que vem determinar a *vasão*, por um determinado *sulco*, das *energias* assim refreadas.» — Si não fôra o respeito que inspira o A., eu diria que a fórma resvala a amphiguri. A palavra *encadeiamento*, que significa tambem connexão, concatenação, união, sobre equivoca posta ali, é ociosa depois da palavra *limitação*, que encerra toda a idéa do A.; o adjectivo *psychica* unido á liberdade, é superfluo; um *estimulo* que vem determinar a vasão por um determinado *sulco*, das energias refreadas pela limitação da liberdade, é uma frase confusa pela impropriedade do substantivo «estimulo» e da figura do *sulco* por onde *vasam* as energias refreiadas.

Bebeu o A. a noção da coisa em Savigny; mas este, mau grado o germanismo, exprime-a de um modo nitido, adequado, comprehensivel «em toda a obrigação temos duas pessôas collocadas em uma relação de desigualdade reciproca; de um lado, vemos a liberdade pessoal levada além de seus limites naturaes, como dominação sobre uma pessôa estranha, de outro lado vemos a liberdade natural restringida, como um estado de sujeição e constrangimento».

Da pagina 5 destaco este periodo frouxo e pouco intelligivel, pelo abuso e mau emprego dos pronomes e adverbios; lêl-o é condemnal-o: «A obrigação não vincula a pessôa *obrigada a qualquer* ou a todas as outras que se acham em contacto com *ella, mesmo* em relação ao facto da obrigação. Para que *ahi* exista o vinculo obrigatorio, é preciso que as pessôas eladas *por elle*, se achem numa situação que não é commum a quaesquer outras; é preciso que por acto *dellas* ou de outrem ou em virtude da lei, esteja uma *dellas* habilitada a exigir a prestação e a *outra* na contingencia de cumpril-a.» A' pag. 24 se lê: «abandonando agora os mares agitados desta bella sciencia do trabalho e do valor, busquemos os *fjords* emparcellados dessa *não menos capitosa* doutrina que *se esforça* por surprehender a vida na *crypta obscura* da consciencia humana.» Está altisonante e apocalyptico e por isso melhor brilhava o trecho nalgum escripto literario de noviço gongorista. Ama o A. as figuras, a linguagem translata. Em outro logar assim se exprime: «Nos dominios da philosophia não se encontram

sómente *ondulações inconstantes e fugidias*; não ha sómente *obscuridades enganosas. Vastos plainos lavados do sol* ahi se *alongam.* Noutras paginas se lê: «a promessa *petrifica-se* »; «essa energia *cristallisa* a promessa »; «falam em prol de todos elles tão valiosas razões de equidade e tão nobres sentimentos fundamente arraigados na *psyché* humana.» Basta isto. A proposito da «*psyché* humana», seguramente o A. allude ao espirito humano; mas *psyché* não é vocabulo portuguez, é francez genuino. Psychis, Psyche, é como escrevem autores da autoridade de Jorge Ferreira, Sá de Miranda, Filinto e Garrett. Ninguem ignora que os nomes francezes femininos acabados em *é* e oriundos do grego, recebem em portuguez a terminação em *e, es* ou *is*. Hebé, Psyché, Cloé, Dannaé, Niobé, Semelé, Circé, Thisbé, etc., escrevem-se e soam em portuguez Hebe, Psychis, Psyches ou Psyche, Cloe, Danae, Niobe, Semele, Circe, Thisbe, etc.

Está eivada a obra de muitos outros peregrinismos e modos de dizer estrangeiros. A' pagina 330, por exemplo, li: «esta proposição se impõe com força de um *truismo.*» Creio que é um anglicismo adoptado com sacrificio de tantas palavras que na lingua temos exprimindo o mesmo,—axioma, verdade evidente, sentença, etc. E' frequentissimo do A. o verbo *constatar* e seus derivados para significar "provar, certificar, conter, referir, attestar, documentar, verificar, etc. A' pagina 104 emprega o A. *reclame*, como feminino e como se escreve no francez "de dia a dia se multiplicam os titulos ao portador, os seguros de vida, as reclames, os prospectos." *Reclame* não é portuguez, nem de tal palavra carecemos; possuimos de longissima data vocabulo semelhante a esse e com significação identica e até mais extensa, é *reclamo*, antigamente *recramo*: coisa que attrae, convida, desperta a attenção, illude, confunde; chamariz, chamada; annuncio pomposo; ornato, etc. Andou constantemente em uso na lingua e portanto não *prescreveu*. Desde os quinhentistas, Jorge Ferreira, Soropita, Fernão Alvares, desde Gabriel Soares, o Padre Vieira, mestre dos mestres da lingua, até Filinto, o grão Filinto, e Camillo Castello Branco, que ainda foi nosso contemporaneo, todos que presam, veneram e conhecem a lingua portugueza, empregam para exprimir a idéa da palavra franceza *reclame* o tão nosso vocabulo — reclamo. Seria um não acabar o indicar faltas similhantes, ou neologismos infundados, como *attinencia* e o sesquipedal *tendencialidade*; ou inadvertencias taes como "forma dos contractos é o *aspecto* pelo qual se objectiva a manifestação da vontade dos contractantes," não reflectindo o A. que *fórma* e *aspecto* são synonimos e tanto importa dizer forma é aspecto como forma é fórma; ou antilogias, como assignalar *perpetuo* o mandato do gerente numa sociedade *temporaria*.

Releve-me o A. estas observações pelo motivo que m'as dictou. Oxalá sejam ellas recolhidas de bom animo, como espero, porque só aos avisos beneficos da verdade se mostram irritadiças as mediocridades; e breve se me depare a conjuncção de ver contente que de minhas palavras tirou proveito o Dr. Clovis Bevilacqua castigando a linguagem e o estylo nas producções que publicar, tornando-se, além de autor notavel que é escriptor não menos insigne, que só não o será, si não quizer, como deve querer, para mais realçar e perpetuar o renome glorioso já adquirido. — HERACLITO GRAÇA.

67. — **Cartas de Inglaterra** de Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, 1806, in-16, XX — 140 pags.

Os differentes capitulos deste livro, que só tem a ligal-os, como diz o A, «um espirito commum, uma só aspiração, a vibração do mesmo sentimento». foram antes publicados na imprensa diaria, mas tal é o prestigio do estylo do Sr. R. B. que se releem com o mesmo prazer que da primeira edição, ainda quando não nos interessem especialmente as idéas nelles expendidas, os

assumptos nelle versados. O caso do capitão Dreyfus, as opiniões de Balfour sobre as bases da fé, a lição que podemos tirar da guerra sino-japoneza, os governos de Francia e Rosas, questões constitucionaes e questões pessoaes envolvendo questões de principios, tudo é neste livro tratado com o mesmo vigor de estylo, a mesma segurança de informação, a mesma sciencia das fontes, que frequentemente pecca por abundante, a mesma eloquencia, a mesma rara pureza de linguagem, copiosa como nenhuma na lingua portugueza desde Camillo Castello Branco, que fazem do Sr. R. B. um dos nossos mais consumados escriptores. A versatilidade do talento do Sr. R.B. é verdadeiramente admiravel e, sem que o meu pensamento traduza sombra siquer de ironia, confesso que não sei si para a sua gloria e para o seu papel no nosso movimento de idéas, não lhe será isso antes prejudicial que proveitoso. Não é sinão á propria custa que se desperdiça cabedal similhante numa obra tão diversa e sobretudo tão momentosa, como é a variadissima obra do A. das *Cartas de Inglaterra*. Sei que nas sociedades rudimentares, como de algum modo ainda é a nossa, a divisão do trabalho não é inteiramente possivel e que um homem dotado de certas faculdades e da necessidade intima de dar-lhes exercicio, tem de fazer a obra que em sociedades mais completas cabe a muitos. E' o caso e a desculpa do Sr. R. B. e de outros que entre nós se não podem especializar e, portanto, tornar a sua obra mais profunda, tornando-a ao mesmo tempo mais solida.

A discussão das idéas e opiniões do Sr. R. B. nestas *Cartas* excederia de muito os limites destas noticias; não a tentaremos pois. Demais, tal discussão ultrapassaria igualmente o campo da especulação literaria e philosophica invadindo o da politica e da politica do dia, com as suas paixões e mesquinharias. E', pois, sómente como obra literaria, como obra d'arte, que direi deste livro que elle é um dos mais bellos que têm saido ultimamente dos prélos nacionaes. O estudo de Francia é um modelo do genero, e si bem que a sua parte fundamental e propria pertença, como é expressamente declarado, a Carlyle, tal foi o talento com que o A. aproveitou o escriptor inglez, que temos ao lel-o a impressão de um admiravel quadro original. Por igual é um modelo no genero o artigo sobre o *Congresso e a justiça no regimen federal*. Póde-se talvez dizer sem lisonja que si algum dia o nosso Supremo Tribunal tiver no nosso organismo politico o mesmo papel da *Supreme Court* dos Estados Unidos, isso se deverá por muito ao Sr. Ruy Barbosa.

Sobre as questões levantadas pelo artigo *As bases da fé*, haveria muito que dizer em divergencia das opiniões do Sr. R. B. que desillusões politicas, respeitabilissimas aliás, estão tornando demasiado conservador, sem sacrificio entretanto do seu generoso liberalismo que, não obstante divergencias politicas ou philosophicas, o fazem sympathico a todos os espiritos livres. Certo é um phenomeno admiravel o espirito religioso da Inglaterra — como é em geral admiravel aquelle povo. Mas phenomenos taes são por tal fórma um producto do sólo, da raça, do meio, um modo de ser tão particular e peculiar, que não ha imital-os. Não podemos transportal-os, como o *habeas-corpus* ou um systema qualquer de construcção de pontes. A mim demais não se me afiguram necessarias á salvação das sociedades as doutrinas espiritualistas dos *leaders* conservadores inglezes que aconselham aos que soffrem fome e sede, não só de justiça, mas de pão, como remedio a crença no sobrenatural e a resignação. São mesinhas faceis de receitar quando se está farto e bem. O escriptor das paginas generosas sobre esse infeliz capitão Dreyfus, cruelmente sacrificado ao ridiculo chouvinismo francez, certo comprehende que a sociedade soffre de males profundissimos para os quaes não são remedio a reacção espiritualista e conservadora de que o livro do Sr. Balfour é mais uma manifestação.—J. V.

A POLITICA

O partido republicano federal foi fundado com intuitos conservadores, mas ninguem em boa fé poderia dizer hoje que elle os tenha mantido. O seu organizador, e que é tambem o seu chefe reconhecido e proclamado, o Sr. general Francisco Glycerio, declarou na tribuna da camara dos deputados, ao findar a sessão parlamentar do anno passado, que esse partido caminha para o radicalismo intransigente, e insistiu na mesma ordem de idéas no discurso que proferiu no banquete que ultimamente lhe foi offerecido em S. Paulo. Outro vulto eminente do partido, tão eminente que os seus partidarios o acclamaram na mesma occasião futuro presidente da Republica, o Sr. senador Quintino Bocayuva, tambem em um discurso recente declarou-se arrependido da tolerancia que usou durante o governo provisorio com os monarchistas que adheriram ao novo regimen, pondo-se assim ao lado dos intransigentes, entre os quaes figuram aliás com mais desembaraço que escrupulos alguns cidadãos que serviram o antigo regimen, em posições subalternas, mais por causa da incompetencia delles que dos seus principios politicos então mais acommodaticios.

Para justificar a marcha que se tem feito nesse sentido, recorre-se ao sophisma especioso de dizer que o partido mais exaltado, mais radical, foi realmente o unico que se poz abertamente em campo, que tomou armas, quando as instituições foram ameaçadas pela revolta de setembro, e que é ainda o unico de que se tem

certeza que virá para a rua si nova tentativa do mesmo genero se manifestar.

Que esse elemento é util, necessario, inevitavel, nas sociedades organizadas como naquellas que estão em via de organização, não ha quem pense em contestal-o ; que não é licito pôr em duvida o seu republicanismo, que é o dogma primeiro do seu credo politico, tambem todos o reconhecem ; mas concluir d'ahi, pelo facto de defenderem elles a Republica a todo o transe, que elles constituem um elemento conservador, é forçar consideravelmente a logica, e desconhecer que a Republica não se mantem só pela luta armada, e que o menor dos inconvenientes da intransigencia é reduzir o numero dos trabalhadores que concorrem para o progresso e o engrandecimento do paiz.

E a linguagem de que se serviu o Sr. general Francisco Glycerio no banquete de S. Paulo é sufficientemente caracteristica. Disse S. Ex. que os « restauradores não formam um partido filiado a interesses conservadores, são antes revolucionarios, pois só pelos processos extremos das guerras civis e das desordens interiores, podem pretender a occupação dos poderes politicos da nação a cujo funccionamento estão impedidos de prestar até mesmo os serviços que a competencia technica porventura tornasse uteis. »

Parece que S. Ex. quiz dizer — os monarchistas —, porque seria uma banalidade affirmar que convém arredar de todas as funcções publicas os que lutam pela restauração da monarchia ; mas isto foi apenas o primeiro termo de uma progressão ascendente, que nos periodos seguintes do discurso chegou á mais completa intransigencia radicalista.

Continúa o chefe politico :

« Que a divergencia das divisões partidarias sobre a base da mesma fórma de governo não é motivo de impedimento para o ingresso ás funcções politicas, administrativas, ninguem póde pôr em duvida vivendo num regimen republicano. Mas, quando se trata de confiar as posições de responsabilidade aos que ensinam, aos que fazem e aos que applicam as leis, aos que administram e aos que ajudam a administrar a nação, aos que nos defendem no interior e aos que no exterior nos representam, manda a lealdade que sómente as confiemos a servidores cuja fidelidade esteja ligada á sorte das instituições. »

Repetimos o argumento : ou S. Ex. proferiu uma banalidade si se refere a cidadãos que não tenham dado provas de ter adherido sinceramente ao novo regimen, ou S. Ex. entende que toda a funcção publica só deve ser confiada a republicanos historicos, desde o ensino, a representação nacional, o poder judiciario, a administração superior e subalterna, o exercito e a armada, até a diplomacia.

Mas, neste caso não se vê bem o que pretende S. Ex. fazer do Sr. vice-presidente da Republica, um dos fundadores do partido republicano federal, e seu primeiro candidato á vice-presidencia, e que é um adhesista ; o que pretende fazer de tres dos actuaes ministros, que foram homens politicos no tempo do imperio ; que destino quer dar ao presidente e alguns membros do Supremo Tribunal Federal, que serviram a monarchia ; que processo de depuração vai empregar contra o Sr. Rosa e Silva, que presidiu a camara dos deputados, e acaba de ser eleito senador por Pernambuco, contra o Sr. Arthur Rios, indicado para presidir a camara, e contra tantos outros que com S. Ex. fundaram o partido, e que ao lado de S. Ex. têm militado.

E porque esta nova orientação de espirito dos Srs. generaes Francisco Glycerio e Quintino Bocayuva ? Por causa da revolta de setembro ? Mas, si o primeiro chefe dessa revolta, o Sr. contra-almirante Custodio de Mello era um adhesista, o marechal Floriano que o venceu e salvou a Republica tambem o era, e o almirante que elle nomeou para commandar a esquadra legal não era um republicano historico. E si na revolta da esquadra figurou Saldanha da Gama, restaurador, tambem nella tomaram parte officiaes, como Lorena, e outros, que tomaram parte activa no movimento de 15 de novembro. Será por causa da revolução do Rio Grande do Sul ? Mas essa só teve um elemento suspeito, o Sr. Silveira Martins, e esse mesmo diz que o seu ideal é o parlamentarismo, e cai no segundo *item* do discurso do Sr. general Glycerio « a divergencia de opiniões partidarias sobre a base da mesma fórma de governo » e seria francamente adhesista si tivessem querido chamal-o a si os primeiros governos republicanos ; mas todos os outros chefes da revolução rio-grandense eram republicanos historicos.

Comprehende-se que, como chefes politicos e grandes responsaveis pela situação, os Srs. Glycerio e Quintino tenham pensado em aproximar-se dos radicaes, justamente porque pôr-se em

guerra aberta contra elles, em nome do conservatismo, seria fazer perigar a ordem, sem ter certeza de dispôr de elementos de força sufficientes para restabelecel-a, porque o radicalismo tem adeptos numerosos nas classes armadas; comprehende-se que tenham cogitado em confiar-lhes funcções de responsabilidade, não vendo na divergencia partidaria de suas opiniões exaltadas « impedimento para o ingresso ás funcções politicas e administrativas ». O que se comprehende menos é que SS. Exs. em vez de se aproximarem só dos homens dessa opinião, adoptem as suas doutrinas, alterem os intuitos que presidiram á fundação do partido republicano federal, cooperando para este resultado extranho de um regimen em via de organização que não póde contar com um partido conservador, deixando portanto sem representação politica as classes conservadoras da sociedade, que são o nucleo em torno do qual se desenvolve a fortuna publica, que são o ponto de partida do progresso, que são a base em que assentam a ordem e a tranquillidade publica.

Ora, nas reuniões de formação do partido republicano federal, o Sr. Nilo Peçanha, que não é um retrogrado nem um adhesista, propoz que o partido se denominasse republicano conservador, o Sr. Horacio Costa queria que se lhe chamasse republicano constructor, o Sr. Rosa e Silva declarou que, apezar de parlamentarista, entrava para o partido que francamente arvorava a bandeira conservadora; o Sr. Manuel Victorino, impugnando a denominação que se pretendia dar ao partido de republicano conservador, disse todavia não haver duvida de que o programma do partido que nesse momento se organizava era eminentemente conservador. Foi tal o espirito conservador que presidiu á organização do partido que, tendo o Sr. Dr. Prudente de Moraes proposto que ao n. 1 do programma em que se affirmava sustentar e defender a Constituição de 24 de fevereiro se acrescentasse « com as modificações que a experiencia vier a reclamar », a commissão julgou desnecessario este acrescimo.

Póde-se, porém, dizer, á vista dos discursos a que nos referimos, dos Srs. generaes Glycerio e Quintino, que o partido republicano federal é um partido conservador? De certo que não, e o resultado da nova orientação desses dois chefes será forçosamente a desagregação desse partido, o unico verdadeiramente forte que

temos, pois que os seus elementos verdadeiramente conservadores, aquelles de que se poderia dizer que têm o conservatismo na massa do sangue, não podem de modo algum conformar-se com a intolerancia politica de que aquelles dois chefes estão fazendo o artigo principal do seu programma.

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

MAIO **1**. Assume a presidencia do estado de S. Paulo o Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles—Manifestações socialistas, algumas seguidas de desordens, em varias cidades da Europa.—Assassinato do shah da Persia, Nassr-ed-dine por Mollah Reza.—**4**. Submissão dos revoltosos de Nicaragua.—Proclamação do principe herdeiro Mouzaffer-ed-dine como shah da Persia.—**5**. Occupação da praça de Adigrat (Abyssinia) pelos Italianos.—**9**. Condemnação á morte em Havana pelo tribunal militar dos flibusteiros presos a bordo da goleta *Competidor*, que levavam armas e soccorros aos revolucionarios Cubanos.—**11**. Fallecimento na cidade do Recife do Dr. Junqueira Ayres, deputado federal pelo Rio Grande do Norte. Era engenheiro e fôra deputado geral no Imperio, em 1886.— **13**. Eleição senatorial no Districto Federal; é mais votado o Dr. Thomaz Delfino.

GIOVANNINA[1]

QUADRO QUINTO

Ampla sala, em fórma de ferradura, de um theatro italiano. Prodiga a decoração: Columnatas, medalhões, figuras alegoricas, paineis mythologicos, doirados á larga. A plateia descamba em suave declive para a orchestra numerosa. Cinco ordens de camarotes, forrados de vermelho. Das lampadas electricas se despejam e tudo inundam ondas de intenso luar, lacteo, rijo e frio, como marmore polido. O conjunto enleva e deslumbra. Pullula a multidão.

Que lindas mulheres povoam os camarotes, ostentando extraordinarios requintes do luxo! Que de variegadas sedas, setins e velludos, consorciados da mais graciosa maneira! Que magnificos braços e collos nús, recamados de joias e de flores! Quantos mancebos donosos de alta elegancia, procurando dar a mais nobre postura aos corpos e a mais distincta expressão ás physionomias!

As palpitações dos leques, as scintillações dos diamantes, a profusão das cores, a multiplicidade dos semblantes e das attitudes produzem a maravilhosa impressão de um immenso kaleidoscopio vivo.

Congrega-se ali quanto possa impressionar o espirito e os sentidos. Refinadissima concreção social da sumptuosidade e do bom gosto, producto de extremada civilização! Esmeram-se homens e coisas, por meio de mil complicados artificios, em suggerir a idéa de inexcedivel cultura, polidez sem par, absoluta selecção.

Canta-se *Parsifal*, uma das obras primas de Ricardo Wagner.

Forma o entrecho uma legenda medieval em que ha torneios, reis acclamados e reis depostos, castellos mysteriosos, princezas prisioneiras, feiticeiros, lanças encantadas de cuja ponta, pinga sempre sangue, proezas de paladinos, talismans,— e em que figura o S. Graal,— vaso symbolico, de estructura ineffavel, inapprehensivel ao olhar e á descripção, pelo qual, segundo uns, Jesus bebeu na ceia com os apostolos e onde, consoante outra versão, José de Arimathéa colheu gotas de sangue do proprio Christo moribundo.

Da musica transborda grandiosa inspiração. Paira, por sobre as vagas sonoras, a alma das éras mysticas. A poesia profunda da cavallaria, os arroubos dos seculos asceticos, as aspirações, os soffrimentos, as phantasmagorias, os devaneios intimos de todo um enigmatico cyclo historico perpassam em estupendas combinações melodicas, das quaes cada uma evoca uma imagem ou desvenda perspectiva infinita.

E' a arte na sua mais complexa e sublime manifestação, ou antes, o concurso simultaneo de todas as artes num supremo esforço expressivo. Tragedia, epopeia, idyllio, desenho, esculptura, mecanica, optica, architectura, dansa, alliam seus principaes elementos para

---

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de abril e de 1 e 15 de maio.

o effeito da grande obra musical. E a torrente de harmonias empolga a intelligencia e a sensibilidade dos espectadores, arrastando-os, como num vôo, ás regiões supernas, onde, longe da miseria humana, começa-se a respirar o ambiente do divino.

Terminou um dos actos. Levanta-se e se agita a turba, ainda vibrante. Saem uns; entram outros. Vendedores de jornaes, frutas e confeitos cirandam, gritando, entre as filas das cadeiras. Mancebos de pé, voltadas as costas para o palco, assestam os binoculos, pesquizando os camarotes. Nestes, fazem-se visitas, conversa-se, ri-se. Reina um borborinho alegre. Fluctua uma poeira luminosa no ar, pejado de aromas. Resplandecem as damas; e os seus pandos leques multicores batem languidos, como azas de anjos cançados ou de passaros captivos.

Junto á orchestra, varios moços encasacados, camelias e cravos ao peito, palestram a meia voz, circumvagando curiosos olhares pelo recinto.

Um moço

Bella sala! Commercio, politica, sciencia, artes estão representados. Formosas mulheres! Formosas mulheres! Ha muito tempo que não vejo espectaculo tão agradavel, casa tão cheia.

Outro moço (*passando o binoculo ao primeiro*)

Repara na marqueza de Felsina e na duqueza de Cengio. Esplendidas *toilettes!* A da marqueza exagerada, como sempre. A mulher do banqueiro Cavagnola traz em si um mundo de perolas e brilhantes.

O primeiro moço

E como está pintada! Olha a Diana Civello como conversa com Domenico, o celebre medico. Hum! Gestos frios e cerimoniosos em extremo, traduzindo intimidades secretas!

O segundo moço

Pobre marido! Mais um para a santa irmandade.

Outro moço

O banqueiro mostra a physionomia carregada. Perderia hoje na bolsa ou surprehenderia alguma traição da sua nova amante, Bianca... a pequena Bianca de olhos verdes e que tem um signal preto no flanco direito?!

Outro moço

Quem será aquella senhora do terceiro camarote da segunda ordem? Não a conheço.

Outro moço

Nem eu. E' bonita. Parece provinciana pelo vestuario. Bem bonita, sim senhor. Vamos contemplal-a de perto. Saiamos.

Outro moço

O *demi-monde* está tambem *au grand complet*. A Clemenza, a Rachele, a Giuditta... Não ha duvida, magnifica festa...

Outro moço

Quem está agora com a Giuditta?

O primeiro moço

Creio que é o general Marcantonio, officialmente. Mas ha, já se sabe, o *amant de cœur*, um deputado napolitano muito falador, indigitado para ministro, cujo nome não me occorre. Por outro lado, da mulher de Marcantonio correm coisas extraordinarias...

Num camarote. Um cavalheiro grisalho e uma senhora de certa idade, aspecto distincto, denotando antiga formosura, conversam sentados, na frente. Um grupo de damas e rapazes, entre os quaes um jornalista, conversam de pé, no fundo, a rir.

O cavalheiro

Gosta desta opera, condessa?

A condessa

Oh! A principio, como toda a gente, achava Wagner insupportavel. Rossini, Meyerbeer, Verdi, nalgumas peças, eram os meus maestros. Hoje, como toda a gente, effeito da moda ou reacção da verdade, começo a apreciar Wagner.

O cavalheiro

Sim; Wagner triumpha, impõe-se. Mas é preciso ir a Bayreuth para conhecer o verdadeiro Wagner. Imagine que lá a orchestra é invisivel. Nada de camarotes lateraes. Pouquissima luz. Vai-se para ouvir e não para se ver ou se ser visto. Alliam-se em Bayreuth a nobreza e a simplicidade do theatro antigo aos mil apparelhos complexos fornecidos pela sciencia moderna... Um encanto... um portento... Genuino templo da arte sublime...

A condessa

Qual a melhor composição de Wagner?

O cavalheiro

Todas excellentes. Muitos dão primazia a *Tannhauser*. A *Walkyria* offerece no primeiro acto creações geniaes. No *Gotterdamerung*, crepusculo dos deuses, encontram-se coisas assombrosas. E cumpre ler-lhe os livros, porque Wagner é igualmente insigne escriptor. Estupendo revolucionario... Divino espirito, o maior do seculo...

A condessa

Vejo que falo com um wagneriano intransigente.

O cavalheiro

Porque não ha de ter a arte seus fanaticos, como a religião e a politica?

O jornalista (*intervindo*)

Sabem que foi *Parsifal* quem matou Wagner?

A condessa

Como assim?

O jornalista

As ultimas representações de *Parsifal* em Bayreuth tinham-lhe esgotado as forças. Partiu para Veneza, afim de restaural-as. Hospedou-se no palacio Vendramini, pertencente outr'ora ao Conde de Chambord. Trabalhava, entretanto, para dar de novo *Parsifal* na estação proxima. Um dia, ao entrar na gondola, teve a proposito da partitura, um dos habituaes accessos de colera furiosa. De tão forte, esse lhe foi fatal. Soffria do coração. Hypertrophia, si não me engano. Morreu pouco depois. Jaz em sua quinta de Wankfried, ao lado do tumulo que erigiu ao seu cão fiel, Russ.

Um rapaz (*de perfil aristocratico e impertinente*)

Vê-se que está bem informado, obrigação, aliás, do seu officio. Mas o essencial é que si não fosse Luiz II da Baviéra, Wagner não attingiria o ponto que attingiu. E accusam a realeza. Impossiveis nas republicas taes protecções.

O jornalista

Athenas, mãi das artes, era republica. Pericles...

Uma joven senhora (*muito magra, fealdade maliciosa, picante e attractiva*)

Oh! por quem é... Reserve a erudição para o folhetim de amanhan. Aprecio em Wagner, mais do que a musica, as excentricidades. Ganhava rios de dinheiro e vivia exhausto de meios.

O jornalista

A segunda parte não constitue excentricidade. Ao contrario, é facto muito commum.

A joven senhora

Desejo que não fale por experiencia propria. Mas Wagner viajava levando comsigo a decoração de seu quarto de dormir que devia ser forrado sempre de setim azul ou verde pallido... Uma costureira de Vienna preparava as roupas com que elle trabalhava: corpetes de seda côr de rosa, *robes de chambre* vermelhos, reçumantes de laços de fitas e bordados. Usava camisa de rendas e botinas de setim claro.

O jornalista

E era doido pelo perfume das rosas. Os aposentos que occupava nos hoteis rescendiam a rosa por longo tempo, assignalando a sua passagem ...

Num camarote fronteiro duas damas, uma velha e outra moça, tomam sorvetes observando attentamente o camarote da condessa.

A moça

Delicioso gelado... sente-se o gosto da fruta. Mas receio me faça mal.

A velha

Realmente, deves estar fatigada. A estação tem sido de divertimentos excessivos: *garden-parties,* banquetes, bailes... Amanhan não podemos deixar de comparecer ao concerto de caridade... E' demais.

A moça

Olha que *toilette* extravagante a da condessa Ernestina! Que falta de gosto. Dir-se-ia uma libré funebre.

A velha

Lucto talvez pelas enormes perdas que o conde soffre ao jogo.

A moça

Que lhe estará a contar o importuno barão Carlos? Sem duvida somnolentas tiradas sobre musica do futuro, quando nem da presente entende patavina, e descripções de Bayreuth, onde nunca poz o pé. Uma mania como outra qualquer. A nós, não nos visita elle... Descortez...

A velha

No fundo do camarote vejo a pequena Sara. Não sei como a condessa a tolera. Asseveram que é espirituosa. Não passa da lingua mais maldizente da Europa. Está atassalhando, de certo, a reputação alheia.

A moça

E cada vez mais magra. Uma indecencia andar decotada. Que claviculas, que braços, similhantes a palitos!

A velha

Precisamos procural-a. Ha duas semanas que não lhe deixamos um simples cartão...

Nos corredores entrecruzam-se pessoas que passeiam. Comprimentam-se. Param algumas em rapidos colloquios. Ligeira fumaça, cheirando a charuto, sobe do buffet, donde saem tinidos de louça, estouros de rolhas, brados confusos, gargalhadas.

Um rapaz (*disfarçadamente a uma mulher espaventosa que passa*)

Estás radiante, Cecilia. Com quem vais ceiar?

A mulher

O Arturo convidou-me, mas receio me pregue calóte. Se quizeres, te esperarei, depois do espectaculo, á porta da esquerda.

O rapaz

Está dito.

Um banqueiro (*num canto, interpellando um collega*)

Que ha de novo? Subirão amanhan os fundos turcos? Confirmou-se o boato de que a Hespanha vai contrair novo emprestimo? Qual a taxa provavel da emissão?

O segundo banqueiro

A bolsa amanhan vai ser quente. Póde-se ganhar muito ouro... muito ouro. Já estudaste o negocio das minas mexicanas? Parece-me que os titulos de prelação...

O primeiro banqueiro

Com franqueza, meu velho, és muito fino e muito meu amigo. Mas não me passas a perna nessa historia de titulos mexicanos, como tens feito a tanta gente boa. Estou a par do segredo...

Riem os dois. Acerca-se um politico a quem ambos saudam reverentes, indagando solicitos da saude delle.

O segundo banqueiro

Que novidades ha, meu caro senador, nas espheras superiores?

O senador

Consta que o czar da Russia expediu um telegramma gentilissimo ao presidente da republica franceza, convidando-o para uma caçada. E' a paz garantida.

O primeiro banqueiro

O 4 °/o francez que já manifestava tendencias para a alta tornar-se-á ainda mais firme. Convirá comprar ou vender?

O segundo banqueiro

Não haverá perigo de perturbações internas?

O senador

Qual! O ministerio conta com dedicada maioria. O socialismo e o anarchismo que, durante certo periodo, provocaram cuidados, desanimaram diante da energia dos governos.

O primeiro banqueiro

Cumpre, entretanto, que se celebre um accôrdo internacional para se exterminar sem dó essa cafila de doidos perversos. Emquanto não se effectuar tal accôrdo, a sociedade correrá serio risco.

O senador

Não acredito. Manifeste-se a autoridade disposta a reagir e a agitação cessará. Nada de sentimentalismo: a guilhotina e a forca são instrumentos de ordem, paz e, conseguintemente, de felicidade publica. O nosso mal provém de excessos de liberdade. Demais, os descontentes que emigrem, seguindo a regra: o incommodado é que se muda. Não faltam colonias.

Os banqueiros

Apoiado... apoiado.

Dois criticos—um baixo, gordo, de oculos, outro de longa cabelleira romantica—, passam falando, de braço dado.

O primeiro critico

O tenor tem hoje desafinado algum tanto. Noto-lhe desfallecimentos nas notas agudas.

O segundo critico

Não ha tal. Acho-lhe a voz de uma limpidez e segurança incomparaveis. Na orchestra, sim, registrei varias hesitações. Vou ser severo em meu folhetim.

O primeiro critico

Ora, deixa-te disso. A orchestra tem-se portado de modo admiravel. O que ha é que estás zangado com o regente...

Um sujeito (*chamando outro para um canto*)

Não se esqueça de que a sua letra se vence dentro de tres dias. O credor não tolera demoras. Veja meios de pagar.

O segundo sujeito (*typo de janota, perolas no peito da camisa e nos punhos*)

Diabo... diabo... E estou com a caixa archi-vasia. Em summa: adiemos para amanhan os negocios serios. Por agora, tratemos de nos divertir.

Um cavalheiro dando o braço a uma dama que arrasta soberba cauda de velludo.

A dama

E' então coisa assentada o casamento do advogado Baltassre com a viuva Olivia Soraiva?!

O cavalheiro

Por estes dias assignam o contracto. Participou-m'o elle, ha momentos, radiante de jubilo.

A dama

Ella é tão feia...

O cavalheiro

Mas é tão rica. Depois, si só as bonitas se casassem que seria do matrimonio?

Na frente de um camarote, um rapaz troca frases cerimoniosas com uma senhora, que não o encara, interessada pelo aspecto da sala. O semblante de ambos patenteia indifferença e tédio.

O rapaz

Amo-te sempre; amo-te cada vez mais. Nada ouvi, nada vi. A minha celeste harmonia, o meu talisman, o meu S. Graal és tu. Por ti, como Parsifal, eu me atreveria a ferir combates contra forças sobrenaturaes. Amo-te muito, crê.

A senhora

Mais baixo... mais baixo... Podem ouvir... Já desconfiam. Elle ahi vem.

O rapaz

Que me importa... Poderei encontrar-te amanhan em nosso retiro?

A senhora

Talvez.

O rapaz

Talvez, não. Dize que sim.

A senhora

Que é que exiges, que eu não faça?

O rapaz

Obrigado, obrigado. Amanhan, ás 3 horas, sem falta.

Faz á senhora uma mesura de etiqueta e sai phleugmaticamente.

Na plateia, em cadeiras de segunda classe, um homem avelhantado, physionomia simploria, e uma mulher madura, de vestuario estridente, carregada de joias de mau gosto.

O homem (*bocejando*)

Queres que te fale com franqueza? Isto está summamente aborrecido e eu caindo de somno. O tal Wagner não me pilha mais. Vamos embora, que tenho de abrir a loja amanhan muito cedo.

A mulher

Bem indicas que és uma alma rude, sem sentimento artistico. Havemos de ficar até o fim.

O homem

Deixa-te de historias. Achas Wagner tão insupportavel quanto eu. Conheço-te ha vinte annos! O que queres é mostrar o teu vestido novo e fingir que entendes destas musicas difficeis. Vamo-nos deitar.

A mulher

Os bilhetes custaram tão caro! E' preciso aproveitar tudo.

Na galeria superior reservada á plebe, dois individuos de catadura sombria, um na força da idade, outro em plena juventude, fitam a sala com expressão de odio feroz.

O mais idoso

Sociedade criminosa e cynica! Quanto disperdicio! Quanta ostentação! Ao passo que os maus aqui se refestelam, os bons, os proletarios gemem e se estorcem nas garras da miseria! Que iniquidade, Gualtiero!

Gualtiero

Mas essa ignobil sociedade foi condemnada. O castigo não tarda, companheiro.

O companheiro

O castigo não tarda. Não bastam, porém, vinte ou trinta execuções, como as que effectuar-se-ão hoje neste palacio do vicio!

Cumpre destruir tudo, aplainar a terra, tornal-a apta para as novas construcções.

Gualtiero

Eis, debaixo de minha capa, a bomba vingadora que abalará tal sociedade em seus fundamentos. O importante não é o numero dos executados, mas a formidavel significação do acto. Como vão tiritar de medo os infames potentados!

O companheiro

Bem, Gualtiero. Não te falhe a mão no momento decisivo. Atira a bomba no centro da sala, de modo que os estilhaços se utilisem, fazendo a vingança a mais ampla possivel. Avisar-te-ei na occasião opportuna.

Gualtiero

O meu braço não vacillará. Dediquei-me inteiro á santa cruzada da anarchia. Nada me prende ao mundo.

O companheiro

E tua familia?

Gualtiero

Pai, mãi, irmão, irman, partiram para plagas distantes, tocados da miseravel ambição da riqueza. Até tu, Giovaninna, tão meiga, tão pura, não te conheço mais. Abomino a vida. A sorte designou-me para a realização da sentença. Bemdita sorte! Meu braço não tremerá. Avisa-me, companheiro, avisa-me no minuto propicio. Cumprirei o meu dever de fórma digna de mim e da nossa terrivel e justiceira missão.

O companheiro

O teu dever?! Acho-me a teu lado para lembrar-t'o e punir-te, caso hesites. Animo! O grandioso instante se approxima.

Tilintam as campainhas electricas, annunciando a continuação do espectaculo. A multidão volta pressurosa a seus lugares. O regente da orchestra, emergindo do mar de cabeças descobertas da plateia, empunha a batuta, prestes a desencadeiar a canora catadupa. Por sobre o ruge-ruge das sedas e o arrastar das cadeiras solemne silencio se alastra. O regente acena. Sóbe lento o panno: os instrumentos partem, em meio de religiosa attenção.

Deliciosa symphonia, numa adoravel decoração de sonho! Celebra-se a placidez da natureza num dia de natal primaveril. Gorgeios, susurros de folhagens, trepidações de regatos, frescores, tons verdes de arvores, sombras, aromas sylvestres, a serenidade melancolica dos campos, o anilado remoto das montanhas, a transparencia do firmamento, tudo a musica traduz de modo suavissimo, de uma doçura insinuante, de uma meiguice que banha as almas de caricias ethereas, mergulhando-as num embevecimento de calma e plenitude ineffaveis.

O companheiro de Gualtiero

Agora... agora, irmão.

Gualtiero (*livido, erguendo-se, bradando*)

Viva a revolução social! Viva a anarchia!

Arroja com força a bomba no coração da sala. Detonação formidavel! O edificio inteiro estremece dos alicerces á cupola, presa de vehemente convulsão. As luzes se apagam. A musica cessa de subito e é substituida por brados de terror, fracassos, baques de corpos, estrepitos de vidros partidos, tropel de gente que se evade allucinada. O tecto parece desmoronar-se. Turbilhonam nuvens de poeira faiscante.

Medonha catastrophe! O infernal apparelho estilhaçou-se, espalhando a morte e o estrago por todos os lados. Objectos inoffensivos, cadeiras, instrumentos da orchestra, lampadas, transformaram-se em terriveis projectis, propellidos pela explosão. Enorme a confusão panica do primeiro instante! Todos gritam, todos saltam, todos correm, todos, num desespero, se precipitam para as saidas. Ficam apenas ao desamparo os que morreram de golpe ou receberam ferimentos mortaes. Cavalheiros que, minutos antes, ostentavam primores de galanteria, cedendo o lugar, reverentes e gentis ás delicadas damas rivalizam agora com ellas em brutalidade, atropellando-se, pisando-se mutuamente, querendo passar, querendo fugir, num irresistivel arranco do instincto de conservação, cégos, surdos, delirantes, mudados de repente, em féras doudas. Nas portas estreitas, esmagam-se, suffocam-se. Abalroam-se nos corredores, rolam as escadas; e os que, após mil esforços desvairados, logram chegar á rua, disparam ás tontas, rotos, sem chapéu, as mulheres simi-núas. Só ao cabo de alguns segundos de desatino egoista, readquirem a consciencia da realidade e começam então freneticos appellos, — pais clamando por filhos, maridos pelas esposas, prantos, soluços, imprecações.

Ondas de curiosos accorrem ás immediações do sinistro. Apparecem os representantes da autoridade, soldados a cavallo, bombeiros, com suas machinas luzentes, recalcando o povo que mais e mais se agglomera. Trilam apitos, cruzam-se ordens desencontradas, chegam e partem carros á redea solta.

Mas, a pouco e pouco, adoptam-se providencias para combater o incendio e restabelecer a calma. Organiza-se o serviço de soccorros e remoção das victimas. O *foyer* do theatro, vasta galeria cheia de espelhos e estatuas, converte-se em hospital. Sobre cadeiras doiradas e sobre os leitos de campanha trazidos de um quartel proximo depositam-se os corpos transportados da sala em ruinas. Ha mutilações horrorosas. Aqui, uma bonita joven, compridas luvas claras até os cotovellos, o collo descoberto, os cabellos castanhos engrinaldados de violetas, tem as pernas esmigalhadas, fendido o ventre, donde, entre retalhos de seda, escorre uma lama rubra. Ali, a um tronco de homem, de casaca, botões de brilhantes, camelia ao peito, falta uma parte da cabeça. Faces rasgadas, mãos em tiras, olhos vasados, fracturas, contusões de toda a especie! Muitos morreram da asphyxia proveniente da compressão: Salientes as pupillas, a lingua pendente, congestos. Dir-se-ia opulenta ambulancia, após crudelissima batalha, em que os combatentes houvessem pelejado em trajos de baile, o que lhes realça o horror dos golpes soffridos. A um canto, amontoam-se objectos abandonados, leques, bengalas, lenços, joias, pelliças; e adiante, fragmentos humanos,—pernas, braços, dedos sem dono. Cirurgiões, em collete, manejando utensilios de prata, tresandando a acido phenico, encetam azafamados o seu trabalho. Nodoas de sangue em toda a parte, nas mangas das camisas, nas paredes, no assoalho de mosaico. Policiaes postados ás portas vedam o ingresso. Mas *reporters*, tomando notas, parentes e amigos dos feridos penetram á força. Dão-se pungentes scenas de reconhecimento, exclamações, abraços, caricias insanas a cadaveres desfigurados. E no meio da turba tragica, vagam despercebidos, tremendo de frio e medo, alguns actores e bailarinas da opera,—estas ainda de saiote de gaze, coxas á mostra, aquelles em trajos medievaes, longas plumas e espadas,—todos com profunda expressão de estupor nas faces tintas de alvaiade e carmim.

Um grupo de sujeitos mal encarados afasta-se cauteloso do theatro.

Um dos do grupo

Muito bem! muito bem! A lição foi tremenda e repercutirá pelo mundo inteiro.

Outro

E Gualtiero?

O primeiro

Foi preso ou succumbiu tambem. Desappareceu.

O segundo

Bem haja o seu nome. E' mais um heróe da santa causa. Si morreu, fel-o denodado em seu posto. Aprendam com elle os novos companheiros.

O primeiro

Tratemos agora de nos acautellar. A policia vai andar vigilante por algum tempo e não nos devemos sacrificar esterilmente. Por hoje, está cumprido o nosso dever. Durmamos em paz. E havemos de triumphar, companheiros, havemos de triumphar. Paciencia e coragem!

Todos do grupo (*soturnamente*)

Havemos de triumphar! Havemos de triumphar! Viva a anarchia!

AFFONSO CELSO

(Continúa)

A NOSSA MARINHA DE GUERRA

I

O desenvolvimento verdadeiramente assombroso que a Republica Argentina e o Chile têm imprimido nestes ultimos annos ás suas forças navaes não póde deixar de preoccupar a todos os brazileiros e principalmente áquelles que conhecem o estado lastimoso da nossa marinha de guerra já pela desintegração disciplinar de seu pessoal já pela penuria de seu material.

Si é certo que a supremacia maritima que já tivemos na America do Sul só foi devida á incuria dos nossos vizinhos (porque o nosso poder naval nunca teve grande valor) não é menos certo que precisamos recuperar essa supremacia sob pena de descermos muito do prestigio exterior de que já gozámos. O povo brazileiro, portanto, terá de ser chamado a fazer novos sacrificios, afim de que se possa prover a nação com a força maritima que exige imperiosamente a sua posição geographica e politica no continente sul-americano. Mas para que esses sacrificios sejam compensados cumpre que a acção governamental se exerça não só acudindo á deficiencia do material da marinha de guerra e á reorganização do seu pessoal, mas parallelamente, promovendo o incremento dos elementos de que depende um poder maritimo permanente e susceptivel de expansão.

O que constitue o verdadeiro poder maritimo? ou antes o que dá a uma nação os attributos de potencia maritima? E' a faculdade de sustentar uma guerra maritima, defensiva ou offensiva, ou com esses dois caracteres.

Para isso é preciso: em primeiro lugar, que a nação disponha de uma força maritima organizada militarmente, prompta a fazer face ás combinações hostis mais provaveis que se possam de subito formar contra ella; em segundo lugar, que pela natureza das industrias a que se dedica uma parte de sua população essa força maritima possa renovar os seus meios de acção e amplial-os durante a luta. A nação deve ser para as suas esquadras que voltarem desmanteladas aos seus portos o que a terra era para o Antêo da fabula, uma fonte copiosa de força, isto é, de reservas de pessoal e material. Pessoal e material adequados são o resultado de condições naturaes e economicas do paiz combinadas com medidas politicas de alta previdencia.

Certas industrias,como a navegação e as que lhe são correlatas, de construcção naval, metalurgicas e mecanicas, a pesca, que familiariza o homem com o mar, são os viveiros onde se podem recrutar marinheiros mais ou menos idoneos para o manejo dos navios modernos. Entre as medidas de previdencia está a accumulação de recursos indispensaveis e que o paiz não possa extrair de si mesmo, como sejam os materiaes de construcção e o proprio combustivel que dá o poder motor. A um grau de preparação mais adiantado correspondem ainda outras medidas do dominio da estrategica elaboradas na paz para serem utilizadas durante a guerra.

A historia das guerras maritimas é a grande mestra na materia de que me occupo. O poder maritimo da França, por exemplo, que ella mantem ha mais de dois seculos, embora com intermittencias, tem a sua origem nos vastos planos politicos e economicos do grande Colbert, todos tendentes á creação e expansão dos elementos acima indicados. A Hollanda e a Inglaterra attingiram o maior grau de poder maritimo no tempo dos navios de madeira, sem possuirem dentro de seus territorios os principaes materiaes de construcção naval. A Russia, que ainda estava isolada dos mares, era a fornecedora desses materiaes. A historia ensina-nos ainda como na Hespanha gastaram-se todos os elementos da grandeza maritima de que ella dispunha, nas mãos dos seus governos ineptos, fanaticos e oppressores.

Examinemos quaes as condições que se verificam na Republica Brazileira para pretender o poderio dos mares na America Meridional.

Em verdade com um unico elemento podemos contar na actualidade: é o pessoal dessa pequena marinha de guerra que desde a nossa independencia o governo brazileiro foi forçado a manter embora pelos moldes estreitos, rotineiros e mesquinhos da politica tradicional que herdamos de Portugal, já secularmente decadente.

Entretanto, no Brazil colonial e no Brazil independente verificavam-se condições que, intelligentemente utilizadas, ter-nos-iam assegurado uma posição maritima dominadora entre os nossos vizinhos. Mencionarei entre essas condições as seguintes:

a) Uma costa de mais de mil leguas de estensão recortada de grande numero de portos dos melhores do mundo;

b) Producção em escala consideravel já das industrias extractivas, já da agricultura, e necessidade, decorrente de nossa civilização, de recebermos muitos artigos do estrangeiro: portanto materia exportavel e importavel;

c) O principal material de construcção naval, até uma época recente, as madeiras, em quantidade inacabavel e em qualidade incomparavel, constituia uma das maiores riquezas do paiz;

d) A maior parte das provincias em que se dividia o paiz, sem outra communicação com a capital e entre si, sinão a maritima, de que derivava a necessidade indeclinavel da navegação ao longo do littoral;

e) A colonização que affluia ao paiz espontaneamente e em escala não pequena era de portuguezes do continente e das Ilhas, gente que não se póde taxar de refractaria ás industrias maritimas;

f) Os proprios brazileiros mestiços ou indigenas de varias regiões do paiz revelavam notavel aptidão para a vida do mar; nem ha mais completa identificação do homem com as ondas, do que a profissão do jangadeiro do Norte do Brazil.

Considere-se por outro lado, que essa mesma grande estensão de fronteira maritima reclama uma defesa que outra não pode ser sinão a defesa movel da marinha, considere-se mais que, por tratados internacionaes somos garantes da independencia de duas republicas platinas e que somos ribeirinhos dos principaes affluentes do Prata, navegaveis até o coração do Brazil e que, portanto, não podemos prescindir de uma representação naval respeitavel no grande estuario argentino-oriental; considere-se mais que a nossa situação geographica nos colloca, por assim dizer, á margem de

duas das maiores vias de communicação maritima, da Europa para o Pacifico, para o occidente da Africa e para o Oceano Indico, o que nos impõe direitos e deveres de ordem muito elevada, mórmente na contingencia de grandes guerras maritimas, mesmo quando queiramos manter a mais estricta neutralidade exemplo : o aprisionamento do « Georgia » em nossas aguas territoriaes [1] durante a guerra da seeessão norte-americana ; considere-se bem tudo quanto deixamos resumido, e não se póde deixar de reconhecer que ainda mesmo quando pelo caracter do povo brazileiro fossemos a nação do mundo mais avessa ao mar, só poderiamos ser tão mesquinhamente representados nesse elemento como somos, pela mais supina incapacidade dos nossos governos.

Esse mesmo nucleo de uma pequena marinha de guerra que possuimos como que se creou á despeito dos designios do nosso governo ; pois nunca tivemos um ministro que reunisse ao prestigio politico, largueza de vistas e intuição dos destinos nacionaes para occupar-se *con amore* do incremento do poder maritimo do paiz. Circumstancias imperiosas forçaram os nossos governos a manter de modo permanente a marinha de guerra.

Não foi porfiada a luta da nossa independencia, como a da grande federação norte-americana e das republicas de origem hespanhola do centro e sul do continente ; mas, sem a força naval que os fundadores do imperio tiveram de improvizar, é de crer que o Brazil não tivesse saido inteiriço da separação da metropole. No casco dessa esquadra improvizada ficaram, é certo, os germens de uma san disciplina militar que subsistiu até ha poucos annos, o que eu explico pelo accaso de haverem os patriarcas da nossa autonomia, entre os elementos de que se serviram para organizar a força naval revolucionaria, deparado com um dos mais illustres homens do mar, que o povo maritimo por excellencia tem produzido, o legendario lord Cochrane, então banido do serviço de seu paiz. O heroico marinheiro, que já havia posto a sua espada ao

---

[1] O illustre almirante Colomb da marinha britannica já em uma conferencia publica disse que, faltando á Inglaterra uma estação de carvão no Atlantico do Sul, no caso de uma grande guerra maritima, si o governo inglez não conseguisse a alliança do Brazil seria forçado a tomar a ilha de Fernando de Noronha, Nessa ordem de idéas está a occupação recente da ilha da Trindade.

serviço da independencia de dois outros povos sul-americanos, foi investido no posto de primeiro almirante da nascente marinha brazileira.

O seu grande prestigio pessoal attraiu em torno de si uma pleiade de bravos officiaes da marinha britannica que como elle haviam tido por escola as gloriosas campanhas maritimas da Inglaterra no principio do seculo. Aquelle almirante genial, depois de haver prestado inolvidaveis serviços á causa da independencia do Brazil unificado do Amazonas ao Prata, regressou á sua velha patria, mas os seus campanheiros, Taylor, Shepperd, Greenfell, Norton, Inglis, Parker e outros entraram para os quadros da armada brazileira; ao serviço da qual uns deram a vida, outros o sangue e todos os mais edificantes exemplos de lealdade e disciplina.

Ainda não estava de todo consolidada a obra da independencia nacional quando surgiu a guerra da Cisplatina, a qual, tendo-se prolongado até 1828, obrigou-nos a manter uma esquadra de operações no Prata, e constantes cruzeiros pela nossa costa infestada de corsarios argentinos. No periodo decorrido até a guerra em que nos empenhámos em 1852, contra Rosas, a nossa attitude, em relação ás republicas platinas, teve de ser a de uma verdadeira paz armada, em consequencia da revolução do Rio-Grande do Sul e dos ataques do tyrano de Buenos-Ayres, contra a independencia da Banda Oriental do Uruguay. Ao mesmo tempo o governo imperial teve de suffocar sérios movimentos revolucionarios em varias provincias do Norte.

Dois annos depois tivemos de apparelhar a tristemente celebre expedição ao Paraguay, sob o commando do chefe de esquadra Pedro Ferreira de Oliveira. Nos dez annos subsequentes, de completa paz externa e interna, a nossa marinha de guerra foi tão criminosamente descurada que ao encetarmos a guerra do Paraguay o Brazil estava, como bem disse o Sr. Visconde de Ouro-Preto [1], por assim dizer desarmado, e, acrescenta o mesmo illustre escriptor, « sem embargo da nobilissima reacção do espirito publico, determinada por violencias recentes de alguns navios inglezes, apezar desses precedentes que nos deviam pôr de sobreaviso, recairamos na antiga inercia e voltáramos ao habitual deleixo no tocante ao exercito e á

---

[1] *A Marinha d'Outr'ora*, pags. 35 e 36.

armada.» E' uma verdade incontestavel que os poderes publicos do Brazil só concediam algum augmento no material da armada quando se achavam sob a pressão do perigo.

Posteriormente á guerra do Paraguay manifestou-se a mesma culposa apathia do periodo anterior acima alludido. A resolução de se mandarem construir os couraçados «Independencia», «Solimões» e «Javary» foi ditada pelo receio de um rompimento com a Republica Argentina. Dessa falta de continuidade de vistas na manutenção do poder maritimo do paiz, resultava que o material da nossa esquadra, compunha-se dos restos avariados e inavegaveis das nossas guerras externas.

Com relação á disciplina militar, já o reconheci, ella foi mantida até uma época recente, nesse defeituoso arcaboiço da nossa marinha de guerra, com austeridade tanto mais admiravel quanto as nossas marinhagens á principio compunham-se na maior parte de estrangeiros engajados de todas as nacionalidades. Mais tarde, com a creação do corpo de imperiaes marinheiros, começou a preponderar nas tripolações dos nossos navios o elemento nacional; mas este procedendo do recrutamento forçado, que se operava principalmente entre os vagabundos e malfeitores dos grandes centros populosos do littoral, eram tidos pelos officiaes de marinha como um mal necessario. Os commandantes quando tinham de sair para o mar empregavam todos os esforços para augmentarem o troço dos contingentes de que se denominava então a marinhagem, isto é, dos engajados estrangeiros. Destes os mais estimados eram os manilhas e portuguezes, porque sobre serem excellentes marinheiros eram doceis de caracter e não se davam á embriaguez como os inglezes e os nossos caboclos recrutados nas provincias do Norte. Os destacamentos do batalhão naval eram considerados indispensaveis, nos navios de maior pórte, para a manutenção da disciplina, porque, sendo os soldados em geral mais disciplinados e não se ligando aos marinheiros por espirito de corpo, podia-se sempre contar com aquelles para a repressão das desordens destes. A' medida, porém, que no corpo de Imperiaes foram entrando os grumetes procedentes das companhias de aprendizes marinheiros, creadas ulteriormente, melhorou sensivelmente a disciplina do mesmo corpo.

A vantagem, ou antes a necessidade de uma marinhagem nacional patenteou-se da maneira mais evidente na guerra do Paraguay.

Ao iniciar-se a campanha ainda era avultado o numero de marinheiros e foguistas estrangeiros nos nossos navios; mas como ella promettia ser duradoura os mercenarios foram se retirando, até que desappareceram de todo. D'ahi a necessidade em que nos achamos de reforçar as guarnições dos navios da esquadra em operações com contingentes do exercito, expediente que só podia remediar a falta de marinheiros em uma guerra fluvial.

As creações do corpo de imperiaes marinheiros e das companhias de aprendizes marinheiros desde que foram levadas a effeito no Brazil, têm sido objecto dos mais incondicionaes e exagerados encomios. Quanto ao primeiro eu não sei como se pudesse alistar brazileiros para o serviço da armada sem organizal-os militarmente; isto é, sem fixar-lhes o effectivo para cumprimento do preceito constitucional, sem marcar-lhes o tempo de serviço obrigatorio e sem dar-lhes uma classificação conforme o grau de exercicio e instrucção que fossem adquirindo ou á aptidão que fossem revelando; ora, a preconizada creação não fez sinão isso. Eu creio que a fortuna do decreto do general Salvador Maciel proveiu da denominação retumbante — Corpo de Imperiaes Marinheiros — dada á marinhagem indigena.

Feliz e acertadissima foi a instituição das companhias de aprendizes marinheiros; mas, a execução que lhe deram, por longos annos, depõe muito contra os administradores do regimen monarchico.

Em um trabalho que apresentei ao Conselho Naval, em 1882 dizia eu:

« A falta de uma reserva naval é ainda mais para deplorar quando se attenta para o nosso systema dispendioso de formar marinheiros. Um aprendiz custa ao Estado, termo médio, no primeiro anno de praça 563$ e sendo voluntario 663$; em cada anno subsequente termo medio, 505$, sem levar-se em conta as despezas de aquartelamento das companhias que occupam predios nacionaes, de munições navaes, fretes, passagens, illuminação dos quarteis, etc. Ora, admittindo-se nas companhias menores de 10 até 17 annos de idade (e ainda com menos de 10 annos), a aprendizagem sendo de 3 annos, pelo menos, e não podendo elles passar para o corpo com menos de 17 annos póde-se affirmar que a permanencia nas companhias oscilla entre o maximo de 9 annos e o minimo de 3 annos; d'onde se infere que o tempo médio de estada nas

Companhias é de 6 annos. Conseguintemente, a despeza média feita com o aprendiz, até ser passado para o Corpo, orça por mais de 3:000$000.

« O custo real do grumete desta procedencia é ainda maior, levando-se em conta as despezas feitas com os aprendizes que se perdem por morte, baixa por inspecção de saude e deserção. Mas os grumetes saidos das companhias não tendo habitos da vida do mar, só no fim de tres annos de embarque, sobretudo em uma marinha que tem tão pouca mobilidade como a nossa, poderão ter as habilitações de marinheiros de 3ª classe. Neste segundo periodo de noviciado cada grumete terá custado ao Estado mais de 1:000$: sendo 408$519 no primeiro anno e 331$080 nos subsequentes.

« Aqui tambem não se entra em calculo com o prejuizo que resulta da perda de praças com menos de tres annos de embarque. Addiccionando-se o custo do aprendiz, propriamente dito, ao do grumete, tem-se que cada marinheiro procedente das—companhias representa uma despeza de mais de 4:000$000.

« Póde-se fazer idéa da aggravação desta despeza, resultante das baixas que se dão annualmente no corpo de imperiaes marinheiros por morte, inspecção de saude e deserção, em vista dos dados seguintes: No periodo decorrido de 1872 a 1881 as deserções foram de 60,3 por 1000 praças e por anno, as mortes de 25,8 por 1000 e por anno e as baixas por inspecção de saude de 23,7 por 1000 e por anno. Portanto, o total por 1000 e por anno de praça perdidas por estas tres causas foi de 109,8.

« Actualmente é de 1557 o numero de grumetes e terceiras classes no corpo de imperiaes marinheiros, isto é, daquelles que ainda se acham no periodo de aprendizagem.

« O Conselho Naval está convencido que a educação do marinheiro se póde fazer com muito menor dispendio; já reduzindo o periodo de estada nas companhias, já combatendo as causas de perdas acima alludidas. A deserção em grande escala é consequencia dos longos prazos de serviço effectivo em tempo de paz, dos castigos corporaes em vigor na armada e da exiguidade do soldo dos imperial marinheiro.»

Não se poderá, pois, dizer que, pouco generoso, estou fazendo uma critica posthuma. Ainda em outro ponto do mesmo trabalho citado eu dizia: «O corpo de imperiaes marinheiros e as companhias

de aprendizes marinheiros são instituições muito preconizadas entre nós: esse optimismo provém de não se instituir um exame sério sobre os resultados obtidos, tendo em vista os meios empregados.» E eu salientava ainda a deficiencia da educação dos aprendizes marinheiros, a ponto de entrarem em grande proporção para o corpo analphabetos e sem instrucção alguma profissional depois de um estagio de muitos annos nas companhias.

Finalmente, apezar de existirem dezoito companhias de aprendizes eu notava que os seus contingentes eram insufficientes para o preenchimento das vagas que se davam no corpo de imperiaes marinheiros, ao passo que este por seu turno jámais havia attingido o seu estado completo.

Como instituição permanente da marinha a que melhores resultados deu entre nós, foi a Academia de Marinha, depois denominada Escola de Marinha e actualmente Escola Naval.

Fundada pelo Principe Regente aqui no Rio de Janeiro, quando os acontecimentos forçaram a transferencia da capital do reino para o Brazil, a escola de aspirantes a officiaes de marinha, preencheu ininterruptamente o fim para que foi creada, dotando a armada brazileira com um estado-maior em que só se podia notar uma inferioridade em relação ás corporações congeneres das marinhas mais adiantadas, a falta de conhecimentos praticos de tactica naval que só se adquirem no tirocinio das esquadras.

Poder-se-ia tambem notar que a proporção dos officiaes provectos na arte de navegação e da manobra era pequena em relação aos quadros, isso pela pouca mobilidade dos nossos navios de guerra: esta inferioridade foi-se accentuando á proporção que foram desapparecendo os navios de vela; — o espirito de ridicula parcimonia que dominou em todos os tempos a nossa administração naval antepunha á todas as considerações a economia de combustivel — o que determinava a paralização dos navios nos portos.

O corpo da armada formado a principio com o nucleo de officiaes inglezes trazidos por lord Cochrane, com alguns officiaes da Marinha Real que preferiram seguir a fortuna do principe D. Pedro, entre os quaes alguns eram brazileiros de nascimento e com os praticantes que por occasião da proclamação da Independencia se alistaram como voluntarios, mais tarde promovidos a tenentes, esse corpo, apezar da diversidade de procedencia de seus membros

tornou-se desde logo credor das sympathias e da consideração do paiz, por sua abnegação no serviço da patria e pela comprehensão nobre e exacta de seu dever que revelava em todas as emergencias da vida nacional. Estava reservado aos nossos dias vêl-o invadido pelo mau genio das discordias civis, que o reduziu a esse estado de desunião em que elle se acha! A harmonia organica e a correcção militar pelas quaes primava a corporação da armada eram ainda mais extraordinarias por que as regiam ordenanças anachronicas e draconianas, e por que entre todas as classes de servidores da nação era talvez a menos favorecida pelas lei de sua organização.[1] Em mais de sessenta annos governos e camaras legislativas do Brazil não se acharam com forças de confeccionar uma ordenança e um codigo de justiça militar para a armada cuja disciplina era regulada pelo Regimento Provisional, pelos artigos de guerra e pelos Alvarás do seculo passado da decrepita monarchia absoluta de Portugal. Nem se cogitava de abrir horizontes aos talentos scientificos que não raro appareceram entre os officiaes da armada.

Em longos annos de paz e inação absoluta dos nossos navios de guerra, que largas contribuições não poderia ter feito a nossa marinha para a oceonographia do Atlantico do Sul, do qual formámos na maior estensão a margem occidental e para a hydrographia das nossas costas que até hoje só tem sido feito por hydrographos estrangeiros? Quem não se recorda da opposição que soffreu o projecto do Sr. Simimbú de enviar-se uma divisão de tres navios aos mares da China? O imperador D. Pedro II tendo-se mostrado interessado em que a marinha brazileira collaborasse para a observação da ultima passagem do planeta Venus entre a Terra e o disco do Sol, que fecundo thema não foi esse para os sarcasmos da opposição parlamentar? Dir-se-ia que o ridiculo credito pedido para aquelle fim ia determinar a bancarota do erario nacional.

Nos Estados-Unidos da America do Norte tambem se commetteu por longos annos o erro de descurar do incremento do poder maritimo da nação; mas a inferioridade material foi amplamente

---

[1] A aposentadoria de um chefe de secção de Secretaria de Estado era mais vantajosa de que a reforma de um chefe de esquadra. As viuvas dos officiaes do exercito tinham direito a uma pensão igual ao meio-soldo que percebiam seus maridos; as viuvas dos officiaes da armada não gozavam desse favor.

compensada pela massa prodigiosa dos trabalhos scientificos produzidos nesse periodo pelos officiaes da nobre marinha americana: a ella a gloria da Geographia Physica dos Mares e do Roteiro Universal, *Sailing Directions*, de Maury, as explorações ás regiões polares do Norte do Commandante De Long, e os trabalhos de *Coast Survey* de todo o littoral da grande Republica, que são talvez os mais perfeitos e completos trabalhos hydrographicos que existem.

Só um meio como esse em que a dedicação ao estudo e aos labores scientificos tem a devida animação póde produzir um escriptor como o capitão de mar e guerra Mahan, que em sua obra *Influence of Sea Power on History* pode-se dizer completou as deficiencias de todas as historias até hoje escriptas na parte relativa aos acontecimentos cuja scena—abrangeu a terra e o mar, um escriptor de quem o *Times* de Londres disse «não é sómente o mais notavel escriptor de estrategia naval que existe, porém o creador e o primeiro expositor do que se póde chamar a philosophia da historia naval.»

No estado de torpôr em que os poderes publicos deixaram cair a nossa marinha, todas as vezes que os não alarmava o receio de guerra externa, não era de estranhar que a officialidade se tornasse indifferente ás instituições politicas da nação. Mas, o ocio só contraría os espiritos activos e estes são uma pequena minoria em todas as corporações.—O sentimento que alastra-se facilmente por uma classe inteira de servidores da nação é o descontentamento quando motivado pela consciencia, que se fórma em cada um de seus membros, de que os poderes publicos não lhe dispensam a solicitude a que ella se julga com direito.

Ora nos ultimos annos da monarchia certas reformas organicas em nossa marinha constituiam verdadeira aspiração das differentes classes que a compõem. O pensamento dessas reformas estava perfeitamente amadurecido na opinião, e o plano geral para leval-as a effeito elaborado por uma commissão de officiaes estudiosos [1] já havia sido distribuido ao parlamento na penultima

---

[1] Commissão presidida pelo autor deste artigo e composta dos seguintes officiaes: capitães de mar e guerra Varella e Balthazar da Silveira, Saldanha da Gama, contador da marinha F. J. Ferreira, José Victor de Lamare, Pinto Bravo, Alves Barbosa e Garcez Palha.

situação liberal, sob a epigraphe de — *Reforma Necessaria* pelo ministro Almeida e Oliveira. Mas, como soía acontecer naquelles tempos, os ministros que succederam áquelle nenhum esforço fizeram para que o citado plano entrasse na ordem dos trabalhos legislativos.

Manter a força armada em estado de descontentamento é o maior erro que póde commetter um governo. Quando em meio da mais tremenda guerra que a Inglaterra tem sustentado as marinhagens de duas de suas esquadras se sublevaram, o governo britannico não hesitou em conceder-lhes immediatamente o augmento de soldo que por aquella fórma insolita reclamavam. E' que os estadistas inglezes observaram a maxima de Montesquieu, de que « uma republica nada deve arriscar que a exponha á bôa ou má fortuna; o seu principal dever é o de conservar o seu estado. » Nem podem existir instituições seguras sem terem por si a dedicação enthusiastica das classes armadas. A força armada por sua organização especial, pelo principio fundamental da subordinação hierarchica, é essencialmente passiva mas não se lhe póde impor a obediencia sinão pela voz dos seus chefes. Por isso tem se visto submergirem-se instituições e sumirem-se governos, perante uma simples demonstração da força armada conservando-se esta dentro das normas da mais rigorosa disciplina militar. Feliz ainda é o paiz em que a falta de solidariedade entre o governo e a força armada não tem outra consequencia sinão a mudança das instituições. O maior perigo para uma sociedade é a existencia da força armada sem cohesão disciplinar: é a anarchia militar da Roma dos principes Syriacos.

Já Catão julgava ser mais util em sua velhice escrevendo sobre disciplina militar do que havia sido em sua mocidade pelas victorias que alcançara contra os inimigos da patria.

(*Continúa*)

ARTHUR JACEGUAY

AGARENO

Ao Exm. Sr. Dr. Manoel Victorino Pereira.

Ponho sob o patrocinio do vosso nome illustre este livro de piedade e agonia. Não é um poderoso estudo nem um perfeito molde de ARTE: *muito lhe falta em substancia e o periodo, por maior cuidado que eu puzesse na sua composição, ainda está hispido de arestas e, por vezes, não raro, sôa falso á mingua de harmonia. A minha offerta despretenciosa vale como um testemunho duplo: de admiração e de reconhecimento ao erudito mestre e ao lealissimo amigo; nada mais.*

1896.

I

Abrindo de par em par as janellas do seu alto gabinete, na rua Silveira Martins, fronteiro ao parque Friburgo, com uma larga vista para o mar claro, liso, como uma lamina metallica rutilando ao sol alegre da manhan, Julião desafogou toda a sua emoção reprezada num longo e arrancado suspiro, lançando os olhos ao céu como num voto agradecido.

A manhan subia triumphal, limpida e fresca. Gente passava surdamente deixando rastros humidos na calçada — eram os que vinham da vaga, tremulos, gotejantes, embrulhados em compridas toalhas que lhes chegavam até a orla dos calções curtos; as senhoras traziam os cabellos soltos, deitados sobre uma toalha, ás costas e, reanimadas pela agua viva do mar, pareciam ter ganho

alguma coisa da alegria irrequieta da onda que rolava na praia, preguiçosa e languida, com um rumor de sedas roçagantes. Carroças rodavam e os padeiros, parando de casa em casa, com os grandes cestos abarrotados de pão louro, batiam as palmas ou faziam tinir as campainhas. Uma nuvem de tico-ticos sarilhavam nos ramos das velhas mangueiras que pareciam buscar arrimo no muro forte, forrado de hera, tanta que transbordava, muito verde, numa ouréla intonsa, para a rua. Pombos mariscavam por entre a viçosa verdura do parque, d'antes florido, agora transformado em horta pingue, com os canteiros de couves e de alface e as latadas de aboboras sobre o terreno barbaramente conquistado á rosa, ao bogari, ao croton e á relva tenra onde, outr'ora, á tarde, os cysnes mudos e merencorios, com a solemnidade hieratica de animaes sagrados, passeiavam a sua alvura immaculada. Apenas as palmeiras magestosas, numa parallella firme, subsistiam como remanescentes duma éra de fastigio, altas, esbeltas, á semelhança de columnas de um templo que houvesse tombado em ruinas sacudido por um terremoto.

Julião olhava como si visse, pela primeira vez, esse scenario mixto d'aguas e de arvoredo. Andavam os hortelões talando os legumes e cantavam; um novilho, arrastando uma corda, ia vagaroso, mudando preguiçosamente os passos, o focinho na herva fresca, pastando e, na velha piscina, toda de marmore, com os rebordos de mariscos, onde viveram carpas, um pequeno, em camisa, abeberava o gado. No mar, á grande luz, manchando a superficie nitida e quieta, uma falúa fugia a todo panno. Vaccas leiteiras cruzavam-se na rua, levando quasi de rastos os bezerros; mugiam e os Ilhéos, detendo-as, sacudiam com furia as campainhas como num appello geral.

Julião parecia enlevado mas o seu espirito andava disperso; parte no presente, parte no passado, crucificado na duvida e na saudade, os dois braços da cruz que o martyrizava. Cautelosamente, como um ladrão que foge, deixara o quarto, encostando de mansinho a porta para que nenhum rumor despertasse a esposa que lá ficara, abafada em linhos, branca e loura, um braço nú estendido na cama cujo cortinado conservava ainda pequeninos ramos e nastros de flôres de larangeiras com que o haviam enfeitado para a noite nupcial. Saira sem mesmo beijar-lhe os cabellos que competiam

com os raios mornos do sol em cor e em brilho, derramados pelos travesseiros numa alluvião de ouro. Oito dias apenas separavam-n'o da vida solitaria tão tristemente vivida durante esse anno de viuvez. Sem grande lida, com uma clinica limitada, os dias pesavam-lhe enfadonhamente e as noites longas, de insomnia, atormentavam-lhe o espirito.

Vivêra apenas tres annos ao lado da saudosa creatura que ainda o seguia, espiritualmente, numa viva e forte lembrança, tão forte que, ás vezes, como si evocasse a morta, trazia-lh'a para diante dos olhos, sempre meiga, como fôra em vida, pallida, com a sua belleza mórbida de tisica, os cabellos negros, os olhos negros e melancolicos, os labios vermelhos e humidos, sorrindo. A sua tez, tão branca, parecia ter a suave transparencia do jaspe e tornava-a como um ser ethereo, mais do céu que da terra, arrastando resignadamente uma vida de exilio mas prompto, a todo o momento, para a repatriação no seio claro da Essencia de onde viera. Rapida, porém, a visão desvanecia-se. Essas visitas reaccendiam a saudade, reanimavam o amor — eram como derradeiras faulhas que saltavam, num luzir ephemero, duma fogueira apagada.

A morta, para o sempre repousada no tumulo frio que elle mandara cobrir com uma lage de marmore, onde, em letras gravadas, havia um testemunho de amor eterno e de saudade infinita, deixara na vida, como para assegurar-lhe o amor do esposo, um pequenito que nem consciencia tinha para sentir a morte que lhe roubava o carinho, porque no momento em que, levado em braços para junto da moribunda, recebeu na face o beijo frio, pequenino, innocente, dormia, e despertou chorando e repellindo a mão gelada da que se finava com a grande dôr, maior que a agonia da morte, de o deixar tão fraco ainda e só sem ter quem velasse o seu somno e quem o afagasse com a mesma ternura com que ella o afagava.

O pequenino Paulo, de oito mezes, dormiu serenamente emquanto na sala, á luz de cirios, velavam o corpo definhado da mãi, morta aos vinte annos. Só, na casa funebre, com um filho tenro nos braços, Julião teve um grande desanimo, um desfallecimento de energia que o levou, por vezes, á fronteira do suicidio. Na quietação da noite, quando Justina, gorda e molle, adormecia sentada junto ao berço do pequeno e o silencio subia de tudo,

passavam-lhe pelo cerebro alvoroçado idéas de morte; parecia-lhe que o grande amor o levava a tal extremo e, elle mesmo pasmava descobrindo no seu coração, inabalavel e frio, tão nobre e humana fragilidade. A's vezes rompia a chorar debruçado sobre a mesa numa grande prostração de agonia.

O soffrimento dava-lhe allucinações: ouvia passos, vozes—era *ella* que vinha e apavorado e ancioso, temendo e desejando, ficava á espera, mas o rumor sumia como si a morta tivesse parado um instante, saudosamente, sobre o berço do filho saíndo subtil, como uma furtiva e timida namorada, em passos de espectro, até perder-se no ar, caminho dos espiritos.

A vida tornou-se-lhe insupportavel. Uma irascibilidade permanente dava-lhe impetos, ás vezes, de atirar-se á Justina, a ama do pequeno, uma portugueza de carnes molles, grandes seios brancos que ella desnudava relaxadamente, derramando-os no collo quando amamentava; muito desmazellada e maltrapilha, sempre com uma cara de somno, a bocejar, arrastando as chinellas rotas quando não se punha a cantar, com uma voz endeixosa e irritante, trovas aldeans.

Era, a bem dizer,a senhora; e a casa, entregue aos seus cuidados, andava numa desordem repugnante: os moveis cobertos de pó, o soalho manchado, compridas teias de aranhas pendentes do tecto e, como não se abriam as janellas da sala, um cheiro frio de humidade e de môfo subia do tapete e dos cantos. A cozinheira, uma negra ébria, em luta constante com a ama, ameaçava-a e travavam-se discussões terriveis nas quaes Julião era forçado a intervir, tomando, porém, o partido de Justina para que o pequeno não ficasse abandonado. A negra, enfurecida, despedia-se, deixava o fogão e, a pretexto de ir fazer a sua trouxa, mettia-se num quarto do quintal onde a roupa suja, accumulada, mofava; e dormia. Tarde, resmungando, com as saias a lhe escorrerem da cinta, enrolava a trunfa desfeita e, ainda tropega, vinha temperar a carne, atirada sobre o marmore da pia, ás moscas.

Julião, ao descer, achava o pequeno Paulo encharcado, no meio da sala, o rostinho immundo, brincando e Justina acaçapada numa cadeira, as pernas abertas, com o corpinho desabotoado, bocejando. Os canarios trillavam, um papagaio, ao sol, chalrava, não conseguindo, porém, desbastar a pesada tristesa que invadira a casa

depois da morte de Lucia. O relogio parado; e as begonias e os crotons murchavam nos vasos como si de saudade e á mingua se finassem. Julião, «para não desbaratar», saía. Foi Salustio Pina, seu intimo e protector, um velho mineiro, do Serro, padrinho do pequeno Paulo, quem lhe suggeriu a idéa de desfazer-se da casa vendendo os moveis, que tanto lhe recordavam a morta, indo viver, provisoriamente, numa casa de pensão até que as coisas tomassem outro geito porque elle, rapaz, não havia de viver o resto dos dias com aquelle luto e aquelles protestos de fidelidade como um monge com o seu burel e o seu voto. O pequeno iria com elle, eram dois velhos num casarão, e a boa Januaria, tão amiga de crianças, levantaria as mãos para o céu quando visse entrar pela casa o seu querido afilhado. Elle já comia tudo, podia dispensar a ama e ficasse descansado porque a velha seria para o Paulinho uma segunda mãi.

Julião tinha escrupulos — um incommodo para a pobre senhora. Demais que havia elle de fazer em uma casa de pensão, um medico? Salustio, porém, animou-o: — Que elle já tinha a sua clientela, era conhecido como medico e homem de bem, tanto lhe fazia morar aqui, como ali e quem não sabia do seu desastre? Que culpa tinha elle de que lhe houvesse morrido a mulher? O que elle não podia era continuar naquella vida, gastando rios de dinheiro para sustentar vadios que só lhe davam motivos de aborrecimento. Até fazia pena ver-se o estado daquella casa: — moveis novos estragados e tudo num desmantello que até parecia que ali não havia gente. Si quizesse, para não separar-se do filho, podia ir morar com elles: a casa era grande e a mesa de mineiros. Elle bem sabia que era ali estimado como um filho. Julião sorriu, commovido e vexado: — Agradecia. Já não era pequeno o incommodo que lhes ia dar o menino. Elle ia ver uma casa para installar-se. Ainda foi o velho Salustio quem lhe descobriu um excellente commodo na *Pensão Ingleza:* duas peças, sala e alcova mobiliadas com certo luxo e conforto. Podia ter a placa á porta, falara ao proprietario — e tinha inteira independencia, podendo entrar e sair a qualquer hora da noite: a sala abria para o jardim. E, numa doce manhan, o pequeno Paulo, esbravejando, repuxando as rendas da capellina, esperneando, passou do collo farto de Justina para os braços magros de D. Januaria indo, em carro fechado, para a residencia dos velhos, no Cosme Velho.

Despedidos os creados, Julião fez um lote de objectos queridos, despachou duas carroças com as estantes, alguns quadros, roupas e fechou a casa. No dia seguinte o leiloeiro arrolou os moveis e annunciou o leilão.

Nos primeiros dias, que foram de chuva, a saudade pungiu mais fundo. Sem animo de sair á rua, Julião repousava, estirando-se na *chaise longue* com um livro e um cigarro, a ouvir o pingar monotono das goteiras e o tilintar das campainhas dos bonds que subiam e desciam. Apezar da placa que o annunciava nem um cliente apparecia e os dias passavam lentos, insipidos, silenciosos entre as paredes do aposento que elle occupava, enchendo-o com o seu tédio infindavel.

Correndo os olhos pela sala socegada onde nem os passos soavam porque o tapete ensurdecia todo rumor parecia-lhe que acabava de chegar do cemiterio onde deixara Lucia. Um extranho sentimento de abandono marejava-lhe os olhos de lagrimas e calado, abandonando esquecidamente o livro, sentia falta de tudo que havia deixado — os seus canarios alegres que enchiam a casa com um trinado esperto, o papagaio, com a sua gritaria, tentando vôos, chamando a negra, ladrando, assobiando. Lembrava-se das coisas com os seus minimos detalhes — o piano, com as arandellas de bronze em fórma de acanthos sobre os quaes cupidinhos nús tangiam lyras; o guarda-louça com o precioso serviço japonez que lhe dera Cassio Mendes, a grotesca escarradeira do seu gabinete, faiança portugueza: um grande sapo, d'olhos esbugalhados, esparramado no chão, com a bocca immensamente aberta; seu leito, sua secretária de mogno; e até reminiscencias futeis: uma carantonha feita a carvão no muro do quintal, perto do tanque, o papel dum canto da sala de visitas que o pequeno Paulo descollara e, illusoriamente ouvia, como em accórdes abafados, certo romance triste que uma vizinha batia todos os dias, da manhan á noite, num velho piano, quebrando o silencio dormente da rua, com o seu sentimentalismo descompassado e desafinado.

Quando lhe chegavam, em tropel, essas recordações atirava-se á rua caminhando, muitas vezes, sob bátegas de chuva e lufadas de vento, á noite, no socego das horas altas, fugindo ao leito, á casa,

ao passado, numa vertiginosa e desatinada corrida de criminoso acossado pelo vozear intimo do remorso ou pelo clamor do povo amotinado. Quando lhe passava a superexcitação moderava o andar e, vexado, como si houvesse sido observado voltava ruas, sem destino, discorrendo comsigo mesmo, em soliloquio, sobre a passividade do seu espirito.

Salustio ia, ás vezes, buscal-o para jantar, falava-lhe do pequeno: que já corria a casa toda, tartareando... Era um encanto vel-o, muito gordo, com os bracinhos abertos, mudando os passos desageitadamente, a rir para D. Januaria, enlevada. Já a boa senhora se lhe affeiçoara maternalmente: era ella quem o banhava, quem o fazia dormir, quem o vestia. Mal lhe sobrava tempo para os bichos que eram dantes o seu cuidado porque o pequeno absorvia-lhe todas as horas, não deixando um só instante, repellindo, com frenezi, a preta que os velhos lhe haviam dado por ama secca.

Com os seus quarenta e oito annos rijos e sadios, alta e secca, D. Januaria guardava ainda da mocidade o esplendor magnifico dos olhos pretos, grandes, velados docemente pelas pestanas longas, ao mesmo tempo altivos e carinhosos, e a linha casta e curva da bocca que um sorriso amavel sempre visitava. Os seus bastos cabellos ondulantes, quando ella os despenhava, punham-lhe sobre os hombros um manto de respeito, duma brancura nitida como os arrojados lençóes de uma cachoeira sobre uma rocha escarpada. Salustio dava-lhe prazenteiramente o titulo de «matrona» e ouvia-lhe os conselhos d'onde sempre o seu dizer: que tudo quanto possuiam era mais devido á mulher que a elle proprio. Não fosse ella com o seu ponderoso pensar e muito do que tinham teria ido por agua abaixo em negocios e operações de aventura. Viviam os dois no Cosme Velho num casarão antigo de grandes salas rodeadas de janellas, e quartos onde as camas ficavam isoladas como oasis em desertos. A chacara, de frondoso arvoredo, era amenissima, nas suas sombras; um corrego constante fazia a réga das raizes fortes que saltavam á flôr da terra em nervuras retorsas e dilatadas. Ali viviam vida serena de patriarchas. Os poucos que frequentavam esse retiro honrado, velhos tambem, rememoravam éras antigas ou commentavam os tempos difficeis do presente, tão diversos do saudoso outr'ora, quando a calma pairava e havia segurança e fortuna. D. Januaria, com as chaves á cinta, governava sabiamente a casa:

da despensa á sala, da horta ao jardim. Era ella quem, de manhan, fazia a distribuição dos generos, quem presidia á limpeza, ao córte dos ramos, ao enxerto das plantas e, no gallinheiro onde duzias de gallinhas cacarejavam, todos os dias, muito cedo, penetrava, os pés em grossos sapatos, a saia arregaçada, seguida de uma creoulinha que levava a cuia de milho e as hervas e visitava as gallinhas que se conservavam no chôco; recolhia os ovos, mandava encher a tina d'agua em cujas bordas os gallos orgulhosos batiam as azas cantando. Muita vez, da varanda, surprehendendo uma rinha, descia ás pressas ao gallinheiro para apartar os brigões e falava-lhes exprobrando-os, examinava-os soprando-lhes as pennas e, se descobria uma gota de sangue, uma escoriação, contrariada, despachava a creoulinha para buscar arnica e pensava o ferido, separando-o para que de novo não se empenhasse em luta de desforço.

Salustio, aos domingos, era do « mato ». Deixassem-n'o com o seu cajado correr o pomar e a horta, a « mata » e o jardim, seguido de Manoel, velho negro que fôra escravo, sempre empregado como lenhador porque com as pernas tortas, em forquilha, andava lentamente, agarrado a um pau como um orango. Lá iam elles pelos alfombrados caminhos, sob a ramada sombria, falando como dois intimos, sobre florescimentos e frutificações, tempo do córte e da sementeira e o negro, gago, ia apontando surpresas : um renóvo, um enxerto, uma larangeira que revivera depois da limpa, o primeiro botão duma roseira.

Da casa á igreja, nas manhans dos domingos, era o unico passeio que fazia a velha, de preto, acompanhada de Salustio, ás vezes com a creoulinha quando o marido descia cêdo para a sua lida na chacara.

A casa tinha um tom geral de antiguidade, não só exteriormente nos muros, em parte forrados de hera, na sua escada de pedra, ensombrada por uma coberta, como no interior, nos moveis do velho tempo, religiosamente conservados como reliquias : consólos de pés retorcidos, a classica mesa redonda pesada e forte, as cadeiras amplas, conventuaes, especies de faldistorios e, como ornamentos, mangas de crystal lapidado, redomas altas, candelabros de bronze. Pelas paredes quadros veneraveis, retratos, uma vista do Serro, berço de ambos, sobre um fundo de montanhas nubladas e dois altos espelhos quadrangulares. Na sala de jantar um velho

relogio de caixa batia as horas com vagar sonoramente, como o carrilhão duma torre. Os creados pareciam ter vindo igualmente do passado, no mesmo fio de vida sereno e amerceado. A casa, nas séstas do meio dia que D. Januaria preenchia honestamente costurando, á luz de uma janella, com a creoulinha ao lado, no chão, cabisbaixa, aprendendo pontos e o gato voluptuosamente enroscado sobre a mesinha, caía num silencio grande, de somno, apenas perturbado pelo chiar das cigarras e pelo estribilho eterno d'agua fugitiva do corrego. A's vezes o velho negro cantava entre as arvores, um canto triste, nostalgico que se confundia com o murmulho das frondes, ou os gallos, na alegria tépida do sol, levantavam a voz vibrante cocoricando.

Salustio pensava em liquidar a firma, retirando-se do negocio: estava cansado, queria gozar os dias que lhe restavam, trabalhava desde os doze annos, era justo. Tinha o necessario para viver com abastança, para que havia de matar-se? Quando fechasse os olhos a velha, sua unica herdeira, porque dos seus apenas restavam dois tios octogenarios e ricos que tiritavam, junto ao fogo, entre as montanhas mineiras, ficava com o bastante para viver como uma rainha. D. Januaria pensava com elle:— Para que ambições desmarcadas? o que tinham chegava de sobra. Deus nunca lhes faltara com o pão de cada dia. E Salustio, debruçando-se á janella antegozava a delicia desses grandes dias repousados promettendo fazer daquillo um mimo, abrindo caminhos na «mata» installando um aviario no jardim, á sombra da amendoeira, enchendo o tanque de peixes e substituindo aquellas gallinhas velhas por uma famosa criação de raça. E, todas as manhans, no jardim, emquanto esperava o bonde, traçava na areia com o guarda-chuva planos dum parque novo cheio de sombra e perfume. Foi nessa casa, ao abrigo desses muros, que Julião concluiu o seu curso de medicina dali saindo, com o diploma, para entrar na igreja levando os olhos extasiadamente postos em Lucia, esbelta e meiga, mais branca do que o véu fino que lhe cobria a graciosa cabeça.

D. Januaria tinha para elle carinhos de mãi. Orphão aos dezeseis annos, justamente quando concluira, com brilhantismo, as suas humanidades, Julião recorreu a Salustio em cuja casa o pai trabalhara como guarda-livros, pedindo-lhe um lugar no escriptorio que ao menos lhe désse para a matricula na Escola. O velho mineiro

recebeu-o commovido e alojou-o num quarto independente da casa de commercio fornecendo-lhe tudo sem exigir delle outra coisa sinão comportamento e boa nota no fim do anno. Julião foi grato e, até ao quinto anno, querido de todos,habitou o seu quarto no segundo andar; depois do exame, porém, em que obteve a nota de distincção, Salustio transferiu-o para o Cosme Velho onde o moço estudante apenas apparecia aos domingos para jantar em familia. E D. Januaria ainda conservava, na mesma ordem, o quarto que elle habitara, amplo, claro, com quatro janellas rasgadas ao sol e ao bom cheiro resinoso das altas arvores. E dizia: que tinha fé em Deus que ainda ali havia de ver o Paulo, com a sua grammatica, fazendo os seus verbos sobre a mesma mesa em que o pai, até horas altas da noite, escrevera a sua these.

Effectivamente o pequeno ia conquistando a casa com a sua vivacidade traquinas, com a sua alegria ruidosa, acordando ecos nunca ouvidos no casarão taciturno. As negras queriam-lhe, andavam com elle ao collo, atiravam-se ao chão para que o pequeno risse, derreando-se todo, mostrando a boquinha rosada onde appareciam os dentinhos brancos e miudos; o mesmo Manoel, macambuzio, fechado, sempre a resmungar, abrandava-se perto da criança como uma fera enternecida, fazia mômos e, sentando-se nos degraus da escada encostava o ancinho e tomando o pequeno nos braços robustos levantava-o no ar com um canto guttural e lugubre.

D. Januaria, para que o trabalho não fosse relaxado pelas negras, tomava o Paulo a seu cuidado levando-o ao jardim, ao bosque. Brincava com elle na relva, infantilizando-se, desistindo da sua gravidade para o fazer rir, entregando-se contente aos bracinhos que lhe apertavam o pescoço e á bocca que lhe babava o rosto.

Julião subia frequentemente ao Cosme Velho e, com o filho ao joelho, mirando-lhe os traços mal accentuados do rosto, ia descobrindo similhanças com a finada: a mesma cor dos olhos, a bocca, do mesmo talhe, certo signalsinho tanta vez beijado no canto da bocca de Lucia, ali estava reproduzido na face da criança; e ficava a ouvil-o, caminhava com elle deliciado, enternecido, provocando-o para que falasse.

D. Januaria, que registrava no coração tudo quanto fazia o afilhado, narrava: eram travessuras incriveis, espertezas que espantavam, casos admiraveis de precocidade e, sobretudo a

memoria viva que tinha. Lembrava-se ainda da Justina e ás vezes, caindo em tristeza, amuava num canto e, si o buscavam rompia a chorar chamando pela ama, aos gritos.

Muito nervoso, já naquella idade tinha sonhos e, tão fortes, em certas occasiões, que acordava assustado, chorando convulsivamente e, para dormir era necessario que ella o fosse buscar ao berço para o seu leito e o aconchegasse muito ao collo, acalentando-o.

Julião attribuia ao excessivo carinho: « Está ficando manhoso. »

Salustio dava-lhe nomes heroicos: era o Ferrabraz, era o grande Roldão e, quando o via nú, batendo as palmas, muito rechonchudo e rosado, era D. Sancho, o pançudo.

Em todos os cantos da casa havia brinquedos: carroças, cavallos, espadas, cornetas, Paulo ia-os destruindo um a um e Salustio, muita vez, para o não ver chorar, ajudava-o na destruição mostrando-lhe, com explicações, os cylindros das caixinhas de musica ou as molas que punham em movimento as azas dos escaravelhos de estanho. E assim mimosamente afagado, crescia como uma arvoresinha ao sol.

Correram mezes. Julião, dissipando-se a nevoa de saudade, reentrava na vida readquirindo a alegria, num remoçamento. Reverdesciam os sonhos e, como num campo, duramente castigado pelo inverno, repontam, aos primeiros calores, as sementes transidas nelle a pouco e pouco, dia a dia, foram revivendo antigos planos e o desejo forte, a vontade intensa de viver, de triumphar no mundo que o cercava e que parecia chamal-o seductoramente para o gozo mortal da vida.

Já, por vezes, haviam-no procurado para acudir a enfermos e não era a gente obscura do seu bairro pobre: operarios, homens humildes que lhe falavam vexados da miseria em que viviam pedindo-lhe, com simplicidade, a misericordia de os tratar porque eram o arrimo da casa e, para o enternecer, mostravam os filhos, adormecidos sobre cadeiras, immundos como haviam chegado das correrias no campo, sobre a relva onde a roupa corava; mulheres que lhe beijavam a mão apresentando-lhe criancinhas núas, descalças, roendo codeas de pão velho á beira do leito, que o fitavam com os

grandes olhos tristes, cheios de innocencia e de espanto como si nelle vissem um personagem de lenda, miraculoso e bom.

Não eram as estalagens lobregas, escuras, tresandando a barrella e a lixo onde, antes de entrar, abotoava-se e ia encontrando bebedos que resmungavam e defendendo-se de cães que investiam saindo de baixo dos coradouros de taboas, assanhados, ladrando, tão escuras que elle, para não ir d'encontro ás tinas de lavagem tinha de seguir riscando phosphoros até encontrar o cubiculo do cliente.

Eram casas nobres; os enfermos repousavam em leitos sumptuosos sobre linhos e sedas e os quartos tépidos trescalavam suavemente na penumbra somnolenta do gaz amortecido. Eram homens da politica, da magistratura, do alto commercio; eram damas que o esperavam, como num abandono romantico, em cambraias e rendas, mollemente reclinadas sobre almofadões macios, soffrendo com distincção, sem esgares, com o ar meigo e paciente de victimas resignadas, sorrindo e compondo os cabellos finos e perfumados. Deixavam, por vezes, entrever, numa indiscreção faceira um pouco da garganta marmorea, o braço nú ou voltando-se no leito mostravam o contorno dos corpos, como num molde de gesso, sob a alvura dos lençóes finissimos e elle com um olhar subtil sondava, como através d'agua transparente, toda a maravilhosa plastica que os linhos accusavam.

E como os seus dedos gozavam com o contacto daquellas carnes alvas, passeiando sobre a pelle macia! como o calor da febre se lhe insinuava pelas veias agitando-lhe o sangue. Quão differentes eram daquellas mulheres rudes, de tez queimada e grossa que, prostradas pela febre, abandonavam-lhe sobre a perna os pulsos formidaveis exercitados na labuta diaria das lavagens, pondo-lhe nos dedos um visco repugnante de suor. Deixando as languidas enfermas, tão bellas no soffrimento, nem elle pensava em lavar as mãos, queria tel-as sempre com o perfume daquelles corpos de amor, guardando a sensação da carne sentida, tão branda, tão tepida, tão delicada, tão sensivel ao tacto que, a seu pensar, a mais leve pressão bastava para martyrizal-a.

Foi em uma dessas visitas que Julião conheceu Corina. Junho entrava com as suas noites geladas. Estudava ainda, abafado no *robe de chambre* quando lhe bateram á porta chamando-o com toda

a urgencia para ver uma moça na praia de Botafogo; um tilbure esperava-o. Vestiu-se ás pressas, e tomando o capote saiu acompanhando o creado que, ao vel-o embarcar, pediu ao cocheiro que fosse á toda.

Caía uma garôa gelada e o vento do mar cortava. Emquanto o cocheiro ia fustigando o animal, Julião, encolhido, um tanto impressionado com a azáfama do creado poz-se a fantasiar: — Era num palacete. A moça, num accesso de febre, os cabellos desgrenhados, louca, investia com todos, soltando gritos lancinantes, rasgando as roupas. Buscavam contel-a e a luta ia-se-lhe afigurando numa visão, mas trillaram apitos; distraido inclinou-se um pouco para olhar: dois homens passaram correndo mas com a velocidade do tilbure nada mais viu e ia reentregar-se ao sonho quando o cavallo estacou diante dum alto e largo portão. A casa, ao fundo, na sombra do arvoredo, era de apparencia fidalga. Desceu logo, abrindo-se uma porta envidraçada, um raio de luz clareou a varanda de mosaico e elle viu num relance, a figura veneravel dum velho de grandes barbas alvas que ajustava o *robe de chambre* ao peito.

— Venha, senhor doutor. E' uma desgraça! Entrou e o rumor dos seus passos morreu no tapete molle da sala, alumiada parcamente por um bico de gaz mortiço. A mobilia, toda em *housses* brancas, punha grandes claros sobre o fundo escuro das paredes, cheias de molduras que refulgiam. Mal teve tempo de olhar: pousou o chapéu, despiu o capote e seguiu acompanhando o velho que se desculpava ajustando sempre o seu *robe de chambre*. Viu, á meia luz, no fundo de um corredor, a sala de jantar, o guarda louça rebrilhando, uma palmeirinha. E o velho suspirava desolado meneando a cabeça: « Pobre menina! Que desgraça! »

Subindo a escada que levava aos aposentos superiores Julião para informar-se, indagou: — Mas que tem ella?

— Uma febre, senhor doutor. Começou depois do jantar: dores de cabeça e nas pernas, a vista turva, ancias e logo a febre alta; ficou a arder. Está agora passando pelo somno, mas continúa muito quente.

Haviam chegado ao quarto da enferma. O velho entreabriu a porta annunciando o doutor e, logo voltando-se, abriu caminho a Julião que entrou vagaroso, solemne, com ligeiros comprimentos de

cabeça, encaminhando-se para o leito que o cortinado, tenue como uma nevoa, cercava. Duas senhoras, em attitudes de soffrimento, immoveis, caladas, occupavam os lados da cabeceira e deitada sobre uma onda de cabellos louros, os braços estendidos ao longo do corpo alvo, Corina dormia serenamente.

Julião tomou-lhe o pulso, pousou de leve a mão sobre a fronte, afastando, com volupia, os cabellos, depois tomando o thermometro pediu a uma das senhoras que o collocasse na axilla da enferma e afastou-se com muita dignidade.

Não achava gravidade ; parecia-lhe uma ligeira febre gastrica. O velho esquecendo o *robe de chambre*, ouvia-o com os olhos dilatados, numa grande anciedade, e quando Julião recebeu o thermometro elle avançou querendo ver a columna de mercurio, si subira, si baixara. 39°. O velho cravou os dedos nos cabellos, afflicto. «Não é grande coisa, descance. Vamos medical-a.» E Julião, a convite do velho, passou a um pequeno gabinete, dum gosto raro, onde havia uma secretária *mignonne*, de pau setim, movel delicado e artistico, repousando sobre uma pelle de urso. Ahi formulou a receita aspirando o suave perfume que subia de tudo, numa exhalação tépida e subtil. O velho pediu-lhe que se demorasse — tinha tanto medo daquellas febres e ella era tão sujeita. Filha unica. Que seria delle si a perdesse.

E Julião deixou-se estar folheando um livro, deliciando-se nesse ambiente de aroma, duma luz tão suave, coada através dum globo cor de rosa.

COELHO NETTO

(*Continúa*)

FACTOS DA VIDA DOS INSECTOS[1]

II. — FAUNA DOS CADAVERES

Não ha paz, não ha socego depois da morte... nem debaixo do mausoléo rendilhado do rico, nem na singela cova rasa do pobre. Aquelle epitaphio usual *Requiescat in pace*, não é sinão uma senha de consolação, é uma indulgencia posthuma concedida pela igreja ao corpo inanimado. Quando Gœthe, no momento de exhalar o ultimo suspiro, exclamou: *Luz! mais luz!* é que o vacuo das trevas em que se ia mergulhar, desenhava na retina naturalista do seu variado engenho as scenas intimas do fundo da sepultura e a tempestade do corpo mordido pelos vermes, tempestade mais medonha do que aquella com que Schiller, outro grande poeta germanico, abriu a enscenação do seu *Guilherme Tell.*

Eu quizera possuir entre os dedos as gregas do estylo de Luciano, afim de poder descrever ao vivo o dialogo dos mortos entabolado entre a carne e as larvas, a quem nenhum segredo das cellulas escapa na desaggregação que promovem até reduzil-as á expressão mais simples de materia mineral. Têm razão os crematistas. A incineração dos cadaveres é mais humana, é mais decente, é mais radical. Mais civilizadas eram as nações da idade de bronze que a puzeram em pratica, dando proveitosas lições de hygiene, que os modernos não souberam ainda aproveitar. Sobre a lapide tumular

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de maio.

o que se devia gravar era a inscripção do *Inferno* de Dante: *Lasciate ogni speranza voi che intrati*. E' a camara dos horrores que se abre; são mil mortes que serpenteiam sob a forma de feias lagartas e mephiticas moscas a tripudiarem, perturbando o repouso a que tinha direito o labutador de todos os dias nas pugnas da vida. Levantemos o panno do tremendo drama da decomposição cadaverica.

E' coisa sabida, que logo depois de haver pago a sua divida á natureza na expressão figurada de Bacon (um dos espiritos mais illuminados da Inglaterra), o corpo do homem e o dos animaes em geral, exposto ao ar livre, é presa de innumeraveis legiões de moscas que sobre os restos mortaes vão pôr a mesa das suas bacchanaes. Tão rapida é a multiplicação destas moscas, que o grande Linnêo dizia que só tres moscas da especie *vomitoria* eram sufficientes para devorarem o cadaver de um cavallo tão depressa como faria um leão.

Nós vamos dar em seguida uma pequena idéa da ferocidade excepcional, que desenvolvem estes entes vorazes, e mui particularmente da *musca carnaria*, vulgo mosca varejeira. Citemos o facto descripto por Paul Gervais: « No anno de 1829 (escreve elle), um mendigo, querendo livrar-se do calor excessivo, deitou-se debaixo de uma arvore, depois de ter collocado entre o peito e a camisa um pedaço de pão e de carne, que destinava á sua refeição. Veiu-lhe o somno. A carne foi atacada pelas moscas e as larvas depositadas por estes insectos passaram do pão e da carne para a pelle do infeliz, que foi avidamente devorada. Quando o soccorreram estava quasi morto e d'ahi a poucas horas succumbiu, e achou-se-lhe a pelle solapada por grandes vermes brancos, que penetravam até na espessura dos musculos.» Quando esta gula é sobre o vivo, imagine-se sobre o morto!

Antes, porém, que as moscas encetem a sua obra de destruição do cadaver, já outros entes, muitissimo menores do que ellas e invisiveis aos nossos olhos, se têm apascentado opiparamente na materia morta; esses entes são os micro-organismos da fermentação putrida.

Pois bem, da mesma sorte que a putrefacção é uma série de fermentações a se succederem regularmente umas ás outras, assim tambem os *insectos operarios da morte*, succedem-se por turmas sempre na mesma ordem. E' este o facto curioso, cujo estudo acurado tem-se prestado á deducções de grande alcance na pratica medico-legal.

Ora, durante os phenomenos complexos da fermentação putrida, ao passo que as especies anaerobias preparam o terreno para as aerobias e estas para as mucedinias e outras vegetações cryptogamicas, grande numero de gazes odoriferos se desprendem, cujo cheiro penetrante é percebido ao longe pelos insectos, graças á excepcional conformação do seu apparelho olfactivo. Segundo lhes apraz ou não o cheiro que percebem, assim vão comparecendo ao banquete da morte, as differentes turmas de insectos, afim de saciarem o seu appetite provocado pelas emanações que mais sympathicas se mostram ao seu olfacto.

No fim de certo tempo, o que brilha á claridade do dia é apenas a ossada branca e uma triste poeira escura e granulosa, o *pulvis es* da Escriptura, e que, segundo a fria analyse chimica, nada mais é do que o excremento accumulado das gerações de insectos que se succederam na herança dos remanescentes cadavericos. *Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.*

E' obvio que si a cada periodo de decomposição cadaverica corresponde uma turma differente de insectos, a determinação da especie para cada turma poderá servir de indicação do grau a que chegou a destruição da materia organizada e por conseguinte do tempo decorrido desde o momento da morte do individuo até o apparecimento da turma que se surprehende entregue á faina do consumo cadaverico.

Este é o ponto capital da questão, que desejamos offerecer a attenção do leitor. Já Redi, no tempo da historica Renascença, havia começado a pesquizar esta interessante questão; tambem Orfila em 1831 della se occupou. As pesquizas de Tardieu e Bergeret em 1850 e as mais recentes de Brouardel, Perier e Mégnin tem-lhe dado amplo desenvolvimento.

A confluencia de moscas aos enxames, á cata dos despojos mortaes de todos os animaes em geral, é facto observado desde os mais remotos tempos. O celebre vate mantuano, o melodioso Virgilio, talvez inspirado demais pelo seu estro bucolico, tomára essas moscas por abelhas. O distincto naturalista Redi, a que mais acima alludimos, demonstrara que os vermes dos cadaveres não deviam a sua existencia á geração espontanea, mas eram simplesmente larvas provenientes de ovos depositados por moscas, e que ao estado de moscas deviam mais tarde chegar por evolução natural. Orfila e outros autores de medicina legal confirmaram as experiencias de Redi.

Quem compulsar o tratado de medicina legal theorica e pratica de Devergie, autor que é sempre lido com prazer, apezar de ter publicado a sua obra em 1837, achará mencionadas ahi nada mais nada menos do que 26 especies differentes de moscas que semeiam seus ovos na superficie dos cadaveres.

Ha mesmo certas moscas [1] que, quaes piedosas sacerdotisas, visitam o cadaver alguns momentos antes da morte procurando, como que a farejar o ultimo suspiro, as aberturas das fossas nasaes, a bocca, os olhos, e ahi nessas cavidades, esses animaes agoureiros attraidos pelas emanações precursoras da hora fatal, buscam fazer seus ninhos funebres onde deponham os ovos perpetuadores da sua luctuosa especie.

Expira o doente... e outras moscas já diversas das precedentes corvejam em derredor do cadaver ainda quente. No momento em que a putrefacção se manifesta, ahi vem nova turma de *trabalhadores da morte* (na expressão de Mégnin), afim de reatarem o fio da destruição cadaverica começada pelos seus antecessores. Desta fórma, quando o cadaver baixa a descansar no fundo do tumulo, já leva comsigo futuras nações que vão commerciar com suas carnes, uma população numerosa de ovos, d'onde hão de brotar mais tarde as larvas vorazes, sugadoras dos seus ultimos residuos.

Os insectos encarregados pela natureza de votar ao exterminio a materia organizada alterada pelo trabalho da putrefacção, são pertencentes a varias ordens: são *Dipteros, Coleopteros, Micro-lepidopteros*. Além disto fazem confraria na mesma devoção os *Acarianos*, animaes que fazem parte de outra classe, a dos *Arachnides*. Muitas vezes ajuntam-se insectos de duas ou tres daquellas ordens, como commensaes do mesmo lauto festim, principalmente quando a decomposição cadaverica tem já attingido os seus ultimos limites.

As primeiras nuvens de insectos que zumbem, são moscas pertencentes ao genero *Musca* e *Curtonevra*. Depois chegam as dos generos *Calliphora* e *Antomyia*. Todas as moscas do genero *Musca*, hoje muito restricto porque o antigo genero *Musca* de Linnêo tornou-se agora uma familia, vestem côr cinzenta, parecendo-se muito com a *mosca de janella*. As *Curtonevras* tambem se parecem com as

---

[1] Por exemplo as *Curtonevras*.

precedentes. As *Calliphoras* têm maior estatura e a sua côr azul pouco brilhante faz relevo no lugubre cortejo. A mosca azul da carne [1] é o typo do genero.

Taes são os Dipteros que atacam os cadaveres frescos e cujos casulos vazios, quaes urnas mortuarias, são os unicos que se acham nos esquifes dos cadaveres enterrados durante a estação do estio. A fórma destes casulos é cylindrica, a sua côr é escura, elles são grandes, bem distinctos dos outros casulos, deixados (triste lembrança dos festins da sepultura!) pelos insectos pertencentes ás turmas, que succedem a esta primeira fornada. Eis ahi revôa em murmurar sinistro uma nuvem de moscas, cujas azas brilhantes realçam o bello verde metalico da sua vestimenta, de mistura com outras maiores, cuja côr é cinzenta tirando para preto, listradas, salpicadas de manchas. E' a segunda turma que chega a reatar o fio de destruição. São moscas pertencentes aos dois generos Lucilia e Sarcophaga.

O genero Lucilia conta umas 30 especies; é nos cadaveres ainda no verdor da putrefacção que ellas gostam de depôr os seus ovos. As larvas que saem desses ovos, uma vez satisfeita a sua voracidade, vão buscar abrigo no sólo, onde, como que para digerir o succulento manjar cadaverico, dormem a longa sésta de crysalida. Já no genero Sarcophaga são as dobras das vestes do morto e as dos tecidos molles deste, que servem de abrigo ás larvas. Os entomologistas têm descripto até 25 especies deste ultimo genero, cujas femeas dão nascimento não a ovos, mas a larvas já completamente formadas (geração vivipara). Por isso, a sua fecundidade é extraordinaria. No fim de poucos mezes, durante uma só estação do anno por exemplo, podem succeder-lhe tres gerações destes insectos. Mal rompem o involucro das suas crysalidas, por um privilegio singular da natureza, elles sáem já puberes, promptos a exercerem a funcção reproductora. Por tres, seis mezes, lá estão as moscas sarcophagas a pullular sobre o cadaver, movendo-se soffregas como em uma dansa macabra de espectros. Por fim ellas cedem o seu lugar a Coleopteros [2] e a borboletas, [3] que constituem a terceira

---

[1] *Calliphora vomitoria.*

[2] Coleoptero do genero *Dermestes.*

[3] Lepidopteros do genero *Aglossa.*

turma dos convivas da orgia da putrefacção. Nesta phase os cadaveres offerecem esse aspecto peculiar untuoso, devido á formação de sabões ammoniacaes e de soda e potassa. Essas materias gordurentas, assim expostas ao ar, não tardam a rancificar-se servindo de pasto a diversos cogumelos microscopicos, conforme as nossas experiencias sobre a fermentação gordurosa. Eu proporia aos Srs. Brouardel e Bergeret, nesta phase, o exame microscopico das camadas superficiaes do cadaver; pois a presença destes cogumelos combinada com a dos insectos acima mencionados, traria mais um elemento para a determinação da data da morte do individuo. São em geral fungos do genero *Penicillium*, Aspergillus, etc.

As larvas dos Dermestes [1] não só se regalam nos cadaveres saponificados, como tambem são avidos de tudo quanto é pelle; e são por isso o flagello dos mercadores de *pelleterias*, e devastam sem compaixão as collecções de anatomia e historia natural. Esses verdadeiros pequenos scelerados são cobertos de pellos compridos. No estado de insecto perfeito, muitos naturalistas afiançam que elles são innocentes, contra a opinião de Mégnin. As larvas dos *Dermestes* trabalham durante tres mezes, e por fim devoram-se umas ás outras, como os naufragos de Medusa, quando lhes falta o alimento cadaverico. Muitas dessas horripilantes larvas cobrem-se então com o seu proprio excremento, transformam-se em crysalida á custa da sua propria miseravel pelle resequida, e passado um mez surge do pobre casulo o insecto perfeito. [2]

Duas palavras sobre os collaboradores dos *Dermestes*, isto é, as pequenas mariposas do genero *Aglossa*. Quando o crepusculo espalha o seu fusco clarão e as primeiras luzes se acendem, em derredor destas, attraidas pelo seu brilho e calor, começam ellas a voltear terminando muitas vezes esta curiosa scena de seducção pelo suicidio do insecto no seio abrazado da chamma. Durante o dia estas mariposas descansam das aventuras nocturnas, gozando das delicias do somno debaixo da folhagem das arvores. [3]

---

[1] Familia dos Clavicornes.

[2] Tres especies de *Dermestes* tem sido achadas sobre o cadaver: o *D. Lardarius*, o *D. Frischii* e o *D. undulatus*.

[3] O genero *Aglossa* pertence á familia dos *Pyralides*. Elle é vizinho dos *Tineidea* (traças) e das *Galleria*.

A familia a que pertencem estes micro-lepidopteros torna-se notavel pelos instinctos destruidores de que são dotados os seus membros. Não é, pois, de admirar que se encontrem nella especies de vocação tão lugubre como a de nutrir-se, quaes urubús, dos destroços humanos. Com effeito, conhece-se a *Pyrales vitana*, muito bem estudada por Andouin, que destroe plantações inteiras de vinhedos.

A *Aglossa* que vive nos cadaveres saponificados é da especie *Pinguinalis*; ella vive tambem no toucinho, é amante da manteiga, e introduz-se algumas vezes no estomago humano, junto com os alimentos, segundo affirmava Linnêo.

A quem ler este trabalho, seja dona de casa, fabricante de artigos culinarios ou tenha occupações congeneres, é util avisar, que a *A. pinguinalis* tem especial prazer em visitar as cozinhas, sobretudo nos bellos dias da primavera, que é a poetica estação em que o mortuario animal gruda ao seu corpo as azas buliçosas de borboleta. São tambem lugares de sua predilecção as casas de vender comestiveis, como as dos salchicheiros, fabricantes de carnes de fumeiro, etc; tudo porque ahi encontra o farnel do seu capricho, que é a materia gorda, sobretudo alterada.

Assoma agora ao scenario pornographico da consumpção *post mortem mortis* (deixem-me passar o arrojado tropo), a quarta turma de insectos, á qual está reservada a ceia das materias albuminoides. Os mesmos insectos que se desenvolvem no queijo deteriorado são os chamados a esta laboriosa empreitada. [1] Elles appareciam dez mezes pouco mais ou menos depois da morte do individuo. As larvas destas moscas offerecem uma singularidade notavel: ellas se reconhecem pelos saltos caracteristicos que executam. Quem é que não tem observado este phenomeno nos chamados *bichos de queijo* ou saltões?

Junto com as duas especies, citadas na nota infra, notam-se larvas de moscas do genero *Antomyia* e bellos *Coleopteros*, pertencentes a tres diversas especies. [2]

No genero Pyophila, faz-se completa a metamorphose no prazo de 25 ou 30 dias. No genero Antomyia, as larvas e crysalidas têm

---

[1] Taes são as moscas, cujos nomes scientificos são: *Pyophila casei* e *Pyophila petasionis*.

[2] Do genero *Corynetes*.

uma evolução tão rapida como a das *Calliphora*, ás quaes já nos referimos.

Os costumes dos *Antomyias* são, por assim dizer, nomades. Uns andam á procura das exhalações cadavericas, outros de muito melhor gosto do que as precedentes perseguem lindas e perfumadas flôres, como sejam as das familias das *Synanthereas* (margaridas, monsenhores, saudades, etc., etc.) e das Umbelliferas (salsa hortense, aniz, etc.) Ha alguns que preferem os cogumelos em decomposição, e outros (os mais perigosos para a humanidade), que introduzem os seus ovos em varios canaes e cavidades, do corpo humano, taes como o conducto auditivo [1] e o estomago. [2] Umas especies gostam de habitar as cidades, outras preferem respirar o ar puro do campo. Este facto é importante, pois achadas sobre um cadaver umas ou outras, póde-se determinar a localidade em que teve lugar a morte da pessoa.

Quando, decorridos dez mezes, o cadaver humano começa a embeber-se de succos acidos, comparecem a deliciar-se neste prato picante uma nova turma (a quinta), de pequenos coleopteros, [3] que apresentam um uniforme azul, côr de aço. Têm sido tambem encontrados roendo os esqueletos e os couros. Além da especie toda azul, [4] ha uma que é roxa, outra que tem o collo ruivo, uma terceira que tem as patas ruivas e uma ultima côr de violeta.

Fatal condição! Leva o organismo humano a fermentar em vida e depois da morte! Passa a fermentação putrida propriamente dita, cujos factores são os infinitesimaes microbios, ahi vem a fermentação gordurosa, com os seus productos de odôr enjoativo (acidos butyrico, valerianico e outros). Passa a fermentação gordurosa, entra em scena a ammoniacal, cujo trabalho util consiste na reducção das materias animaes a um liquido ennegrecido, d'onde se desprendem asquerosos effluvios, que dão o toque de rebate á chegada da sexta turma, composta ainda de *Dipteros* e *Coleopteros*. [5]

---

[1] Caso citado pelo Dr. Danthon.

[2] Casos de Ch. Robin e Laboulbène.

[3] São os *Necrobia*, da familia dos Clerides.

[4] *N. cœruleus*.

[5] Estes *Dipteros* pertencem á sub-tribu dos *Acalipteros* e aos generos *Tyreopterus*, *Lonchéa*, *Phora* e *Ophyra*.

Existe uma especie *Cynophila*, assim chamada por se encontrar principalmente nos cadaveres resequidos dos cães, em que se distingue o macho, por um facto todo fantasista. Figure-se um insecto pequenino, cujo comprimento mede seis millimetros, vestido de azul muito escuro, com a cabeça de côr alaranjada exhalando clarões phosphorescentes. Na fronte duas manchas pretas, como si fosse a marca do seu funebre emprego ; as patas são negras ; negras são tambem as nervuras transversaes das azas. O primeiro articulo das antennas é ruivo. Um verdadeiro uniforme a caracter.

Do mesmo tamanho pouco mais ou menos e vestidas tambem tristemente são as especies do mesmo genero, que têm os nomes de *Furcata* e *Antropophaga*, e uma outra do genero Lonchéa [1], cuja côr é preta com brilhantes reflexos esverdeados, achada por Mégnin torturando o cadaverzinho já encarquilhado de uma criança fallecida havia dezoito mezes.

Apreciemos agora o genero *Ophyra*, moscas que se distinguem pelo apuro com que trajam uma bella vestimenta de côr negra luzidia. Os seus habitos são vagabundos. Andam errantes pelas matas, como o judeu da lenda, e quando sentem no seio os anhelos urgentes da maternidade vão depôr os frutos das suas entranhas, não sobre um leito de rosas, mas sobre a superficie saniosa das carnes apodrecidas. As larvas e as nymphas da especie *cadaverina*, foram encontradas por Mégnin nos corpos exhumados em St. Nazaire.

No genero *Phora* attrai a attenção uma pequenina mosca (dois millimetros só de comprimento),[2] toda luxuosa na sua veste negro-avelludada, ornada de duas azinhas transparentes e vibrantes. Tão formoso typo devera ter muito bom gosto. Querem saber o *restaurant* (deixem-me passar a metaphora), que elle frequenta? O cadaver em plena decomposição deliquescente, coberto já de um môlho negro archi-horripilante, o que significa defuncto de mais de um anno!

Desviemos os olhos deste espectaculo bello e lugubre a um só tempo, e perguntemos ás *Sylphides*, familia subordinada á ordem dos *Coleopteros* o que é que fazem as suas zelosas especies do

---

[1] Especie *nigrimana*.
[2] E' a *Phora aterrima*.

genero *Necrophora*, á hora psychologica do crepusculo, batendo as azinhas manchadas das côres combinadamente sinistras—amarello e preto, — a se mexerem, quaes corvos, em torno dos cadaveres de pequenos animaes: ratos, toupeiras, passarinhos... ? Ah! Eu percebo que elles estão cumprindo um piedoso dever. Elles enxamêam em derredor desses pequenos defunctos que encontraram abandonados no meio da estrada, afim de abrir-lhes a cóva onde possam repousar occultos á vista indiscreta dos forasteiros.

E, coisa admiravel! no mesmo momento em que lançam com as suas patas as derradeiras pás de terra sobre o cadaver, as *Sylphides femininas*, como um tributo sagrado pago á sublime funcção da reproducção da especie, depositam sobre o corpo putrefacto os seus ovos, idéa que produz dois beneficos resultados: é como que um seguro de vida para os seus futuros pimpolhos garantindo-lhes facil e farta nutrição, e permitte ao mesmo tempo que esses pimpolhos, que não são outra coisa mais do que as larvas, prestem á humanidade o hygienico serviço de consumir até os ossos as partes molles do corpo sepultado, que sem esta providencia constituiria um fóco perenne de infecção. O *Necrophora* coveiro [1] traja rigoroso lucto, com antennas ruivas.

Collaboram com o genero *Necrophora*, menos a scena do enterramento, os generos *Sylpha*, *Hister* e *Saprinus*, que limitam ao papel de convidados glotões da corrupção organizada, ou de carpideiras venaes que acompanham o feretro a troco do jantar das carnes em escandalosa putrefacção.

Mas ainda não está terminada a longa e repugnante obra de dissolução dos tecidos organizados... esses tecidos tão acariciados pelas mãis, emquanto formavam o tenro fruto das suas entranhas, tão beijados pelos esposos e tão admirados ao espelho pelas damas ufanas da sua belleza! Eis ahi se apressa a a setima turma dos inexoraveis comedores de restos mortaes. Tortura na vida, tortura na morte!

Ainda escorrem no minguado cadaver, como vinhos entornados na mesa de tantas ceiatas, fetidos humores que impregnam os tecidos rentes com o esqueleto. E' preciso estancar esses humores, é necessario deseccar esse viscoso pantano de putrefacção.

---

[1] *Fossor* é o nome latino da especie.

Mumifique-se o cadaver! A este brado acodem não mais insectos propriamente ditos; parece que elles já estão enjoados de tanto gozo pôdre. São os *Acarios* [1] que vão desfrutar o prazer de se espojarem nesse esterquilinio. Elles vão ser, digamos assim, os embalsamadores do cadaver, elles vão absorver como uma esponja salutar todos os liquidos fetidos que encontrarem, a sua voracidade não respeitará tecido algum, a não ser o tecido conjunctivo. Em pouco tempo ter-se-á diante dos olhos uma mumia perfeita como si tivesse saido da officina de um antigo artista egypciaco. Os tegumentos vão ficar duros e sonoros como o pergaminho, e vai tingil-os um colorido pardo-alaranjado (côr testacea dos entomologistas).

Para poderem exercer a sua missão de sugadores dos liquidos putridos, são dotados os *Acarios* de uma pequena tromba situada na bocca, donde sai uma especie de lanceta formada pelas maxilas. Este poderoso apparelho de sucção, verdadeira ventosa animada, contrasta com a mesquinha estatura destes insectos, que são tão pequeninos ás vezes, que só o microscopio póde distinguil-os. Os *Acarios* multiplicam-se com uma fecundidade que causa assombro. São em geral achatados como uma moeda. [2] Abandonado dentro de um jardim em um monte de palha, Mégnin encontrou uma vez o cadaver de um feto humano já secco, que servia de pasto a um Acario de fórma globulosa. [3] Um aviso que me parece util: muitos *Acarios* do genero *Tyrogliphus*, que se nutrem como acabamos de ver, de sanie putrefacta, têm o costume de sugar o mel e as frutas seccas e visitam muito os guarda-comidas e depositos de carnes salgadas. Depois de tão horroroso e prolongado cannibalismo, pareceria estar tudo acabado. Ainda não. Falta o enterro dos ossos. Essa pelle petrificada do cadaver, rejeitada até pelos agentes bacterianos, esses ligamentos e tendões rijos e convertidos numa argamassa de apparencia resinosa, os

---

[1] Os *Acarios* pertencem á classe dos *Arachnides* (tribu dos *Arthropodes* de Hœckel).

[2] Tal é o *urupoda nummularia*, que chupa o succo dos cadaveres em companhia do *serrator necrophora*. Tambem vive no esterco e na palha apodrecida.

[3] O *Trachynotus cadaverinus*. Varias especies do genero *Tyrogliphus* collaboram com esta.

proprios cabellos... não escapam ao instincto exterminador de certos coleopteros e micro-lepidopteros, que não são outros sinão aquelles que roem as nossas roupas, os nossos tapetes, furam os nossos livros, traçando nas paginas fendas herogliphicas que dir-se-ia itas a canivete e devastam as nossas collecções de historia natural.

Nos cadaveres totalmente deseccados, graças á *drenagem* operada pelos grandes pequenos engenheiros — da turma anterior, vamos encontrar em plena funcção mastigadora uma borboletasinha [1] cujas azas superiores são côr de cobre, com malhas pretas e duas listras sinuosas transversaes e amarelentas; as azas inferiores são de um amarello claro. A larva é nua. Tambem se encontram na mesma occasião as borboletas menores que se conhecem. [2]

Coleopteros fazem igualmente parte desta turma,[3] alguns dando nascimento a lagartas pelludas, que ao menor toque se erriçam, como o porco-espim. As especies dos anthrenos, no estado adulto, passam a vida nas flores, mas vão desovar nas mumias de fetos humanos nas pennas dos passaros empalhados, nos despojos mortaes do outros insectos. Ha uma especie (*A. museorum*), que é o flagello dos musêos.

Fecha o funebre prestito que fizemos desfilar diante dos olhos do leitor, a ultima turma composta de duas especies: O tenebrião escuro (*T. obscurus*), que foi achado num feto humano, cuja morte datava de 4 annos e o quasi microscopico *Ptynus brunneus*, encontrado nas mesmas condições pelo naturalista Lichtenstein. Acrescentemos que os cadaveres inhumados são consumidos por um numero de larvas muito menor que o dos cadaveres livremente expostos ao ar. Mégnin, autor que se tem occupado especialmente desta questão, assignala sómente quatro especies de *Dípteros*, duas especies de *Coleopteros*, uma do genero *Julo* e duas da ordem dos *Thysanuros*, insectos que têm a cauda em gancho, que dobrando-se por debaixo do abdomen, distende-se depois como uma mola e o animal dá um grande salto.

Por consequencia, debaixo do ponto de vista das applicações medico-legaes, os dados entomologicos fornecidos pelos cadaveres

---

[1] A *Aglossa cuprealis*

[2] As do genero *Tineola*: *T. pellionella* (15 millimetros de aza a aza); *T. biselliella* (seis millimetros de comprimento).

[3] Tribu dos *Dermestides*: generos *Attagenus* e *Anthrenus*.

expostos ao ar livre offerecem criterio muito mais seguro do que os fornecidos pelos cadaveres inhumados.

E' claro que bem poucas especies de insectos, poderão atravessar a espessa camada de terra que cobre o corpo, sobretudo si a terra fôr compacta ou argillosa. O material de que é feito o esquife tambem influe ; sendo de chumbo constituirá uma barreira inexpugnavel ás larvas que tentarem ahi penetrar. Ainda assim, pretende Mégnin, que se póde tirar muitas indicações aproveitaveis para um calculo aproximado da data da morte do individuo, e experiencias neste sentido têm sido executadas por elle proprio e os professores Brouardel e Bergeret. E' mais uma arma nas mãos da justiça para desvendar o mysterio de muitos crimes occultos através de longos annos.

Além deste interesse pratico que offerece o estudo que acabamos de fazer, acha nelle o philosopho campo vasto para as suas profundas lucubrações, e os vermes miseraveis que vão tragando silenciosamente os tecidos humanos privados da vida, falam com tanta eloquencia como Hamleto na famosa scena dos coveiros. E para encerrar este capitulo não vejo frase mais adequada do que aquella com que o immortal Shakespeare termina a sua colossal tragedia :

The rest silence.

Dr. Domingos Freire

(*Continúa*)

POESIA

AO MAR

(Do poeta chileno Roberto Huneeus)

I

O' Mar! inexhaurivel Mar, que alcanças,
E encerras em teu barathro profundo
Os destinos misérrimos de um mundo
De ambições e esperanças...

Quantas vezes, inquieto,
Fui confiar-te duvidas e maguas,
Pedindo ás grandes aguas
Conforto para o meu pezar secreto!

Quantas vezes, ó Mar! com a alma cheia
De goso, de afflicção, de amor, de gloria,
Eu escrevi minha confusa historia
De tuas praias na esquecida areia!

Quantas vezes, ó Mar! com teus lamentos
Os meus lamentos tenho confundido,
Curvado sobre as rochas, e vencido
Por tantos desalentos!...

Si te contemplo a immensidade, e escuto
Tua austera harmonia,
Que imagens varias, de prazer e lucto,
Vão-se cruzando em minha fantasia!

Quando a dor e a descrença, em rude guerra,
Gastaram todo o seu furor commigo,
Naufrago me sentindo sobre a terra,
Em ti busquei abrigo!

Risos que góso, lagrimas que choro,
Conheces; de mostrar-t'os não me esquivo;
Bem sabes a vehemencia com que a adoro,
E que sómente para amal-a vivo...

II

Salve, ó Mar! Avigora-se em teu seio
Meu espirito; quantas
Ondas levantas em perpetuo anceio,
Tantas idéas dentro em mim levantas.

Tu revelaste ao Genovez vidente
De um novo mundo os esplendores novos;
Surgiu a America; e em seus fortes povos
Ha-de abdicar o velho continente.

Na frota real o navegante augusto
Aqui trouxeste em jubilo; e, indignado,
A vil deshonra supportaste a custo
De o ver, ancião, de algemas carregado!

E ora guardas as lendas e os mysterios
Daquelle nobre seculo gigante,
Que as descobertas impelliu avante,
E completou do globo os hemispherios.

Occultas, como em sepultura arcana,
Problemas e heroismos,
Que, sempre obscuros para a sciencia humana,
Sumidos ficarão em teus abysmos.

Nações, outras nações despedaçando,
Tingem-te em sangue; e, no renhido pleito,
Vês não raro—espectaculo nefando!—
A Força que triumpha do Direito...

Naus, reis e thronos, a brincar devasta
O teu capricho; e tudo ahi vai disperso;
Uma procella basta
Para mudar a face do universo.

Viste de Nelson o solemne exemplo,
E o valor soberano;
A Prat abriste da memoria o templo
—Ufano delle e de ti mesmo ufano!

Hoje, em tua amplidão—tendo por norte
A Liberdade—firmes como estoicos,
Do heroico Chile os filhos mais heroicos
Lutam e soffrem, arrostando a morte!

Ao pensar que a tua aura, em beijos puros,
Ainda no berço acaricial-os vinha
—A esses que em ti, sublimes palinuros,
Buscam a redempção da patria minha;

Em teu louvor, minha harpa dedilhando,
O' Mar! psalmos entôo,
Ao compasso das ondas grave e brando...
E, commovidamente, te abençôo!

MAGALHÃES DE AZEREDO

O MAL FINANCEIRO[1]

E O SEU REMEDIO

IV

Não póde soffrer contestação que a desvalorização da moeda fiduciaria brazileira trouxe, como consequencia, um valor falso ou nominal para todos os generos permutados no paiz; os preços subiram gradualmente, na proporção da invasão do papel na circulação, exigindo maior somma da moeda liberatoria quanto maior era a sua emissão. E' esta uma das causas pelas quaes se affirma que falta o dinheiro ou que o existente é pouco para as transacções commerciaes, facto muito conhecido a quem se entrega ao estudo da sciencia financeira e um dos effeitos do papel-moeda de curso forçado : ser sempre mais escasso, quanto maior é a sua quantidade. Emittam mais e sempre desse papel e mais se accentuará a sua falta, desde que, com a subida de todos os preços, maior somma é necessaria para pagal-os. E' por esta razão que os operarios queixam-se da insufficiencia do salario ganho, apezar de ser este superior ao dos annos anteriores; o funccionario publico queixa-se da exiguidade dos seus vencimentos, não obstante estarem muito augmentados do que eram em outro tempo; todos acham os lucros insufficientes ás exigencias da vida, não obstante ganharem mais do que outr'ora.

---

1 Veja a *Revista* de 15 de maio.

Isto é phenomeno impossivel de ser illudido porque todos o sentem, diariamente, ao comparar as despezas do dia de hoje com as de hontem, com as do tempo em que se obtinham lucros menores.

Ha uma equivalencia certa, incapaz de ser sophismada, entre a somma do papel-moeda em circulação e a receita e despeza de todos os cidadãos, de todas as classes, de todas as profissões; elles vêm-se com salarios, vencimentos, rendimentos maiores e sentem que, com a moeda recebida a mais, não é possivel obter nada além do que se comprava outr'ora e talvez nem mesmo aquillo que bastava em outro tempo. Bem comprehendida e assentada verdade tão claramente manifestada nas relações diarias da generalidade dos habitantes deste paiz, póde-se affirmar que apezar de manusear-se mais dinheiro, apezar de retirarem-se mais lucros de todas as profissões, o povo brazileiro vive mais pobremente hoje do que anteriormente; póde dar testemunho disto cada um a quem se impõe a restricção das suas despezas, dia a dia.

Já lá foi o tempo em que julgava-se satisfeito o funccionario publico ou o empregado particular com o vencimento mensal de 400$000; hoje ninguem julga ao menos sufficiente esta quantia para passar modestamente. E' que a moeda com a qual se pagavam esses vencimentos perdeu o seu valor liberatorio justamente na proporção do augmento do preço dos generos por ella adquiridos, guardado equilibrio entre essa desvalorização e o preço dos generos necessarios á vida. O governo tem a prova inconcussa desse estado de coisas nas necessidades da cifra do seu orçamento da despeza, sufficiente no limite de 151.219:720$000, em 1889, talvez não bastante com 354.634:000$000, no exercicio corrente.

Si quizermos reduzir estas cifras a uma medida commum de valor e este é a moeda de ouro, poderemos verificar que a receita do governo federal é, em 1896, inferior á de 1889; reduzindo essas duas quantias á moeda de ouro, ou libras esterlinas, ao cambio de 1889 e ao cambio de hoje, veremos que a receita era:

em 1889, ao cambio de 27 d. por 1$000 de	£ 17.010.000
ao passo que a de 1896 apenas chega a	£ 14.299.372
ao cambio de 9 1/2, com a differença para menos	£ 2.710.628

Entretanto clama-se contra a enorme despeza da Republica, quando se deveria gritar alto contra o augmento do papel-moeda de

curso forçado, a mais agora em centenas de milhares de contos de réis. O que mais pesa, a verba que mais accentuadamente desequilibra o orçamento, por ser dispendida em completa inutilidade para beneficio do povo é a de fluctuações de cambio, ou a differença de valor com que a moeda fiduciaria recebida pelo governo, da sua receita, deverá ser dispendida para alcançar o valor da moeda de ouro com que hão de ser feitos os pagamentos no estrangeiro ; essa verba figura no orçamento com a cifra de 45.000 contos de réis, mas sabe-se que esta quantia não é sufficiente, muito longe está da pressão soffrida pelo Thesouro Nacional para cumprir os seus compromissos em moeda de ouro. Calcula-se que o governo precisa annualmente, para todas as despezas em moeda de ouro, de seis milhões esterlinos que, ao cambio par, exigiriam — 53.000:000$000 ; os mesmos seis milhões, ao cambio de 9 1/2, exigem a cifra de 153.000:000$000, ou mais 100.000:000$000 do que a quantia real e que são dispendidos sómente com a differença da moeda fiduciaria para a moeda de ouro, denominador commum dos valores. Com similhante desproporção, com sacrificio desta ordem é impossivel haver orçamento equilibrado, não se poderá nunca reorganizar as finanças da Republica.

Sendo a desvalorização da moeda fiduciaria a causa do desequilibrio da despeza publica, como das relações dos particulares, conhecida esta causa da perturbação geral dos valores, parece que não póde haver duas opiniões quanto ao caminho a enveredar para sairmos da situação afflictiva em que nos achamos.

Um orçamento calculado em 350.000:000$000 de receita dos quaes se hão de tirar 100.000:000$000 somente para adquirir a moeda de ouro, afim de acudir ao pagamento de despezas calculadas em papel de curso forçado, ha de accusar por força insufficiencia ao ser executado ; rendas percebidas em papel para satisfazer á despeza com a acquisição de objectos que alcançaram o triplo do seu valor anterior, não bastarão para a vida do particular que as recebe ; generos de importação que vão ser vendidos por moeda que deve ser elevada ao triplo para poder chegar ao pagamento no estrangeiro onde foram comprados, hão de por força embaraçar e quiçá arruinar o commercio. Todos, a uma, sentem a necessidade inadiavel, imperiosa de atacar essa desvalorização que tudo perturba, a todos constrange, e teria arrastado o paiz á ruina certa, si não foram

os elementos enormes de actividade, os recursos inesgotaveis de paiz novo, rico e prospero. Como fazel-o?

Como restituir á nação brazileira a normalidade das suas relações commerciaes, dando valor á moeda que tantos prejuizos causa?

V

Parece que não ha quem possa exigir do governo que, encampando as emissões e tornando-se devedor da somma de 678 mil contos de papel moeda desmoralizado por uma depreciação de 300 % do seu valor nominal, proceda ao resgate desse papel por moeda de ouro, ao cambio de 27, ou receba esse papel valendo tres vezes menos que a libra esterlina e o pague, pelo resgate, com o triplo do seu valor: a libra vale actualmente 25$500, quando o seu valor par é de 8$890 ou a terça parte daquelle. O papel-moeda tem hoje a terça parte do valor da libra esterlina; si o governo houver de decretar medidas que modifiquem o valor dessa moeda, o seu apreçamento será feito em relação á moeda de ouro, com valor liberatorio tres vezes maior; sendo o papel-moeda um emprestimo que será pago com o resgate, devendo esse resgate ser feito em ouro, a pagar pelo seu valor segundo o cambio na época em que elle fôr adquirindo maior força liberatoria, o resgate ou pagamento deverá ser feito por ouro ou pelo seu equivalente. A injustiça de exigir do governo, ou da nação brazileira, o pagamento desse papel pelo seu valor nominal, quando elle é recebido por tres vezes menos, conforme o seu valor real na época da responsabilidade assumida pelo governo, resalta logo ao considerar que pela encampação das emissões, o governo toma a responsabilidade do pagamento desse emprestimo feito pelos bancos emissores, no valor de tres vezes o seu valor real.

Si o cambio, medida exacta do valor real desse papel, se conserva á taxa de 9 1/2 por effeito da desmoralização a que elle chegou, si o governo assume a obrigação de pagar o papel-moeda com o ouro adquirido aos seus recursos ou ao seu credito, pondo em pratica medidas que alterem essa taxa cambial, o que significa valorizar o papel, não é justo, absolutamente não é aceitavel que elle tenha de resgatal-o ao par do ouro ou ao cambio possivel de

obter por effeito das medidas em que a receita publica ou o credito da Republica hajam de ser postos em contribuição.

Como consequencia seremos forçados a confessar que o papel moeda de curso forçado, com a differença de tres vezes menos o ouro pelo qual deve ser resgatado, havendo trazido para o paiz, para o governo principalmente os desastrosos effeitos do cambio a 9, deve ser resgatado a esse cambio, fixado para o resgate, não alterado pelo facto de haver o governo de valorizar a circulação, procurar melhorar o meio circulante que recebe em estado tão lastimavel; elle deve ser resgatado por ouro ao par, ou a 26$ por libra esterlina.

Bem firmado este principio, que decorre naturalmente dos factos ao alcance de todo mundo, comprehende-se que o resgate do papel moeda de curso forçado, circulante no paiz, não póde ser feito sinão por moeda de ouro, ou moeda papel equivalente a ouro. Posso mesmo acrescentar que si, apezar de todas as circumstancias concorrentes para restabelecer a confiança no paiz, apezar de haverem cessado as nossas lutas intestinas á acção benefica, patriotica, reflectidamente calma do governo do Sr. Presidente da Republica, apezar de haver consideravelmente se retraido a importação para pôr-se ao nivel da exportação, passado o periodo da *febre de comprar*, consequencia da *pressa* de jogar na circulação o papel autorizado; não obstante os nossos titulos no estrangeiro accusarem confiança relativa no futuro do Brazil, conservando cotação ainda muito apreciavel, superior a todos os titulos das republicas da America do Sul, posso affirmar, digo, que si, apezar de todas estas condições de vantagem, o cambio accusa essa taxa, duas vezes quasi abaixo da menor cotação a que chegou na época de maior crise da guerra do Paraguay, a razão não é outra sinão a certeza que têm os paizes com os quaes mantemos relações commerciaes de ser obrigatorio, fatal, inilludivel esse resgate do papel segundo a cotação desastrosa a que a sua enorme existencia na circulação chegou, seu valor real, incapaz de obter outro.

A primeira providencia a tomar para encarar de frente a questão financeira do Brazil e resolvel-a é fixar o cambio de 9 d por 1$000 para o resgate de todo o papel-moeda em circulação e ordenar o seu resgate, depois de constituir um fundo em ouro no Thesouro Nacional para, sobre este, emittir o governo a moeda-papel que deve

operar o troco e que, ouro como é, deve fazel-o ao cambio de 9, fixado. Sei a enorme somma de objecções que se levantarão no espirito dos entendidos neste assumpto, ao lerem esta proposição enunciada assim com todas as palavras, para base de um plano que começa a ser esboçado ; devendo presumir que eu as conheço, devem permittir-me o pedido de lerem o presente estudo todo, certos como estão de não constar esse de uma medida isolada, unica, mas de um complexo de providencias, impossiveis de ser expostas com um traço de penna só. As primeiras objecções que assaltam essa medida são : o modo de constituir o fundo em ouro e o estado a que serão reduzidas todas as relações sociaes com a transição brusca do meio circulante, de papel-moeda depreciado para moeda-papel, valendo ouro e portanto mudando as transacções do cambio de 9 para o de 27. Hão de ver que, no correr dos artigos, eu aprecio essas faces diversas da questão ; nem seria isto um plano para atacar o mal financeiro e dar-lhe remedio si eu não examinasse cuidadosamente esses delicadissimos pontos que a critica apresentaria como barreira insuperavel na execução.

Desenvolvendo o complexo das medidas que entendo deverem acompanhar a principal acima exposta, eu provarei como não ha motivo para receios de perturbação na vida nacional, tudo póde ser feito nas condições normaes das relações sociaes, produzindo talvez menor abalo e com certeza menos prejuizos e desillusões do que a entrada na circulação de uma somma superior a quatrocentos mil contos de réis em menos de tres annos, toda de papel de curso forçado, parte sem garantia de especie alguma, *fingindo dinheiro* quando tal não era e obrigando ás mais loucas fantasias. O estudo perseverante por mim feito sobre esta questão, a coherencia das minhas opiniões desde a primeira vez em que me manifestei sobre este assumpto, a previsão de tudo quanto se tem dado para peior nas relações monetarias assentes sobre essa moeda figurada e não real, dão-me direito a contar com a benevolencia dos mais competentes que eu ; cheguei a resultados positivos, certos e que não me deixam duvida sobre a possibilidade da operação, sem subterfugios, sem apparato possivel de illudir aos menos conhecedores do assumpto, mas baseando-me na lição da experiencia de outros povos que chegaram á mesma situação deploravel do nosso. Estudemos o plano pelo seu lado pratico.

VI

A somma de papel-moeda existente na circulação é, actualmente de 678.073:022$000 ; ao cambio par, ou tomando a libra esterlina ao valor de 9$000, seriam necessarios, para resgatal-a, nada menos de £ 75.333,000, somma extraordinaria, que não poderia ser encontrada com os recursos do nosso orçamento; fixando-se, porém, o cambio a taxa de 9 d por 1$000 ou 26$000 a £, a somma de ouro precisa seria de £ 26.076,000.

Da somma total de 678.000:000, julgo que seria de toda conveniencia resgatar a de 40.000 contos com moeda divisionaria: cobre, nickel, prata e papel de pequeno valor, substituindo por esta moeda parte igual de notas de grande valor nominal, nas quaes foi feita a maior parte das emissões bancarias. O fim é encher com esta moeda a circulação, nos estados, expellindo os cartões, vales e apolices do valor de 100 e de 200 réis que alguns têm emittido, deixando-os sem campo onde se colloquem pela preferencia á melhor moeda; invadida a circulação pela moeda de troco, da União, esta será preferida e a outra, emittida nos estados com violação da Constituição da Republica, mas justificada pela falta absoluta da moeda divisionaria legal, terá forçosamente de retrair-se ; mas é necessario, imprescindivel que a emissão se faça em quantidade sufficiente para obrigar o retraimento, não se contentando o governo federal com enviar pequenas parcellas de 20 e de 10:000$000 em nickel para estados populosos e de grande commercio, como Pará e Pernambuco, onde o nickel, apenas chegado, é logo absorvido e desapparece em pouco tempo da circulação. Dois proveitos se retiram dessa emissão de moeda divisionaria, que penso dever ser de 40.000:000$000: recolhe-se quantia igual em notas de grande valor e contem-se a emissão de papel-moeda, disfarçada nesses cartões, vales e apolices e que prejudicam o meio circulante. Deduzidos esses 40.000:000$000 da somma de 678.000 da moeda fiduciaria, toda a cargo do Thesouro Nacional pela encampação, temol-a reduzida a 638.000:000$000 que ao cambio fixado de 9 ou a 26$000, exigem um total em ouro de £ 24.538.000.

Si o governo federal constituir um fundo em ouro no Thesouro Nacional para o resgate desse papel, no valor de £ 20,000, poderá, com elle, emittindo moeda-papel, resgatar real a real, a quantia de 520.000:000$000; restará na circulação, do papel por substituir, a quantia do 118.000:000$000, em papel-moeda ao cambio de 9, que, ao cambio de 27 exigirão apenas 40.349:000$000. Sabe-se que, com fundo ouro, póde ser emittida moeda-papel, sem prejudicar a este quanto ao seu valor de ouro que é, o duplo, o triplo, chegando alguns paizes a admittir a emissão no quintuplo do ouro depositado; não é muito que, para o fundo de 20 milhões, ouro, ou 177.800 contos ao cambio de 27, o governo federal emitta a somma dos 40.000:000$000 a descoberto deste fundo, real a real.

Teremos que, encampadas as emissões e fixado o cambio de 9 para o papel-moeda todo, da corrente circulação fiduciaria do Brazil, na importancia de 678.000:000$000, o governo federal terá de constituir no Thesouro Nacional um fundo ouro, de £ 20, milhões e sobre este fundo emittirá notas-ouro, ou moeda-papel que, ao cambio de 27 resgatarão aquella somma de 678.000:000$000, menos 40.000:000$000 de moeda divisionaria ou—638.000:000$000 da maneira seguinte:

20 milhões de notas, ouro, ao cambio de 27.....	177.800:000$000,	que correspondem a.. de papel-moeda ao cambio de 9 d.	520.000:000$000
Notas, ouro, além deste fundo.....	40.349:618$000,	que correspondem a.. de papel-moeda ao cambio de 9 d.	118.000:000$000
Sommará a emissão de notas, o uro ou moeda-papel....	218.149:618$000		
		correspondentes a...	638.000:000$000

papel-moeda em circulação actualmente.

A nova emissão será de 218.149:618$000 como ficou demonstrado; mas ouro, como é, valerá tanto como a libra esterlina e restabelecerá a normalidade da taxa cambial, rebaixada por effeito da desmoralização do meio circulante actual.

Nem ha receio de que o ouro se escôe logo ao ser jogado na circulação, como se afigurará aos mais timidos, porque o Thesouro Nacional não o terá para converter a nota ou não será forçado á conversão desta, tendo o fundo unicamente para garantir á sua nota o seu valor real em ouro. Nem ha receio de que esse novo papel seja insufficiente para a circulação porque elle representa o valor real do papel-moeda hoje corrente, com a differença, porém, de ter este a terça parte do poder adquisitivo da moeda, quando o outro, ouro, terá potencia liberatoria tres vezes maior. Si, actualmente, para adquirir um objecto com esse papel sem garantias, é necessario dar tres vezes o valor par do ouro ou de uma libra esterlina, si com uma libra se póde adquirir tres vezes o objecto do qual se obtem hoje um só, é claro que sendo a circulação constituida com papel-ouro, representativo do ouro que existe no Thesouro Nacional com este fim especial, a força liberatoria desse papel ha de ser tres vezes maior que a do actual, ou falando mais claro, todos os preços hão de baixar ao valor do ouro e aquella quantia bastará para a circulação feita com papel tres vezes inferior em *potencia adquisitiva*.

Si fôr insufficiente, a lei que tal decretar deve consignar a providencia salutar de poder o governo elevar a emissão até o maximo de 250.000:000$000 muito abaixo do dobro do fundo de £ 20 milhões ou 177.000:000$000 ouro.

A circulação ficará constituida por:

Papel-ouro, sob a garantia do ouro existente no Thesouro, com este fim especial.....	250.000:000$000
Moeda divisionaria.....	40.000:000$000
	290.000:000$000

que julgo sufficiente para autorizar uma circulação normal em moeda, permittindo o desenvolvimento dos outros papeis de credito que completam o systema de uma boa concurrencia commercial·

VII

Surge a objecção quanto ao modo de constituir o fundo de £ 20 milhões, na época actual, quando o governo não tem ouro, nem acha probabilidade de levantar emprestimo externo de tão valiosa quantia; dir-me-ão tambem que eu lembro solver a situação financeira aggravando a divida publica com £ 20 milhões ouro, substituindo a divida de papel-moeda, que não paga juros, por outra de juros em ouro, que tanto nos tem custado. Não ha motivo para um nem para o outro argumento.

Eu não duvido que o governo federal encontre difficuldades em levantar um emprestimo de qualquer quantia, actualmente, no exterior para as suas despezas ordinarias ou para gastar com melhoramentos hypotheticos; não tenho duvida de fórma alguma de que, para essa operação do resgate do papel fiduciario desvalorizado, elle não encontrará difficuldade, desde que houver lei dando-lhe esse fim especial e confiança, como ha, no governo da Republica. A Europa tem capitaes accumulados, dos quaes não aufere sinão um juro ridiculo; ella nunca os regateou a um paiz de recursos conhecidos e fartos, quando esse quiz restabelecer, com mão firme e bem orientado, as suas finanças após uma phase de loucuras; não os empresta ou fal-o com usura quando os capitaes são pedidos para o desperdicio, para preencher *deficits* orçamentarios ou para continuar na vida aventurosa dos perdularios. Quem estuda a historia financeira dos diversos povos encontra muitos exemplos de paizes que se atiraram na voragem do papel-moeda de curso forçado até o ponto de vel-o reduzido a valor infimo; assoberbados com as difficuldades de uma situação calamitosa, com todas as relações financeiras perturbadas no interior e no exterior, quando conheceram o seu erro e quizeram emendar a mão, parecendo haver esgotado o seu credito e só poder encontrar negativas formaes, acharam a facilidade de recursos para o fim especial de restaurarem as suas finanças arruinadas. Isto provém da certeza e do conhecimento que o capital estrangeiro tem das vantagens immediatas alcançadas pelo paiz que enfrenta com decisão o problema financeiro e emprega os meios de resolvel-o. No caso especial da Republica

dos Estados Unidos do Brazil, a primeira vantagem a retirar da medida será alliviar o seu orçamento da verba — fluctuações de cambio — que figura com a cifra de 45.000:000$, mas que, realmente, exige nada menos de 153.000:000$, a desequilibrar o orçamento, impossivel de ser obtida da receita ordinaria e que obriga, annualmente, a emprestimos que mais oneram a divida publica.

Sómente a verba — fluctuações de cambio — no valor de 45.000:000$ do orçamento, bastará, com grande sobra, ao serviço e ao resgate do emprestimo por mim lembrado, por mais onerosas que sejam as condições do seu pagamento, mesmo no prazo de dez annos, mesmo com 6 °/₀ de juro, o que exigiria a somma de 32 mil contos, annualmente. Acrescentem-se aos seis milhões de que o governo precisa, ordinariamente, os pagamentos por encommendas, por serviços extraordinarios, pelos quaes paga hoje á razão de 26$000 a £, e que serão reduzidos ao valor par ou 8$890; pense-se nas relações todas do commercio que se modificarão para o valor real das transacções, evitando a anormalidade e os prejuizos resultantes da taxa cambial de 9 até 11, que não deixa absolutamente assentar em bases seguras o commercio de compra e venda. Tudo voltará á normalidade do denominador commum dos valores, porque o par será mantido, apenas com pequenas alterações, conhecidas para o cambio, na circulação em especie; uma das medidas complementares é o pagamento dos impostos de importação, parte em moeda de ouro e parte em papel-ouro, afim de autorizar o governo a pagar da mesma fórma todas as suas despezas, reservando o numerario com que fica habilitado para os pagamentos em especie.

Eu não tenho duvida, como affirmei, de que o credito do Brazil possa encontrar na Europa, para essa operação financeira do resgate da sua desvalorizada circulação fiduciaria, um emprestimo de 0.000.000; tenho certeza de ver coroada de bom exito operação da qual tantos resultados vantajosos colheremos nós e os nossos proprios credores: enriquece o paiz que reduz a sua divida, como provarei adiante e mais garante assim a divida aos seus credores.

Si, porém, ha incredulos no poder do nosso credito, na grande riqueza de nossa patria; si esses estão a tal ponto desanimados que suppoem nada podermos obter, mesmo para fim tão vantajoso, eu lembro que a Republica tem um meio de fazer o dinheiro preciso

á reorganização das suas finanças: o arrendamento da Estrada de Ferro Central do Brazil é idéa afagada em grandes circulos, sendo até cogitação dos poderes publicos, por um projecto já estudado no Senado e sobre o qual estão sendo ouvidos o governo e o Club de Engenharia.

Declaro que só assentirei nesse arrendamento com o fim de applicar o preço ao resgate do papel-moeda ou diminuição da divida publica; para applicar o producto desse arrendamento a supprir deficit orçamentario ou para melhoramentos bem ou mal concebidos, eu absolutamente não concorrerei.

Aceitavel é portanto que o arrendamento se faça para o fim de obter os 20 milhões necessarios ao resgate, como preço do arrendamento, pago por antecipação ou como condição, por emprestimo, sendo a renda annual o proprio resgate annual do emprestimo. Assim a operação será ainda mais vantajosa, porque a circulação ouro se fará sem a obrigação de pagar juros e amortização, supprimida do orçamento a verba de 45.000:000$000 para fluctuações de cambio.

Julgo que tal não será necessario, repito: o emprestimo poderá ser obtido sómente com o nosso credito e a declaração do fim especial a que é destinado.

Lembrei esse expediente para desvanecer todas as duvidas sobre a operação; eu reputo-a tão vantajosa ao paiz e aos seus credores que conto até com solicitude da parte delles em nos auxiliarem na operação, mais garantidos como ficam para essa divida e para toda a outra do paiz.

Dir-me-ão que a divida fica augmentada, de quasi outro tanto da divida externa actual; o emprestimo será de £ 20 milhões, quando a nossa divida é de £ 35.000,000, não sendo admissivel que diminua os seus compromissos um devedor, quando pede emprestimo novo de tão consideravel quantia; ainda a isto eu posso responder com vantagem.

Não haverá augmento á divida publica, como poderá parecer; lembremo-nos que o Thesouro Nacional tem, em deposito, 125 mil apolices dos bancos emissores, apolices que desapparecerão, permittindo a substituição dessas por outras para o emprestimo externo, de £20 milhões, ou 177.800:000$000. A divida publica será augmentada de 177.800:000$000, mas ficará reduzida de 125.000 sendo o augmento apenas de 52.800:000$000.

Como, entretanto, o papel-moeda é divida, a qual o governo está obrigado a pagar pelo resgate, como esta divida é actualmente de 678.000:000$000 e ficará reduzida aos 218.149:000$000 da moeda papel que ha de resgatal-os, segue-se que, com o novo emprestimo, a divida publica deve soffrer a reducção demonstrada no calculo seguinte:

Debito actual.....	Divida de apolices.	125.000:000$000	
	» de p.moeda	678.000:000$000	
			803.000:000$000
Debito pela conversão.	Divida de £ 20.000.000 ao cambio de 27 d.	177.800:000$000	
	Papel a mais do real a real sobre este fundo.....	40.349:618$000	
			218.149:618$000
resultando a differença em favor da divida publica, em...			584.850:382$000
evidente, claro, sem duvida, pelo desapparecimento de:			
apolices do lastro.....		125.000:000$000	
e do papel-moeda.....	678.000:000$000		
reduzido a moeda-papel sobre o fundo ouro..	218.149:618$000		
		459.850:382$000	
igual á differença acima.....			584.850:382$000

A situação que estes algarismos revelam é francamente a da reorganização das nossas finanças; após seis annos de experiencia do novo governo, das loucuras que a embriaguez pela liberdade das novas instituições nos trouxe, podemos por uma operação simples nas suas particularidades, volver a uma circulação ouro, quasi da mesma importancia da circulação de curso forçado recebida pela Republica. Si a esse tempo o cambio se conservava ao par, sendo as notas do Thesouro Nacional garantidas apenas com o credito publico, não é de extranhar que eu affirme devermos fatalmente obtel-o, quando essas notas fôrem representadas por ouro, real e effectivamente existente no mesmo Thesouro que as emitte.

E' por isto que eu affirmei ser a mais facil, a de menos embaraços a solução da crise financeira do Brazil; vê-se que, com mão firme, com animo decidido, é possivel solver a enorme divida de papel-moeda e reduzir a divida publica em o valor notavel

de 584.000:000$000, sem mais encargos para o povo do paiz onde esta alta operação financeira é realizavel.

Ha um ponto que preciso ainda estudar e sem o qual o plano não está completo: a modificação das relações commerciaes e monetarias, com a passagem do cambio de 9 para o de 27; esta face da questão está tambem estudada e resolvida sem abalos, sem perturbações que prejudiquem o plano proposto.

Passo a expôr como isto se fará.

LEITE E OITICICA

(*Continúa*)

A POLITICA

Ha um notavel contraste entre o modo por que tem procedido, de 15 de novembro de 1894 para cá, o poder executivo da Republica, e o poder legislativo. Aquelle, a não ser um ou outro acto de tibieza, que aliás as difficuldades da situação explicam satisfactoriamente, tem feito jús á estima e ao respeito de todos os espiritos desapaixonados, querendo imprimir aos negocios publicos, na parte que delle depende, a marcha mais conveniente para restaurar os nossos creditos e reorganizar a administração que a paixão politica e successivos abalos tinham desmantelado. Este tem feito principalmente politica, e nem sempre do modo mais feliz, e em regra a sua intervenção nas coisas praticas tem sido desastrada.

O maior serviço que este governo podia prestar ao paiz era pacificar o Rio Grande do Sul, e essa empreza patriotica foi levada a cabo poucos mezes depois de empossado o Sr. Dr. Prudente de Moraes. Acto de pura iniciativa do poder executivo, realizado contra a manifesta má vontade, principalmente da camara dos senhores deputados, a pacificação removeu o primeiro obstaculo que se oppunha ao restabelecimento do nosso credito no exterior, fechou provavelmente a série das lutas civis que ensanguentaram os primeiros annos de vida da Republica, e estancou uma grande fonte de despezas improductivas, que ameaçava dissipar os ultimos dos nossos escassos recursos.

Sem a energia perseverante de que nessa questão deu provas o Sr. Dr. Prudente de Moraes, que se sentiu forte pelo apoio enthusiastico que para a pacificação lhe prestava a maioria do paiz, esta não teria sido feita, porque não estava nos espiritos apaixonados dos chefes politicos, como ainda o não está no daquelles que mais directamente se empenharam nessa luta fratricida.

Vencido esse primeiro grande obstaculo, e como si não bastassem as difficuldades da nossa vida intima que sitiavam o governo, surgiram graves questões internacionaes, das quaes tres de excepcional importancia: o caso da ilha da Trindade, o conflicto do Amapá, e as reclamações italianas.

Espiritos mais soffregos do que bem informados do que são as negociações diplomaticas podem achar que dizer do modo por que essas questões têm sido encaminhadas, mas quem quizer pensar um pouco sobre a nossa situação em frente das nações poderosas com quem tivemos essas pendencias, quem reflectir nas mil artimanhas de que é useira a diplomacia para dilatar indefinidamente as questões, na esperança de tirar dellas o maximo partido possivel, e pensar mais no resultado a que chegámos, reconhecerá que taes pendencias foram dirigidas pela chancellaria brazileira com uma habilidade notavel, e com uma actividade a que a nossa repartição das relações exteriores não estava habituada.

No caso da ilha da Trindade o governo brazileiro foi o mais longe que uma nação fraca póde ir contra uma nação forte, e por isso prepotente, chegando a recusar o recurso do arbitramento, que removeria todas as difficuldades, mas era inconciliavel com o nosso indiscutivel direito, e com o modo irregular por que tinha sido feita a occupação em contrario a todos os preceitos de direito internacional.

O conflicto do Amapá foi utilizado para se apressar a solução da velha questão de limites que temos com a Guyana Franceza, e as duas questões marcham de par para uma solução satisfactoria para os interesses e a dignidade das duas nações.

Em relação ás reclamações italianas, a chancellaria brazileira conseguiu ainda mais: não só resolveu, em prazo relativamente pequeno, um grande numero dellas ligadas a actos praticados durante a revolta, não só entregou a juizo arbitral questões antigas, que nem encaminhadas tinham sido, mas fez adoptar o principio da não intervenção diplomatica em questões de interesse individual, liquidaveis perante o poder judiciario.

Os usos e tradições até aqui seguidos davam aos estrangeiros domiciliados no Brazil o singular privilegio de um fôro especial em que os representantes diplomaticos de seus respectivos paizes advogavam com vantagens que muitas vezes não seria facil obter perante os tribunaes, de accôrdo com a letra e o espirito das leis,

Ora, o direito internacional condemnou essas praticas, o que não impedia os representantes de as seguirem nos paizes que as consentiam, tolerancia de que elles se aproveitavam por ser muito mais commoda e vantajosa para os seus compatriotas.

Introduzindo no protocollo que liquida as reclamações italianas a clausula que repõe essas coisas no terreno que lhe é marcado pelo direito internacional, a chancellaria brazileira demonstrou a competencia com que está sendo dirigida.

Não é nosso proposito acompanhar nesta rapida resenha, nem seria possivel fazel-o no acanhado espaço de que aqui dispomos, todos os actos dos diversos ministerios; fazemos apenas notar em apoio do assumpto deste artigo, que, tendo a camara em um mez de sessão conseguido apenas eleger a mesa e commissões, dando provas do seu pouco apego aos negocios publicos, encontra já os relatorios de quasi todos os ministerios, estando todos estes preparados para fornecer-lhe as propostas que a habilitarão a occupar-se em tempo util com os orçamentos, para que estes não sejam mais uma vez a obra mal acabada de ultima hora que foram o anno passado. E mais, encontra na mensagem presidencial e nos relatorios a prova de que o poder executivo procurou proceder com tanto criterio que não ha nos creditos que lhe foram concedidos para despezas um só que tenha sido excedido, e isto sem prejuizo do bom andamento do serviço publico.

O confronto é ainda mais favoravel ao poder executivo quando se lê a mensagem e os relatorios e se verifica a constante preoccupação do bem geral, da ordem, da tranquillidade, do progresso, e se repara que os primeiros signaes de vida que deu o Congresso consistem em agitar questões de politica partidaria, com as quaes nada tem a lucrar o paiz. E' assim que o senado fez da eleição de seu vice-presidente uma questão puramente partidaria, fechando a unica valvula por onde ainda o anno passado podiam respirar os que não pertencem ao partido dominante, e uma como a outra casa do Congresso revelam-se dispostas a continuar a entender como nestes ultimos tempos a autonomia dos estados.

A doutrina que o partido sustenta, contra o Sr. Presidente da Republica, que pede que os casos de intervenção sejam definidos, é que o art. 6º da Constituição, não precisa ser interpretado, e que ao poder executivo cabe intervir nas hypotheses nelle formuladas.

Comprehende-se o ardil politico que esconde este modo de ver, quando os actos do chefe do poder executivo podem incidir na lei de responsabilidade, que o Congresso se apressará em applicar-lhe si elle se decidir pela intervenção em um caso em que sejam desattendidos os interesses do partido republicano federal.

Comprehendia-se a difficuldade pratica de enveredar por essa questão o anno passado, quando seria impossivel tratar da questão de principios, sem cogitar dos casos concretos que então preoccupavam os espiritos; hoje, porém, esses casos estão mortos; passaram á categoria dos factos consummados, e é a occasião ou nunca mais, de assentar no que convém fazer para que a autonomia não continue a ser o direito de desrespeitar todas as leis, sem correctivo de ordem alguma.

Dizer que nos proprios estados os abusos têm o correctivo das urnas e da livre discussão, é uma pobre esperança que se deixa aos opprimidos. Aquelles que irregularmente tomam o poder, naturalmente não terão escrupulo em dispor o mecanismo eleitoral á sua feição, de modo que uma vez conquistadas as posições por uma facção, é facil que esta se eternize, sem possibilidade de reacção por parte dos vencidos.

Houve, é certo, da parte da cabeça pensante ou braço dirigente do poder legislativo uma manifestação de espirito pratico, quando o Sr. general Glycerio em banquete politico que lhe foi offerecido em S. Paulo falou em alliviar a União de despezas que sobre ella pesavam indevidamente; mas o projecto de reducção de despezas, offerecido á discussão publica antes de ser apresentado ao Congresso, pecca por taes e tão disparatados excessos, que é muito para receiar que a opinião dos representantes se divida, e que se chegue ao resultado habitual: os representantes de um estado, mais directamente prejudicado por uma reforma, para obter que esta não seja realizada, votam contra outra a pedido dos collegas que lhes dão o seu voto, e por fim não se reforma coisa alguma.

Si o partido republicano federal não estivesse tão queixoso do Sr. Presidente da Republica, si quizesse convencer-se, como está convencida a maioria da nação, de que o poder executivo procura fazer o mais e o melhor que é possivel nas difficeis circumstancias em que nos achamos, si quizesse inspirar-se um pouco nos exemplos de criterio, sensatez e desejos de acertar que partem do cidadão

que esse mesmo partido escolheu para o supremo cargo da Republica, estamos certos de que este ultimo anno de sessão desfaria um pouco a impressão de esterilidade dos trabalhos parlamentares nos dois annos anteriores.

Um pouco menos de politica, um pouco mais de preoccupação pela necessidade de solver as difficuldades com que lutamos, e a Nação veria com prazer voltarem ao Congresso os cidadãos que até aqui tão pouco têm concorrido para o seu bem estar.

FERREIRA DE ARAUJO

A QUINZENA

MAIO **14.** Abertura da 3ª sessão ordinaria da 2ª legislatura do Congresso Nacional. — **17.** Fallecimento do senador pelo estado de Minas, Christiano Benedicto Ottoni. Nasceu na cidade do Serro, então Villa do Principe, naquelle estado a 30 de maio de 1811. Foi lente da Escola de Marinha, onde fez os seus estudos, principal constructor da Estrada de Ferro de Pedro II, hoje Central do Brazil, deputado provincial e geral, senador do Imperio e da Republica. Entre outros trabalhos sobre engenharia, politica ou questões publicas deixou compendios de mathematica elementar muito usados no ensino secundario no paiz. — **19.** Morte do almirante reformado Delphim Carlos de Carvalho, barão da Passagem, que commandou a acção da passagem da fortaleza de Humaytá, na guerra do Paraguay. Tinha 74 annos. — Ataque por maltas dos bandidos conhecidos sob a denominação de Clavinoteiros da cidade dos Lençóes na Bahia. — **23.** Assume o governo do estado do Espirito Santo o Dr. Graciano dos Santos Neves. — **26.** Fallecimento em Roma do Conde Menabrea, general e estadista italiano, com 87 annos de idade. — Coroação solemne em Moscow do czar da Russia, Alexandre III. — **28.** O Dr. Luiz Vianna assume o governo do estado da Bahia.

A CADEIRINHA

A Estevam Lobo

Naquelle fundo de sacristia, escondida ou arredada como si fôra uma imagem quebrada cuja ausencia do altar o decoro do culto exige, encontrei a cadeirinha azul, forrada de damasco côr de ouro velho. Na frente e no fundo, dois pequenos paineis pintados em madeira com traços finos e expressivos. Representava cada um uma dama do antigo regimen: a da frente, vestida de seda branca, contrastava a alvura do vestido e o tenue colorido da pelle com o negrume dos cabellos repuxados em trunfa alta e o vivo carmim dos labios: tinha um ar desdenhoso e fatigado de fidalga elegante para quem os requintes da etiqueta e galanteios dos salões são já coisas velhas e comezinhas; a outra, mais antiga ainda, trazia as melenas em cachos artisticos sobre as fontes e as pequeninas orelhas; um leque de marfim semi-aberto comprimia-lhe os labios rebeldes que queriam expandir-se num riso franco; os olhos grandes e negros tinham mais paixão e mais alma. Esta contemporanea de La Vallière, que o artista anonymo perpetuou na madeira da cadeirinha, não se parecia muito com aquella meiga victima da régia concupiscencia; ao contrario, um certo arregaçado das narinas, uma ponta de ironia que lhe voejava na commissura da bocca breve e energica — tudo isso mostrava estar ali naquelle painel representada uma mulher

meridional, ardente e vivaz, prompta ao amor apaixonado ou á luta odienta. Aquelles mesmos bicos alvos de renda que acompanhando a curva do decote pareciam recortar o moreno jambeado daquelle collo de Sultana, os mesmos bicos de renda estavam a dizer, sobre o doce pallor amorenado do collo, que a dama dos olhos ardentes tinha escondidas no canto dos labios a doçura da ambrosia e a peçonha da serpente.

Sem querer acrescentar mais ao já dito sobre as damas, perguntava de mim para mim si o pintor do seculo passado, ao traçar com tanta correcção e finura os dois retratos de mulher, transmittindo-lhes em cada cabello do pincel uma chamma de vida, não estaria realmente diante de dois especimens raros de filhos de Eva, de duas heroinas, que por serem de comedia ou de opera nem por isso deixam de o ser da vida real?

— Quem sabe si a Fontanges e a Montespan?

— Qual! impossivel!

— Impossivel, não! porque a cadeirinha podia perfeitamente ter sido pintada em França e era até mais natural crel-o; porquanto a finura das tintas e a correcção dos traços pareciam indicar um artista das grandes côrtes da época.

E assim, em taes conjecturas, puz-me a examinar mais detidamente o velho e delicado vehiculo, reliquia do seculo passado, sobrevivendo não sei porque na sacristia da igreja de um modesto arraial mineiro. Os varáes, conformes á moda bizarra do tempo, terminavam em cabeças de dragões com as fauces abertas e sanguentas e os olhos com uma expressão de ferocidade estupida. O forro de cima formava um pequeno docel de throno senhorial; e o ouro velho do damasco que alcatifava tambem os dois assentos fronteiriços não tem igual nas casas de modas de agora.

Qual das matronas de Ouro Preto, ou das cidades que como esta alcançam mais de um seculo, não terá visto, ou pelo menos ouvido falar com insistencia, quando meninas, nas cadeirinhas conduzidas por lacaios de libré, onde as moçoilas e as damas de outr'ora se faziam delicadamente transportar?

Quem não fará reviver na imaginação uma das scenas galantes da cortezia antiga, em que, através da portinhola cortada de caprichosos lavores de talha, passava um rostozinho enrubecido e dois

olhos de velludo a pousarem de leve sobre o cavaleiro de espadim com quem a mysteriosa dama cruzava na passagem ?

Tambem, ó pobre cadeirinha, lá terias o teu dia de caiporismo : havia de chegar a hora em que, em vez dos saltos vermelhos de um sapatinho de setim calçando um pezinho delicado, teu fundo fosse calcado pela chancra esparramada de alguma cetacea obesa e tabaquista. Como havia de gemer então a alcatifa de damasco côr de ouro velho revoltada contra similhante profanação :—alguma mulata velha e alentada, apreciadora da mécha ou do rolão, a refocilar-se na cadeirinha, espalhando a toucinheira das nadegas num dos assentos fronteiriços !

Nem foram desses os teus peiores dias, ó saudosa cadeirinha ! Já pelos annos de tua velhice, quando, como agora, sobrevivias ao teu bello tempo passado, quando, perdidos teus antigos donos, alguem se lembrou de carregar-te para a sacristia da igreja, não davam outro serviço que não o de transportar, como esquife, cadaveres de anjinhos pobres ao cemiterio, ou similhante ás macas das ambulancias militares, o de conduzir ao hospital feridos ou enfermos desvalidos.

Que cruel vingança não toma aquella época longinqua por lhe teres sobrevivido ! Coisa inteiramente fóra da moda, o contraste flagrante que formas com o mundo circumdante é uma prova evidente de tua proxima eliminação, ó velha cadeirinha dos tempos mortos !

Mas, é assim a vida : as especies, como os individuos, vão desapparecendo ou se transformando em outras especies e em outros individuos mais perfeitos, mais complicados, mais aptos para o meio actual, porém muito menos grandiosos que os passados. Que figura faria o elephante de hoje, resto esotico da fauna terciaria, ao lado do megatterium? A de um filhote deste. E no emtanto, bem cedo, talvez nos nossos dias, desapparecerá o elephante, por já estar em desharmonia com a fauna actual, por constituir já aquelle doloroso contraste de que falamos acima e que é o primeiro symptoma da proxima eliminação do grande pachyderme. Parece que o progresso marcha para a dispersão, a desaggregação e o formigamento. Um grande organismo tomba e se decompõe e vai formar uma innumeravel quantidade de seres ávidos de vida. A morte, essa grande illusão humana, é o inicio daquella dispersão, ou antes a fonte de muitas vidas. E que grande consoladora !

Lembra-me ter visto, ha tempos, um octogenario de passo tropego e cara rapada passeiando em trajes domingueiros a pedir uma caricia ao sol. Dirigi-lhe a palavra e detivemo-nos largo espaço a falar dos costumes, das coisas e dos homens do outro tempo. Nisso surprehendeu-nos um magote de garotos que escaramuçou o velho a vaias. O pobre do ancião já ia seguindo seu caminho quando o abordou a meninada, não apressou o passo nem perdeu aquella serenidade de quem já tinha domado as furias das paixões com o vencer os annos. Vi-o ainda voltar-se com o rosto engelhado numa risada tristissima, a comprida japona abanando ao vento, e dizer, em tom de convicção profunda: «Ai dos velhos, si não fosse a morte!» Parecia uma banalidade, mas não era sinão o appello supremo, a prece fervente que esse exilado fazia a Deus para que puzesse termo ao seu exilio, onde elle estava fóra dos seus amigos, dos seus costumes, de tudo quanto lhe podia falar ao coração. O proprio aspecto da terra não era o mesmo que no seu tempo, porque tambem os riachos mudam de leito, as grandes arvores tombam e o solo se rasga em fundos precipicios á acção pertinaz das chuvas.

Porque, pois, a pobre cadeirinha, esse mimo de graça, esse traste casquilho, essa fiel companheira da vida de sociedade, da vida palaciana, da vida de côrte com seus apuros e suas intrigas, suas vinganças pequeninas, seus amores, para que sobrevive e porque a não poz em pedaços um braço robusto empunhando um machado bemfazejo? Ao menos evitaria esse dolorosissimo ridiculo, essa exposição indecorosa de nudez de velha!

Já tiveste dias de gloria, cadeirinha de outros tempos! Pois bem: desapparece agora, vai ao fogo e pede que te reduza a cinzas! E' mil vezes preferivel a essa decadencia em que te achas e até mesmo á hypothese mais lisongeira de te perpetuarem num museu. Deves preferir a paz do aniquillamento á gloria de figurares numa collecção de objectos antigos, exposta á curiosidade dos papalvos e ás lorpas considerações dos burguezes, mofada e tristonha. Morre, desapparece, que talvez—porque não?—a tua dona mais gentil, aquella para quem tuas alcatifas tinham mais delicada caricia ao receber-lhe o corpinho mimoso, aquella que rescendia um perfume longinquo de roseira do Chiraz, talvez te conduza para alguma região ideal, dourada e fugidia, inaccessivel aos homens...

Desapparece, aniquilla-te, ou foge, cadeirinha! Lá, naquella mansão bemaventurada, pegarão teus varaes, não lacaios de libré, mas alvos mancebos de vestes brilhantes e olhar atrevido. Estes conduzirão através de nuvens a creatura feiticeira que encantou o seu tempo e que deixou impressa no taboado de teu fundo, ó cadeirinha de outras éras, como uma caricia eterna, a lembrança do contacto de um pé taful, calçadinho de setim.

AFFONSO ARINOS

O ANIMISMO FETICHISTA[1]

DOS NEGROS BAHIANOS

CAPITULO II

LITURGIA FETICHISTA DOS AFRICO-BAHIANOS

O culto fetichista jorubano dos negros e mestiços tem na Bahia uma fórma exterior complexa, brilhante e ruidosa. Possuem nas cidades, situados nos arrabaldes, templos especiaes (terreiros) para as grandes festas annuaes, e pequenos oratorios ou capellas, nas casas particulares, para as festas ordinarias e as orações de durante o anno. Na capital existe um numero crescido de *terreiros* que, num minimo exagerado, calcúlo de quinze a vinte entre grandes e pequenos. Não consegui obter informação sobre o numero exacto de *terreiros* existentes nos arrabaldes desta cidade.

A' algumas pessoas ouvi que se elevava a quarenta ou cincoenta, calculo que me parece excessivo, embora só na estrada do Rio Vermelho saiba eu da existencia de seis principaes. Estão entre estes tres dos mais afamados, o do Gantais, o do Engenho Velho e o do Garcia. E' quasi impossivel calcular o numero dos oratorios particulares. Na opinião, que não creio exagerada, dos chefes a quem consultei, esse numero deve elevar-se a milhares. No interior do estado, quer nas cidades e villas, quer nos engenhos e outros estabelecimentos ruraes, o numero dos *terreiros* e oratorios é avultadissimo.

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de abril e de 1 de maio.

Citam-me como notaveis pelo numero e pela importancia dos *candomblés* as cidades de Cachoeira e Santo Amaro, centros principaes que foram da grande lavoura escrava.

No municipio de S. Francisco tive occasião de observar pessoalmente. Não ha ali um só engenho dos muitos que se agglomeram no municipio, que não tenha o seu pequeno *terreiro*. A mais das vezes, ali se confundem elles com os oratorios particulares, e só nas residencias das mãis ou pais de terreiro, estes existem com maior desenvolvimento.

Todavia, na capital, nem sempre o terreiro é a residencia do padre fetichista, que neste caso tem o domicilio dentro da cidade. O *terreiro* é então um sitio, chacara ou roça, alugada ou arrendada para a grande festa que se faz uma vez no anno. No Gantais, por exemplo, no intervallo das festas, o terreiro é apenas guardado por alguem que lá se deixa morando. Este terreiro do Gantais póde servir de modelo para uma idéa exacta do que é um templo fetichista na Bahia, assim como em que consiste o *candomblé*, a grande festa annual. Tira elle o nome francez do antigo proprietario da chacara em que funcciona, e fica a quasi meio caminho do arrabalde do Rio Vermelho. Situado no alto de uma collina muito á prumo, o accesso a partir da linha de bonds que passa no valle, se faz por uma vereda sinuosa e ingreme, protegida em certa altura de degraus talhados no sólo.

A procura de lugares ermos e de accesso difficil não parece obra de mero acaso. Tive occasião de visitar com amigos um *candomblé* no alto de um outeiro e em um recanto onde foi impraticavel o accesso á cavallo, e ainda difficil com botas de montaria como estavamos. Em baixo, no valle onde ficava o engenho, chegava mal e abafado o som do *batucagé*, mas quando saimos á meia noite com esplendido luar e galgamos os outeiros vizinhos, fortes e vibrantes nos chegava o som que por longo tempo ouviamos ainda como si vizinho fosse. O sitio ermo e recondito, as horas mortas da noite, a monotonia grave e triste da musica rude e da melopéa africana, o caracter estravagante e estranho das dansas religiosas, tudo concorria ali para dar ao conjunto um cunho de poesia selvagem e mysteriosa que devia falar profundamente ao espirito acanhado e inculto de uma raça supersticiosa em extremo.

No Gantais, o terreiro funcciona num barracão, coberto de telha, e de paredes de taipa, que fica no centro de uma clareira ou roçado,

sombreado de algumas arvores frondosas. Toda a metade anterior da casa constitue uma grande sala de dansa, sem outro soalho que não seja o sólo nú e batido ; toda a parte posterior, dividida ao meio por um corredor, se subdivide em pequenos aposentos ou quartinhos em que os habitos do negro para logo se revelam. E' um especimen o quarto particular onde trabalha a filha da mãi de terreiro e onde tenho estado por diversas vezes. Sem ordem, ali se encontram na mais indescriptivel promiscuidade, taboleiros de cereaes, frutas e ervas, garrafas e tigelas de azeite de dendê, pratos com moquécas, e outros preparados africanos, pimentas, condimentos, etc. De encontro a uma das paredes está um armario tosco de madeira onde se guarda roupa e as vezes comestiveis. Do lado opposto uma mesa velha e mal aceiada, tendo em cima garrafas de vinho, de azeite de dendê, copos, calices, pratos com comida, etc. Junto desta mesa, sentada em uma cadeira, na ultima festa, a rapariga bordava uma tira de pellica vermelha com pequenos buzios brancos da Costa. O girau que constitue o fôrro do aposento, serve ao mesmo tempo de despensa. O ultimo dos quartinhos, á esquerda, é o santuario, o *Peji*, o *Jará-Orisá* [1], a igreja propriamente dita. E' a casa-fetiche dos viajantes europeus. Para se ir ter a elle, segue-se um outro corredor transversal mais estreito, dividido parcialmente por duas meias paredes oppostas, em fórma de tabiques collocados um em seguida ao outro e de cada lado do corredor, de sorte a constituir um verdadeiro zigue-zague. Esta disposição tem por fim obstar que de fóra se possa acompanhar com a vista a pessoa que entra, ao mesmo tempo que fica assim disfarçada a unica porta de entrada do santuario. E' este um quarto escuro e sem janellas. De dia, reina ali uma claridade duvidosa que parece provir de alguma telha de vidro, encoberta pelo fôrro de panno branco, pouco espesso e ordinario, que serve de docel a todo o quarto. De noite illumina-o fraca luz de uma lamparina de kerozene e por vezes algumas velas. Por occasião de *candomblés* como sempre o tenho visto, a parede do fundo fica occupada por um grande leito de vinhatico de casal, sobre o qual existe grande quantidade de vestes. As outras tres paredes ficam cobertas de adornos e vestimentas de santos, de cores e fórmas variadissimas, desde a seda e o velludo custoso mais ou menos

[1] Aposento, ou quarto de santo (*orisá*).

usado, até a chita barata. Faixas bordadas de buzios, voltas collossaes de contas e missangas, enfeites diversos se encontram por ali, presos e suspensos á menor saliencia das paredes, ás guarnições do leito, a pregos fincados nos umbraes da porta e um pouco por toda a parte. São os paramentos sacerdotaes, é o guarda-roupa dos santos. Quasi ao rez do chão, de encontro á parede fronteira ao leito, está o altar, degraus, pequena parede ou muro, de uns trinta centimetros de alto, mais ou menos largo, sobre o qual estão collocados os fetiches ou idolos. No chão em frente a elles, enchendo quasi todo o quarto, se acham as offerendas, consistindo substancialmente em alimento e agua. Panellas, pratos de louça ou de barro, tigelas, bacias, vasos de todos os formatos, para a comida; potes e sobretudo quartinhas para agua,

Todos os *Pejis* ou santuarios fetichistas que tenho visto, pouco ou nada differem deste, a não ser nas proporções e na riqueza. Em casa de Livaldina, outra mãi de terreiro, o *Peji* é o seu quarto de dormir, pois,—me explicou,—já está muito velha e não tem marido ou amante. A vida conjugal seria inadmissivel naquelle recinto. Na parte anterior do aposento, está o leito de Livaldina. A parte posterior, subdividida por uma meia parede, tem á esquerda a guarda-roupa que nos dias ordinarios está guardada em malas ou bahús, mas esta secção tem ainda honras de despensa. A' direita está o oratorio , no fundo e em baixo o altar com os fetiches, em cima, á guisa de docel, um pedaço quadrado de panno branco, suspenso por cordeis atados aos quatro angulos. No alto da entrada desta divisão, está pendurado em uma corda que vem do tecto, o instrumento de *Ogún*, pequeno tambor, todo bordado e enfeitado. No *Peji* de Thecla, que vive amasiada, não ha cama. E' ainda um quarto sem janellas, com o altar, as caixas e malas da guarda-roupa. No de Garcia, ha, além do altar, dos cabides para collocar as vestimentas nos dias de festas, dos potes, quartinhas, etc., a mesa de adivinhação onde a mãi do terreiro lança os dados. Sobre esta mesa está um pequeno nicho com duas imagens de S. Cosme e S. Damião, e em torno muitos fetiches. Na gaveta da mesa existe um sem numero de fetiches, preparados ou curados pela mãi de terreiro.

Armadas para a festa, todas estas *jará-orisás* representam o typo descripto no do Gantais. No emtanto, estes são verdadeiros templos, onde além dos santos do feiticeiro ou sacerdote se encontram

os santos de outras dignidades do culto fetichista. Si, porém, assim o preferem, os donos dos santos ou fetiches podem tel-os em oratorios particulares em suas casas. Qualquer prateleira, banco ou pequeno altar, no canto da sala, ou por via de regra, do aposento mais recondito, serve perfeitamente. Mas o terreiro do Gantais não conta sómente o barracão em que está o santuario. Por traz e ao lado delle, outras casinhas e dependencias se têm construido. Logo em seguida está um recinto ou pateo coberto onde á noite se guardam os animaes dos sacrificios, que durante o dia ficam presos ás arvores da clareira. Deste se passa para um outro pateo onde se abrem e preparam os animaes sacrificados. Junto está ainda a cosinha. Do lado direito ficam pequenas construcções ligeiras que se destinam a santos que não devem ou não podem permanecer no santuario commum, e á residencia temporaria deste ou daquelle dignatario. Proximo estão finalmente diversas arvores sagradas em torno de cujos troncos veem-se os restos dos sacrificios.

A palavra *terreiro* tem evidentemente duas significações distinctas: nomêa o sitio, lugar ou casa onde reside o chefe e se celebram as festas religiosas, e qualifica a jurisdicção de um pontifice fetichista que della toma o titulo de *pai* ou *mãi do terreiro*.

Em certos pontos da Africa, no Gabon particularmente, cabe-lhe ainda o nome de *ougans* (*ougangas*, *ouagangas*, *nigangas*, encontro eu em obras francezas). Na Bahia o termo tem, porém, significação propria. O *ougan* ou os *ougans*, porque cada confraria de um santo póde ter o seu *ougan*, são os responsaveis e protectores do *candomblé*. A perseguição de que eram alvo os *candomblés* e a má fama em que são tidos os feiticeiros, tornavam uma necessidade a procura de protectores fortes e poderosos que garantissem a tolerancia da policia. A estes protectores que podem ser iniciados ou não, mas que ou acreditam na feitiçaria, ou têm um interesse qualquer nos *candomblés*, dão elles em recompensa o titulo e as honras de *ougans*.

Os *ougans* têm obrigações limitadas e direitos muito amplos. Além da protecção dispensada devem fazer ao seu santo presentes de animaes para as festas e sacrificios. Têm direitos a comprimentos especiaes dos filhos de santo, a serem ouvidos nas deliberações do terreiro, a sairem todos os santos e o terreiro em seu favor, no caso que estejam ameaçados de alguma offensa ou desgraça, etc.

Seria um erro acreditar que o cargo de *ougan* seja espinhoso e pouco ambicionado. O poder dos pais de terreiro sobre os crentes é quasi illimitado, e já em serviços domesticos ou de qualquer ordem, já na satisfação de desejos licenciosos, os *ougans* se recompensam de sobra da protecção que dispensam aos feiticeiros. Em todo o caso, esta protecção é real e effectiva. As prohibições policiaes mais terminantes e rigorosas desfazem-se por encanto diante dos recursos e empenhos que os *ougans* põem em acção. A mola é sempre o interesse eleitoral, que neste paiz faz de tudo catavento e nas grandes influencias politicas vão elles buscar os seus melhores protectores. Sei de um senador e chefe politico local que se tem constituido protector-chefe dos *ougans* e pais de terreiro. E acrescente-se aos interesses materiaes e directos, a crença supersticiosa nas praticas fetichistas por parte de pessoas influentes, e poder-se-á fazer uma idéa do grau de protecção indirecta de que hoje podem dispôr os feiticeiros.

O *pai* ou *mãi de terreiro* é a um tempo pontifice e feiticeiro, funcções pouco distinctas e correlatas. Como sacerdote, preside e dirige as festas do culto exterior, e organiza uma especie de confraria ou collegio particular de iniciados. Nas suas funcções sacerdotaes, tem auxiliares e subalternos. Quasi sempre trabalham juntos pai e mãi de terreiro, mas não podem ainda prescindir de outras dignidades. Assim, entre outras, o regente da orchestra, cuja alta funcção sacerdotal é invocar ou *chamar* o santo nas dansas; um outro dignatario que invoca ou *chama* o santo nas arvores, e finalmente o mestre dos sacrificios que sabe escolher, matar e preparar os animaes destinados ao sacrificio.

A escolha para estes differentes cargos é feita á sorte ou por meio de buzios, ou então por declaração oral de algum santo manifestado. Para a investidura no grau supremo de pontifice ou feiticeiro a designação da sorte é muitas vezes illudida pela usurpação, ou a avocação expontanea dessa qualidade por parte de algum individuo um pouco instruido das praticas fetichistas. Não parece que a transmissão hereditaria dastas funcções seja do rigor. Assim me garantem, e a propria rapariga me declarou, que a filha de Julia, mãi do terreiro do Gantais, não será a successora de sua mãi. No emtanto, apezar desta informação, noto que quasi todos os pais e mãis de terreiro que conheço, com poucas excepções, são filhas

de Africanos que tinham sido tambem feiticeiras ou pais de terreiro. Mas, em todo o caso, todas estas dignidades sacerdotaes do culto fetichista saem da ordem ou confraria dos filhos de santo.

São denominados filhos de santo as pessoas que, preparadas por iniciação especial, são votadas ao culto de um ou mais santos fetichista. Cada confraria ou collegio se distingue por preceitos especiaes relativos á alimentação, ás vestimentas, aos deveres religiosos peculiares ao culto deste ou daquelle santo ou *orisá*. A prohibição de alimentar-se de carne de certos animaes sempre ou em dias marcados da semana, é uma praxe muito seguida e que lembra o *tabou* de certas raças inferiores. As vestes variam tambem de santo a santo. *Oubatalá* requer vestimenta toda branca, com grossas voltas de contas brancas, côr de leite, em torno do pescoço e dos pulsos, a modo de braceletes ou pulseiras. *Sangô*, vestimenta branca e vermelha e voltas de contas brancas e vermelhas alternadas. *Yê-man-já*, contas brancas translucidas. *Osun*, vestes brancas, e contas amarellas. *Ogún*, pulseiras de aro de ferro, ou de finas cadeias do mesmo metal. *Saponan*, voltas e pulseiras de pequenas rodellas pretas de coquilho ou de uma materia prima similhante ao couro. *Dádá*, contas azues. E assim por diante, para os outros santos ou *orisás*. Este vestuario é tão constante que facilmente se distinguem por elle os iniciados de cada confraria. O conhecimento da significação das vestimentas de santo me foi de grande auxilio nas minhas observações. Mas o ritual não exige que o iniciado traga sempre os seus distinctivos de confraria. O porte apenas é de rigor nos dias da semana consagrados aos diversos santos. O mais importante destes dias é a sexta-feira, consagrada a *Oubatalá*. No dia do santo o iniciado lava as quartinhas, renova a agua sagrada e póde mesmo fazer offertas de maior significação.

A iniciação nas confrarias demanda um processo muito complicado e sempre longo. Relativamente anodyno entre nós, parece que na Africa se impõem provas e rigores por demais severos. Aqui na Bahia, toda a pessoa que deseja ter santo ou que encontra um objecto que suppõe ser fetiche, vai consultar o pai do terreiro que, por meio de buzios ou de dados, lhe diz qual o santo é, e ao mesmo tempo lhe designa o pai ou mãi do terreiro que tem de preparar o fetiche e dirigir a iniciação. Outras vezes, o proprio aspirante em estado de possessão de santo, ou ainda terceiros nesse

estado, fazem as declarações que são tomadas pelo feiticeiro. A feitura do santo comprehende duas operações distinctas, mas que se completam, a preparação do fetiche e a iniciação ou consagração do seu possuidor. A preparação ou lavagem do fetiche é coisa bem complicada em que o *pai do terreiro* põe toda a sua sciencia, toda a sua pericia. Para o santo *Sangô*, disse-me a mãi de terreiro do Garcia, que é preciso collocar a pedra do raio, que ha de ser o fetiche, em um banho de azeite de cheiro dentro de um vaso de barro vidrado, e é d'ali que elle sai para ser levado pelo feiticeiro, em infusão de plantas sagradas, e sob a invocação magica de orações especiaes, acompanhadas de gestos cabalisticos. Para *Yê-man-já*, a pedra é deitada em mel de abelhas, ou em um acaçá batido, em que, me garantia elle, se formam, no fim de algum tempo, lindas estrias vermelhas e verdes muito curiosas. Assim para os outros santos, sempre segundo um ritual especial. Conhecido o santo e designado o pai ou mãi do terreiro que o tem de fazer, o iniciando prepara o seu enxoval, ou antes o guarda-roupa do santo e reserva as suas economias para a grande festa da iniciação. São todos accordes em affirmar que as despezas da iniciação são sempre muito avultadas, e que feituras de santo têm havido entre nós, principalmente aqui na capital, em que essas despezas subiram a conto de réis. Conheço, de facto, negros, creoulos e africanos, que ficaram velhos e não conseguiram obter os meios para a iniciação do seu santo, conhecido desde a mocidade delles. A descripção exacta de uma iniciação a que assisti ha pouco tempo, servirá de exemplo destas praticas fetichistas na Bahia.

Olympia, a inicianda, havia encontrado uma pequena pedra de fórma estranha, um pouco alongada, e, tendo uma das extremidades dois pontos lateraes a modo de olhos. Acreditando que podia ser um fetiche, foi consultar Livaldina que lhe disse ser *Osun* e que a mãi de terreiro Thecla seria a sua mãi de santo. Preparada Olympia e marcado o dia da iniciação, veiu a esta cidade (porque a iniciação devia ter lugar fóra), afim de convidar para a festa um pai de terreiro que aqui reside no Kabula e é particular amigo de seu pai, que por seu turmo tambem é pai de terreiro. Foram convidados ainda outros pais e mãis de terreiro, entre elles a mãi de santo Thecla, velha africana octogenaria, que para comparecer não duvidou fazer uma viagem á pé de quasi tres leguas. Achavam-se assim

reunidos cinco mãis e dois pais de terreiro, dos quaes tres Africanos e os outros creoulos, mas todos filhos de Africanos.

Preparados os animaes do sacrificio, á tarde, como é de praxe, teve lugar o sacrificio a *Esú*, espirito do mal. Este sacrificio propiciatorio precede todas as festas de santo, pois a sua preterição traria como consequencia infallivel a perturbação da festa. A' noite, a inicianda tem de tomar um banho mystico, verdadeira purificação lustral, em que troca por vestes novas as que trazia, as quaes são abandonadas, em symbolo, supponho eu, de completa renuncia á vida anterior. Olympia foi tomar este banho numa fonte sagrada de um engenho da vizinhança. Acompanharam-na a mãi de terreiro, Thecla, que devia pronunciar as orações adequadas ao acto, e uma filha de santo que conduzia as vestes brancas e engommadas de *Osun*, com que se devia revestir Olympia, depois do banho. Estou informado de que este banho, em certos ritos africanos, mesmo entre nós, se dá ás vezes com infusões de plantas que gozam de propriedades e virtudes fortemente estimulantes, e são tidas como plantas sagradas.

Voltando para casa, a inicianda foi recebida á porta por todas as dignidades sacerdotaes e conduzida ao santuario, onde se sentou em banco novo, ainda não servido. As cerimonias que se passam no *Peji* não podem ser assistidas por quem não tenha santo feito, e por isso não pude ser admittido no recinto do santuario. Mas, acanhada como era a casa de Thecla, da salinha onde me achava podia acompanhar perfeitamente todo o processo cerimonial que se realizava na alcova onde estava o *Peji*, pois que a porta unica que dava para a salinha tinha de ficar largamente aberta. Já anteriormente Thecla tinha feito a lavagem e preparado o fetiche, e a elle foram sacrificados os animaes, um carneiro, uma cabra, duas gallinhas e pombos. Destes animaes, alguns são sacrificados no recinto do santuario, caindo o sangue sobre os fetiches. Depois são removidos para fóra afim de serem preparados. Em seguida, já ás 10 horas da noite, teve lugar a cerimonia da epilação. A cabeça de Olympia foi rigorosamente raspada á navalha, processo que demandou muito tempo. Tenho informações de que em rituaes mais rigorosos a epilação é completa, não só dos cabellos, como dos pellos das axillas, do pubis, etc., e que se servem, para esse fim, de substancias epilatorias especiaes. No emtanto sempre tenho visto

limitarem-se á raspagem da cabeça á navalha, facto que tem a sua explicação natural na supposição de que é pela cabeça que penetra o santo no corpo do crente. Raspada assim a cabeça, é ella vigorosa e demoradamente lavada com uma infusão especial de plantas sagradas, processo que se acompanha de gestos e palavras cabalisticas e por cuja virtude se ha de dar a possessão, ou manifestação do santo. Com giz ou uma pasta branca, fazem nas faces da inicianda traços em tudo similhantes pela situação, fórma e numero aos gilvazes que os africanos trazem no rosto como distinctivos ethnicos, sociaes ou religiosos.

Affirmam-me que quando a iniciação era de Africanos ou de filhos de Africanos libertos, em vez de symbolos, faziam-se as iniciações com um instrumento cortante como é a regra na Africa. Em Olympia havia cinco traços verticaes na fronte e quatro horizontaes em cada face. Completaram-lhe a *toilette* cobrindo a cabeça raspada com uma touca branca, fina, de um tecido ou bordado de malhas largas. A inicianda ainda no santuario ingere uma bebida especial, dotada de grandes virtudes e força magica.

Ainda não consegui saber ao certo qual ou quaes as plantas com que o preparam. Disseram-me alguns que é a propria infusão ou macerato com que se banha a cabeça, outros que a composição é mais complexa. No emtanto, sempre me pareceu que elles davam menos importancia aos simplices do preparado do que ás invocações sob que é feito.

Ao tempo em que se iam terminando as cerimonias do santuario, a orchestra, composta de cinco *tabaques* (tambores pequenos) e quatro cabaças, cobertas de uma rêde de malhas, contendo grossas contas em cada nó, começava na sala onde eu me achava, a invocação do santo. A um signal ou ordem do regente, todos os tabaques foram collocados reunidos no centro da sala e ao lado vieram depôr um prato um com obi (noz de kola) e moedas de cobre, e uma quartinha de agua de santo, tirados do santuario. O regente levantou-se, fez ligeira genuflexão sobre o joelho esquerdo e concentrou-se como em oração. Depois tomou da quartinha, lançou um pouco d'agua de cada lado dos tabaques, e em seguida deitou na bocca um punhado de obi. Mastigou o obi, e, tomando os tabaques um a um, e invertendo-os, foi lançando dentro de cada um o obi mastigado.

Aos tabaques seguiram-se as cabaças com que empregou processo similhante. O regente passou então o prato de obi aos outros musicos dos quaes cada qual tomou a sua noz e poz-se a mastigal-a. Musica e canto começaram então a invocar ou chamar o santo. O regente da orchestra não só dirige a musica como os canticos sagrados, que são recitados em lingua africana por todos os presentes.

A' uma musica e cantico especiaes, revela-se o santo e a inicianda, em estado de possessão, deve lançar-se na dansa. A meia noite, me annunciaram este cantico particular para o santo *Osun*, mas parece que o effeito desejado não se produziu, porque, depois de esperar por muito tempo, um dos pais de terreiro chamou o regente para o recinto do *Peji* e só sob a influencia do tabaque e mais de um instrumento especial de *Sangô*, começou ella a dansar, acompanhada por um dos pais de terreiro que tinha presa nas suas uma das mãos da inicianda. Sempre dansando veiu ella então para a sala, onde da mesma fórma continuou a dansa por largo prazo. Mas já fatigada voltou para o santuario onde ficou sentada em uma esteira.

Nos casos em que ao contrario deste a manifestação do santo é por demais forte, empregam um processo que chamam de *matar o santo* e que tem a virtude de diminuir a intensidade da excitação.

Até ás quatro horas da madrugada, prolongaram-se as dansas na sala, onde houve manifestação de diversos outros santos.

Recomeçou a festa no dia seguinte. A inicianda dansava ainda toda vestida de branco, tendo demais um corpete bordado de buzios e de menos a touca de bordado branco que havia sido substituida por um desenho feito á giz ou com massa branca sobre a cabeça raspada. O desenho pretendia representar um capacete por meio de raios divergentes que partiam de um primeiro pequeno circulo traçado na parte mais elevada do craneo e d'ahi se dirigiam para a peripheria. Concentricos a este primeiro, outros circulos de diametro gradualmente crescentes se succediam a pequenas distancias até o limite da circumferencia horizontal maxima da cabeça. Sobre este capacete, desenhado no scalp, trazia a inicianda, talvez a modo de noiva, uma corôa de flôres de papel, de côres muito vivas, e dentro do circuito da corôa uma penna vermelha presa ao couro cabelludo

por uma pequena bola de cêra. Na mão direita trazia agora uma ventarola de *Osun*, redonda e de papel ou pellica vermelha e tendo, em vez das guarnições de metal, bordados de buzios.

Apezar de ter dansado por muitas horas seguidas, não houve ainda assim uma manifestação franca de santo, o que trouxe por todo o dia triste e acabrunhada a mãi de terreiro Thecla. E como mesmo entre feiticeiros ha rivalidades profissionaes, Livaldina não se pôde conter que não me dissesse muito á puridade que Deus a livrasse de que o santo si fosse feito por ella, já não tivesse brincado a valer. E para isso acrescentou referindo-se aos diversos pais e mãis de terreiro ali reunidos, nunca tinha precisado de tanta gente..

A' noite tiveram cabo as festas desse primeiro dia, mas nem por isso estavam terminadas as cerimonias da iniciação. Ainda durante um prazo que varia de 16 dias a um ou mais mezes, a filha de santo não póde sair do terreiro. Estas formalidades ulteriores são mais ou menos rigorosas. Aqui na cidade, os filhos de santo ficam reclusos, não podem sair á rua a pretexto algum, ha abstinencia sexual completa, assim como de certos alimentos, em particular da carne de certos e determinados animaes, verdadeiro *tabou* temporario. No campo ha menos rigor, algumas destas formalidades apenas são requeridas, obstinencia sexual, prohibição de certos trabalhos como abrir cancellas ou porteiras, abstinencia de certos alimentos. A filha de santo não fica, porém, reclusa de um modo tão absoluto como parece que é de regra. Durante este tempo de noviciado se exercitam nas praticas do culto. Tres dias depois ha nova cerimonia, mas sem musica e só acompanhada de canto. No oitavo dia, porém, dia do *Igê*, ha nova festa com *batucagé* e invocação de santo.

Completo o prazo da iniciação, a filha de santo fica pertencendo á mãi de terreiro que lhe fez o santo e só póde ser restituida aos seus e voltar para sua casa mediante uma verdadeira compra. O preço por que o marido, o amante, a familia emfim compra a filha de santo varia com os recursos pecuniarios de que podem dispôr. Concertada a compra, a filha de santo é conduzida em grande cerimonia até á porta da sua casa e ahi se faz a entrega solemne ao comprador.

DR. NINA RODRIGUES

(*Continúa*)

A NOSSA MARINHA DE GUERRA[1]

II

Eu disse, no principio deste escripto, que a nossa marinha acha-se na mais completa desagregação disciplinar, e si alguma coisa se póde ganhar apurando responsabilidades, é preciso ser justo e reconhecer que por esse estado deploravel são responsaveis principalmente os governos da Republica.

E' certo que nos ultimos annos da monarchia a marinha, como todas as classes, participava do relaxamento que se notava em toda a trama social; sentia-se a fraqueza da mão que empunhava as redeas do Estado.

Os governos republicanos, porém, incorreram no erro de intencionalmente soltar o freio da disciplina militar; d'ahi essa triste epopeia de revoltas começando nas flotilhas nos extremos da Republica e vindo depois arrebentar nas proprias aguas da Capital Federal.

A attitude passiva da marinha no dia 15 de novembro, como foi a da grande maioria do exercito, explica-se pelo estado de pulverização a que ella estava reduzida.

Supprimiram-se as estações navaes do Norte, do Centro e do Rio da Prata, que eram, a ultima principalmente, as nossas escolas de disciplina e instrucção pratica de officiaes e marinhagens, e nada se creou para substituil-as.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de junho.

As divisões de evoluções, depois reunidas em esquadra sob o commando do humilde escriptor destas linhas, foi uma organização ephemera que uma mudança de situação politica fez desapparecer, porque teve-se necessidade de destacar navios para fins eleitoraes.

Os commandos das divisões de couraçados e cruzadores estabelecidos subsequentemente, no porto da Capital, não tiveram outro fim sinão proporcionar emprego a dois almirantes em disponibilidade. Nada póde haver mais dissolvente da disciplina e dos nobres estimulos que devem animar as classes militares do que a rotina do serviço nos navios de guerra condemnados á immobilidade dos portos.

Já o grande epico portuguez dizia:

A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na fantazia:
Sonhando, imaginando ou estudando;
Sinão vendo, tratando e pelejando.

O capitão de mar e guerra Mahan, em sua obra citada, observa que um dos effeitos do bloqueio em que os inglezes mantinham os portos da França nas guerras maritimas do seculo passado e do actual era conservar os Francezes em um estado de constante inferioridade no manejo pratico de seus navios. [1]

Mas, no estado de paz os inconvenientes da inactividade são ainda maiores. O nivel moral da officialidade baixa ainda mais do que o da aptidão profissional. As funcções de commandantes e officiaes reduzem-se ao comparecimento diario á bordo para tomarem conhecimento da ordem do dia da vespera e o navio fica entregue a um só official que não tem outra preoccupação sinão a de matar o tempo das suas 24 horas de serviço.

E assim se preenche a condição de embarque exigida para a promoção. Por outro lado em nossa organização militar, tanto da armada como do exercito, ha um vicio radical que exclue a pratica de uma disciplina rigorosa: é a falta de unidade nas funções inherentes ao commando em chefe, as quaes se repartem, de facto, entre o chefe do Estado, o ministro e o ajudante general, de que resulta incerteza na fixação das responsabilidades e frouxidão no commando.

---

[1] *Influence of Sea Power on History*, pag 297.

As grandes marinhas e exercitos da Europa não podem constituir um só corpo; mas á testa de cada uma de suas subdivisões ha uma autoridade militar com as attribuições do commando em chefe :—taes são na França, por exemplo, os commandantes dos corpos de exercito e os prefeitos maritimos; na Inglaterra, cujo exercito não é tão numeroso como o das potencias continentaes, ha o commandante em chefe de todo o exercito; na marinha Real Britannica um almirante commandante em chefe em cada porto militar.

Em uma pequena armada como a nossa, a autoridade do ajudante general,deveria ser muito maior sobre tudo quanto diz respeito á disciplina militar.

Do que deixei exposto vê-se que, nas condições em que se achava a armada, por occasião da revolução de 15 de novembro, a maioria dos seus officiaes apezar de surprehendida pela mudança radical da fórma de governo, não podia ter tomado outra attitude sinão a de prestar obediencia ao poder real que passara a representar a soberania da nação.

Identica foi invariavelmente, a orientação da grande marinha franceza perante todas as vicissitudes por que passou o governo de França desde a Revolução até a deposição de Napoleão III no meio de uma invasão do territorio nacional.

A esquadra ingleza no seculo XVII pessoalmente dedicada a Jacques II, que a havia commandado em gloriosas batalhas quando era o almirante Duque de York, não se oppôz á revolução que baniu aquelle soberano para pôr no throno da Inglaterra um principe de Orange. E quando os marinheiros inglezes desbaratavam a esquadra franceza, na batalha de La Hogue, elles sabiam que tiravam a Jacques II a ultima esperança de voltar ao throno do Reino Unido.

Como de sua contextura militarmente fragil a marinha imperial chegou á completa desorganização em que se acha actualmente é o que pretendo salientar por uma analyse imparcial dos erros commettidos pelos governos republicanos, com relação a esse ramo da força publica.

Os antigos imperiaes marinheiros não se mostraram affeiçoados á nova ordem de coisas; mas essa difficuldade foi facilmente vencida, não tanto por algumas medidas de rigor de que se lançou mão, como pelos favores que o governo provisorio apressou-se

em dispensar ás praças de pret da armada; como a suppressão do castigo da chibata e a reducção do tempo de serviço obrigatorio. Esta ultima medida determinou immediatamente um grande numero de baixas.

O ministro da marinha do governo provisorio era incontestavelmente o official general da armada que gozava de mais popularidade entre os jovens officiaes de marinha; essa circumstancia dava-lhe alguma força para dominar as difficuldades da situação. Sua habilidade, proporcionou-lhe meios de captar a boa vontade na classe dos officiaes superiores da armada.

As reformas, á que acima alludi, e que tendiam a melhorar consideravelmente as condições dos officiaes de todas as classes da armada foram realizadas pelo ministro Wandenkolk com a celeridade que só as dictaduras podem ter em materia de legislação. Faltou, porém, á politica naval da Dictadura a elevação e a harmonia organica de um plano sabiamente concebido em que todos os requisitos de uma solida organização tivessem sido devidamente ponderados. Foi antes uma politica de expedientes em que a disciplina militar foi muitas vezes sacrificada.

Por outro lado despertaram-se entre os officiaes da armada ambições estranhas á vocação naval, as quaes longe de serem sopitadas, tiveram o bafejo do governo dictatorial. Officiaes de todos os graus acharam-se investidos de funcções politicas, e foram incluidos nas chapas officiaes de candidatos ao congresso constituinte; outros apresentaram-se pretendentes a concessões de emprezas industriaes de todo o genero, alguns, recentemente promovidos por merecimento, abandonaram o serviço activo, contagiados da febre do industrialismo.

Em summa, as pretenções mais antinomicas com a nobre profissão das armas encontravam apoio na bonhomia do ministro da marinha para com os seus camaradas. Um almirante que era uma das primeiras illustrações de nossa marinha reformou-se para entrar para a carreira diplomatica. Assim foi que a administração do almirante Wandenkolk, apezar dos beneficios copiosos que derramou por todas as classes da armada, deixou-a desfalcada de um grande numero de officiaes prestimosos e dos seus melhores marinheiros. Por outro lado a inacção da esquadra nunca foi tão completa como nesse periodo do governo provisorio. Si os contribuintes entre nós se

preoccupassem com a applicação que os governos dão ao producto do imposto era o caso de perguntarem se tinha sido para conseguir aquelle resultado que se tinha augmentado o orçamento da despeza do ministerio da marinha.

O almirante Foster Vidal não soube abrir novos horizontes á actividade profissional dos officiaes de marinha; ao contrario, pela condescendencia com que se prestou a secundar os planos ambiciosos instillados no animo valetudinario do general Deodoro, entregou a marinha á agitação politica de que resultou o deploravel fraccionamento em que ella caiu. A sua autoridade ficou para logo debilitada pela violenta opposição que faziam ao governo os almirantes Wandenkolk e Custodio de Mello, um senador e outro deputado. Mas, fosse por amor proprio mal entendido, fosse por dedicação pessoal ao marechal dictador, o Sr. Foster Vidal conservou-se no governo apezar dos indicios vehementes de revolta que se observavam na armada e que logo se traduziram em factos, começando pela sublevação da flotilha do Rio-Grande.

As medidas que occorreram ao infeliz ministro, ou ao dictador, para conjurar as difficuldades da situação, determinaram o pedido de demissão simultaneo dos tres almirantes que occupavam os cargos de chefe do estado maior da armada e de commandantes das divisões surtas no porto da Capital. Seguiu-se a revolta de 23 de novembro, encabeçada pelo Sr. Custodio de Mello a qual restituiu o general Deodoro ao seu leito de enfermo, do qual o haviam arrebatado, para servir de bandeira viva, os autores do 15 de novembro de 1889. O golpe audaz e feliz dado pelo Sr. Custodio de Mello ter-lhe-ia assegurado legitima preeminencia no partido adverso á dictadura si o illustre almirante se tivesse abstido de partilhar do poder com o marechal Floriano Peixoto, no cargo de ministro da marinha. O que o homem politico ganhara em ascendente, no dia 23 de novembro, perante o Congresso do qual se constituiu paladino, perdeu o almirante em prestigio militar na corporação em que conspirava na vespera.

As difficuldades que a posição de ministro acarretava para o nobre almirante começaram a surgir no dia seguinte de sua ascensão ao governo. O almirante Saldanha da Gama que, no cumprimento do que entendia ser o seu rigoroso dever militar, tentara frustrar a revolta da esquadra, tornou-se para logo suspeito a nova ordem de coisas. O almirante Wandenkolk, que fôra nomeado commandante

em chefe da esquadra, em poucos dias, estava em divergencia declarada com o ministro. Alguns mezes depois outros almirantes e officiaes de diversas categorias, suspeitos de conspirarem contra o governo, foram reformados arbitrariamente e desterrados, ou presos em fortalezas.

Na politica nefasta de deposições e imposições de governadores acharam-se envolvidas a flotilha do Rio-Grande e a esquadrilha de Mato-Grosso, aquella bombardeando a cidade de Porto-Alegre, e esta dividindo-se entre os dois grupos que disputavam o governo do estado, tendo um delles o apoio do governo federal. E o governo não se sentiu com força moral bastante para responsabilizar os officiaes, que sem ordens superiores operaram movimentos e praticaram actos de força com os navios sob suas ordens, nas aguas daquelles estados. Aggravou-se, portanto, no ministerio do Sr. Mello a indisciplina da armada.

Cumpre, porém, assignalar que o bravo almirante emquanto se conservou no governo, foi verdadeiro ministro da sua pasta, na qual prestou o grande serviço de tirar da inercia dos portos todos os navios que se achavam em estado de navegar.

A sua saida estrepitosa do governo, seguida da recusa dos almirantes Balthazar da Silveira e Saldanha da Gama de assumirem a pasta, e sobretudo a circumstancia de terem chegado ao conhecimento do publico as condições postas pelo Sr. Balthazar para aceitar o ministerio, crearam sérias difficuldades para o successor do Sr. Custodio Mello. O justo resentimento do Sr. Mello por ter sido compellido a deixar a pasta que elle tinha sobraçado como premio de sua iniciativa arrojada no 23 de novembro, não era a menor das difficuldades com que teria de enfrentar o novo ministro da marinha. Achilles não perdôa á Agamenon ter-lhe arrebatado a sua adorada Briseis.

A opinião geral era que nenhum outro almirante entraria para o governo, a não ser adoptado pelo marechal Floriano o programma do almirante Balthazar, a pacificação do Rio Grande e a reintegração dos generaes reformados. Foi, pois, motivo de surpreza vêr-se o almirante Chaves receber incondicionalmente a nomeação de ministro da marinha.

O cargo de ministro é um cargo politico que nenhum cidadão é obrigado a aceitar; e casos ha em que a mesma consciencia do

dever militar impõe a excusa de funcções que se julgam superiores ás proprias forças. Foi inspirando-se nesse sentimento que o celebre Bougainville, nomeado vice-almirante, por occasião de reorganizar-se a marinha franceza em 1792, recusava essa promoção, com as seguintes palavras dirigidas ao ministro da marinha : « Meu dever para com a patria faz-me uma lei de não aceitar um posto eminente que seria um titulo sem funcção . A disciplina militar, esta disciplina santa, sem a qual não póde existir uma armada naval sobretudo, está aniquillada. Um official general não poderia agir nessas condições sem cooperadores. E' para mim uma desgraça não poder terminar minha carreira como eu a comecei.»

Si o Sr. almirante Chaves tivesse tido a circumspecção do illustre navegador francez, teria antevisto a Syrtes inextricavel em que teria de encontrar-se entre as exigencias da politica, em uma situação anormal, e o descontentamento que lavrava na corporação da armada. Logo nos primeiros dias do seu ministerio, a tentativa do almirante Wandenkolk no Rio Grande do Sul, pôz em dolorosa prova a força moral do Sr. Chaves na marinha.

Convocando todos os almirantes que se achavam nesta capital, para saber si o governo podia contar com elles (questão, que só os governos que se julgam a um passo da sua perda, podem propôr a militares sem quebra da dignidade do poder) a resposta mais satisfactoria que o Sr. Chaves ouviu, foi a do prudente almirante que disse : « Respondendo por mim, saberei cumprir o meu dever.»

Chegaram ao conhecimento do publico as exprobrações amargas que o almirante Saldanha lançou em rosto do Sr. Chaves, por se ter collocado na posição de ir lhes fazer tão extraordinaria pergunta. Ainda mais, o governo tendo resolvido expedir immediatamente uma divisão naval para os mares do sul, o ministro da marinha não poude fazer effectiva essa resolução. Um almirante e um capitão de mar e guerra chamados para commandar essa divisão, recusaram-se. Conseguiu-se, é verdade, fazer sair um navio, o *Republica*, mas esse pelo seu calado não era certo que pudesse transpôr a barra do Rio Grande caso ainda lá se achasse o almirante Wandenkolk.

A posição do ministro ainda tornou-se mais lastimavel, quando, receioso de uma revolta no porto desta capital, recorreu ao expediente de mandar inutilizar no dique um dos principaes vazos da esquadra. Ao mesmo tempo, por transferencias, não motivadas por

conveniencias ostensivas do serviço, nos estados-maiores dos navios, ficou accentuada a divisão da corporação em suspeitos e fieis.

Estava ainda reservado a esse triste periodo da nossa administração naval introduzir-se na marinha a pratica indecorosa de estimular o zelo dos officiaes, no cumprimento dos deveres mais communs, por meio de gratificações extraordinarias e de ajudas de custo, não previstas nos regulamentos da armada. E' sabido que por occasião da partida do *Republica* para o sul mandou-se abonar uma ajuda de custo ao estado-maior do navio, que os officiaes tiveram a altivez de rejeitar.

A verdade é que a nomeação do Sr. Chaves produziu o effeito da resina derramada em uma fogueira. Os proprios almirantes que gozavam da confiança pessoal do marechal como os Srs. Maurity, Carlos Noronha e Julio Noronha, incompatibilizaram-se com o novo ministro.

Não sei porque se tem entendido entre nós que o Presidente da Republica está adstricto a escolher os ministros da guerra e da marinha, exclusivamente entre os generaes de terra e mar. Na grande Republica, cujas instituições copiamos, as illustrações guerreiras que se chamaram Scott, Grant, Shermann, Jackson, Porter e Farragut serviram com secretarios civis da guerra e marinha. Na Inglaterra, que é a primeira potencia maritima do mundo, o ministro da marinha é sempre um civil. Na França republicana de nossos dias, um general, tendo tentado explorar para aventuras politicas a popularidade que grangeara no exercito como ministro, entregou-se cautelosamente, por muitos annos, a pasta da guerra á um estadista civil.

Não cabem aqui outros commentarios sobre a revolta de 6 de setembro, suas causas geraes e particulares, sua direcção, seu termo e suas consequencias na ordem politica e social do paiz.

Pela succinta resenha de factos que historiei, quiz apenas mostrar como se obliteraram as tradições de disciplina e obediencia da nossa marinha.

Tambem a marinha franceza foi modelo de disciplina, de patriotismo e de saber profissional antes da Revolução; ella se tinha coberto de gloria na guerra da independencia dos Estados-Unidos; mas sobreveiu a terrivel reacção de 89 e com ella a dispersão dos antigos officiaes, que juntavam á theoria a pratica da manobra das esquadras

e a experiencia dos combates; o espirito de facção penetrou nos estados-maiores e nas marinhagens; a intriga e as ambições mais desordenadas substituiram-se ás virtudes tradicionaes da marinha dos Tourville e dos Suffren. A desorganização e o consequente enfraquecimento da marinha franceza durante a Republica chegaram a tal ponto que Napoleão com todo o seu genio e o immenso poder de que dispoz, não a poude levantar do abatimento em que ella caiu; a historia da marinha franceza desde 1789 até 1815 não é sinão uma serie de derrotas funestas.

Mediu bem as consequencias dessas derrotas o almirante Réveillère quando disse: «Foram as naus inglezas que venceram em Waterloo.» E' que a preparação dos instrumentos de combate e a organização e instrucção do pessoal nas forças navaes são obra do tempo, e para o anniquilamento desses elementos basta um só dia. Uma marinha militar bem constituida é um patrimonio material e moral da nação accumulado com o suor, o sangue e a intelligencia de muitas gerações. Preserval-o de todas as contingencias que o possam viciar e promover o seu incremento é rigoroso dever dos governos, sobretudo nos paizes em que a integridade nacional apoia-se principalmente na força naval, e onde, como acontece entre nós, cada anno ella absorve uma parte maior da receita publica. Si isso se viu na França onde existiam as sabias instituições maritimas de Colbert, pode-se bem julgar quanto é precario o poder das forças navaes improvisadas sob a pressão das contingencias da politica internacional.

Uma nação que esgota os seus meios de acção naval no primeiro impeto da luta tem os seus destinos dependentes da sorte de uma batalha; exemplo recentissimo nos offerece a guerra entre a China e o Japão.

O principal objectivo de uma campanha maritima é o dominio do mar contra o adversario; é o que os estrategistas inglezes denominam o « *struggle for command of the sea.* » E' erro suppor que este principio só é applicavel ás grandes guerras maritimas; justamente no nosso caso particular, isto é, das guerras provaveis em que poderemos nos achar empenhados, não poderiamos prescindir do dominio do mar.

A extensão do nosso littoral e o grande numero de nossos portos commerciaes tornam a nossa fronteira maritima muito mais vulneravel que a dos nossos rivaes possiveis.

E' certo que, o poder naval das outras republicas sul americanas é tão facticio como o nosso, no sentido de que, como nós, ellas são tributarias da industria estrangeira para acquisição de todo o material bellico, desde os navios até o combustivel para movel-os e, como nós, ellas não dispõem de reservas de pessoal para suas esquadras; mas, na emergencia de guerra a que dispuzer de meios de acção mais promptos e poderosos, que lhe assegurem o dominio immediato do mar, poderá continuar a receber recursos do exterior com que manter a sua superioridade. Essa foi a vantagem que levámos sobre a Argentina na guerra da Cisplatina, e sobre Lopes na guerra do Paraguay, e a que levaram os Japonezes sobre os Chins na guerra de Coréa. Mas esse systema de constituir o poder naval, conduz ao estado permanente de guerra financeira, entre as nações rivaes.

Além de tudo, para esses armamentos maritimos que eu insisto em denominar de facticios, ha um limite além do qual todos os dispendios tornam-se improductivos.

No que respeita ao pessoal, onde encontral-o, capaz e idoneo para o manejo de um grande numero dessas machinas complicadissimas que são os navios de guerra modernos? Com relação ao material, como conserval-o em pé de efficiencia onde não existirem estabelecimentos industriaes do Estado ou particulares, em vasta escala, dotados com todas as officinas, diques, e apparelhos accessorios necessarios para os trabalhos de reparação e de simples conservação dos navios, de seu armamento e de seus machinismos?

O material em excesso sobre o limite razoavel, começa por ser inutil e em breve está inutilizado — Onde, porém, existem os verdadeiros elementos do poder maritimo, as forças navaes têm a necessaria elasticidade, para serem reduzidas ou ampliadas de accôrdo com as circumstancias. E' porque existem na França, esses elementos que Thiers poude dizer, em um de seus discursos parlamentares— « O que eu vejo, na historia da França, é que todas as vezes que houve um governo que quiz sériamente uma marinha empregando para isso perseverança e energia, nós tivemos marinha. » — E' porque existem ainda em maior escala na Inglaterra, como faz notar o capitão de mar e guerra Mahan, que, por vezes, no que se referia á preparação naval militar no principio das guerras,

entre as duas nações, a França levava vantagem, mas, não tinha os meios de mantel-a na continuação da luta. [1]

Isto não significa que a força effectiva prompta a entrar em acção não seja o principal factor do poder naval ; mas, evidentemente entre duas nações equiponderantes em preparo naval ao entrarem em luta, acabará por ter vantagem aquella que reunir mais elementos de poder maritimo e que souber utilizal-os com intelligencia superior das coisas do mar.

Assim, por exemplo, na hypothese de um rompimento entre o Chile e a Argentina, as esquadras das duas republicas equilibrando-se em poder offensivo e defensivo, parece que no correr da luta a primeira deveria ter vantagem ; porque em suas recentes guerras todos os grandes movimentos tendo-se operado por mar, uma parte de sua população teve occasião de familiarizar-se com as coisas da marinha ; ao passo que os argentinos, só agora começam a se exercitar no manejo de navios modernos no mar.

Em relação ao Brazil, porém, é tão grande a superioridade da esquadra argentina sobre a nossa, que no caso de uma guerra com essa republica, ser-nos-ia impossivel disputar-lhe o dominio de mar, ainda mesmo que a luta se prolongasse por muito tempo.

Entretanto, com excepção de um ou outro espirito dado ao paradoxo, todos no Brazil estão de accôrdo em que o criterio para fixação do effectivo da nossa força naval, deve ser o poder da esquadra argentina. Assim como os inglezes, para defesa do seu imperio, precisam de uma marinha superior á combinação de quaesquer das duas maiores marinhas da Europa ; assim como a França não póde dispensar duas esquadras poderosas uma no Mediterraneo e outra no Atlantico, o Brazil não póde prescindir de uma força naval pelo menos de poder triplo da dos argentinos.

O desenvolvimento e conformação geographica das costas de um paiz bem como os centros de actividade nacional que nellas se encontram, determinam os caracteres da estrategia que elle tem de pôr em pratica para sua defesa, a qual não exclue movimentos offensivos sobre o littoral inimigo. Assim considerando-se que no Brazil os principaes centros commerciaes e industriaes do paiz acham-se

---

[1] *Influence of sea Power on history*, pag. 45.

sobre o littoral, inteiramente expostos aos *raids* de um inimigo emprehendedor, quando esse inimigo fôr o Argentino é de absoluta necessidade contel-o, logo no rompimento da guerra, em seus portos por meio de um rigoroso bloqueio, operação essa que não se poderia tornar effectiva sem uma esquadra pelo menos uma vez e meia tão forte como a bloqueada. Mas como o nosso bloqueio, não poderia abranger todos os portos do inimigo, de alguns delles sempre poderiam sair cruzadores para tentarem depredações no nosso littoral, d'onde a necessidade, de nossa parte, de activos e vigorosos cruzeiros, nas zonas mais ameaçadas. Ora, estes cruzeiros exigiriam um numero de navios pelo menos igual ao da esquadra bloqueadora. Chega-se assim, portanto, á reconhecer que mesmo sem nos preoccuparmos com a necessidade de uma reserva organizada não poderiamos dispensar uma esquadra tripla da dos nossos vizinhos para termos o dominio do mar.

Qualquer que fosse o plano estrategico da esquadra inimiga contra o Brazil, a nossa defesa exigiria pelo menos quatro pontos de apoio ou bases de operações ao longo do nosso littoral, sendo : o primeiro no extremo Norte, no Pará; o segundo na parte mais oriental da nossa costa, entre o cabo de S. Roque e o de Santo Agostinho ; o terceiro na região central entre a Bahia e o cabo de S. Thomé; a quarta na zona do Sul tendo por centro o Rio de Janeiro.

Ponto estrategico subsidiario do systema de defesa do Norte seria a ilha de Fernando de Noronha; assim como as tres principaes ilhas ao Sul do Rio, a Grande, a de S. Sebastião e a de Santa Catharina teriam tambem de representar papel importantissimo na defesa das costas de que estão separadas apenas por estreitos.

Os pontos de apoio da defesa geral tem de ser situados em localidades susceptiveis de serem por seu turno efficazmente defendidas, e é indispensavel que offereçam recursos, seja da industria do Estado, seja da particular para preencherem o seu fim de fontes de provisões e de recursos de todo o genero.

Si no estado actual de nossa impotencia naval nos achassemos envolvidos em uma guerra com a Argentina, esta com uma parte de sua esquadra operaria contra os portos do Rio de Janeiro e Santos, e com outra parte iria impôr contribuições de guerra a todos os outros portos do Brazil. Na ilha Grande, que não tem defesa alguma, estabeleceria os seus depositos de munições e combustivel para poder

prolongar o bloqueio e os cruzeiros em nossa costa tanto tempo quanto fosse necessario. O damno que só com a superioridade da sua esquadra nos poderia causar a Republica vizinha seria tão grande, que uma guerra puramente naval poderia nos obrigar a uma paz humilhante.

A supremacia maritima do Brazil na America do Sul, não é, pois, simplesmente uma questão de orgulho nacional; sem uma marinha poderosa somos a mais vulneravel das nações. Com relação a riqueza que foi se accumulando nos nossos portos procedemos como o mercador imprevidente que deixasse sobre o balcão exposto a todas as tentações predatorias o beneficio de seus negocios.

O governo da metropole parece ter tido uma vaga intuição das necessidades da defesa do littoral do Brazil; os arsenaes de marinha pelo mesmo governo creados deviam corresponder a esse pensamento. Mas quando se attenta para as localidades em que foram estabelecidos esses arsenaes, e para as suas proporções acanhadas, fica-se em duvida, si elles não seriam antes prejudiciaes do que uteis á defesa, e si a conservação desses estabelecimentos depois da nossa independencia não foi antes dictada por conveniencias de politica local, de que por considerações de ordem estrategica.

A conformação insular ou peninsular de algumas nações não reclama mais energicamente, para a defesa dellas o poder naval, do que a natureza de um paiz como o nosso, que é uma federação de estados na maior parte maritimos, sem outro meio de communicação entre si sinão a navegação. Supprima-se o élo da marinha entre os estados e a União se desmanchará como uma barrica da que se tiraram os arcos.

O problema do desenvolvimento do poder maritimo do Brazil me apaixona tanto mais quanto é profunda a minha convicção de que só pelo mar poderemos ser uma grande nação. Confinada a nossa actividade á terra poderemos quando muito ser grandes como a China, em população e em extensão territorial, nunca, porém, poderiamos pretender á hegemonia no nosso continente.

No principio deste escripto mencionei as condições geraes do Brazil que o predispunham durante o periodo da colonização a aspirar ao poder maritimo si os seus governos tivessem tido essa preoccupação. Algumas dessas condições podem ter sido modificadas em sentido menos favoravel, como por exemplo a que se referia á

abundancia do principal material de construcção, que outr'ora era a madeira e hoje é o aço. Outras, porém, como a producção do paiz, e a quantidade de sua importação e exportação, têm augmentado consideravelmente, offerecendo portanto campo muito mais vasto ás operações maritimas commerciaes. O problema continúa, pois, em toda sua vastidão e complexidade a desafiar o patriotismo e o genio de um estadista da envergadura de um Colbert, de um De Witt ou de um Crommwell.

Nos governos representativos, porém, não basta o *saber* e o *querer* do homem d'Estado, é preciso que este se sinta com o *poder* que só lhe advém de uma orientação patriotica da opinião publica. E' assim que na Inglaterra, são sempre os alarmas da opinião que coagem o governo a propor ao parlamento augmentos extraordinarios do poder naval da nação.

A constituição da Republica Brazileira estabeleceu a grande base do poder maritimo da nação no artigo pelo qual reservou aos brazileiros a navegação de cabotagem. O mau fado do Brazil quiz que no tempo da monarchia esse direito inherente á soberania nacional, fosse renunciado por uma lei ordinaria, e que na Republica a disposição constitucional que o consagrou tenha sido illudida por adiamentos successivos em sua execução, dictados por doutrinas economicas fallazes. O legislador constituinte, entretanto, parece ter-se inspirado nas palavras do grande almirante e estadista do reinado de Elisabeth, Sir Walter Raleigh: « Quem dominar o mar dominará o commercio ; quem dominar o commercio será o senhor das riquezas do mundo *e consequentemente do proprio mundo* ».[1]

Restitua-se, pois, aos Brazileiros o que é dos Brazileiros, promulgue-se o codigo nacional da marinha mercante, calcado sobre o das nações mais zelosas de seu poder maritimo ; applique-se á marinha nacional a legislação tonificadora (que á torto e a direito se tem applicado a outras industrias), instituindo-se premios efficazes para as construcções modernas levadas a effeito com o trabalho nacional ; conceda-se uma subvenção directa á navegação, de tanto por milha navegada, subsidiem-se generosamente

---

[1] Sir W. Raleigh, *Discourse of the first invention of ships and the several parts thereof.*

as grandes companhias cujos paquetes possam ser utilizados pelo governo em caso de guerra, e não se amesquinhem, como estão praticando todos os dias as autoridades administrativas os favores concedidos por meio de interpretações capciosas das clausulas dos contratos das companhias com o governo. Reduzam-se ao minimo os direitos de importação sobre os materiaes de construcção naval que forem importados em navios nacionaes. Concedam-se favores especiaes ás officinas e diques que se estabelecerem em pontos estrategicos do littoral, susceptiveis de serem efficazmente defendidos em caso de guerra. Não se regateem subsidios e favores de toda sorte ás emprezas que se propuzerem crear nucleos coloniaes na costa para exploração da industria da pesca e de suas congeneres ;—porque esse é o problema do desenvolvimento da população maritima. Auxiliem finalmente os poderes publicos a creação de um ou mais institutos de credito maritimo.

Desse conjunto de instituições o paiz auferirá em pouco tempo farta compensação. A continuação da inercia em semelhante assumpto seria mais do que um crime; seria a confissão por parte do nosso governo de sua incapacidade para resarcir a supremacia que nos cabe, na America do Sul.

A questão que está em ordem do dia da nação, não é a da reforma da *repartição da marinha* ou da reorganização e disciplina do pessoal transviado pela revolta, essa questão nos limites estreitos das attribuições de um ministro, está confiada á mãos seguras, ao alto bom senso e á experiencia de um almirante cheio de merecido prestigio na corporação da armada ; do que os poderes publicos têm de tratar, sem mais procrastinações, é de fundar os alicerces do poder maritimo da nação. Eu não vejo programma de ordem mais elevada para preencher o que falta do periodo presidencial do Sr. Prudente de Moraes e para o Congresso Nacional completar a sua missão constructora do vasto edificio da Federação Brazileira.

O que o mar separa só a marinha pode unir; e a Federação Brazileira, praticamente compõe-se de estados separados pelo mar.

ARTHUR JACEGUAY

GIOVANNINA[1]

QUADRO SEXTO

Pequena estação de estrada de ferro insulada na solidão. A um dos lados do ligeiro edificio, corre caudaloso rio, cavalgado por uma ponte. Ao outro lado, numa clareira, eleva-se miseravel venda. Atraz, um caminho pedregoso e barrento vai colleando pela mata a dentro. Matas e morros obstruem o horizonte. Fios telegraphicos no ar e trilhos na terra se estiram a perder de vista.

Junto á balança, na plataforma, empilham-se saccos de café. Em frente á porta da venda, animaes sellados, amarrados pelo cabresto a páus a pique, abanam moscas com a cauda.

No escriptorio, o telegraphista dedilha somnolento o apparelho electrico. Não menos entediado, o agente percorre um jornal.

Profunda paz indolente! A natureza selvagem constrange e opprime aquella guarita isolada da civilização.

O agente

O *S 1* está demorado.

O telegraphista

Já pediu licença ha tres quartos de hora.

O agente

Talvez descarrilhasse na rampa perto do tunnel.

O telegraphista

São os costumados accidentes. Com as chuvas desabam facilmente barreiras.

O agente

O estado de conservação da linha é pessimo. A administração faz politica, em vez de olhar para os dormentes podres e o material rodante estragado...

Recaem no silencio. Ouve-se o marulho do rio e as patadas dos animaes nas pedras do chão. Da venda evola-se um murmurinho de vozes lentas. De repente, ronca distante o barulho do rem. Estruge em seguida um silvo da locomotiva, que echos remotos reproduzem.

---

[1] Veja a *Revista* de 1 e 15 de abril, 1 e 15 de maio e 1 de junho.

O agente

Ahi vem afinal o *S 1.*

O telegraphista

Quasi uma hora de atrazo.

O agente levanta-se empunhando uma bandeirola. Anima-se um tanto a estação. Saem da venda tres caipiras fumando compridos cigarros, calças arregaçadas, pés nús e armados de largas esporas. Um moleque traz uma bandeja com chicaras de café e biscoitos de polvilho.

O barulho do trem avulta, como o de uma onda rolando. Eis a machina que chega, a bufar. Meia duzia de passageiros de primeira classe, as roupas sujas e amarrotadas, debruçam-se das janellas. Em asperos bancos da segunda classe amontoam-se trabalhadores e negros, rodeiados de embrulhos, os negros com a carapinha grisalha de pó. Alguns individuos desembarcam um instante para esticar as pernas. Varios tomam o café que o moleque apregôa. Outros bebem agua ás carreiras.

Curta a parada... O agente toca uma sineta ; agita a bandeirola. O trem apita, põe-se de novo em marcha, foge, desapparece, devolvendo a estação ao seu marasmo.

Ficaram apenas dois passageiros de segunda classe, vestidos de lucto, tendo uma trouxa por unica bagagem. São Giovannina e Luigi. As pessoas da estação, depois de os fictarem um minuto com curiosidade, retiram-se indifferentes. Os caipiras montam a cavallo e partem. O telegraphista continúa a remexer no apparelho, emquanto o agente escreve, bocejando.

Ampla tristeza lethargica reempolga tudo.

Luigi

Estamos emfim na estação. D'aqui á fazenda são cinco leguas.

Giovannina

Partamos sem perder tempo. Devemos lá chegar antes de noite fechada. Não ha onde dormir pelo caminho.

Luigi

Vamos.

Carrega a trouxa, soltando um suspiro, e, seguido de Giovannina, envereda pela estrada atraz da estação. Galgam suave ladeira e logo se encontram em pleno ermo, numa bronca picada, emmoldurada e abobadada de mato, vincada de rastos de tropas e de sulcos produzidos pelos carros de bois.

Luigi

E regressamos á roça, donde não deveramos ter saido! Respiro outra vez em liberdade. Fomos bem pouco felizes na capital. Não trouxe saudades.

Giovannina

Nem eu. Só me lembro da Candida. Que santa creatura! Quanto nos valeu no terrivel lance que atravessamos ! Em todo o caso, devemos dar graças a Deus : vendendo o que possuiamos, pagamos todas as dividas e enterramos decentemente nossos pais. Resta-nos pouco. (*Apontando para a trouxa).* Nossa riqueza inteira aqui vai. Mas estamos livres. Foi a Candida quem nos obrigou a sair immediatamente da

cidade, receiosa de que a epidemia nos victimasse tambem. Resolvemos a viagem um pouco no ar, sem reflectir. Eu cedi, incapaz de objecções, acabrunhada pela recente catastrophe. Durante o trajecto, vim meditando que andamos talvez precipitados. Tambem não tinhamos escolha. Só conhecemos a fazenda do Sr. João Carlos. Em summa...

Luigi

Noto em ti certa repugnancia por essa fazenda.

Giovannina

Em mim ? ! Não... E, agora, que remedio ? E' seguirmos para lá. Animo ! A alma de nossos pais véla por nós.

Luigi

Sabes o caminho ?

Giovannina

Não estou bem segura, mas havemos de acertar. Fomos e viemos, graças á bondade do Sr. João Carlos, em carro de bois, de sorte que pouco observei. Vamos indo.

Luigi

E que tencionas fazer ? Ficar em casa do Sr. João Carlos ?

Giovannina

Não. Pedir-lhe-ei sómente que nos empregue em outra fazenda de seus amigos ou parentes.

Luigi

Mas porque não ficaremos na do Sr. João Carlos, onde nos demos bem ?

Giovannina

Porque não... porque não...

Caminham calados. Caminham... Caminham... Sobem morros, descem encostas, sobem outros morros, descem outras encostas. Soledade absoluta ! Apenas encontram bois e cavallos nos pastos, lobrigam sabiás e pintasilgos que trinam voando, cotias que se evadem ariscas, lagartos tomando sol. A estrada descreve frequentes curvas ondulantes ; agora se afunda, logo se empina ; ora corta verdes descampados, ora margina catingas de arvoretas tortuosas e esparsas, ora ladeia massiços de folhagem, jazidas de troncos carbonisados, cercas brutas feitas de tócos velhos, despenhadeiros, no fundo dos quaes corregos trepidam. Grandiosas as paisagens, mas de um grandioso solemne e triste.

De subito, um estrupido, brados... E' uma tropa. Desfilam a madrinha, ornada de tilintante cincerro, as mulas com as cangalhas e sobre o couro que as rebuça o cambito arvorado como a haste de um pavilhão, por fim o tropeiro, o busto nú, garrucha e faca de ponta na cinta, cigarro atraz da orelha. Ao dar com Giovannina e Luigi a tropa se esparrama. Algumas mulas param, afocinhando a herva.

O tropeiro

Eh ! mula ! Eh diacho ! Anda, Rubim... Olha, Mulata... (*Avistando Giovannina*) Bom dia, siá dona.

Giovannina

Bom dia. Tenha a bondade de me informar quanto dista d'aqui á fazenda do Sr. João Carlos ?

O tropeiro

Poderá ter cinco leguas pequenas.

Giovannina

E daqui á estação ?

O tropeiro

Legua e meia grande.

Giovannina

Qual o caminho ?

O tropeiro

Não tem quasi errada. Vá caminhando por ahi afóra até bater na encruzilhada. Na encruzilhada, quebre á direita. Vá andando. . . vá andando até outra encruzilhada. Ahi quebre á esquerda. Tem uma porteira. Não faça caso da porteira, quebrando outra vez á esquerda. Depois tem uma chapada, depois uma vargea, depois uma capoeira, depois outra porteira, depois está lá.

Giovannina

Obrigada! (*o tropeiro afasta-se*).

Luigi

Entendeste ?

Giovannina

Não muito, mas vamos indo, com auxilio de Deus.

Luigi

O peior é que a distancia augmenta. Na estação eram cinco leguas. Já são agora seis e meia.

Caminham de novo silenciosos durante extenso trecho. Sempre a mesma perspectiva,—accidentada, magnificente, melancolica. De raras choças de sapé, perdidas aqui e ali, apruma-se, —unico indicio de vida, um movediço coruchéo de fumaça. Topam um menino montado num cavallo em pello.

Giovannina

Faça o obsequio de me dizer quanto ha daqui á fazenda do Sr. João Carlos ?

O menino

A' fazenda do Sr. João Carlos ?

Giovannina

Sim.

O menino

Cinco leguas boas.

Giovannina

E d'aqui á estação ?

O menino

Tres leguas pequenas.

Luigi

E' então muito longe a fazenda ?

O menino

E' assim como daqui á casa de minha avó.

Luigi ri-se. O menino desconfiado bate com os calcanhares no animal e deixa-os. Caminham outra vez; caminham... Limpido em começo, o céu entra a escurecer. Densos nimbos o invadem. De chofre, chove violentamente. A estrada se transforma em lamaçal. Caldeirões atoladiços se cavam. Giovannina e Luigi, impossibilitados de andar, abrigam-se enxarcados debaixo de uma gamelleira.

Luigi

Parece que nunca chegaremos. As taes cinco leguas crescem, em vez de diminuir.

Giovannina

Havemos de chegar, si Deus quizer, havemos de chegar. Mais um pouco de animo e paciencia.

Luigi

E eu com fome ! Minha sina é sempre sentir fome !

A chuva passa. Proseguem pela estrada escorregadiça. Abrem frequentes porteiras, que chiam prolixas e estridulas. Avistam um rancho, — tosca palhoça erguida sobre esteios. Uma tropa está arranchada, — as cangalhas deitadas circumflexas em enfiada, os couros desdobrados no chão. Animaes, presos ás estacas fincadas em frente do rancho, trituram o milho dos embornaes, emquanto o arrieiro os vai raspando. Outros arrieiros atalham cangalhas desconcertados. Outros, sentados no solo com as pernas estendidas, endireitam cravos para ferraduras. A panella de feijão suspensa de uma tripeça fumega sobre o fogo de gravetos. Giovannina e Luigi se avizinham, sem que lhes prestem attenção.

Giovannina

E' muito longe daqui á fazenda do Sr. João Carlos ?

Um arrieiro

Pouco mais de cinco leguas, pelo atalho.

Giovannina

Poderei lá chegar ainda hoje ?

O arrieiro (*fitando o céu*)

Póde, que ainda ha quatro braças de sol.

Giovannina

E qual o caminho do atalho ?

O arrieiro

Enxerga ali aquelle morro?! Pois bota o morro nas costas e vai andando assim com elle toda vida, sem se importar com as encruzilhadas, nem nada, que chega lá. Num esquipado, a gente vai num pulo.

Giovannina

Bem. Obrigada.

O arrieiro

Agora siá dona não póde ir sem provar do nosso café.

Servem em cuités o cheiroso café coado num sacco de baeta. Obrigam Giovannina e Luigi a aceitarem tambem fatias de requeijão que tiram das bruacas. Offerecem aguardente que denominam: a branca. Lhanos, respeitosos, chãos! Giovannina agradece e prosegue com Luigi.

Percorrem presentemente terrenos mais cultivados: pingues capinzaes, milharaes bastos, cannaviaes brandindo as folhas como espadas, grupos de bananeiras similhantes a feixes de fiammulas, tayobas e inhames parecidos com escudos, e, nas meias laranjas, destacando de tudo, pelo seu alinho, cohortes e cohortes de cafesaes.

Esbarram de subito numa cruz, construida de dois galhos amarrados com um cipó. Circumdam-na monticulos de seixos.

Luigi

Aqui foi enterrado alguem. Estas pedras significam homenagem dos que passam.

Giovannina

Vejo boninas e sambambaias, artisticamente recortadas. Vamos deixar a quem aqui descança um ramalhete sylvestre.

Luigi

E' tarde. Isso nos atrasará a viagem.

Giovannina

Não importa. Façamol-o em lembrança de nossos pais, que nos abençoarão.

Formam o ramo e o depositam ao pé da cruz. Continuam a andar.

Cai rapida a noite. O silencio e a solitude se intensam. Não é bem silencio, mas uma especie de massa fluida, informe, de vibrações surdas, longinquas, immensas, boiando invisivel e a esmo na amplidão. A natureza se mostra mais enigmatica e mais triste. Pios dolentes angustiam o ar. Bafos gelidos arrepiam as folhas. Parece que Giovannina e Luigi se aprofundam no isolamento.

Luigi

Estou cançado... estou cançado... Interminaveis cinco leguas... Cinco leguas malditas!

Giovannina

Apoia-te em mim para repousares. Si não poderes mais, a Madona me concederá forças para te carregar. Coragem! Está proximo o fim!

Luigi

Imitarei teu exemplo. Caminharei sem me queixar.

Andam... andam... mudos, tropegos. Concentrou-se a treva e diffundiu ondas lutulentas em tudo. Os viajores enfiam por delgado trilho' no coração da mata, ladeiado de altos barrancos. Arvores colossaes se arrojam á altura, tapando o céu. De seus braços hirtos e cerdosos pendem milhares de lianas, lembrando legiões de cobras enforcadas. A sombra ahi se povôa de sombras mais sombrias, o silencio de rumores confusos e ainda mais mysteriosos, escapos dos recessos da treva. Ha suspiros, cochichos, zumzuns, ranger de ossos, risos encobertos, passos apagados como na camara de um morto. Afigura-se imminente a sorpreza de terrivel arcano, o advento de factos sobrenaturaes. Dir-se-ia que as coisas inanimadas se aprestam para cobrar phantastica vida e fazer estranhas revelações. Erram longos espectros, arrastando crepes, que os vagalumes rendilham de lentejoilas intermittentes. Confrangido, Luigi se conchega da irman.

Luigi

Tens medo, Giovannina?

Giovannina

Na culta Europa ou perto da cidade teria. Aqui, não. São inoffensivos e benigos os homens e os animaes do interior do Brazil.

Luigi

Que horas serão?!

Giovannina

Não sei, mas devemos estar perto, que de sobejo temos andado.

Luigi

E quanto nos restará andar, santo Deus?!

Saem da mata e desembocam numa varzea. A noite constella-se, mas a estrada batida sumiu-se sob espessa vegetação rasteira. Impossivel orientarem-se. Atolam os pés num brejo, onde insistente serrazina, como a serrilhar ferro, uma orchestra de rans.

Luigi

Bonito... bonito... acabou-se o caminho... Para onde havemos de ir?!

Giovannina

Caminhemos sempre... Ha de haver sahida.

Luigi

E' imprudencia continuar. Podemos tombar nalgum precipicio, afogar-nos num lodaçal. Sentemo-nos até volver a madrugada.

Giovannina

Sóbe a uma arvore. Descobre alguma luz que nos sirva de farol.

Retrocedem á mata. Luigi trepa ao cume de um alteroso tronco, afugentando um bando de passaros que batem as azas irritados e lugubres.

Giovannina

Que avistas, Luigi?!

Luigi

Trevas... uma mar de trevas... trevas... só trevas...

Giovannina

Haverá esperança de luar?

Luigi

Qual! Ha estrellas... muitas estrellas... mas pequeninas, solitarias, perdidas, como orphans... como nós...

Luigi desce. Os dois irmãos se assentam ao lado um do outro, debaixo da arvore, subjugados de desalento infinito. Ao cabo de algum tempo, Luigi adormece. O olhar de Giovannina, naufrago da escuridão, luta e se debate nas vagas negras que o assoberbam.

Mas eil-a que tira do seio a imagem da pequena Madona, abraça-a, beija-a, ajoelha-se, alça a vista á cupola frondente, pelos intersticios da qual, como fios subtis de aranhas de ouro, escorrem tenues scintillações sideraes.

Giovannina (*murmurando*)

Santa Madona, que tens cem annos, confidente, protectora, doce amiga de minha mãi e da mãi de minha mãi... Em nome das afflicções que lhes leniste, das consolações que lhes concedeste, da fé que lhes inspiraste, compadece-te de mim, illumina, inspira, abriga o meu coração. Sê minha amiga tambem, oh Virgem pura, ampara-me e conforta-me como amparaste e confortaste á minha mãi e á mãi de minha mãi. Vê como estou hoje abandonada no mundo e me cabendo velar por meu irmão! Pouco te peço, milagrosa imagem: dá-me apenas disposição para o trabalho e energia para o cumprimento do dever. Santa Madona que tens cem annos, ajuda-me, por piedade, ajuda-me a carregar a minha cruz!...

Depois da oração, Giovannina se recosta serena ao pé de Luigi e parece dormir como elle. A noite prosegue seu itinerario, balisado de astros. Vem dos espaços uma paz, um recolhimento augustos. Ouve-se improvisamente o tropel de um cavallo. Giovannina e Luigi levantam-se sobresaltados. O tropel já augmenta, já esmorece. Acerca-se, por fim. Distingue-se um vulto.

Luigi

Quem vem lá?

O cavalleiro (*parando*)

Sou eu, Mathias, camarada do Sr. João Carlos.

Luigi

Está muito longe a fazenda delle?

O cavalleiro

Está pertinho. Isto aqui já pertence á fazenda. E' só beirar o brejo, subir o morro, passar a porteira. Desce-se logo no terreiro.

Luigi

Obrigado. (*Voltando-se para Giovannina*) Ouves?! Graças aos céus!

O cavalleiro

Eu vou a toda pressa buscar um medico para a mãi do Sr. João Carlos que caíu com um ataque e está muito mal. Ainda tenho quatro leguas. Boa-noite! Si se dirigem para lá digam ao patrão que eu volto num abrir e fechar de olhos.

O cavalleiro parte a galope. Giovannina permanece pensativa encostada á arvore.

Luigi

Vamos, Giovannina, vamos. Quasi nada falta. Em um quarto de hora chegaremos.

Giovannina

Espera um pouco... espera um pouco.

Decorrem alguns minutos de silencio,.....Luigi de pé, prompto para caminhar, Giovannina de novo sentada, immovel, os olhos parados

Luigi

Vamos, Giovannina . Dir-se-ia que vacillas á ultima hora.

Giovanina

Não... não hesito. A mãi delle doente... Precisa de soccorro. Vamos, cumpra-se a vontade de Deus.

Proseguem. Breve escutam vozes. Latidos de cães os acolhem. Entram no rceinto da fazenda. Insensivelmente se acham na porta da casa. João Carlos sai-lhes ao encontro.

João Carlos

Será o medico ?

Luigi

Sou eu. Sr. João Carlos. Vim, com minha irman, implorar a sua protecção.

João Carlos

Luigi ! Giovannina ! Não me enganaram os meus presentimentos. Voltaram ! E Benedetto ? E Isabela ?

Giovannina

Nossos pais morreram. Estamos sós na terra. Lembramo-nos de seus generosos offerecimentos e vimos pedir-lhe trabalho.

João Carlos

Fizeram bem, fizeram muito bem. Depois que saiste, Giovannina, sairam tambem d'aqui a alegria e a felicidade. Tive questões com colonos, a mór parte dos quaes me deixou. Chuvas torrenciaes estragaram as plantações. E, peior do que tudo, minha mãi adoeceu, minha mãi está mal. Não imaginas o transtorno que essa molestia produz. Mas como vieram vocês da estação ? Vieram a pé ? Já jantaram ? !

Giovannina

Viemos a pé.

Luigi

Sem quasi nos alimentarmos.

João Carlos

Devem estar mortos de cansaço e de fome. Entrem... entrem...

Giovannina

Não, Sr. João Carlos. Mande dar-nos uma casa de immigrante, como antigamente. Não tenciono ficar aqui. Meu desejo é que o Sr. me obtenha um emprego em outra qualquer parte. Aqui não; aqui não...

João Carlos

Aqui não, porque?! Em todo o caso é tarde para se tratar disso. Amanhan veremos.

Impelle-os para dentro de casa.

Luigi

E' outra coisa... é outra coisa...

Giovannina (*baixinho*)

Santa Madona, que será de mim?!

Affonso Celso

(*Continúa*)

O MAL FINANCEIRO[1]

E O SEU REMEDIO

VIII

A maior causa de perturbação, nas suas relações, para o commercio é a instabilidade da taxa cambial; sempre caminhando esta para baixa nunca soffrida pela moeda fiduciaria, sinão apoz o augmento da circulação á alta cifra da época presente, a soffrer oscillações de um a dois pontos, ora subindo rapidamente para dias depois, cair a menos dos pontos da alta, o commercio importador sente o maior constrangimento ao ter de calcular o preço da venda, na incerteza em que se acha collocado quanto ao preço pelo qual ha de adquirir o ouro necessario ao pagamento das mercadorias importadas. Succede muitas vezes que havendo calculado a encommenda feita por um preço, tomando como base a taxa combial do dia, ao chegar aquella, a taxa cambial tem já descido, modificando o seu calculo — ; depois de vendida, a taxa é outra já e ainda outra a do dia do pagamento.

Comprehende-se a somma de prejuizos que disto lhe póde advir. O facto reflecte-se sobre o commercio a retalho, ao ter de vender ao consumidor que é obrigado a adquirir a mercadoria precisa pelo

---

1 Veja a *Revista* de 15 de maio e 1 de junho.

preço de um calculo a taxa cambial sempre mais baixa e portanto sempre a preço mais alto. A consequencia desta incerteza do preço pelo qual ha de ser adquirida a moeda para o pagamento das mercadorias importadas é que a revenda se faz, sempre pela cotação mais baixa e ainda com um acressimo para possivel fluctuação na época do pagamento, nem mesmo assim podendo ser evitados prejuizos certos para o commercio.

Todas as relações sociaes de compra e venda são feitas sob essa presumpção de menor valor para a moeda de pagamento ao estrangeiro, com o resultado da alta de todos generos, do maior valor para todas as transacções, assim obedecendo a vida nacional á imposição estrangeira para o valor da nossa moeda.

Posso affirmar com a opinião de todos os commerciantes que não sente o commercio tanto a baixa do cambio a 9, como a incerteza de ter amanhan cambio a 10 ou 11 para vel-o descer em poucos dias a menos de 9, como já succedeu; si baixou a 9, conserve-se a esta taxa, de modo a permittir uma estabilidade de valores sobre os quaes possa o commercio assentar os seus calculos de compra e venda sem essas bruscas transições que o desorientam e arrastam prejuizos incalculavais.

A fixação do cambio a 9 para o papel-moeda em circulação, será de conveniencia para o commercio que receberá esta medida como a libertação de todos os cuidados pela possivel alteração da taxa cambial, certo como está de ser este o valor do papel, fazendo as suas transacções nessa conformidade.

Quanto á população em geral, ha toda probabilidade, para não dizer certeza de que, ao par da invasão do papel-ouro na circulação, os generos todos accomodem-se ao preço equivalente, a moeda em que forem perm utados, aceitando a nova moeda com o poder liberativo que realmente ella tem : tres vezes maior do que o papel de curso forçado e condemnado a desapparecer da circulação. E' como si houvesse uma invasão da moeda de ouro, tanta quanta chegasse para expellir a má moeda, produzindo-se o effeito contrario ao da retirada da moeda de ouro pela entrada desse mesmo papel, na consideravel proporção em que elle foi emittido nestes cinco annos passados.

Nada impede, segundo o novo plano, que as permutas continuem a se fazer na moeda actual, continuando tal qual é no dia

de hoje, a vida nacional, os preços a esse papel-moeda fixam-se ao cambio de 9 até o apparecimento da nova moeda que é ouro. Com o apparecimento desta as permutas dever-se-ão fazer como si ás compras fosse offerecida a propria moeda de ouro, que de facto esse papel representa. A continuidade das transacções, repetidas incessantemente, levaria a comprehender em poucos dias, a differença do valor de um papel para o outro, trazendo o preço dos generos á cotação de venda pelo ouro, isto é, com tres vezes menos do valor actual.

Teriamos de ver, nem póde soffrer duvida e é um dos resultados esperados, essa moeda fiduciaria ser repellida da circulação, acossada pelo seu pouco valor e pela condemnação ao resgate, correndo toda para o Thesouro e apressando, como seria de desejar, esse resgate, fim ultimo da operação. Poderia haver pequena perturbação nas relações de permuta, ao terem de figurar duas moedas, antes da comprehensão do modo pelo qual ellas teriam de actuar na fixação dos valores; mas a acção benefica da medida far-se-á sentir com a diminuição do preço, o povo comprehenderá facilmente a transformação que se está operando e a expulsão da moeda actual se faria mais depressa, acabando com a simultaneidade dos dois papeis na circulação.

E por contar com esse desapparecimento do papel-moeda, correndo ao resgate logo ao ser chamado a troco, é que lembrei a conveniencia de estar o governo habilitado á substituição de toda a cifra em circulação, com a faculdade de emittir 40.000:000$ sobre o lastro e augmentar a circulação com esta quantia a mais sobre o deposito de ouro, real a real. Si, contra toda a espectativa, a circulação supportar a convivencia dos dois papeis de valores differentes, permittindo a existencia de moeda forte e da moeda fraca, como se dá em Portugal e na Republica Argentina, o governo tem tempo de, com parte da sua receita-ouro, colhida dos direitos de importação, augmentar o deposito de £ 20 milhões com os quatro necessarios para formar o fundo de ouro, real a real, sobre a totalidade da circulação de papel-ouro já figurado, bem como de augmentar a circulação, sempre com o augmento do deposito.

Tenho certeza de que tal não se daria e o affirmo com o conhecimento da historia financeira dos paizes que já puzeram em execução medida como esta. O resgate do papel, a circulação restabelecida

na verdadeira moeda trariam a affluencia do ouro a penetrar no paiz por todos os canaes do commercio, seriam acompanhados das transaçcões feitas em ouro pelos bancos, da emissão dos certificados sobre depositos ouro e reembolsaveis em ouro, o que daria mais elasticidade á circulação das notas do Thesouro nacional, permittindo bastar o limitado numero das que fossem emittidas sobre o deposito ouro.

Vê-se como em nada seria perturbada a vida nacional: quem houvesse de fazer uma transacção, de comprar um objecto, poderia fazel-o com qualquer das duas moedas; si o pagamento houvesse de ser feito com o papel actual, elle teria o valor do proprio papel ao cambio de 9; si a compra houvesse de ser feita com moeda-papel, regularia o cambio de 27 ouro, como este papel representaria.

Dir-me-ão que todos os valores baixariam, vindo a ser representados por um papel que reduziria, a tres vezes menos, os valores actuaes; a objecção é facil de responder com a observação de que, actualmente, não se dá outra coisa: quem apparecer no mercado com moedas de ouro para adquirir qualquer objecto, verá que o valor deste em papel-moeda será immediatamente restringido ao valor da moeda de ouro, pelo cambio de 9, a que todas as transacções internas se fazem.

O mesmo aconteceria com a moeda-papel, e como quem a recebesse teria de vêl-a produzir o mesmo effeito quando apresentada em outra transacção por quem a recebeu ao vender, a multiplicidade dos factos traria a comprehensão de que ninguem havia perdido, porque, geralmente todos experimentariam os mesmos effeitos da nova moeda; todos teriam menos papel, porém effectivamente — *mais dinheiro.*

Hoje vende-se por tres em papel o que vale um; com esse papel compra-se um objecto pelo qual se exige o preço de tres: com a nova moeda comprar-se-ia um objecto pelo terço do valor de hoje e esse terço recebido pelo vendedor vai comprar um objecto cujo preço estará reduzido a um, si fôr obtido com a nova moeda.

Necessario será que a lei estabeleça de modo claro, expresso, que todas as transacções de deve e haver, feitas e por fazer no paiz deverão obedecer a essa relação do novo papel para o antigo: cambio de 9 para o antigo, cambio de 27 para o novo, ouro como é.

Falei no receio para alguns de ser diminuta a circulação, reduzida como fica pelo resgate ao cambio de 9, da somma de papel actual; repito que este receio é infundado. A nova emissão não se fará immediatamente; exigirá tempo para ir sendo levada ao Thesouro para ser trocada e naturalmente será preferida para o pagamento de parte dos impostos de importação. Como a outra parte será feita em ouro, antes de haverem sido emittidos os 178 mil contos correspondentes ao ouro no valor L 20 milhões em deposito, o governo tem tempo para augmentar, se julgar conveniente, o deposito, de modo a poder alargar ou restringir a circulação conforme as necessidades o exigirem.

Como a lei deverá limitar o maximo da emissão a descoberto sobre o fundo ouro, maximo que deverá ser fixado a menos do duplo do deposito, não haverá receio algum si, para alargar a circulação, o governo emittir moeda-papel sobre o ouro recolhido ao fundo de garantia da emissão, real a real, a mais desse fundo, como o faz o Banco da Inglaterra.

IX

Uma vantagem a mais será alcançada com a circulação assim realizada, com a eliminação da verba — fluctuações de cambio: é a certeza para a fixação das despezas publicas, impossivel de conseguir actualmente pela incerteza dos sacrificios a ser exigidos com a acquisição do ouro necessario ao pagamento das despezas a fazer em moeda. Como a importação retraida actualmente pelo preço excessivo de todos os generos ha de naturalmente desenvolver-se, a receita terá de augmentar e será possivel, revendo a tarifa, alterar os impostos, reduzindo-os a um termo razoavel e ter margem para o equilibrio do orçamento.

Eu não tenho receio, absolutamente, da diminuição da importação; do que tenho aprendido no estudo da sciencia das finanças pela lição offerecida na historia dos outros povos, affirmo, e o tenho feito muitas vezes, que nos paizes em prosperidade, com elementos proprios de vida e de desenvolvimento, a importação tende sempre

a augmentar. Si, por causas accidentaes, a importação se retrai, o phenomeno dura pouco tempo, unicamente o necessario para serem removidas as causas dessa anormalidade; a exportação assume a preponderancia na balança commercial, impõe os saldos a serem remettidos para o paiz e esta remessa arrasta a substituição por generos de consumo, para restabelecer o equilibrio. Isto é lei fatal, infallivel para todos os povos do mundo, regulada por principios conhecidos e demonstrados até mathematicamente. Nós temos actualmente duas causas para o retraimento da importação: um pouco de desorganização no trabalho agricola, largamente preponderando na producção do café, da borracha, do assucar e do algodão, e o alto preço a que chegaram todos os generos. Todos os cidadãos retrairam as suas despezas, limitam-se a comprar o absolutamente necessario, descobrem os expedientes mais engenhosos para comprar *sempre menos* e assim evitam a expansão das permutas, deixando os depositos cheios dos productos, sem permittir novas encommendas aos productores estrangeiros.

Modifique-se o valor da moeda, baixem os preços á situação normal, permittindo á população adquiril-os com moeda da potencia liberatoria do ouro ou quasi e teremos a realizar-se o contrario: as compras augmentarão, os depositos esvasiar-se-ão e as novas encommendas serão feitas, augmentando a importação e a receita.

Não se alimente receio de que a União venha a ficar sem rendas para as suas despezas... salvo si ellas forem augmentadas a tal ponto que não seja possivel achar rendimento sufficiente. Para este mal só ha o remedio de esperar que o patriotismo do Congresso Nacional faça com que a despeza publica seja, quando não diminuida, ao menos conservada na cifra do orçamento vigente; si isto se conseguir, o orçamento terá receita sufficiente, podendo ser até diminuidos os impostos.

X

A medida proposta não é invenção e nada tem de novidade; é resultado do estudo feito quanto á situação financeira dos paizes onde a desmoralização da moeda fiduciaria deu-se como se está

dando no Brazil. Nos paizes que recorreram a este meio para resgatar o papel-moeda de curso forçado, fugindo ás desastrosas consequencias de sua desvalorização, em todos o papel fôra emittido para ser emprestado ouro equivalente ao governo que o gastou nas despezas publicas.

Só ha um exemplo de emissões avultadas feitas por uma associação particular para especulações commerciaes, para explorar o publico com a fantasia de lucros enormes a tirar de emprezas, tal como se deu em nosso paiz; este exemplo é do tempo de Law, na França.

Quando o systema por este grande aventureiro posto em pratica, desmoronou-se deixando a descoberto a loucura das suas combinações financeiras, o governo retirou aos seus bilhetes o curso forçado, aboliu os privilegios de que elle soubera cercar-se, restabeleceu a circulação monetaria pela revogação das medidas compressoras decretadas para dar-lhes valor e a situação normalizou-se accarretando enormes e incalculaveis prejuizos.

O mesmo succederia si o Congresso Nacional retirasse o curso forçado ás nossas emissões bancarias, o que não seria justo desde que ellas foram jogadas na circulação com o consentimento do governo que lhes deu regulamento, sem saber entretanto contel-as quando o prejuizo começou a se fazer sentir.

E' na situação singular de haver sido a grande parte da massa enorme desse papel emittido pelo governo e pelos bancos para uso particular destes, sem nada haverem as emissões aproveitado ás despezas publicas e servindo sómente ao jogo da bolsa, que está a vantagem do thesouro publico do Brazil em solver a crise financeira: a nação é responsavel pelos erros do seu governo, elle deve ser resgatado, mas como erro de que outros ou somente pequena parte da população aproveitou.

De remotas éras, é da historia financeira dos povos da Europa, remontando a seculos muito anteriores ao nosso, os reis, não conhecendo ainda o expediente de dar curso forçado a bilhetes emittidos pelo thesouro, falsificavam as moedas, diminuindo-lhes o peso, introduzindo metaes estranhos e mais baratos na liga e dando-lhes assim valor nominal acima do real. E' interessante ver como os phenomenos se produziam, com as moedas falsificadas, exactamente os mesmos que os conhecidos para o papel de curso

forçado: expulsão e desapparecimento da moeda verdadeira, baixa do cambio na proporção da emissão sem valor e alta do preço de todos os generos. Quando o cambio chegava a limite tal que produzia a miseria da população, o empobrecimento do paiz, a consequencia era fatal: voltava-se á emissão da boa moeda, ao resgate da falsificada recebida pelo seu justo valor. A França, quando viu a circulação desmoralizada pelos assignados da revolução de 1789, depois de haver emittido os mandatos territoriaes para resgatar os assignados, por somma trinta vezes menor dos primeiros sobre os segundos, resgatou igualmente os mandatas territoriaes por moeda, fixando o valor daquelles segundo o cambio da sua depreciação, a começar de 1789 até 1896. A Austria, quando soffreu as oscillações bruscas dos seus *Banco-Zettel*, de tal modo que muitas vezes a differença de valor era de 5 e 20 a 30 °/₀ de um dia para outro, decretou o troco pelos chamados bilhetes de resgate, na proporção de cinco do valor nominal daquelles (Decreto de 20 de fevereiro de 1811). A Inglaterra, depois de ver os bilhetes do banco, emittidos por successivos emprestimos de ouro ao governo para sustentar a guerra continental, descerem a quasi 30 °/₀ do seu valor nominal, decretou o resgate, em 1819, com taxa abaixo do seu valor nominal, muito embora se tratasse de emprestimos feitos ao governo e ainda mais concorressem para a boa solução da crise as descobertas maravilhosas da fiação da lan e do algodão e da força motriz pelo vapor.

Trata-se entre nós de papel emittido por bancos apenas sobre a garantia de titulos do Estado e do dobro da moeda de ouro que levou o paiz a taxa cambial abaixo do que fôra jámais experimentada nos criticos momentos de uma guerra externa, trata-se do resgate pelo cambio da data em que o resgate é resolvido.

Quando escrevi o artigo publicado no numero anterior, o cambio estava cotado a 9 d. por 1$000; posteriormente a situação modificou-se chegando a taxa pouco superior a 10, ou ao valor de 24$000 por libra esterlina.

A medida que expuz em nada altera o plano geral da operação por este facto; desde que a base é o deposito £ 20.000.000 ou 178.000:000$000 ouro, este fundo supporta a emissão até o

maximo do duplo sem lhe alterar o valor e portanto póde ser fixado o cambio de 9 até 12 para o resgate; a este ultimo cambio ou a 20$000 a £, o fundo de 20 milhões resgata os 630.000:000$000 de papel-moeda com a cifra de 315.000:000$000 de moeda papel, muito menos que o dobro do lastro que os £ 20.000.000 constituem, ou o dobro de 178.000:0000$000 ouro, ao par, que dariam 356.000:000$.

Não teria receio de aconselhar ao Congresso Nacional augmentar a cifra desse deposito si julgasse não ser possivel a operação apenas sobre este fundo, ou si a somma total da moeda-papel a emittir pudesse soffrer depreciação pelo augmento da sua cifra; os beneficios a retirar da medida são tamanhos, tão consideraveis são as vantagens de entrarmos em uma circulação valorizada que todos os sacrificios seriam sobejamente compensados.

Os emprestimos contraidos annualmente para pagar em moeda de ouro despezas do orçamento, as encommendas, as garantias de juro, o descredito que a nossa desorientação em finanças nos tem trazido, o desapparecimento dessa verba colossal de fluctuações de cambio, a normalidade das relações commerciaes, a baixa dos generos necessarios á população, a diminuição dos impostos, *tudo isto* compensaria o sacrificio que a operação nos trouxesse.

Fujo de aconselhar simplesmente a encampação das emissões, a responsabilidade do governo para esse papel, sem o resgate, porque estou certo, pouco aproveitar-nos-ia a medida: o cambio poderia subir a 12 ou a 15, mas estaria ainda longe de taxa que satisfizesse ás nossas condições economicas, continuando em grande escala os prejuizos que essa taxa nos traria, apezar da modificação. O papel-moeda seria uma praga para os nossos orçamentos, impedindo o nosso desenvolvimento, tal como se deu com o papel do primeiro Banco do Brazil, cuja responsabilidade o governo tomou em 1846 e que nunca mais nos abandonou.

Julgo que poderá ser adoptado o cambio de 9 para o resgate, porque os preços ainda não se modificaram do limite imposto pela taxa de 8, do mez passado; para o consumidor a taxa é ainda inferior a 9; e como este é a nação inteira, toda ella aproveitaria com a medida e de facto pagaria o papel pelo cambio do dia de hoje. Quando julguem mais convenientes aceitar a taxa de 10 ou mesmo a de 12, que considero alta, já o demonstrei: o plano exposto em nada seria alterado dos seus lineamentos geraes.

Ao terminar o presente estudo feito para deixar conhecida a minha opinião quanto ao que se póde fazer para reorganizar as nossas finanças, seja-me licito concluir com a resposta á seguinte interrogação: far-se-á isto, será exequivel este plano, nas actuaes circumstancias do paiz?

Eu responderei com a franqueza de uma opinião sincera: tenho duvidas. Confio no resultado da operação, tenho absoluta certeza de que ella seria a invasão do ouro no paiz a tal ponto que, em breve, poderia com a lição dos acontecimentos decretar-se a conversão franca das notas do governo por ouro; mas o plano não será talvez aceito, terá a opposição franca da maior parte que o condemnará por inviavel, mesmo talvez sem o estudar bem.

Tenho sobre este ponto os mais fundados receios de vêr succeder o mesmo que em 1892, que em 1893, quando nós, da commissão do orçamento da Camara dos Deputados, propuzemos as medidas hoje aceitas geralmente, solicitadas pelo Banco da Republica do Brazil e indicadas pelo Sr. ministro da fazenda no seu relatorio. O nosso paiz tem uma grande maioria convencida de que nós não podemos passar sem o papel-moeda de curso forçado, mesmo o da peior especie, mesmo com todos os sacrificios por elle impostos em 60 annos de vida nacional: na opinião desses, mais competentes sem duvida do que eu, para quem não passo de um fantasista, a escrever romances sobre finanças, a abolição do papel-moeda será a nossa desgraça, com tanta certeza como a reorganização bancaria de 1892 e a emissão de 100.000:000$ em bonus, seriam a salvação.

Elles affirmam que é do papel-moeda que vivemos e a elles devemos todas as nossas venturas, mesmo a do empobrecimento geral e do augmento da nossa divida, da quasi miseria da nossa população.

Não vale a lição dos livros, da historia, da experiencia, podem ler-lhes os trechos da historia de todos os povos, onde se clamava, tanto como se faz entre nós, contra a abolição do curso forçado, com os mesmos argumentos da falta de ouro no mercado universal para poder chegar algum até nós; pode-se-lhes mostrar a producção do ouro, de 155.020 kilogrammas em 1885 a 300.000 em 1895, havendo um augmento disponivel para o consumo monetario annualmente, de 77.000 kilogrammas em 1886, para 185.000

em 1894 (M. L. Cohnstaedt, calculo segundo Soetbeer, Harchecorn, no estudo intitulado *Goldruwachs und Waarenpreise*), nada os demoverá da sua convicção. Elles appellarão logo para o cambio a subir de 8 7/8 para 10 1/4 e concluirão muito satisfeitos que o cambio está firme, sem se lembrarem quanto é deprimente essa taxa cambial para um paiz com elementos de riqueza como o nosso!

A historia registra, com uma coincidencia notavel para todos os povos onde o papel-moeda fez sentir os seus desastrosos effeitos, este clamor, esta convicção, este emperramento como um resultado a mais do curso forçado! Não admira que entre nós o mesmo facto se reproduza.

Como, entretanto, é possivel haver uma porção de homens de boa vontade a quem chegue a convicção de não ser possivel quedar-nos diante dessa desorientação nossa, a esperar pela lentidão do desenvolvimento dos nossos recursos para chegarmos a melhorar o valor do papel; como é possivel que esses se resolvam a experimentar si podemos viver sem essa praga que atrophia o nosso progresso, resolvi-me a escrever esse estudo e confial-o á imprensa, deixando-o mesquinho e deficiente, nas paginas de uma revista, a fazer triste figura entre os esplendidos trabalhos pòr ella publicados.

Hão de permittir-me dizer ainda que o cambio póde melhorar mesmo com a nossa apathia e isto não será novidade, como nada ha de novo em finanças que não esteja conhecido e annunciado pela experiencia dos mestres no assumpto. Goschen, no seu excellente livro *Theoria dos cambios estrangeiros*—, estudando a situação dos Estados Unidos em 1865, prevê a hypothese de, dadas circumstancias especiaes por elle figuradas, terem os americanos abundantes recursos metallicos e, então, diz elle, « sem que haja entre elles intenção de melhorar immediatamente sua circulação, o premio do ouro baixará e baixará em tal quantidade que terá por effeito, apressar esse melhoramento *a despeito da indifferença dos nacionaes.* »

Que a nossa indifferença não seja esperança do nosso futuro, é o que eu desejo com a publicação do presente estudo. Se quizermos melhorar a situação da Republica dos Estados Unidos do Brazil immediatamente, affirmo que podemos fazel-o; eu, porém, reconheço quão pouca autoridade contém esta affirmação, quão pouco vale entre

os entendidos no assumpto e por isto não ouso esperar que a medida seja aceita e executada.

Desejo sinceramente que a aggravação dos nossos soffrimentos não nos leve a aceitar em futuro proximo e com mais difficuldade aquillo que rejeitarmos hoje, como queremos realizar agora o plano já sem os effeitos esperados em 1892.

A exposição feita servirá, ao menos, para me deixar terminar com a asseveração minha em 1892, como no começo deste estudo : é a mais facil, a de menos embaraço, a de solução mais proveitosa a situação financeira do Brazil; precisa hoje de boa vontade, de resolução e de energias. Sêl-o-á amanhan?

LEITE E OITICICA

CONCERTOS POPULARES

A musica foi por muito tempo considerada simples arte recreativa pelo grande numero dos que desconhecem o valor das artes como agente civilizador; vindicou, porém, seus fóros, e ninguem lhe contesta hoje a importancia de um factor poderoso da cultura geral e a elevada influencia que exerce nas sociedades civilizadas. Sua popularidade é indiscutivel, e mantem-se arraigada em todas as camadas da sociedade. Para as multidões a musica é uma paixão absorvente, como diversão do repouso, ou como complemento necessario ás suas festas, assim como é um refinamento de goso espiritual para a classe dos intellectivos, que podem penetrar mais intimamente no seu amago e comprehender melhor a sua significação. E a paixão de todos pela arte é tão intensa que não se contentam já de sentir passivamente a sua emotividade; e, qualquer que seja o grau da escala social a que pertença o dilettante, elle procura hoje cultivar tambem a arte, descobrir-lhe os segredos e os mysteriosos recursos de sua magia poderosa. Não são raros, entre nós como em toda parte, os *virtuosi* solistas; as bandas e fanfarras que se encontram nas mais longinquas aldêas dos nossos sertões são um documento da extraordinaria aptidão do povo para a mais bella das artes, que si não é aqui conhecida de todos, pelo menos ninguem proclama a sua ignorancia desse ramo de conhecimentos.

Exercendo, pois, forte predominio na vida contemporanea pela sua acção absorvente, e propagando facilmente sua influencia, graças á expansibilidade de sua cultura facilitada por um processo graphico universal, a musica actúa em todas as sociedades como um poderoso meio de educação; ao mesmo tempo ella contribue para que mais se apertem os élos da solidariedade humana, porque, em todos os tempos, em todas as latitudes, ella é que externa e communica as impressões e os mais variados

sentimentos, sendo, portanto, não só uma creação esthetica, mas simultaneamente a funcção de uma faculdade primitiva destinada a traduzir os movimentos sensacionaes.

Sua universalidade fica tambem demonstrada, desde que se considere que ella foi encontrada entre as tribus mais selvagens; e mesmo entre as raças que até desconheciam as artes plasticas. Por muito tempo a musica caminhou vagarosamente através de todas as idades, desde as mais remotas civilizações, sem nunca desapparecer ; ella conseguiu viver e atravessou, sem extinguir-se, as épocas de maior barbaria, em que o abatimento intellectual era profundo e desanimador o collapso do espirito humano.

Revigorando-se e reconstituindo-se no seculo XVI, a musica fez então gradativamente progressos animadores, e no nosso seculo chegou a attingir uma extraordinaria perfeição, tal o arrojo das concepções dos grandes mestres, tal a riqueza e variedade do seu material de execução. Evoluindo rapidamente nos tempos modernos, a musica imprimiu movimento identico no dilettantismo, que recebeu uma orientação novissima.

As fórmas mais aprimoradas, as que pareciam poder ser comprehendidas sómente pelos que foram iniciados nos segredos da technica, são justamente as que provocam modernamente as preferencias do ouvinte. Já não satisfazem as melodias revestidas de singela harmonia, nem as difficuldades creadas para o fim exclusivo de realçar qualidades de ligeirezas de voz ou habilidades de instrumentista.

O dilettante de hoje comprehende as composições mais arrojadas, as mais complicadas em harmonias, as mais audaciosas dissonancias e os intrincados problemas do polyphone moderno, ao mesmo tempo que ouve com prazer os primores do periodo classico, impressionado-se por todas as manifestações grandiloquas da arte. E' que os temperamentos dotados de fina sensibilidade musical têm uma emotividade vibratil que lhes permitte receber e guardar em relevo as impressões recebidas. Esses temperamentos formam na sua selecção uma minoria cheia de força e vigor que, agindo lenta e latentemente faz subir incessantemente o thermometro da capacidade emocional e eleva gradativamente o nivel da educação musical produzindo rapido movimento ascensional das faculdades sensoriaes que se affirmam com o progresso da arte, tornando-se mais agudas e de mais fina percepção.

Não é somente dentro desses limites que se faz sentir a influencia da musica; ella se revela mesmo nas outras manifestações estheticas tomando á technica dos pintores sua terminologia sonora e suggestiva e impulsionando a producção literaria neo-latina, como o evidenciou o S'. Brunetière o eminente theorista da critica literaria da França.

Filtrando sua acção poderosa através de todas as camadas, mesmo as mais profundas da sociedade contemporanea, a musica não póde deixar de exercer uma influencia verdadeira, efficaz e fecunda em beneficios, nas relações entre diversas classes, cumprindo, portanto, uma verdadeira missão social.

Como arte essencialmente humanitaria que é, ella estende sua acção moralizadora em vastissima ampliação, influindo directamente, não sobre cada um individuo de per si, mas simultaneamente sobre os grupos, as collectividades, as multidões, produzindo uma esthesia snperior, fundindo a impressão collectiva e enriquecendo-a de cada uma das impressões individuaes e creando grandes torrentes de vida moral pela exaltação das faculdades sensitivas da collectividade, que deixa de guiar-se pela intelligencia, que é a partilha de cada um, para obedecer á suggestão do sentimento commum a todos, e da qual a musica é a expressão directa.

E' com essa dynamica poderosa que a musica consegue concatenar nos deveres da solidariedade humana aquelles que a luta pela vida separou, diminuindo o egoismo e ampliando os sentimentos de fraternidade. E essa força da arte para fundir nos sentimentos altruisticos a heterogeneidade dos interesses de cada um é tão manifesta que as religiões procuravam aproveital-a nos cantos de seu culto.

Como elemento civilizador tão maleavel e seguro, comprehende-se que se deve emprehender a cultura san da musica pelas classes populares, não procurando contentar o gosto das massas dando-lhes as producções baratas da musa vulgar, mas com o elevado escopo de proporcionar gozos estheticos mais nobres, acordando no povo aspirações para uma vida intellectual e moral mais consentanea com os altos designios sociaes.

Foi certamente obedecendo ao nobre intuito de encaminhar a acção poderosa da musica para o trabalho incessante do aperfeiçoamento humano pela cultura intellectual, que se congregaram alguns homens para o fim de fundar nesta capital uma associação, que visa propagar pelas classes populares a musica dos grandes mestres, dos compositores, modernos e dos moços, cujas producções tenham merecimento para impressionar o ouvinte, acrysolando seus sentimentos e aspirações, e proporcionem-lhe gozos que levantem seu espirito á altura da comprehensão do bello, do verdadeiro e do justo. Commettimento louvavel esse que não póde deixar de frutificar e de coroar de resultados a tentativa de homens que saberão levar a cabo essa tarefa trabalhosa. Os nomes desses homens respondem pela realização da obra que emprehenderam. São elles: Alberto Nepomuceno, o joven compositor brazileiro educado na Allemanha — a patria da symphonia — o musico brazileiro mais erudito e mais bem apparelhado para os problemas de sua arte; competia-lhe o direito á direcção artistica que lhe

confiaram nesse tentamen; Ferreira de Araujo, espirito lucido aberto á comprehensão dos problemas modernos reunido a uma fina sensibilidade artistica; Arthur Napoleão, *virtuose* insigne, o delicado artista do teclado; Luiz de Castro um dilettante de raça, conhecendo bem a nobreza da arte, e finalmente Delgado de Carvalho, um talento promettedor que na *Moema* já deu arrhas do que se póde esperar de sua aptidão musical.

São estes os homens que tomaram aos hombros a propaganda da arte pelos Concertos Populares. Abriram assignatura, que foi muito bem acolhida pelo publico, para a primeira série de quatro concertos symphonicos, devendo ter-se realizado hontem o primeiro com um programma em que figuravam Beethoven, Carlos Gomes, Mozart, Gluck, Wagner, Gounod, Rameau, Saint-Säens, Raff e Alfredo Napoleão.

Acompanharemos com sympathia a propaganda, e no proximo numero daremos noticia dos concertos que se tiverem realizado.

RODRIGUES BARBOSA

A POLITICA

Não é provavel que o Sr. general Glycerio, apezar de toda a influencia que exerce sobre a camara dos senhores deputados, consiga levar a cabo o seu projecto de economias, na parte relativa ao ensino publico.

Pretendendo entregar aos estados, aos municipios, e até a emprezas particulares as faculdades de medicina e de direito, a escola Polytechnica, a de Bellas Artes, o Instituto Nacional de Musica e o Gymnasio Nacional, S. Ex. insurge-se abertamente contra a Constituição Federal. Esta deu ao Congresso, no art. 35, a incumbencia de:

1.º Velar na guarda da Constituição e das leis e providenciar sobre as necessidades de caracter federal.

2.º Animar, no paiz, o desenvolvimento das letras, artes e sciencias, bem como a immigração, a agricultura, a industria e o commercio, sem privilegios que tolham a acção dos governos locaes.

3.º Crear instituições de ensino superior e secundario.

4.º Prover á instrucção secundaria no Districto Federal.

São disposições estas de inilludivel clareza, e pelo espirito do *leader* da maioria só póde ter passado a idéa de taes economias em um momento em que S. Ex. tenha esquecido que temos uma lei fundamental, de que o Congresso é justamente um dos guardas.

Os estados, na actual organização politica, têm vida propria, e nada os impede de crear instituições de ensino, de impulsionar sciencias, letras e artes, e alguns delles têm-se apressado em fazel-o. E' assim que o Pará tem um bello Museu de historia natural e uma Escola de Bellas Artes; ha escolas de musica fundadas ou projectadas em Pernambuco, em Minas, em S. Paulo; tem-se fundado faculdades livres de direito, aqui no Districto Federal e nos Estados; falla-se em fundar uma Escola de Medicina em S. Paulo, onde já ha uma Escola Polytechnica. Tanto melhor para o ensino, tanto melhor

para os que querem aprender. Isso, porém, não é razão para que o Governo Federal não faça pelo menos o que fazem os estados, e ainda menos para que deixe de cumprir o dever que a Constituição lhe impõe.

Na capital reunem-se elementos que difficilmente se reuniriam em outras cidades, e embora se não pretenda fazer sair do Rio de Janeiro esses estabelecimentos, é muito diverso estarem elles na dependencia do Governo Geral ou serem convertidos em repartições municipaes. Sabe-se que não é o estimulo dos honorarios minguados que percebem os lentes das escolas superiores que os leva a disputar em concurso cadeiras que lhes dão tanto trabalho; o estimulo principal é a posição, é a honra de fazer parte de uma corporação que é e deve ser em seu genero a primeira no paiz, e onde são preparados os homens que de futuro devem dispôr dos destinos deste.

Com as bellas artes o caso ainda é mais grave. Elemento indispensavel na educação de um povo, as bellas artes ainda não têm vida propria entre nós, justamente porque os governos não têm cuidado dellas com a devida solicitude. A reforma feita por Aristides Lobo, a mais séria de que ha noticia entre nós, começa apenas a produzir os seus frutos, principalmente em relação ao Instituto Nacional de Musica; entregar este estabelecimento á municipalidade, que tão má conta dá de outros serviços que lhe incumbem, é querer inutilizar de vez o que tão fervorosamente se tem conseguido.

O Gymnasio Nacional não é um estabelecimento de que um governo sério, obrigado pela Constituição a prover á instrucção secundaria no Districto Federal, pense em tirar proveito pecuniario; é um estabelecimento modelo, de que devem sair as normas para identicos institutos nos estados, e que ha de sempre custar ao governo dinheiro bem empregado, porque a despeza é feita em beneficio de todo o paiz.

Não vamos, pelo mal que fez ao Brazil a centralização no tempo do imperio, levar a descentralização a ponto de desorganizar tudo, a ponto de termos um governo central sem acção alguma politica sobre os estados zelosos de sua autonomia, com as duas justiças federal e estadoal, reduzido a ter exercito, armada e corpo diplomatico. E' que o projecto de economias obedece a uma idéa de descentralização *à outrance*, e comprehende tambem o serviço sanitario dos portos, o que levaria os paizes que têm relações commerciaes comnosco a celebrar tratados com cada um dos governos estadoaes.

Dir-nos-ão que o mesmo artigo constitucional de que tiramos estes argumentos em favor do ensino publico, determina que

o Congresso anime a immigração e que nós temos apoiado a idéa de se passar esse serviço para os estados, a quem aproveita. E' exacto que lá está a disposição constitucional, mas não é menos exacto que ella tem a restrictiva, « sem privilegios que tolham a acção dos governos locaes. » Ora, como é sabido, todos os sacrificios que ha largos annos faz o governo do Brazil, nos dous regimens, para attrair a immigração, têm aproveitado quasi exclusivamente ao estado de S. Paulo, segue-se que em favor deste se tem dado o que a Constituição prohibe, isto é, o privilegio capaz de tolher a acção dos governos locaes, porque tem andado o paiz inteiro a contribuir para a prosperidade de um Estado só.

Certamente não é com economias desta ordem, não é sacrificando estabelecimentos de ensino secundario e superior, que fazem parte do patrimonio nacional, que o Sr. general Glycerio ha de conseguir restabelecer o equilibrio das nossas finanças. Esses estabelecimentos exigem, pelo contrario, maiores sacrificios ainda, para que dêem todos os resultados que delles se deve tirar. O que tem o Congresso feito para animar o desenvolvimento da agricultura, como preceitúa o mesmo artigo constitucional? Temos, porventura, neste paiz, cuja riqueza é e será por muito tempo ainda principalmente a agricultura, uma só escola agricola fundada e custeada pelo Governo Federal? E' com as sementes e mudas que o Jardim Botanico desta capital fornece a alguns fazendeiros que se ha de aperfeiçoar as culturas existentes e iniciar culturas novas? Onde o primeiro passo siquer para animar a agricultura? E a industria? onde o ensino profissional? as exposições por iniciativa dos poderes publicos?

O que o Sr. general Glycerio póde e deve fazer é aquillo que a opinião publica reclama: cuidar da arrecadação das rendas, de que talvez cincoenta por cento se escoam pelas mãos da fraude e do relaxamento. Os factos estão sendo conhecidos ahi todos os dias publicamente, e não se sente a acção energica dos poderes publicos que taes abusos reclamam.

O serviço das repartições publicas, são os ministros que o dizem, é feito de tal modo que elles se vêm embaraçados para obter as informações de que precisam; mas nas repartições de arrecadação, não é só a desidia, não é só a morosidade, não é só a incompetencia que imperam. Ha verdadeiros conluios de interesses inconfessaveis que explicam o relaxamento de uns e a cumplicidade de outros funccionarios. Estes factos têm sido

denunciados, não só pela imprensa, mas até da tribuna do Senado, por amigos do governo, e este assiste impassivel á perpetração desses verdadeiros crimes!

E' para ahi que se deve voltar a attenção do Sr. general Glycerio, uma vez que foi S. Ex. quem assumiu a posição excepcional de grande director da politica nacional, posição a cujas vantagens devem corresponder outras tantas responsabilidades. Trata-se não só dos dinheiros publicos, o que já não é pouco, si attendermos ao estado pouco lisongeiro de nossas finanças, e aos soffrimentos da população esmagada pela carestia da vida; trata-se da moralidade da administração, dos creditos do governo, e não ha governo possivel, no regimen em que a opinião vale alguma cousa, desde que se o suspeite siquer de não ousar fazer frente á onda invasora da corrupção.

E' assim que o Congresso cumprirá o seu dever, é examinando o que se desmantella cada vez mais, e não procurando levar mão sacrilega áquillo que já tem principio de organização, os estabelecimentos de ensino em que o governo restitue ao povo pequenas parcellas do muito que delle recebe. E' assim que o Congresso velará pela guarda da Constituição e das leis.

FERREIRA DE ARAUJO.

A QUINZENA

JUNHO **1.** A vista dos morticinios dos christãos na ilha de Creta as grandes potencias ameaçam a Sublime Porta de ligarem-se contra ella si não cessassem aquellas barbaridades. — **8.** Fallece em Paris, com 82 annos, Julio Simon, notavel publicista e homem politico francez. — **12.** E' approvado o projecto da exposição universal de Paris de 1900. — Morte do conselheiro Joaquim Maria Nascente de Azambuja, antigo diplomata e publicista brazileiro. Nasceu no Rio de Janeiro em 1812.

INDICE DO TOMO VI

Abril a Junho de 1896

PAGS.

Giovannina, romance, por Affonso Celso . . 5, 65, 151, 193, 257 e 361
Industrias Extractivas, pelo Dr. J. M. Caminhoá . . . . . 16 e 114
Esthetica de Poë, por A. Araripe Junior. 27
O Adulterio e o Projecto do Codigo Penal, por Arthur Orlando. 33
A Supposta Glaciação do Brazil, pelo Dr. John C. Brander. 49 e 106
O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos, pelo Dr. Nina Rodrigues . . . . . 75, 164 e 334
Os Exames de Maduresa na Allemanha, por M. Said Ali 85
A Photographia Através dos Corpos Opacos, por Alvaro de Oliveira 95
Homens e Coisas do Paraguay, Solano Lopez e José Dias, de Rodrigo Octavio . . . . . 129 e 236
Factos da Vida dos Insectos, pelo Dr. Domingos Freire. . 137 e 294
Uma Historia do Direito Nacional, por Graça Aranha 175
O Mal Financeiro e o seu Remedio, por Leite e Oiticica. 204, 310 e 371
Um Estadista do Imperio, J. Th. Nabuco de Araujo, por Joaquim Nabuco. 215
O Poder Judiciario na Constituição Federal, por Affonso de Miranda.. 226
Tres Estancias, poesia, de Raymundo Corrêa. 235
A Nossa Marinha de Guerra, pelo vice-almirante Arthur Jaceguay . . . . . 268 e 346
Agareno, romance, por Coelho Netto. 280
Ao Mar, poesia, por Magalhães de Azeredo. 307
A Cadeirinha, por Affonso Arinos 329
Concertos Populares, por J. Rodrigues Barbosa 383

BIBLIOGRAPHIA: José Verissimo — *Chorographia do Brazil*, por Alfredo Moreira Pinto, 56; *Cartas de Inglaterra*, de Ruy Barbosa, 251; — Medeiros e Albuquerque: *Leitura de pensamento e fascinação*, pelo Dr. Barreto Praguer, 123; — Silva Ramos, *Os Genios*, por Manuel L. de Carvalho Ramos, 182; — Heraclito Graça, *Direito das Obrigações*, por Clovis Bevilaqua, 246.

LIVROS E FOLHETOS . . . . . 57, 124 e 184

A POLITICA, pelo Dr. Ferreira de Araujo . . 59, 125, 186, 252, 324 e 387

A QUINZENA . . . . . 63, 128, 196, 256, 328 e 390

NOTAS E OBSERVAÇÕES — A ORTHOGRAPHIA DA REVISTA, por Silva Ramos 191

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 033051613